

TRILOGIA DOS GUARDIÕES

O

TIBETANO



I. M. MARTINS

B1
B1
B1
B1

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

TRILOGIA DOS GUARDIÕES

O TIBETANO

I. M. MARTINS

**19
91
18
19**

O mal deve ser evitado em qualquer ocasião. Não há ocasião que permita fazer o mal para que resulte alguma coisa boa.

são Tomás de Aquino (1225-1274)

Ao Paulo Henrique Bogo, meu marido.

1. O retorno

A vida só pode ser compreendida olhando-se para trás; mas só pode ser vivida, olhando-se para a frente.

Soren Kierkegaard (1813-1855)

Elizabeth escutou a campainha. Atravessou o apartamento silenciosamente, com os pés descalços, e abriu a porta. Sentiu um choque ao vê-lo encostado ao umbral. Por alguns segundos ficou sem fôlego, com o coração batendo descompassado.

Daniel estava mais magro e levemente bronzeado pelo ar livre da vida no mosteiro. Durante os seis meses que passou no Tibete esforçou-se para transformar os sentimentos por Elizabeth em algo fraternal e aceitável, mas sabia que eles poderiam traí-lo com o mínimo descuido.

Encaramam-se por momentos, em silêncio: ele tentando manter-se fiel à decisão de esquecê-la, e ela desejando controlar o impacto daquela visita inesperada. Daniel falou primeiro, esboçando um sorriso, para amenizar a situação:

— Não vai me convidar para entrar?

— Entre... — respondeu de modo quase automático, afastando-se para que ele entrasse. Sentia as mãos trêmulas. O seu amor por ele se assemelhava a um ferimento mal cicatrizado, que poderia abrir com um gesto brusco do corpo, fazendo com que a dor voltasse. Conduziu-o ao escritório se debatendo com emoções contraditórias: estava feliz por voltar a vê-lo, mas se sentia magoada com o silêncio a que ele a submetera.

Ele sentou no sofá, cruzou as longas pernas, com a placidez adquirida no seu retiro espiritual, e observou-a com atenção: ela estava ainda mais bonita do que da última vez que a vira, se é que isso era possível. Os olhos tinham a mesma cor verde da sua blusa, e os cabelos longos e lisos, presos no alto da cabeça, revelavam o seu rosto oval, fazendo-a parecer mais jovem do que era.

Ela perguntou, incapaz de se conter por mais tempo:

— Por que não deu notícias? Não telefonou ou escreveu, nem que fosse só uma vez? Tem noção do meu sofrimento?

Daniel recordou que haviam combinado não voltar a mencionar aquele assunto, mas ali estava ela questionando-o, esquecida da promessa. Pensou um pouco, antes de responder com cuidado, como quem morde uma fruta madura demais:

— Foi um tempo necessário para encontrarmos algum equilíbrio. Uma pausa para tentarmos aprender que somos irmãos da mesma Ordem, regidos pelos mesmos princípios.

— Achava mesmo que eu ia te esquecer? — perguntou, com ironia, para ocultar a sua mágoa.

— Não — respondeu sério, sabendo que ele também não a esquecerá.

— Eu sei que nada mudou: nem o meu amor por você, nem a sua convicção em servir a Ordem, acima de tudo.

— A minha convicção em servirmos a Ordem. Juntos — corrigiu.

— Então diga o que sente por mim. Uma única vez.

— Não faça isso — pediu inclinando-se um pouco, para vê-la melhor. — Deixe esse assunto cair no esquecimento. Não alimente uma situação que só vai nos ferir.

— Eu quero saber, Daniel. Preciso escutar — insistiu.

— Você acha que a nossa dor vai diminuir se falarmos sobre os nossos sentimentos, mas eu garanto que só vai piorar. Cada vez que falarmos sobre isso, ficaremos reféns das emoções.

Os argumentos dele não a convenceram. Ela continuava acreditando que, num futuro não muito distante, superariam todos os obstáculos. Aquele sentimento se chamava esperança e era o que lhe dava forças para seguir adiante, sem ceder ao desespero. Anunciou:

— Eu amo você e tenho certeza de que saber disso lhe faz bem.

— É verdade — reconheceu, consciente de que após pronunciar as palavras que ela tanto queria escutar não havia como voltar atrás. Levava seis meses para encontrar um novo equilíbrio e ela estava prestes a destruí-lo em minutos. Balançou a cabeça ligeiramente, lutando contra as palavras. Por fim, levantou-se do sofá, deu duas passadas largas e aproximou-se dela. Elizabeth estava encostada numa estante de livros embutida na parede. Ele apoiou as mãos sobre a estante, uma de cada lado do corpo dela, prendendo-a no espaço circular dos seus braços. Aproximou-se do rosto dela, olhando-a com intensidade, e disse baixo, e muito devagar, uma única frase onde parecia caber todo o universo:

— Estou apaixonado por você.

Ela estremeceu com o impacto simultâneo da perigosa proximidade do corpo e das palavras tão esperadas. Ergueu a mão e tocou a face bem barbeada. Respirou fundo, inalando a fresca fragrância masculina, que lembrava vagamente o mar e a montanha.

Perguntou com ternura, já esquecida de que ele estivera meio ano sem dizer uma única palavra:

— E o que faremos?

— Nada. Ambos sabemos e não faremos nada — anunciou, com o rosto a poucos centímetros do dela.

— Conforta-me saber que me ama — parecia menos doloroso amá-lo depois de ouvi-lo confessar que estava apaixonado. Aproximou-se mais dele, sentindo o corpo quente como se estivesse com febre. Encostou a boca à dele, de leve. Daniel precisou de toda a sua força de vontade para recuar um passo, num último instante de lucidez, antes que o beijo se consumasse e ele cedesse à tentação. Disse, com a voz alterada pelo desejo:

— Precisamos trabalhar.

— Vamos salvar o mundo, suponho — respondeu sarcástica, vendo-o afastar-se.

— Sim — confirmou sério, sabendo que o sarcasmo tinha sido uma forma de Elizabeth lidar com a frustração que ambos sentiam. Tirou do bolso da camisa um minúsculo *pendrive* vermelho e pediu: — Posso usar o seu computador?

Ela se dirigiu à mesa onde estava o laptop. Colocou o *pendrive* e assim que abriu o arquivo, imagens violentas surgiram na tela. Percebeu que se tratava de uma compilação das notícias relatando o desaparecimento de ônibus escolares com crianças que eram posteriormente assassinadas. Ela sabia do que se tratava, nos dois últimos meses tinham sido mortas cento e duas crianças em vários países: Suíça, Áustria, República Checa, Alemanha, Holanda e Bélgica. Não se falava em outra coisa.

O mundo assistira impotente àqueles acontecimentos na Europa, que deixavam um rastro de sangue, sem que a polícia descobrisse o responsável ou conseguisse prever quem seriam as próximas

vítimas. Surgiram várias teorias e especulações, mas as razões dos massacres permaneciam desconhecidas.

A compilação de Daniel mostrava análises em que especialistas em comportamento criminal faziam o perfil geográfico dos assassinatos e concluíram que os países formavam praticamente um círculo no mapa, faltando apenas a França para completá-lo. Previam que a próxima onda de homicídios seria na França, embora não conseguissem descortinar o porquê. Nas últimas semanas, os ônibus franceses deixaram de ser uma alternativa de transporte para as escolas e os pais e familiares levavam as crianças. A polícia estava em alerta máximo, mas ninguém sabia se as precauções seriam suficientes para impedir mais um massacre.

Elizabeth viu em seu laptop as imagens das mães destroçadas, abraçando os corpos sem vida dos seus filhos, num último gesto de amor, incapaz de aplacar o desespero e a dor. Não conseguiu evitar as lágrimas, nem o arrepio que percorreu o seu corpo. Podia sentir uma poderosa força obscura se movendo por trás daqueles eventos terríveis.

Daniel estava de pé, por trás dela, acompanhando as notícias que passavam na tela do computador, como um filme de terror demasiado real para ignorar e demasiado fictício para acreditar. Por fim inclinou-se sobre ela e disse pausadamente, bem perto do seu rosto:

— Não protegemos apenas os tesouros divinos, somos também guardiões da humanidade. Temos que parar isso.

— Como? — perguntou, incapaz de conter as lágrimas teimosas.

— Descubra quem são — pediu, sentando-se tão próximo dela que podia sentir o seu calor. — Sonhe com eles.

— Nunca fiz isso — argumentou, pensando na responsabilidade que estava recebendo.

— Eu sei, mas você foi treinada para sonhar. Talvez precise de apoio, no início. Dib vai ajudá-la — devolveu o *pendrive* ao bolso da camisa.

— Preferia que fosse você.

— Cheguei há duas horas e você foi a primeira pessoa que vi — percebeu que o olhar dela se iluminava com a notícia. — Mais do que aceitar o que estou dizendo, tem que confiar nas minhas decisões, Elizabeth. Dib ficará com você porque eu preciso cuidar de outros assuntos.

— Que assuntos? — quis saber, sem conseguir imaginar o que poderia ser mais importante que a morte de uma centena de inocentes.

— As relíquias, Besson... — respondeu, observando a reação dela quando pronunciou o nome do primo.

— O que tem ele? Quando você foi para o Tibete, ele enviou um e-mail dizendo que também ia viajar — falou na defensiva, ainda sem lembrar o que acontecera na África, quando Daniel e Dib tiveram que resgatá-la dos braços de Miguel.

— Você respondeu? — questionou, sentindo ciúme.

— Não. Ele já voltou?

— Chega amanhã — Miguel tinha avisado sobre a data do seu retorno, exatamente como Daniel fizera poucos dias antes.

— Que *timing!* Parece que combinaram — estranhou.

— Fizemos um acordo para não incomodá-la por um tempo — fez uma pausa, antes de mudar de assunto, ciente de que cumprira a sua parte do combinado com Besson. — Copiei os arquivos para o seu computador. Estude-os — pediu, em jeito de despedida, se dirigindo para a porta com sua passada elástica.

Jean Luc Messie vivia em Paris com os pais. Era um jovem de vinte e nove anos, discreto, com personalidade enigmática e algo efeminada. Tentara formar-se em quatro faculdades sem sucesso, embora isso não o afetasse. A sua indiferença com os estudos era consentida pelos pais. Jean Luc era muito inteligente, mas sentia tédio pelas coisas normais e estudar era uma delas. Os pais entendiam que a sua incapacidade de se ajustar aos padrões era um traço de genialidade e não uma falha. Em contrapartida, praticava todos os esportes radicais de que ouvira falar, viajava para os lugares mais exóticos do mundo e apreciava a vida noturna.

Filho único e tardio de um riquíssimo casal francês de ascendência nobre, viu-se rodeado de cuidados desde que nasceu, quando a mãe estava com trinta e oito anos e o pai, quarenta e cinco. Nada lhe foi negado e a palavra “não” nunca fez parte do seu vocabulário.

Era magro, alto, e a sua pele clara mantinha um bronzeado natural cultivado durante as muitas horas dedicadas aos esportes. Tinha cabelo claro não muito curto, com leves ondulações, que mantinha com um impecável corte moderno. Seus olhos, profundamente castanhos, pareciam absorver o mundo, com atenção fixa. A boca perfeita funcionava como um contraponto na face séria, emprestando-lhe leveza e doçura. A roupa irrepreensível, e aparentemente simples, revelava que ele dava total atenção aos detalhes. Falava sempre um tom abaixo do normal com uma voz macia, obrigando as pessoas a prestarem atenção ao que dizia.

Os seus modos elegantes denotavam a segurança da sua ascendência, que unia aristocracia, poder e riqueza. Mas o seu traço mais marcante era o ar de anjo imaculado que convencia os pais de praticamente tudo o que ele quisesse. Jamais havia sido punido por coisa alguma, mesmo nos tempos de escola. Podia estar envolvido nas maiores barbaridades sendo, muitas vezes, o autor da ideia, mas

os colegas estavam dispostos a protegê-lo e os professores a acreditar na sua inocência. Aquela capacidade de convencer os outros a fazerem o que ele desejava, sem esforço e sem recorrer à força, era um dom natural e a sua marca registrada.

Não tinha uma sexualidade definida: gostava tanto de mulheres quanto de homens, sendo-lhe indiferente a questão do gênero. Porém, sabia que teria que dar um neto aos pais: aquele havia sido o seu único pedido, e ele não podia negá-lo. Na verdade, se sentia obrigado a satisfazer o desejo deles com rapidez porque os pais tinham idade avançada. Em certos dias flagrava-se procurando uma mãe para o filho, mas todas pareciam distantes do seu imaginário: queria que ela fosse doce e inocente. Por conhecer bem o lado obscuro do desejo, a inocência exercia sobre ele grande poder de atração.

Jean Luc herdara da mãe o requintado gosto pelas artes e do pai o prazer pelo colecionismo de relíquias. Charles Robert Messie colecionava objetos sagrados e antigos, mas a recente aquisição de um cálice e de um anel despertou o interesse de Jean Luc. Pai e filho passaram horas estudando os detalhes e as lendas que cercavam os dois artefatos. E quanto mais pesquisavam, mais descobriam um mundo fascinante, repleto de promessas místicas.

Marie-Thérèse d'Aumont Messie sabia que pai e filho eram muito ligados, mas estranhou que passassem tanto tempo fechados na enorme biblioteca herdada dos antepassados. E o que mais chamou a sua atenção foi o fato de Jean Luc ter abdicado das suas saídas e viagens para ficar enclausurado, pesquisando com o pai. Nessa noite, enquanto jantavam um delicioso pato marinado em frutas ao vinho tinto, acompanhado de cuscuz marroquino com pinhões, perguntou o que estava acontecendo e o que eles investigavam com

tanto empenho. Pai e filho trocaram um olhar de cumplicidade, que não escapou a Marie-Therése:

— Parem de olhar um para o outro... Quero saber! — disse peremptória. Ambos conheciam aquele tom de voz que exigia uma resposta.

— Papai comprou duas relíquias inestimáveis.

— Que relíquias?

— O Cálice usado por Cristo na última ceia e um Anel que pertenceu ao Rei Salomão — respondeu Charles fleumático, intervindo na conversa.

— Isso é uma lenda — declarou Marie-Therése, com uma ponta de ironia. — Comprovou a autenticidade deles? — perguntou, olhando para o marido, com ceticismo.

— Não ia pagar milhões de dólares sem mandar autenticá-los — retorquiu, com segurança. — Os testes confirmam as datas. O único problema é o anel: a esmeralda não é a original. Mas independente disso, valeu a pena.

— Está dizendo que possuímos um dos objetos mais famosos da história? — insistiu com descrédito, referindo-se ao cálice.

— Sim, querida. Mas é um assunto sobre o qual ninguém fala, obviamente — afirmou Charles conciliador, para fazê-la compreender que o cálice e o anel eram reais, mas estavam fora do circuito normal das obras de arte, aliás, como acontecia com a maioria das relíquias religiosas ou místicas, que circulavam num submundo sombrio e alternativo.

— Quanto pagou por eles? — perguntou, temendo que o marido tivesse gasto vários milhões em objetos duvidosos, sem valor comercial, e que não conseguiriam vender posteriormente.

— Dez — respondeu cândido, como se falasse de uma quantia irrelevante, e na verdade, para ele, era irrelevante. Marie-Therése

ficou com o garfo suspenso no ar, sem chegar à boca.

— Como? — perguntou ela novamente.

— Dez milhões de dólares — completou Charles.

— Por Deus, Charles! Que loucura é essa?

— Mamãe, são artefatos importantes — Jean Luc veio em defesa do pai.

— Podem até ser — disse, depois de comer o pedaço de pato que ficara suspenso por algum tempo na ponta do garfo, enquanto ela assimilava as informações. — Mas se bem conheço o seu pai não os conseguiremos vender nunca. Tudo o que está naquela sala de relíquias veio de alguma fonte obscura e é altamente questionável. Quem iria acreditar que temos o Cálice de Cristo? Quem? E o anel de Salomão? Nunca ninguém ouviu falar nesse anel — analisou, pragmática. — E o Cálice é a base das lendas do Graal... Todo o mundo sabe disso.

— E por que venderia objetos que estou colecionando? Não faz sentido, Marie-Thérèse — disse Charles, sem disfarçar certo tom de repreensão, apesar de ser apaixonado pela mulher.

— Tudo deve ter um valor comercial, Charles. Isso é um investimento... — argumentou ela.

— Nós investimos numa quantidade absurda de arte, entre outras coisas... As relíquias são uma paixão, que por acaso o Jean Luc também partilha. E serão parte da herança dele, e dos nossos netos.

— Dez milhões por uma paixão?

— Ora, Marie-Thérèse... Nem parece você! Nós vivemos de paixões — comentou *blasé*.

— Eu sei, Charles — concordou. — Mas parece um pouco excessivo.

— Não é, querida — respondeu brando, olhando-a com aquele sorriso encantador, que o filho havia herdado. Ela sacudiu a cabeça

enquanto cruzava delicadamente os talheres de prata, dando por terminada a refeição.

Dois empregados retiraram os pratos vazios e serviram uma sobremesa de morangos com vinho do Porto, enquanto eles se mantinham num silêncio ameno. Marie-Thérèse, apesar de considerar que os empregados pertenciam a uma categoria das pessoas invisíveis, detestava que comentassem assuntos delicados na frente deles. Por isso, a conversa terminou ali.

A pele queimada pela prolongada exposição ao sol africano intensificava o tom dourado dos olhos de Miguel, acentuando a sua beleza de traços felinos.

Durante o período em que Daniel esteve no Tibete, Miguel percorreu quinze países e, ao contrário das suas viagens anteriores, desta vez não deixou um rastro de gente morta. Manteve o controle e não permitiu que os seus instintos o dominassem. Usou aquele tempo para pensar em Elizabeth e planejar a vida que desejava, como um estrategista habituado a obter grandes vitórias, embora soubesse que fizera o seu verdadeiro aprendizado através das grandes derrotas. Lembrava-se bem da arrogância dos tempos iniciais, após abandonar a Ordem, quando se considerava um pequeno deus no reino dos homens. Isso trouxe dissabores que não desejava repetir. Agora planejava tudo com precisão, para evitar que os seus planos fossem alterados pela imprevisibilidade do comportamento humano.

Apaixonara-se por Elizabeth e, embora não pretendesse voltar a controlá-la por meio da magia, estava decidido a conquistá-la. Além disso, a possibilidade de descobrir a localização do Mosteiro e os tesouros lá guardados, após uma espera de séculos, era um apelo

que não podia ignorar. Para o sucesso do seu plano inconfessável, Miguel teria que conquistar a confiança dos guardiões, sem pressas ou erros.

Depois de desmanchar a mala e tomar um banho, ligou para Daniel.

— De Payens. Como está? — questionou com voz suave.

— Bem. E você? — respondeu, no mesmo tom.

— Acabei de chegar. Vamos planejar a recuperação das relíquias? — propôs de imediato, colocando em prática o seu plano de se aproximar da Ordem.

— Acho que devíamos nos encontrar — sugeriu Daniel, diplomaticamente.

— Desde que seja em um lugar neutro...

— Numa igreja? — disse astutamente Daniel, fazendo Miguel soltar uma gargalhada.

— Não é definitivamente o que eu chamaria de "lugar neutro".

— O que sugere? — perguntou Daniel. Aquela resistência talvez significasse que Besson não podia entrar em igrejas. Lembrou-se de que Miguel tinha levado Elizabeth para uma capela na África, mas sabia que o lugar tinha sido usado na prática de rituais sangrentos. Deduziu que Miguel devia ter alguma restrição que o impedia de entrar em espaços sagrados.

— O parque próximo do meu apartamento é central e nos dará privacidade.

— Perfeito — aceitou Daniel. — Amanhã, às duas?

— Estarei lá — respondeu Miguel, sabendo que não era necessário especificar um ponto de encontro no parque, usaria o instinto que permitia que detectasse outros da sua espécie.

Charles Messie ficou incomodado com a prisão de Dimitri Sergeevich. Foi um golpe inesperado, até porque além de Dimitri ser o seu confiável fornecedor de relíquias, estava negociando a aquisição de um punhal do século XIV, com uma belíssima esmeralda na base. Aquele seria o presente de aniversário de trinta anos de Jean Luc, que era apaixonado por punhais, espadas e praticamente tudo o que tivesse uma lâmina.

Charles contatava Dimitri diretamente, sem intermediários, e não teve dúvidas que ele jamais revelaria o seu nome. Não denunciar ninguém era uma questão de honra. Esse conceito poderia parecer incompatível com um homem como Dimitri, que fazia da violência um meio para alcançar os seus objetivos, mas, na verdade, era a base de toda a sua organização, cheia de códigos que definiam, com exatidão, o permitido e o proibido.

Eles haviam se conhecido através de um amigo comum, que os apresentou durante um leilão de arte — o ambiente preferido de Dimitri para os negócios. Rapidamente perceberam que tinham interesses comuns: Charles era um colecionador e Dimitri, um provedor de todo tipo de arte, em especial a do chamado “mercado negro”. A forma como Dimitri conseguia os objetos era irrelevante para Charles. Não que ele concordasse com o assassinato para consegui-los, até porque a violência lhe causava asco. Charles considerava que era algo primitivo que afastava o homem da civilidade. Mas acreditava que pagava bem pelas relíquias e o dinheiro era suficiente para apagar os vestígios de violência. Além disso, Dimitri jamais comentou como ou onde adquiria os objetos. Isso era um tema que não abordavam.

Dimitri e Charles estabeleceram uma associação proveitosa e, com o passar do tempo, desenvolveram admiração e simpatia mútuas. Eram homens de gostos requintados, embora Dimitri levasse o seu

requite até ao reino da violência, enquanto Charles se limitava ao hermético mundo da arte.

Após a prisão de Dimitri, Charles quis contatá-lo para oferecer apoio, mas temia que a polícia estabelecesse alguma ligação entre eles, e isso, em vez de ajudar Dimitri, poderia prejudicar a ambos. Em face dessa suspeita manteve-se quieto, acompanhando as notícias pelos jornais e pela TV — embora não gostasse de televisão, por achar quase obscena a forma como os programas exploravam a violência e a vulgaridade para conseguirem audiência.

Assim que o caso esfriou, escreveu a Dimitri, com remetente de uma caixa postal que se deu ao trabalho de abrir numa seção dos correios distante da sua casa, imaginando que aquele gesto ajudaria a salvaguardar a sua identidade.

Na carta, deveras inocente, além de expressar a sua preocupação com o estado de saúde de Dimitri, perguntou como poderia ajudá-lo e se ele necessitava de algo. Dimitri, impressionado com a gentileza de Charles Messie, por ter sido o único de seus clientes a escrever, respondeu no mesmo tom educado e elegante, agradecendo a preocupação e o interesse. Após aqueles contatos iniciais, mantiveram uma correspondência regular e Charles passou a enviar chocolates, caviar, *foie gras*, revistas, charutos e outras pequenas delicadezas.

A sua pena foi de dezoito meses de prisão, mas, com bom comportamento, sairia na metade do tempo. Só Tereza Sampaio teve coragem para depor contra ele. Não houve mais nenhuma testemunha: dois homens que trabalhavam com ele entraram para um programa de proteção de testemunhas, mas mesmo assim foram assassinados pouco antes do julgamento. Todas as provas contra Dimitri eram circunstanciais e ninguém provou que ele

contrabandeava obras de arte ou era responsável pelas muitas mortes que lhe atribuíram.

Mas Dimitri cometeu dois erros que contribuíram, com diferentes pesos, para a sua prisão: o primeiro, e também o mais importante, foi guardar em sua casa um único quadro roubado, antes de enviá-lo para o comprador; o segundo foi permitir que Tereza Sampaio vivesse. Ela tinha sido responsável pelas acusações de contrabando, dando detalhes específicos sobre a forma como funcionava parte da operação de Dimitri. E apesar do advogado de Dimitri ter desqualificado todo o depoimento, afirmando que ela estava depondo por ter feito um acordo com a promotoria, Tereza conseguiu incutir várias dúvidas que acabaram pesando no julgamento. Dimitri jurou que a mataria quando chegasse o momento. Agora se limitava a pensar nela, antecipando o dia em que se encontrariam.

2. Um amor inevitável

Eu creio, sim, que se tratava de um amor bestial, cruel. Acredito que se tratava do próprio amor.

Marguerite Duras (1914-1996)

A tarde estava quente, mas nuvens negras se acumulavam ao norte, prometendo chuva.

Quando Miguel chegou, Daniel ocupava um dos bancos do parque, em frente ao gramado em que crianças ocasionalmente jogavam futebol. Viu Miguel se aproximando com o seu andar indolente, usando um irrepreensível terno azul-escuro e uma camisa rosa suave.

Ambos se observaram cuidadosamente, cientes de que não confiavam um no outro e estavam tentando restabelecer uma relação interrompida durante séculos. Miguel sentou-se ao lado de Daniel, no duro banco de madeira, sorrindo com falsa inocência.

— Padre? — perguntou, iniciando o diálogo, e referindo-se de forma provocante à batina negra com a alva gola de padre que Daniel usava.

— São os últimos dias. Deixei a Igreja... — Daniel justificou o uso da indumentária.

— Suponho que os seus colegas estão envelhecendo e você se mantém jovem... — deduziu Miguel, pensando que também iria se afastar da UniTouch pelas mesmas razões. O seu aspecto jovem, comparado ao dos colegas com a mesma idade, começara a gerar comentários, e Miguel sabia que era hora de se retirar. Habitado a grandes mudanças ao longo da vida, Miguel conseguiu planejar com precisão o seu afastamento da UniTouch e o começo de uma nova vida, na qual pretendia incluir Elizabeth.

— Sim — anuiu Daniel.

— Fez boa viagem? — perguntou novamente Miguel.

— Sim, obrigado. E a sua?

— Boa... — retorquiu monocórdico. — E agora?

— Primeiro as regras — respondeu Daniel, como se estivesse esperando aquela pergunta.

— Sabia que ia começar por aí — Miguel soltou com uma gargalhada bem humorada. — Você não vive sem regras, não é, De Payens?

— Se vamos colaborar um com o outro, a nossa proximidade precisa ser regida por regras. Temos que chegar a um meio-termo. — Daniel sabia que aquele diálogo era uma forma de ambos lidarem com a difícil aproximação, que só o convívio suavizaria.

— Não matarás — disse Miguel, lembrando que aquele era o princípio vital da Ordem.

— Sim, essa é a primeira regra. Concorda?

— Há algumas limitações: posso ter que matar para sobreviver ou defender alguém, não? — perguntou Miguel, irônico.

— Besson: não matarás! — insistiu Daniel, imperativo.

— Certo. Está tentando me resgatar, De Payens? — questionou, mantendo a ironia.

— Isso não existe: a redenção é um caminho individual. Só você poderá se redimir.

— Quais são as outras regras? — Miguel sabia que Daniel tinha razão e ninguém poderia salvá-lo das atrocidades que cometera.

— Elizabeth — pronunciou o nome dela, filtrando todas as emoções que ela lhe suscitava.

— Elizabeth o quê? — inquiriu Miguel, curioso.

— Não se aproxime dela enquanto durar a busca pelas relíquias.

— Não é uma boa regra, De Payens. Prometo que não farei mal a qualquer ser vivo, não mentirei, não roubarei, mas Elizabeth é outra história — olhou para Daniel com firmeza, seguro de que aquele era o único ponto de que não abdicaria.

— Deve deixá-la fazer as suas escolhas. E não vai lançar mais nenhum encantamento, como aquele da Costa do Marfim.

— Sabe que não tenho que prometer nada, não é? — inquiriu Miguel, provocante.

— Sei. Mas estamos nesta situação, de caçar relíquias pelo mundo, porque há centenas de anos você as retirou, indevidamente, da proteção dos guardiões — lembrou Daniel, frisando de forma fria o roubo deplorável de Miguel.

— Sim — reconheceu, sem indícios de arrependimento. — E é por isso que vou ajudá-lo a encontrá-las, para restabelecer o equilíbrio e, principalmente, para evitar que alguém descubra para que servem. Não queremos mais ninguém por aí com capacidades iguais às nossas, não é? Alguém que possa, por exemplo, organizar um pequeno exército de invencíveis e marchar pelo mundo...

— É — concordou, percebendo que Miguel o estava ajudando movido pelo receio de que alguém descobrisse o poder das relíquias.

— Mas durante anos você não se preocupou...

— Sempre me preocupei — interrompeu Miguel, discordando. — Por isso as monitorei. Agora, pela primeira vez, não sei onde ou com quem estão. E estou cada vez mais incomodado com isso.

— Voltemos a Elizabeth — insistiu Daniel.

— O pomo da discórdia! Reparou que estamos novamente em posições opostas, De Payens?

— Estamos ambos tentando protegê-la. Por razões diferentes, claro — respondeu, ignorando a provocação de Miguel.

— Certamente.

— Prometa, Besson — insistiu Daniel, desconhecendo que aquela havia sido uma decisão que Miguel já tomara: queria que Elizabeth se apaixonasse por ele sem a influência da magia. Ele sabia que tudo o que era conseguido com a magia tinha um preço demasiado alto e de durabilidade duvidosa.

— Prometo. Mais alguma regra? — respondeu, surpreendendo Daniel com a aparente rapidez com que concordara em respeitar a vontade de Elizabeth, embora tivesse rejeitado a possibilidade de se afastar dela.

— Não é uma regra. É um conselho: não se aproxime muito dos guardiões. Os sentimentos em relação a você são muito ambíguos — avisou Daniel, refeito da surpresa provocada pela atitude conciliatória de Miguel em relação a Elizabeth.

— Eu sei — Miguel conhecia bem os seus principais opositores na Ordem.

— Por que Alessia o detesta tanto? — perguntou Daniel.

Miguel surpreendeu-se com a pergunta. Calou-se por alguns momentos, antes de responder.

— Vai ter que perguntar à Alessia. Não me cabe revelar — a sua voz estava séria, bem diferente do tom jocoso ou irônico com que

havia tratado a maioria dos assuntos.

— E com o Kent? — inquiriu Daniel.

— Ele acha que viu algo que não corresponde completamente à verdade — anunciou.

— Quer falar sobre isso? — insistiu Daniel que, no caso de Kent, já conhecia o brutal evento que os separava.

— Não. Mas quero falar com Kent, quando ele estiver disposto — respondeu mantendo a voz séria, imprimindo, assim, a devida gravidade ao assunto.

— Compreendo — Daniel achou louvável que Miguel preferisse falar diretamente com Kent, e protegesse Alessia, não expondo o seu segredo, fosse ele qual fosse. Aquela atitude revelava uma faceta ética de Miguel que Daniel quase esquecera.

Miguel sabia que se conseguisse falar com Alessia e Kent poderia minar as suas resistências, seguindo o plano de conquistar os guardiões, se infiltrando entre eles.

— Já temos as regras. Quais os próximos passos? — perguntou, mudando de assunto.

— Sugestões? — questionou Daniel.

— Temos que falar com Dimitri Sergeevich.

— Ele não mencionou nenhum dos seus clientes, e não encontraram um único nome entre os seus documentos.

— Mas eu posso descobrir. Só preciso de alguns momentos a sós com ele... — disse, sem conseguir evitar uma nota de sadismo.

— Não — Daniel foi categórico.

— Ah! As regras... Não farei mal a Dimitri. Já prometi.

— Claro que fará. Você vai vasculhar a memória dele.

— Nem uma gota de sangue será derramada — informou, com seriedade.

— Faz parte das regras da Ordem não usarmos os nossos dons para conseguir as coisas. Temos que respeitar o livre-arbítrio humano e você sabe disso.

— Chama-se adaptação, De Payens. Adaptação! Não era você que dizia que problemas complexos exigiam medidas criativas? Ainda diz? — lembrou, com um sorriso provocante. Daniel meneou a cabeça, impressionado com a habilidade de Miguel de subverter as regras. Sabia que se o deixasse resolver o assunto, em pouco tempo recuperariam as relíquias. Mas não podia permitir que as regras fossem quebradas.

— Continuo dizendo. Portanto, usemos medidas *criativas* — retorquiu, fazendo Besson sorrir com a ênfase que colocara na palavra “criativas”.

— Dimitri seria o caminho mais fácil, mas como é inviável, podemos observar o comportamento do mercado negro da arte. Quem compra esse tipo de relíquia não assume nem anuncia.

— Você tem contatos no mercado negro?

— Não muitos — comentou, surpreendendo Daniel, que esperava vê-lo envolvido naquele circuito paralelo. — Mas é impossível que o mundo da arte não se cruze com o mercado negro: há sempre comentários e situações dúbias.

— Besson, vamos ao ponto — interrompeu Daniel.

— Cheguei a uma lista de vinte e cinco pessoas, com alguma probabilidade de possuírem as relíquias — tirou uma folha dobrada do bolso interno do blazer e entregou a Daniel.

— O que planejou? — questionou Daniel, analisando atentamente a lista.

— Precisamos descobrir o que compraram nos últimos meses para encontrar pistas. Em algum momento vamos saber qual deles se cruzou com Dimitri: esse é o objetivo.

— Engenhoso, Besson — reconheceu Daniel.

— Obrigado — disse inclinando a cabeça, em agradecimento, como se estivesse em frente a uma plateia que o aplaudia. — Sua vez.

— O núcleo de investigadores europeus, responsável pelo desmantelamento da célula de Dimitri, manteve-o sob vigilância durante muito tempo. Eles têm fotografias de todos os que contataram Dimitri durante esse período. Se conseguirmos fotografias atuais dos homens dessa lista — disse, movendo ligeiramente a folha que tinha na mão — e as cruzarmos com as do arquivo da polícia, saberemos quem teve contato recente com Dimitri e reduziremos as nossas buscas.

— Excelente — elogiou, surpreendido com a rapidez com que Daniel montou um plano unindo as ideias dos dois. Tinha esquecido aquela sua capacidade de avaliar rapidamente as situações tirando o melhor proveito delas. — Eu trato dos colecionadores e você da polícia. Para você é mais fácil, devido à sua ligação com Bardas — justificou Miguel.

— Vou falar com ele — concordou Daniel, pensando que teria que arranjar uma boa justificativa para o seu pedido. — Voltamos a conversar quando houver alguma novidade.

— Ótimo — respondeu Miguel, caminhando em direção à saída do parque, com Daniel ao seu lado, quando as primeiras gotas de chuva começaram a cair.

Ao contrário do pai, que evitava emoções exageradas, desprezava a violência e abominava a visão do sangue, Jean Luc gostava de todas as situações que proporcionassem adrenalina, inclusive a violência, se necessário.

Em geral, tudo lhe parecia vazio e começou a procurar emoções intensas desde cedo. Mas as drogas e o álcool irritavam-no: alteravam a lucidez e ele não suportava perder o controle. Gostava de estados máximos de alerta sem o auxílio de substâncias químicas e, por isso, mantinha o corpo em forma e cuidava da alimentação.

Deambulava pela noite, visitando um lugar após o outro, sempre elegante, com as roupas perfeitas, sem perder a compostura. Cultivava uma aura de mistério. Aproximava-se das pessoas, mas nunca o suficiente para que o conhecessem, mesmo as que amava nos quartos dos hotéis sofisticados de Paris ou qualquer outra cidade. Fazia amor com sensualidade, abandonando o corpo ao desejo e exigindo uma entrega plena dos amantes, embora a sua firmeza por vezes beirasse a violência. Só se aproximava dos perfeitos, dos belos. Não suportava a ausência de beleza. E, como os seus pais, abominava a vulgaridade.

Na vida amara apenas o pai e a mãe. Não sabia o que era amar outra pessoa e que tipo de amor seria aquele. Ninguém era perfeito o suficiente para alimentar o seu desejo e muito menos para perdurar no seu afeto.

O mais próximo que estivera do amor tinha sido com Peter Steinbach, um jovem alemão que foi seu colega de faculdade, quando ambos tinham dezenove anos. Foi a sua relação mais longa, porém, quando iam completar um ano de discretíssimo relacionamento, Peter suicidou-se. Apesar de ser avesso a barbitúricos, tomou dois frascos e foi encontrado por um colega, deitado na cama, de bruços, como se dormisse. Parecia sereno.

Jean Luc nunca soube que um dos motivos que levou Peter ao suicídio foi o conhecimento sobre o seu relacionamento com belas mulheres. Não entendia o tipo estranho de fidelidade que Jean Luc

Ihe dedicava: nunca mais estivera com nenhum homem desde que se conheceram.

O caso foi arquivado. Todos os vestígios apontavam para um suicídio, e a ausência de bilhete de despedida não causou estranheza aos investigadores, porque é um comportamento frequente entre suicidas.

Sem dúvida Peter representava o ponto mais próximo em que Jean Luc estivera do amor. Peter representava a perfeição e havia sido a única pessoa que nunca teve um gesto grosseiro ou disse algo vulgar. Não lamentava a morte dele, e até achava que era por isso que o mantinha tão vivo na memória. Sabia que o amor de Peter por ele era superior ao afeto que lhe dedicava.

Por isso, não estava preparado quando a viu numa rua de Paris. Algo aconteceu e ele não conseguiu desviar o olhar, como se tivesse sido hipnotizado. Ela destacou-se entre a multidão, pouco antes da hora do *rush*. Caminhavam em direções opostas e Jean Luc a viu aproximar-se suavemente, como se flutuasse, com o longo cabelo castanho-claro, liso e brilhante, movendo-se com o ritmo dos passos. Não devia ter mais de vinte e dois ou vinte e três anos, embora a roupa clássica lhe emprestasse um ar distinto e um pouco mais velho, desmentido pelo rosto juvenil e miúdo, marcado por intensos olhos verdes. Caminhava tranquila, como se passeasse. Observava tudo com atenção quando o viu. Percebeu a forma elegante como ele caminhava, a roupa simples, porém de bom gosto: jeans escuros de corte impecável, suéter vermelho de gola em V, e um casaco impecável para se proteger do frio de outubro que ameaçava Paris.

Ele pensou se devia abordá-la e ela desejou que ele o fizesse, mas nenhum dos dois esboçou qualquer gesto de aproximação. Depois que se cruzaram, ele voltou-se para trás, para vê-la desaparecer

entre a multidão. Jean Luc consultou o relógio de pulso: eram quatro e cinquenta e três. Fixou o horário e o local.

Durante a semana seguinte refez o percurso no mesmo horário até voltar a vê-la. Estranhamente o seu coração acelerou, como se ele estivesse escalando uma montanha muito íngreme. Ela estava mais bonita do que da primeira vez em que a vira.

Jean Luc havia passado a semana pensando nela, mas hesitou mais uma vez, sem saber se a abordava ou não. Agradava-lhe o fato de poder imaginá-la e esperar por ela, ignorando se a veria novamente. Gostava de deixar aqueles encontros entregues ao destino. Olhou-a intensamente e quando se cruzaram tocou na mão dela e continuou caminhando. Desta vez quem olhou para trás foi ela, antes de seguir adiante, com a certeza de que o veria de novo.

Os guardiões estavam sujeitos à constante ameaça da transmutação. Eles se controlavam graças ao rigoroso treinamento a que se submetiam, mas mesmo os guardiões mais experientes como Daniel, por vezes lutavam para não ceder aos seus instintos.

Elizabeth, por ser a mais jovem, tomava um chá de ervas impronunciáveis e amargas, que a impedia de transformar-se em leoa, mas esse chá também sedava os seus sentidos, impedindo-a de sonhar. Para que voltasse a sonhar e descobrisse o assassino das crianças, teria que parar de tomar o chá. Dib estava ajudando naquela delicada transição nos últimos meses, até que ela dominasse os rudimentos básicos do seu autocontrole.

Após a instrução de Daniel, aceleraram o processo para que ela voltasse a sonhar, mas isso também intensificou as suas emoções, como se tudo estivesse dilatado. Aquele era um dos efeitos da Consagração: apurava os sentidos.

Elizabeth estudou o material que Daniel lhe entregara. Os assassinos faziam um golpe cirúrgico na jugular das crianças para drenar todo o seu sangue. Depois as abandonavam no chão, deitadas umas ao lado das outras como se estivessem dormindo, com as mãozinhas cruzadas sobre o peito e as roupinhas perfeitas manchadas de sangue. Parecia tratar-se de um ritual, embora ainda ninguém soubesse o que motivava aquele comportamento bizarro. Elizabeth se preparava para decifrar as razões e descobrir a identidade dos assassinos.

Sarah Liberman era a mais velha de três irmãs e filha de conservadores pais ingleses, que consideraram apropriada a sua opção por um curso de línguas. Sarah terminou a faculdade aos vinte e dois anos, com notas excelentes e decidiu estagiar na Alemanha e na França para aperfeiçoar os idiomas. Seu pai, Frank Liberman, um empresário de sucesso, bem relacionado, descendente de judeus alemães, não teve dificuldades em conseguir os estágios para a filha.

Sarah foi para Düsseldorf, onde ficou um ano trabalhando numa empresa alemã de exportação que pertencia a um amigo da família. Durante esse período, recebia regularmente as visitas da mãe, Rachel Liberman, e das irmãs, Yonah, de dezoito anos, e Deanne, de vinte. Quando terminou o estágio, passou um mês de férias na Inglaterra, antes de seguir para Paris, onde iria trabalhar numa empresa de traduções franco-saxônica, muito adequada aos seus quinze anos de estudo do francês.

Das três irmãs, Sarah era a que tinha a personalidade mais serena. Não evitava o conflito se fosse necessário, mas tinha uma forma suave de impor o seu ponto de vista. E, naquilo, era a mais

parecida com o pai — um empresário tranquilo e perspicaz. Mesmo quando estava irritada, Sarah não levantava a voz. Depois de se acalmar e todos pensarem que o assunto estava encerrado, ela expunha os seus argumentos de forma delicada, porém ponderada e racional.

Sarah estava em Paris havia três meses, quando o viu pela primeira vez, próximo ao Café de Flore. Achou-o diferente. Misterioso. Tinha um olhar tão intenso que, quando pensava nele, parecia vê-lo emergir à sua frente. A partir do instante em que o viu, ele se tornou inevitável na sua vida.

Kami, a pedido de Miguel, organizou uma reunião com o Conselho, agora reduzido a seis membros, após a saída forçada de Tereza Sampaio. Naquela noite, ao entrar na sala, Miguel observou-os de relance, com um olhar rápido e experiente. Percebeu que o ambiente estava pesado. Conversou com eles para saber como haviam passado os seis meses em que estivera na África, antes de entrar no tema da reunião, que dizia respeito à atuação da Irmandade.

Penafor, na ausência de Teresa Sampaio, continuava indeciso sobre o que faria ao responsável pela morte do seu pai. Buonaventura também não sabia que destino dar aos militares da ditadura, que o haviam torturado. Mas Georgia já decidira matar o capitão que a mantivera prisioneira e a estuprara por três meses.

Por fim, Miguel disse, de modo objetivo:

— Percebi, pelos relatórios, que a nossa atuação se centrou no Haiti, que já se encontrava numa situação precária antes do terremoto do início do ano. Mas a situação mundial está se complicando com a crise econômica global, os conflitos armados e

as catástrofes naturais. Neste momento, as maiores necessidades estão ao sul do Saara, onde vinte e quatro milhões de pessoas no Chifre da África são afetadas pela seca, pela fome crônica e pela violência armada. A população, que se desloca naquela região em busca de segurança, está muito vulnerável.

Fez uma pausa para que assimilassem o que havia dito. O discurso pegou todos de surpresa: depois do seu afastamento, Miguel voltara disposto a fazer com que a Irmandade cumprisse plenamente o seu papel de organização filantrópica.

— Você esteve lá? — perguntou Kami.

— Sim, por isso quero um plano de ajuda para aquela região do Chifre da África. Na próxima semana. Pode ser?

Kami assumira as funções de Tereza, e Miguel viu-a trocar um rápido olhar de cumplicidade com Ambrósio, antes de responder:

— Acho que sim, até porque essas situações são sempre urgentes.

— Ótimo — respondeu Miguel, antes de se dirigir a Ambrósio. — Preciso falar com você depois da reunião.

Miguel encerrou a reunião e, quando ficou a sós com Ambrósio, pediu:

— Preciso que faça um trabalho de investigação. É pessoal. Não sei se tem disponibilidade...

— Tenho total disponibilidade — interrompeu Ambrósio, com o rosto compenetrado.

Miguel deu-lhe uma folha com a lista dos vinte e cinco nomes, a mesma que mostrara a Daniel.

— Preciso de fotografias recentes destas pessoas. Quero saber onde estão, que obras de arte compraram no mercado negro durante o último ano e de quem compraram.

— Algum vendedor em particular? Isso restringiria muito a investigação.

— Eu sei... — interrompeu Miguel, dizendo: — Dimitri Sergeevich.

Ambrósio franziu a sobrancelha direita num gesto habitual, que fazia quando juntava mentalmente várias informações, e comentou:

— Esse não é o mafioso russo para quem a Tereza trabalhava?

— Sim. E eu quero saber quais dessas pessoas — apontou para a lista — contataram Dimitri ou alguém do seu grupo, inclusive Tereza.

— Compreendo — respondeu arrastadamente, enquanto pensava.

— Não se preocupe com as despesas.

— Posso contratar mais gente?

— Sim. Mas isto é confidencial — avisou. — Não quero que comente sequer com Kami.

— Ah... Tão óbvio assim? — perguntou Ambrósio, sempre muito discreto, sem compreender como Miguel percebera que havia um relacionamento entre ele e Kami. — Não é óbvio. Foi apenas a forma sutil como se olharam — tranquilizou Miguel, provocando uma espécie de sorriso em Ambrósio. Miguel não se lembrava de ter visto Ambrósio sorrir desde que o conheceu, anos antes.

— Fique tranquilo. Mantereis isto confidencial.

— Use este cartão — Miguel estendeu um cartão de crédito negro, ilimitado. — Se precisar de mais alguma coisa, telefone. Com cuidado, Ambrósio.

— Claro — respondeu, entendendo a mensagem de Miguel. Após descobrir que Tereza monitorava as suas conversas telefônicas, Miguel partia do pressuposto de que podia haver sempre alguém escutando. No início, Ambrósio achava aquilo um exagero, mas agora já não estava tão seguro e começava também a acreditar que talvez as dúvidas de Miguel tivessem fundamento. Afinal, eles eram uma organização que funcionava em todo o mundo e, apesar dos

recursos financeiros serem sempre insuficientes, movimentavam somas muito elevadas.

— Obrigado, Ambrósio — agradeceu Miguel se despedindo.

3. O número sagrado

*Agora o sete,
Sete dias da semana, sete notas musicais,
Sete cores do arco-íris nas regiões divinais...*

Raul Seixas (1945-1989)

A gentileza e o apoio de Charles Messie fizeram com que Dimitri voltasse a pensar no punhal que ele tanto desejava oferecer ao filho, Jean Luc. Com certeza aquela seria uma forma de agradar uma das poucas pessoas que se mostrara genuinamente preocupada com ele durante a sua prisão, e que passara a considerar um amigo.

Apesar de estar na prisão e da sua rede ter sido desmantelada, Dimitri já estava se reorganizando e espalhando seus tentáculos. O conhecimento era algo que ninguém poderia extirpar da sua cabeça e era o seu bem mais valioso. Por isso, sem grande esforço, planejou operações do interior da prisão, e até cooptou vários colaboradores, especialmente os jovens ambiciosos que pretendiam fazer do crime uma forma de vida. A estes, Dimitri começou por ensinar o código pelo qual regia a sua organização, deixando claro que a quebra de certos princípios era paga com a vida.

Dimitri guardava tudo na memória: nada de papéis, computadores ou registros de qualquer espécie. O seu cérebro prodigioso não deixava escapar o menor dos detalhes. Sabia que o punhal estava nas mãos da herdeira de um homem chamado Arturo Blanchefort. Meses antes enviara MacGee para Puebla de Sanabria com o objetivo de recuperar o punhal e lamentava a morte dele. Ainda não tinha encontrado alguém com a sua *souplesse* para realizar trabalhos que exigiam inteligência e sofisticação. Para recuperar o punhal precisava de um profissional com a destreza e a agilidade de MacGee. E isso não seria uma tarefa fácil.

No final de novembro Dimitri estaria livre e tinha dois objetivos: conseguir o punhal e descobrir o paradeiro de Tereza Sampaio.

Uma antiga profecia Tibetana, protegida por monges de um mosteiro dos confins do Tibete, previa o aparecimento de alguém que mudaria o mundo e seria responsável pela morte de milhares de pessoas num reduzido período de três anos. Segundo a profecia, esse ser poderoso e temido, conhecido como "Anunciado", "*beberia as almas*" e usaria o "*sangue do Puro como arma contra os homens*".

Depois da Segunda Guerra, Arturo acreditara que Hitler tinha sido o Anunciado e a profecia se havia cumprido. Mas Dib defendia que Hitler não terminara a missão de dominar o mundo e o verdadeiro Anunciado iria completar o que ele começara. Insistia que a marcha violenta de Hitler era uma amostra do que estava por vir. Além disso, Hitler levava seis anos — de 1939 a 1945 — para assassinar alguns milhões de pessoas, e não três anos como previa a profecia. Arturo discordara, argumentando que as profecias são simbólicas e o tempo era difícil de prever. O tempo messiânico se assemelhava ao tempo

bíblico, e ambos eram muito diferentes do tempo humano. A opinião de Arturo prevaleceu.

Quando Elizabeth se tornou uma guardiã e optou pelo estudo das profecias, para agregar conhecimento à Ordem, Dib viu naquela escolha uma oportunidade para reavaliar a profecia. Durante o período em que Daniel esteve afastado, pediu que Elizabeth analisasse a antiga profecia, cuja cópia, feita com a permissão dos monges tibetanos, se tornara parte do espólio da Ordem. Embora ela fosse ainda inexperiente, o seu dom de pitonisa podia ajudá-la a descobrir eventos que tivessem escapado aos outros guardiões.

A essência da profecia era catastrófica e previa a destruição da humanidade. Ao contrário das profecias bíblicas que falavam na salvação da alma e no dia do julgamento final, ali não havia uma única palavra de esperança: só morte, desespero e escuridão. Após meses de estudo, Elizabeth chegou à mesma conclusão de Dib: acreditava que a profecia não se cumprira. Isso significava que os guardiões deveriam estar atentos àquela ameaça.

O retorno de Daniel, trazendo para o seio da Ordem o horror das crianças assassinadas, mudou o foco de Elizabeth, e a profecia Tibetana foi relegada para segundo plano. Agora ela estava concentrada em descobrir os assassinos. Porém, por mais que tentasse, os seus sonhos revelavam apenas uma escuridão que permanecia dentro dela, mesmo depois de acordar.

Cada passo que Jean Luc e Sarah davam para se aproximarem um do outro, entre a multidão, parecia uma conspiração: algo de que não podiam escapar, um evento que não podiam contornar.

Naquela tarde, Jean Luc parou na frente dela, impedindo-a de seguir adiante. Ela levou uma das mãos ao rosto e tirou os óculos

escuros para observá-lo melhor.

— E agora? — perguntou ela num francês perfeito, após um momento em silêncio. A voz baixa e aveludada combinava com ela. Era exatamente como ele imaginara.

— Agora... — respondeu, com os olhos brilhantes e um sorriso sedutor. — Agora, começamos o resto das nossas vidas.

Ela riu, inclinando a cabeça para baixo, e os cabelos ocultaram o seu rosto. Jean Luc inclinou o corpo, para espreitá-la. Ao vê-lo assim dobrado, com os seus longos cabelos quase roçando as faces dele, Sarah riu um pouco mais.

— Está bem — respondeu, rendendo-se à força inevitável que os aproximava.

— Tomamos um café no Flore? — convidou, com elegância.

— Sim — concordou, seguindo-o. Pela primeira vez caminhavam na mesma direção.

Sentaram-se no café e perderam a noção do tempo. Conversaram durante horas, e quando Sarah olhou para o relógio assustou-se, ao perceber que já eram onze da noite.

— Tenho que trabalhar amanhã cedo. Preciso ir — justificou.

Ele disse, vencendo as suas reservas habituais em demonstrar abertamente os seus sentimentos:

— Não queria que fosse. Era capaz de ficar aqui a noite toda conversando com você e vendo como sorri e move as mãos quando fala...

— Eu também — respondeu suavemente.

— Mas vou acompanhá-la à porta de casa — afirmou, fazendo-a sentir-se especial.

Caminharam devagar, para esticarem o tempo, e ao chegaram à porta do prédio onde ela morava, ele beijou-a nos lábios, com ternura, como se já se conhecessem há anos. Ela sorriu:

— Até amanhã.

— No mesmo horário? — perguntou ele.

— Sim... — concordou abrindo a porta para entrar. Ambos se afastaram sem vontade. Ele sentia-se o dono do mundo, e o planeta parecia ter sido dominado por uma força que o transformara num lugar melhor durante as horas que passou com ela.

Eram sete da manhã quando Elizabeth acordou. Saiu da cama apressadamente e procurou Dib. Ele continuava disponível no apartamento dela para ajudá-la e apoiá-la, se ela precisasse. Encontrou-o na varanda, observando a luz tímida do sol nascente. Assim que ele a viu, ainda de pijama, com os pés descalços contra o chão frio e o rosto tenso, soube que aquilo não prenunciava nada de bom.

— Por favor, chame o Daniel, enquanto vou tomar um banho — pediu agitada.

Alessia e Dib já estavam preparando o café da manhã quando Elizabeth entrou na cozinha e escutou a campainha. Leon deixou Daniel entrar e acompanhou-o à ampla cozinha. Daniel cumprimentou-os e perguntou, servindo uma xícara de chá, à qual adicionou um pingão de leite:

— O que aconteceu, Elizabeth?

— Tive um sonho — revelou, com o rosto um pouco pálido.

— Conte — pediu Daniel, controlando a ternura que sentira ao revê-la. Não se viam desde o dia que ele voltara do Tibete e confessara o seu amor por ela. Percebeu que Dib os observava atentamente, como se intuísse o que estava acontecendo entre eles.

Elizabeth contou os detalhes do sonho, descrevendo que o número sete nasceu da terra, como se fosse uma árvore, e se

transformou em uma estátua enorme e brilhante. A sua luz revelou um campo cheio de crianças mortas, que forravam o chão formando um macabro tapete de horrores. E quanto mais o sete se erguia, mais longe a sua luz alcançava e mais extenso era aquele campo interminável de crianças arrancadas à vida, como flores decepadas. Crianças pálidas com pequenos cortes cirúrgicos em suas gargantas, por onde se esvaíra a vida. Exceto o pavor e impotência causados pelo sonho, Elizabeth não sabia qual o significado. Mas Daniel ficou alerta: o número sete era especial, e ele conhecia bem o seu simbolismo. Estava na raiz da Ordem, e não era por acaso que eram sete guardiões.

— Por que o sete? Tem alguma ideia? — questionou Elizabeth, após descrever o sonho.

— Pitágoras, cinco séculos antes de Cristo, dizia que o sete era o mais perfeito e sagrado dos números. Está presente no cotidiano e no sagrado. O corpo e a vida mudam em intervalos de sete anos, e cada homem tem sete portais da alma: olhos, ouvidos, fossas nasais e boca. O Templo de Salomão, uma das bases da nossa imortalidade, foi construído em sete anos. O sete também desempenha um papel crucial nas profecias bíblicas do apocalipse.

Daniel fez uma breve pausa, tentando sintetizar o resto da informação:

— O número sete representa a ordem cósmica, a plenitude, a ligação entre os mundos divino e humano: Deus é a Trindade formada pelo Pai, Filho e Espírito Santo, e o Homem é a tríade do Corpo, Alma e Espírito, unidos através de Cristo.

— Então se o sete é a representação do sagrado e da perfeição por que surge num campo repleto de crianças assassinadas? — perguntou Elizabeth.

— Não sei, mas o sonho indica que os dois eventos estão conectados — respondeu Daniel pensativo. — Só precisamos descobrir que ligação é essa.

— Esta foi a primeira vez que consegui sonhar — disse, tentando descobrir o que poderia ligar dois fatos tão distintos e, simultaneamente, tão próximos: o sagrado e a morte.

— Acredito que o assassino é responsável pela escuridão que a tem impedido de sonhar — explicou Daniel, que já se debruçara sobre aquele assunto.

— Usando a magia — afirmou Alessia, que acompanhava atentamente a conversa.

— Sim, para proteger a sua identidade e os seus planos — confirmou Daniel. — Isso explica por que o sete emerge de um deserto com crianças mortas. O sete, como elemento sagrado, sobrepõe-se a tudo, e é através da sua luz que Elizabeth conseguiu ver as crianças... Pode significar que nós, os sete guardiões, precisamos vencer esse mal, e ele é mais perigoso do que parece — fez uma pausa, antes de concluir: — O sonho de Elizabeth indica que há mais crianças mortas do que pensamos.

— É uma explicação lógica — concordou Dib.

— Teve alguma percepção sobre o lugar, Elizabeth? — perguntou Daniel pragmático.

— É uma planície lisa, um deserto totalmente plano — contou Elizabeth.

— Plano? — estranhou Daniel, olhando para Dib em busca da cumplicidade que os unia.

— Sim — confirmou Elizabeth, desconhecendo o que aquilo significava. — Por quê?

— Os assassinos criam cenários confusos e caóticos, reflexos das suas mentes perturbadas. Uma paisagem como a que descreveu

indica alguém organizado e racional, capaz de planejamentos cuidadosos e de estruturar o seu mundo de forma a ocultá-lo. Alguém que se confunde com uma pessoa normal, e é muito difícil de descobrir — explicou Daniel, antes de pedir: — Você precisa continuar a sonhar.

— Vou tentar — Elizabeth estava consciente das suas responsabilidades e da necessidade de controlar os seus sentimentos por Daniel. A proximidade dele a perturbava, mas ela não podia esquecer que ele era o guardião Supremo, o protetor máximo da humanidade.

— Ligue, se precisar — comentou Daniel antes de se despedir e sair, lutando contra as suas próprias emoções, e alheio aos pensamentos dela.

Sarah e Jean Luc se encontravam e jantavam juntos todos os dias. Durante uma semana, passaram as horas desfiando um vocabulário que parecia não ter fim. Na noite de sexta-feira, à frente de uma taça de Chardonnay, ela confessou timidamente:

— Tenho a sensação de que estive sempre à sua espera.

Ele respondeu, encantado com a confissão e a descoberta daquele mundo de emoções que o deixava num estado gasoso, característico da efervescência do champanhe:

— E você é a mulher que sempre procurei.

Ela sorriu inclinando o rosto para diante, como fazia quando estava feliz, com os olhos úmidos, como se aquele sentimento excessivo que sentia por ele se tornasse subitamente líquido dentro dela.

— Podemos ir para a minha casa, se quiser — ela convidou, hesitante, antecipando o momento de paixão que tanto desejavam e

temiam. Ambos pensavam naquele momento, mas nenhum deles se atrevia a mencioná-lo. Temiam quebrar o encanto que os envolvia.

Caminharam de mãos dadas até o apartamento dela, em silêncio, com os dedos encaixados e apertados, dominados por uma ponta de ansiedade. Ela abriu a porta. Rodou a chave com cuidado como se um mundo desconhecido espreitasse lá de dentro pronto para se abater sobre eles. Ele entrou, olhou em volta e sorriu.

— Reflete quem você é: alegre, elegante... Gosto do amarelo — apontou para a parede fazendo-a sorrir.

— Obrigada. Quer beber alguma coisa?

— Um vinho? — perguntou ele. Ela assentiu com a cabeça e foi à cozinha. Ele a observou enquanto pegava as taças e as pousava sobre a bancada. Depois abriu o armário e mostrou meia dúzia de garrafas geometricamente enfileiradas.

— Que vinho quer?

Ele aproximou-se dela. Encostou suavemente o corpo contra as costas dela e passou os braços em volta encerrando-a num abraço quase casual. Ela inclinou a cabeça contra o ombro dele. Jean Luc olhou para os vinhos com atenção, e por fim decidiu. Esticou um dos braços e retirou cuidadosamente um Bordeaux.

— Este — disse junto ao ouvido dela, colocando a garrafa sobre a bancada de mármore que ficava abaixo do armário.

— Adoro esse.

— Eu sei. Você me disse — lembrou Jean Luc, rodando-a suavemente para que ficasse de frente para ele. Olhou-a com ternura, sentindo-a relaxar nos seus braços, e beijou-a sem pressa. Os seus lábios encaixaram com perfeição e ele acariciou o rosto dela enquanto a beijava com intensidade crescente, numa entrega total. Tudo nele era intenso. Um beijo não era apenas um beijo: ele parecia mergulhar na alma dela, sensual e exigente. Jean Luc

ergueu-a sem esforço, sentou-a na bancada e encaixou-se entre as coxas dela, mostrando o quanto a desejava. Depois pegou-a no colo, em silêncio, e levou-a para o quarto que vislumbrou pela porta entreaberta, quando entrou no pequeno apartamento, minutos antes.

Pousou-a ao lado da cama e começou a despi-la devagar, beijando cada pedaço de pele que se revelava. Ela tentou puxar a camisa dele para fora das calças, sôfrega, dominada pelo desejo. Ele murmurou com ternura:

— Devagar. Vamos viver este momento.

Ela riu suavemente e respondeu:

— É difícil...

— Mas será melhor. Prometo.

Acordaram no meio da manhã do dia seguinte, depois de uma noite de descobertas. Ela se espreguiçou languidamente e quando olhou para o lado viu que ele a observava com o mesmo encanto da véspera. Riu e beijou-o. Ele encostou o rosto no pescoço dela e cheirou-a. Enfiou as mãos debaixo do lençol e acariciou-a antes de abraçá-la contra o corpo nu.

— Tem cheiro de amor — disse rindo, com a boca morna encostada ao ouvido dela.

— Eu sei — respondeu, inibida ao lembrar tudo o que vivera nos braços dele. Ele percebeu e insinuou descontraído, rodando o corpo e deitando-se sobre ela com um movimento sensual, cheio de promessas:

— Timidez, agora?! Hum... Vamos relembrar.

Eram três da tarde quando Daniel telefonou. Bardas reconheceu a voz e cumprimentou-o do jeito espanhol, alto e rude como se

estivesse zangado:

— Que coincidência. Acabei de falar de você ao responsável pelo núcleo de investigação...

— Mais um núcleo europeu? — interrompeu Daniel, sem esconder a ironia pelo excesso de formalismo e burocracia da Europa.

— Os europeus acham que funciona. Os núcleos são autônomos e investigam um único assunto que atinge simultaneamente vários países... Isso permite agir mais rápido porque escapamos da burocracia — justificou Bardas, embora também achasse um exagero aquela mania dos europeus criarem núcleos de estudo ou de investigação para todas as atividades, exceto aquelas que diziam respeito aos próprios governos.

— E este novo núcleo é para...? — questionou, sabendo antecipadamente a resposta.

— É o caso das crianças, sabe? O caso dos "Anjos Caídos" — respondeu crispado.

— Sei — disse Daniel.

— Estamos perante algum tipo de ritual... Vão enviar-lhe os detalhes, mas acho que o Capitão Matthew Shaw, o responsável pelo núcleo a quem recomendei o seu nome, vai querer que viaje para Londres, porque a situação é muito delicada.

— Compreendo.

— Ele vai contactá-lo assim que organizar o núcleo. Acabou de ser criado. — explicou.

— E você faz parte desse núcleo?

— Infelizmente faço. Odeio casos assim — disse, com paixão. — Tantas crianças mortas, sem uma única gota de sangue no corpo. Que monstro é capaz de fazer algo assim?

— É um caso muito difícil — reconheceu Daniel, que já estava investigando o assunto por conta própria. — Lembra o caso de

Madri, o primeiro que investigamos juntos.

— Sim — confirmou Bardas, mantendo-se em silêncio, revivendo a dolorosa lembrança da jovem Alejandra, morta anos antes em Madri, e encontrada sem uma gota de sangue.

— Telefonei por outro motivo — informou Daniel, interrompendo os pensamentos dele.

— Claro... Claro... — anuiu Bardas, ainda distraído pelas memórias.

— É sobre Dimitri Sergeevich.

— Isso está totalmente resolvido — disse surpreso, não desejando voltar àquele assunto.

— Eu sei, Bardas, mas preciso de um favor seu.

— O que é? — perguntou, sem ocultar o tom de contrariedade.

— Preciso ter acesso às fotografias das pessoas que tiveram contato com ele, nos seis meses que precederam a sua prisão. Como o caso está encerrado, deduzi que não haveria problema.

— Não... Quer dizer, sim. Essa informação é confidencial.

— Não foi usada no processo? — estranhou Daniel.

— A maioria não, porque são apenas contatos sociais de Dimitri com gente influente: industriais, empresários e até políticos.

— São esses mesmo que quero ver, Bardas.

— Por quê? — perguntou desconfiado, com o seu faro aguçado.

— Preciso que um amigo identifique quais deles colecionam arte.

— Não me diga que acredita que eles têm as relíquias! — exclamou Bardas, rindo, deduzindo de imediato o que Daniel estava querendo.

— Fiquei intrigado com os objetos.

— Nenhum especialista sério acredita na existência deles. — afirmou seguro, provocando um sorriso jocosos em Daniel. — Se existem, garanto que são uma fraude.

— Mas posso tentar encontrá-los? — perguntou Daniel bem humorado.

— Claro. O tempo é seu. Nós encerramos o caso. Vou copiar os arquivos para lhe enviar, mas é confidencial — recomendou, mostrando que tinha plena confiança em Daniel.

— Fico agradecido, Bardas.

— Você está à procura do Eldorado — avisou brincalhão.

— Conheço a sua opinião, Bardas — respondeu sereno, evitando discutir o assunto.

— Está bem — cedeu Bardas, finalmente. — Mas só consigo as fotografias na próxima semana, quando for a Londres. É lá que estão os arquivos.

— Eu espero. Um abraço — despediu-se Daniel. Minutos depois avisou Kent que os europeus tinham um novo núcleo dedicado ao caso das crianças e liderado pelo inglês Matthew Shaw, um especialista em perfis criminais.

— Mas você não telefonou para falar sobre a criação de mais um núcleo — insinuou Kent.

— Não... — concordou Daniel. — Bardas avisou o capitão Shaw que somos especialistas em assuntos de natureza... bizarra. As crianças foram drenadas...

— Eu sei, Daniel — interrompeu Kent, tenso. Aquele caso inquietava-o.

— O que foi? — perguntou Daniel, percebendo a tensão na voz de Kent.

— Não estou com um bom pressentimento. Este caso é diferente de todos os outros em que já nos envolvemos — avisou Kent, sério.

— Por quê? — insistiu Daniel, nada habituado a ver Kent tão preocupado.

— Não sei. Até o fato de Elizabeth sonhar com o número sete emergindo do meio das crianças mortas me parece terrível — disse, referindo-se ao que Daniel havia contado sobre o sonho de Elizabeth.

— Vamos esperar — aconselhou Daniel.

— Não temos outra opção — cedeu Kent, embora fosse incapaz de se tranquilizar. Aquele caso parecia ter um perigo oculto espreitando nas sombras, algo que os afetaria de forma dramática.

Jean Luc nunca apresentou aos pais alguém com quem teve um relacionamento, mas estava decidido a apresentar Sarah à família no fim de semana seguinte. Ela ficou reticente, pensando se aceitava o convite. Argumentou com Jean Luc que deviam esperar um pouco mais, até se conhecerem melhor. Mas Jean Luc a convenceu.

Já tinha falado dela suscitando a curiosidade dos pais, embora a mãe, sempre mais crítica, tivesse sido menos efusiva em suas demonstrações. Tudo o que ela desejava, como qualquer mãe, era que Jean Luc fosse feliz. E isso passava por uma série de questões e dúvidas práticas: seria ela de famílias tradicionais, que tipo de educação teve, estaria à altura do círculo social de Jean Luc, seria culta, seria amorosa, amaria Jean Luc incondicionalmente, desejaria ter filhos... Marie-Thérèse pensou numa série de detalhes, mas ficou feliz por finalmente Jean Luc ter escolhido alguém. Ele era tão exigente quanto ela e, por isso, ambos se desiludiam com facilidade. A vulgaridade lhe causava horror, tornando o convívio insuportável. Mas quando ela conheceu Charles tudo mudara: ele era perfeito em quase tudo. Um verdadeiro *gentleman* que conseguia passar pelas miudezas do cotidiano sem que elas o afetassem, parecendo

sempre flutuar um pouco acima da normalidade. Talvez Jean Luc tivesse a mesma sorte com a namorada.

4. A memória

A memória diz sempre de mais ou de menos.

Marguerite Yourcenar (1903-1987)

Miguel viu Elizabeth sentada na esplanada do movimentado café. Ela parecia agitada, com pernas cruzadas, balançando nervosamente um dos pés. Miguel telefonara dois dias antes e a convencera a encontrar-se com ele. Ambos sabiam que precisavam esclarecer o que acontecera da última vez que haviam estado juntos.

Ela sentiu a presença dele e o viu avançar entre as mesas até se sentar à sua frente. Embora estivesse apaixonada por Daniel, reconhecia que Miguel lhe provocava emoções difíceis de ignorar. Ele segurou uma das mãos dela e beijou os seus dedos. Estava sério, sabendo que aquele encontro não seria fácil, mas era importante: Elizabeth não era apenas a mulher que amava, era também a chave para o Mosteiro.

Ela estava muito bonita, parecia mais magra e os cabelos estavam mais longos. Ele esticou a mão devagar e tirou os óculos escuros do rosto dela, para ver os olhos claros. A garçonete apareceu para

anotar o pedido: ele queria um espresso e uma água sem gás, e ela quis um chocolate quente, como era habitual.

Mantiveram-se em silêncio como dois animais se observando cuidadosamente. Ela foi a primeira a falar, depois da garçonete ter servido as bebidas.

— Você está diferente — constatou, notando que os olhos dourados de Miguel possuíam uma limpidez pura, que ela nunca vira. Naquele momento desejava, acima de tudo, que Elizabeth se sentisse confortável para falar das suas mágoas e dúvidas.

— Você também — retorquiu, vendo que ela parecia mais madura, como se aqueles meses de separação fossem equivalentes a vários anos.

— No meu caso é inevitável — justificou, se referindo ao intenso treinamento da Ordem.

— No meu também — sorriu, pensando na forma como ela influenciara os seus sentimentos e contribuía para apaziguar até as dolorosas memórias de Adéle e do seu filho.

— O que aconteceu?

— Você aconteceu. Você me aconteceu — enfatizou.

Ela se espantou com a profundidade da revelação e a simplicidade da confissão. Miguel falou como se estivesse dizendo algo banal, mas era uma frase que abarcava toda uma realidade, e se bastava a si mesma, sem exigir uma resposta.

— Não sei o que dizer.

— Não diga nada. É apenas um fato. Mas acho que devemos falar sobre o que a incomoda — sugeriu, desejando se livrar das reservas dela, para tentar restabelecer a relação deles.

Elizabeth lembrou-se da África. Por instantes, nada daquilo parecia ter existido.

— Sim, falemos disso. Por que me levou para a África?

— Queria que conhecesse outro lado da vida. Um lado proibido para você enquanto Guardiã. Queria lhe mostrar o amor físico — inadvertidamente a voz dele se tornou sensual e Elizabeth fez um esforço para resistir à atração que sentia.

— O amor físico parecia tão irrelevante... — confessou ela. — Sempre acreditei que devia esperar por um grande amor.

— Esse sentimento é o resultado da sua educação e dos exercícios que aprendeu com o seu pai desde muito cedo, e serviam para bloquear os seus chacras inferiores, evitando que você sentisse desejo — explicou Miguel, com calma.

Ela pensou por alguns segundos e compreendeu mais uma coisa oculta nos ensinamentos de Arturo, tal como Daniel dissera: o seu pai lhe ensinara tudo serenamente.

— Então por que eu deixei de ser capaz de bloquear os meus chacras? — Miguel não podia explicar que, num primeiro momento, a encantara com os seus poderes mágicos, mas podia revelar o que acontecia após a Consagração, o ritual que os transformava em guardiões.

— O nosso corpo muda após a Consagração, não apenas porque passamos a incorporar uma identidade divina e outra animal — disse, baixando o tom de voz para evitar que mais alguém escutasse. — Mas também porque todas as nossas emoções se amplificam. Há um aprendizado diferente, que já deve estar fazendo, para dominar essas mudanças.

— Sim, eu sei — concordou, revelando a Miguel o ponto do seu treinamento.

— Agora os seus sentidos despertaram completamente e você sente desejo.

— Mas não posso sentir. É uma luta constante entre o corpo e a razão. E você sabia que eu não podia ceder ao desejo e, mesmo

assim, levou-me para a África sem que eu tivesse consciência do que estava fazendo... — acusou, sentindo-se traída.

— Tenho certeza de que aquele ato de amor não iria afetá-la. Você acabou de ser consagrada. Tem cem anos pela frente para escolher o que realmente deseja.

— Está dizendo que agora posso fazer... o que quiser? — perguntou hesitante, com receio de ter compreendido errado o que Miguel dissera.

— Não, não pode, Elizabeth. Mas talvez possa saber como é ser uma mulher, como é o amor, e depois escolher.. Se quiser continuar sendo uma guardiã terá que se manter casta. É uma energia necessária para a Ordem. Não se trata de um capricho.

— Mas eu posso escolher? É isso que me está me dizendo?

— Pode escolher sempre — afirmou, fazendo Elizabeth recordar que o pai havia escrito, em uma das cartas, que ela poderia sempre optar por outro destino. — Mas faça o que fizer há um preço: se continuar na Ordem, terá que ser casta e submeter-se à Consagração — avisou.

— Se eu tivesse ficado com você... Se nós... Você sabe! Eu poderia dissipar quando voltasse a consagrar-me.

— A Consagração pode sempre dissipar. Há regras, mas não há garantias. Claro que se as regras não forem respeitadas a possibilidade de dissipação é maior, mas nem sempre funciona assim. O Graal vai além dos atos, vai à essência das pessoas, àquilo que elas são realmente e, às vezes, ainda nem sabem — afirmou, revelando que mantinha a memória intacta.

Ela conhecia a lógica da Consagração. O Graal era uma força que varria o lado mais profundo e oculto das pessoas e tinha uma lógica intrínseca e assustadora: para a Consagração não bastavam os atos,

tinha que haver também uma essência reconhecível à luz do Graal — essa era a verdadeira característica dos puros.

— E qual seria a outra possibilidade, se eu optasse por deixar de ser uma guardiã? — perguntou, mergulhando mais naquele mundo de dúvidas que Miguel parecia fomentar, fiel aos planos de torná-la sua.

— Abandonar a Ordem e ter uma vida relativamente próxima do normal.

— Mas você disse que isso também tem um preço. Qual é?

— É um preço tão alto quanto abdicar da sua humanidade pela Ordem.

— Não vai me contar?

— Ainda não — respondeu, sabendo que, em algum momento, teria que revelar o terrível segredo por trás da sua juventude.

— Por que me obrigou a ir com você? — perguntou, voltando ao cerne das suas dúvidas.

— Eu não a obriguei a ir comigo. Só fortaleci o seu inconsciente, para que dominasse o seu lado racional. Você agiu guiada pela vontade, sem o espartilho da censura e da razão. E o seu desejo sobrepôs-se a tudo. Isso é o que você recalca quando está comigo. E o desejo é também a parte que os guardiões precisam controlar, porque é uma força que, ao ser corretamente canalizada, se transforma em energia pura, e os torna muito mais fortes e focados — explicou devagar, mostrando que sabia tudo sobre aquele processo.

— Você não me dominou? — questionou cética.

— Não. Aquele era o seu lado de fêmea querendo acasalar — falava com a voz baixa, carregada de erotismo, lembrando-a do lado animal que havia dentro dela. — Já mencionei que a Consagração torna os nossos sentidos mais aguçados...

— Eu sei — interrompeu, antes de questioná-lo de novo. — Por que você apagou a minha memória?

— Para protegê-la — explicou, com simplicidade desconcertante. — Você ainda está aprendendo a se controlar. As suas emoções foram muito intensas e eu não podia permitir que se descontrolasse se os seus batimentos cardíacos aumentassem demasiado. Tivemos momentos de grande envolvimento emocional — explicou, olhando-a com uma sensualidade explícita, ao recordar o abandono dela sobre o altar. Ela corou, envergonhada sem saber de quê, porque nas suas vagas lembranças havia apenas flashes de corpos nus e da exuberante beleza dele. Miguel parecia um daqueles deuses gregos que descem do Olimpo para amar as mulheres com toda a sua sabedoria.

— Eu quero lembrar, Miguel — pediu.

Ele olhou-a atentamente, para avaliar se ela estava pronta para recordar tudo o que acontecera, inclusive a intervenção de Daniel. Colocou as mãos sobre a testa dela enquanto continuava a observá-la. Em segundos ela recuperou os dias desaparecidos como se estivesse vendo um velho filme desbotado ganhar vida e cor sob a mão de técnicos modernos. Ele viu os olhos dela escurecerem sob o impacto das memórias e avisou:

— Respire devagar.

Ela controlou a respiração. Lembrou o envolvimento deles, as mãos dele acariciando o seu corpo, a temperatura da pele e a luz brusca que irrompeu pela capela trazendo Daniel. Estremeceu, sob o olhar vigilante de Miguel, dividida entre as memórias do desejo por ele e do amor por Daniel, embora as fronteiras entre os dois sentimentos fossem cada vez mais difusas. Também lembrou a forma como Daniel a vestiu e a levou no colo, e os seres que saíram

do Terço dos Anjos para protegê-la da energia sobrenatural de Miguel.

As imagens eram tão vívidas que ela sentia a pele ardendo. Miguel estendeu a mão, segurou-a pelo pulso, e falou devagar, divertindo-se com as emoções visíveis no rosto dela:

— Elizabeth, exceto o bloqueio da sua memória, tudo já existia em você. Eu apenas a libertei da racionalidade.

— Mas quando fez isso também tirou uma parte de mim: a parte que me permite escolher e tomar decisões racionais — disse num tom de voz frio, que o surpreendeu, tentando mostrar que não estava disposta a passar por uma situação idêntica.

— Sim, claro. Mas não volta a acontecer — prometeu, sério, mantendo a mão em volta do pulso dela. — Agora que já sabe o que se passou, o que pretende fazer?

— Não quero que volte a acontecer nada entre nós — avisou decidida.

— Não acontecerá. Eu espero que você dê o primeiro passo — respondeu sorrindo, para suavizar a situação, imitando vagamente a forma provocante com que a tratava antes.

— Não darei — retrucou, incapaz de conter um sorriso perante a provocação. Ao vê-la sorrir, Miguel percebeu que a relação deles saíra da área de conflito. Embora soubesse que aquilo aconteceria em algum momento, não conseguiu evitar uma sensação de alívio.

— Acredito — mentiu, disposto a seduzi-la com o seu charme, reiniciando o interminável jogo de gato e rato. Agora que ela recuperara a memória, ele não estava disposto a deixá-la esquecer das emoções que tinham vivido juntos.

— Você é impossível... — disse, rindo, sem conseguir se conter.

— Obrigado.

— Não foi um elogio — argumentou ela.

— Claro que foi — aproximou-se para olhá-la mais de perto e percebeu a forma como ela se retraiu, na defensiva. — Incomodo?

— Não... Talvez... Tenho que ir — retorquiu, para evitar que ele a envolvesse de novo.

— Não tem nada — riu Miguel. — Só quer ir embora porque está incomodada comigo, não?

— Não consigo lidar com a nossa relação tão bem quanto você — confessou.

— Consegue, sim. Lembre-se de que a levei para África, ébrio de amor — disse, querendo exorcizar aquilo de vez, e a surpreendendo por voltar ao assunto com tamanha naturalidade.

— Que exagero! — exclamou, tentando disfarçar a perturbação causada pela proximidade e pela confissão dele.

— Não é exagero: estou ébrio de amor — repetiu sério. — E vamos ter que lidar com isto.

— Vou embora — afirmou, levantando-se para evitar falar uma vez mais sobre os sentimentos dele. Miguel também se levantou. Ficaram frente a frente e ele aproveitou a oportunidade para se inclinar e beijá-la nos lábios. Um beijo suave, sem malícia.

Ela recuou, com os olhos brilhantes, censurando-o:

— Não faça isso.

— Foi um beijo de despedida — justificou, com um sorriso brando. Abraçou-a com ternura, ignorando as resistências dela. Elizabeth cedeu por alguns segundos, deixando-se ficar nos braços dele, antes de empurrá-lo com suavidade, para se afastar.

Em Paris, o domingo começou com um sol indeciso de outono. Sarah escolheu cuidadosamente a roupa: queria algo clássico que revelasse as suas origens, mas com um toque de modernidade que

mostrasse a sua juventude. Tinha pesquisado artigos e fotografias dos pais de Jean Luc. Eles ocupavam muitas vezes as principais páginas das revistas sociais, mas isso a deixou mais ansiosa.

Optou por elegantes calças castanhas, uma blusa de malha num tom de terra e um casaco da mesma cor. Escolheu botas de cano curto, de salto alto, e completou o conjunto com uma echarpe que misturava os vários tons da roupa. Colocou os brincos e o colar de pérolas que os pais lhe tinham oferecido quando fizera dezoito anos. Não usou maquiagem, exceto um batom *nude*, que dava um ligeiro brilho aos lábios.

Jean Luc veio buscá-la ao meio-dia e quando a viu percebeu que a sua mãe se encantaria com ela: estava simples e elegante. Sarah ficou feliz com o olhar de aprovação de Jean Luc e perguntou sorrindo, enquanto ele continuava parado à porta, esperando por ela:

— Estou bem?

— Está perfeita — elogiou, inclinando-se para beijá-la no rosto.

— Obrigada — agradeceu, girando a chave na porta, antes de guardá-la na pequena bolsa bege, de alça curta.

Ele abraçou-a pela cintura, ao entrarem no elevador.

— Você também está perfeito — respondeu. Ele quase cheirava a sândalo, um perfume sensual que se desprendia dos gestos sempre que se movia.

Apesar dos seus pais serem pessoas com uma alta posição social, Sarah sentiu-se um pouco intimidada ao entrar na casa de Jean Luc, um palácio magnífico, primorosamente mobiliado e decorado com impressionantes obras de arte. Apertou a mão dele com força enquanto se dirigiam à saleta que antecedia a sala de jantar. Jean Luc tranquilizou-a, baixinho:

— Vai dar tudo certo.

Ela relaxou um pouco, mas ainda sentia frio nas mãos, temendo que os Messie não gostassem dela. Jean tinha dito que Marie-Therése era muito mais crítica que Charles. Sarah cumprimentou-a com um beijo, quase sem tocar no rosto dela, enquanto dizia, num francês irrepreensível, as tradicionais saudações:

— *Enchanté.*

Marie-Therése aprovou-a imediatamente e Charles foi cativado por sua beleza serena. Quando Jean Luc lhes dissera que Sarah era inglesa imaginaram uma jovem algo fria, com os traços e a personalidade britânica. Mas ao vê-la, mal podiam acreditar que era inglesa: tinha um charme muito francês e falava como uma verdadeira francesa, sem qualquer sotaque.

Jean Luc relaxou: também ele sentira alguma tensão, embora não demonstrasse, para evitar que Sarah percebesse. Agora, ao vê-la conversando tranquila e sorridente, sentada numa cadeira Luís xv, como se tivesse estado sempre ali, compreendeu que nunca tivera motivos para se preocupar com aquele encontro.

No final do almoço Marie-Therése já tinha convidado Sarah para irem a uma exposição na semana seguinte. Charles olhou para Jean Luc com um sorriso de cumplicidade e aprovação.

— Besson — exclamou Daniel, dando início à conversa por telefone. — Bardas concordou em enviar os arquivos digitais do Dimitri.

— Eu também já tenho uma pessoa cuidando da lista — Miguel falava dos vinte e cinco nomes que Ambrósio estava pesquisando, para descobrir quem poderia estar ligado a Dimitri. — De Payens, preciso de um favor — avisou, antes de mudar o rumo da conversa.

— O quê?

— Lembra-se da Tereza Sampaio?

— A sua secretária, que trabalhava para Dimitri?

— Sim.

— O que tem ela?

— Preciso que use a sua ligação com Bardas para descobrir onde ela está.

— Besson, o que pretende fazer? Deixe isso — aconselhou Daniel.

— Acha que quero me vingar? Se eu quisesse fazer alguma coisa garanto que ela tinha desaparecido muito antes de depor contra Dimitri — explicou, com ironia.

— Então por que quer saber?

— Penafor, um dos meus associados, está apaixonado por ela e acho que deviam conversar.

— Sabe que essa informação coloca a vida dela em perigo — comentou, surpreendido pela justificativa de Miguel, mas convencido das suas boas intenções. — Ela está num programa de proteção.

— Eu sei, De Payens. Sei tudo isso. Vai ou não tentar conseguir o contato?

Daniel hesitou, antes de responder:

— Vou tentar, Besson. Quando surgir uma oportunidade, falo com Bardas — fez uma pausa, antes de terminar a conversa. — Falo com você quando receber os arquivos.

5. A tenacidade de Oliver

Não é suficiente que façamos o nosso melhor; às vezes temos que fazer o que é preciso.

Sir Winston Churchill (1874-1965)

Oliver Bassan nasceu em Londres, durante o frio novembro de 1968. Era filho de italianos, que tinham emigrado em busca de uma vida melhor, em meados dos anos 60. Teve uma educação rígida que lhe moldou o caráter. O pai insistia na questão da honra e da lealdade, dois traços de que Oliver jamais abdicaria, e ao longo da sua vida, passariam a ter um preço cada vez mais elevado, enquanto o seu nome era sussurrado no mundo do crime.

O pai também lhe transmitiu certa aspereza, a mesma que usava para não demonstrar a Oliver o quanto lhe custava a vida dura de acordar às quatro da manhã, para comprar peixe e produtos frescos que revendia na pequena loja que tinham. Mas Oliver rapidamente se aprumou e transformou a rudeza herdada em serenidade.

A mãe transformou Oliver no centro da sua vida afetiva desde que a irmã, um ano mais nova que ele, morrera aos dois anos de idade com uma pneumonia provocada pelos gelados invernos ingleses.

Oliver destacou-se na escola por ser um aluno excelente e centrado, pouco dado a risos ou brincadeiras. Impunha distância e respeito sem esforço e nunca brigou, como era frequente naquelas idades, entre a infância e a adolescência, quando os jovens marcam o seu próprio território como pequenos animais. Oliver estudava de manhã e à tarde ajudava os pais na loja. No dia do seu aniversário de doze anos, decidiu que não queria aquela vida. Nessa noite, ao jantar, enquanto a mãe servia um fumegante macarrão *al pomodoro* salpicado com uma boa *mozzarella* que se derretia com o calor da massa, Oliver explicou aos pais que pretendia dar um rumo diferente à vida e não queria assumir a pequena loja. O pai, surpreendido pela conversa inesperada, teve um acesso de fúria italiano: gritou, gesticulou e esperneou. A mãe tentou acalmá-lo, para poderem ouvir os planos do menino, mas durante cinco minutos tudo o que escutaram foi o pai insultando gerações e gerações de antepassados, em italiano fluente. Depois de ter se acalmado, voltou a comer, com generosas garfadas de macarrão. Oliver, aproveitando o silêncio, recomeçou a falar tranquilamente, como se a ira do pai não o tivesse afetado.

A serenidade de Oliver desarmou os pais de tal forma que ficaram a ouvi-lo, não imaginando que tudo o que escutariam os deixaria ainda mais surpreendidos:

— Quero estudar nas melhores universidades inglesas: em Cambridge ou em Oxford. Para isso tenho que ser o melhor na escola e tenho que juntar dinheiro para pagar os meus estudos. Como estou ajudando na loja e não posso trabalhar noutra lugar, pensei que podíamos conversar sobre um salário para eu guardar, e um horário de trabalho para eu poder estudar mais. Prometo que não vão se arrepender — avisou seguro.

Os pais não sabiam o que dizer após aquele discurso eloquente e racional, inacreditável para alguém da idade dele. Ficaram em silêncio algum tempo, olhando-o enquanto ele continuava comendo calmamente, indiferente às emoções que suscitara nos progenitores. Por fim, o pai perguntou:

— Então quer que eu lhe pague para você trabalhar naquilo que é seu?

— Não, pai. Eu quero trabalhar noutro lugar, mas como precisam de mim na loja, gostaria que investissem no meu futuro, guardando algum dinheiro todos os meses: o dinheiro que eu ganharia se trabalhasse noutro lugar, como no restaurante do dom Vito.

— Você quer trabalhar no restaurante do Vito? — perguntou o pai irritado, sentindo a raiva voltar, por saber que o lugar estava sempre cheio de mafiosos e gente de caráter duvidoso.

— Não, pai, mas ele paga bem. E eu vou precisar de muito dinheiro.

— Paga bem porque são todos criminosos! — justificou, batendo com a palma da mão em cima da mesa e fazendo saltar os pratos.

— Então esta vida que temos, e é uma boa vida, não lhe serve? — perguntou a mãe.

— Não, mãe. Não quero esta vida para mim, nem para vocês. Um dia vou comprar uma mansão para vocês. Isto... — falou, esboçando um gesto com a mão em volta da casa simples, inesperado para a sua idade. — Isto não é vida, mãe. Mereço mais. Quero mais. E vou ter.

O pai, que nunca tivera aquela autoconfiança, estremeceu como se soubesse que as palavras de Oliver eram premonitórias. Olhou para a mulher, e depois de pensar, disse:

— Muito bem. Pago o mesmo que o Vito pagaria.

— Com os reajustes anuais, não é, pai?

O pai tentou segurar o riso, mas não conseguiu e, cheio de orgulho, bateu com a mão grossa na do filho, dando duas palmadinhas carinhosas enquanto dizia:

— É assim mesmo que se negocia, filho... Você vai longe. Pago os reajustes, sim.

A partir daquele dia Oliver trabalhava e estudava totalmente focado nos seus objetivos. E, nos finais de semana, à socapa dos pais, convenceu dom Vito a contratá-lo para alguns biscates, tendo negociado antecipadamente que a contratação era por trabalho e ele não era seu empregado. O mafioso achou engraçado: ninguém se atrevia a negociar com ele. Mas, fiel aos seus princípios, dom Vito testou Oliver para avaliar sua lealdade. Depois de ter pedido que entregasse um envelope ao policial do bairro, mandou dois dos seus homens darem uma surra em Oliver para ver se falava. Porém, apesar da violência a que foi submetido, Oliver negou até o fim que conhecia dom Vito. No entanto, aquele incidente fez com que decidisse ter aulas de artes marciais com Cheng-Fang, o professor de chinês que morava no bairro. Ao entrar no pátio, que ficava na parte de trás da pequena casa do professor, percebeu que era o único ocidental entre as dez crianças, de diferentes idades, que ali estavam treinando.

O professor gostou dele, principalmente pela coragem que o jovem demonstrou ao entrar no seu pátio pedindo para aprender. Durante os dez anos que morava ali nenhuma criança ocidental o tinha procurado. Tinha a certeza de que ele era diferente. Perguntou num inglês pouco firme:

— Por que você quer aprender artes marciais?

Oliver levou alguns segundos para processar o sotaque, mas respondeu rapidamente:

— Fui agredido por dois homens.

— E você quer vingança?

— Não. A vingança atrapalha os meus planos. Só quero poder me defender da próxima vez — respondeu sereno, surpreendendo o professor, por ver alguém tão jovem, e ainda mais um ocidental, com uma sabedoria tão profunda.

— E quais são os seus planos?

— Vou estudar e ter uma vida melhor. Vou dar uma vida melhor aos meus pais — disse Oliver, seguro do seu projeto de vida. Cheng-Fang acreditou nele ao reconhecer uma luz firme no fundo do olhar negro, e aceitou-o como aluno.

— Muito bem... Começa amanhã. Você estuda?

— Estudo de manhã e trabalho à tarde.

— Seis da manhã, todos os dias, aqui — disse Cheng-Fang apontando com o dedo para o chão do pátio. — Depois você vai para a escola.

— Não tenho como pagar. Estou juntando dinheiro para a universidade.

— Você trabalha para mim no sábado de manhã: limpa a casa e o pátio. Pode ser?

— Sim — concordou Oliver. Aquilo mudaria a sua vida: se o pai lhe deu o sentido da honra e da lealdade, Cheng-Fang lhe daria uma filosofia para guiá-lo, desenvolveria a sua agilidade física e mental, lapidaria a sua calma e o transformaria num exímio aprendiz de artes marciais em tempo recorde.

Oliver entrou para Oxford, uma das melhores e mais elitistas universidades, onde sofreu os preconceitos com tamanha indiferença que, após o primeiro ano, os colegas deixaram de implicar com ele, passando a convidá-lo para festas e eventos, aos quais ele comparecia impecavelmente vestido e com o comportamento irrepreensível. Bonito e alto, era dos poucos que tinha cabelos e

olhos escuros, o que contribuía para adensar o seu ar de mistério. Destacava-se nos esportes e estava entre os melhores alunos da universidade.

Foi pouco depois de entrar para a universidade, com apenas dezoito anos, que dom Vito lhe encomendou o primeiro assassinato. Oliver sabia que aquele dia chegaria. Não se surpreendeu: era mais um passo para cumprir o seu destino. Seria um trabalho bem pago, principalmente tendo em conta que era o primeiro. Oliver aceitou e avisou:

— Dom Vito, lembre-se: não trabalho para o senhor e, desta vez, mato quem mandar atrás de mim. Estamos entendidos?

Dom Vito fixou aqueles olhos negros e não conseguiu deixar de se espantar com a coragem, a frieza e a firmeza que havia neles. Oliver falava sempre educada e suavemente. Era um assassino perfeito, daqueles assassinos que não cometiam erros e não sentiam qualquer emoção em relação ao seu trabalho — nem prazer nem dor. Nada.

— Dom Vito? — insistiu Oliver para que ele respondesse.

— Estamos entendidos, sim, Oliver — disse com a voz arrastada de mafioso, sem saber de onde o garoto tinha tirado a autoconfiança, o profissionalismo e aquele jeito de homem do mundo. Sentiu uma pontada de inveja, não só pela juventude de Oliver, mas principalmente pela sua polidez, gestos refinados, bom gosto e aquele fascinante ar cosmopolita.

Manfred Kräuser, o perfeito mordomo que detinha os segredos da Ordem, preparou a reunião de 31 de outubro até os mais ínfimos detalhes: organizou a sala vermelha deixando-a impecável, adicionando um pequeno aparador do século XVIII com chás diversos,

adaptados ao paladar de cada um dos guardiões. Eles se sentaram em volta da mesa redonda, vestidos a rigor, de preto e branco, parecendo que tinham saído das páginas de uma revista de moda. Daniel decidira reuni-los para tratar de vários assuntos, inclusive dos temores de Kent e das preocupações de Dib com a profecia Tibetana. Aquela seria a primeira reunião formal após a Consagração de Elizabeth. Daniel abriu a reunião com mantras e bênçãos. Depois disse, pragmático, e sem rodeios:

— Vamos falar dos assassinatos das crianças na Europa...

— Alguém sabe onde Besson estava durante o período dos assassinatos? — interrompeu Kent friamente.

— Como pode pensar isso de Miguel? Ele seria incapaz de algo assim! — defendeu Elizabeth, chocada, escutando pela primeira vez as impressões de Kent sobre Miguel.

— Elizabeth, você não sabe nada sobre Besson — avisou Kent. — Não faz ideia do que ele fez ou é capaz de fazer!

— Então me conte, por favor — pediu ela, com firmeza.

— Não é o momento adequado. É uma longa história, mas posso lhe contar quando estiver disposta a ouvir — avisou, suavizando o tom de voz ao olhar para ela.

— Não basta ele ter arrastado você para a África e apagado a sua memória? — questionou Alessia, sem esconder a raiva que tentava controlar sempre que falava de Miguel. Elizabeth olhou-a espantada, percebendo finalmente o quanto Alessia o detestava.

— Por que tem tanta raiva dele?

— É uma história tão longa quanto a de Kent. Não vou falar sobre isso — avisou categórica.

Daniel percebeu que o rumo da reunião estava se afastando do planejado, mas quando ia interferir Elizabeth fez um comentário que

o deixou alerta. Estivera tão focado em outros problemas que tinha descurado a relação entre Miguel e Elizabeth.

— Fui tomar um café com Miguel, no sábado, e ele devolveu-me a memória — disse, revelando uma independência recém-adquirida.

— Elizabeth, o Kent tem razão: Besson não é confiável — afirmou Alessia, exasperada por Elizabeth não ter comentado aquele assunto. Por vezes ela era incontrolável.

— Vocês estão dizendo isso sobre Miguel, mas ninguém me explica os motivos.

— Miguel só não lhe fez mal porque Daniel e Dib a resgataram — lembrou Kent.

— Miguel é o meu único familiar e não tinha intenção de me fazer mal — explicou, olhando alternadamente para Alessia e para Kent.

— O que Besson disse quando devolveu a sua memória, Elizabeth? — questionou Daniel, intervindo pela primeira vez, para esclarecer aquele assunto.

— Disse que bloqueou apenas o meu lado racional — respondeu com um ligeiro rubor nas faces, sabendo que Daniel conhecia boa parte das memórias que ela recuperara.

Daniel e Dib olharam um para o outro, compreendendo finalmente o que acontecera com as lembranças dos dias que Elizabeth passara na África. Tratava-se de um artifício inteligente e simples, mas somente Miguel tinha a chave para aceder à memória dela.

— Elizabeth deve afastar-se de Besson. — Alessia, mais calma, insistiu no assunto.

Daniel decidiu encerrar a conversa.

— Elizabeth conhece as regras da Ordem. Besson é seu primo. A decisão é dela. Neste momento é uma guardiã, capaz de fazer as suas escolhas e exercer o seu livre-arbítrio. Nós não cerceamos a liberdade de ninguém. Somos responsáveis, conhecemos o nosso

papel e os nossos deveres. Agora voltemos à questão dos assassinatos...

— Onde estava Besson? — perguntou Kent, retomando a pergunta que despoletara a conversa sobre Miguel e Elizabeth.

— Daniel estava viajando, mas isso não faz dele um assassino — lembrou Seth.

— Não de Daniel, mas de Besson pode fazer — comentou Alessia, segura do envolvimento de Miguel na morte de Bento. O que era verdade, embora ele não tivesse assassinado Bento.

— Não acredito que Besson esteja ou possa estar envolvido nisto — defendeu Daniel, rejeitando a participação de Besson nos assassinatos.

— Você está parecendo o Arturo, quando defendia Besson. Não compreendo. É porque saíram juntos de Montségur? É isso? — questionou Kent com alguma impaciência, referindo-se à última cidade cátara, destruída pelos cruzados, centenas de anos antes.

— Não. É porque acredito que Besson não seria capaz de matar aquelas crianças — afirmou Daniel, com segurança.

— Você não acredita porque não viu o massacre de Babi Yar — argumentou Kent.

— O que é o massacre de Babi Yar? — questionou Elizabeth, atenta.

— Não vamos nos dispersar novamente — interrompeu Daniel, desta vez mais firme, assumindo de novo a liderança da reunião. — Quero saber se alguém tem alguma ideia sobre os motivos que podem estar por trás do início e do fim dos assassinatos.

A sala ficou silenciosa. Ainda não havia uma explicação para a onda dos assassinatos. Daniel recomeçou a falar:

— As crianças foram mortas em cidades de seis países, em sextas-feiras consecutivas. A distribuição geográfica forma praticamente um

círculo: Suíça, Áustria, República Checa, Alemanha, Holanda e Bélgica. A sétima cidade, que fecharia esse círculo, seria na França. Por que mataram as crianças nesses seis países? E por que pararam?

— Parece tratar-se de um intervalo... — comentou Seth, enquanto os outros se mantiveram em silêncio, tentando responder mentalmente às perguntas.

Daniel levantou-se e dirigiu-se ao aparador onde se serviu do seu chá preferido: o original Lapsang Souchong, produzido na província chinesa de Fujian. Voltou para a mesa, com a chávena de porcelana perfeitamente equilibrada no pires e continuou:

— Elizabeth sonhou com o número sete, mas não descobriu mais nada. Isso deve estar associado a um algum tipo de encantamento ou proteção, o que confirmaria que estamos perante alguém com domínio da magia negra. Neste contexto, as crianças são sacrificadas num ritual que funciona como uma chave para aceder a esse mundo negro, permitindo que o assassino ganhe poder e força. Isto nos afasta das teorias dos assassinos em série, que vigoram entre a polícia, desde o início deste caso.

— Independente dos motivos ou da identidade do assassino, a morte das crianças é um mau augúrio. Tenho um péssimo pressentimento — avisou Kent, verbalizando os seus temores.

— Pelo visto é algo que está perturbando muitos de nós. Sugiro que tomemos cuidado — afirmou Uchoa, contagiado pelo clima de preocupação que dominava a sala.

— Concordo que precisamos estar atentos, mas vamos nos envolver oficialmente no caso. Foi criado um núcleo europeu, como alguns de vocês já sabem, para tratar desta investigação. Bardas sugeriu a minha participação e tudo indica que vou viajar para a Europa.

Elizabeth ouviu a notícia sem se mover, quase sem se atrever a respirar. Não queria acreditar que ele ia partir outra vez. Perguntou, tentando controlar as suas emoções:

— Quando?

— Não sei. Depende da evolução do caso — respondeu com uma calma fria, parecendo desejar lembrá-la que ele era o Supremo e aquele era um assunto da Ordem. Continuou falando para o resto da plateia. — Na minha ausência, como vem sendo hábito, Kent será o responsável.

Kent inclinou a cabeça num gesto de aceitação, apesar daquele papel ser cada vez mais penoso para ele. Não tinha aptidão para cuidar dos assuntos da Ordem. Havia demasiada burocracia envolvendo investimentos que precisavam constantemente de algum tipo de resposta, decisão ou atenção. A Ordem se transformara num poderoso grupo econômico que aumentara a sua enorme fortuna por meio de estratégias bem pensadas ao longo dos anos, e Kent detestava lidar com aquilo. Desde que Daniel assumira a Ordem e ele passara a desempenhar as funções de número dois, percebia que não tinha sido talhado para aquela posição e considerava que, entre todos, Dib deveria substituí-lo. Mas as regras eram rígidas e Kent aceitou o seu papel com resignação, embora aguardasse o momento certo para revelar a Daniel os seus sentimentos e resistências.

— Besson é o segundo ponto da reunião. Sei que há opiniões divergentes, e acabamos de ter provas disso...

— Daniel... — Alessia tentou interrompê-lo, mas ele ergueu a mão, num gesto que indicava claramente que não estava disposto a escutar nada sobre aquele assunto, e disse num tom firme:

— Por favor, não interrompam. É irrelevante o que pensam de Besson e o que ele possa ser ou possa ter feito, porque, neste momento, há eventos muito mais importantes em jogo. E é disso

que se trata: temos que colocar os interesses da humanidade e da Ordem acima de tudo. Besson e eu estamos envolvidos na busca dos objetos que nos pertenceram e deviam estar sob a nossa guarda, mas agora, infelizmente, ninguém sabe onde estão.

Embora Alessia tivesse vontade de comentar que o Cálice e o Anel não estavam sob a guarda deles porque Miguel os tinha levado da Ordem séculos antes, se manteve calada. Percebeu que Daniel não pretendia discutir aquele assunto, como se o caso estivesse resolvido e qualquer conversa fosse infrutífera.

Daniel continuou falando:

— Portanto, mantenham as reservas em relação a Besson, mas vamos trabalhar juntos para recuperar as relíquias, evitando conflitos — avisou, mesmo sabendo que um dia teriam que descobrir a responsabilidade de Besson em vários eventos chocantes e, principalmente, como se mantinha jovem sem a Consagração. Mas o foco atual era recuperar as relíquias antes que alguém descobrisse para que serviam.

Como todos se mantiveram silenciosos, em sinal de concordância, Daniel abordou o terceiro assunto que havia planejado para a reunião:

— A nossa transmutação será dia 6 de novembro. Em menos de uma semana.

Os guardiões transmutavam-se pelo menos uma vez por ano para libertarem a força que se acumulava gradualmente dentro deles. Era um ritual de libertação intenso, e também de pacificação com o seu lado animal.

A transformação exigia uma preparação cuidadosa. Aquela seria a primeira transmutação de Elizabeth após a Consagração. E havia vários problemas durante o processo: o primeiro seria o de controlar a parte animal depois de liberta da censura da racionalidade, e o

segundo, resistir ao desejo de matar qualquer ser vivo que se aproximasse. Além disso, quanto mais tempo ela passasse transformada em leoa branca, mais difícil seria retornar ao corpo humano. A sua falta de experiência seria compensada pela orientação de Daniel, responsável por protegê-la e guiá-la. Ele já havia desempenhado aquele papel com Dib centenas de anos antes, quando ele se transmutou pela primeira vez na natureza. Mas Dib era diferente: fora treinado por monges tibetanos desde criança e possuía um controle atípico sobre o corpo, que lhe permitiu vivenciar a experiência com tranquilidade. E embora Elizabeth também possuísse formação e dons especiais, não se comparava a Dib. Daniel temia que ela não tivesse controle suficiente sobre os seus instintos predatórios e atacasse algum animal. Mas o que Daniel mais temia, e era de todo inconfessável, eram os seus próprios sentimentos por ela. Ao imaginar-se livre do espartilho da racionalidade, se questionava se seria capaz de manter o desejo controlado. Lembrou-se do corpo dela seminua, abandonado sobre o seu dorso, na noite da Consagração e mais tarde, quando a levou no colo, apertada entre os braços, e ela encostou os lábios mornos contra o seu pescoço. Estremeceu com a memória e se concentrou no tema da reunião, quando percebeu que todos o olhavam, esperando que terminasse de falar:

— Na penúltima noite da lua nova do ano — concluiu Daniel, afastando todos os pensamentos que não estivessem diretamente associados à reunião.

— Achava que seria durante a lua cheia — comentou Elizabeth. Foi Kent quem respondeu:

— A lua nova representa novos começos. É simbólico.

— Entendi — apesar das suas reservas iniciais com Kent, por ser o guardião com quem tivera menos contato, Elizabeth aprendeu a

gostar do seu jeito reservado e, principalmente, da forma discreta com que ele a protegia, mesmo quando discordavam.

— Vamos voltar à África do Sul — Daniel sabia que era um lugar apreciado por todos.

— Excelente decisão — comentou Uchoa, parecendo expressar a opinião geral.

— Na África do Sul, os leões brancos são considerados seres sagrados e mágicos. Há um misticismo muito grande em relação a nós. É um lugar especial — Kent explicou a Elizabeth.

— Seth vai orientar Elizabeth sobre a viagem. Viajamos dia 4 de novembro. Uchoa irá organizar a viagem — informou Daniel, avançando para o último assunto da sua pauta. — Dib vai abordar um tema que o tem preocupado.

— Sei que já falei nisto antes e temos opiniões diferentes, mas acredito que devemos voltar a analisar a profecia Tibetana. Pedi que Elizabeth a estudasse enquanto Daniel esteve fora, e ela tem a mesma opinião que eu.

— Acha que a profecia ainda não se cumpriu, Elizabeth? — perguntou Kent, sabendo qual era a opinião de Dib sobre o assunto.

— Sim. Há um paralelismo com os eventos da Segunda Guerra, mas o que aconteceu está longe de abarcar a extensão da profecia. Ela prevê acontecimentos mais violentos e mais rápidos do que os que aconteceram.

— Isso é o resultado da sua compreensão da profecia ou é a sua intuição? — questionou Uchoa, atento.

— Os dois. Além disso, esta noite tive um sonho que pode estar associado à profecia.

— E o que sonhou? — perguntou Dib.

— Hitler estava sobre um pódio, acima do solo. Em seguida surgiu um homem mais jovem, que se elevou em outro pódio, e

ultrapassou Hitler.

— Ultrapassou-o quanto? — perguntou Dib com os olhos quase fechados, absorvendo as informações.

— O dobro da distância. Isso pode significar que o Anunciado poderia ter sido Hitler, mas não foi, e alguém fará muito mais que ele — disse Elizabeth sem consciência do que aquilo significava para Dib, que vivera assombrado com aquela profecia e acreditava que a Ordem desempenharia um papel importante nos acontecimentos previstos.

— Consegue reconhecer esse novo homem? — perguntou Dib novamente.

— Não. Era jovem e estava com o rosto abaixado. Mas também podia ser uma mulher — fez uma pausa, hesitando um pouco, antes de explicar: — Sei que não faz muito sentido, mas era quase como se duas pessoas tivessem se fundido numa só.

— E não consegui perceber se essa... — Seth, surpreso, buscou uma palavra para tentar sintetizar a explicação de Elizabeth. — *fusão* era um homem ou uma mulher?

— Não. Sei que era jovem porque emanava vitalidade. O cabelo longo estava oculto atrás dos ombros. Tinha uma figura esguia e magra, completamente vestida de preto — descreveu Elizabeth.

— Então pode ser uma mulher? É isso? — perguntou Dib, que sempre acreditara que o Anunciado era um homem. Tudo na profecia indicava que ele era um homem.

— Talvez seja alguém andrógino — disse Elizabeth expressando uma nova hipótese. — Pode ser por isso que fiquei com a sensação de serem duas pessoas unidas.

— Faz sentido — concordou Kent. — Mas independente do gênero, o seu sonho altera significativamente as coisas. Ou pelo

menos a nossa opinião sobre a profecia. Acreditávamos que Hitler era o Anunciado.

— Dib tem razão: devemos analisar a profecia com um novo olhar. Elizabeth precisa se concentrar nos Anjos Caídos, mas se surgir algum sonho espontâneo como este, temos que registrá-lo para complementar a profecia. Alguém quer fazer algum comentário? — perguntou Daniel antes de encerrar a reunião.

Apesar de incomum, sentia-se cansado, não por ter gerido a reunião, evitando a dispersão da conversa e a velha discussão em torno de Besson, mas devido aos seus sentimentos por Elizabeth. Aquela paixão consumia os seus pensamentos e a sua energia.

Jean Luc observava Sarah na pequena cozinha preparando uma massa fresca de azeitona, com molho de tomate cereja, camarão salteado em azeite trufado e manjerição roxo. As mãos dela, em movimento constante, pareciam ensaiar uma dança contínua.

Ela viu-o quieto, fixando-a intensamente, sem piscar os olhos para não perder nenhum gesto. Perguntou, enquanto jogava os camarões para dentro da *wok*, fazendo-os frigir no fio de azeite quente.

— Jean, o que é?

— Quero ajudá-la... Mas não sou capaz de sair daqui: você está tão bonita, mas tão bonita, que me provoca uma dor aqui — disse baixo, colocando a mão direita sobre o peito, em cima do coração, para mostrar o ponto de origem da dor.

Ela desligou o fogão, aproximou-se dele e mirou-o com seus olhos verdes brilhantes. Nunca tinha visto ninguém mais bonito que ele. O formato do rosto emoldurado pelos cabelos claros dava-lhe um ar angelical. E o corpo alto e magro, com os músculos definidos na

medida certa, sem exageros, parecia feito para encaixar no corpo dela.

— Eu sei... — respondeu Sarah. — Eu sinto o mesmo. Uma dor aqui, como se algo estivesse errado. Como se o que sinto por você fosse tão intenso que o meu corpo não suportasse.

— Não sei o que faria se algo acontecesse com você — murmurou inclinando-se para beijá-la com um carinho extremo. Só a possibilidade de não vê-la por um único dia que fosse, era suficiente para angustiá-lo.

— Não vai acontecer nada comigo — abraçou-o com força, tentando tranquilizá-lo.

Ele puxou-a pela cintura, com o braço bem apertado, e ergueu-a do chão sem esforço. Ela aninhou-se no colo dele, inclinou a cabeça para ver os olhos castanhos e profundos e riu feliz. Ele gostava vê-la rir naquela mistura de abandono e alegria. Sabia que ela estava feliz e isso era tudo o que queria: fazê-la feliz.

Ela tinha-o arrancado da letargia e abria as portas para um mundo novo. Até então, com exceção do genuíno afeto que sentia pelos pais, achava que o amor era um exagero dos poetas. Não compreendia como as pessoas podiam se perder por causa do amor. Aquela rendição melodramática ao amor parecia-lhe patética até encontrar Sarah. Agora achava que nenhum poeta tinha conseguido descrever o amor em toda a sua plenitude. Sarah era tudo para ele: era a vida que pulsava dentro dele.

6. O despertar das feras

Aquele que sabe refrear-se, está protegido do perigo e poderá viver muito tempo.

Lao Tzu (604 a.C.-531 a.C.)

Dia 4 de novembro os sete guardiões viajaram para a África do Sul. Por questões de segurança, formaram dois grupos e hospedaram-se em hotéis diferentes: Alessia, Uchoa, Seth e Kent viajaram pela manhã; Daniel, Dib e Elizabeth viajaram à noite. O dia seguinte seria para se ajustarem um pouco ao fuso local, e no dia 6 aconteceria a transmutação.

Elizabeth estava ansiosa. Fez várias perguntas, querendo saber o que aconteceria ou como aconteceria, mas Dib avisou-a que tudo seria revelado na hora certa, porque o conhecimento do processo, para quem nunca tinha passado por ele, poderia aumentar a ansiedade e descontrolar o corpo prematuramente.

Ao contrário da tensão geral que Elizabeth percebera no Mosteiro antes da sua Consagração, agora ela via os guardiões demasiado focados em si mesmos, tentando dominar uma espécie de frenesi que se tinha apoderado de todos e parecia contagiante. A

proximidade da transmutação e da lua nova, com sua energia renovadora, os deixava agitados e sensíveis: o cérebro já assimilara a mudança e eles faziam um esforço adicional para manter a racionalidade funcionando.

Dib acompanhava Elizabeth e no dia da transmutação fizeram a última refeição às duas da tarde. Dib obrigou-a a comer muito mais do que ela necessitava para evitar que sentisse fome. Pouco depois, Daniel foi ao quarto onde ela aguardava com Dib, e bastou vê-la, sentada no sofá, junto à janela, para perceber a sua aparência febril. Anunciou:

— Eu e Dib vamos levá-la à savana, e quando chegarmos, vou explicar o que precisa saber.

— Está bem... — anuiu Elizabeth, sentindo um arrepio causado pela febre. — E os outros?

— Combinamos com eles um ponto de encontro — informou Daniel.

Entraram no Land Rover, e Dib dirigiu durante quase três horas, no meio do capim alto, por caminhos invisíveis que só ele parecia capaz de reconhecer. Chegaram à base de uma montanha, quando a luz alaranjada do sol caía sobre a paisagem.

Daniel e Dib tiraram os sapatos e pisaram o chão sem receio dos pequenos animais letais que assombram o imaginário de pessoas comuns: aranhas, escorpiões e cobras. Ela os imitou, hesitante. Dib encorajou-a, rindo, enquanto começava a se despir com naturalidade:

— Pode pôr os pés no chão. Você vai saber instintivamente onde pisar e onde estão os bichos. Esse conhecimento está dentro de você.

Ela pisou na terra devagar, com desconfiança, e sentiu o chão morno que ainda retinha o calor do dia abrasador.

— Dispa-se, Elizabeth — disse Daniel, tirando o cinto das calças cáqui.

— Não — retorquiu envergonhada.

— Tire a blusa e as calças — insistiu Daniel, despindo a camisa e guardando-a no carro. Tirou as calças descontraidamente, e quando Elizabeth percebeu, os dois vestiam apenas modernos *boxers*. Mas o que parecia tê-la fascinado, além da naturalidade com que eles expunham seus corpos perfeitos, eram as cicatrizes que Daniel tinha, especialmente nas costas, e aquela marca exata das ss no braço. Elizabeth aproximou-se dele e ergueu a mão como se fosse tocar nas suas costas, mas Daniel voltou-se com rapidez, e recuando um passo disse com voz firme, de comando:

— A roupa, Elizabeth. Os brincos também.

Ela tirou os pequenos brincos de ouro, guardou-os no bolso das calças e começou a despir-se, perturbada por uma série de perguntas, e dividida entre o fascínio e a incredulidade, como se apenas naquele instante começasse a compreender a magnitude das transformações do seu corpo. Guardou a roupa no carro, dobrada sobre os sapatos, imitando o comportamento deles, e encarou-os: pareciam dois deuses esculpidos de mármore e plantados no meio da savana, onde os olhos dos bichos espreitavam a noite.

Daniel começou a explicar:

— Depois da transmutação alguns de nós afastam-se, mas conseguimos sempre nos localizar porque criamos um vínculo mental que nos permite chamar os outros, no caso de acontecer alguma coisa ou aparecer um grupo de caçadores. A nossa pele, enquanto leões brancos, é uma das mais valiosas e apreciadas. É rara! Por isso, é crucial que evitemos os homens. Esta vai ser a sua primeira

transformação consciente, e você vai compreender o que acontece com o seu corpo, tanto para se tornar uma leoa quanto para voltar à forma humana.

— E eu vou induzir a mudança? — questionou Elizabeth.

— Eu vou ajudá-la — disse Daniel.

— Vou ficar com você? — perguntou, olhando diretamente para ele.

— Sim. Não pode andar sozinha até que aprenda a se controlar — respondeu, com um sorriso quase malicioso. — Há um processo de iniciação durante o qual estarei ao seu lado. Nós chamamos esse processo de “caminhar juntos”. Você vai ouvir apenas a minha voz em todos os momentos. Eu vou ensiná-la a andar na selva, vou frear os seus instintos e vou determinar o momento de retornar ao corpo humano.

— E quem caminhou com os outros? — questionou Elizabeth, sentindo a temperatura do seu corpo aumentando.

— Arturo caminhou com todos, menos com Dib.

— Por quê?

— O seu pai me pediu que o iniciasse.

— E quem iniciou o meu pai?

— Eu, o seu pai e Besson iniciamo-nos juntos. E isso cria um elo inquebrável — contou Daniel, lembrando que aquilo tinha unido os três para sempre e era um dos motivos que levara Arturo a opor-se à morte de Besson quando ele abandonou a Ordem. Arturo não suportara a ideia de perder Besson.

— Como o laço que há entre você e Dib? É por isso que, por vezes, sabem sempre um do outro, mesmo quando estão distantes? — perguntou Elizabeth, entendendo por que Miguel tentara caminhar com ela, quando a levou para a Costa do Marfim.

— Temos esse laço enquanto guardiões, mas os que caminham juntos têm isso muito mais acentuado. Para sempre — elucidou Dib, falando da sua ligação umbilical com Daniel.

— Então os outros perderam esse laço, depois da morte do meu pai?

— Perderam, embora tenha sido menos doloroso do que seria normalmente, porque o seu pai se tornou humano e os laços diluíram-se. Mas quando acontece algo muito violento com um de nós, todos sentem, e isso é mais forte entre os que caminham juntos — explicou Daniel.

— E agora? Quais os passos para a transmutação? — Elizabeth sentia a pele ardendo.

— Primeiro vamos falar do retorno ao seu corpo humano. Após a transformação você começa a perder as referências humanas e a sua animalidade vai-se tornando dominante, podendo chegar ao "ponto de não retorno", que é um momento em que perderá as ligações humanas e fica presa no seu lado felino. Antes que isso aconteça, vou ajudá-la a voltar à forma humana. Porém, o prazer que sentimos quando somos feras livres é muito intenso e às vezes é difícil voltar.

— E se eu não voltar?

— Volta — assegurou. — Eu a faço voltar. A minha voz funcionará como um chamamento irresistível, porque vou ter sempre uma ascendência sobre você a partir deste momento.

— Entendo — respondeu, pensando na ascendência que ele já tinha, e imaginando o que aconteceria quando criassem uma ligação maior. Uma ligação que já começara quando ele arriscara a vida para acompanhá-la no ritual da Consagração, quebrando as regras da Ordem.

— Tem alguma dúvida sobre o que falamos até aqui?

— Não — disse, escutando o segundo Land Rover chegar. Viu-os descerem do carro e se despirem. Percebeu que um lampejo dourado estava se formando nos olhos deles. Uma pequena auréola que os últimos raios de sol iluminavam mostrando o nascimento das feras. Ficaram nus, sem pudor, muito mais próximos da natureza do que da civilização a que pertenciam. Dib despiu a última peça de roupa e juntou-se a eles, afastados cinco ou seis passos de Daniel e Elizabeth. Daniel disse, autorizando a transmutação:

— Podem ir.

Num segundo eles desapareceram com uma velocidade espantosa, para dentro da savana, fazendo os seus corpos transmutarem-se enquanto corriam, entre um salto e outro, ocultos pelo capim alto e quebradiço.

Daniel continuou à frente dela, observando-a atentamente, e explicando devagar:

— Agora, sim, vamos falar da sua mutação e eu vou induzi-la a isso. Tem que confiar em mim — aproximou-se mais dela. — Tem que entregar-se a mim, sem reservas. Sem medo.

Elizabeth assentiu com a cabeça, sentindo o corpo efervescente, sem saber onde começava o desejo por Daniel e aquela febre estranha que elevava a temperatura do corpo, dando-lhe uma sensação intensa de gripe.

— Tire o resto da roupa — pediu, despindo a última peça e atirando-a para dentro do jipe. Concentrou-se nos olhos dela, se esforçando por ignorar a fabulosa beleza nua, e continuou falando, mas agora sem emitir qualquer som, instalado no interior da cabeça dela.

— Esse calor que está sentindo vai aumentar e se espalhar pelo corpo. Vai dominar os seus sentidos, como se estivesse com febre de quarenta graus e delirasse. Sente? Não fale. Pense.

— Sinto — respondeu em pensamento, sem mover os lábios, mantendo os olhos fixos nele.

— É muito rápido, são apenas alguns segundos. Agora começou a sentir um frenesi incontrolável: é o seu corpo se transformando. Não é doloroso, mas é como se tudo dentro de você estivesse sendo esticado até o limite, e quando achar que não suporta mais, o seu corpo já estará mudado. Veja. Olhe para mim... — repetiu Daniel, majestosamente felino, se colocando ao lado dela e guiando-a para a savana, na trilha dos outros. Eles estavam perto do rio, onde costumavam descansar num abandono letárgico e feliz. Ao perceberem que Daniel e Elizabeth estavam bem, se afastaram numa corrida louca, embrenhando-se no mato.

Elizabeth sentou-se sobre as quatro patas, olhando em volta. Tudo era mais intenso. Todos os seus sentidos estavam mais aguçados. Olhou para Daniel sentado ao seu lado, quase imóvel. Podia ouvir o som dos bichos ao longe e ver a folhagem se movendo devagar sob o efeito de uma brisa leve. Sentiu uma excitação primitiva percorrer o seu corpo e teve um pensamento louco, ao olhar para ele. Chamou-o:

— Daniel?

Ele percebeu o desejo e o pensamento se formarem como um raio dentro dela, e mesmo antes que ela se expressasse, ordenou com uma voz ríspida, contrariando tudo o que o seu corpo animal queria, e que ele já havia negado ao seu corpo humano.

— Elizabeth, não é hora para isso. Pare!

Mas ela sabia instintivamente que ele a desejava e colocou a cabeça sob a sua mandíbula, provocando-o. Ele tentou empurrá-la com pata, mas ela ignorou o gesto e encostou-se mais, num convite explícito ao acasalamento. Tudo nela era irresistível, mas ele rejeitou-a mais uma vez com a pata e foi nesse instante que ela os

sentiu. Ergueu um pouco o corpo para observá-los melhor. Daniel soube, mesmo antes de ela saber o que faria, e chamou por Dib, antecipando-se ao que poderia acontecer.

Ela estava fascinada vendo a imensa manada caminhar até o rio para beber água. Eram centenas de búfalos, com as suas peles negras confundidas com a própria noite, alheios ao casal perfeito de leões brancos, oculto pela barreira formada pelo capim alto e pelas árvores.

Daniel sentiu a tensão se acumulando nos músculos, pôs a pata forte por cima do dorso dela com uma força bruta, e avisou:

— Elizabeth, nós não caçamos animais.

Elizabeth estava com os instintos à flor da pele, olhando aqueles monstros que se moviam dentro da escuridão, e sentindo a sua natureza predatória se sobrepor às regras. Ele argumentou, ciente do perigo eminente, para tentar ganhar tempo e esperar pelos outros:

— Eles nos matam. São centenas. Não faça isso.

Ela ergueu-se um pouco mais, colocou a cabeça quase fora da linha formada pela vegetação, e lutou contra a pata dele, que continuava a pressioná-la contra o chão. Nesse momento, Dib chegou silenciosamente com os outros e se posicionaram em volta dela. Qualquer movimento brusco chamaria a atenção dos búfalos, fazendo com que debandassem. E eles estavam no trajeto das suas patas possantes.

Daniel tinha que impedi-la de se mover ou seriam esmagados quando aquela massa negra se pusesse em movimento. A tensão era palpável, exceto para Elizabeth, obcecada com os búfalos. Daniel colocou as duas patas da frente sobre o dorso dela forçando-a contra o chão com o peso do seu corpo possante. Ela olhou-o como

se estivesse ausente, com o corpo em frenesi total. Daniel pensou de forma a que todos escutassem:

— Vou perdê-la, mas não posso forçá-la a voltar à forma humana neste momento...

— Solte-a, ou seremos todos destruídos. Tem que deixá-la ir, enquanto nós saímos da rota dos búfalos e tentamos ir por trás deles, para salvá-la — sugeriu Kent, friamente.

Daniel olhou-a e sentiu o coração se despedaçar, incapaz de tomar uma decisão: ou salvava o bando ou tentava salvá-la. Sabia que se a deixasse ir, a manada ia atirar-se contra ela e esmagá-la. Nem mesmo um guardião sobreviveria a um embate daqueles. O tempo era vital. Estavam todos com a adrenalina no limite, mas ninguém se movia e Daniel continuava sobre ela. Os segundos se arrastavam como se fossem horas. Não havia saída.

Daniel sentia-se culpado. Tinha percebido a proximidade da manada, mas o seu desejo por Elizabeth impediu-o de prever a reação dela com mais antecedência. Quando viu que os instintos predatórios dela tinham despertado, era demasiado tarde. Por isso aos guardiões eram proibidos o desejo e o amor. As leis antigas eram sábias. Mas não tinha tempo para pensar nisso. Precisava se concentrar. Tomar uma decisão. Excluía todos da sua mente e ninguém sabia o que estava acontecendo. Dib chamou-o, arrancando-o da corrente de pensamentos que lhe atravessava o cérebro desordenadamente:

— Daniel?

— Saiam. Posicionem-se por trás dos búfalos — ordenou, por fim.

— Não dá tempo, Daniel — avisou Kent. — Assim que nos mexermos, os animais vão sentir.

— O vento está a nosso favor. Nós é que os sentimos, por isso ela está tão descontrolada. Vão — insistiu Daniel.

— Eu fico — afirmou Dib.

— Preciso que vá — respondeu Daniel, querendo salvar o amigo.

Elizabeth sentia o peso dele esmagando-a contra o chão, mas naquele momento, o chamado da caça sobrepunha-se a tudo. Daniel sabia que talvez houvesse ainda uma forma de salvá-la: se acasalasse com ela, poderia fazê-la esquecer-se dos búfalos. Mas como poderia ele salvá-la violando outro dos preceitos essenciais da Ordem e condenando os dois? Chamou-a, numa última tentativa, punindo-se por ter vacilado:

— Elizabeth!

Mas ela não escutava, sedenta de sangue, pronta para quebrar a principal regra da Ordem que proibia matar e alimentar-se de qualquer ser vivo. Daniel viu os guardiões se afastando suavemente, um por um, mas viu também que os búfalos estavam se agitando, inquietos, como se estivessem pressentindo os predadores. Bastava que um dos animais debandasse para a manada segui-lo, enlouquecida. Daniel diminuiu a pressão sobre ela, devagar, preparando-se para soltá-la e, em seguida, tentar salvá-la. Se ao menos ela desse a volta e não atacasse os búfalos de frente, talvez houvesse uma pequenina chance de saírem com vida daquele incidente. Se ela o ouvisse e compreendesse o que ele dizia, poderiam salvar-se. Ele falou mais uma vez, ainda sobre ela, mas pressionando-a menos, quase pronto para deixá-la ir:

— Elizabeth, eu caço com você. Vamos juntos, mas temos que dar a volta... Vamos pela direita, para o lado da montanha. Se formos em frente e os atacarmos, eles nos esmagam. Estamos no caminho deles.

O vento tinha mudado, diminuindo o odor dos búfalos, mas começara a soprar em direção à manada e, em segundos, eles perceberiam o cheiro dos leões. Ela virou a cabeça para olhá-lo, e

respondeu, sentindo-se mais calma após a diminuição da intensidade do odor:

— Então vamos.

Ele soltou-a, mas no instante em que se moveram para a direita, em busca de refúgio no sopé da montanha, onde o rio começava, os búfalos vieram em disparada, levantando uma nuvem de poeira e fazendo ecoar as patas contra o chão com estrondo avassalador. Centenas deles, numa corrida desenfreada, formavam uma massa imensa e poderosa que galgava a distância mínima que os separava. Cem metros. Noventa metros.

Daniel e Elizabeth corriam vertiginosamente para a direita tentando alcançar o fim daquela linha negra que se movia com rapidez mortal. Sessenta metros. Cinquenta metros.

Daniel era muito mais possante que ela, mas não podia deixá-la para trás. Eles estavam quase no final da linha de búfalos, que avançava enlouquecida. Trinta metros. Vinte metros.

Elizabeth precisava fazer um esforço derradeiro.

Os leões avançaram, vindos do lado da montanha, tentando forçar o ritmo da debandada a mudar de direção. Mas não foram rápidos o suficiente. Dez metros.

Daniel jogou o seu corpo na frente dela, para tentar protegê-la. Era mais forte e suportaria melhor o impacto. Os últimos metros desapareceram e os búfalos se atiraram sobre eles, jogando-os para o alto, como marionetes, e espezinhando-os. Daniel levantou-se e começou a atacá-los furiosamente. Havia búfalos desfeitos sob a sua mandíbula. O cheiro do sangue impregnou o ar e, em segundos, todos os leões atacaram os búfalos, enlouquecidos.

Matthew Shaw, o responsável pelo núcleo de investigação dos Anjos Caídos, como passara a ser conhecido o dramático caso das crianças assassinadas, era tão inteligente quanto conservador. Formado em Oxford, preferia sempre abordagens científicas, onde explorava as evidências dos casos em que se envolvia. Quando Bardas, com quem trabalhara no caso da pedofilia que arrasara a Europa anos antes, falou na possibilidade de Daniel De Payens ajudá-los a compreender a ritualística dos assassinatos, Shaw optou por esmiuçar as provas. Quando elas já não permitiam explicar mais nada, rendeu-se e contactou Daniel, no dia 7 de novembro, bem cedo.

Shaw era muito racional e não acreditava em nada que pertencesse à remota esfera do sobrenatural. Mas em breve seria obrigado a rever os seus conceitos, para encaixar a magia e o divino, à força, no seu quotidiano.

A estranha ausência de mortes após um ciclo ininterrupto de seis semanas, em seis países, tornava tudo complexo, deixando sem sentido tanto os assassinatos quanto o seu abrupto fim. O que irritava profundamente Shaw era a falta de motivos aparentes para aquela matança. E esperava que Daniel De Payens o ajudasse a compreender aquilo.

Daniel viu o prefixo do número piscando sem parar na tela do seu celular. Eram sete da manhã. Imaginou que seria Shaw e, mesmo sem o conhecer, quase o amaldiçoou por ele ter o mesmo hábito infeliz de Bardas e telefonar de madrugada ou quase. Mas uma coisa era Bardas e outra Shaw, com quem não tinha qualquer relação. Aquilo o irritou.

Não estava em condições de falar com ninguém. Estava destruído. Não conseguia sequer pensar. Mas o telefone continua piscando silenciosamente, porque ele tinha desligado o som.

— Atenda — Dib aconselhou.

— Não quero — respondeu Daniel com a voz enrouquecida pelo pó e pelas violentas pancadas do acidente com os búfalos.

— Uma hora vai ter que atender. É melhor resolver já — insistiu Dib.

Daniel moveu o braço cheio de hematomas, e atendeu o celular.

— Sim?

— Daniel De Payens?

— Sim — respondeu, reconhecendo de imediato o sotaque inglês.

— Sou Matthew Shaw. Bardas me deu o seu contato e acho que já lhe adiantou o assunto...

— Sim.

Dib, sentado numa cadeira da sala em que se encontravam, quase sorriu com as respostas monossilábicas de Daniel, e só não o fez pela gravidade da situação em que se encontravam.

— Gostaria de poder contar com você aqui, em Londres, o mais rápido possível. Talvez daqui a dois ou três dias... Nós providenciamos tudo, claro — informou, se referindo às despesas de deslocamento. Daniel ficou em silêncio por alguns segundos, pensando no que dizer e principalmente como dizer. Por fim respondeu:

— Não será possível... Posso telefonar daqui a alguns dias?

— Fiquei com a impressão que Bardas havia mencionado a sua disponibilidade imediata.

— Sim, mas houve um imprevisto.

— Nada grave, espero? — disse o inglês com esperança de resolver aquilo rapidamente.

— Grave.

— Lamento. Então espero o seu contato, assim que possível — respondeu Shaw, totalmente britânico, evitando fazer perguntas

sobre um assunto que não lhe dizia respeito.

— Sim — disse Daniel desligando.

— O que era, para você estar tão monocórdico? — perguntou Dib baixinho.

— Shaw, o inglês a quem o Bardas me recomendou, queria que eu fosse para Londres em dois ou três dias... Inviável! — respondeu, deixando o corpo se afundar mais na cadeira.

— Nesse diálogo, o inglês parecia você — comentou Dib, fazendo alusão ao jeito econômico dos ingleses falarem.

Horas antes, às dez da noite, após o violento ataque dos búfalos, os guardiões colocaram Elizabeth no jipe e Dib dirigiu cuidadosamente, para evitar que ela sofresse com os solavancos da viagem, na estrada de terra batida, oculta pelo mato e pela escuridão. Assim que a encontraram, no meio de um tapete de búfalos mortos, com o delicado corpo feminino ensanguentado e torcido, souberam que o estado dela era grave: ela já estava em coma profundo, lutando para respirar. Daniel teve frieza suficiente para lhe fazer imediatamente uma traqueostomia, usando uma cânula improvisada com o tubo de uma caneta que estava no carro. Aquele procedimento prolongou a vida dela temporariamente, mas resolveu apenas uma milésima parte do problema. Os seus pulmões estavam inundados de sangue e, em breve, ela deixaria de respirar totalmente.

Quando chegaram ao hospital mais próximo, os médicos entubaram-na e tentaram estabilizá-la. Ela tinha ossos quebrados, uma grave contusão cerebral e uma intensa hemorragia interna. Após três horas e duas paradas cardíacas, os médicos estavam céticos: Elizabeth dificilmente resistiria e não tinham como cuidar

dela naquele hospital. Precisavam transferi-la para Johannesburgo, a quatrocentos quilômetros do local onde se encontravam, mas as opiniões eram divergentes: ela não sobreviveria se a movessem, mas, por outro lado, se não fosse imediatamente submetida a uma complexa cirurgia, também não teria chance. O prognóstico, em qualquer das situações, era fatal.

Daniel ouviu os médicos e tomou a sua decisão, pouco antes das cinco da manhã. Era óbvio que se ela continuasse ali, morreria. Uchoa e Seth conseguiram dois helicópteros, e avisaram o hospital de Johannesburgo sobre a gravidade do estado dela. O primeiro helicóptero chegou antes das seis da manhã. Daniel e Dib acompanharam Elizabeth. Os outros viajariam depois, no segundo helicóptero.

Durante a viagem, enquanto a observava, deitada na maca com tubos por todo o corpo, Daniel rezava para que chegassem a tempo. As horas passadas desde o momento em que a encontraram, espezinhada por dezenas de búfalos, transformaram-se num dos seus piores pesadelos. A ideia de perdê-la era insuportável e foi ao vê-la tão próxima da morte que tomou verdadeira consciência do profundo amor que ela lhe inspirava.

Daniel conseguira os melhores cirurgiões sul-africanos para atendê-la, e depois de ter falado com eles, remetera-se ao silêncio, ruminando a culpa e lutando para controlar a angústia causada pela imagem dela: o corpo em colapso, cedendo à morte, com o coração quase imperceptível. Ele já não conseguia senti-la: os batimentos cardíacos eram tão incertos e suaves que ela já não parecia ligada a terra.

— Não se sinta assim — disse Dib, percebendo a angústia e a culpa que consumiam o amigo.

— Foi culpa minha — desabafou, consciente do seu inconfessável desejo por ela e do quão perto estivera de deixar-se dominar por ele. Era por isso que ela estava com a vida presa por um fio, ele assassinara búfalos inocentes e obrigara todos os guardiões a fazerem o mesmo.

— Foi culpa minha! — repetiu num murmúrio, sem saber muito bem se entendia aquele acidente terrível como um aviso para não se aproximar dela ou como uma punição, por sentir todas aquelas emoções proibidas.

7. O fio invisível da fé

Ainda é humano muito do que há em vós, e muito do que há em vós ainda não é humano, mas antes um pigmeu informe que caminha adormecido no nevoeiro em busca do seu próprio despertar.

Khalil Gibran (1883-1931)

Miguel estava em Paris havia dois dias. Passou a noite insone, sem conseguir sequer fechar os olhos. Andou de um lado para o outro, impaciente e mal-humorado, no seu belo apartamento na Avenue des Champs-Élysées. Sentia uma pontada no centro do peito, no mesmo lugar onde, muitos anos antes, lhe doera a perda de Adèle. Um pensamento medonho atravessou o seu cérebro: a possibilidade de ter acontecido algo fatal com Elizabeth. Tudo silenciou dentro dele, como se o mundo escurecesse novamente à sua volta e a luz que Elizabeth trouxera se tivesse esvaído.

Tentou se acalmar, ocupando a mente: analisou os dez dossiês dos colecionadores que tinham alguma probabilidade de possuírem as relíquias. Cada dossiê tinha uma biografia, referências detalhadas dos objetos adquiridos recentemente e várias fotografias. Ambrósio

era muito eficiente e havia começado a investigação pela Ásia, seguindo para os Estados Unidos. Agora iria para a África e Emirados Árabes, onde havia quatro colecionadores, e por fim viajaria para a Europa investigar os onze restantes. Leu e releu as informações, mas elas não significavam nada enquanto não as comparasse com as fotografias das pessoas que haviam contatado Dimitri Sergeevich. Porém, sentia uma inquietação que o impedia de pensar com clareza. Às nove da manhã decidiu telefonar para Daniel.

— De Payens?

— Não tenho boas notícias, Besson — avisou Daniel, como se estivesse aguardando o telefonema dele. Miguel estremeceu e sentiu a dor se alastrar do peito para o resto do corpo.

— Por favor, De Payens... Por favor, não me diga que foi Elizabeth — pediu, como se as palavras lhe rasgassem a garganta quando as pronunciava. Daniel ficou em silêncio, dando tempo para que ele se ajustasse à ideia, antes de dizer:

— Ela está em cirurgia há mais de uma hora, mas as hipóteses de sobrevivência são muito reduzidas — Daniel falava devagar, dominado pelo cansaço, e ainda sem acreditar que aquilo estivesse acontecendo. Tudo estava distorcido pelo amor que sentia por ela.

— O que aconteceu? — questionou Miguel, se esforçando por dominar as emoções.

— Acho que devia vir até aqui, se quiser vê-la, Besson... Devia vir já — insistiu Daniel e, nesse instante, Miguel percebeu que a situação devia ser muito grave e que ela estava mesmo à beira da morte. Daniel estava praticamente dizendo que ele deveria ir se despedir dela.

— Vou — respondeu Miguel, desligando o telefone atordoado, para só depois perceber que Daniel não lhe explicara o que havia acontecido.

Em seguida falou, negociou e subornou os seus contatos para conseguir um avião que o levasse para a África do Sul o mais rápido possível. Conseguiu marcar a decolagem do voo Paris-Johanesburgo para as cinco da tarde.

Arrumou um saco de viagem, onde guardou o Punhal das Almas e outros objetos rituais que lhe permitissem resgatar Elizabeth, se necessário. Estava disposto a qualquer sacrifício para salvá-la. Nos seus olhos havia desespero, mas também uma decisão inabalável, uma força capaz de fazê-lo desafiar qualquer regra ou lei, para garantir que ela não morresse.

Estavam numa das salas do hospital, esperando notícias de Elizabeth. Daniel avisou, formalizando aquilo que eles já haviam escutado da sua conversa telefônica com Miguel:

— Besson está vindo para cá.

— Será sábio? — perguntou Seth.

— Neste momento é difícil saber o que é sábio — murmurou Dib.

— Mas é melhor que ele participe e saiba o que está acontecendo. A fúria dele costuma deixar um mar de sangue, e não queremos isso.

— Ele não vai fazer nada. Está destroçado — afirmou Daniel.

— Estamos todos — confirmou Alessia, sem saber como lidar, simultaneamente, com a perda eminente de Elizabeth e a presença de Besson, tantos séculos depois.

Depois de alguns minutos de silêncio, Kent disse:

— Daniel, prefiro não me encontrar com Besson.

— Compreendo. Quer voltar para São Paulo?

— Não. Vou ficar no hotel. Por favor, sugira que ele se hospede no mesmo hotel em que você e Dib estão — Kent falou sem a raiva habitual, mas era perceptível uma grande mágoa por trás das suas

palavras. Alessia aproveitou a ocasião para se alinhar com Kent, dizendo:

— Estarei com Kent, se você concordar, Daniel. Deixamos o hospital antes de Besson chegar.

Daniel assentiu com a cabeça. Estava se recuperando rapidamente, como todos os guardiões, da violência brutal da noite anterior. Mas o caso de Elizabeth era diferente: a sua energia vital se esvaíra e o corpo estava tão destroçado que não conseguia se regenerar. Todos os seus órgãos internos estavam destruídos: baço, rins, fígado... As costelas quebradas tinham perfurado os seus pulmões. Os médicos não compreendiam como ela tinha sobrevivido até o momento de entrar na cirurgia, o que já era considerado um milagre.

Daniel organizou tudo para que os guardiões doassem sangue e foi muito específico com os médicos, para que só fizessem transfusões a Elizabeth com o sangue deles.

Às quatro da tarde, Miguel telefonou de novo:

— De Payens, como está Elizabeth?

— Ainda está em cirurgia.

— Mais de oito horas... — notou Miguel, como se aquilo fosse um mau augúrio.

— Pelo menos ainda está conosco... — lembrou Daniel.

— O sangue... — começou falando Miguel, mas foi interrompido por Daniel.

— É nosso. É isso que está ajudando. Já usaram todo o que doamos: quase três litros. Cada um de nós só pode doar quatrocentos e cinquenta mililitros por vez. Vamos doar novamente,

mas foi quase uma guerra para os médicos aceitarem. É contra o protocolo.

— Dane-se o protocolo, De Payens — disse Miguel, perdendo a fleuma habitual. — Nós podemos perder mais da metade do nosso sangue num dia, sem que isso nos afete.

— Eu sei, mas não podemos dizer isso aos médicos — argumentou Daniel. — Além disso, já contornamos o problema. Alessia está agora doando pela segunda vez. Você já chegou?

— Ainda estou em Paris. O meu avião parte em uma hora. Não consegui ir antes.

— O que você está fazendo em Paris? — perguntou, surpreendido com a informação. Achava que Miguel estava em São Paulo. E mais, acreditava que ele já devia estar a meio caminho de Johannesburgo.

— Vim resolver uns assuntos — informou Miguel, sem revelar a razão concreta da sua visita a Paris. — Chego aí por volta das cinco da manhã. Horário local.

— A situação de Elizabeth é muito complicada, Besson — avisou, embora ele próprio rejeitasse a possibilidade de perdê-la.

— Ela vai ficar bem — disse Miguel, com segurança. — Mas não podemos deixá-la apenas nas mãos dos médicos, certo?

— O que quer dizer? — questionou Daniel.

— Que somos quem somos e temos que usar isso a favor dela.

— Estamos tentando ajudá-la, Besson... Por isso ela continua aqui.

— Pense noutra solução, De Payens. Você é o melhor de todos nós no improviso. Falamos quando eu chegar — rematou Miguel, desconhecendo que Daniel não conseguia vislumbrar nenhuma solução, por estar mergulhado num mar de emoções completamente novo para ele.

— Você já pensou em alguma coisa? — perguntou Daniel devagar, querendo saber se Miguel havia feito algum ritual para ajudar na

recuperação de Elizabeth.

— Já fiz a minha parte, por hoje. Falamos depois — disse, enigmático, antes de desligar.

Daniel pensou na última frase de Miguel e começou a preocupar-se com o que ele poderia ter feito. As forças da natureza têm que ser usadas de maneira positiva, por meio de magia branca. A magia negra oferecia resultados rápidos, mas o preço exigido era sempre demasiado alto, incerto e desastroso. Daniel temia que Miguel tivesse recorrido à magia negra para salvar Elizabeth, porque isso significava que ela também teria que pagar um preço. Aquilo definitivamente não seria uma boa ideia.

Daniel precisava descobrir uma solução extraordinária para arrancar Elizabeth das garras da morte. No entanto, por mais que tentasse pensar não lhe ocorria nada que já não tivessem feito: na véspera fora a energia deles jogada diretamente sobre o corpo dela com as mãos, como faziam os seus antepassados cátaros, que a segurou à vida. Porém, tudo o que conseguiram, nas horas entre o acidente e o início da cirurgia, foi prolongar aquele sopro tênue de vida, que parecia ser o último fio que a mantinha ligada ao mundo.

Alessia entrou na sala e colocou a mão no braço de Uchoa com suavidade, antes de dizer:

— Terminei. É a sua vez.

Uchoa foi doar sangue, mais uma vez, contra as resistências das enfermeiras e dos médicos, que recomeçavam a listar uma longa ladainha de restrições sempre que um deles ia até lá pela segunda vez, apesar de todos terem assinado termos de responsabilidade.

Daniel anunciou com a voz quase normal, praticamente sem vestígios de rouquidão:

— Besson chega por volta das cinco da manhã. Só conseguiu um voo agora. Ele disse que temos que usar o que somos em benefício dela. E tem razão.

— Já fizemos isso com a nossa energia e continuamos fazendo ao doar sangue para as transfusões: é o nosso líquido vital. O líquido mais sagrado de todos — comentou Seth.

— Ela já devia estar se recuperando. Nós nos regeneramos. Por que é que ainda não aconteceu com ela? — perguntou Alessia, incapaz de controlar a angustia. Perder Arturo, Bento e Elizabeth era excessivo para todos, principalmente para ela.

— Essa é a grande pergunta desde ontem — disse Daniel. — A pergunta que não nos atrevemos a verbalizar. Mas a verdade é simples: ela foi massacrada de tal forma que nenhum órgão vital resistiu. E se ela está aqui é por ser uma guardiã, porque ninguém resistiria ao que ela passou. Então a questão não é se ela está se regenerando. A questão é se ela consegue aguentar até os médicos selarem os seus órgãos. A partir desse momento, ela melhora.

— Isso é a razão ou a fé? — perguntou Kent, com os olhos semicerrados, sentado numa cadeira com a cabeça encostada para trás, apoiada na parede.

— Ambas — respondeu Daniel. — Mas neste momento é a fé que nos segura.

Dib saiu do lugar onde estava, junto à janela, deu três passos largos até Daniel, sentou-se na cadeira vazia ao seu lado e disse como se acabasse de ter uma epifania:

— O terço.

— O quê? — perguntou Daniel, perplexo.

— O Terço dos Anjos — repetiu Dib baixinho. Uma luz explodiu nos olhos de Daniel e ele perguntou para Alessia:

— Lembra-se do terço de marfim? O Terço dos Anjos?

— Sim — disse ela, percebendo de imediato os motivos da pergunta. — Acha que ajudaria?

— Tenho certeza de que ajudaria. Será que ela o trouxe? — perguntou Daniel, com esperança.

— Não o vi quando arrumei a mala dela, antes de irmos para Johannesburgo. Mas posso procurar dentro da bolsa e nos fechos interiores da mala. Vou ver agora — disse levantando-se rapidamente, para ir ao hotel onde estavam as bagagens.

— Vou com você — ofereceu Kent, gentilmente.

— E se não estiver aqui? — perguntou Seth.

— Algo me diz que não está — respondeu Daniel, usando a sua expressão premonitória, *algo me diz*. — Vamos ter que ir buscá-lo em São Paulo.

— É melhor tentarmos já alugar um avião e deixar em *stand by*. Aqui é difícil conseguir um avião para ir até São Paulo... — lembrou Seth, indo até a porta exterior do hospital, onde começou a fazer contatos para organizar a viagem.

Às nove da noite Bardas telefonou. Justo naquele dia parecia que todos resolveram ligar. Daniel moveu a cabeça de um lado para o outro, em sinal de rejeição, avaliando se atendia ou não o telefone. Um dos médicos acabara de sair da sala para falar sobre o estado de Elizabeth, que continuava na sala de cirurgia. Tinham-se passado quase catorze horas, e durante o processo ela tivera mais duas paradas cardíacas e os cirurgiões não sabiam explicar como continuava viva. As hemorragias internas estavam relativamente controladas, mas os médicos estavam ainda suturando os seus órgãos vitais: não haviam encontrado um único órgão intacto dentro dela. Além disso, surgiu um novo problema: uma hemorragia

cerebral, no lóbulo frontal esquerdo. Eles acreditavam que, caso ela sobrevivesse, ficaria com sequelas, mas era impossível determinar a extensão dos danos.

— Mais quantas horas de cirurgia? — perguntou Daniel, econômico.

— Três, quatro... Depende. Ela está em estado crítico permanente. Na verdade, não entendemos como sobreviveu até agora — informou o médico.

— Ainda há sangue? — quis saber Uchoa.

— Acredito que haja o suficiente: ainda temos um litro e as hemorragias maiores estão controladas. Mas, repito: a situação dela é muito crítica. Tudo pode mudar a qualquer momento. Para pior.

— Ela vai sobreviver? — perguntou Seth, exasperado com a delicadeza do médico.

— Dificilmente — disse finalmente o médico, preparando-os para o cenário mais provável.

— Mas se ela já não tem hemorragias... Não compreendo — insistiu Seth.

— Senhor, acredita em milagres? — perguntou o médico, para tentar dar a dimensão do estado de Elizabeth e dizer que a ciência estava fazendo o que podia, mas, na verdade, ela já se encontrava em uma situação muito além do alcance da ciência.

— Sim, acredito — disse Seth, sem hesitar, desconcertando o médico com a sua segurança.

— Bem... Então reze por um — concluiu se afastando, com a tranquilidade típica dos cirurgiões habituados a lidar diariamente com a vida e a morte.

Ao perceberem que o terço não estava entre as coisas de Elizabeth, Alessia e Kent viajaram para São Paulo. Se tudo falhasse, ainda havia a possibilidade do terço ajudar Elizabeth, mas isso só

aconteceria na noite seguinte, após as longas viagens de ida e volta. E, para isso, eles tinham que mantê-la até lá.

O telefone de Daniel continuava tocando. Ele suspirou.

— Bardas, como vai? — falou com voz cansada, esgotado pelos eventos.

— O que lhe aconteceu, *hombre*? Shaw me disse que não pode vir para cá porque aconteceu algo grave, e eu estou tentando falar com você que nem um desesperado... — disse dramático.

— Elizabeth teve um acidente e está em coma. Só saio daqui quando ela melhorar — interrompeu firmemente, não dando espaço para qualquer pedido ou negociação.

— Ai, meu Deus... *Putá Madre!* — disse Bardas, preocupado com Elizabeth e se expressando como um verdadeiro espanhol. Mas também estava preocupado com os últimos eventos de Paris. Para ele tratava-se de uma matemática simples: era a preocupação com a vida de uma pessoa *versus* a preocupação com a vida de centenas. A Europa estava à beira da ebulição. Havia pequenos motins em vários países e a polícia tentava controlar as manifestações, sem recorrer ao uso da força, porque compreendiam o terror que abalava todos, especialmente os pais das crianças assassinadas, que clamavam por justiça.

— O que foi? — perguntou Daniel, percebendo a ansiedade de Bardas.

— Foram assassinadas mais doze crianças.

— Mas nem sequer é sexta-feira. Isso não combina com o padrão — respondeu Daniel apreensivo. O mundo parecia disposto a cair sobre ele, em um momento em que ele não tinha lucidez suficiente para pensar em nada.

— Não combina mesmo. Sexta foi dia 5 e isto aconteceu esta manhã, dia 7.

— Dia 7 — repetiu Daniel baixinho, lembrando-se do número sete com que Elizabeth sonhara, mas ainda sem conseguir estabelecer alguma conexão. — Onde?

— Paris. Em plena Paris. E ninguém viu nada — informou.

— A que horas? — perguntou Daniel vagarosamente, cheio de precaução, lutando contra um pensamento terrível que começava a nascer no seu cérebro, ao lembrar que Besson estivera em Paris naquela manhã.

— O ônibus ia para uma excursão e desapareceu às dez da manhã. Foi encontrado às três e meia da tarde na beira da rodovia A1, depois da polícia ter revirado a cidade inteira...

— No caminho para o aeroporto Charles de Gaulle?

— Sim. Por quê?

— Curiosidade. — Daniel tentou raciocinar, sabendo que aquele percurso era o que Miguel fizera para dirigir-se ao aeroporto, de onde partira às cinco da tarde. — E as crianças?

— Estavam três quilômetros antes do ônibus, em um descampado, todas em fila, alinhadas e aprumadas, exatamente como as anteriores.

Daniel tentava assimilar a informação, mas o seu pensamento continuava ocupado por Elizabeth. Além disso, estava incomodado com presença de Besson em Paris durante o período em que acontecera aquele episódio: Besson soube do acidente de Elizabeth às nove; as crianças desapareceram às dez; o ônibus foi encontrado às três e meia da tarde, a caminho do aeroporto, de onde Besson partiu, hora e meia depois.

— Bardas, percebo o drama, mas também estou com um problema aqui. Telefone assim que a Elizabeth estabilizar.

— Entendo — disse Bardas, antes de desligar, sentindo-se um pouco culpado por incomodar numa hora daquelas.

Daniel disse para Dib, omitindo a possibilidade de Besson ter alguma coisa a ver com aquilo:

— Mais doze crianças mortas em Paris.

— Isto parece uma conspiração: tudo acontece ao mesmo tempo — afirmou Dib.

— A tendência é esta: o caos gera mais caos. Temos que nos acalmar — Daniel respirou fundo e fechou os olhos, em busca de silêncio e paz. Mas mesmo ali, nas profundezas da alma, só encontrava Elizabeth e o horror que o seu desejo por ela havia causado.

Eram seis e meia da manhã do dia 8 quando Miguel entrou no hospital. Não dormiu durante a viagem. Na verdade não dormia há duas noites: na primeira estivera perturbado por pressentimentos terríveis, e na segunda pela possibilidade de perder Elizabeth.

Assim que entrou na sala de espera viu três guardiões sentados, com o rosto virado para baixo, como se estivessem numa oração silenciosa. Eles sentiram-no, levantaram o rosto e olharam-no fixamente. Era uma situação estranha para todos. Dib foi o primeiro a reagir dirigindo-se a ele, como se Besson pertencesse à Ordem:

— Seja bem-vindo — deu-lhe a mão direita e colocou a esquerda sobre a de Miguel pressionando mais o polegar, usando o código de reconhecimento e aceitação de um irmão.

Seth e Uchoa repetiram o comportamento.

— Daniel pediu que doasse sangue, assim que chegasse. Sobrou só uma bolsa — avisou Seth.

— Sim — concordou, ainda com a mala numa das mãos.

— Eu o acompanho — ofereceu-se Dib, para levá-lo ao local onde doaria sangue. — Se quiser deixe sua mala com Seth e Uchoa.

Estará segura.

Lembrou-se que o Punhal das Almas estava na caneleira da sua perna direita e não havia problemas em deixar a mala na cadeira ao lado de Seth.

Minutos depois, Miguel abriu o botão do punho da camisa, dobrou a manga até acima do cotovelo com gestos precisos e ofereceu o braço, com veias visíveis, a uma das enfermeiras, que pareceu se encantar com ele.

— Como é que ela está? — perguntou, observando Dib. Aquele era o único guardião que não conhecera e entrara na Ordem para ocupar o lugar que ele deixara livre. Dib sentou-se na cadeira ao seu lado e respondeu tranquilo, dominando a angústia:

— Estável.

— Isso significa...?

— A cirurgia levou quase vinte horas: começou ontem antes das oito da manhã e terminou hoje às três da manhã. Não existe um único órgão dentro do corpo dela que não tenha sido suturado. Fizeram também uma cirurgia no cérebro, e os médicos acham que, se ela sobreviver, vai ficar com sequelas. Durante a cirurgia teve duas paradas cardíacas e recebeu quase cinco litros de sangue em transfusões — Dib informou com precisão, deixando Miguel assombrado com o estado dela. Depois de uns segundos para assimilar toda aquela informação, Miguel perguntou:

— Só sangue nosso?

— Sim, e foi provavelmente o que a manteve viva.

— Mas o que tudo isso significa agora? — insistiu Miguel.

— Significa que ela continua em coma, em estado crítico, mas sem hemorragias. O ritmo cardíaco está controlado. Está na UTI, e as chances de sobrevivência aumentaram de um por cento, quando chegou aqui, para dez por cento, que é a situação atual.

— Isto é excelente: as chances aumentaram mil por cento — rematou Miguel, com os olhos brilhantes, como se tivesse acabado de acender uma lâmpada dentro dele. Nesse momento Dib viu a força que Miguel emanava, aquela energia vital em relação à vida, de que Daniel falava, e que precisava de muito pouco para se revelar. A alegria e a esperança dele eram contagiantes e pareciam propagar-se à medida que ele as sentia. Dib acreditava que ela viveria, mas com Miguel parecia mais fácil acreditar que tudo daria certo, e não apenas que ela sobreviveria.

Miguel não perguntou o que tinha acontecido, e Dib achou elegante que ele reservasse as suas dúvidas para Daniel, de quem fora amigo, antes dos muitos séculos de distanciamento. Quando acabou de doar sangue, depois de ter sorrido para as enfermeiras, desdobrou a manga da camisa e vestiu o blazer. Estava perfeito. Parecia ter acabado de sair de casa para ir trabalhar, em vez de ter viajado a noite inteira, de um continente para outro.

Dib conduziu-o pelos corredores do hospital até a UTI. Espreitaram pelo vidro da porta: o quarto parecia uma nave espacial e Elizabeth, um ser interplanetário e irreconhecível no meio de tantos tubos.

— Você não me disse que ela estava ligada à máquina para... respirar — constatou Miguel, com a voz ligeiramente trêmula, observando Daniel, vestido com roupa especial e máscara, sentado ao lado da cama, segurando a mão inerte de Elizabeth e falando com ela numa língua incompreensível para a enfermeira que ajustava uma das máquinas.

— Dez por cento, Besson — lembrou Dib, percebendo como os olhos dele se umedeciam involuntariamente. Dib sentiu que ele a amava muito e se solidarizou com ele. Estavam do mesmo lado, querendo o melhor para ela, querendo que ela voltasse à vida. Dib se afastou para lhe dar privacidade.

Depois de se recompor, Besson bateu no vidro da porta. Daniel o viu. Dirigiu-se para uma pequena sala de vidro que ficava à direita do quarto, com uma porta externa, que funcionava como câmara de esterilização. Despiu as roupas especiais e atirou-as para um cesto. Havia vários outros conjuntos fechados em plástico, sobre uma prateleira de vidro.

Quando se olharam, naquele momento de fragilidade, parecia que todos os anos cheios de mágoas não tinham acontecido. Daniel abraçou-o, feliz por ele estar ali, e Miguel abraçou-o de volta, com força, beijando-o no rosto, com o fraternal cumprimento dos guardiões.

— O que aconteceu, De Payens? — perguntou desesperado, porém sem responsabilizá-lo.

— Preciso de um café — disse, caminhando para a cafeteria, enquanto telefonava para Dib, para que ele ficasse com Elizabeth.

Miguel percebeu que ele estava abatido, mas mantinha aquela elegância inata, misturada à indiferença absoluta com a sua fenomenal beleza.

Minutos depois sentaram-se na mesa da cafeteria do hospital com duas xícaras de café fumegante e dois sanduíches de queijo. Miguel disse, para iniciar a conversa:

— Acabei de chegar, mas em Johannesburgo não se fala noutra coisa senão num bando de leões que matou mais de cinquenta búfalos na noite passada. Ninguém se lembra de ter acontecido nada remotamente parecido, até porque os animais caçam para comer. E o comportamento desses leões é totalmente inexplicável. Dizem que eram leões brancos. Sagrados leões brancos — enfatizou. — Mas o mais estranho é que ninguém viu mais os leões. Desapareceram. Você ouviu alguma coisa sobre isso?

Daniel olhou para ele sério. Deu uma dentada no pão e se esforçou para engolir. Parecia que tinha a garganta fechada. Abandonou o pão no prato e sorveu meia xícara de café, com goles lentos, antes de começar a falar. Contou tudo o que acontecera, até o mais ínfimo detalhe, omitindo apenas os seus sentimentos inconfessáveis por Elizabeth e os dela por ele. Assumiu que era o responsável pelo acidente, mas Miguel se esforçou para convencê-lo que ele não tinha culpa de nada, acreditando que muita da angústia de Daniel tinha origem nesse fato. Miguel não imaginava que ambos amavam a mesma mulher, e isso era algo que Daniel tentava ocultar e esquecer.

— Mas o que deu nela, De Payens?

— Não sei... — mentiu, sabendo que se tivesse cedido ao desejo, Elizabeth não estaria ali, naquela cama de hospital, lutando pela vida, mas teria acontecido outro tipo de desgraça.

— Quem matou os búfalos? — perguntou Miguel, mencionando a violação da lei sagrada.

— Todos nós.

— Todos?

— Sim... Mas disso também sou o culpado.

— Pare de se culpar, De Payens. Eu acredito que os erros são corrigidos automaticamente pela vida, quando há razões muito fortes por trás.

— Corrigidos como? — estranhou Daniel. — Eu sou o líder e levei a Ordem inteira a quebrar um dos nossos princípios mais importantes.

— As regras têm exceções. Você tomou a decisão certa: ou era assim, e você matava os búfalos, ou a Ordem podia desaparecer. O que aconteceu com Elizabeth podia ter acontecido com todos. *Ele* sabe disso — disse apontando para cima com o dedo, em tom de

desafio. Daniel sacudiu a cabeça, quase sorrindo. Realmente só Miguel, com aquela sua lógica distorcida, poderia fazê-lo sorrir naquele momento.

— Não sei o que fazer para ela melhorar — confessou Daniel, bebendo mais um gole do resto do café, agora frio. Miguel levantou o braço e quando a garçonete se aproximou pediu mais dois cafés.

— Ela já está se regenerando? — perguntou Miguel, baixando o tom de voz.

— Não. Mas também não está piorando.

— Temos que fazer alguma coisa, De Payens.

— Você disse que tinha feito a sua parte. O que você fez? — perguntou Daniel, sem conseguir afastar as dúvidas sobre a participação de Miguel nos assassinatos das crianças.

— O que acha que eu fiz?

— Não sei... Por isso perguntei: o que você fez? — insistiu Daniel.

— Enviei a minha energia. Só isso — respondeu candidamente. — Mas talvez seja necessário algo mais radical.

— Pedi que Alessia e Kent fossem buscar o terço dela...

— Enviou-os para São Paulo? — questionou, com um sorriso leve, descobrindo por que ainda não tinha visto nenhum dos dois.

— Voltam esta noite, mas ainda faltam mais de quinze horas para chegarem. Se a mantivermos estável, o terço pode resolver.

— Mas se o terço não funcionar, tem que me deixar salvá-la, De Payens — avisou.

— Como?

— É melhor não saber. Tem que confiar em mim.

— Como é que você me diz duas coisas tão contraditórias na mesma frase? — perguntou Daniel, terminando o segundo café e começando a sentir-se um pouco melhor.

— Porque se você souber, não vai permitir. E se não permitir, provavelmente vamos... perdê-la — disse, hesitando à procura de uma palavra que definisse o que podia acontecer.

— E qual é o preço que ela terá que pagar? — quis saber Daniel.

— De Payens, neste momento estamos todos com as contas muito desequilibradas. Mas garanto que o preço será meu. E mesmo assim você vai se opor.

— Tão mau assim?

— Sim... Muito mau — respondeu Miguel, com frontalidade.

— E está disposto a fazer isso, seja lá o que for, por ela, Besson?

— Tanto quanto você matar os búfalos e violar a lei mais básica da Ordem para salvá-la. Quantos matou, dos cinquenta?

— Muitos... Mais da metade — confessou, tentando imaginar o que Miguel faria de tão terrível para salvá-la.

— Até o final do dia temos que fazê-la voltar para nós — disse Miguel, firme.

— Combinado.

— Agora, se você não se importar, gostaria de ficar algum tempo com ela. Vá até o hotel... — sugeriu para Daniel, que estava visivelmente cansado.

— Quer que faça o seu check-in?

— Sim. Por favor — respondeu Miguel, enfiando a mão no bolso interno do blazer e tirando o passaporte, que entregou a Daniel. — Deixei a mala com o Seth.

— Eu pego. Volto daqui a pouco. Uchoa e Seth ficam por aqui... Depois trocamos.

— Está bem — concordou Miguel, levantando-se e começando a caminhar até o quarto da UTI onde Elizabeth estava.

8. O cordão dourado

Terá o dedo da morte que pousar de tempos a tempos no tumulto da vida para que este não nos destrua? Seremos feitos de tal massa que precisemos tomar diariamente pequenas doses de morte, sob pena de não conseguirmos cumprir a missão de viver?

Virginia Woolf (1882-1941)

Miguel aproximou a cadeira da cama de Elizabeth e sentou-se. Ela estava irreconhecível. Havia raspado o seu cabelo para a cirurgia na cabeça, agora protegida por gaze. Todo o cabelo se fora. Tinha o rosto coberto de hematomas, o braço e a perna esquerda totalmente enfaixados, e os pedaços de pele visíveis estavam cheios de tubos e fios. E havia ainda aquela máquina que obrigava o seu peito a subir e descer, empurrado por uma mão mecânica que agora substituía a invisível mão divina, responsável pela respiração de todos os seres.

O corpo dela parecia desabitado, mas nos confins da inconsciência, persistia uma luz frágil que contrariava as evidências médicas e a lógica científica. E essa incoerência, que fazia a vida palpitar quando não parecia possível, era o sopro de Deus em Elizabeth.

Miguel segurou a mão dela com cuidado, evitando puxar os fios e agulhas enfiados nas suas veias. Beijou-a com suavidade. Ficou ali, imóvel, com a cabeça inclinada, a testa encostada à mão dela e os dedos presos aos dela. Naquele momento amá-la parecia suficiente. A única coisa que queria era a salvação dela, mesmo que ela o rejeitasse. Bastava-lhe pensar que ela voltaria a viver, sem sequelas. Mas até ele, depois de vê-la naquele estado, começava a ter dúvidas. Percebia claramente que algo dentro dela se havia rompido. E as batidas leves do seu coração eram apenas um eco da presença dela, mas ela já não parecia estar ali, e agora ele compreendia isso. Aquela pequena luz, que teimava em brilhar, era uma luz de adeus, o último resquício divino dentro dela, porque o seu lado humano já se fora.

Pela primeira vez desde a morte de Adéle, Miguel chamou por Deus. Primeiro chamou baixinho, quase com medo, até a sua voz aumentar e se firmar. Depois evocou-O por todos os nomes que conhecia, em todas as línguas de que se lembrava, pedindo que a salvasse. Mas só havia o silêncio e nenhum sinal da presença de Deus. Um silêncio terrível, sufocante, interrompido pelo suave ciciar das máquinas que mantinham Elizabeth viva.

Sentia o punhal contra a sua perna, como se estivesse pegando fogo, em busca de um sacrifício que o tornasse capaz de suportar o sofrimento. Mas em vez de sucumbir àquele desejo continuou firme, ao lado dela. Não soube quantas horas ficou ali, imóvel, sem parar um único segundo de suplicar-Lhe que a salvasse. Só se mexeu quando ouviu Daniel bater no vidro, chamando-o. Despiu a roupa esterilizada, jogou-a no cesto, como Daniel fizera antes, e saiu do quarto. Olhou para Daniel, com desespero, e anunciou:

- Não consigo sentir a vida nela. Esvaiu-se.
- Não se esvaiu. Está aí. Temos que acreditar.

O desespero era assim: ora fazia um vacilar, ora fazia o outro duvidar. Mas a esperança também era assim: intermitente. Miguel meneou a cabeça. Daniel reforçou:

— Besson, não podemos pensar assim. Ela se alimenta da nossa energia. Você sabe disso. Você é o mais otimista de nós... O que aconteceu?

— Aprendi a reconhecer quando a vida acaba. Sei quase tudo sobre isso... — confessou.

— Ela ainda tem o cordão dourado, o que significa que a alma dela continua ligada ao corpo. Enquanto o cordão não se romper ela pode voltar.

— Como sabe que ela tem o cordão dourado? Como é possível, se não consigo senti-la?

— Também não a sinto, mas vi.

— Quando é que a viu? — questionou, atento, fixando nele o seu olhar analítico.

— Enquanto estava no hotel — relatou, parecendo mais sereno.

— Como foi que conseguiu isso?

— Besson... — Daniel apertou carinhosamente o braço dele como se quisesse confortá-lo. — Não posso lhe falar sobre isso.

— Não quero saber como você fez, quero apenas que me diga o que fez.

— Eu consigo caminhar pelos mundos todos: dos sonhos, das sombras, da luz e, também, na fronteira dos vivos e dos mortos.

— Nos mundos todos? Isso não é possível — discordou, surpreso. — É por ser o Supremo?

— Não. É um dom que aperfeiçoei durante o meu treinamento.

— E onde a viu? — perguntou Miguel, com admiração.

— Na fronteira dos mortos, mas o cordão ainda é visível e, aparentemente, firme.

— Então o que a prende por lá?

— Na verdade é o que a prende por cá — informou Daniel. — Nunca encontrei ninguém tão distante na fronteira, e ainda tão preso à vida aqui. Por isso digo que a nossa energia é crucial para ela. Vá descansar um pouco, vai lhe fazer bem. Volte no final da tarde.

— Que horas são? — perguntou, aturdido com a informação, mas sentindo-se esperançoso.

— Duas.

— Vou aceitar a sua sugestão — antes de se afastar, perguntou: — E o terço?

— Alessia e Kent já estão voltando — avisou Daniel, reforçando o que haviam combinado. — Temos um trato: não faça nada antes do terço chegar.

— E se for tarde demais?

— Se eu notar alguma alteração, telefono e você faz... o que tem a fazer.

Miguel anuiu com a cabeça, antes de partir. Estava destruído. O mundo parecia perverso: sempre que se aproximava da felicidade, ela desaparecia sob o efeito de alguma desgraça.

Sarah sorriu assim que abriu a porta do apartamento e vislumbrou Jean Luc por trás de um ramo imenso de rosas vermelhas. Entregou-lhe as rosas e entrou, sem esperar pelo convite, ciente do direito adquirido de estar ali.

— São trinta e oito rosas. O número de dias que passaram desde que nos encontramos.

Ela deixou as rosas na bancada da cozinha, pôs os braços em volta do pescoço dele e pendurou-se como uma criança se pendura

numa árvore. Ficou na ponta dos pés, para ganhar alguns centímetros e beijá-lo.

— Obrigada.

— Ainda não terminei... — falou, abraçando-a pela cintura fina, enquanto tirava uma caixinha de veludo vermelho, quase da mesma cor das rosas, do bolso do casaco. Deu-lhe a caixa sem soltá-la. Ela levantou a tampa com cuidado e viu uma cruz de malta com as suas delicadas oito pontas em V saindo dos quatro braços. Pousou a caixa sobre a mesa, que estava ao seu lado, pegou a cruz e ergueu-a contra a luz: a cruz de malta era a sua preferida, mas aquela tinha uma beleza rara, toda trabalhada numa delicada filigrana.

— Falta a minha presença nesse fio que traz sempre perto do coração... — disse Jean Luc referindo-se à fina corrente de ouro que ela usava.

— Você está dentro do meu coração, mas agora vai estar também sobre ele. É linda! — respondeu, inclinando o pescoço num convite para ele abrir a corrente e colocar a cruz. Ela sentiu o peso da corrente aumentar e balançar contra a pele, assim que ele a fechou.

— Era da minha avó.

Sarah olhou-o atônita, colocando instintivamente a mão sobre a cruz.

— Não posso aceitar.

— Claro que pode. É por ter sido da minha avó que lhe dei.

— É muito cedo para me oferecer joias da sua família — argumentou ela, sorrindo.

— Não é cedo — disse, abrindo os braços. Ela deu um pulo e se encaixou nele: as pernas enroladas na sua cintura e as mãos presas ao pescoço. Ele fechou os braços e apertou-a com força contra o peito. Sentiu uma vertigem: estava completamente feliz! A partir daquele momento Jean Luc passou a considerar que a essência da

felicidade era vertiginosa. Sarah deu uma gargalhada sem motivo, enfiando o rosto na curva do pescoço dele, onde podia sentir o coração palpitar sob a jugular, enquanto ele atravessava a sala e ia para o quarto.

Quando Daniel voltou a sentar-se ao lado de Elizabeth, já acreditava que ela viveria, apesar dos prognósticos pessimistas. Mas ela continuava inerte, com a máquina insuflando ar nos pulmões, presa num lugar onde a vida não se esvaía, mas também não retornava.

As horas passaram devagar, como se o tempo tivesse se tornado misteriosamente mais lento. Ao anoitecer Miguel voltou, e Daniel percebeu, pelo seu olhar decidido, que ele estava disposto a tudo. Agora, que a sua vida parecia se encaminhar para um novo rumo, surgia um novo obstáculo que o forçava a romper com os limites do bem. E Miguel iria se sacrificar para salvar Elizabeth, não parecendo se importar com o que pudesse acontecer com ele.

Estavam os dois sussurrando na frente da UTI, quando uma enfermeira pediu que fossem conversar em outro lugar. Dirigiram-se à porta principal do hospital, onde ficaram dando passadas curtas enquanto continuavam falando baixinho, após Daniel ter pedido que Seth ficasse com Elizabeth.

— Você descansou? — perguntou Daniel, achando-o demasiado pálido.

— Não. Estive preparando o ritual, se for necessário. Mas estou bem — respondeu Miguel, aparentemente calmo, como se tivesse alcançado alguma serenidade durante aquele período.

— Vamos esperar pelo terço, como combinamos.

— Eu sei, mas há coisas que precisavam estar organizadas.

— Besson, o preço da magia é muito alto.

— Para nós qualquer preço é sempre demasiado alto. Somos seres diferentes dos humanos, De Payens. Em nós tudo é excessivo — lembrou.

— Por isso temos tantas restrições, tantos cuidados, tantas regras... — lembrou Daniel.

— É irônico, não é? Podemos ser quase tudo e não podemos fazer quase nada. Até o direito de amar nos é vedado. O direito de tocar numa mulher — constatou Miguel, com tristeza.

— Não poder amar uma mulher é o que mais o incomoda nas nossas regras?

— Também. Mas qualquer que seja a nossa escolha, o resultado é sempre trágico. Estamos destinados a uma vida de solidão.

— É isso que faz de nós quem somos, Besson.

— Fomos criados com as forças e os poderes dos anjos, temos os desejos e as falhas dos homens e, ainda, possuímos os instintos puros dos animais. Como podemos sobreviver a isso? — perguntou Miguel, revelando os pensamentos profundos que o atormentavam e que, de alguma forma, atormentavam todos eles.

— Não podemos viver simplesmente como anjos, homens ou animais — argumentou Daniel. — Precisamos encontrar o equilíbrio entre essas três naturezas.

— Você já encontrou? — questionou Miguel.

— Em certos dias. Mas vivemos à procura do equilíbrio. Constantemente.

— Arturo não. Arturo era equilibrado — disse Miguel, recordando o amigo com nostalgia e tristeza. Naquele momento, certas coisas pareciam despropositadas e pouco importantes perante a perda de Arturo e o estado de Elizabeth.

— Ele era quase perfeito. Até no seu amor por Angelina, ao abdicar de tudo, sem a menor dúvida. E quando Angelina se foi, ele aceitou a morte dela como parte da sua escolha, a parte que tornava a vida tão preciosa — explicou Daniel.

— Por isso temos Elizabeth — disse Miguel. — E temos que salvá-la. Por ele e por todos nós.

— Eu sei, mas primeiro vamos tentar o caminho certo. Vamos tentar salvá-la sem a magia...

— Está preocupado comigo? — perguntou Miguel com ironia, para tentar disfarçar a emoção provocada pela preocupação de Daniel.

— Não — rematou Daniel com um sorriso sutil, que negava o que acabara de dizer.

— Os anos não o tornaram um mentiroso melhor. Continua péssimo nisso! — respondeu Miguel, com genuíno afeto.

— O terço vai trazê-la de volta, Besson. Representa a linhagem da mãe dela e carrega o poder dos seus antepassados — comentou Daniel.

— Eu sei.

— Por que não se aproximou de Elizabeth na Costa do Marfim, quando ela estava com o terço? — perguntou, tentando desvendar aquele episódio que ficara a incomodá-lo.

— Naquele momento a minha energia era totalmente primitiva... Sexual — confessou devagar. — O terço a protege de energias mais fortes, que possam interferir com a dela.

— Como sabe isso sobre o terço?

— É um objeto mágico, De Payens. E a magia é a minha área — afirmou Miguel.

— Você já tinha visto ou sabia alguma coisa sobre o terço? — insistiu Daniel.

— Não. Nem sabia que existia. Mas percebi imediatamente como funcionava. Senti a sua força, assim que tentei me aproximar de Elizabeth.

— E acha que pode funcionar com ela, agora?

— Não sei. O objeto protege de energias externas, mantendo-a numa espécie de casulo.

— Naqueles dias que passamos com ela, para que recuperasse a memória...

— Foi você que a trouxe de volta, não foi? — interrompeu Miguel curioso. Daniel sorriu, mas continuou falando sem responder à pergunta.

— ... os pequenos seres, aquelas tatuagens que andavam na sua pele, ajudaram-na a voltar.

Miguel sacudiu a cabeça e sorriu: apesar de Daniel não confirmar, para não lhe revelar a dimensão da sua força, ele sabia que fora Daniel que resgatara Elizabeth das sombras.

— Nesse caso, talvez o terço ajude. Pode ser a única forma do corpo dela começar a se regenerar.

Lucrezia Zani era uma mulher de gostos sofisticados. Não aparentava mais de trinta e cinco anos e era dona de uma beleza exuberante e voluptuosa. Morena, com longos cabelos negros, cintura delgada, e formas fartas, chamava a atenção onde quer que fosse. Naquela noite a sua sensualidade animal era valorizada pelo vestido preto, justo ao corpo, e pelo decote generoso, que revelava o início dos seios.

Eram dez horas quando entrou no Les Ambassadeurs, o famoso restaurante parisiense do Hotel de Crillon, um dos mais luxuosos e antigos do mundo. O garçom a conduziu para uma mesa onde

jantou sozinha, divertida pela atenção discreta de que era alvo, enquanto observava o local e as pessoas.

O restaurante estava lotado, como sempre. Lucrezia reconheceu ao longe o casal Messie, acompanhado do filho e da namorada. As colunas sociais noticiavam que o jovem Messie tinha se envolvido numa relação relâmpago com uma herdeira inglesa, descendente de judeus alemães. Tudo indicava que o noivado seria para breve e ele sairia da lista dos solteiros franceses mais cobiçados. Jean Luc era daquelas pessoas que quanto mais se observava mais belo se tornava. A futura noiva também era muito bonita, com um toque de doçura, como Lucrezia pôde apreciar de longe. A felicidade de Jean Luc a incomodou. Ele parecia ter atingido um elevado estágio de bem-estar junto da família, agora agregada de Sarah.

Observou a sala na esperança de ver de novo o homem que chamara a sua atenção alguns dias antes e, tal como ela, jantara sozinho. O que a fascinou, além do charme que ele esbanjava, sem esforço, foi o fato de tê-la ignorado magistralmente. Imaginou que ele não a tinha visto mesmo após ter tentado chamar a atenção dele, passando na frente da mesa, quando foi ao toalete. Lucrezia não estava habituada a ser rejeitada ou ignorada. Aquilo despertava sempre o seu pior lado, se bem que era difícil perceber se ela tinha algum lado melhor. Em Lucrezia tudo parecia excessivo, dramático e cruel.

Ela percebeu que o homem charmoso, de uns quarenta anos, aparentava indiferença em relação a tudo, exceto quando falava delicada e sedutoramente com os empregados, que pareciam adorá-lo. Enquanto saboreava a comida com vagarosa sensualidade, ele parecia se dedicar a pensamentos profundos, como alguém que está prestes a tomar grandes decisões. Lucrezia descobriu que ele era um *habitué* do restaurante e se chamava Miguel Besson. O empregado

disse que sabiam pouco sobre ele, a não ser que era um empresário rico, que visitava a França com frequência e morava no Brasil. Aqueles detalhes aguçaram mais a curiosidade dela, agora disposta a reencontrar o homem misterioso.

Parecia claro que Miguel não estava ali naquela noite, mas estava Jean Luc, o jovem que ela escolhera anos antes para participar dos seus planos e, desde então, acompanhava o seu percurso. A presença de Sarah é que não estava prevista, pensou ela com o olhar frio.

À meia-noite Alessia e Kent pousaram no aeroporto Oliver Tambo, em Johannesburg. Daniel pediu que Miguel se afastasse do hospital, para evitar um encontro com eles, porque ninguém estava em condições de mexer em velhas feridas. Miguel acatou o pedido, mas a situação desfez a ilusão de que era um deles, lembrando-o que não pertencia à Ordem, por uma opção que, agora, parecia pesar demais, mantendo-o afastado de Elizabeth.

Daniel recebeu o terço das mãos de Alessia e dirigiu-se à UTI. Aquela parecia ser a última esperança de Elizabeth, antes de Miguel fazer o ritual negro, para arrancá-la da morte.

Daniel se debruçou sobre ela e percebeu que não tinha onde pôr o terço: os braços estavam enfaixados ou cheios de tubos que a inundavam com líquidos diferentes contra tudo e mais alguma coisa, e a cabeça tinha uma parafernália de instrumentos que a obrigavam a respirar. Pegou no pé direito, o único lugar do corpo sem faixas ou agulhas e colocou o terço. Ficou pacientemente ao lado da cama, esperando que os pequenos seres se revelassem, dando início ao trabalho de cura, mas os minutos passavam e tudo continuava imutável.

Descobriu que o terço não funcionaria e foi dominado pela angústia. Elizabeth iniciara a viagem para o outro mundo e, em breve, o seu espírito abandonaria de vez o corpo. Tentou tranquilizar-se, decidido a salvá-la. Ainda tinha uma última carta. Sabia que não podia interferir nos ciclos de vida e morte e não devia resgatá-la. Havia um equilíbrio entre os mundos: se uma pessoa não voltasse voluntariamente e fosse resgatada da morte, outra teria que tomar o seu lugar. Daniel sentia-se responsável pelo estado dela e precisava resgatá-la mesmo sabendo que esse gesto o condenaria. Além de salvá-la, evitaria que Miguel se condenasse mais uma vez, com um ritual de magia negra, cujas consequências também poderiam recair sobre Elizabeth. Daniel estava disposto a trocar a sua vida pela dela e tinha plena consciência que a morte viria cobrar os seus dividendos.

Concentrou-se e após longos minutos a viu ao longe, presa pelo fio dourado que mantinha o espírito ligado ao corpo. Ela preservara a imagem anterior ao acidente e flutuava no espaço, como um ser etéreo, sem asas. Ela o reconheceu e tentou vir ao seu encontro.

— Daniel — chamou-o, como se estivesse em câmera lenta.

— Elizabeth, não rompa o fio. Eu vou até aí — aconselhou, aproximando-se dela.

— Tenho frio — murmurou devagar. Daniel reconheceu os sinais da morte. Tentou abraçá-la, mas ela perdera a densidade e o corpo estava se tornando mais leve, à medida que a morte a distanciava da vida.

— Precisa voltar, Elizabeth.

— Para onde? — perguntou desnorteada, fazendo-o compreender, finalmente, por que é que não retornara à vida: Elizabeth não reconhecia o seu corpo destroçado. Com o receptáculo do espírito parcialmente destruído e irreconhecível, ela não tinha para onde

voltar, e o espírito embrenhava-se mais e mais no profundo território da morte.

— Para ali — disse Daniel, apontando para a mulher deitada na cama da UTI.

— Não... Aquela não sou eu.

— É você. E eu preciso que volte. Por favor, Elizabeth... — pediu, carinhosamente, e ela sentiu pela primeira vez algo morno, em vez do frio que anesthesiava os seus sentidos. Daniel percebeu que estava criando uma ponte com ela. Qualquer que fosse o lugar sombrio em que alguém se encontrasse, o amor era uma força poderosa. Elizabeth ganhou densidade e o cordão dourado diminuiu, aproximando-a do seu corpo físico. Mas ela insistia que o corpo da jovem destroçada não era o seu.

— Não posso entrar ali, Daniel. Não sou eu.

— É, sim — falou, aproximando-se mais e pegando-a pelas mãos, agora menos leves.

— Não posso ser eu, Daniel... — recusou Elizabeth.

— Você teve um acidente muito grave e, para melhorar, tem que voltar para ali — anunciou, apontando novamente para o corpo dela.

— Mas depois você não vai saber que aquela sou eu — defendeu, confusa.

— Vou, sim. Veja como eu estou ao seu lado, lá embaixo. O meu corpo está com o seu, enquanto o meu espírito está aqui com você. Vim buscá-la. — Ela o olhou com a atenção fixa, enquanto o corpo passava do estado gasoso ao sólido. Daniel estava a arrancá-la das mãos da morte. Inclinou-se sobre ela, pronto para beijá-la pela primeira vez, mas no instante em que os seus lábios estavam a milímetros de se tocarem Elizabeth se esfumou, como se alguém tivesse esticado o cordão dourado com força e a jogasse firmemente de volta para o corpo.

Ele levou alguns minutos para se recompor, retornando ao corpo devagar. Quando abriu os olhos viu que os pequenos seres mágicos, que habitavam o terço de marfim, começavam, finalmente, a espalhar-se na pele de Elizabeth. Saiu do quarto, confiante de que ela ficaria boa, consciente de que trocara a sua vida pela dela, e que a sua morte tinha hora marcada.

A melhora de Elizabeth foi imediatamente percebida: todos sentiram o aumento dos seus batimentos cardíacos e da sua energia. Quando Daniel entrou na sala de espera, havia uma sensação de alívio, e ele não precisou explicar nada.

— Onde está Dib? — perguntou, olhando em volta.

— Lá fora com Besson — respondeu Uchoa.

— Temos que resolver um problema — declarou Daniel, antecipando o que viria. — Elizabeth vai melhorar e precisamos levá-la daqui. Não temos como explicar a rapidez com que o metabolismo dela vai reagir: ela deve sair do coma em menos de vinte e quatro horas, e o seu processo de cicatrização já vai estar bastante avançado.

— Acho que ninguém se lembrou desse detalhe. Estávamos tão focados na recuperação dela que nos esquecemos dos detalhes práticos como esse — falou Kent.

— Mas agora precisamos resolver — insistiu Daniel.

— Você parece... esgotado. O que aconteceu? — perguntou Seth, intuitivamente.

Daniel meneou a cabeça em sinal de negação e afastou-se em direção à porta dizendo:

— Vou ver se encontro Dib. Alessia, fique com Elizabeth e evite que as enfermeiras se aproximem, por causa do terço. Se

necessário, guarde-o temporariamente. Está no pé direito.

Lá fora, a noite envolvia tudo com o seu silêncio. A luz dos candeeiros revelava, ao longe, as formas de Dib e Miguel recortadas no limiar das sombras, onde começava uma espécie de mato com arbustos e árvores, na parte de trás do hospital. Daniel aproximou-se deles. Estava exausto, mas resgatar Elizabeth sem uma preparação física e espiritual prévia, num gesto de impulso, tinha custado bem mais do que o esgotamento da sua energia. Custara a sua vida.

— O terço funcionou? — perguntou Dib, avaliando-o com atenção.

— Funcionou depois — respondeu, colocando Dib e Besson em estado de alerta.

— Depois do quê? — quis saber Dib.

— O que foi que você fez, De Payens? — questionou Miguel.

— Tive que ir buscá-la — confessou, sabendo que não poderia manter o seu gesto em segredo durante muito tempo.

— Como? — perguntou Dib num tom mais alto, ciente das implicações daquela atitude.

— O terço não funcionava. Precisava saber as razões e descobri que ela não voltava porque não reconhecia o corpo. Achava que não era o corpo dela e não tinha para onde voltar.

— Isso explica muita coisa. Mas significa também que você foi buscá-la à fronteira da vida e da morte — afirmou Dib, agora o observando com atenção redobrada.

— Sim. Ela já estava no penúltimo estágio que precede a morte. O cordão dourado estava mais fino, ela estava lenta e com frio, sem sensibilidade... — contou Daniel.

— Por que você fez isso? Eu disse que faria o ritual para salvá-la — perguntou Miguel com a voz irritada, apertando o braço de Daniel com uma força descomunal.

— O ritual que o condenaria? E talvez a ela também? O ritual que você não quer que eu saiba, por ser tão terrível? Sabemos o que significa, Besson: para salvar uma vida temos que dar uma vida. Você teria que dar uma vida em troca da vida de Elizabeth. É uma aritmética muito simples.

— Mas não era a sua vida, De Payens. Você é essencial. Demasiado importante para partir — respondeu Miguel, assombrado com a dimensão do sacrifício e da generosidade de Daniel.

— Sem você o equilíbrio entre o bem e o mal vai ser rompido — sussurrou Dib chocado, com o rosto curvado para o chão, como se estivesse lendo o futuro.

— Entre a justiça e a injustiça — reforçou Miguel, perturbado com a atitude de Daniel.

— Os outros sabem? — questionou Dib, sério, olhando para Daniel com angústia.

— Não... E vamos manter assim, por enquanto. Abordar este assunto agora não vai ajudar em nada — afirmou Daniel.

— Não sabemos quanto tempo temos para salvá-lo. Mas vou pensar numa solução — Miguel sentiu um aperto no peito. Não queria perder Daniel. Podiam ter estado distantes por séculos, mas ele continuava sendo o mais próximo que tinha de um irmão, depois de Arturo.

— Não, Besson. A troca está feita: a minha vida pela dela. Não quero mais interferências. — Daniel estava seguro da sua decisão.

— Eu troco com você — Dib tentou dizer, mas Daniel interrompeu-o, colocando a mão carinhosamente sobre o seu ombro.

— Dib, está decidido. Estou tranquilo com a minha decisão. Agora vamos pensar numa forma de tirar Elizabeth daqui, antes que percebam a sua rápida e injustificável recuperação.

— Não vou desistir de você — retorquiu Miguel. — Mas tem razão, precisamos pensar em Elizabeth.

— Temos que esperar até ela conseguir respirar sozinha. Isso deve acontecer nas próximas horas, antes de amanhecer. E depois temos que levá-la para o avião — afirmou Daniel.

— Basicamente temos que sequestrá-la do hospital, é isso? — questionou Miguel.

— Não vejo outra solução. Não há como explicar aos médicos o que vai acontecer com ela — Daniel fez uma breve pausa e recomeçou a falar, revelando um plano simples e lógico. — Seth vai tratar da questão do avião para podermos levantar voo a partir das oito da manhã. Uchoa vai recuperar as bolsas de sangue que sobraram: não queremos que o analisem e descubram a nossa capacidade de regeneração. Alessia e Kent cuidam dos hotéis e das nossas malas. Eu e Dib levamos Elizabeth diretamente para o aeroporto. Besson, você terá que viajar no seu avião. Esqueci alguma coisa?

— E como pretendem tirar Elizabeth do hospital sem alvoroço? — perguntou Miguel.

— Não será complicado. Apesar da segurança, é fácil contorná-la pelo estacionamento da garagem. Eles me deram um cartão de livre trânsito para a garagem, que também dá acesso aos elevadores. É só descer no elevador direto para a garagem e sair — explicou Daniel.

— E se alguém aparecer no corredor ou no elevador? — inquiriu Miguel.

Daniel pensou por alguns segundos e por fim disse baixo, quebrando mais uma regra da Ordem:

— Vamos apagar a sua memória.

— Eu faço — ofereceu-se Miguel. — Vocês já quebraram regras demais nos últimos dias.

— Besson, eu faço — afirmou Daniel, consciente da sua morte eminente.

— Não — discordou Miguel, peremptório. — Eu faço o que for necessário e parto depois de vocês, para garantir que não ficou nenhuma ponta solta.

— Obrigado, Besson — disse Daniel, comovido pela ajuda dele, sugerindo cautelosamente. — O ideal era que o Dib e mais dois guardiões fossem com você, para não viajarmos todos no mesmo avião. Por questões de segurança.

— Por mim tudo bem. Algum problema de viajarmos juntos, Dib? — questionou Miguel.

— Não. E creio que Seth e Uchoa também não farão objeção.

— Ótimo. Então este problema está resolvido — rematou Daniel.

9. Um novo ciclo

Súbito, voltam à minha alma o movimento e o som — o movimento tumultuoso do coração e, em meus ouvidos, o som de suas batidas.

Edgar Allan Poe (1809-1849)

Elizabeth acordou no meio da viagem para São Paulo, como se despertasse de um sono profundo. Olhou em volta e Daniel foi a primeira pessoa que viu. Fez um esforço para focar as coisas, franzindo os olhos. Estava desnorteada. Moveu o corpo e tudo lhe doía. Alessia aproximou-se da cama, no quarto do avião completamente ajustado às necessidades dela:

— Não se mova. Ainda não está boa.

— Onde estou? — perguntou, com a voz rouca e tênue.

— É uma longa história... — respondeu com carinho, querendo adiar a explicação para que ela se ajustasse primeiro.

— Quero saber o que aconteceu. Onde estou... — insistiu, sinalizando para que Alessia a ajudasse a sentar-se na cama. Alessia resumiu o acidente, enquanto Kent e Daniel se mantinham calados, sentados nos dois sofás posicionados em frente à cama. A memória

chegou devagar, e ela recordou os acontecimentos até o momento em que os búfalos a massacraram com as patas possantes. As horas de agonia passadas desde então eram um tempo sem significado para ela. Só sabia que todo o seu corpo doía. Kent descreveu a luta para trazê-la de volta e a complexa cirurgia a que fora submetida. Ela ergueu a blusa do pijama, levantou a gaze e espreitou a linha reta que começava a se apagar, mas nunca desapareceria, e atravessava o meio do corpo, do púbis ao início do peito. Depois passou a mão pela cabeça nua, sem um único cabelo. Pediu um espelho. Alessia hesitou e olhou para Daniel em busca de orientação. Ele moveu a cabeça em sinal de concordância. Elizabeth pegou o pequeno espelho redondo que Alessia lhe deu e avaliou o seu rosto ainda marcado por hematomas, como o resto do corpo. O pior era a ausência de cabelo. Arrancou o curativo, girando o rosto para o lado de modo a ver a linha escurecida da cicatriz exposta no lado esquerdo da cabeça. Ela parecia um menino desamparado, sem saber onde enfiar os olhos. Devolveu o espelho a Alessia, afundou a cabeça contra a almofada macia, chamando:

— Daniel.

Ele levantou-se e aproximou-se dela, em silêncio.

— Quero falar com você, por favor — pediu, tentando vencer a dor. Alessia e Kent deixaram discretamente o quarto e foram para a sala ao lado, onde havia quatro conjuntos de largas e confortáveis poltronas em volta de duas mesas.

— Desculpe — pediu, devagar.

Daniel meneou a cabeça lentamente e respondeu:

— Não foi por sua culpa. Eu devia ter previsto.

— Eu me lembro do que aconteceu — ela hesitou, avaliando o que dizer, mas depois de ter estado tão perto da morte, parecia-lhe

válido falar de amor. — Vou aprender a controlar os meus sentimentos por você. Foi isso que desencadeou tudo.

Ele sentou-se na beira da cama e segurou gentilmente a mão dela. Agora que havia trocado a sua vida pela dela e já pressentia a mortalidade rondando, tudo adquiria um novo sentido de urgência. Deixara de possuir a vida toda para amá-la em silêncio e não tinha tempo para rejeitá-la ou brigar contra aquele amor. Falou com calma:

— Não se penalize. Eu sou responsável. Devia ter-me concentrado mais — inclinou-se para se aproximar mais do rosto dela e sussurrou como se partilhasse um terrível segredo que não podia sequer ser pensado: — O que eu quero dizer é que não foram apenas os seus sentimentos que provocaram isso. Foram principalmente os meus por você.

Ela o olhou surpreendida por ouvi-lo falar tão explicitamente e sentiu as lágrimas descerem pelo rosto. Chorava de alegria e tristeza: alegria por ele estar falando de amor, e tristeza por saber que ele jamais abdicaria do papel de guardião. Ficaram em silêncio, enquanto ele continuava segurando a mão dela. Ela apertou os dedos dele com força, como se o mundo inteiro estivesse concentrado ali, nas duas mãos encaixadas uma na outra, onde nascia e morria o silêncio. Ele ergueu a outra mão e limpou as lágrimas dela com as pontas dos dedos. Ela tentou sorrir e perguntou:

— Foi você que me salvou, outra vez?

— Fui. Por quê?

— Vamos ter que parar com isso, de você me salvar o tempo todo.

— Enquanto eu puder salvá-la, está tudo bem — respondeu movendo o polegar sobre a pele delicada da mão dela, numa carícia suave que beirava a sensualidade. Ela estremeceu.

— Sonhei com você. Sonhei que flutuávamos.

— Não era um sonho. Você estava morrendo, Elizabeth — falou, esboçando um gesto para se levantar. — Agora precisa descansar.

— Não vá, por favor. Fique até eu adormecer — pediu, segurando-o pela mão, para impedi-lo de partir, como fazia quando era criança.

Ele assentiu com a cabeça e continuou sentado na beira da cama, segurando-a pela mão, enquanto ela mergulhava novamente no sono. Quando sentiu que a mão estava sem resistência, soltou-a e sentou-se no sofá em frente à cama vigiando o sono dela, vendo como a vida voltava para dentro dela. Encostou-se para trás e adormeceu cedendo ao cansaço.

Quase uma semana depois de chegar em São Paulo, Daniel viajou para Londres, atendendo ao pedido de Matthew Shaw. A situação na Europa era tensa, e a pressão sobre os investigadores era crescente, o que levava à decisão de sediar o núcleo em Londres, por não ser uma capital diretamente afetada. Mesmo assim Daniel percebeu, ao atravessar a cidade, que os ingleses estavam agitados.

Ao entrar na sala do Capitão Shaw, com suas paredes totalmente brancas, Daniel notou que ele mantinha uma frieza quase higiênica, que lhe permitia pensar. Até Bardas, que lá estava, esperando Daniel, parecia mais comedido, menos espanhol.

O dramatismo do caso não era apenas por terem sido assassinadas cento e catorze crianças, em sete países, mas também por não haver suspeitos ou pistas. Os investigadores não tinham encontrado nada: nem uma digital, uma fibra ou um fio de cabelo. A polícia estava às cegas.

Daniel cumprimentou primeiro o seu anfitrião, Matthew Shaw, e depois abraçou Bardas com afeto. Shaw ofereceu uma cadeira

confortável, ao lado de Bardas, e em frente à larga mesa, onde estavam pastas de arquivo milimetricamente organizadas. Instantes depois uma jovem inglesa, pálida e magra, vestindo um terno preto, trouxe uma bandeja com três copos de água e três copos de plástico com café, que colocou num dos cantos livres da mesa. Shaw agradeceu com um seco aceno de cabeça.

— A intenção é boa, mas o café é intragável — avisou Shaw, amistosamente.

Bardas manteve-se imóvel, sem se aproximar do café. Daniel agradeceu, pegou o seu copo e mesmo antes de dar o primeiro gole, percebeu o cheiro de café doce e queimado que antecipava o sabor horrível. Encostou os lábios no copo, para simular que tinha bebido, e devolveu-o à bandeja, sugerindo:

— Talvez possamos tomar um café lá fora enquanto falamos dos detalhes mais superficiais.

Bardas levantou-se com rapidez, parecendo impulsionado por uma mola invisível, e dirigiu-se para a porta do gabinete sem nem esperar a resposta de Shaw. Estava desesperado para tomar um bom espresso. A ausência de cafeína afetava o seu raciocínio. Shaw pegou o casaco, pendurado nas costas da sua cadeira, e vestiu-o sobre o *pulôver* cinzento escuro, encaminhando-se para a saída, onde Bardas os aguardava impaciente, com as mãos enfiadas nos bolsos das calças.

Dirigiram-se para o café que ficava do outro lado da rua, na frente do grande prédio estatal, cheio de gabinetes especiais de ar secreto e conspiratório. Shaw escolheu uma mesa discreta, encostada à parede e próxima da porta. Ele gostava de ter sempre alternativas de fuga, e aquele raciocínio estava tão enraizado que já se tornara parte do seu comportamento. Pediram cafés e água. Eram quatro da

tarde e como Daniel ainda não tinha almoçado, pediu um folhado de legumes.

Bardas, ao perceber que a massa folhada estava crocante e revelava um cremoso recheio de alho-poró, cenoura e queijo ao molho branco, também comeu um salgado. Ficou feliz por descobrir mais uma opção de comida, já que a gastronomia inglesa não era das suas favoritas. Estava em Londres havia mais de uma semana e estava farto do *English stew*, o famoso guisado inglês, e da comida indiana, que enjoara durante as viagens anteriores. Também não era apreciador do *fish and chips*, o popular peixe frito com batatas fritas. Restava a comida italiana, mas a mulher tinha dito que ele estava engordando e precisava diminuir as massas e as pizzas. O restaurante espanhol próximo do seu hotel era excelente, mas caríssimo, não sendo uma escolha para o dia a dia. A questão da comida o estava deixando mal-humorado e até uma simples xícara de bom café era difícil de conseguir no escritório em que estava alocado, próximo de Shaw. As máquinas de café, disponíveis em vários andares, eram horríveis, e sempre que Bardas precisava de um bom café tinha que interromper o trabalho para ir tomá-lo na rua. Terminou o folhado e o café sentindo-se muito melhor e, para finalizar, pediu mais um espresso curto. Shaw olhou para ele, espantado:

— Parece que não almoçou, Bardas...

— Não satisfatoriamente — respondeu, fazendo jus à velha franqueza espanhola, e surpreendendo Shaw, que o vira comer dois pratos de ensopado duas horas antes, no refeitório da polícia.

— Sente-se bem? — perguntou Shaw preocupado com o atípico comportamento do colega.

— Na verdade não, Shaw. Entre outras coisas, temos que resolver a questão do café com urgência. É vital para mim. O café contribui

para o funcionamento do meu cérebro. Não posso continuar trabalhando à base de *English stew, fish and chips* e, ainda por cima, com falta de café — explicou apaixonadamente, como se destampasse uma panela de pressão e tudo voasse lá de dentro, sem aviso.

— Eu não tinha ideia! — exclamou Shaw surpreendido com a eloquência do discurso. Pelo visto o café era importante para Bardas, e ele também não apreciava a comida da cantina. Mas, em relação ao segundo ponto, Shaw solidarizava-se com ele.

— Bem, agora tem ideia — retrucou aliviado por finalmente ter compartilhado as suas angústias, provocando um sorriso em Daniel, que continuava bebendo o seu café calmamente, divertido com o diálogo dos dois.

— Bastava ter falado. Isto me pareceu um pouco... inflamado — afirmou Shaw, moderado.

— Lamento pela paixão ibérica. Mas o resto se mantém — insistiu Bardas.

— Vou pedir que resolvam a questão do café...

— Não, não, não... — interrompeu Bardas. — Eu trato disso pessoalmente. Amanhã vou comprar um café decente e uma pequena máquina de espresso, que vai ficar no meu gabinete. Na verdade, Shaw, você devia vir comigo, porque o ritual do café é um traço cultural extremamente importante. Combinado? — questionou Bardas, categórico, e bem mais calmo, ao perceber que a solução do problema se aproximava.

— Só preciso ver a verba do orçamento para isso — resmungou Shaw, pouco convencido da importância do café. Ele sempre preferira chá. E nisso tinha gostos bastante precisos. Negava-se a tomar aqueles chás de pacotinho em copos de plástico. Ou tomava

um bom chá devidamente preparado e servido numa fina xícara de porcelana, ou preferia não tomar.

— Quanto à comida, acho que vou tolerar melhor se aumentar o consumo de cafeína — justificou Bardas.

— Não. A comida é um ponto importante. Também já não suporto — confessou Shaw.

— Ah... Você também? Parecia um grande apreciador do cardápio do refeitório — afirmou Bardas incrédulo, recordando a forma educada com que Shaw comera os diferentes *stews* e o peixe frito sem qualquer comentário ou expressão depreciativa.

— Não aprecio — concluiu Shaw, com o rosto impávido de sempre.

— Então, Shaw, vai ter que ser mais enfático nas suas expressões — riu Bardas, finalmente bem disposto com o rumo da conversa.

— Podemos usar o valor da refeição para comer em outro lugar, talvez com uma ligeira diferença monetária, mas deve compensar — sugeriu Shaw, satisfeito com o arranjo. A comida do refeitório estava destruindo o seu estômago e o seu humor.

— Agora que acertaram a alimentação, que também vai me afetar principalmente porque sou vegetariano, talvez possamos começar a tratar do caso... Vou pagar a conta e subimos para o seu gabinete, Shaw — disse Daniel.

— Sim... Mas eu pago — avisou Shaw.

— Eu convidei — argumentou Daniel dirigindo-se à caixa, seguido por eles.

— Você é vegetariano?! Ainda bem que não viu o *stew* lá do refeitório — comentou Shaw com um sorriso, olhando com cumplicidade para Bardas, pensando nos pedaços de carne boiando num caldo que mais parecia uma sopa. Aquilo seria uma visão dos infernos para Daniel.

— Imagino — respondeu Daniel.

Daniel olhou para os sete dossiês abertos sobre a mesa de Shaw. Cada um deles correspondia a um país diferente: Suíça, Áustria, República Checa, Alemanha, Holanda, Bélgica e França. Estavam organizados da esquerda para a direita: do primeiro país onde tinham sido assassinadas as crianças ao último, a França. Embora a Suíça não fizesse parte da União Europeia e, portanto, não participasse diretamente do núcleo, as forças policiais haviam decidido colaborar.

Shaw gostava de ver alguns detalhes distribuídos num grande painel. Dizia que o ajudava a pensar e era parte do seu método, como a cafeína era parte do método de Bardas. Shaw já pedira que montassem um painel numa das paredes do gabinete, mas só chegaria no dia seguinte. Entretanto, tinha que se contentar com as informações sobre a mesa, enquanto os arquivos virtuais estavam no seu computador conectado a uma moderna televisão de cinquenta e cinco polegadas, cuja qualidade permitia ver até as mais ínfimas gotas de sangue de uma fotografia.

Não havia nada de diferente nas mortes: o *modus operandi* era o mesmo desde o início, exceto pela data dos assassinatos na França, que não aconteceu numa sexta-feira, como era habitual.

Após a análise dos corpos, os investigadores descobriram que os golpes fatais eram perpetrados pela mesma pessoa: um assassino canhoto, com agilidade surpreendente, que cortava a jugular de forma precisa e sem hesitação, exercendo a força necessária para romper a veia com um golpe cirúrgico. A polícia acreditava que o assassino mantinha cada uma das crianças de pé, com as costas voltadas para ele, segurando a sua testa com a mão direita para

manter o pescoço firme, enquanto aplicava o golpe com a esquerda, num movimento de fora para dentro. Em seguida deixava a criança sangrar até a morte.

Nenhuma das crianças apresentava marcas de violência, com exceção do corte na jugular. Era difícil explicar como o assassino controlava tantas crianças simultaneamente, com aparente tranquilidade. Por isso, alguns investigadores acreditavam que talvez houvesse um ou mais cúmplices. Outros investigadores, especialmente os belgas, defendiam que estavam perante um *serial killer*, com um comportamento metódico e frio, que não cometia excessos de violência: desde o início, sequestrava um ônibus com crianças que apareciam mortas poucas horas depois. Era tudo programado, seguindo um mesmo roteiro, que era aplicado em cada país. A assinatura dos crimes era composta por um conjunto de fatores: o sequestro do ônibus sem testemunhas, o golpe perfeito e cirúrgico na jugular, as crianças drenadas e abandonadas, deitadas ao lado umas das outras, com as mãos cruzadas sobre o peito.

Shaw foi revelando os detalhes enquanto passava as fotografias na televisão, expondo as crianças abandonadas em filas exatas.

— Existe algo associado à precisão — comentou Daniel.

— Como? — perguntou Shaw, sem compreender o comentário.

— Algumas crianças são mais altas que outras, mas estão todas alinhadas pela cabeça, formando uma linha exata. Os pés é que são irregulares. Mostre-me a fotografia da Suíça, que foi tirada de lado. A anterior — Daniel apontou para a linha. — Entenderam?

Bardas e Shaw acenaram com a cabeça.

— Além disso, há a posição das mãos cruzadas sobre o coração: a esquerda embaixo e a direita por cima. Todas estão assim — continuou Daniel vagaroso, desenvolvendo o seu próprio raciocínio, como se estivesse entrando na cabeça do assassino.

— Percebemos que ele cria um cenário e as crianças são colocadas numa pose específica, sem erros — disse Shaw, pegando uma folha com vários tópicos sobre o perfil do assassino.

— Sim. E o que isso significa? — perguntou Daniel.

— Que é demasiado metódico — defendeu Shaw.

— O que nos leva a uma grande questão: se é tudo tão metódico, por que assassinou crianças em seis países diferentes, durante seis sextas-feiras consecutivas, de agosto a setembro, e de repente parou? E mais: por que recomeçou a matar, não numa sexta-feira, como seria de esperar, mas no domingo, dia 7 de novembro? Isto deve significar alguma coisa — disse Daniel, acreditando que aquilo podia ser a chave para descobrirem algo importante.

— Sim... — anuiu Shaw. — Já nos questionamos sobre isso.

Daniel olhou para o relógio de pulso e disse:

— São quase sete da noite. Proponho que continuemos amanhã. Mas gostaria de levar cópias dessas fotografias comigo. Essas gerais, com as crianças deitadas, em fila. Pode ser, Shaw? — disse pondo a mão no bolso e tirando de lá um *pendrive*. Shaw copiou os arquivos.

— Copiei também as fotografias detalhadas para que possa estudá-las com mais calma. Estão separadas em pastas, uma por país — avisou Shaw, sistemático.

— Obrigado — agradeceu, consciente de que os arquivos eram confidenciais.

Miguel telefonava para Elizabeth todas as noites desde que haviam voltado da África.

— Como se sente hoje? — perguntou, com ternura.

— Melhor. Neste momento, estou até preocupada com coisas fúteis...

— O quê?

— A minha ausência de cabelo.

— É por isso que não quer sair de casa?

— Não — fez uma pausa breve, antes de dizer o que realmente a incomodava. — Tenho medo de perder o controle e causar mais um acidente.

— Compreendo. Mas vai ter que combater esse medo. O seu descontrole na África do Sul estava ligado a uma situação específica, com muitos gatilhos. Era tudo novo.

— E se eu me descontrolar num lugar público? Já imaginou?

— Vivemos com essa ameaça todos os dias. Não é apenas você. É uma luta assídua. Não pode se transformar em uma reclusa por causa do acidente.

— Eu sei... Estou ganhando confiança, antes de voltar a sair.

— E cabelo — brincou Miguel, contaminando-a com a sua boa disposição.

— Sim... Isso também — respondeu, rindo.

— Vamos sair um dia desses? Estou com saudades, e a última imagem que guardo de você não é das melhores — comentou, lembrando dela cheia de mazelas e tubos.

— Vou ficar bem, para sairmos. Prometo — respondeu comovida, com a constante atenção com que ele a rodeava.

— Uma promessa sua, é uma garantia. Você marca a data.

— Está bem.

— Telefone-me se precisar. A qualquer hora.

— Obrigada, Miguel. Até amanhã.

Falar com ela depois de vê-la tão próxima da morte deixava-o feliz. Porém, percebia que ela estava mais serena, sem aquele ímpeto juvenil que a incendiava e, por vezes, lhe inflamava o discurso.

Jean Luc e Sarah entraram em casa. As luzes estavam acesas, porém reinava uma quietude anormal. Eram sete da noite e, naquele horário, a casa estava sempre borbulhante, principalmente porque Marie-Thérèse convidara Sarah para experimentar uma nova receita, que pretendia servir alguns dias depois, numa pequena homenagem ao embaixador alemão. Ela nunca servia nada nas suas festas que não tivesse testado antes e preferia que tudo fosse preparado na sua própria cozinha, sob as ordens do talentoso chef Giacomo, que contratara na Itália anos antes, depois de se encantar com a originalidade da sua culinária.

Jean Luc atravessou os corredores, levando Sarah pela mão, e percorreu várias salas enquanto se dirigia à saleta onde deveriam estar os pais. O silêncio começou a incomodá-lo e o fato de não cruzarem com nenhum empregado gerou uma estranheza crescente. Ao abrir a porta da saleta, percebeu que também estava vazia, e foi assaltado pela angústia, como se uma peça tivesse se desencaixado dentro dele. Soltou a mão de Sarah por segundos e abriu a porta da sala de jantar. A mesa já deveria estar posta, mas não havia sinais da proximidade do jantar. Fechou a porta de correr e pegou novamente na mão de Sarah. Foi mais adiante e espreitou a biblioteca vazia. Ligou para os celulares, primeiro do pai e depois da mãe, mas os telefones tocavam até cair na caixa postal. Arrastou Sarah para a cozinha e a sua apreensão aumentou quando não encontrou ninguém. A moderna cozinha estava arrumada, com exceção de dois faisões que marinavam em vinho tinto, numa taça de vidro transparente, sobre a bancada de mármore, onde o chef Giacomo costumava preparar as carnes.

O silêncio adensava-se com o passar dos minutos e Jean Luc sentiu um aperto inexplicável na garganta e o seu coração batendo mais forte.

— Podem estar na adega, vendo os vinhos — sugeriu Sarah, tentando dominar o medo que se infiltrava dentro dela.

— Não. As chaves estão ali — respondeu, apontando para o enorme chaveiro à direita da porta da cozinha, onde estavam penduradas as cópias das chaves da casa.

Saíram para o enorme pátio, através da porta traseira da cozinha, e foram à garagem, atravessando as acomodações dos empregados e o pequeno chalé de Giacomo, mas reinava o mesmo silêncio compacto. Quanto mais Jean Luc andava, mais apertava a mão de Sarah, e angústia ia se transformando em pavor.

— Jean, está machucando a minha mão — sussurrou Sarah, quando voltavam para casa. Ele parou na porta da cozinha com os olhos turvos e respondeu como um autômato, sem conseguir expressar-se coerentemente, como se os pensamentos estivessem soltos:

— Desculpa, querida... é que...

— Eu sei. Vamos encontrá-los — assegurou, fazendo um gesto carinhoso no seu rosto perturbado. Ele acalmou-se temporariamente, sob a ternura de Sarah.

Continuou percorrendo a casa, levando-a pela mão, esforçando-se por não apertá-la, com a mesma força da angústia que o consumia. Subiu ao primeiro andar, a parte íntima da casa, pela larga escadaria de mármore. Eram quase sete e vinte. Foi direto aos quartos dos pais, os últimos do longo corredor que ficava à direita da escada. Sarah o seguia silenciosamente. Os dois quartos dos pais estavam vazios, com a porta de comunicação aberta, como era habitual.

Jean e Sarah viram a galeria de quartos, salas íntimas e banheiros do primeiro andar e não encontraram sinais da presença deles ou dos empregados. Era como se todos tivessem evaporado. Nada estava fora do lugar ou apresentava indícios de desordem, violência ou roubo. Os objetos adquiriam uma normalidade assustadora, comparados com a ausência de vida numa casa daquele tamanho. Agora, o normal é que parecia estranho naquele enigma.

— Não sei onde podem estar — disse ele, parando no topo da escada por alguns segundos, antes de voltar ao térreo, sem disfarçar o temor que se instalara definitivamente nos seus olhos.

— Só falta a adega, Jean — sugeriu Sarah de novo.

— Sim... Mas não vejo como podem estar todos na adega. Fazendo o quê? A adega está fechada — argumentou, dirigindo-se à cozinha, para pegar a chave.

Desceram devagar. Jean Luc sentia as mãos geladas e trêmulas, e o peito muito apertado, como se o coração tivesse triplicado de tamanho e não coubesse mais ali. Enfiou a chave na porta e rodou-a, apreensivo. Nesse momento, a adrenalina havia dominado todos os seus sentidos. A possibilidade de alguém estar por trás daquela porta fechada só podia ter um significado terrível. Antes de abrir a porta respirou fundo, enfiando todo o ar possível nos pulmões, como se fosse atirar-se num mergulho longo e profundo. Empurrou a porta devagar e entrou. A luz estava propositalmente acesa e o espetáculo apresentou-se de imediato aos olhos. No centro vazio da adega, sob o chão frio, estavam todos deitados e alinhados, com as mãos cruzadas sobre o peito, como se dormissem.

Jean Luc deu uns passos até o pai, a primeira pessoa da fila. Do seu lado estava a mãe, e a seguir os empregados. Ao todo, eram onze pessoas. Ele ajoelhou-se, como se tivesse perdido a sustentação e caísse no chão. Sentiu o frio da pedra entrar pelos

seus joelhos e quando esticou a mão para tocar no rosto do pai, Sarah o impediu, e disse baixo, mas firme:

— Não toque em nada, Jean. Temos que chamar a polícia.

Ela pegou o celular e ligou para a polícia explicando o que tinha acontecido. Eram sete e quarenta e, em menos de meia hora, a casa foi invadida por gente estranha e uniformizada.

Étienne Bergès, diretor da Divisão de Homicídios de Paris, tinha cinquenta e cinco anos e estava com um mau humor impossível de descrever. Desde a morte das crianças, uma semana antes, não dormia, assombrado pelas imagens daquele que considerava o pior caso da sua carreira. Nessa noite deveria viajar para Londres, onde se encontraria com os colegas do núcleo para tentarem descobrir alguma pista que os levasse ao responsável por aquele caso macabro. E quando a única coisa que parecia aliviá-lo estava tomando forma e ele se encontrava relativamente feliz a caminho do aeroporto, de onde seguiria para Londres, o celular tocou. Étienne reconheceu o número do seu assistente, Andre Mopellier, e soube que só poderia ser mais um problema.

— *Merde!* — resmungou. — O que aconteceu? Ainda nem saí de Paris.

— Senhor... — pelo tom de voz desesperado de Andre, ele percebeu que o problema não era apenas grave, mas devia ser uma coisa monumental.

— Ah! Tenho até medo de perguntar o que aconteceu. Diga, Andre — falou Étienne acendendo um Gauloise, indiferente ao ataque de tosse que provocou no motorista da polícia, que dirigia ao seu lado. Escutou calado o breve resumo do assistente, interrompendo-o apenas para dizer ao motorista:

— Volte para trás, Marcel. Vamos para a casa dos Messie — deu uma longa tragada no cigarro, e falou para Andre, do outro lado da linha. — Pode continuar..

Étienne era alto, magro e um fumante inveterado. Estava no seu segundo casamento, vivendo uma crise provocada pela descoberta de que já não amava sua mulher, Rose, mais precisamente, que já não era capaz de suportá-la. Esse fato, adicionado ao caso dos Anjos Caídos, deixava os seus nervos em frangalhos. Sair de Paris, por alguns dias, era a oportunidade ideal para pensar com tranquilidade nos dois assuntos que tanto o incomodavam. Mas agora surgira mais um imbróglio: o assassinato dos Messie, um importante casal da alta sociedade parisiense.

Quando chegou à casa dos Messie, Étienne abandonou os pensamentos sobre a sua vida pessoal, para se concentrar no novo problema.

10. O massacre de Babi Yar

Era um panorama mais atterradoramente desolado do que se torna possível à imaginação humana conceber.

Edgar Allan Poe (1809-1849)

Após muita insistência de Dib, Elizabeth cedeu e o acompanhou à sede da Ordem. Era a primeira vez que saía de casa desde que voltara da África do Sul. Saíram no meio da tarde, e a temperatura estava morna, com a ameaça de um friozinho para o final do dia. As flutuações meteorológicas de São Paulo tornavam o tempo totalmente imprevisível.

Kent, Alessia, Uchoa e Seth estavam na Biblioteca, o lugar privilegiado do estudo e, também, do convívio. Todos estavam preocupados com o caso das crianças e a ausência de pistas, mas Elizabeth estava incomodada com algo específico: queria que Kent explicasse os comentários que fizera sobre Miguel durante a última reunião da Ordem, e aquela parecia uma boa oportunidade para esclarecer as suas dúvidas:

— Kent, você disse que me contaria os motivos da sua raiva contra Miguel. Pode ser agora?

Dib interveio, acreditando que as revelações sobre Besson não deviam ser feitas naquele momento por duas razões: Elizabeth precisava de tranquilidade para descobrir o assassino das crianças e Daniel estava ausente.

— Sugiro que deixemos isso para depois, quando Daniel voltar — disse, mas Kent não estava disposto a calar-se e Elizabeth queria chegar ao fundo da questão e acabar de vez com aquele mistério.

— Acho que está na hora de Elizabeth saber qual o papel de Besson em alguns dos massacres mais sangrentos da história — respondeu Kent, como se tivesse aguardando pacientemente por aquele momento.

— Não é possível — respondeu Elizabeth, na defensiva.

— Besson participou da Segunda Guerra Mundial, ao lado de Hitler — disse Kent, com um discurso cru onde se adivinhava a exposição de uma torrente de crueldades.

— Ele pode ter participado da guerra, mas não era necessariamente nazista — respondeu Elizabeth, lembrando que a marca Sigel, das ss, tatuada no braço de Daniel, também parecia revelar um envolvimento com Hitler. Mas, naquele contexto, embora não soubesse o que pensar, tinha que defender Miguel. Não podia acreditar que ele tivesse sido um nazista.

— A participação de Besson foi profunda. Percebe-se a sua influência em vários pontos do nazismo — frisou Kent com os dentes apertados, para evitar expor toda a sua ira e dor. — Hitler era vegetariano, não fumava nem bebia, e nisso foi influenciado pela doutrina cátara da pureza. Uma doutrina que chegou até ele através de Besson.

— Há outras influências, historicamente provadas — rejeitou Elizabeth.

— Há, mas nenhuma foi mais forte que a influência secreta de Besson. Garanto. Dou ainda outro exemplo, entre os vários que existem. Durante a Segunda Guerra, os nazistas empreenderam uma verdadeira caçada a todos os objetos místicos, que Besson conhecia: a Arca da Aliança, que tinha o poder de vencer exércitos, o Cálice de Cristo, que é o fundamento simbólico da pureza do sangue ariano, a Lança do Destino, que feriu Cristo na Cruz, o anel de Gengis-Khan com a Suástica gravada...

— Miguel não era o único que sabia da existência desses objetos — interrompeu Elizabeth. — Além disso, os nazistas não os encontraram.

— Infelizmente encontraram alguns. Sabe-se que eles conseguiram a Lança do Destino no dia 12 de março de 1938, o dia em que a Alemanha invadiu a Áustria — Kent fez uma pausa antes de acrescentar uma informação que sabia ser do interesse de Elizabeth. — Também procuraram uma pedra fantástica, conhecida como Pedra Negra ou Pedra de Lilith, e que não era outra senão a Esmeralda de Salomão.

— Encontraram a esmeralda? — perguntou, lembrando-se imediatamente que aquela era a esmeralda que estava na base do punhal que assassinara a sua mãe.

— Pensamos que não, mas não sabemos como foi parar nas mãos do assassino da sua mãe e da sua avó — mentiu Kent, que acreditava na participação de Miguel nas mortes de Angelina e Anabelle, ciente de que aquele assunto teria que ser tratado por Daniel.

— Nada do que me contou prova que Miguel era nazista. Os princípios que integram a filosofia nazista podem ter origem noutras fontes. Muitos vieram do hinduísmo, do ocultismo, dos antigos mitos germânicos... — revelou, mostrando que conhecia o tema.

— Sim — concordou Kent. — Mas há mais, Elizabeth. O objetivo oculto do nazismo foi o holocausto, o sacrifício de milhares de vítimas. Assassinar tanta gente inocente era um rito sacrificial, um rito de morte, que lhes permitia adquirir poder. E a guerra possibilitou isso com a participação de Besson.

— Como é que Miguel ajudou ou participou nisso?

— Antes precisa conhecer o contexto... Você já ouviu falar dos *Einsatzgruppen*? — perguntou ele.

— Vagamente.

— Eram os esquadrões de morte, grupos anteriores aos campos de extermínio. Eles acompanhavam o exército e assassinavam as populações. Primeiro eliminavam os homens para diminuir o risco de qualquer ameaça, depois assassinavam as mulheres e as crianças. Jogavam os corpos em valas imensas, uns sobre os outros... — Kent falava com a voz exaltada e as mãos crispadas, incapaz de se conter, visivelmente perturbado pelas lembranças. — E sabe quem comandava esses grupos? Besson!

— Não é possível, Kent — negou, horrorizada. Levantou-se, de repente, e a cadeira tombou atrás dela, batendo estrondosamente contra o chão. Uchoa endireitou a cadeira e segurou o braço dela, tentando acalmá-la. Os olhos dela ferviam entre a descrença, a repulsa e a angústia. Ela queria respirar e não conseguia: faltava-lhe o ar. — Alguém viu o Miguel? — perguntou ela, depois de respirar fundo, tentando racionalizar e descobrir se havia provas que sustentassem o relato de Kent.

— Eu estava lá. Sou um dos quatro sobreviventes do massacre de Babi Yar, na Ucrânia, em 1941. E vi Besson entre as tropas de comando de Hitler, com os *Einsatzgruppen* — anunciou, cedendo ao peso da memória. — Eles dizimavam populações inteiras em horas. Em Babi Yar mataram trinta e três mil judeus em dois dias. Foi

depois disso que surgiu a ideia dos campos da morte, que começaram a funcionar em 1942.

— E os *Einsatzgruppen* pararam? — perguntou, com esperança que tivessem terminado.

— Não. Continuaram até o final da guerra. Eles eram o holocausto em movimento. E Besson participou desses grupos. É isso que precisa compreender — falou mais devagar, como se tivesse tirado um imenso fardo das costas, e agora não restasse mais nada, senão a exaustão.

— Por que Miguel participaria dessas mortes terríveis? Por quê? — perguntou Elizabeth, esforçando-se por dominar o choque que a revelação lhe causara e tentando encontrar alguma explicação para o comportamento de Miguel.

— Não sei. Mas acredito que ele fez parte de outras barbaridades — avisou Kent para não deixar dúvidas sobre o lado obscuro de Besson. Elizabeth não quis escutar, embora imaginasse que nada podia ser pior do que a participação no holocausto. Mas, apesar do relato de Kent, e do silêncio de todos, custava-lhe acreditar que Miguel tivesse participado de todo aquele horror. Alguma coisa dentro dela, talvez aquela sua voz interior que se tornara cada vez mais firme, lhe dizia que aquilo não era possível. Miguel não podia ser aquele monstro cruel que Kent revelara com tamanha precisão.

Pedi que Dib a levasse para casa e nessa noite não atendeu o telefonema de Miguel. Não era capaz de falar com ele até descobrir qual fora o seu papel naqueles eventos macabros.

Étienne Bergès possuía uma aura mítica: era o inspetor com maior número de casos resolvidos na história da polícia francesa. A sua argúcia era tão famosa que as pessoas tinham certo receio que ele

descobrisse coisas íntimas sobre elas, e ficavam na defensiva quando ele andava por perto. Ele divertia-se principalmente quando percebia a resistência dos novatos em fixá-lo nos olhos, como se ele pudesse ler pensamentos. E aquilo era exatamente o que os denunciava. Quanto maior era o receio que sentiam, mais tinham a esconder e Étienne precisava de muito pouco para descobrir o que queriam ocultar: a noitada de bebedeira, a traição, a jogatina. Eram coisas simples que se refletiam na postura do corpo, na forma como atendiam um telefonema, na camisa amarrotada às oito da manhã. Detalhes que não escapavam ao olhar bem treinado de Étienne. Era um dos seus grandes trunfos, juntamente com uma memória prodigiosa e um brilhante raciocínio dedutivo, desenvolvido ao longo dos trinta e dois anos de polícia.

Porém, naquela noite, estava sem disposição para brincadeiras e assim que saiu do carro pressentiu que aquele caso só lhe traria dissabores, exatamente como o caso das crianças. Ao longe, atrás do muro, via os fotógrafos e as câmeras de televisão que quase o haviam impedido de atravessar o portão no frenesi da busca por notícias.

Andre o aguardava, com o rosto excessivamente preocupado. Étienne perguntou com a sua voz de fumante, macia e um pouco enrouquecida:

— O que foi?

— É melhor ver pessoalmente — respondeu o assistente, usando a estratégia que anunciava sempre péssimas notícias.

Étienne colocou as proteções sobre os sapatos, calçou as luvas de látex e entrou na casa com passos lentos, observando tudo com atenção enquanto se encaminhava para a adega, o verdadeiro cenário do crime. A sua presença era suficiente para trazer ordem e silêncio ao local.

Assim que chegou à adega entendeu os motivos da preocupação de Andre: as vítimas estavam posicionadas exatamente da mesma forma que as crianças, em fila, com as mãos cruzadas sobre o peito, a direita sobre a esquerda. A possibilidade dos dois casos estarem relacionados provocou-lhe uma sensação de náusea, porque todas as possíveis teorias que haviam construído até ali pareciam ter caído por terra.

Aproximou-se dos corpos e percebeu que não haviam sido mortos da mesma forma que as crianças: em vez do golpe na jugular, todos tinham um golpe no lado esquerdo do corpo, que parecia ter atingido o coração. O ferimento aconteceu com uma lâmina relativamente estreita. Mas o espantoso era a ausência de sangue, e com exceção de pequenas gotas sobre a roupa e o chão, não havia uma quantidade que justificasse a morte.

— Isso não é nada bom — resmungou Étienne.

— Estão com a mesma pose das crianças. Acha que foi alguém que imitou o caso, para nos confundir? Vazaram algumas fotografias na internet... — comentou Andre.

— Ainda é cedo para tirar conclusões, mas acho pouco provável que seja uma imitação. Já fotografaram tudo? E o médico-legista?

— O médico já liberou os corpos, mas ainda estamos filmando e fotografando os detalhes — anunciou Andre seguindo Étienne, que andava com passadas lentas escrutinando tudo com minúcia. Depois de cinco minutos de profunda análise do local Étienne perguntou, com base no breve resumo que Andre tinha feito previamente por telefone:

— Então foi o jovem Messie que encontrou os pais?

— Sim. Junto com a namorada, Sarah. Estão lá em cima, na sala... bem, numa das salas. Achamos que devíamos deixar que o senhor o

entrevistasse. O Jean Luc está muito abalado. Muito abalado mesmo — insistiu Andre.

— E a namorada também está abalada? — questionou Étienne, porque naquele momento tudo e todos lhe pareciam suspeitos.

— Sim, mas menos. Percebe-se que ela está se esforçando para manter o controle, talvez para poder apoiá-lo.

— Vamos lá falar com eles — disse, memorizando os nomes de Jean Luc e Sarah, e seguindo Andre, que se colocou ao seu lado, para guiá-lo pelo labirinto de salas.

Em Londres, Bardas entregou a Daniel um *pendrive* com as fotografias de todos os que haviam contatado Dimitri Sergeevich durante o tempo em que a polícia o vigiara. Também o convidou para jantar, mas Daniel preferiu comer algo frugal e ficar no quarto do hotel analisando as fotografias das crianças em busca de algo que pudesse ter escapado aos investigadores. Embora achasse difícil descobrir novidades, sabia que a sua intuição ia sempre além dos olhares comuns, captando detalhes que escapavam à esfera humana.

Depois de comer uma sopa cremosa de champignons e dois crepes de legumes, avaliou as fotografias por ordem crescente, do primeiro crime, na Suíça, ao último, na França. As cenas do crime eram similares: descampados onde as crianças eram alinhadas com as roupas arrumadas e as mãos cruzadas. Os investigadores haviam descartado que aquelas fossem as cenas originais dos crimes por não haver sangue ou outros vestígios no solo. Era um mistério como alguém tinha posicionado as crianças sem nunca ser visto, porque eram locais ao ar livre, expostos e próximos de centros urbanos.

Daniel olhava para as fotografias e, assim como Bardas, não conseguiu deixar de pensar em Alejandra, a jovem assassinada em Madrid que havia sido encontrada sobre um banco de jardim, sem uma gota de sangue no corpo. Paco Fuentes, o "Assassino das Virgens", jurava que a morte de Alejandra, e de outras jovens que assassinara durante anos, era parte de um ritual que o mantinha jovem e poderoso. O certo é que, um ano após a sua prisão, Paco sofreu uma doença degenerativa que o matou em uma semana, sem que os médicos conseguissem explicar a velocidade do fenômeno. Paco jurou até o fim que tinha mais de cento e cinquenta anos. Ele foi convenientemente rotulado como esquizofrênico e o caso ficou por ali. No entanto, Daniel e Kent perceberam, na ocasião, que havia algo de maligno sob tudo aquilo, embora não tivessem descoberto o que era.

Agora que Daniel estabelecera aquela ligação, ao observar minuciosamente as fotografias, percebia cada vez mais semelhanças: Alejandra também havia sido encontrada num espaço aberto, tranquilamente deitada, com as mãos cruzadas sobre o peito, a esquerda por baixo da direita, e duas marcas na jugular, por onde se esvaíra lentamente o sangue. No caso dos Anjos Caídos, certamente por serem muitas crianças, a drenagem não podia ser lenta, e por isso o assassino optara por um método mais rápido. Mas havia mais semelhanças do que diferenças entre os dois casos, o que reforçava a ideia de uma relação entre o assassinato de Alejandra, tantos anos antes, e o assassinato daquelas crianças. E essa possibilidade significava que apesar de serem assassinos diferentes, tinham em comum a mesma filosofia, tratando-se, portanto, de um ritual relacionado com a aquisição de poder, como eram, na essência, todos os ritos de magia negra. No final, independente dos objetivos, tratava-se de conseguir algo difícil ou

impossível de alcançar por meios normais, sendo o ritual um exercício que abria as portas a algum tipo de poder. O preço a pagar seria sempre excessivo, muito caro.

Aquela descoberta abria um novo caminho na investigação, e revelava que as crianças eram assassinadas por motivos obscuros, estando descartada a possibilidade de um *serial killer*. O fato de se tratar de um ritual explicava o cuidado com os detalhes e a repetição sistemática das cenas do crime nos diferentes países. O assassino era metódico não por ter qualquer distúrbio de personalidade, mas porque precisava repetir o ritual com precisão. Embora Daniel já suspeitasse, agora tinha certeza de que os assassinatos eram ritualísticos. Porém, em vez dessa certeza o apaziguar, deixou-o angustiado. Estavam agora no reino da maldade pura: o assassino era alguém que se fortalecia com as mortes das crianças. E cabia a Daniel explicar aquilo aos investigadores, de forma racional.

Étienne entrou na sala onde Jean Luc e Sarah estavam sentados num pequeno sofá, de mãos dadas, um do lado do outro. Ele parecia apertar tanto a mão dela que os seus dedos estavam com os nós quase brancos. Depois de ver os pais sem vida, deitados sobre o chão frio da adega, não tinha dito mais uma palavra. Mesmo quando um dos detetives de homicídios falou com ele, foi Sarah quem respondeu às perguntas. Ele mantinha o rosto virado para baixo, com o olhar fixo no chão e o único sinal de vida era o elo que mantinha com Sarah através da mão fechada em torno da dela, como se ela lhe desse uma dimensão terrena que parecia escapar desde a morte dos pais.

Étienne puxou suavemente uma cadeira, sentou-se na frente deles e começou a falar sem pressa, preparando-se para arrancar o jovem

do mutismo em que mergulhara:

— Sou Étienne Bergès, da Divisão de Homicídios de Paris. Vou investigar este caso, mas preciso da sua ajuda, Jean Luc. Você e Sarah foram as primeiras pessoas a ver os seus pais e temos que conversar sobre isso. Sei que é muito doloroso, mas precisamos fazer isso agora, Jean Luc — repetiu o nome dele para chamar a sua atenção.

Jean Luc levantou os olhos do chão e fixou-se em Étienne, vendo um rosto sereno, de belos traços, com cabelos brancos. Étienne lhe transmitiu uma imediata sensação de tranquilidade, no meio daquele caos que tinha invadido a casa, como um furacão louco.

— Podemos conversar aqui ou prefere outro lugar? — perguntou Étienne, atencioso.

— Podemos continuar aqui. Era a saleta preferida da minha mãe — Étienne percebeu a breve hesitação do jovem antes de dizer o verbo no passado, lutando para assimilar a violenta realidade e verbalizá-la de forma correta. Jean Luc parecia calmo, tinha aquela imagem de quem se habituara desde muito cedo a não expor as emoções em público, mas Étienne sabia que ele estava mergulhado num grande sofrimento. Leu todos os sinais: os olhos muito brilhantes pelas lágrimas ocultas, a boca crispada, as palavras ligeiramente enrouquecidas pelo nó na garganta, e a mão apertando a de Sarah, como um náufrago que se segura à última possibilidade de salvação. Também observou Sarah: era pouco mais nova do que ele e tentava parecer tranquila, mas estava longe de ter o autocontrole de Jean Luc. Havia vestígios de lágrimas nos olhos e a boca estava trêmula, tentando segurar o choro. Étienne teve certeza de que ela desabaria primeiro do que Jean Luc.

— Quer chamar o seu advogado? — sugeriu Étienne, com a sua ética impecável. Detestava aproveitar-se da fragilidade das pessoas

e sabia que se Jean Luc fosse o assassino não haveria advogado que o impedisse de descobrir a verdade.

— Já telefonei. Ele deve estar chegando — respondeu Sarah, com a voz não muito firme.

— Então vamos esperar — sugeriu Étienne.

— Obrigado, mas não é necessário — respondeu Jean Luc com firmeza inesperada, como se tivesse acordado de repente.

— Tem certeza? — insistiu Étienne.

— Sim.

— Conte-me o que aconteceu desde que entraram em casa. Posso gravar? — pediu Étienne com calma, fazendo um pequeno sinal para Andre providenciar água para todos.

Nesse momento a porta da saleta abriu-se e entraram dois advogados que aconselharam Jean Luc a não dizer nada. Pediram para falar com ele a sós antes de qualquer contato com a polícia, mas Jean Luc limitou-se a acenar a cabeça ligeiramente, mostrando que compreendera a mensagem deles, antes de convidar:

— Sentem-se, por favor, senhores. Vou dar o meu depoimento agora e não gostaria de ser interrompido. Isto é doloroso para mim.

— Aquele posicionamento, feito com um estupendo autocontrole, maravilhou Étienne, que se tornou um secreto admirador do jovem Messie. Depois pegou um dos copos de água que alguém trouxera, bebeu um gole e pousou-o na mesa ao lado do sofá, sem nunca soltar a mão de Sarah.

— Podemos começar, *Monsieur* Étienne. E pode gravar — disse Jean Luc, contando pormenorizadamente a deambulação que ele e Sarah haviam feito até encontrarem os pais e os empregados na adega, não omitindo a estranheza e o temor que sentiram durante a busca. Contou também que Sarah o impedira de tocar nos pais e ela é que chamara a polícia. Quando terminou, Étienne perguntou:

— Os seus pais têm uma grande coleção de obras de arte, não é?

— Sim. É um fato do conhecimento público.

— Sei que não teve tempo para pensar sobre isso, mas pode verificar se falta alguma peça? Talvez os seus advogados possam nos dar uma lista e fazer uma auditoria para ver se está tudo aqui — sugeriu Étienne, amigavelmente.

— Sim — respondeu Jean Luc olhando para os advogados, reforçando o pedido de Étienne. — Acha que mataram os meus pais para roubar algum objeto de arte?

— Talvez. Por quê?

— Bastaria virem aqui quando eles não estivessem, mesmo com os alarmes e a segurança. Não justificaria assassinar a todos.

— Com certeza os seus pais têm cofres e os criminosos podiam desejar os códigos. A sua mãe guardava as joias em casa?

— Algumas. As mais valiosas estão no banco. Mas vou avaliar o conteúdo dos cofres...

Depois de responder a todas as perguntas de Étienne, Jean Luc questionou:

— Há mais alguma coisa que queira saber, *Monsieur*?

— Por enquanto não, Jean Luc — respondeu Étienne, impressionado com o jovem.

— *Monsieur* Étienne, gostaria de saber quando vão liberar os meus pais.

— Em vinte e quatro horas. Vou priorizar este caso — afirmou.

— Muito obrigado. Vamos preparar a cerimônia e providenciar tudo o que for necessário para a polícia. Até a data do funeral, gostaria de ficar na intimidade da minha casa.

— Não tem outro local para ficar? — perguntou Étienne.

— Prefiro ficar aqui — respondeu Jean Luc.

— Vamos deixar aqui dois policiais para garantir a sua segurança. Não sabemos as razões do crime e a partir deste momento vai andar escoltado. Além disso, a adega estará selada até desvendarmos o caso — disse Étienne, despedindo-se de todos.

Jean Luc tinha uma personalidade forte sob a polidez da educação, mas estava verdadeiramente afetado pela morte dos pais. Sarah era doce e tentava parecer forte, mas não tinha estrutura para aguentar o choque. Étienne podia jurar que nenhum dos dois estava envolvido com nada que estivesse ligado à morte dos pais dele. E ele raramente se enganava. Mas não podia ainda excluí-los da lista de suspeitos até ter provas concretas de que eram inocentes.

Dimitri Sergeevich estava vendo o telejornal, depois do jantar, junto com alguns outros presos privilegiados, quando deu um salto, como se tivesse sido picado por uma serpente. Levantou-se, atravessou rapidamente a sala de televisão para aumentar o som e fez um sinal com a mão pedindo silêncio. Ficou imóvel ao lado da televisão, com o rosto frio, até ouvir a notícia toda. Quem o observasse perceberia que a morte do casal francês o tinha perturbado, mas ninguém se atrevia a dar um ai enquanto Dimitri não se movesse. A notícia não era longa: o casal Messie tinha sido assassinado juntamente com todos os seus empregados, mas o filho estava ileso, porque se encontrava na casa da noiva no momento do crime. A polícia não dera detalhes para não comprometer a investigação. Dimitri sabia bem que a polícia só apelava para o sigilo e o argumento do comprometimento da investigação em duas situações: quando já sabia tudo e estava pronta para fazer uma prisão, ou quando não sabia literalmente nada. E parecia que, naquele caso, a segunda hipótese era a mais provável. Após a

notícia terminar, continuou mais alguns segundos de pé, parado quase na frente da televisão, antes de abandonar a sala com passos largos, decidido a descobrir quem matara Charles Messie, a única pessoa que o tratara sempre da mesma forma generosa e não o abandonara naqueles meses de prisão. Dimitri seria libertado no final do mês, mas mesmo assim, aquele tempo lhe parecia muito longo para vingar a morte do amigo.

Foi para a sua cela pensando nas razões para aquele assassinato e a única coisa que lhe ocorreu foi a de que os Messie haviam sido mortos por causa das suas famosas e fenomenais obras de arte. E aquele era o seu reino: o obscuro mundo do mercado paralelo, das artes roubadas. Imaginou que alguém entrara na casa para roubar, mas não fazia sentido que fosse durante o dia, com todos os empregados por lá. Até um incauto escolheria um dia e um horário tranquilo. Dimitri não tinha informação suficiente para desenvolver uma teoria que explicasse o trágico evento. Porém, a partir daquele instante, descobrir o assassino de Charles Messie passou para o topo das suas prioridades. E a sua segunda prioridade era conseguir o famoso Punhal das Almas para oferecer ao jovem Messie, como o seu pai tanto desejara.

11. O caso Messie

Quando se planeja, nenhuma manobra deverá ser inútil; na estratégia, nenhum passo em vão.

Sun Tzu (544 a.C.-496 a.C.)

Daniel decidiu enviar a informação sobre os contatos de Dimitri Sergeevich para Miguel.

— Besson. Acordei-te? — perguntou.

— Não — mentiu, com a voz bastante controlada, para quem acabara de ser arrancado do sono. — Mas preciso de um café.

— Enquanto prepara o seu café, me escute: vou enviar os arquivos que Bardas me entregou.

— Pensei que quisesse analisá-los comigo — comentou, surpreso com o voto de confiança de Daniel. Sabia que ainda havia muito para resolver entre eles, mas desde que tinham estado na África do Sul, a ligação estava se restabelecendo de modo menos tenso.

— Estou sem tempo agora e acho que não devemos atrasar mais isso.

— Também acho. Não estou com uma boa... intuição — comentou, depois de um generoso gole de café.

— O que quer dizer?

— Pressinto que vamos ter muitos problemas para conseguir esses objetos — disse Miguel, sério.

— Compreendo. Alguma sugestão? — perguntou Daniel, consciente de que os guardiões, principalmente Kent, também não estavam com um bom pressentimento. E ele também não.

— Temos que nos apressar — avisou Miguel.

— Vou enviar uma cópia do arquivo criptografado para o seu e-mail. A chave para acessar a informação vai por mensagem, para o seu celular.

— Assim que receber, vou comparar com os dados que tenho, mas acho que sei quem tem os objetos — disse Miguel, pousando a xícara vazia sobre a bancada da cozinha.

— Quem?

— Charles Messie, um colecionador de arte francês que fazia parte da nossa lista. Ele foi assassinado ontem, no final da tarde, aqui em Paris.

— Você está em Paris? — estranhou Daniel, pensando na coincidência de Miguel se encontrar de novo em Paris no dia em que foi cometido mais um crime.

— Sim... — disse Miguel — Por quê?

— Nada — respondeu Daniel. — Achei que estivesse em São Paulo.

— Cheguei ontem pela manhã — contou Miguel, começando a descrever o caso dos Messie. — Ninguém sabe nada sobre os assassinatos, mas há muita especulação porque a polícia não soltou nenhuma informação. Parece que o único sobrevivente foi o filho. Mataram todos os que estavam em casa: o casal Messie e os empregados, onze pessoas ao todo.

Daniel ficou um segundo em silêncio avaliando a situação, antes de perguntar:

— Também não se sabe por que foram assassinados?

— Não há qualquer informação oficial.

— Isso não é um procedimento normal... — comentou.

— Parece que a polícia vai fazer uma conferência de imprensa, mas só depois do funeral dos Messie, previsto para amanhã, ao meio-dia.

— Analise as fotografias que Bardas disponibilizou e veja se Messie está entre os que contataram Dimitri. E avise-me se tiver novidades — disse Daniel, terminando a conversa.

— Claro — respondeu Miguel, calmamente.

Sarah ligou para os pais e pediu que viessem para Paris. Jean Paul estava destroçado e ela não sabia o que fazer para aliviar a sua dor, exceto ficando ao seu lado, presa pela mão que ele se negava a soltar durante a maior parte do tempo.

Nessa noite, enquanto Sarah dormia, rendida à exaustão, Jean Luc foi à pequena sala onde guardavam as relíquias e percebeu que o Cálice de Cristo tinha desaparecido, mas o Anel de Salomão continuava ali. Jean Luc não entendia os motivos para que apenas uma das relíquias tivesse desaparecido, já que ambas eram as relíquias mais enigmáticas que possuíam.

Ainda não eram oito da manhã quando telefonou para Étienne Bergès, arrancando-o de um sono profundo. Étienne acordou abruptamente, sentando-se na beira da cama para atender o celular.

— *Bonjour, Monsieur* — Étienne reconheceu a voz de Jean Luc, no cumprimento matinal. O jovem ficara preso na sua memória de

forma vívida. Étienne raramente se impressionava com alguém, mas aquele jovem lhe pareceu especial.

— Jean Luc. Está tudo bem?

— Sim, obrigado — agradeceu, entrando rapidamente no assunto que o levou a telefonar para Étienne. — Descobri o que foi levado aqui de casa, mas gostaria de falar com o senhor pessoalmente. Acredito que precisamos manter alguma discrição sobre o assunto.

— Claro — rematou Étienne. — Qual o melhor horário para eu passar aí?

— Durante a manhã. Vou estar em casa. Os pais de Sarah chegam de Londres — justificou.

Foi ao ouvir a palavra “Londres” que Étienne lembrou que precisava telefonar para Shaw e Bardas, avisando-os do contratempo que o impedira de viajar.

— Passo aí por volta das dez. Obrigado por ter ligado, Jean Luc — agradeceu, finalizando a conversa. Desligou o telefone e foi para o banho.

Elizabeth não acreditava que Miguel tivesse sido um nazista feroz e cruel. Não o achava capaz de participar na morte de tantos inocentes. Mas a dúvida criada pelo relato de Kent, dito à frente de vários guardiões que não o contestaram, gerava uma angústia crescente. Decidiu consultar Daniel, evitando confrontar Miguel enquanto não estivesse segura.

— Daniel. — Ele estava na rua, a caminho do escritório do núcleo, no centro de Londres. Percebeu que ela estava ansiosa.

— O que foi? — perguntou preocupado.

— Sei que está ocupado com o caso dos Anjos Caídos e a busca das relíquias, mas...

— Diga, Elizabeth — insistiu, com suavidade.

— Ontem à tarde, na biblioteca, Kent me contou que Miguel participou no genocídio dos judeus e comandou os *Einsatzgruppen*. Disse que o viu no massacre de Babi Yar.

Daniel meneou a cabeça em sinal de reprovação, mas não comentou. Achava inapropriado que Kent tivesse contado aquilo a Elizabeth num momento em que ela precisava de tranquilidade para se recuperar totalmente do acidente e ajudar a descobrir os assassinos das crianças. Percebia que Kent estava consumido com o que acontecera, mas aquele não tinha sido o melhor momento para contar a verdade a Elizabeth.

— Besson me disse que estava disposto a falar sobre o assunto, quando Kent quisesse.

— Mas é verdade?

— Kent afirma ter visto Besson em Babi Yar. E eu acredito em Kent. Mas Besson tem direito de defesa, não acha?

— Sim — concordou, sentindo que ainda havia esperança na inocência de Miguel.

— Vamos ouvi-lo primeiro. Ele deve ter uma justificativa para ter estado lá. Nem sempre as coisas são o que parecem — lembrou, tentando fazê-la sentir-se melhor, mas sem conseguir evitar o ciúme que o afeto dela por Miguel lhe provocava.

— Está bem — concordou, sentindo-se mais calma depois de ouvi-lo. Admirava o modo como ele era sempre tão equilibrado e justo em suas análises.

— O que aconteceu ou o que Miguel fez pertence ao passado. Não há como alterar.

— Mas isso define quem ele é — respondeu ela.

— Não necessariamente. O passado define as nossas origens, mas não o nosso futuro, define quem fomos, mas não quem somos.

— Então há esperança?

— Há sempre esperança — respondeu, como se falasse para si mesmo, cada vez mais convencido de que precisava amá-la antes que a mortalidade o arrancasse à vida.

— Sinto-me melhor — confessou, sabendo que ao falar com ele substituíra a angústia pelo desejo. Sentiu a pele quente.

— Concentre-se nos sonhos — pediu, com uma voz carinhosa, apesar de saber que ela ainda estava com dificuldade em retomar as suas atividades normais.

— Vou-me concentrar — respondeu.

— Telefone, se precisar — disse, tentando se despedir. Custava-lhe desligar o telefone, como um adolescente apaixonado. Do outro lado, Elizabeth ficou quieta esperando que a linha emudecesse. Mas ambos continuaram lá, por alguns segundos, em silêncio, e era assim que sabiam daquele amor mesmo sem falarem sobre ele.

— Volte rápido — pediu Elizabeth.

— Sim... — anuiu, desligando finalmente.

Étienne visitou Jean Luc às dez da manhã e percebeu que o jovem continuava muito abalado, com profundas olheiras que denunciavam a noite mal dormida e o sofrimento emocional.

Jean Luc conduziu-o à pequena sala das relíquias, e assim que abriu a porta, Étienne percebeu que estava perante um mundo paralelo, de objetos únicos, cuidadosamente guardados. Jean Luc apontou para uma caixa de madeira, com uma tampa de vidro e disse:

— Era aqui que estava o objeto que foi levado: o Cálice usado na última ceia de Cristo.

Étienne, surpreendido com a informação, olhou para o jovem, se questionando se ele tinha consciência do que estava dizendo. Ficou calado, processando a informação, mas aquilo parecia surreal, mesmo comparado com as muitas bizarrices com que se deparara ao longo da sua carreira. Por fim, questionou delicadamente para não o ofender:

— Jean Luc, tem certeza?

— Sim. O meu pai mandou datar e corresponde ao período em que Jesus viveu — argumentou Jean Luc, antes de explicar. — As pessoas imaginam que é algo luxuoso, talvez ouro ornamentado com pedras preciosas, mas era um objeto simples, de madeira polida, com uma fina cintura de prata. Tem lógica, porque Cristo era simples e pregava que as verdadeiras riquezas eram as do reino do céu, e não da terra.

— Compreendo agora o que quis dizer quando mencionou a necessidade de certa discrição — concluiu Étienne. — Há mais algum objeto especial?

— São todos especiais: objetos usados por santos ou com valor simbólico, como este aqui... — Jean Luc abriu uma caixa e retirou de lá a ponta perfeita de uma azagaia africana. — Chama-se "iklwa" e pertenceu a Shaka Zulu, o mítico rei africano dos zulus. Mas acredito que o objeto similar ao Cálice é este anel, que pertenceu ao rei Salomão.

— Ao rei Salomão? — repetiu, sem ocultar a surpresa. — A esmeralda é verdadeira?

— Sim.

— E o assassino só levou o Cálice e deixou para trás o Anel de Salomão, uma peça muito mais antiga. E também ignorou as outras relíquias e toda a arte valiosíssima espalhada pela casa. — Étienne

pensou por alguns segundos antes de concluir: — Ele não veio roubar ou saquear. Veio buscar o Cálice. Apenas isso.

— Essa parece ter sido a única motivação do assassino — confirmou Jean Luc.

— Tem certeza de que não levaram mais nada? Viu o cofre?

— Estão preparando um inventário, e até agora não faltou mais nada — informou.

— Tem fotografias do Cálice, Jean Luc? — perguntou Étienne, esperançoso.

— Temos um catálogo com informações e fotografias de todos os objetos que possuímos — respondeu, dirigindo-se à biblioteca, seguido por Étienne. Abriu a porta de uma das estantes de madeira maciça e retirou de lá um enorme e pesado caderno. Abriu-o quase no final e mostrou duas fotografias do Cálice. — Só temos essas duas fotografias.

— Não se preocupe — avisou Étienne. — Vou fotografar essas páginas com o celular e o caderno não vai sair daqui.

— Obrigado. Se precisar de mais alguma coisa, diga-me, *Monsieur* — ofereceu, amável.

Despediram-se, e enquanto o motorista levava Étienne para o escritório, no Quai d'Orsay, ele avaliou as fotografias do Cálice com atenção. Era um objeto normal, que não suscitava interesse ou admiração. Tornava-se quase chocante que a sua imagem simples fosse tão desproporcional ao que ele representava.

Mas se o objetivo do assassino havia sido o roubo daquele Cálice, por que entrara na residência quando estavam lá os Messie com os empregados, e os assassinou, posicionando-os da mesma forma que as crianças? Haveria ligação entre os dois casos? E o sangue desaparecido? O que acontecera ao sangue das vítimas? Étienne

pensava em tudo isto, quando o celular tocou, no momento em que entrava no seu gabinete.

— Shaw! Eu ia ligar para você.

— Bom dia — disse, educadamente britânico. — Estamos à sua espera. Já chegou?

— Infelizmente não. Ontem à noite quando estava a caminho do aeroporto assassinaram os Messie e os seus empregados. São um casal importante da alta sociedade francesa — explicou.

— Ouvimos as notícias na BBC. Lamento, Étienne. E quando acha que pode vir? — questionou Shaw, sabendo que a experiência dele era importante.

— Não sei... Este caso tem algo de incomum. Realmente incomum — frisou devagar.

— O que quer dizer? — estranhou Shaw.

— Preciso elaborar um pouco mais o assunto, mas acredito que há uma ligação entre a morte dos Messie e a das crianças — falou no mesmo tom vagaroso, como se estivesse formulando um raciocínio.

— Uma ligação entre os dois casos? — Shaw tentou assimilar a informação. Aquilo, se fosse verdade, implicava uma revisão das teorias deles.

— Vou mandar algumas fotografias para que avalie juntamente com Bardas, e depois conversamos. O especialista dos rituais já chegou? — Étienne havia sido informado sobre a importância de Daniel na compreensão de situações que escapavam à lógica comum. Apesar de Bardas considerar que os métodos dele nem sempre eram transparentes, porque Daniel não revelava as suas fontes, confiava totalmente nele. E isso era suficiente tanto para Étienne quanto para Shaw.

— Sim — respondeu Shaw.

— Ótimo. Quem sabe, ele traz uma luz diferente a isto tudo — comentou se despedindo.

Minutos depois selecionou algumas fotografias e enviou para o e-mail de Matthew Shaw.

Finalmente o quadro tinha sido pendurado na parede de Shaw e ele distribuía estrategicamente a informação, organizando-a por países, enquanto Bardas e Daniel analisavam as fotografias que Étienne havia enviado. Os Messie e seus empregados estavam posicionados da mesma forma que as crianças: alinhadas pela cabeça, com os braços cruzados e a mão direita sobre a esquerda. Também não havia vestígios de sangue no chão. Mas, ao contrário das crianças, aquele era o cenário principal do crime.

— Precisamos descobrir como foram mortos — afirmou Daniel, analisando fixamente as fotografias, consciente de que não podia ser uma coincidência que a morte dos Messie tivesse vindo parar em suas mãos poucas horas depois de Besson acreditar que Charles Messie era o proprietário do Cálice e do Anel. Nada acontecia por acaso.

— Se o caso Messie estiver ligado ao caso dos Anjos Caídos vai ter que aumentar esse painel para a parede do lado — comentou Bardas, bem-humorado desde que instalara a pequena máquina de café espresso no seu gabinete.

— Sim... — concordou Shaw. — Também acha que os casos estão ligados Daniel?

— Preciso de mais informação... — respondeu cauteloso, ciente do peso da sua opinião.

— Vamos falar com Étienne — comunicou Shaw, finalizando o painel. Recuou dois passos e ficou olhando para o quebra-cabeça

gigante e colorido que ocupava a parede quase toda e fazia sentido principalmente para ele. Em seguida ligou para Étienne Bergès e em segundos ele aparecia na tela da televisão de Shaw, fumando o seu Gauloise.

— *Bonjour* — cumprimentou Étienne, antes de adotar o inglês e ir direto ao assunto. — Viram as fotografias?

— Como vai? Apresento-lhe Daniel de Payens — disse Shaw, fiel ao protocolo.

— Muito prazer — respondeu Étienne, apagando o cigarro enquanto observava os três na sua própria tela, pendurada na parede.

— Vimos as fotografias — falou Bardas, devolvendo o foco à conversa. — E estamos com algumas dúvidas.

Étienne anuiu com a cabeça, e Daniel perguntou:

— Já tem informações da autópsia que expliquem como foram mortos?

— Fizeram quatro autópsias até o momento: a dos Messie, do chef e da governanta. Ainda faltam sete — acendeu novo cigarro. — Mas estes quatro foram mortos de maneira incomum: uma lâmina longa e não muito larga penetrou no peito entre as costelas até um milímetro antes do coração...

— A lâmina não perfurou o coração? De nenhum deles? — inquiriu Daniel, estranhando.

— Exato. A lança não chegou sequer a tocar no coração, mas os quatro morreram.

— E pelo visto os outros também... — disse Bardas, com ironia, antes de perguntar: — Morreram do golpe?

— Não. Os três médicos-legistas que estão trabalhando no caso não conseguiram determinar a causa da morte. E o pior é que também não conseguem explicar a ausência de sangue nos corpos e

na casa. O sangue desapareceu e as vítimas só têm aquele ferimento no peito. Mais nada. Nenhuma outra perfuração, nenhuma marca... Nada. — falou Étienne.

— É obvio que há uma explicação científica para isso — comentou Shaw.

— Deve haver... — concordou Bardas. — Porém é mais fácil explicar o que aconteceu às crianças do que o que aconteceu com os Messie.

— Mas há mais — avisou Étienne, com a sua voz profunda. — Não foram encontrados sinais de violência. As entradas não foram forçadas, e parece que as vítimas se deitaram voluntariamente no chão para receber o golpe. O ferimento mostra que o objeto foi usado num ângulo ligeiramente ascendente.

— Uma pessoa de pé, perfurando o peito das vítimas deitadas. É isso? — sistematizou Shaw.

— Sim. De pé, posicionada do lado esquerdo das vítimas. Isto é... — Étienne hesitou procurando uma palavra que revelasse o seu raciocínio lógico, sem resvalar para a esfera do irracional, mas não conseguiu. — Bizarro!

— E a arma do crime? Alguma teoria? — quis saber Shaw.

— Não... Estão fazendo os moldes — informou Étienne.

— Gostaria de ver os corpos e o local do crime. É possível? — perguntou Daniel.

— Sim, quando quiser — entusiasmou-se Étienne.

— Viajo no primeiro voo para Paris — Daniel comunicou, decidido.

— E as crianças? — perguntou Shaw, surpreendido com a decisão.

— Precisamos determinar se os casos estão ou não ligados Shaw, para termos um panorama claro do que está acontecendo — defendeu Daniel. — E para ter certeza, prefiro analisar tudo o que puder *in loco*.

— Compreendo — concordou Shaw, vencido pelo argumento inteligente, embora preferisse que Daniel não se ausentasse.

Miguel não compreendia porque Elizabeth deixara de atender os seus telefonemas, mas tinha certeza de que havia um novo problema entre eles. Achou que o melhor seria dar tempo para ela processar o assunto, como acontecera quando descobriu que eram primos.

Saiu para jantar, mas o fato de não falar com Elizabeth por dois dias seguidos o deixou irritado e tenso. Era capaz de cometer uma barbaridade qualquer.

Entrou no Les Ambassadeurs. Sentou-se na mesa habitual, leu o cardápio, fez o pedido e observou o ambiente, com ar distraído. Foi quando a viu: uma morena belíssima e sensual, usando um vestido vermelho, justo, que revelava os seios generosos e o corpo bem torneado, sem ser vulgar.

Percebeu que ela já o havia observado, antes mesmo dele se dar conta da sua presença. E apesar da distância que os separava, sentiu que ela tinha um magnetismo quase animal. Reagiu à presença dela. Havia muito tempo que se resguardava e o seu corpo tinha necessidades que ele não desejava controlar naquele momento.

O garçom trouxe a garrafa de Bollinger que encomendara. Após saborear a primeira taça, pediu papel e caneta e escreveu um bilhete para a morena exuberante que continuava a observá-lo, provocante: "Aceita uma taça de champanhe?".

Pouco depois o garçom voltou com a resposta: "Na minha mesa".

Miguel sorriu ao notar que ela era direta e segura. Caminhou até ela.

— Miguel Besson — apresentou-se, sentando-se na cadeira em frente à dela.

— Lucrezia Zani.

— Italiana?

— Também — sorriu enigmática, mostrando os dentes brilhantes sob os lábios vermelhos e carnudos. Tudo nela era convidativo, avaliou Miguel, antecipando uma noite promissora. Eles não pareciam dispostos a perder tempo. Ambos sabiam o que queriam.

Jantaram com tranquilidade, falando de banalidades. Comeram devagar, com os olhos fixos um no outro como dois animais perigosos que se medem antes de um acasalamento feroz, com probabilidade de ser fatal.

No final da segunda garrafa de Bollinger, ela pediu uma sobremesa de chocolate e ele ficou a observá-la, deliciado com a forma como ela saboreava, sem pressa.

Miguel levantou-se por alguns minutos, para pagar a conta discretamente e reservar uma suíte no hotel acima do restaurante. Ao voltar para a mesa, inclinou-se até ela, inspirou o seu perfume intenso e disse provocante, com os lábios encostados ao rosto macio:

— Agora gostaria da minha sobremesa.

Ela se afastou um pouco, para avaliá-lo, e respondeu sorrindo:

— Na sua casa?

Miguel percebeu que ela queria ter o controle da situação: quis que ele fosse à mesa dela e esperava conhecer a casa dele.

— A minha casa é muito longe... — insinuou com a sensualidade felina que a estava fazendo perder a cabeça. — Mais perto. Aqui, no hotel... Vamos?

Ela se levantou em silêncio, surpreendida por ele já ter organizado tudo. Caminhou na frente dele provocante, movendo o corpo numa

promessa clara do que estava por vir.

Assim que Miguel fechou a porta da suíte agarrou-a pelo cabelo negro, prensou-a contra a parede e beijou-a com fúria, como se tudo o que estava recalcado dentro dele transbordasse, de repente. Ela reagiu da mesma forma impetuosa, arrancando-lhe o casaco e a camisa com desespero e enfiando as unhas perigosamente nas costas. Miguel tremeu com a dor fina provocada pelos arranhões na pele. Abriu o zíper do vestido e deixou-o escorregar pelas pernas dela, revelando o corpo soberbo e completamente nu.

A percepção de que ela estivera nua durante todo o jantar, sob o tecido fino do vestido, excitou-o ainda mais. Deu alguns passos, segurando-a pela cintura, e forçou-a a cair na cama. Deitou-se sobre ela com firmeza. Ela brigou com o zíper das calças dele. Ele a ajudou a livrar-se das calças, atirou os sapatos para um dos cantos do quarto, enfiou agilmente os dedos nas tiras das sandálias dela e deu-lhes o mesmo destino dos sapatos. Ficou sobre ela livre das roupas e sentiu os dentes furiosos dela se cravando no ombro direito. Gemeu de dor e ela riu como um gato ronronando.

Ele prendeu os braços dela contra a cama, imobilizando-a com uma força inesperada. Mordeu de leve os lábios para fazê-la sentir o perigo dos seus dentes, enquanto se encaixava entre as coxas dela, sem cerimônia, preparando-se para assaltá-la. Ela sentiu que o momento se aproximava e tentou libertar os braços, mas ele manteve-a imóvel e afastou o rosto alguns centímetros para vê-la. E, nesse instante, vislumbrou, rapidamente, uma força negra nos olhos dela. Ela soergueu o rosto para beijá-lo, mas Miguel percebeu que havia algo terrível dentro dela e Lucrezia não era quem aparentava. Tentou olhá-la de novo, mas ela moveu os quadris numa oferta irrecusável e Miguel penetrou-a com paixão, num movimento contínuo. Sentiu uma vertigem quando atingiu o fundo, fazendo-a

gemer numa entrega total. Ele moveu-se furiosamente, enlaçado pelas pernas musculosas dela, como um guerreiro cavalgando em direção a um precipício mortal. Soltou-lhe as mãos e ela abraçou-o com uma raiva animalesca. Ambos mergulharam em um movimento sísmico, com sintonia crescente e vertiginosa até o êxtase. Ela deu um grito gutural e uma calma súbita caiu sobre eles. Entregaram-se ao silêncio e à quietude, com os corpos repentinamente lentos. Ele manteve-se sobre ela, sem se mover, por mais de um minuto. Por fim saiu devagar de dentro dela e deixou-se cair na cama, esgotado, com o rosto virado para cima e os olhos semicerrados, tentando compreender o que vira, de relance, no olhar dela. Ela também se manteve imóvel, surpreendida pela intensidade ferosa dele. Nunca um homem lhe dera tanto prazer em tão pouco tempo.

Miguel esboçou um gesto para sair da cama. Estava saciado e queria ir embora, mas ela tinha outros planos e se moveu com rapidez para cima dele. Beijou-o nos lábios e sussurrou:

— Fique mais um pouco.

Miguel abraçou-a pelos quadris e se deixou ficar, abandonando o corpo às mãos dela, que o foram despertando. Primeiro uma chama suave que ela alimentou até se transformar numa labareda, e depois num incêndio furioso. Amaram-se com paixão, sem ternura e sem um momento de abandono carinhoso.

Para Miguel aquele encontro foi uma terapia que acalmou o seu corpo, mas para Lucrezia foi uma revelação fulminante. Ela era uma mulher sensual, que valorizava o corpo acima dos sentimentos, e Miguel lhe deu exatamente o que precisava. Agora ela não pretendia deixá-lo desaparecer. Queria continuar a vê-lo, não para ter um relacionamento, mas apenas para saciar o corpo, algo que Miguel fizera com sabedoria, despertando um desejo feroz, que há muito não sentia, apesar das suas incontáveis experiências.

12. Holocausto revisitado

(...) deuses e demônios existem de fato para os que acreditam na sua existência e possuem o poder de fazer bem ou mal àqueles que lhes prestam um culto ou que os temem.

Alexandra David-Neel (1868-1969)

Amanhecia quando Daniel chegou a Paris. O frio do inverno dominava a cidade àquela hora da manhã. Daniel passou pelo hotel para tomar um banho revigorante, antes de se encontrar com Étienne Bergès, às oito e meia, no Instituto Médico Legal, onde analisariam os corpos que lá se encontravam. Charles e Marie-Thérèse tinham sido liberados na véspera. O serviço fúnebre seria ao meio-dia e Étienne pretendia comparecer, na esperança de descobrir algo suspeito.

Daniel e Étienne dirigiam-se à sala onde estavam os nove funcionários dos Messie, depois de trocarem impressões durante vários minutos. Daniel analisou atentamente os corpos e os moldes provenientes dos ferimentos. Os moldes eram iguais, revelando a lâmina longa e estreita que Étienne havia descrito antes.

— Terminei, obrigado — Daniel agradeceu ao médico que estivera ao seu lado, explicando os resultados das autópsias.

— Vamos ao meu gabinete — convidou Étienne, dirigindo-se para o carro que os levaria à Divisão de Homicídios.

Durante o percurso, Étienne perguntou:

— O que acha? — Apesar de ser o seu primeiro contato pessoal com Daniel, Étienne recebera referências excelentes de Bardas, em quem confiava completamente pelos muitos anos de colaboração.

Daniel moveu a cabeça, como se estivesse rejeitando uma ideia inconveniente, antes de expressar a sua opinião:

— Infelizmente, acredito que os casos estão ligados.

— Já temia isso — comentou Étienne.

— Acho que as mortes foram perpetradas pela mesma pessoa, mas com objetivos diferentes. Levaram alguma coisa da casa dos Messie?

Étienne se espantou com a argúcia de Daniel e, antes de responder, perguntou:

— Por quê?

— Creio que foi isso que motivou os assassinatos dos Messie — disse, saindo do carro, em frente à porta do prédio da Divisão de Homicídios. Étienne ficou calado, digerindo a informação até entrar no seu gabinete. Abriu uma das gavetas da sua mesa e tirou de lá um pequeno dossiê. Abriu-o e pegou as duas fotografias arquivadas, entregando-as a Daniel:

— Levaram isto. Parece uma insanidade, mas Jean Luc Messie afirma que é o Cálice da última ceia de Cristo.

Daniel olhou longamente para as fotografias ocultando a emoção de ver a relíquia tantas centenas de anos depois.

— Isso justificaria o ataque aos Messie. Devíamos fazer uma conferência com Londres... — sugeriu Daniel, sereno. Étienne ligou o

computador e se conectou com Londres. Em segundos estavam todos alinhados, e após os rápidos cumprimentos iniciais, Shaw perguntou:

— O que descobriram?

— Daniel e eu achamos que as mortes dos Messie e das crianças estão ligadas.

— Por quê? — perguntou Bardas, inconformado com a complexidade crescente dos casos.

— A ausência de sangue e de marcas de agressão, e a posição das vítimas. Nos dois casos são mortes rituais com algum objetivo sobrenatural — sintetizou Daniel, começando a revelar as razões que estavam por trás da sua fama de especialista competente.

— Sobrenatural? — estranhou Shaw, avesso à palavra.

— Quem assassinou as crianças e os Messie maximizou sempre as mortes do ponto de vista ritualístico. A ausência de sangue, em todos os cenários, mostra que se trata de um líquido essencial para o assassino. Entre os cristãos, o sangue de Cristo serviu para lavar os pecados dos homens, torná-los puros. Simbolicamente, o sangue é o mais sagrado dos líquidos, o mais vital: dá e tira a vida. Mas para este assassino o ritual não é apenas simbólico, é, também, literal: ele drena as vítimas e usa o sangue para adquirir força e poder — explicou Daniel.

Todos ficaram em silêncio por alguns segundos assimilando a explicação de Daniel. Étienne foi o primeiro a recompor-se, informando:

— No caso dos Messie há um elemento adicional: o assassino queria um objeto.

— Que objeto? — perguntou Shaw.

— O Cálice usado na última Ceia de Cristo. Seja ele verdadeiro ou não — revelou Étienne, mostrando as duas fotografias na câmera do

computador, para que eles vissem.

Houve um novo silêncio. Desta vez, um pouco mais longo. Daniel, de braços cruzados, encostado à janela, pensava que os temores de Miguel haviam se concretizado: alguém levava o Cálice e tudo indicava que iria usá-lo em rituais de magia negra, com sangue humano. Ninguém sabia que forças poderiam ser libertadas.

Daniel tinha certeza de que Bardas se lembraria do objeto. Tinha acabado de lhe dar um *pendrive* com as fotografias de todas as pessoas que haviam estado com Dimitri, exatamente para que Daniel tentasse descobrir quem poderia estar na posse do Cálice e do Anel. Viu Bardas levantar-se da cadeira, dar uns passos em volta da sala com os braços atrás das costas, como fazia quando pensava, voltar a sentar-se e perguntar abruptamente:

— Daniel, esse Cálice não será o Cálice de Dimitri Sergeevich?

— Sim — respondeu Daniel, lacônico.

— O que está acontecendo? — quis saber Shaw, perdido na conversa. Bardas contou rapidamente que várias pessoas haviam sido assassinadas para os criminosos conseguirem o Cálice e o Anel de Salomão. A polícia havia desmontado um grupo de contrabando de arte, mas nunca recuperaram nada exceto um quadro na casa de Dimitri, o chefe do bando.

— O Cálice desapareceu, mas o Anel continua na casa dos Messie — informou Étienne.

— Daniel, há alguma explicação para não terem levado o Anel? — inquiriu Bardas, confuso.

Daniel acreditava que o assassino sabia que a esmeralda não era a original que pertencera a Lúcifer e por isso não levava o Anel. Se estivesse correto, isso significava que o assassino conhecia profundamente os objetos, o que dava contornos ainda mais

sombrios ao caso. Mas apesar das suas hipóteses, não podia revelar a dimensão mística dos objetos e respondeu com simplicidade:

— Não sei... Talvez não soubesse que era o Anel de Salomão.

— Temos que confiscá-lo. São provas materiais — rematou Bardas, enfático.

— Ninguém vai confiscar nada, Bardas — avisou Étienne, com firmeza, devolvendo o foco à investigação. — A prova material é o Cálice roubado. Mas todos esses objetos são falsos e servem apenas para tirar milhares dos bolsos de alguns incautos muito ricos. Nós vamos nos concentrar na solução dos assassinatos. É isso que vamos fazer.

— Concordo — afirmou Shaw. — Mas por que é mataram os Messie? Não podiam ter apenas levado o Cálice?

— O objetivo era conseguir o Cálice. As mortes foram um bônus. O assassino aproveitou para usar o sangue deles — explicou Daniel.

— Usar como? — quis saber Shaw, cada vez menos confortável com aquele mundo de rituais e explicações que o afastavam da racionalidade.

— Para beber, banhar-se, oferecer aos seres negros de outras dimensões, exatamente como acontece quando são mortos animais no vodu — respondeu Daniel, sem se alongar muito.

— Acreditam mesmo nisso? — perguntou Shaw friamente.

— Nós, não — respondeu Étienne. — Mas o assassino acredita e é por isso que está matando dezenas de crianças com sete anos pela Europa.

— Sete? — perguntou Daniel devagar, sentindo o cérebro estalar ao recordar o sonho de Elizabeth. Como é que aquilo lhe tinha escapado, a ele, que era sempre tão atento?

— O que tem? — questionou Bardas, atento.

— Nada — mentiu, muito irritado, evitando expor que deixara escapar um detalhe daquela importância. Aquilo era uma prova de que estava perdendo a sua capacidade de análise, talvez por estar apaixonado por Elizabeth ou por estar se tornando mortal, ou estar simplesmente desatento, o que era ainda pior.

— Na realidade todas as crianças tinham sete anos ou quase — informou Shaw, com o seu preciosismo técnico. — O que isso significa?

— Preciso investigar... — esquivou-se Daniel.

— Mas deve significar alguma coisa! — afirmou Bardas.

— Sim, mas ainda não sei o que é — mentiu Daniel, começando a entender as ligações ocultas entre os assassinatos.

— E o sangue? Como é que tiraram o sangue dos Messie? — perguntou Shaw pragmático. Todos falavam da ausência de sangue, mas nada se sabia sob a forma como os Messie haviam sido drenados.

— Étienne tem um grupo de gente dedicada a buscar uma explicação científica, que certamente haverá — respondeu Daniel.

— E como os Messie foram mortos? Já descobriram qual foi a arma do crime? — questionou Bardas mais uma vez.

— Talvez uma lança — sugeriu Daniel, provocando um olhar de admiração em Étienne. Não pensara naquela hipótese, mas agora, após ouvir Daniel, fazia todo o sentido, e até a posição do assassino, em pé, sobre os corpos, se justificava, embora contribuísse para aumentar a estranheza do caso.

— Claro, uma lança — concordou Étienne.

— Envie-nos a informação que tiver, Étienne — pediu Shaw. — Quando vem a Londres?

— Agora é difícil... — justificou Étienne. — A pressão aumentou com o caso Messie e quando explicarmos à imprensa o que

aconteceu, vai ser ainda pior. Não pretendo fazer a ligação entre os dois casos, mas os jornalistas já começaram a especular e, em breve, as especulações acabarão se transformando em verdades absolutas.

— Sabe o que dizem: conte uma mentira várias vezes que ela acaba se transformando em uma verdade — comentou Shaw.

— Daniel, você volta para Londres ainda hoje? — questionou Bardas.

— Não... Preciso ir a São Paulo. Talvez volte na próxima semana. Sugiro que continuemos conversando enquanto esperamos o exame das provas dos Messie. Pode ser que haja alguma pista — disse, sabendo de antemão que aquele assassino não deixaria nenhum indício da sua presença. Era demasiado cuidadoso e seguro. Sabia o que fazia.

Daniel decidiu voltar para São Paulo ao perceber a ligação entre o número sete e o sonho de Elizabeth, o Cálice e os assassinatos e, talvez, a Lança do Destino. A soma de todos aqueles fatores apontava para uma situação em que o mal estava se tornando uma força com objetivos muito sinistros. Quanto mais pensava no assunto, mais clara era a conexão entre os acontecimentos como se, de repente, uma luz tivesse perfurado a venda que parecia cobrir os seus olhos até ali. Achou que iria precisar da participação de Besson e contactou-o quando já estava a caminho do aeroporto, depois de ter passado pelo hotel para pegar a mala.

— Besson, precisamos conversar. É importante que nos encontremos em São Paulo — sugeriu sério. Miguel compreendeu que o assunto era grave.

— E é urgente também, suponho — deduziu pelo tom de voz de Daniel.

— Sim. Vamos nos reunir na Ordem — aquele convite dito com jeito de informação deixou Miguel alerta. Havia mais de sete séculos que não pisava num espaço da Ordem.

— A minha presença vai causar problemas — avisou.

— Não maiores do que os que temos. Garanto — afirmou, visivelmente preocupado. — Encontramo-nos amanhã, no final do dia. Às seis da tarde. Sabe onde é?

— Sim — respondeu Miguel com franqueza, mostrando que monitorava os guardiões. Após desligar o telefone ficou pensando no que poderia ser tão importante que Daniel estivesse disposto a levá-lo para a sede da Ordem, apesar dos conflitos que isso pudesse gerar entre os guardiões. Sabia que os assuntos da Ordem se sobrepunham a tudo, e o caso devia ser muito grave para que Daniel pedisse a sua ajuda. Não teve um bom pressentimento, de novo.

Combinara encontrar Lucrezia naquela noite, no mesmo hotel onde haviam estado na véspera. Desagradou-lhe a ideia de não vê-la. Desmarcou o encontro dizendo que surgira um imprevisto de negócios e sorriu de prazer ao notar o desagrado dela com a notícia.

— Quando volta? — perguntou aborrecida.

— Ainda não sei... Em breve, espero — respondeu, sensualmente, em tom de promessa. Ela sentiu o corpo reagir ao timbre da voz dele e recordou o toque das mãos dele na noite anterior.

— Também espero que sim... — disse ela. — Tinha planejado algo especial para nós.

— Teremos tempo — prometeu, com a voz aveludada. — Telefono quando voltar.

Oliver Bassan recebeu o envelope pardo com as fotografias e um celular descartável, imaginando que seria mais um contrato comum. Mas assim que viu o seu alvo, percebeu que não seria um trabalho normal. Avaliou a jovem de olhos claros, cabelo loiro e beleza extraordinária, potencializada pela pose distinta. Havia três fotografias: a primeira era um *close* do rosto dela, onde se percebiam até os matizes esverdeados sob o olhar brilhante e claro; a segunda era um perfil do rosto dela, tão perfeito que parecia desenhado; e a terceira era uma fotografia de corpo inteiro. Oliver percebeu que ela era alta e parecia demasiado inocente para ser morta, mas não lhe cabia julgar ou questionar os motivos do cliente. Se decidisse rejeitar o trabalho, outro aceitaria, e ele pelo menos dava às suas vítimas mortes indolores e rápidas. Aliás, era famoso pela forma cuidadosa com que executava os assassinatos. As mortes eram sempre limpas, sem pistas ou excessos. Não era sanguinário ou cruel e isso era algo do conhecimento geral, que contribuía para aumentar a sua aura de profissional ético, frio e confiável. Era assassino há vinte e quatro anos e durante esse período se tornou referência no mundo do crime. Havia lendas em volta dele e muitos exageros sobre as suas habilidades. O certo é que era temido e os seus serviços eram muitíssimo caros. Raras pessoas o tinham visto face a face, mesmo os seus contratantes.

Ao analisar as fotografias não gostou da ideia de sequestrar e matar a jovem: parecia um desperdício, mas três milhões de dólares eram uma boa razão. O cliente, com quem nunca tinha trabalhado, estava oferecendo um milhão a mais do que o preço habitual que Oliver cobrava.

Enfiou o envelope com as fotografias debaixo do braço esquerdo, guardou o celular no bolso das calças e fechou a caixa postal, onde recebia as encomendas e envelopes com as descrições dos

trabalhos. Saiu da pequena agência dos correios situada no centro de Londres e entrou na rua, se misturando à multidão do final da tarde.

Telefonou à mãe para saber como estavam. Quando fizera vinte e três anos, ainda mal saído da universidade onde estudara química, quis que os pais fossem morar num bairro melhor, mas eles pediram que comprasse uma casa no mesmo bairro: a casa dos seus sonhos havia pertencido a um grego excêntrico que morreu aos cento e cinco anos. Era uma grande casa cor-de-rosa, de dois andares, na esquina de duas das principais ruas do bairro. Eles gostavam de morar ali, conheciam toda a gente, mas queriam, principalmente, partilhar o sucesso com alguns dos que os haviam menosprezado durante anos. Dois anos depois Oliver lhes ofereceu uma boa mesada e propôs que vendessem a pequena loja, mas os pais não aceitaram. Em vez disso pediram que os ajudasse a melhorar a loja para venderem apenas produtos italianos da melhor qualidade: queijos, massas, azeitonas, tomate seco, berinjelas em azeite, sardelas, pestos, vinhos. Oliver lhes deu o dinheiro e eles transformaram a loja num ponto de referência em Londres.

Oliver também não se esqueceu de Cheng-Fang, o mestre que o treinara durante vinte anos. Sempre que visitava os pais visitava também o velho mestre, agora com oitenta e cinco anos, a quem ajudava. O que o mestre e os pais de Oliver desconheciam era que ele se tornara o melhor na sua profissão — o melhor dos assassinos.

Daniel sabia que haveria resistência à presença de Miguel, por isso reuniu-se com os guardiões um pouco antes da chegada dele. Desejava que o encontro fosse informal e optou por fazê-lo na sala que antecedia a biblioteca. Era um espaço com vários sofás

confortáveis, algumas mesas de apoio e um aparador do século XIX, onde seria servido um lanche que Manfred Krauser preparou com o seu cuidado habitual.

— Houve alguns desdobramentos com o caso das crianças. Desdobramentos complexos — avisou Daniel, antes de comunicar de chofre. — E eu acredito que precisamos de Besson.

Alessia levantou-se do seu lugar, tentando controlar a irritação. Perguntou:

— Nunca precisamos dele, por que precisaríamos agora?

— Besson chega às seis, e quero que o recebam. Depois da reunião, se acharem que ele não tem um papel relevante nos eventos que vamos abordar, pedirei que se afaste. Pode ser assim? — sugeriu com firmeza, e com uma nota de impaciência, sabendo que a presença de Miguel iria provocar, antes de mais nada, um exorcismo, especialmente em Kent e Alessia. Mas era um exorcismo necessário para poderem seguir adiante.

Kent encolheu os ombros com aparente indiferença, mas os seus olhos possuíam um brilho excessivo que desmentia a sua atitude. Alessia cruzou os braços, num gesto defensivo. Um silêncio pesado encheu a sala e quando parecia insuportável Besson chegou, conduzido por Manfred, que anunciou em voz alta, assim que abriu a porta:

— *Herr* Miguel Besson.

Daniel cumprimentou-o, com um abraço e um beijo no rosto. Besson agradeceu interiormente a atitude, por representar um gesto de aceitação, embora soubesse que ainda havia muito por resolver. Elizabeth foi a segunda a cumprimentá-lo da mesma forma, seguindo-se Dib, Seth e Uchoa. Kent e Alessia se limitaram a apertar a sua mão, deixando claro que o aceitavam não por vontade própria, mas por imposição do líder.

Miguel observou Elizabeth: o cabelo muito curto, rente à cabeça, deixava ainda visível a cicatriz do lado esquerdo e fazia-a parecer muito mais jovem, evidenciando os traços perfeitos e a transparência do olhar. Mas a sua imagem de aparente fragilidade, reforçada pela total exposição do rosto, era contrariada pela sua serenidade.

Embora disfarçasse, Miguel estava nervoso. Estar na mesma sala com sete guardiões, no espaço deles, tinha uma forte carga simbólica que o remetia aos tempos em que fora um deles. Sentiu nostalgia e evitou pensar em Arturo. Precisava estar focado, porque sabia que aquele encontro não seria fácil para ninguém, especialmente para ele, que esperava ataques de Alessia e Kent. Mas contra todas as suas expectativas e, também, as de Daniel, quem iniciou o diálogo foi Elizabeth. Desde que Kent revelara a tragédia da ravina de Babi Yar, não voltara a falar com Miguel, mas não deixara de pensar no assunto.

— Você participou do movimento nazista durante a Segunda Guerra? — Elizabeth perguntou e a sala pareceu se encolher, como se o espaço tivesse contraído bruscamente e tornado demasiado pequeno para todos.

— Sim — respondeu Miguel, compreendendo que aquela havia sido a razão para o silêncio dela e Kent devia ter sido a fonte da informação. — Quando Hitler surgiu, muitos acreditavam que ele iria resgatar a Alemanha dos efeitos catastróficos da Primeira Guerra e da grande recessão que dominava o mundo. O seu poder e associação com a magia são resultado desse objetivo inicial, que acabou se desvirtuando e se transformou num dos grandes genocídios da história.

— Hitler inicialmente era do bem? É isso que está tentando dizer?
— Elizabeth estava incrédula, por aquela ser a teoria mais absurda

que ouvira.

— Ele *deveria* ter sido do bem — frisou Miguel, encostando bem o corpo ao sofá para não deixar transparecer qualquer emoção. Estava disposto a revelar a verdade ou, pelo menos, parte dela. — Não é por acaso que todos os símbolos do nazismo estão associados às grandes religiões ou filosofias: eles tinham um propósito inicial diferente, antes de serem subvertidos. A questão do “sangue puro”, que sustenta a teoria da raça ariana e é um dos pilares do nazismo, deriva do misticismo associado ao Cálice de Cristo.

— Eu sei que os nazistas integraram símbolos religiosos no nazismo — afirmou Elizabeth, lembrando-se das conversas que tivera com o pai sobre o assunto.

— Eles apropriaram-se de símbolos como a Suástica, que chamavam de *Hakenkreutz* — explicou Miguel, com calma. — Esse símbolo, antigo e sagrado, presente em várias culturas milenares, foi utilizado com algumas mudanças: os nâzis alteram o ângulo fazendo a suástica com um giro de quarenta e cinco graus. Com esta rotação, se transformou em um símbolo capaz de absorver mais energia do universo. A saudação tradicional nazista também é antiga e se baseia na “saudação a Mithra”, usada pelo exército romano há mais de dois mil anos. Todos os símbolos e rituais nâzis têm um sentido oculto, porque o nazismo era um caminho para o ocultismo e apoiava-se na magia para atingir o seu propósito.

— Foi você que influenciou o nazismo com alguns preceitos cátaros e o seu conhecimento dos símbolos religiosos, inclusive a questão das relíquias sagradas? — Daniel acompanhava o diálogo, vendo Elizabeth questionar Miguel de forma comedida e racional. Embora aquela conversa estivesse fora do seu planejamento, deixou-os esclarecer temores e dúvidas, mas não esperava que Elizabeth liderasse o diálogo.

— A minha influência foi irrelevante, tendo em vista o contexto geral do nazismo — confessou, com honestidade. — No caso das relíquias, eu sabia onde estavam duas das mais procuradas pelos nazistas, o Cálice e a Esmeralda, e nunca revelei o seu paradeiro.

— Por quê? — perguntou Kent, intervindo pela primeira vez.

— Percebi que o nazismo não era um movimento construtivo e não queria que Hitler tivesse acesso às relíquias, porque se ele descobrisse como usá-las, seria praticamente invencível. E vocês sabem disso — comentou, fazendo um gesto inclusivo com a mão direita.

— Como é que soube que o nazismo se havia desvirtuado? Quando é que isso aconteceu? — questionou Elizabeth, seguindo o seu próprio raciocínio, de forma lógica. Vê-la falando com objetividade sobre um assunto tão doloroso, que trazia imagens e lembranças terríveis para todos, fez com que Miguel e Daniel a amassem um pouco mais. A transformação dela em uma pitonisa acontecera devagar, mas parecia que, de repente, ela emergira totalmente pronta.

— O nazismo foi influenciado pela Sociedade Thule, uma sociedade secreta que acreditava que o Vril, uma energia telúrica capaz de curar ou destruir pessoas, podia ser alcançado de duas formas: pela meditação ou pela libertação da energia proveniente de orgias sexuais ou de sacrifícios humanos. A filosofia nazista se tornou fatal quando se uniu à magia negra tibetana, através dos Barretes Negros, monges xamanistas que praticavam rituais sexuais e sacrifícios humanos. Esses monges se dedicavam ao lado negro, em oposição aos monges budistas tradicionais, os Barretes Amarelos. O líder desse grupo de Barretes Negros, conhecido como “o Tibetano”, orientou Hitler durante a Segunda Guerra,

incentivando-o a realizar sacrifícios cada vez maiores e esse é um dos motivos que está por trás do genocídio.

Dib moveu o corpo, como se fosse falar. Miguel olhou para ele, e ambos pareciam saber muito mais do que estava sendo revelado. Dib consultou rapidamente Daniel com o olhar, e o viu mover a cabeça de leve, em sinal de negação. Dib recostou-se de novo no sofá, se mantendo silencioso e calando todos os segredos que sabia.

— E você participou da guerra? — continuou Elizabeth, com o objetivo de levar o diálogo até os massacres dos *Einsatzgruppen*.

— Ativamente. Estive na Polônia, França, Rússia... Um pouco por todo o lado. Fiz muitas coisas das quais me arrependo — murmurou, fazendo um périplo mental.

— O que você fez Miguel? — perguntou ela, sem disfarçar a ansiedade que começara a sentir. Kent incentivou com a voz fria:

— Diga, Besson. Diga a verdade. O que você realmente fez.

— Participei dos *Einsatzgruppen* e da Solução Final — confessou, como se expulsasse um demônio de dentro do peito, com vagar e cuidado, para que ele não acordasse de repente e se negasse a partir. O ar da sala se tornou irrespirável. Ele viu o horror no olhar de Elizabeth.

— Mas não da forma como pensam. Eu tentava minimizar o sofrimento das pessoas. Se eu não estivesse em alguns dos massacres, o sofrimento teria sido infinitamente maior. Teriam torturado, antes de matar as vítimas. Persistia a crença de que quanto maior fosse o sofrimento, mais energia seria libertada.

— Não posso crer que está dizendo isso. Não posso crer que espere que acreditemos nisso — afirmou Kent se levantando do sofá e dando dois passos em direção a Besson, para fixá-lo de cima, com os olhos em brasa. — Eu o vi em Babi Yar, Besson.

— Então conte o que viu. Diga, Kent — pediu Miguel sem desviar o olhar, enfrentando a fúria brutal que se adivinhava nos músculos tensos de Kent.

— Você dava as ordens, Besson.

— Eu não estava no comando, mas evitei que torturassem as pessoas, Kent. Eles queriam torturar crianças. Tinham ordens para isso — disse baixo e Kent recuou um passo com os olhos vidrados, como se tivesse levado um murro violento no estômago. Virou as costas e foi até ao aparador buscar um copo de água gelada. Sentiu as mãos tremerem e se esforçou para recuperar todos os detalhes daquele dia, em Babi Yar. Ouviu Miguel do outro lado da sala, sem emoção, como se estivesse relatando um evento normal.

— Acha mesmo que não notei a sua presença? Acha que eu não sabia que havia um guardião ali, no meio daquele amontoado de corpos? Você não percebeu como eu manipulei os soldados para enterrarem a pilha de corpos onde você estava, junto à superfície, para que pudesse escapar rapidamente depois de partirmos? Eu caminhei até você para ter certeza de que ficaria bem. O seu corpo estava quase visível sobre a terra. Lembra-se?

Kent estremeceu com a memória: lembrava-se claramente das botas negras de Miguel, quase encostadas ao seu rosto, enquanto se esforçava por controlar o coração que batia descompassado e poderia traí-lo. Elizabeth sentiu as lágrimas se formarem nos olhos, feliz por Miguel não ser um monstro. Nada daquilo o inocentava, mas os motivos eram mais nobres. Por vezes era preciso mergulhar no mal para conseguir resgatar algum bem.

Kent voltou ao seu lugar e respondeu, com a voz um pouco rouca:

— Lembro-me.

— Então também se lembra da criança que arranquei das mãos do soldado?

— Sim.

— Essa criança ainda vive. Mora na Suíça — murmurou devagar, provocando o espanto de todos, ao revelar a dimensão oculta da sua participação no holocausto. — Consegui salvar alguns. Poucos.

— Talvez... — hesitou Kent buscando as palavras, após ter alimentado por anos ideia de que Besson era monstruoso. — Talvez eu lhe deva um pedido de desculpas e um agradecimento.

— Aceito o agradecimento — respondeu Besson, deixando passar o pedido de desculpas. Tinha consciência do quanto aquilo estava sendo doloroso para Kent.

Alessia observava a forma como Besson estava manipulando todos eles. Até Kent agora estava do lado dele, passando de crítico a admirador. Ela não podia acreditar que fosse a única pessoa a reconhecer a verdadeira face de Besson. E mesmo que tudo aquilo fosse verdade, Miguel não era confiável. Foi quando ele virou o rosto para ela, com uma mansidão lenta nos olhos dourados, como se adivinhasse os pensamentos dela.

— E nós também temos que conversar, Alessia.

— Lembra-se da última vez que me disse isso: que tínhamos que conversar? Eu lembro bem, Besson. De você só quero saber uma coisa: por quê? — perguntou com raiva e mágoa, incapaz de compreender o que motivara o comportamento dele séculos antes.

— Eu digo tudo o que quer saber, Alessia. Mas quer falar sobre isto aqui? — perguntou olhando em volta, sob a atenção vigilante dos guardiões.

— Não — ela mordeu o lábio, em sinal de nervosismo. Miguel reconheceu o gesto, recordava-se de vê-la fazer aquilo. Era como se aquelas centenas de anos não tivessem existido e houvesse uma frincha por onde eles se podiam esgueirar, para voltar ao passado.

— Telefone-me quando quiser conversar. A sós — sugeriu, entregando um cartão com o número do celular manuscrito, que parecia guardado no bolso interno do blazer, especificamente para ela. Ela aceitou e acenou com a cabeça, embora o seu instinto lhe dissesse que Miguel já se tinha revelado há muito tempo e a sua essência era imutável: ele tinha sempre uma agenda secreta, como Kent defendera antes de ser seduzido.

Daniel percebeu que, apesar da tensão ter diminuído, ainda havia desconforto: tinham abordado temas violentos e deambulado por memórias terríveis. Sugeriu:

— Acho melhor continuarmos a reunião amanhã.

— Mas não é urgente? — perguntou Dib.

— É, mas neste momento ninguém tem condições para discutir um tema tão difícil quanto o que vamos abordar. Proponho continuar amanhã, às onze — disse.

Miguel agradeceu o convite e despediu-se de todos, um por um. A reunião tinha-o desgastado. Sentia-se exausto. A sua franqueza ao explicar a participação na guerra provou a sua coragem e gerou admiração entre os guardiões, exceto em Alessia.

13. A profecia Tibetana

*As palavras não fazem o homem compreender,
é preciso fazer-se homem para entender as palavras.*

Herberto Helder (1930-)

A presença de Sarah ao seu lado, nos dias após a morte dos pais, tornou Jean Luc mais consciente do seu amor por ela. Frank e Rachel, os pais dela, apesar das circunstâncias infelizes em que se conheceram, foram um apoio discreto e constante.

Jean Luc ainda não se ajustara à nova realidade, mas as suas preocupações estavam centradas na saúde de Sarah. Ela tinha passado mal durante os dois últimos dias. Rachel acreditava que pudesse ser o resultado da tensão emocional a que se submetera, porém Jean Luc insistira para que Sarah fosse ao médico. Ela cedeu aos pedidos dele e telefonou no final da consulta para tranquilizá-lo, mas dizendo que precisava falar com ele. Jean Luc ficou apreensivo e, mais tarde, quando se encontraram a sós, notou que Sarah estava nervosa. O rosto sério e a postura tensa, depois de um abraço morno, fizeram Jean temer que algo terrível pudesse estar acontecendo.

— O que foi, Sarah? — ela sacudiu a cabeça, fazendo o silêncio ganhar espaço entre eles. Jean estava sentado na frente dela e sentiu as mãos gelarem. Pediu:

— Fale comigo. Sei que estes dias foram muito duros, e certamente não lhe fizeram bem. Por isso ficou doente...

Ela o interrompeu com um gesto suave, erguendo um pouco a mão que descansava sobre o braço do sofá, em frente dele.

— Não é isso. É outra coisa... — anunciou, tentando prepará-lo para enfrentar um fato que iria alterar, de novo, o rumo das suas vidas.

Ele não se conteve e sentou-se ao lado dela, no pequeno sofá de dois lugares. Segurou-lhe as mãos e reparou que estavam tão frias quanto as suas. Imaginou que ela ia deixá-lo e sentiu a garganta seca. Ou pior, que ela mentira, e estava gravemente doente.

— Sarah, por favor — repetiu, com a voz ansiosa. — O que aconteceu?

Ela sacudiu uma vez mais a cabeça, e ele viu os seus olhos verdes se encherem de lágrimas. Num impulso abraçou-a:

— Não importa o que aconteceu, eu a amo — disse, beijando-a suavemente no rosto.

— Mas depois você vai me odiar — avisou.

— Como isso seria possível? Você é o meu mundo. O que aconteceu? Está doente?

— Não estou doente. Estou grávida — confessou, espreitando a reação dele, aterrorizada com a ideia de que ele pensasse o pior sobre ela e repudiasse a notícia. Sarah não compreendia como aquilo acontecera, mas acontecera contra todas as probabilidades. Viu-o serenar e a preocupação estampada no seu rosto desapareceu, varrida por um sorriso de alívio. Ele segurou o rosto dela com as mãos, beijou-a com cuidado e, por fim, soltou uma

gargalhada feliz, rompendo o silêncio e a tristeza que reinavam na casa até àquele comento.

— Um filho. Vamos ter um filho — ergueu-a do sofá e prendeu-a nos braços ensaiando alguns passos de dança.

— Não está irritado? — perguntou com os braços em volta do pescoço dele, surpreendida pela alegria com que ele recebera a notícia. — Achei que fosse odiar.

Olhou-a sem poder acreditar que ela pensara que a possibilidade de ser pai o desagradasse.

— É a melhor coisa que me aconteceu, depois de você — fez uma pausa, antes de dizer, com a voz triste. — Só gostaria que os meus pais estivessem aqui. Um neto era o grande sonho deles.

— Lamento, Jean — disse, encaixando o rosto na curva morna do pescoço dele.

— Eu sei... Mas agora temos que nos preparar. Mais do que isso: temos que casar. — afirmou Jean Luc, sentindo que aquela notícia contribuía, de certa forma, para amenizar a perda dos seus pais. Sarah sorriu, feliz.

— Não precisamos nos apressar. Só estou grávida de três semanas.

— Claro que precisamos. Tenho que falar com os seus pais.

— Os meus pais já sabem.

— O que disseram? — perguntou preocupado.

— Nada. Só que você não era judeu — respondeu delicada, para evitar constrangimentos.

— Converto-me — atalhou vigorosamente, como se tudo aquilo fossem detalhes perante o grande evento de ter Sarah na sua vida e tornar-se pai. — Vamos ser discretos. Não quero nada grandioso. A não ser que você queira uma grande festa...

— Também quero algo íntimo — respondeu, em sintonia com os desejos dele.

— Temos que preparar o quarto do bebê — lembrou.

— Não — discordou, com um tom mais alto. — Só podemos começar a preparar as coisas do bebê, quando eu estiver grávida de três meses.

— Acredita nessas superstições, Sarah? — perguntou, com descrédito.

— É melhor prevenir... — disse, com ar de cumplicidade.

— Está bem — cedeu rapidamente. — Esperamos três meses para montar o quarto do bebê. Vou falar com os seus pais para começarmos os preparativos para o casamento — afirmou, recuperando a sua segurança habitual. Sarah ficara apreensiva quando o médico lhe disse que estava grávida, mas agora estava feliz. Primeiro contou ao pai, que detestou a ideia: esperava ver a filha casar antes de ficar grávida. Além disso, apesar das primeiras impressões sobre Jean Luc serem as melhores, achava que eles se conheciam pouco e tudo acontecera demasiado rápido. Mas, por se tratar de Sarah, sempre tão centrada, Frank acabou por vencer as resistências com a ajuda de Rachel, que se rendera a Jean Luc assim que o viu triste e desolado, segurando a mão de Sarah como se ela fosse a razão da sua existência.

Ao contrário da tensa reunião da tarde anterior, naquela manhã o ambiente parecia mais leve, talvez até pelo efeito da luz do sol que entrava pelas janelas. Reuniram-se na mesma sala e ocuparam os lugares da véspera, numa espécie de acordo tácito.

Elizabeth se esforçava por dominar os sentimentos por Daniel e, em certos momentos, evitava olhá-lo, temendo trair-se. Percebia que

Miguel lhe dedicava uma atenção vigilante, e isso fazia com que tomasse um cuidado redobrado com as suas atitudes.

Daniel tinha formulado uma teoria e começou a reunião nivelando as informações:

— Elizabeth, fale-nos da forma como as profecias se estruturam — pediu, surpreendendo com a abordagem daquele tema.

— As profecias dividem-se em blocos de acontecimentos encadeados entre si: são os imperativos necessários para que se cumpra.

— Isso significa exatamente o quê, Elizabeth? — questionou Miguel.

— Os eventos devem acontecer numa determinada ordem, até que a profecia se cumpra.

— E se essa cadeia for interrompida? Se um dos eventos não acontecer? — perguntou Seth.

— As profecias têm um imperativo: possuem uma energia própria que faz com que aconteçam. Só não se cumprem quando são interrompidas por uma força exterior superior à força da própria profecia. Mas é difícil alterar o curso de uma profecia. Por vezes acontece apenas parcialmente, como aconteceu com Hitler. Ele tinha tudo para ser o Anunciado.

— Falamos da profecia Tibetana, Besson — explicou Dib. Miguel inclinou a cabeça, mostrando que sabia bem do que se tratava. Tinha visto algumas notas que os Monges Negros haviam dado ao *Führer* para provar que a sua ascensão era inevitável e fora prevista centenas de anos antes. Mas Miguel não conseguira conhecer os Monges, embora acreditasse que Hitler era o Anunciado depois de ler o resumo da fatídica profecia, em 1939. Foi por essa razão que não revelou a localização do Cálice e da Esmeralda — a Pedra de

Lilith, como era conhecida entre os alemães. Mas não conseguiu impedir que eles encontrassem a Lança.

— Se Hitler cumpriu parte da profecia, não se pode considerar que já aconteceu? — perguntou Miguel.

— Hitler representou apenas uma parcela, os passos iniciais. E a profecia é clara sobre a sua inevitabilidade — respondeu Elizabeth segura, mostrando o caderno onde havia anotado detalhes da Profecia, e que agora andava sempre com ela. — Ela diz *“está escrito que a força do sangue acordará a alma adormecida do Anunciado e a lançará na escuridão, onde o seu poder se elevará, intocado, acima dos homens, e os aniquilará”*.

— Mas não significa que vai acontecer... — insinuou Uchoa, esperançoso.

— A expressão *“está escrito”* é usada na Bíblia para mostrar a inevitabilidade dos eventos. E quando essa expressão surge, no contexto das profecias, é uma indicação clara de que determinado evento possui uma força intrínseca. Vai acontecer — reafirmou Elizabeth.

Nenhum dos guardiões gostaria que uma profecia tão obscura tivesse a menor possibilidade de se concretizar.

— A profecia menciona que primeiro *“cairiam os inocentes, antes de passarem pelo número sagrado. Com a sua queda, a pureza e a bondade começariam a abandonar os homens, e o coração das mães, que servia para manter o mundo unido, ia endurecer”* — Daniel falava devagar, enquanto alinhava os pensamentos, revelando o profundo simbolismo da profecia. — Depois afirma que o *“sangue de um Puro, derramado para redimir a humanidade, seria usado para destruí-la. E o Anunciado ganharia poder e invencibilidade pelo sangue do Puro e se alimentaria das almas humanas, tragando a luz da terra”* — Daniel fez uma breve pausa. Agora a profecia lhe

parecia tão clara que ele se questionava como não percebera antes. Continuou explicando:

— Há uma relação entre os acontecimentos atuais e a profecia. O *número sagrado* é o sete e todas as crianças foram mortas antes de completarem sete anos, em sete países da Europa. As últimas crianças, na França, foram assassinadas no dia 7 de novembro.

— E Elizabeth sonhou com o número sete — lembrou Dib.

— O que sonhou? — perguntou Besson, percebendo que os poderes dela haviam se firmado.

Elizabeth sintetizou o sonho, sem omitir os detalhes. Miguel concluiu o mesmo que Daniel deduzira quando escutou o sonho pela primeira vez: o assassino era organizado, frio e dominava a magia, impedindo Elizabeth de descobrir a sua identidade.

— Antes das últimas crianças serem assassinadas no dia 7, elas eram mortas às sextas-feiras. — comentou Seth, tentando agregar informação ao quebra-cabeça.

— Seis sextas-feiras — lembrou Miguel, com calma. — Duas composições com o número seis: 666. O número atribuído a Lúcifer.

— As mortes têm dupla função: derramar o sangue de inocentes, através de um ritual para obter força e poder, e alimentar a escuridão através do terror e do ódio gerados nas pessoas — sintetizou Dib de forma didática.

— Sim — concordou Daniel. — E depois do sangue dos inocentes, a profecia fala do sangue do Puro, "*derramado para redimir a humanidade*". O Puro é Jesus. Ele também é o sétimo elemento, é o elo que liga o divino e o humano — Daniel relembrou parte da simbologia do número sete, que já explicara a Elizabeth.

— E o seu sangue foi simbolicamente oferecido para redimir os homens quando morreu na cruz. Mas esse mesmo sangue de Cristo

servirá agora para destruir a humanidade, dois mil anos depois. Não compreendo como — disse Elizabeth, confusa.

— Através do Cálice — explicou Daniel, adicionando um novo ponto à explicação.

— E qual é a sua relação com a Profecia? — perguntou Elizabeth.

— O Cálice, como qualquer dos objetos da CLÉ, leva à imortalidade, por meio de um ritual apropriado — Daniel referia-se aos objetos da tríade graúca, que no original francês eram *Calice, Livre, Émeraude*. — Ele é o último receptáculo do sangue de Cristo. A ascensão do anunciado é a ascensão pelo sangue: ele se torna imortal através do Cálice. A profecia diz que ele “*ganharia poder e invencibilidade pelo sangue do Puro*”. Com isso, ele será invencível.

— Invencível, até mesmo para nós? — questionou Elizabeth.

— Temo que sim — respondeu Dib, que sempre rezeira a profecia talvez por ter sido murmurada entre os monges, desde os seus tempos de criança, muito antes de imaginar que havia guardiões e ele se transformaria num daqueles seres míticos.

— E onde está o Cálice agora? — perguntou Kent.

— Essa é a grande questão: o Cálice estava com os Messie — disse Daniel, ciente de que todos sabiam da morte do casal e de seus empregos, pelo noticiário. — E desapareceu.

— Dimitri vendeu as nossas relíquias aos Messie? — Uchoa falava do Cálice e do Anel.

— Sim. O interessante é que os Messie tinham muitas obras de arte e artefatos valiosos, mas só desapareceu o Cálice — enfatizou Daniel.

— Não levaram o Anel? — questionou Alessia, com estranheza.

— O Anel só é um objeto do Graal se estiver com a esmeralda — lembrou Daniel. — Apesar do seu valor monetário, o anel sem a

esmeralda verdadeira não tem poder real. Portanto, o ladrão devia saber que a esmeralda atual não é a pedra original.

— Isso significa que conhece a esmeralda, ou não sabe a importância do Anel — disse Seth.

— Acho que é o primeiro caso: ele sabe que não é a esmeralda de Lúcifer — defendeu Miguel.

— Como é que o assassino sabia que os Messie tinham o Cálice? — perguntou Elizabeth.

— Não sei ainda — disse Daniel. — Neste momento há muito mais perguntas que respostas.

— E os Messie entregaram o Cálice antes de serem assassinados? — quis saber Kent.

— Charles Messie deve ter revelado a localização — afirmou Daniel.

— Sob tortura? — inquiriu Kent, atento.

— Não creio. As circunstâncias das mortes são peculiares — Daniel relatou os detalhes da morte dos Messie e dos nove empregados: a forma como estavam alinhados na cave na mesma posição das crianças; a ausência inexplicável de sangue na cena do crime e nos corpos; o golpe no peito, mas que não atingiu o coração; e a ausência de violência, com exceção do golpe, como se as vítimas tivessem abraçado o seu destino voluntariamente.

— Qual a arma do crime? — perguntou Dib.

— Uma lança — informou Daniel, olhando diretamente para Miguel.

— A Lança do Destino — afirmou Miguel devagar, compreendendo de imediato a insinuação de Daniel. — Segundo a lenda, ela precisa penetrar na região do peito da vítima, mas sem tocar no seu coração, para absorver todo o sangue do corpo. O que explicaria a ausência de sangue nos Messie e nos seus empregados. Mas a

Lança sangra incessantemente e isso deixaria um rastro de pingos de sangue por todo o lado.

— Havia pingos de sangue — mencionou Daniel. — Mas acho que eram insuficientes...

— Se a Lança estivesse protegida pela sua capa de veludo negro, a quantidade de sangue no chão seria menor — explicou Miguel, pensativo. — Pelo que você acabou de relatar, tudo indica que os Messie foram mortos com a Lança do Destino.

— Qual o poder da Lança? — perguntou Elizabeth.

— Usada para o bem, tem propriedades de cura. Usada para o mal, dá poder e vitórias a quem a possui. Hitler se apropriou da Lança em março de 1939 e quase dominou o mundo. Contudo, a Lança se volta contra quem a utiliza de forma errada, e todos os conquistadores que a tiveram sofreram quedas amargas — explicou Daniel.

— E por que é que mataram os Messie com a Lança? Hitler também usou a Lança para matar pessoas? — questionou Elizabeth novamente.

— Não. As mortes com a Lança são algo novo, que eu saiba — informou Miguel, e depois de uma breve pausa, disse: — Mas acredito que essas mortes servem para apaziguar a Lança, para que ela não se volte contra o seu proprietário, como aconteceu com Hitler e Napoleão, e sempre lhe garanta vitórias. É um ritual de apaziguamento. Quem a está usando tem profundo domínio da magia.

— Sabe onde estava a Lança, Besson? — Dib quis saber.

— As últimas informações são de 1945, quando a Lança estava no Castelo de Wewelsburg, na região da Renânia do Norte-Vestfália, um lugar que os nazistas pretendiam transformar no *zentrum der neuen Welt*, o centro do novo mundo. Ali eram guardados os artefatos

místicos mais importantes do nazismo e eram, também, realizados os rituais mais secretos. Com a invasão dos Aliados, o General Patton se apropriou dos objetos que estavam em Wewelsburg, mas não sei se levou a Lança. O certo é que ela desapareceu naquela época e ressurgiu agora.

— Estamos lidando com um praticante de magia negra, disposto a matar para conseguir o poder, e que tem dois dos objetos mais importantes do cristianismo: a Lança do Destino e o Cálice de Cristo — comentou Dib. — A ascensão do Anunciado está sendo preparada.

— Sim — concordou Daniel, lacônico. A sala mergulhou no silêncio por alguns segundos, enquanto todos se davam conta do que estava acontecendo e do que teriam que enfrentar.

— As duas primeiras etapas da profecia estão sendo cumpridas: a morte das crianças com menos de sete anos, e o Cálice, que será usado em algum ritual — sistematizou Dib.

— Falta a terceira parte, em que o Anunciado “se alimentaria das almas humanas, tragando a luz da terra” — disse Daniel. — Mas o seu significado ainda me escapa. Dever ser algum ritual em que ele absorve as almas...

— Eu sei o que é — avisou Miguel, que estivera em silêncio, maturando uma decisão difícil. Sabia que chegaria o momento de confessar os seus pecados, mas não imaginou que fosse acontecer à frente de todos. Por ironia, seria o seu lado negro que iria ajudar a compreender a terceira etapa da profecia e, talvez, contribuir para salvar a humanidade. Não conseguiu deixar de pensar que havia certa justiça divina e maquiavélica em toda aquela situação.

— E o que é, Besson? — perguntou Daniel pressentindo a luta de Miguel entre as palavras e o silêncio, antecipando a terrível confissão que ele faria pela forma como o seu olhar escurecia.

— Tem razão, De Payens: é um ritual em que a alma é absorvida. O punhal... — Elizabeth interrompeu-o imediatamente:

— O punhal que matou a minha mãe? — perguntou, rezando para que não fosse o mesmo.

— Sim — Miguel falava suavemente, como se narrasse uma história distante, que desejava esquecer. — Na base desse punhal está encastada a esmeralda que foi de Salomão, e antes esteve na testa de Lúcifer. Quando o punhal penetra o coração da vítima, a esmeralda absorve a alma e a pedra torna-se luminescente. Com a ponta do punhal é feito um pequeno golpe na pele do receptor, de preferência sobre o coração, e ao surgir a primeira gota de sangue, a alma da vítima sai do punhal e penetra no corpo do receptor. É assim que o Anunciado se “alimentará das almas humanas, tragando a luz da terra”.

A sala foi envolta por um silêncio denso. Elizabeth mirou-o como se ele fosse irreconhecível. Ele percebeu os olhares assombrados, mas continuou calado, aguardando a pergunta que todos tinham bailando na mente.

— Foi você que mandou matar a minha mãe? — perguntou Elizabeth, temendo que ele assumisse ser o responsável, naquele excesso de honestidade que o havia assaltado. Se Miguel confessasse a participação na morte da sua mãe, abriria um abismo intransponível entre eles.

— Não — respondeu, mantendo a serenidade.

— Não? Então como sabe isso? Como sabe do punhal? Era seu?

— Fui eu que o desenhei há muitos séculos, e lhe dei o nome de Punhal das Almas — explicou, devagar. — A Consagração é uma forma de confirmar os guardiões, mas é também uma maneira de manter a vida. Quando saí da Ordem precisava conservar a energia, e a única forma de renová-la era através da absorção das almas ou

de complexos rituais de sangue, como os que estão sendo realizados agora. Optei pela absorção. O sangue e a alma são a energia mais poderosa, depois da Consagração. Por isso a morte faz parte de tantos rituais.

— Você mata para se manter imortal? — perguntou Elizabeth, sem esconder a repulsa.

— Esse é o preço que pago — rematou, sem tristeza nem remorsos, fazendo uma simples constatação. — Da mesma forma que as pessoas matam animais para se alimentar, eu preciso da energia das almas. Eu sei que é chocante, mas é uma questão de sobrevivência: ou faço isso ou morro. E quando as pessoas são confrontadas com a sua própria sobrevivência, há alguns mecanismos que se alteram; se está além do bem e do mal. É como no mundo animal: ou se mata ou é morto. Não há certo nem errado.

Todos reconheciam que a lógica de Miguel estava correta, apesar de não concordarem com a morte de nenhum ser vivo. Mas aquela era a lei vigente na natureza, no mundo animal ao qual pertenciam. E a verdade colocada daquela forma tornava Besson mais humano e as suas atitudes quase perdoáveis. Eles acreditavam, assim como Arturo, que Miguel fizera um pacto similar ao de Fausto: havia trocado a alma pela imortalidade, e servia Lúcifer. Arturo até se referira a Fausto em uma das cartas que escrevera a Elizabeth, na esperança de avisá-la sobre Besson. Mas a explicação de Miguel revelara outra realidade. Ele matava para se alimentar, para não morrer, embora soubesse que haveria um preço a pagar por tantas mortes.

— E quem matou a minha mãe? — questionou Elizabeth. Mesmo sabendo que Miguel tinha as mãos cheias de sangue, e após o impacto das revelações, Elizabeth tentava vencer a repulsa inicial e compreendia que a escolha dele não tinha sido fácil.

— Foi um feiticeiro que roubou o meu punhal e a matou. Não fui eu, Elizabeth. Juro — disse com a voz firme, perante a sala silenciosa que não o condenava, mas também não o apoiava.

— E os meus avós? — perguntou, querendo descobrir toda a verdade.

— Foi o mesmo feiticeiro, Elizabeth. Ele buscava o poder a qualquer preço e achava que o conseguiria matando a sua mãe e a sua avó.

— Mas os corpos dos meus avós foram destroçados por um leão — insistiu Elizabeth.

Miguel baixou ligeiramente o rosto, como se aquelas memórias fossem dolorosas. Depois de alguns segundos imóvel, confessou:

— Eu não os matei, mas também não impedi que o feiticeiro os assassinasse. E quando o cheiro do sangue chegou até mim eu me descontrolei. Lamento muito, mas foi um gesto completamente irracional — Miguel encarou Elizabeth esperando a reação dela, como um condenado aguarda a sentença.

— Eu acredito em você — respondeu, depois de um longo silêncio em que lhe perscrutou o olhar. Apesar do que Miguel fizera, saber que não assassinara a sua mãe e os seus avós tornava-o, de novo, uma pessoa possível, do ponto de vista afetivo.

— Elizabeth — chamou Daniel, querendo voltar à questão da profecia, agora que o segredo sobre a imortalidade de Miguel havia sido revelado.

— Sei que me afastei do objetivo da reunião, mas precisava descobrir o papel de Miguel nas mortes da minha família — respondeu Elizabeth, se justificando. — Desculpe.

— Compreendo o quanto isso é importante para você — retorquiu Daniel — Mas temos que nos concentrar na profecia. Besson, qualquer pessoa pode absorver as almas?

— Não. Apenas um guardião, porque o impacto da energia absorvida é muito violento.

— O Anunciado não é um guardião — afirmou Kent, ciente de que havia apenas oito seres especiais no mundo: eles e Besson.

— Mas está sendo preparado um caminho: primeiro a morte de inocentes, segundo certos rituais, para gerar uma grande quantidade de energia. Em seguida, a utilização do Cálice para obter imortalidade e uma força similar à nossa. E por fim, o Punhal das Almas para manter esse poder. E quanto mais almas ele absorver, mais forte se tornará — avisou Miguel.

— Então ele não é um guardião, mas vai tornar-se igual a nós — concluiu Daniel.

— Não apenas igual a nós. Mais forte que nós. A profecia fala de *invencibilidade*... — lembrou Dib, apreensivo. Daniel já entendera que aquela profecia tinha um impacto anormal sobre Dib e isso era o bastante para indicar o perigo que pendia sobre eles. Dib era o exemplo da tranquilidade, e o seu vasto treinamento permitia que superasse os obstáculos sem esforço. Mas a forma como a profecia o afetava contribuiu para que todos sentissem a ameaça.

— O que é, Dib? — Daniel se aproximou dele enquanto o observava.

— Se não impedirmos o Anunciado, milhares morrerão e depois disso é a escuridão. A ascensão do Anunciado prevê uma era de trevas em que a esperança será destruída. Já imaginaram um mundo sem esperança? — perguntou Dib, em voz baixa.

— Não — Daniel sabia que o Anunciado era o prelúdio do desespero e da violência.

— Temos que destruí-lo. Mas como vamos encontrá-lo? — questionou Seth.

— O ponto de partida é a morte das crianças em seis países, durante seis sextas-feiras seguidas. Duas vezes o número 666, como disse Miguel. O sétimo país, que inaugura o fim de um ciclo e, certamente, o início de outro, é a França, onde foram mortas crianças no dia 7 de novembro e depois os Messie — Daniel fez uma pausa, antes de revelar o resto do seu raciocínio. — Por isso acredito que a França está ligada à ascensão do Anunciado. Mas antes de agirmos, temos que descobrir quem ele é. Além disso, ele ainda não tem o Punhal das Almas — lembrou Daniel, se voltando para Elizabeth, para encará-la de frente. — Neste momento, só você pode descobrir quem é o Anunciado.

— Eu sei... — respondeu, ciente de que era esperado que sonhasse com o rosto daquele que traria a destruição ao mundo.

— Você devia ajudá-la esta noite, Daniel. Não estou tranquilo o suficiente — justificou Dib, que ficava à disposição de Elizabeth durante a noite, para ajudá-la caso ela necessitasse.

Daniel hesitou, imaginando como seria dividir a casa com ela, durante uma noite inteira.

— Está bem — respondeu, por fim. Elizabeth acompanhava a conversa e sentiu uma pontada de culpa por estar feliz com a proximidade dele, em circunstâncias tão difíceis.

Miguel observava-os tentando entender a hesitação quase imperceptível de Daniel e uma emoção muito rápida que atravessou o rosto de Elizabeth. Mas a reunião havia sido demasiado intensa, perturbando todos com a profundidade e o alcance da Profecia, e Miguel ficou sem compreender o que acontecera entre Daniel e Elizabeth.

Daniel terminou a reunião, e sem outras opções, restava-lhe esperar que Elizabeth fosse capaz de descobrir a identidade do Anunciado.

Oliver Bassan preparou uma mala com o essencial para a viagem. Tinha levado alguns dias planejando tudo, até o mais ínfimo pormenor. Para ele não havia excesso de cuidado. Todos os detalhes eram importantes, porque eram os detalhes que levavam ao fracasso.

Quando chegasse ao seu destino pretendia observar a rotina da jovem para ajustar o plano antes de sequestrá-la. Oliver organizava as suas atividades mesclando planejamento e oportunidade, o que contribuía para complicar as investigações dos casos em que se envolvia, fazendo parecer que havia sido algo aleatório. Por isso, após estudar as vítimas, preferia assassiná-las em situações que fugiam do padrão das suas atividades habituais.

Chegou à cidade depois de uma viagem tranquila de avião e hospedou-se num hotel luxuoso. Tomou um banho rápido e começou imediatamente o reconhecimento da região onde morava a jovem que deveria sequestrar.

14. O beijo

Se não se passou pela obrigação absoluta de obedecer ao desejo do corpo, isto é, se não passou pela paixão, nada se pode fazer na vida.

Marguerite Duras (1914-1996)

Étienne Bergès não conseguia disfarçar o sorriso, apesar do estresse no trabalho: a imprensa não dava um minuto de sossego a ninguém que estivesse envolvido com o caso dos Anjos Caídos e, mais recentemente, o dos Messie. A televisão repassava as notícias, mostrando velhos detalhes como se fossem novos, para manter o assunto aceso entre a população. Na internet era pior ainda. Além da circulação e da multiplicação das notícias verdadeiras, havia um monte de conclusões falsas que aumentava a cada segundo. E a pior das notícias saía do mundo virtual e invadira os jornais sensacionalistas, anunciando que os assassinos das crianças e dos Messie se dedicavam à magia negra e se haviam inspirado em Charles Manson, responsável pela violenta morte da atriz Sharon Tate, grávida de oito meses, em 1969.

Esses ruídos na comunicação eram o pior de tudo, porque aumentavam a pressão sobre os investigadores. Depois de trocarem várias ideias, Shaw e Étienne decidiram fazer uma conferência de imprensa, em que seguiriam o mesmo roteiro, para tentarem acabar com os rumores sobre magia e rituais satânicos, independente de haver ou não algum fundo de verdade em tudo aquilo. Naquele momento, o importante era serenar a população e diminuir o medo que se instalara com aquelas teorias que mesclavam morte e sobrenatural.

O natal aproximava-se rapidamente e São Paulo, como qualquer grande cidade naquela época do ano, estava efervescente. Elizabeth não falava com os amigos da faculdade desde que viajara para a África do Sul e ficou feliz quando Ana telefonou para contar as novidades.

Ela e Jorge estavam apaixonados, mas continuavam sem dar um nome ao relacionamento, afirmando categoricamente que não estavam namorando.

Paula continuava em Londres e Pietro, após muitas negociações, tinha conseguido convencê-la a deixá-lo ficar no seu minúsculo apartamento durante o mês de dezembro.

Áurea e André se adaptavam à vida de casados, mas o relacionamento parecia tenso e os antigos carinhos tinham-se transformado em alfinetadas sutis.

Por sua vez, Elizabeth explicou que tivera um acidente e fora obrigada a raspar o cabelo para os médicos suturarem o golpe que levara na cabeça.

Lucrezia não parava de pensar em Miguel desde a noite que passaram juntos. Havia muito tempo que ninguém lhe suscitava aquele nível de interesse. Era sempre ela que seduzia e controlava a relação, decidindo quando e onde se encontraria com os amantes e, ao menor sinal de tédio, os abandonava sem explicações. Mas algo diferente estava acontecendo: Miguel permanecia na sua memória, mesmo contra a sua vontade. Sabia muito pouco sobre ele, e ao pesquisá-lo na internet, não encontrou informações ou fotografias. Era quase como se ele não deixasse sinais da sua existência, o que era difícil numa era digital onde tudo e todos têm um rastro eletrônico. Aquilo a deixou alerta, mas o mistério aguçou a curiosidade e a vontade de voltar a estar com ele. Telefonou-lhe.

— Lucrezia — espantou-se ao ouvi-la, como se ela pertencesse a um mundo que desaparecera da sua vida nos últimos dias, a um passado ingrato que ressurgira inoportunamente para persegui-lo.

— Surpreso?

— Um pouco. Não esperava que telefonasse — confessou. — Não parece ser o seu estilo.

— Não é mesmo o meu estilo — concordou com firmeza, antes de alterar a voz para um tom sensual. — Mas sinto a sua falta. Quando volta?

— Ainda não sei.

— Não? Como não? — Miguel percebeu que a voz dela se crispara e ficou atento. Não suportava mulheres possessivas e, apesar de ter percebido que ela era do tipo controlador, não imaginou que telefonasse para lhe falar sobre o desagrado com a sua ausência. Aquilo, embora fosse lisonjeiro, também soava como uma cobrança, e eles haviam passado apenas uma noite juntos. É verdade que fora uma noite intensa, mas não justificava o sentimento de posse que adivinhava sob as palavras dela. Ficou em silêncio, indeciso sobre o

que fazer: ou mostrava o seu desagrado com aquele tipo de cobrança ou agia como se não tivesse percebido e esperava para ver como se encaminharia o diálogo. Optou pela segunda atitude.

— Assim que souber telefone. Pode ser? — perguntou, com uma voz neutra.

Lucrezia percebeu que exagerara no tom das perguntas. Mas Miguel estava lhe despertando um ciúme difícil de controlar. Lucrezia sabia que não podia permitir que o seu caso com Miguel a afastasse da sua verdadeira missão: Jean Luc Messie.

— Sim. Espero que volte rápido — respondeu, rindo com sensualidade, para disfarçar os indícios da sua possessividade, momentos antes.

— Eu também — disse, antes de desligar. Mas aquele telefonema incomodou-o. Havia algo em Lucrezia que o deixava em estado de alerta, como se ela representasse um perigo oculto.

Daniel deixou o apartamento de Elizabeth antes de tomar o café da manhã, para evitar cruzar-se com ela. Tinha dormido pouco e a noite o havia esgotado. Cada dia oscilava mais entre o seu desejo por Elizabeth e a sua obrigação em relação à Ordem. Sabia que o amor era matematicamente insustentável: para ficar com Elizabeth ambos teriam que abdicar da imortalidade. E aquela não era uma alternativa para ela. Com a inevitabilidade da sua morte, tudo o que queria era amá-la antes de partir, mas achava injusto condenar Elizabeth.

Pressionado por uma escolha difícil, Daniel compreendia melhor o verdadeiro drama vivido por Arturo e, por mais que se questionasse se valera a pena, sabia que a mortalidade dele é que tornava possível a existência de Elizabeth. Também pensou em Besson e na

sua saída da Ordem, mas sabia que os motivos dele eram diferentes dos seus: Besson deixara a Ordem em busca do poder e de uma vida livre do rígido espartilho das regras; e ele estava dilacerado entre o amor e o dever, tal como acontecera com Arturo. Questionou-se sobre o caminho que Besson seguira: um caminho que, apesar dos motivos errados, ainda o mantinha consagrado. O preço que Besson pagava pela sua escolha era muito alto, mas a Ordem também exigia um preço elevado. Daniel abdicava da sua vida pessoal para servir exclusivamente a Ordem. E agora estava dividido entre o amor por Elizabeth e a sua responsabilidade perante a Ordem, enquanto guardião Supremo.

Nessa tarde, quando foi para a biblioteca da Ordem, encontrou Elizabeth. E agora não havia como escapar. Ela abandonou o livro que lia com atenção forçada e foi ao seu encontro, assim que o viu atravessar a sala. Daniel parou no meio do caminho, antes de chegar à grande mesa de madeira sólida, onde ela estivera sentada, segundos antes. Apoiou-se numa das estantes e ficou a vê-la aproximar-se com passos miúdos e nervosos. Podia perceber que ela estava irritada. Elizabeth revelou a razão: ainda não conseguira sonhar com as identidades do assassino e do Anunciado. Daniel disse, com a calma proveniente da sua longa experiência:

— Às vezes é difícil descobrir. Tem que insistir.

— Estou insistindo — argumentou, parando na frente dele, sentindo-se impotente. Parecia que algo superior aos seus dons extraordinários ocultava tudo, com um véu negro.

— Eu sei — disse, vendo-a muito próxima, gesticulando com as mãos esguias, quase roçando o seu peito.

A proximidade dela era intoxicante. O seu perfume chegava até ele cada vez que ela se movia. O fato de a morte ser algo concreto

desde que trocara a sua vida pela dela, emprestava uma nova urgência às suas emoções, confundindo as prioridades e obrigações.

Ela parou, sob o olhar atento de Daniel, e mirou-o como se o tivesse visto apenas naquele instante. Aproximou-se um pouco mais, diminuindo a distância já irrisória que havia entre eles. Estavam separados por alguns centímetros. Ele manteve-se imóvel, consciente da atração crescente que os envolvia. Elizabeth inalou vagorosamente o odor fresco da colônia masculina. A irritação deu lugar ao desejo, como se um raio a tivesse atingido, de repente.

Eles continuaram se olhando fixamente, sem se moverem. Sabiam que não seriam capazes de continuar controlando aquele sentimento que oscilava entre o prazer e a dor, a atração e a culpa, o amor e a impossibilidade. Estavam subjugados por uma atração intensa que aumentava cada vez que respiravam.

Ela deixou tombar as mãos ao longo do corpo, tentando recalcar as emoções. Mas o espaço entre eles diluía-se enquanto mergulhavam nos olhos um do outro. O ar parecia irrespirável, num misto de expectativa e temor. Uma emoção irracional estava se apoderando deles. Ambos sabiam que não podiam dominar por mais tempo o desejo. Ele estava cansado de lutar contra a vontade constante de abraçá-la. E ela só queria mergulhar nos braços dele.

Aproximaram-se, sem precipitações, anulando a nesga de ar que os separava. Daniel pousou uma mão acima da cintura dela, dobrando-a contra si, e pôs a outra mão sobre a nuca, anunciando um beijo. Ela o abraçou, em volta do pescoço. Ele continuou a olhá-la, ciente dos sinais do seu corpo junto ao dela. Os seus corpos uniram-se sem pressa, se tocando suavemente, com os músculos das coxas se encaixando numa dança lenta.

Daniel colocou a mão debaixo da blusa dela e sentiu a pele da cintura contra os seus dedos. Moveu a palma aberta pelas costas

dela, provocando-lhe um arrepio. A longa espera intensificava tudo, dando aos gestos, mesmo aos mais insignificantes, um prazer excessivo. Com a mão aberta contra as costas dela, Daniel puxou-a mais contra o seu peito. Os corpos se fundiram num abraço profundo.

Aproximou-se dos lábios dela devagar, fazendo-a tremer de antecipação. Queria que chegassem àquele primeiro beijo lentamente. Queria que fosse um beijo inesquecível. Demorou-se em cada gesto. Beijou-a de leve nos lábios, doce e quase fraternal. Ganhou firmeza e entreabriu os lábios dela sensualmente com a pressão dos seus, explorando a boca morna. Estremeceram ambos sob o alívio momentâneo provocado pelo beijo. Ela se afundou nos braços dele, se entregando às mãos dele.

Ele a apertou contra o corpo másculo, sentindo-a por inteiro. Continuou a beijá-la com intensidade crescente, acariciando as costas dela, numa descoberta sensual, e ao perceber que ela não usava sutiã, sentiu uma espécie de frenesi que intensificou o seu desejo. Ela puxou a camisa para fora dos jeans dele e acariciou as suas costas, sentindo a pele quente e as irregularidades das cicatrizes, sob as pontas dos dedos. Ele gemeu de prazer e, nesse momento, surpreendido pelo som da sua própria voz, percebeu que precisava recuperar o controle antes que fosse tarde demais.

— Elizabeth — disse, sobre os lábios dela, tentando se controlar, enquanto todo o seu corpo pedia que continuasse.

— Sim... — respondeu, abraçando-o mais forte, temendo que ele escapasse.

— Não — negou, sem se afastar, ainda com o corpo unido ao dela, aturdido com a intensidade das emoções.

— Por favor, Daniel... — pediu, imaginando que, se o deixasse ir, ele não permitiria que um momento como aquele se repetisse.

— Precisamos parar. Vem gente aí — insistiu, tenso, lutando para recuperar o domínio da situação, enquanto ela continuava a abraçá-lo, acariciando as costas dele com as pontas dos dedos quase febris.

Ela se afastou contra a vontade, sabendo que ele estava certo. Também sentira o formigamento no corpo que denunciava a presença de outro guardião. Ele ajeitou rapidamente a camisa dentro das calças e sentou-se, folheando um livro aleatório que estava sobre a mesa, enquanto recuperava o autodomínio. Tinha a sensação de ter aberto uma comporta e não ser capaz de voltar a fechá-la. Sentia que se afogava num mar de desejos e quanto mais lutava mais se afundava, como se tivesse mergulhado em areias movediças. Estava consciente de que acabara de escancarar as portas do seu inferno pessoal.

Ela se sentou no lado oposto da mesa, evitando encará-lo, e tentando controlar os efeitos daquele beijo arrebatador que a fez vislumbrar o lado sensual de Daniel. E aquela descoberta só contribuiria para piorar a situação.

Lá fora, a luz abandonava a cidade e as sombras da noite esgueiravam-se pelas janelas da biblioteca. Alessia entrou e, vendo-os quase às escuras, perguntou:

— Existe algum motivo para estarem com as luzes apagadas?

Ao ver Alessia, Daniel sentiu alívio. Se fosse outro guardião certamente pressentiria a quantidade absurda de energia que havia entre eles, e que era difícil de explicar. Mas Alessia era movida principalmente pelo seu amor por Elizabeth, e isso afetava a sua percepção.

— Não — exclamou Daniel, com aparente serenidade. Elizabeth manteve os olhos fixos no livro, temendo que Alessia percebesse os vestígios do seu momento de paixão com Daniel. Vestiu o casaco leve, que colocara nas costas da cadeira mais cedo, para tentar

ganhar tempo e se recompor. Mas Alessia percebeu que havia algo errado.

— O que aconteceu?

— Por quê? — perguntou Daniel, astutamente.

— Vocês parecem estranhos — comentou, com a intuição própria dos guardiões.

— Falávamos sobre os assassinatos e Elizabeth se sente frustrada por não ter conseguido sonhar — disfarçou Daniel, com displicência, olhando para Elizabeth com uma ternura mal disfarçada. Ela retribuiu o olhar, consciente dos riscos que corriam se alguém descobrisse o que sentiam um pelo outro. Estava mais calma e reforçou os argumentos dele:

— Estava reclamando por não conseguir descobrir o assassino, nem o Anunciado.

— Talvez esteja demasiado ansiosa — insinuou Daniel, com um breve sorriso, imprimindo à frase um duplo sentido que só Elizabeth entenderia.

— É verdade que anda um pouco ansiosa — confirmou Alessia, dirigindo-se a uma das prateleiras. — Só passei aqui para pegar um livro. Você volta comigo para casa, Elizabeth?

Elizabeth hesitou. Queria falar com Daniel sobre o que acontecera, mas viu-o menear a cabeça levemente. Ambos precisavam de tempo para digerir aquele momento que abalara os seus alicerces, colocando-os numa posição de fragilidade em relação aos seus papéis na Ordem.

— Sim, vou — respondeu, contrariada.

Jean Luc e Sarah decidiram se casar em Paris. Frank Liberman voltou para Londres e usou alguns dos seus contatos para apressar a

burocracia necessária para o casamento. Rachel continuou em Paris, se dedicando aos preparativos da cerimônia. Embora fosse algo íntimo, queria que a filha tivesse uma festa inesquecível.

Jean Luc, apesar de continuar com a adega interdita, contratou novos empregados e começou a se preparar para receber a noiva e o futuro filho. A perspectiva de ter um filho contribuía para diminuir a tristeza causada pela perda dos pais.

O casamento aconteceria na primeira semana de janeiro e os pais de Sarah o convidaram para passar o final do ano em Londres.

Elizabeth estranhou o telefonema de Áurea, às oito da manhã.

— O que foi? — perguntou Elizabeth, ao ouvir Áurea chorando. Ela era uma pessoa comedida, por isso devia ser algo grave.

— O André saiu de casa — disse, quando finalmente conseguiu controlar as lágrimas.

— Por quê? — perguntou, espantada. Eles estavam casados há menos de um ano.

— É muito complicado... — hesitou, recomeçando a chorar.

— Onde você está?

— No meu apartamento.

— Vou até aí — disse, antes de sugerir: — Não vá trabalhar hoje: não está em condições.

Elizabeth pegou a chave do carro e a caminho da porta disse em voz alta:

— Alessia, preciso ir à casa da Áurea.

— O que aconteceu? — perguntou Alessia, aparecendo no corredor, vinda da cozinha onde estava limpando a mesa do café da manhã.

— O André saiu de casa e ela está destroçada — respondeu, dirigindo-se para a porta. — Por favor, avise o Leon e o Náder que espero por eles na garagem.

— Vai ficar tudo bem — respondeu Alessia, acreditando que aquilo havia sido uma simples briga de casal.

Elizabeth encontrou Áurea ainda de pijama, com o rosto inchado de tanto chorar. Foi à cozinha, encheu um copo com água gelada e aconselhou:

— Beba devagar. E se acalme para conseguirmos conversar — Elizabeth acariciou o cabelo despenteado da amiga. Ela acenou com a cabeça e bebeu a água em pequenos goles, como se fosse um remédio. Quando acalmou um pouco, as duas sentaram no sofá branco, de três lugares, que ficava num dos cantos da sala. Elizabeth descalçou os sapatos, cruzou as pernas em cima do sofá e pediu:

— Agora me conte o que aconteceu.

— O André saiu de casa ontem à noite. Brigamos por causa da minha mãe.

— O quê? — perguntou cética, duvidando do motivo da separação.

— Discutimos sempre por causa da minha mãe. Ele não compreende que eu não posso proibi-la de nos visitar quando ela quiser.

— E ela avisa? Telefona? — perguntou Elizabeth, desconfiada, lembrando o estilo autoritário com que a mãe de Áurea conduzira os preparativos do casamento.

— Às vezes se esquece de avisar. Ela gosta de me ajudar porque sabe que os nossos horários no hospital e na clínica são complicados — justificou.

— Deixe-me ver se entendi: a sua mãe vem aqui quando quer, sem avisar, para ajudá-la a organizar a sua casa. É isso?

— Sim — respondeu Áurea, com simplicidade.

— Você não acha estranho que a sua mãe invada a privacidade de vocês para organizar a casa? Se eu estivesse no lugar do André também teria me irritado.

— Sei que tenho que falar com a minha mãe — reconheceu. — Mas ela não vai entender.

— Se não colocar um limite na sua mãe, vai perder o homem que ama — avisou Elizabeth.

— Eu vou falar com ela — disse Áurea, ciente de que aquela era a decisão certa. — Estou tentando ligar para o André, mas ele não atende.

— Acho que só vai falar com você quando estiver mais calmo. O André deve estar esperando que você decida o que vai fazer... — Elizabeth calou-se ao escutar a chave na porta e olhou interrogativamente para a amiga.

— É a minha mãe — murmurou ela.

— Ela tem a chave de casa? — perguntou Elizabeth num sussurro, sem esconder o espanto ao ver a amiga mover a cabeça positivamente.

— Você precisa acabar com isso... — aconselhou, antes de dizer no mesmo tom baixo: — Vou embora, para que fale com ela. Se precisar, me ligue. — Elizabeth beijou-a na testa, antes de sair rapidamente pela porta de serviço para evitar encontrar-se com a mãe de Áurea. Gostaria de ter ficado mais tempo com a amiga e partiu desagrada com a interrupção, mas a mãe de Áurea não era alguém com quem desejasse conversar naquele momento.

Eram dez da manhã quando Elizabeth deixou o apartamento de Áurea. Olhou em volta e viu Leon e Náder dentro do carro. Fez-lhes

um breve sinal de adeus e telefonou para avisá-los que ia para casa. Ligou o carro, que estacionara em frente do prédio de Áurea, olhou pelo retrovisor e viu os seguranças na fila ao lado, dois carros atrás. O trânsito estava difícil: a avenida não se movia e ela teria que arranjar um percurso alternativo para sair dali. Percebeu que se distanciara de Leon e Náder: a fila da esquerda, onde estava, tinha andado, mas a deles continuava parada. Telefonou mais uma vez e avisou que ia sair pela esquerda, para tentar escapar do trânsito e esperaria por eles perto da praça, um pouco adiante. Leon ofereceu-se para acompanhá-la, mas Elizabeth não achou necessário. Os dias de perigo pareciam distantes. Porém, alguns minutos depois, teve a estranha sensação de estar sendo observada. Sentiu um arrepio e ajustou o espelho tentando entender por que estava sentindo que havia alguém atrás de si. Foi quando viu os olhos escuros refletidos no espelho. Ele estava imóvel no banco traseiro do carro, como uma estátua surgida do nada. Ela não conseguia saber há quanto tempo ele estava ali, silencioso, mas viu uma ameaça clara nos olhos gélidos. Voltou o olhar para a estrada e abrandou o seu ritmo cardíaco, respirando devagar. O desconhecido disse, com uma voz ligeiramente rouca, num inglês perfeito:

— Estacione.

Ela estacionou perto da praça, onde havia combinado esperar pelos seguranças.

— Vamos atravessar a praça, para a direita — avisou o homem.

Elizabeth pegou a bolsa, saiu do carro e caminhou ao lado do homem corpulento e alto. Ele devia ter um metro e noventa, cabelos e olhos negros, musculoso sem exageros, e muito tranquilo. Quem os visse caminhando pela rua, ele com a mão firmemente fechada em volta do braço dela, diria que eram um casal. Ele não aparentava emoção. Era educado e não foi rude ou desagradável, mas no fundo

do olhar havia um aviso frio que dispensava palavras, uma espécie de abismo desconhecido que desencorajava qualquer tentativa de fuga, qualquer gesto impensado.

No outro lado da praça mandou parar um táxi, empurrou-a delicadamente para o banco de trás, sentou-se ao seu lado, e entregou ao motorista um papel com o endereço que tirou do bolso dos jeans impecáveis. O taxista leu e quando se voltou para encará-lo e viu o rosto impávido e sério, optou por calar-se e pôr o carro em andamento.

O celular dela começou a tocar, ininterruptamente.

O homem dos olhos negros disse, em voz baixa, com o seu inglês britânico:

— Temos um entendimento, não é, Elizabeth?

Ela assentiu com a cabeça: sabia que ele a estava desaconselhando de tentar escapar. Confirmou que ele sabia quem ela era. Lembrou-se das mortes trágicas da mãe e da avó e, também, do assassino que tinha ido a Puebla de Sanabria.

O sequestrador estendeu a mão esquerda, aberta, mantendo a direita em volta do braço dela, como um anel mortal. Elizabeth podia sentir a força controladora dos dedos dele. Entendeu o gesto dele e entregou o celular, que continuava tocando. Ele soltou o braço dela para abrir o celular e retirar o chip, que atirou pela janela. O celular silenciou. Ele montou as peças e devolveu o aparelho. Elizabeth colocou-o de volta na bolsa. O homem tornou a fechar a mão em torno do braço dela, com tranquilidade. Ela percebeu que estava perante um adversário imponente: inteligente, controlado, organizado, educado e, aparentemente, habituado a situações similares.

Questionou-se sobre quanto tempo ele estivera dentro do seu carro, à espera, sem ser notado, e como conseguira entrar.

Uma hora depois estavam na região norte da cidade. O táxi parou, ele pagou e deu uma gorjeta de cinco reais, suficiente para o motorista ficar feliz, mas insuficiente para ele se lembrar de uma gorjeta extravagante. Desceram do táxi, e ele a guiou para a calçada, sempre com a mão em torno do braço dela. Andaram duzentos metros e pararam ao lado de um carro preto. Ele acionou a chave e destrancou o carro. Abriu a porta e a empurrou para o banco da frente. Inclinou-se e colocou o cinto de segurança, enquanto mantinha sobre ela o mesmo olhar frio, em tom de aviso. Foi nesse momento que ela viu a arma sob o braço dele, oculta pelo elegante blazer azul que ele usava. Ele deu a volta no carro, tranquilo, seguro de que ela não iria a lugar nenhum e sentou-se ao volante. Elizabeth não pretendia escapar, porque dentro dela uma voz dizia que aquele homem não hesitaria em feri-la se ela lhe desse motivo. E a mesma voz também lhe dizia que uma grande tormenta estava se aproximando.

15. A tormenta

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu: há tempo de nascer e tempo de morrer; (...) tempo de chorar e tempo de rir; (...) tempo de abraçar e tempo de afastar-se; tempo de buscar e tempo de perder; (...) tempo de amar e tempo de aborrecer; tempo de guerra e tempo de paz.

Eclesiastes, 3: 1-8

Leon e Náder viram o carro de Elizabeth estacionado em frente à praça. Perceberam que estava destrancado, como se ela o tivesse abandonado às pressas. Ligaram para o celular e quando ela não atendeu perceberam que algo terrível tinha acontecido.

Assim que avisaram Alessia, ela entendeu a gravidade do problema e pediu que não saíssem do local. Em seguida avisou Daniel, mas ele já pressentira que havia algo errado:

- Foi Elizabeth, não é?
- Sim — respondeu. — Consegue criar alguma ligação com ela?
- Estou tentando, mas ainda não consegui. Pode ser a distância, a perturbação dela ou algum outro tipo de impedimento. O que

aconteceu?

— Leon e Náder ficaram presos no trânsito. Ela se adiantou e disse que esperaria por eles perto de uma praça. Quando eles chegaram, encontraram o carro abandonado, com a chave na ignição. Ligaram para o celular e ela não atendeu. Insistiram e as chamadas começaram a cair na caixa postal.

— Onde é que ela foi?

— Foi ver a Áurea, uma amiga da faculdade...

— Eu sei quem é — interrompeu Daniel, lembrando-se do casamento em que a acompanhara, e dos momentos que haviam dançado, imaginado que eram pessoas normais.

— Temos que encontrá-la antes que aconteça... — Alessia não completou a frase, mas Daniel entendeu que ela estava insinuando a possibilidade de Elizabeth ter sido sequestrada para ser assassinada. A ideia o encheu de um desespero que o impedia de raciocinar com clareza.

— Preciso pensar — disse, tentando se acalmar. — Avise Kent, Uchoa e Seth e peça para nos encontrarem no seu apartamento. Enquanto isso vou com Dib ver o carro dela.

Quando chegaram à praça, Léon e Náder estavam devastados. Daniel e Dib tentaram acalmá-los, mas eles se sentiam responsáveis pelo sequestro de Elizabeth.

— Esperaram aqui no carro, no banco de trás — informou Dib, analisando o carro.

— Algum odor particular? — perguntou Daniel.

— Um perfume amadeirado e forte.

— Parece alguém sofisticado. Mais alguma coisa? — questionou Daniel, se inclinando para dentro do carro, para observar melhor.

— Não.

— Vamos tentar descobrir para onde foram — pediu Daniel, dirigindo-se a Dib.

— Acho difícil. É uma área aberta, com grande fluxo de gente. Os odores já se foram. Mas podemos tentar.. — concordou Dib, caminhando devagar ao lado de Daniel, como dois animais farejando o ar sutilmente.

— Você se concentra nele e eu em Elizabeth... Consigo senti-la aqui. — Daniel percebeu o odor no meio da praça. Fechou os olhos para se concentrar e isolar o cheiro de Elizabeth no meio de tantos outros. Caminhou até o início da rua, do outro lado da praça. — Vieram até este ponto... — Daniel apontou para o chão. — Devia haver um carro esperando.

— Como saberiam? O percurso de Elizabeth foi definido no último minuto — afirmou Dib.

— Talvez tenham apanhado um táxi — sugeriu, antes de comentar: — Tiveram que parecer tranquilos, porque ninguém percebeu nada. Foi algo discreto e ela colaborou.

— Não há mais nada aqui, Daniel.

— Quando foi a última vez que revistaram o carro dela? — Daniel questionou os dois seguranças, antes de voltar para junto deles e entrar no seu carro com Dib, para se dirigirem ao apartamento de Elizabeth.

— Hoje de amanhã, às oito. Quando chegamos à garagem ela já estava no carro, mas revistamos tudo: fazemos sempre isso antes de Elizabeth sair com o carro.

— Como ele entrou no carro? Elizabeth ficou mais de uma hora na casa da amiga e vocês ficaram aqui embaixo. Perderam o carro de vista?

— Não — respondeu Náder. — Não saímos dali. O carro dela estava do outro lado da rua. Conseguíamos vê-lo.

— Viam apenas um dos lados, não é? O lado das portas que abriam para a calçada estava parcialmente oculto, certo? — insistiu Daniel, tentando entender o que podia ter acontecido.

— Sim, mas se alguém abrisse a porta conseguíamos perceber... — argumentou Náder.

— Acho que perdemos o carro de vista por alguns minutos, quando dois adolescentes brigaram à nossa frente e tivemos que separá-los — lembrou Léon.

— Dois adolescentes? — perguntou Daniel, percebendo que aquilo poderia ter sido um subterfúgio para distraí-los, criando a oportunidade ideal para alguém entrar no carro, sem fazer disparar o alarme, o que, atualmente, não era difícil com acesso a tanta tecnologia.

— Tinham uns quinze anos e estavam com o uniforme da Escola Americana — disse Náder.

— Há uma unidade ali perto, um quartirão acima. Se fossem lá, conseguiriam descobrir quem são eles? — questionou Dib.

— Sim — rematou Léon, sem hesitação, seguro da sua memória imbatível.

— Vejam se os encontram e descubrem o que aconteceu — pediu Daniel. — Depois, um de vocês leva o carro de Elizabeth para casa.

Os adolescentes não sabiam de nada. Tinham-se irritado um com o outro, e o sequestrador devia estar esperando e aproveitou a oportunidade assim que ela surgiu.

Daniel e Dib entraram na sala onde Alessia, Kent, Seth e Uchoa aguardavam com impaciência. Em menos de um ano, era a segunda vez que Elizabeth desaparecia, mas da primeira vez sabiam que estava com Besson e agora não faziam a menor ideia sobre a

identidade do sequestrador. Além disso, também não sabiam o motivo do sequestro.

A tensão era palpável. Todos estavam agitados, movendo-se pela sala como leões enjaulados. Daniel tentava manter a calma. Puxou uma cadeira, deu alguns passos com ela e posicionou-a de maneira a ficar de frente para todos. O desaparecimento de Elizabeth pegara-os desprevenidos. Alessia foi a primeira a falar:

— Talvez precisemos chamar o Besson, para nos ajudar — pronunciou o nome dele com cuidado, como se ele pudesse ferir a sua boca. Mas o desespero tinha-se apossado dela ao ponto de fazê-la considerar a possibilidade de pedir a colaboração do homem que tanto detestava. Daniel olhou-a, surpreso:

— Está falando sério?

— Sim. E Kent também é da mesma opinião. Falamos sobre isso enquanto esperávamos vocês chegarem — justificou. — Precisamos dele para encontrá-la o mais rápido possível. E represente ele o bem ou o mal, neste momento será um de nós. Talvez o único de nós capaz de fazer qualquer coisa para salvá-la.

Daniel olhou friamente para Alessia e comentou com sarcasmo:

— Quando precisamos de Besson ele serve para nós, e quando não precisamos, ele representa tudo o que abominamos. É isso?

O silêncio aumentou emprestando mais densidade ao ambiente. Todos sabiam que Daniel estava certo. Kent aceitou a crítica.

— Tem razão, Daniel. Somos hipócritas — reconheceu com o semblante sério. — Agora que Elizabeth está em perigo, não nos importamos muito com o passado dele. Mas acho que precisamos dele.

— Reparem na ironia: você e Alessia, os maiores críticos de Besson, são os primeiros a chamá-lo, porque aquilo que mais abominam nele, que é sua capacidade de sobrevivência, de viver

acima do bem e do mal, é o que pode ajudar Elizabeth. Ele foi a lugares onde nenhum de nós se atreveu a ir — Daniel lembrou.

— Votemos — sugeriu Dib, vendo o tempo passar.

E cinco braços se ergueram, exceto o de Daniel.

— Não concorda que chamemos Besson? — perguntou Kent.

— Não, mas respeito a opinião de vocês — respondeu Daniel devagar, pegando o celular para ligar. Levantou-se e deu três passadas em direção à varanda. Assim que Besson atendeu não lhe deu oportunidade para falar, e avisou em voz baixa:

— Besson, Elizabeth foi sequestrada. Precisamos de você no apartamento dela.

— Estou indo — Miguel desligou o celular, sem perguntar mais nada, sentindo um frio se infiltrando imediatamente dentro dele.

Daniel voltou a sentar-se na cadeira e falou:

— Esperemos por Besson, a não ser que alguém tenha alguma intuição fabulosa que nos permita descobrir onde ela está.

— Por que ela não tentou escapar? — questionou Alessia, consultando as horas e tentando vencer a ansiedade. Era meio-dia. Havia duas horas que Elizabeth desaparecera.

— Não sabemos quais as circunstâncias, nem quantos sequestradores estão envolvidos — argumentou Uchoa, antes de lembrar: — Com certeza estavam armados.

— Se ela quisesse, tenho certeza de que poderia escapar — insistiu Alessia.

— Ela teme perder o controle e transmutar-se — defendeu Dib, sabendo que Elizabeth ainda lutava para recuperar a sua autoconfiança depois do dramático acidente na África.

— E corre o risco de revelar que é uma guardiã... — acrescentou Seth.

Daniel percorria a sala com passos lentos, aparentemente alheio à conversa, tentando sentir Elizabeth. Dib observou-o: era raro ver Daniel tão tenso. Foi ao encontro dele, que finalmente se aquietara por um momento, na varanda, olhando a rua. Perguntou:

— O que foi, Daniel?

— Não consigo senti-la — respondeu angustiado.

— Isso não quer dizer nada.

— Eu devia senti-la — Daniel se referia à ligação que tinham criado quando caminharam juntos pela primeira vez em que ela se transmutou.

— Às vezes é difícil e Elizabeth tem pouca experiência. Temos que lhe dar tempo — Dib disfarçou a sua apreensão, sabendo que Daniel devia ser capaz de se comunicar com ela. A ausência de conexão não era um bom sinal, mas não significava que ela estivesse morta, porque todos teriam sentido a perda da sua energia vital.

Nesse momento o porteiro do prédio anunciou que alguém deixara uma carta para Alessia, na portaria. O envelope, totalmente branco, tinha apenas o nome dela no exterior e uma nota com duas frases curtas, que puseram todos em polvorosa:

Elizabeth Blanchefort em troca do Punhal das Almas.

Londres, em quarenta e oito horas.

O Natal seria dali a dois dias, o que significava que o sequestrador faria a troca no dia do Natal. Era uma época incomum, mas era também uma época em que o número de viajantes e turistas era maior em todos os lugares, permitindo passar despercebido mais facilmente.

Quando Miguel chegou, Daniel já tinha delineado um plano. Parecia claro que Elizabeth havia sido levada para Londres, o local

onde aconteceria a troca.

— O que aconteceu? — perguntou Besson, depois de cumprimentar todos rapidamente.

Daniel resumiu o sequestro e lhe estendeu o envelope. Besson leu a carta e empalideceu.

— Será Dimitri? Ele já saiu da prisão — declarou Dib.

— Em todos os casos relacionados com as relíquias, as vítimas foram mortas. Nós temos quarenta e oito horas para descobrir onde ela está — racionalizou Daniel, parecendo ter retomado o seu autocontrole. — Mas apesar de sabermos que Dimitri queria o punhal agora temos uma nova possibilidade: pode ser alguém ligado à Profecia. E se for este o caso, o problema é muito mais complexo.

— Se o sequestro tiver alguma ligação com a Profecia, esperemos que não descubram quem é Elizabeth. O fato de ser uma pitonisa e uma guardiã só agrava a situação — advertiu Seth.

— Sim — respondeu Kent. — A energia dela, num sacrifício, é muito poderosa.

— O que faremos? — questionou Alessia, sentindo a angústia aumentar perante aquela nova ameaça.

Daniel revelou o seu plano.

— Dib e Besson vão para Londres tentar descobrir rastros de Elizabeth. Eu vou ao Mosteiro buscar o punhal e me encontro com eles lá. Kent e Seth seguem para Paris, porque precisamos monitorar a Profecia, e Paris parece ser o epicentro. Alessia e Uchoa continuam em São Paulo, mas ficam preparados para viajar, quando for necessário.

Oliver Bassan não gostava de sequestros. Preferia não ter contato com as vítimas, por tornar as situações menos perigosas, mas notou

que, em momento algum, Elizabeth resistiu aos seus pedidos ou tentou escapar. Apesar da situação, havia nela uma serenidade incomum. Oliver já deduzira que ela não era uma jovem comum durante os dias em que a observara: era discreta, não ia a festas e saía pouco. Acreditou que talvez fosse um comportamento motivado pelo acidente: as fotografias que tinha dela mostravam longos cabelos, e quando a encontrou, ela usava o cabelo muito curto, que ainda não ocultava a enorme cicatriz visível do lado esquerdo da cabeça. Mas agora, ao vê-la calmamente sentada ao seu lado no avião, teve certeza de que ela era uma jovem diferente. A sua beleza era impressionante e apesar de Oliver não sentir nenhuma atração por Elizabeth, reconhecia nela uma espécie de bondade desarmante, que não facilitaria o seu trabalho. Se ela fosse mal-educada e grosseira, tudo seria mais fácil, e ele não sentiria aquele constrangimento que começava a surgir quando pensava que teria que matá-la. Fechou os olhos por alguns segundos e pensou nos três milhões que iria receber pelo trabalho. Além disso, sabia que o homem para quem estava trabalhando pela primeira vez, Dimitri Sergeevich, exigia o total cumprimento dos contratos. Oliver compreendera bem que Dimitri não deixava pontas soltas, por isso, independente de conseguir o punhal, Elizabeth morreria.

Aterrissaram em Londres, onde ele preparara um apartamento discreto e confortável, na zona oeste da cidade. Ali passariam o tempo até Oliver contatar Alessia que, para todos os efeitos, exercia o papel de mãe da jovem. De acordo com a sua investigação, Elizabeth perdera os pais e Alessia era a pessoa mais próxima dela, juntamente com um grupo de tutores que pareciam protegê-la, talvez devido à imensa fortuna que herdara. Embora não tivesse conseguido informações precisas, era óbvio que Elizabeth era milionária.

Não tinha sido fácil conseguir o celular de Alessia, mas Oliver sabia que o dinheiro subornava ou corrompia. E foi isso que fez: subornou um funcionário da operadora para conseguir o número dela. E seria através de Alessia que daria as suas instruções.

Em circunstâncias diferentes gostaria de conhecer Alessia. Achou-a muito bonita e distinta. Ele gostava de mulheres maduras, especialmente mulheres tranquilas, que pareciam não se apressar com nada. Ele adivinhava em Alessia uma doçura que parecia precisar de muito pouco para se revelar. Imaginou que a sua aparência suave escondia um vulcão, e ela, uma mulher sensual sob aquela capa educada. Lamentou não poder conhecê-la melhor.

Oliver preparou uma refeição leve depois de saber que Elizabeth era vegetariana: um macarrão simples, com molho rústico de tomate, manjericão e um bom queijo pecorino.

Ela observou enquanto ele preparava a comida com desenvoltura: era um homem ágil, educado, sempre atento aos movimentos dela, mesmo quando ela não estava sob o seu ângulo direto de visão. Havia qualquer coisa nele que a intimidava e não era a pistola sempre visível, debaixo do braço, agora que ele estava sem o casaco. Eram os seus olhos, que continham uma ameaça fria, algo que ele não precisava verbalizar. E também o corpo, que se assemelhava a uma mola: bastava qualquer coisa para ele entrar em ação, como acontecera no aeroporto, quando uma mulher deixou cair a mala quase sobre os pés de Elizabeth e Oliver, num só movimento, levantou-a pela cintura e a retirou da trajetória da mala, com velocidade impressionante. Ela podia tentar fugir, mas tinha consciência de que seria um salto no escuro: a reação dele seria imprevisível e, possivelmente, violenta. Ele tinha avisado para não

tentar nenhum gesto impensado. E, por mais estranho que parecesse, Elizabeth confiava nele, aparentemente alheia ao fato de ele ser o seu carrasco, o homem que tinha sido pago para assassiná-la em menos de dois dias.

— Nasci na África. E você, onde nasceu? — perguntou Elizabeth devagar.

— Não espera que fale sobre mim... — disse, tentando compreender onde ela queria chegar com aquela conversa, depois de ter se mantido silenciosa desde que fora sequestrada.

— Não — respondeu, com sinceridade. — Mas gostaria de saber o que quer de mim.

Oliver hesitou sem saber se lhe contava ou não a verdade. De que adiantaria mentir? Em menos de quarenta e oito horas ela estaria morta.

— Vou trocá-la pelo Punhal das Almas — respondeu calmo, enrolando habilmente o macarrão no garfo, antes de colocá-lo na boca, de forma elegante.

Elizabeth sentiu um tremor ligeiro. Lembrou-se do assassino que a perseguira em Puebla de Sanabria, mas uma ideia mais profunda chegou até ela, e pensou na Profecia e na importância do punhal para a ascensão do Anunciado. Ficou em silêncio, pensando que serviria de troca para conseguirem o punhal e se questionando sobre o papel daquele homem no novo cenário que ganhava força dentro dela. Ironicamente ela, que era uma das pessoas que devia impedir a Profecia, parecia estar contribuindo para a sua realização.

Oliver percebeu que ela ficou perturbada com a notícia, mas continuou comendo. No final da refeição Elizabeth fez um gesto para se levantar e colocar o prato na pia, mas ele desaconselhou com frieza:

— Sente-se, por favor. Depois trato disso. Vou mostrar o seu quarto.

O pequeno apartamento tinha uma sala com cozinha integrada, dois quartos e um banheiro. Os móveis, embora fossem simples, eram confortáveis e de bom gosto. Oliver abriu um dos quartos e ela viu uma cama larga e uma cômoda com uma moderna televisão. Percebeu que a janela estava trancada, apesar de estarem no nono andar.

— Espero que fique confortável. Vou fechar a porta do seu quarto — comunicou retirando a chave do lado de dentro. — Quando precisar de alguma coisa bata na porta. Na gaveta da cômoda há pijamas e algumas roupas.

Elizabeth ouviu-o trancar a porta, dando duas voltas com a chave. Sentou-se na ponta da cama e olhou em volta: havia um candeeiro, uma garrafa de água e um copo sobre o criado mudo, à direita da cama. Abriu a gaveta da cômoda e viu dois pijamas, um roupão e roupas, exatamente como ele havia dito. Estava tudo com etiquetas e parecia ter sido comprado para ela. Ele já lhe havia dado um casaco quente e tênis, quando entraram no avião, para ela enfrentar o frio do inverno inglês, oposto ao verão brasileiro naquela época do ano.

Pegou um dos pijamas e o roupão e bateu na porta, para usar o banheiro. Ele mostrou os produtos, ainda selados, para a sua higiene pessoal: xampu, sabonete, hidratante de uma marca francesa para corpo e rosto, um pente, pasta e escova de dente. Percebeu que ele era detalhista, e tinha bom gosto, e mesmo sendo o seu sequestrador, não conseguiu evitar um sentimento de admiração pela forma cuidadosa como ele a estava tratando.

Tomou um banho quente e relaxante, vestiu o pijama e, assim que abriu a porta do banheiro, ele estava à sua espera para trancá-

la de novo no quarto.

Elizabeth deitou-se e sentiu o corpo ceder ao cansaço da viagem e às emoções do dia, sendo rapidamente vencida pelo sono.

Daniel se aventurou pela montanha, destemido, desafiando a noite e o frio gélido, guiado pelos seus instintos superiores e pela sua longa memória. Chegou ao Mosteiro extenuado pelo esforço da caminhada. Comeu uma sopa de pacote e tomou um chá bem quente, para normalizar o calor do corpo. Estava ciente de que, mesmo para ele, tinha sido um risco começar a subir a montanha ao anoitecer. Havia nevado durante toda a manhã, e a neve estava fofa em certos lugares, aumentando os perigos da caminhada, além da falta de visibilidade provocada pela noite escura como o breu. Mas já se passara um dia desde que Elizabeth desaparecera, e mais nenhum guardião tivera um segundo de sossego. Besson e Dib já haviam chegado a Londres, Kent e Seth estavam em Paris, e ele no Mosteiro, para levar o Punhal das Almas. Foi à Sala do Assombro e pegou cuidadosamente o punhal, evitando olhar para os outros objetos místicos, como se temesse que algum deles ganhasse vida e causasse alguma catástrofe. Desde a primeira vez que entrara ali, sentia que a energia da pequena sala era diferente, mais densa, parecendo ter sido condensada. E ele ainda estava longe de saber lidar com os mistérios ali guardados.

Dormiu duas horas e, bem antes do dia raiar, abandonou o Mosteiro para descer a montanha com a maior rapidez possível.

Oliver acordou com o grito de Elizabeth. Em segundos destrancou a porta do quarto dela e acendeu a luz, mas ela continuava gritando.

Aproximou-se da cama e percebeu que ela sonhava. Sacudiu-a pelos ombros e chamou com firmeza:

— Elizabeth.

Ela abriu os olhos e viu Oliver, debruçado sobre o seu rosto como uma sombra. Ele a soltou, perguntando:

— Pesadelo?

— Sim — respondeu, com a voz trêmula, e ele quase se comoveu com a fragilidade dela.

— Venha tomar um chá — convidou, infringindo as regras sobre o convívio com as vítimas.

Ela seguiu descalça, pelo chão frio, como uma criança obediente. Ele passou pelo sofá da sala, apanhou uma pequena manta de lã e colocou sobre os ombros dela.

Elizabeth sentou-se na cadeira, levantou os pés do chão e enfiou-os debaixo das coxas para aquecê-los. Apertou a manta contra o corpo e apoiou os cotovelos na mesa, enquanto Oliver, vestindo um confortável roupão, colocava a chaleira no fogo e preparava duas xícaras.

— Açúcar?

— Não, obrigada.

Só voltaram a falar quando ele pôs as xícaras com o chá quente sobre a mesa e se sentou na frente dela. Estava completamente desperto. Em menos de uma hora o sol nasceria e ele já não pretendia voltar a dormir.

— O que sonhou? — perguntou, quebrando mais uma vez a regra de não dialogar.

Ela hesitou. Sabia que ele jamais acreditaria no que ela lhe dissesse. Ninguém acreditaria. Era uma história demasiado ficcional para os padrões das pessoas normais. Sacudiu a cabeça, para mostrar que não valia a pena falar sobre o assunto. Mas ele

continuava olhando-a firmemente, aguardando que ela falasse. E Elizabeth não conseguiu evitar aquele sentimento de confiança que ele lhe inspirava, contrariando todas as evidências. Tomou quase meia xícara de chá antes de começar a falar. Concentrou-se como se estivesse conversando com Daniel, mas, naquele momento, ele não podia escutá-la porque estava descendo os Pirineus cobertos de neve, numa corrida contra o tempo, e qualquer distração poderia ser fatal.

— Três crianças vão desaparecer hoje, em Paris, e serão mortas até o final do dia, em intervalos regulares de seis horas: uma ao meio-dia, outra às seis, e a última à meia-noite. Serão encontradas exatamente como as outras: com as mãos cruzadas sobre o peito e um corte na jugular.

Oliver olhou-a sério, tentando compreender o que ela estava contando.

— Foi isso que sonhou?

— Sim — disse, com um fio de voz. — Vi quando morreram, uma por vez, sem que ninguém conseguisse impedir.

— Está dizendo que sonhou com as crianças que têm sido assassinadas? — perguntou, vagaroso, juntando várias peças na mente: talvez ela estivesse sugestionada com o caso das crianças, que afetara todo o mundo, ou talvez estivesse pressentindo a sua própria morte.

Ela fixou nele o seu olhar transparente, quase translúcido, sob o efeito da luz artificial da cozinha, e respondeu no mesmo tom vagaroso da pergunta:

— Não as que foram mortas. Sonhei com as que vão morrer hoje.

Ele sacudiu a cabeça e deu um sorriso frio.

— Está impressionada com toda esta situação. Tente descansar mais um pouco — disse, levantando-se da mesa para encher a sua

xícara com mais chá.

Ela continuou quieta, encolhida na cadeira, e quando ele se sentou, afirmou com a voz mansa, sobressaltando-o:

— Se acontecer o que acabei de contar, você acreditará em mim?

— Só há uma maneira de saber uma coisa dessas, Elizabeth: você conhece o assassino e sabe quais são os planos dele — afirmou.

— Não sei quem é o assassino. Mas sonhei com as crianças — assegurou, com firmeza, terminando o chá, antes de se levantar e dirigir-se para o seu quarto. Oliver seguiu-a e trancou a porta. Aquele trabalho estava adquirindo contornos bizarros. Quanto mais pensava no assunto, mais incomodado ficava com o que Elizabeth contara, e embora não acreditasse que ela conhecia o assassino das crianças, aquela era a explicação mais racional e a única explicação lógica. Era difícil aceitar que Elizabeth sonhara com algo que fosse acontecer. Aquela possibilidade abria as portas para um mundo sobrenatural que desafiava os princípios de Oliver. Mas em breve saberia se o sonho que Elizabeth lhe contara iria ou não acontecer.

Quando a primeira criança apareceu morta, por volta das duas da tarde, todos os canais interromperam a programação para dar a notícia. Oliver estava guardando a louça do almoço, enquanto Elizabeth via tv. Ele pousou o prato que tinha na mão e aproximou-se da televisão, posicionando-se, de pé, ao lado do sofá onde ela estava sentada. Quando a notícia terminou, ele a observou de soslaio. Ela estava serena, com a segurança de quem já sabia do acontecimento muito antes do resto do mundo. Não podia ser uma coincidência: havia muitos detalhes corretos. Tudo acontecera como ela anunciara.

Oliver voltou para a cozinha, acabou de arrumar tudo e preparou um chocolate quente. Apesar do aquecedor ligado, estava frio. Trouxe uma bandeja com duas xícaras e pousou-a na mesa de apoio. Elizabeth agradeceu e bebeu um trago do líquido quente e denso.

Quanto mais o tempo passava e Elizabeth analisava a situação em que se encontrava, mais compreendia que Oliver não iria permitir que vivesse, porque ela poderia denunciá-lo. Ele era organizado e não deixava nada ao acaso, e muito menos pontas soltas.

— Conte-me novamente o seu sonho — pediu, disposto a explorar aquela situação inusitada que desafiava as regras da racionalidade. Ela contou o sonho uma vez mais. Sabia que era difícil alguém acreditar, mas tudo o que precisava era que Oliver tivesse uma pequenina dúvida. Isso bastaria para criar um diálogo com ele e mostrar outro mundo.

— É habitual sonhar com coisas que acontecem? — perguntou, com uma boa dose de ironia. Ela não se abalou e informou com tranquilidade:

— Sim... — queria dizer o nome dele, mas não sabia.

Ele a olhou atônito com a seriedade da resposta.

— Espera que acredite que os seus sonhos se realizam? — insistiu, sarcástico.

— Sei que é difícil, mas é a verdade. Até a meia-noite vão assassinar as outras duas crianças que estão desaparecidas.

— Vamos esperar — decidiu Oliver, levantando-se e encerrando o pequeno diálogo, enquanto maturava o inverossímil aviso de Elizabeth.

A morte das crianças na véspera do Natal deixou todos em estado de choque. Em Paris, as pessoas levaram algum tempo para reagir, entorpecidas com o acontecimento.

As crianças desapareceram enquanto estavam no parque de diversões, com seus pais. Em poucos segundos, haviam sumido como se tivessem sido tragadas por um abismo, para aparecerem mortas, algumas horas depois. Étienne estava furioso. Não conseguia acreditar na ousadia do assassino. E o pior é que os crimes estavam se acumulando dramaticamente sobre a sua mesa, sem que ele tivesse a menor ideia por onde procurar.

O núcleo havia se completado: Shaw estava no comando, e além de Étienne e Bardas, havia representantes dos países onde haviam sido assassinadas crianças. No entanto, por mais discussões e análises que fizessem, não tinham ideia sobre o assassino das crianças. A teoria mais consistente era a de que o assassino elegera a França para finalizar o seu plano insondável.

Na morte dos Messie, os investigadores eram unânimes sobre as motivações do crime, e mesmo os mais céticos concordavam que o roubo do Cálice de Cristo era a razão dos assassinatos. Porém, embora não acreditassem na veracidade do artefato, compreendiam que ele contribuía para reforçar a teoria de um assassino dedicado à realização de rituais satânicos. A explicação de Daniel sobre a simbologia do sangue e os objetivos e detalhes dos rituais convenceram os profissionais do núcleo, inclusive Shaw.

Mas, na véspera do Natal, às duas da manhã, quando apareceu a terceira criança, Étienne estava possesso e decidido a acabar com aquela matança na sua cidade. Telefonou para Daniel, assim que amanheceu.

— Sei que é muito tarde, Daniel, mas preciso falar com você — disse, sem fazer transição entre os assuntos. — Viu as notícias?

— É impossível não ver — respondeu Daniel. — O caso está em todos os canais.

— Gostaria que viesse a Paris.

— Não posso, Étienne, mas tenho dois amigos aí que costumam me ajudar nessas questões dos ritos e simbolismos. Um deles até já trabalhou com Bardas há alguns anos. — explicou Daniel. — Se quiser, eles podem ver as crianças.

Étienne ficou em silêncio pensando os prós e os contras da oferta, antes de responder. Preferia que fosse Daniel, mas, naquele momento, a situação estava se complicando tanto que qualquer ajuda seria bem-vinda.

— Peça para me ligarem.

Daniel telefonou para Kent e explicou a situação. Uma hora depois, Kent e Seth se encontravam com Étienne Bergès, no Instituto Médico Legal.

Lucrezia Zani estava sozinha na véspera de Natal. Detestava o Natal e todas as outras festividades que faziam a apologia da família e do amor. Achava aquilo uma hipocrisia. As pessoas passavam o ano se odiando e naquela época tudo parecia ter desaparecido e, por milagre, surgiam as grandes amizades e os grandes afetos.

Na véspera, ligara três vezes para Miguel Besson, mas ele não atendera o celular e nem lhe dera retorno. Ela estava com um mau humor insuportável. Quando ouviu o telefone e viu o número de Besson, hesitou pensando se atendia ou não. Porém a memória da noite que passaram juntos se sobrepôs à irritação.

— Sim — atendeu friamente.

— Lucrezia, sei que me telefonou ontem, mas não pude atender. Estou ligando agora para saber como está — a sua voz suave

desarmou-a. A raiva que sentira pela falta de resposta dele desapareceu ao ouvi-lo.

— Queria estar com você... — confessou baixo.

— Também gostaria de vê-la, mas não estou em Paris — advertiu para acalmá-la. O problema das mulheres passionais era que isso podia ser positivo, mas também podia ser muito negativo. As emoções eram excessivas e andavam sempre à flor da pele.

— Onde você está? Eu posso viajar para nos encontrarmos — a proposta inesperada surpreendeu Miguel. Precisava ter cuidado com ela, pensou ele, tentando arranjar uma boa desculpa.

— Seria muito bom, mas estou trabalhando — respondeu convicto.

— No Natal? — estranhou Lucrezia.

— Sim. Estou tendo alguns problemas — atalhou vagamente, com a voz séria, seguro de que a convenceria.

— Compreendo. E quando vai terminar tudo isso?

— Não sei, mas assim que terminar viajo para Paris, e passamos algum tempo juntos.

— Promete?

— Eu telefono... — respondeu, evitando qualquer promessa. — Tenho que ir, Lucrezia.

Ela ficou olhando o celular mudo, na mão de longas unhas vermelhas. A irritação tinha passado, mas agora sentia tédio. Incomodava-a desejar que ele estivesse ali. Pensar nele acalmava-a, mas começava também a preocupá-la: sentia falta dele cada vez mais, como se ele fosse um vírus que tinha se infiltrado no seu corpo.

16. O cativoiro

A ordem e a desordem dependem da organização; a coragem e a covardia, das circunstâncias; a força e a fraqueza, das disposições.

Sun Tzu (544 a.C.-496 a.C.)

Kent e Seth se encontraram com Étienne na sala de autópsias. As apresentações foram rápidas e informais perante a visão dos três corpos pálidos e minúsculos perdidos na imensidão das frias mesas de metal. Aquela visão mexia com algo sagrado para qualquer sociedade: a proteção dos filhos. Matar crianças, daquela forma, numa época como o Natal, equivalia a violar os alicerces que mantinham a coesão familiar. O povo estava revoltado.

Apesar da sua longa experiência, Seth sentiu náuseas e percebeu que precisava se controlar para conseguir ficar ali o tempo necessário. Dominou-se. Kent observou-o de soslaio, sabendo que as mortes de crianças impressionavam Seth, fruto de reminiscências antigas.

Em 1614, Seth era responsável por dez meninos com idades entre seis e doze anos. Os pais, camponeses pobres, não conseguiam alimentá-los e os entregaram aos cuidados dos padres, no norte da

Inglaterra, para que tivessem comida, agasalhos e um futuro melhor, seguindo os caminhos da Igreja. O monastério era uma antiga construção de pedra, mas com o aumento dos que desejavam servir a Igreja, mais para fugir à pobreza do que por vocação, houve necessidade de expandir as instalações, e surgiram construções de madeira. Os estábulos foram aumentados, e uma grande casa, de altas vigas, com vários quartos, foi erguida para abrigar os jovens. Era ali que ficavam as crianças, num longo quarto, com suas enxergas alinhadas no chão e uma boa manta de lã para aquecê-los do frio dos invernos impiedosos.

Certa noite, no pino do verão, começou um incêndio. O fogo se propagou rapidamente pela madeira e atingiu o quarto das crianças. Seth tentou salvá-las, atravessando o fogo, indiferente ao fumo espesso que o impedia de ver e sufocava os seus pulmões. Conseguiu salvar três das dez crianças, antes que as vigas cedessem e desmoronassem sobre aqueles que não conseguiram sair. Dos trinta jovens e crianças, apenas sete sobreviveram. Depois que tudo ardeu e ficaram somente as brasas incandescentes, Seth andou entre os escombros até achar os corpos das crianças para lhes dar um enterro cristão. Conseguiu encontrar os ossos calcinados e enterrou-os numa mesma sepultura, no cemitério contíguo ao monastério.

Desde então Seth se culpava pela morte das crianças: era o responsável por elas, e embora os pais tivessem compreendido que se tratara de um acidente, ele sabia que devia ter seguido a intuição que o alertara para ir ver as crianças naquela madrugada.

A visão das três crianças, sobre as mesas de metal luzidio, trouxe à memória aquelas outras, calcinadas no meio dos escombros. Kent perguntou baixinho:

— Tudo bem?

— Sim — respondeu Seth, movendo a cabeça em sinal de concordância, com os olhos muito brilhantes, como se estivesse prestes a chorar.

Calçaram luvas de látex e avaliaram os corpos, enquanto o médico explicava que o método usado era igual ao das crianças anteriores, e se tratava do mesmo assassino. Mas uma coisa era ouvir os detalhes e outra era ver as crianças: a ausência de vida dos corpos aprumados, com as mãozinhas cruzadas sobre o peito, e aquele corte negro na jugular que sobressaía ofensivamente da pele pálida, tinha algo muito malévolos. Kent e Seth podiam sentir uma força poderosa se alimentando e fortalecendo com cada morte. Tiveram certeza de que era algo que ia além da esfera humana e estavam no reino da maldade pura.

— Então, o que acham? — perguntou Étienne, impaciente, ao sair da sala de autópsias, descartando as luvas para dentro do balde que ficava à direita da porta.

— Vamos trocar algumas ideias com Daniel e ele fala com você — Étienne se espantou com a resposta. Esperava que eles dessem uma opinião objetiva, algo concreto que começasse a apontar para alguma direção específica.

— Só isso? — perguntou desapontado.

— Este caso é muito mais complexo do que parece. Precisamos falar com o Daniel antes de darmos a nossa opinião — explicou Seth com a voz serena. Pelo comentário, Étienne deduziu que aquilo era ainda pior do que pensara.

— Obrigado. Diga ao Daniel para me ligar — pediu, se despedindo, sem disfarçar a frustração.

— Claro — respondeu Kent.

Miguel, Dib e Daniel estavam no apartamento da Ordem em Londres, aguardando a mensagem que os informaria sobre o local onde deveriam entregar o punhal. Durante o período de espera, por mais que se esforçassem, nenhum deles conseguira sentir Elizabeth.

— Talvez ela esteja nos evitando, embora eu não consiga entender por quê — disse Daniel.

— Também acho que Elizabeth não deseja ser encontrada — Dib concordou com Daniel.

— Ela está nas mãos de um assassino. Como pode estar se escondendo? — atalhou Miguel, com uma ponta de irritação na voz.

— Não há nada que possamos fazer a não ser aguardar — declarou Daniel, se recostando no sofá, disposto a manter a serenidade.

— Há algo que precisa saber, De Payens — Miguel esperara para abordar um tema sensível, mas nenhum momento lhe pareceu ideal e o tempo estava se esgotando. Fez o anúncio com o rosto sério, preparando Daniel para algo terrível. Com a ameaça da Profecia, a morte das crianças e o sequestro de Elizabeth, tudo o que Daniel não queria era outro problema.

— O quê? — perguntou, preparando-se para o choque.

— Quando o feiticeiro que assassinou Angelina foi morto estava com o punhal. Certo?

— Sim — anuiu Daniel surpreendido por Miguel voltar a um assunto tão distante da realidade que estavam vivendo.

— Quando guardaram o punhal alguém mais tocou nele? — perguntou Miguel.

— Não. Por quê? — questionou Daniel.

— A alma de Angelina ficou presa no punhal. E eu acredito que ainda esteja lá — falou devagar, para que Dib e Daniel compreendessem o alcance da revelação.

— Como é possível? — perguntou Dib. — A esmeralda não estava brilhando.

— Não brilhava porque a alma de Angelina ficou muito tempo presa na esmeralda — explicou Miguel. — Vai perdendo a luz e só volta a brilhar quando o punhal for usado novamente. Mas se ninguém mais o usou, Angelina está presa naquela esmeralda.

— Deus — murmurou Daniel, com os olhos quase fechados, tendo dificuldade em acreditar que Angelina ficara presa na esmeralda durante vinte e cinco anos. — Temos que libertá-la.

— Sim, mas a libertação acontece através da... absorção — avisou Miguel.

— Absorção? — Daniel tentou recuperar o que Miguel dissera sobre o punhal.

— Alguém tem que absorvê-la. É a única forma de libertá-la. E depois da alma entrar no corpo, há um antigo rito de libertação que precisa ser cumprido, com orações em latim e jejum por três dias.

— Similar a um exorcismo — lembrou Dib. — Você liberta as almas?

— Depois de certo tempo, as almas perdem eficácia e eu as deixo ir.

— É o seu lado benevolente? Você não para de me surpreender, Besson — afirmou Daniel.

— Eu sei — disse Miguel, com um sorriso irônico. — Esforço-me bastante.

— Acho que Elizabeth é que deveria libertar Angelina — sugeriu Daniel, voltando ao assunto principal.

— Vai ser um choque para ela, mas é melhor que seja assim — concordou Miguel.

— Como é que você fez durante estes anos, sem o punhal? — perguntou Daniel.

— De Payens, não espera que eu revele os meus segredos, não é?
— inquiriu Miguel.

— Não — reconheceu Daniel, antes de resumir a situação. — Estamos perante um dilema: enquanto não libertarmos Angelina não podemos entregar o punhal, e enquanto não entregarmos o punhal não teremos Elizabeth — resumiu Daniel.

— Precisamos de uma solução. — Embora não revelasse, Miguel ainda tinha uma carta na manga: ele possuía um segundo punhal, mais poderoso, por ter um pedaço maior da esmeralda na sua base, que poderia entregar ao sequestrador. Mas preferia tentar salvar Elizabeth sem revelar a sua existência.

— Temos que criar uma oportunidade para que Elizabeth tenha tempo de absorver Angelina, antes de entregarmos o punhal — anunciou Daniel, ponderadamente, sem esconder a sua preocupação acrescida por aquele problema adicional.

Elizabeth terminou o café da manhã: iogurte com frutas, uma torrada com geleia de laranja e chá. Oliver limpou a mesa e lavou rapidamente a louça, mas ela continuou sentada à mesa, como se estivesse se preparando para um diálogo dramático. Quando arrumou tudo, Oliver se fixou nela, mantendo-se em silêncio, atento às suas atitudes. Havia-a observado bastante naqueles dois dias e, embora não conseguisse explicar como ela sonhara com os assassinatos, não estava disposto a pensar no assunto, apesar de Elizabeth lhe parecer cada vez menos comum. Perguntou-se se Dimitri Sergeevich saberia das supostas habilidades dela e talvez por isso a quisesse morta.

— Contrataram você para conseguir o Punhal das Almas, mas independente do resultado, morrerei — Elizabeth falou devagar,

como se estivesse lendo um texto difícil.

Ao escutá-la, Oliver percebeu que ela sempre soubera que seria assassinada e mesmo assim nunca se opôs a ele, nunca lutou contra ele. Teve a intuição de que aquilo era um péssimo sinal.

— Por que não tentou fugir? — perguntou, tentando compreender a atitude anormal dela.

— Se eu quisesse, teria conseguido escapar, mas ia criar uma situação interminável. Você iria me perseguir de novo — anunciou, revelando conhecer a persistência dele. Oliver meneou a cabeça uma vez, em sinal de concordância. — E se não fosse você, viria outro.

— E por que está me dizendo isso?

— Você é importante em tudo o que está para acontecer — disse, justificando a sua atitude.

— Elizabeth... — ele ergueu a mão, com a palma virada para ela, tentando impedi-la de continuar falando. Ela levantou-se, ficou de frente para ele, e pediu com firmeza:

— Por favor, escute. Se não acreditar, não vou me opor ao destino que me reservou.

— Não quero escutar — afirmou, olhando-a friamente. Elizabeth estava fazendo com que ele quebrasse as suas regras e a situação o desagradava. Em poucas horas teria que matá-la e não estava disposto a aprofundar qualquer assunto com ela.

— É importante. Por favor... — insistiu e antes que ele respondesse, começou a contar. — Foi com o Punhal das Almas que a minha mãe foi assassinada, e antes dela, a minha avó.

Ele a olhou surpreso. Não esperava nada daquilo. Achou que ela ia insistir nos sonhos, tentar falar do futuro e contar um monte de baboseiras nas quais ele não acreditava. Mas ela estava relatando acontecimentos trágicos de uma realidade cada vez mais bizarra:

quais as possibilidades de duas mulheres da mesma família serem assassinadas com o mesmo punhal? E uma terceira ser assassinada por causa desse punhal?

Ela tinha conseguido chamar a atenção dele. Oliver deu duas passadas e sentou-se na cadeira, em frente à dela.

— Pouco antes de a minha mãe casar com o meu pai, a minha avó foi assassinada no Quênia, e quando eu tinha três anos e meio, mataram a minha mãe na Costa do Marfim, onde nasci. As duas foram mortas com o Punhal das Almas e o meu pai o guardou, porque temia que acontecesse comigo o mesmo que aconteceu com elas. Mas o meu destino parece estar ligado a esse punhal: posso não morrer com ele, mas parece que morrerei por causa dele.

— E por que elas foram assassinadas? — questionou, objetivo, sabendo que a resposta àquela pergunta crucial poderia trazer alguma luz à situação.

— Você não vai gostar da resposta — anunciou. — Elas eram pitonisas como eu: nós somos capazes de ver o futuro através dos sonhos. É um dom passado de mãe para filha. Quem as matou acreditava que conseguia absorver os dons delas, por meio de um ritual de magia.

Oliver franziu a testa, com descrédito. Os assassinatos eram verossímeis, mas aquilo das pitonisas e da magia já saía da esfera da racionalidade e não o convencia, apesar de ver que Elizabeth estava falando sério. Ela não parecia estar tentando salvar a vida e, sim, fazê-lo acreditar no que estava descrevendo.

— Está dizendo que as mulheres da sua família sonham com o futuro?

— Sim. E eu sou a última pitonisa — declarou de modo quase banal, mas Oliver percebeu que aquilo tinha um significado muito mais profundo. Ela falava de maneira causal, mas parecia haver

sempre algo obscuro escondido nas suas palavras. Começou a ficar incomodado com as proporções que o assunto estava adquirindo e com a importância que ela lhe atribuía.

— E sabe qual é o futuro?

— É complexo... — avisou, tentando prepará-lo. — Existe uma antiga profecia Tibetana que prevê a chegada do Anunciado, alguém que irá dominar o mundo e destruir a bondade e a esperança. Para ele ascender estão sendo realizados vários rituais, incluindo a morte das crianças. E o punhal é um objeto mágico necessário para tornar o Anunciado poderoso.

Oliver sorriu, sem acreditar no que ela estava dizendo.

— Isso é fantasioso demais.

— Não é. Vou falar das ligações entre o nazismo e a magia e vai ver que o processo é muito similar ao que está acontecendo — retorquiu, desfiando um rosário de exemplos que Oliver compreendeu, até porque já ouvira falar das ligações de Hitler com o sobrenatural. Elizabeth revelou o lado mágico do nazismo e justificou a caçada às relíquias sagradas durante a Segunda Guerra, a transformação de símbolos místicos em forças malignas e a morte sacrificial de milhares de pessoas para alimentar aquela filosofia negra. Aquele contexto histórico, do passado, deu sustentação a tudo o que ela estava revelando sobre o futuro.

— Qual a função do Punhal das Almas? — perguntou Oliver, desta vez sem vestígios de ironia, após ela terminar a longa explicação.

— O Anunciado se fortalece cada vez que matar alguém com o punhal. Mas existe outra relíquia, além do punhal — anunciou Elizabeth para reforçar a sua história. — Foi roubada da casa dos Messie, em Paris. Ouviu falar disso?

— Eles foram assassinados com todos os seus empregados — sintetizou. — Que relíquia era?

— O Cálice usado na última Ceia de Cristo — Elizabeth observou atentamente a reação dele às suas palavras. Viu-o franzir a testa de novo numa expressão de descrédito.

— O Cálice da última Ceia? — repetiu as palavras tentando dar-lhes sentido, antes de questionar com ironia: — Você espera mesmo que eu acredite nisso?

— Eles já têm o Cálice e agora querem o punhal — insistiu Elizabeth, séria.

— O punhal faz com que esse... Anunciado se torne invencível, é isso?

— Achamos que sim... — respondeu, sabendo que ele não acreditava no que ela dissera.

— Achamos quem? — perguntou Oliver, com os olhos bem fixos nela, estudando-a como se ela fosse alvo de uma experiência de laboratório.

— As pessoas com quem me viu durante o tempo que me vigiou — disse, certa de que ele a observara antes do sequestro. Oliver sorriu sutilmente. — Somos um grupo de estudiosos.

— Um grupo que estuda o quê? — perguntou, pensando rapidamente que talvez a calma dela estivesse relacionada com o fato de imaginar que eles a encontrariam.

— Todos os fenômenos maléficos que afetam o bem e podem destruir a humanidade.

Ele sorriu com suavidade, tentando manter a ironia, mas a forma segura como ela contava todas aquelas informações o estava perturbando. Lembrou-se da tranquilidade de todos os que cercavam Elizabeth e da força que suas presenças emanavam. Ele, que havia estudado artes marciais durante anos, sabia bem que, apesar da cultura ocidental não valorizar a energia existente em todos os seres vivos, os seus efeitos eram reais.

— Suponho que você não tentou escapar para poder contar esta história e convencer-me que tenho um papel em toda essa trama — deduziu Oliver. — E qual é o meu papel?

— Não entregar o punhal a quem o contratou e revelar quem é o seu cliente, para que possamos descobrir a identidade do Anunciado.

Oliver deu uma gargalhada ligeira, surpreso com o pedido dela. Reconhecia que ela era criativa e muito corajosa. Resumiu os argumentos dela:

— Tenho que poupar a sua vida e não entregar o punhal. Isto é, vou romper o meu contrato e, além disso, ainda tenho que trair quem me contratou. Essa é a sua proposta?

— Dito assim, parece estranho — reconheceu.

— Não é mais estranho do que tudo o que acabou de me contar. Na verdade, a sua proposta é a parte mais normal do que escutei hoje. Mas está na mesma linha fantasiosa... — comentou sorrindo, enquanto se encostava contra o espaldar da cadeira e cruzava as pernas, como se estivesse se esforçando para entender a história que ela havia revelado.

— Preciso que acredite em mim — pediu Elizabeth.

— É difícil, mesmo com o contexto da Segunda Guerra — comentou Oliver.

— E com a morte das crianças — lembrou ela.

— Sim... História complicada — reconheceu, sem estar convencido, pensando na sua reputação de profissional. Ele jamais quebrara um contrato em mais de duas décadas e embora não conhecesse o seu contratante, sabia que ele era um criminoso ligado ao mundo paralelo das artes. Elizabeth insistiu, ao perceber que ele estava hesitante:

— Esse punhal não deve ser entregue a quem o contratou.

Oliver meneou a cabeça em sinal de rejeição, antes de responder, calmamente:

— Esse punhal tem que ser entregue. Absolutamente. Foi por isso que me contrataram.

— E também para me assassinar.

— Sim.

— E vai cumprir o contrato? — perguntou, enfrentando-o corajosamente com o olhar. Ele ficou em silêncio e depois respondeu devagar, revelando uma decisão bem pensada.

— Sim.

Elizabeth baixou o rosto e sentiu as lágrimas aflorarem. Tinha seguido o seu instinto, aquela voz que lhe dizia que ele era uma das peças da profecia e devia confiar nele. Mas, depois de tudo, ele ainda pretendia assassiná-la e entregar o punhal. Sabia que as pitonisas não possuíam habilidade de pressentir ou prever o seu próprio futuro, mas aquilo lhe pareceu o seu sexto sentido, uma intuição confiável. Porém, ela tinha-se enganado, e só lhe restava optar entre deixar-se assassinar ou destruir Oliver.

Eram dez da manhã quando Daniel sentiu a presença dela se fortalecendo devagar. Criou uma conexão com ela e projetou-se até vê-la, sentada sobre uma cama com as pernas cruzadas, focada em se comunicar com ele. No início, o processo era muito exaustivo, mas com o treinamento ela aprenderia a fazer aquilo com facilidade.

— Daniel — percebeu a presença dele e o chamou mentalmente, sem abrir os olhos.

— Mostre-me onde está.

Elizabeth fez um esforço adicional e mostrou o caminho do aeroporto até o pequeno apartamento. Daniel conseguiu ver o nome

da rua, o número do prédio e do apartamento.

— Daniel, não quero que lhe façam mal — pediu.

— Como? — perguntou surpreso, por ela defender o sequestrador.

— Ainda não sei como, mas ele vai ser importante para nós. Talvez na Profecia — explicou, deixando-se guiar pela sua intuição inicial.

A porta do quarto se abriu e Daniel viu um homem alto, distinto e muito atraente. Alguém que fugia aos padrões de um sequestrador ou assassino. Sentiu ciúme.

— Saímos em uma hora — o homem avisou calmamente, lutando com a incrível história dela, e não muito seguro de que deveria assassiná-la. Mas tudo aquilo parecia muito mirabolante. Oliver saiu, fechando de novo a porta.

Daniel disse, embora Elizabeth já não o ouvisse por a ligação ter se quebrado:

— Vamos buscá-la.

Oliver telefonou para Alessia e deu um endereço para entregarem o punhal, duas horas depois. Escolhera o movimentado centro de Londres, um lugar exposto, onde ninguém se atreveria a ter uma atitude agressiva.

Alessia comunicou as instruções a Daniel que, por sua vez, informou Dib e Miguel:

— O sequestrador pediu que o punhal fosse entregue por uma única pessoa. Mas eu acabei de descobrir onde Elizabeth está e vi o homem que a sequestrou. Eles vão deixar o apartamento, na zona oeste da cidade.

Miguel não conseguiu evitar um sentimento de admiração: Daniel conseguia sempre arranjar uma solução, mesmo quando tudo

parecia perdido. Em menos de meia hora, descobrira a localização de Elizabeth e vira o rosto do assassino.

— Temos que ir já — insistiu Daniel, vestindo o longo casaco negro, que alongava a sua figura. — E precisamos ter cuidado: este homem é de uma estirpe diferente.

— O que quer dizer? — perguntou Dib, também vestindo o casaco para enfrentar o frio.

— Ele é... uma espécie de elite. Muito distinto. Não parece um assassino — descreveu Daniel, saindo do apartamento, com rapidez.

— Eu cuido dele — ofereceu-se Miguel, enquanto desciam pelo elevador. O tom metálico da sua voz não deixava dúvidas sobre o destino que pretendia lhe reservar.

— Elizabeth não quer que nada aconteça com ele — comentou Daniel, caminhando com largas passadas em direção ao carro, na garagem do prédio.

Entraram no carro em silêncio: Dib conduzia, Daniel ia ao seu lado e Besson no banco de trás, mas os seus olhos ardiavam de raiva. Ao deixarem a garagem, a pálida luz do dia não tornou a situação menos tensa, muito pelo contrário, o cinza frio do céu de Londres parecia contribuir para atizar mais a ira de Miguel.

— O que quer dizer, De Payens? Que agora temos que ser amigáveis com o homem que a sequestrou? Isso é algum novo princípio cristão de Elizabeth? — perguntou sarcástico, e tanto Dib quanto Daniel perceberam que ele estava muito irritado, e não fazia questão de disfarçar.

— Elizabeth acha que ele tem um papel importante na Profecia... Ou em alguma outra coisa ligada aos guardiões — disse Daniel, tentando dominar as suas próprias dúvidas.

Besson ouviu a explicação, mas continuava irritado por ela ter ficado com o sequestrador por dois dias, sem tentar contatar

nenhum deles, e agora, ainda por cima, estar a defendê-lo.

Quando bateram à porta, com os nós dos dedos contra a madeira, Oliver Bassan ficou com os músculos em alerta máximo, sentindo instantaneamente o perigo. Olhou para Elizabeth, de pé junto dele. Estavam prontos para sair.

Avaliou a situação: não podia ser a polícia, portanto, ou era um vizinho ou alguém ligado a Elizabeth. E, neste caso, não devia ser só uma pessoa. Se abrisse a porta eles entrariam e perderia a vantagem que possuía. Se não abrisse, não acreditava que eles forçassem a entrada, por causa do barulho, mas ele ficaria sitiado no seu próprio apartamento. Analisou Elizabeth: ela estava tranquila, mas isso não significava nada. Ela havia estado tranquila durante todo o processo. Perguntou baixo, com voz de aço:

— Seus amigos?

— Sim.

— Quantos são?

— Três — ela sentia claramente a energia deles do lado de fora da porta. — Deixe-os entrar.

Oliver esboçou um sorriso frio. Não tinha opções: não compreendia como haviam chegado ali. Tinha certeza absoluta de que não deixara qualquer rastro, o que significava que eles eram, realmente, muito bons. Lembrou-se da história de Elizabeth cheia de magias e outras tantas informações estranhas e começou a sentir desconforto. Apreciava realidades concretas, cientificamente explicáveis. Mas agora não tinha tempo para pensar naquilo. Pegou a pistola e disse, apontando para a cabeça dela:

— Abra a porta devagar.

Ela dirigiu-se para a porta, destrancou-a e abriu. Os três avaliaram-na com rapidez, e ao verem a arma apontada com firmeza para a cabeça dela, voltaram a sua atenção para Oliver.

Dib foi o último a entrar, fechando a porta.

Oliver, escudado por Elizabeth, recuou dois passos, apertando o braço dela, para que o seguisse. Ela obedeceu, sentindo o cano frio da pistola encostado à cabeça. Oliver reconhecia que eles estavam em vantagem e, apesar de não estarem armados, não se mostravam intimidados. Pareciam apenas cuidadosos na análise da situação, talvez para avaliarem se ele seria mesmo capaz de atirar em Elizabeth. Mas era óbvio para todos que se ele fizesse isso, perderia a única vantagem que tinha naquele momento. Oliver conhecia dois deles: Daniel, o de casaco negro e olhos quase transparentes, e Dib, o de casaco cinza com olhos ligeiramente rasgados, como um oriental miscigenado. O outro, que tinha olhos quase dourados, parecia mais nervoso, e Oliver nunca o tinha visto. Mas deduziu, pela sua postura beligerante, que o perigo viria dali.

A situação era insustentável, avaliou Oliver. Depois de alguns segundos de imobilidade e silêncio, ele travou a arma e devolveu-a ao coldre debaixo do braço. Afastou Elizabeth e ficou de frente para os três homens. Miguel avançou, tal como Oliver previra, mas Daniel se moveu com uma rapidez impressionante colocando-se entre os dois, de costas para Oliver, olhando diretamente para Miguel, em tom de aviso. Miguel não o temia, mas o olhar de Daniel continha uma ameaça tão vibrante que ele recuou, reconhecendo nele todos os traços de um líder que se impõe pela razão, mas que pode usar a força se necessário — uma força superior e palpável.

Oliver reconheceu quem era o líder e compreendeu que ele não pretendia matá-lo, pelo menos não antes de conversar. Aquilo não era nada bom, deduziu Oliver: homens tranquilos que enfrentam

situações daquelas desarmados e querem conversar pertencem a uma categoria especial — à categoria dos muito perigosos.

Após Miguel recuar, Daniel se voltou para Oliver, perscrutando-o com o olhar para tentar compreender as razões do pedido de Elizabeth.

Oliver apontou para o sofá, antes de pegar duas cadeiras da mesa da cozinha, para posicioná-las na sala. Sentou-se numa delas. Daniel sentou-se na outra, e os restantes ocuparam o sofá e a poltrona.

— Vamos levar Elizabeth — comunicou Daniel, com voz firme.

— Eu sei — reconheceu Oliver, com o corpo tenso. — Mas continuo precisando do punhal. E se não resolvermos isso agora, vou ter que usar outros métodos... mais criativos — informou com arrojo, surpreendendo os guardiões.

— A não ser que nunca mais precise usar método algum — anunciou Miguel, ameaçador.

Oliver olhou-o e não compreendeu por que é que ele estava tão irritado, ignorando que a sua postura fleumática e corajosa, aliada à bela figura, provocara ciúmes em Miguel. Optou por não responder à provocação, até descobrir as razões por trás da raiva dele. Tinha consciência que a raiva era um sentimento que atrapalhava, deixando as situações confusas. Esperou para ver como o diálogo prosseguiria.

— Suponho que quem está por trás disto esteja muito motivado e não vá desistir do punhal — concluiu Daniel, depois de avaliar Miguel novamente, com um olhar atento.

— Sim — confirmou Oliver, admirando a forma civilizada como tudo estava decorrendo, mas não baixou a guarda por nenhum segundo.

— Sabe se já foi feita alguma tentativa antes? — perguntou Daniel, tentando descobrir se era a mesma pessoa que havia

enviado o assassino para Puebla de Sanabria.

— Não sei responder a isso. Mas garanto que ele está altamente motivado — informou Oliver, pensando no valor que o contratante lhe oferecera.

— No seu contrato está incluída a testemunha? — questionou Daniel, delicado.

— Sim, mas o foco é o punhal. Não me parece que alguém saiba das habilidades de Elizabeth — comentou, revelando que, apesar de Elizabeth ter lhe contado que era uma pitonisa, aquilo não parecia ser do conhecimento do seu contratante. Aquela informação deixou Miguel ainda mais irritado: Elizabeth fizera confidências ao sequestrador. Daniel olhou para Miguel de soslaio, mais em jeito de pedido que de ameaça. Miguel se controlou.

— Não podemos lhe dar o punhal — disse Elizabeth, falando pela primeira vez desde que eles haviam entrado no apartamento. Oliver anunciou, com calma:

— Mesmo que não me entreguem o punhal e decidam me eliminar, este assunto não terá fim. Como eu disse, o meu contratante está muito motivado.

A sala ficou alguns segundos em silêncio, enquanto todos reavaliavam a situação, tentando arranjar uma solução para sair daquele impasse. Por fim, Daniel falou:

— Tenho uma proposta.

— Não posso aceitar nenhuma proposta — interrompeu Oliver, revelando a sua ética, mesmo que aquilo lhe custasse a vida. — Já estou comprometido.

— Temo que precisemos trabalhar juntos. Parece que Elizabeth já lhe deu uma ideia do que está acontecendo — insinuou Daniel.

— Falou da Profecia e das suas habilidades especiais, mas eu sou bastante cético — afirmou Oliver, desconfortável com o rumo

incomum da conversa.

— Não é fácil acreditar nestes temas — reconheceu Daniel. — É sempre mais confortável acreditar no que pode ser provado. Mas se pensar que estão matando crianças para drenar o sangue através de um ritual de magia negra, a fantasia se transforma em uma realidade bem macabra, não acha?

— Acho — rendeu-se Oliver, antes de insistir: — Mas tenho um contrato para cumprir.

— Vamos tentar uma situação de meio-termo. O destino do punhal nos preocupa, mas talvez possa negociar apenas o punhal e excluir Elizabeth desse pacote — sugeriu Daniel perante o espanto de todos. Miguel sacudiu a cabeça, discordando: para ele, tudo aquilo se resolveria eliminando o sequestrador e todos os que viessem em busca do punhal.

— Ele não deixa pontas soltas, mas posso tentar negociar — concedeu Oliver, que já pensara naquela possibilidade, por estar reticente em assassiná-la. O fato de eles o conhecerem não o preocupava, porque se quisessem envolver a polícia já o teriam feito. — Existe um valor...

— Nós cobrimos o valor da negociação. — interrompeu Daniel, achando justo que Oliver não fosse prejudicado, na tentativa de proteger Elizabeth.

— E vocês me dariam o punhal? — perguntou Oliver, tentando entender o que mais eles poderiam ganhar com a negociação.

— Sim, mas apenas para podermos acompanhar o seu percurso. Obviamente que pretendemos recuperá-lo. Elizabeth deve lhe ter dito que se trata de um objeto valioso.

— E mágico — rematou Oliver, evitando ser irônico. O tom sério da conversa estava contribuindo para convencê-lo de que aquilo era verdade. Sem saber como, aquela história inacreditável parecia estar

se tornando real sob o efeito das palavras de Daniel. Ele conseguia dar credibilidade àquela loucura toda. Oliver começava a ter dúvidas. — E qual é a proposta?

— Nós entregamos o punhal, mas em troca você nos dá detalhes do local da entrega.

Oliver hesitou. Sabia que estava quebrando a confiança de quem o contratara e não fazia ideia se Dimitri aceitaria a proposta de deixar Elizabeth livre.

— Acha que se seguirem o punhal conseguirão descobrir quem é o Anunciado? — perguntou Oliver. Daniel percebeu que estava perante um homem inteligente, com uma ampla visão e uma capacidade anormal de adaptação às situações.

— Sim, mas precisamos da sua ajuda — reforçou Daniel.

— Antes de avançarmos, gostaria de garantir que só tentarão recuperar o punhal se ele sair das mãos do meu contratante — argumentou Oliver, mantendo-se atento, consciente de que sob a aparente calma com que o diálogo estava acontecendo, todos continuavam tensos.

Daniel compreendeu que ele estava cumprindo o seu contrato, mas Miguel comentou, friamente, mostrando a fragilidade da posição em que Oliver se encontrava:

— Não me parece que esteja em condições de negociar nada.

— Garantimos isso, desde que o seu contratante não seja o Anunciado — cedeu Daniel e Miguel olhou-o, surpreso, sem compreender aquela benevolência toda com o sequestrador.

— Vou falar com o meu contratante. Assim que tiver uma resposta voltamos a conversar.

— Contate-me neste número — disse Daniel, anotando o telefone num papel que tirou do bolso do casaco, antes de lhe apertar a mão

em jeito de despedida e, simultaneamente, apresentação —, Daniel De Payens.

— Oliver Bassan — disse, revelando o seu nome.

— Estes são Besson e Dib... — Daniel apontou para cada um deles. Dib avançou e apertou a mão de Oliver e, por fim, Besson fez o mesmo, embora mostrando uma resistência clara.

Elizabeth se aproximou de Oliver, e disse:

— Obrigada pela gentileza.

Oliver anuiu com a cabeça, pensando que ela o tinha envolvido num problema sem tamanho e o colocou no centro de uma história bizarra. Porém, sentia-se estranhamente tranquilo com a decisão de não a ter assassinado. Elizabeth lhe parecia, cada vez mais, alguém especial, embora não soubesse definir com exatidão por que tinha essa impressão. Além disso, estava seguro de que aqueles homens poderiam tê-lo ferido, ou mesmo morto, mas agiram como pessoas preocupadas em combater a maldade, como ela dissera.

Oliver usou o celular descartável para falar com Dimitri:

— Tenho uma contraproposta — disse, sem dar tempo para que Dimitri avaliasse a situação.

— O quê? — perguntou com o seu inglês com sotaque, surpreendido pelo telefonema de Oliver e, principalmente, por uma contraproposta tanto tempo após ter fechado o contato.

— O objeto por um ponto cinco — propôs Oliver e Dimitri compreendeu que ele estava sugerindo não matar Elizabeth e reduzindo o valor do punhal para um milhão e meio. Sabia que aquilo não era um comportamento típico de Oliver. As informações que recebera sobre o histórico dele o retratavam como um assassino competente e frio.

— Apaixonou-se? — perguntou curioso, imaginando que Oliver se envolvera com a vítima.

— Ela não representa perigo — defendeu Oliver, mantendo o mesmo tom neutro com que iniciara a conversa, sem responder aos comentários dele. — Já tenho o que deseja.

— E ela?

— Estou esperando a sua decisão — tranquilizou Oliver, mostrando que Dimitri continuava com o poder de decisão. Sabia bem que homens como ele gostavam de ter o controle e detestavam ser desafiados. Dimitri pensou por alguns segundos: não havia como ela o identificar e se Oliver a queria deixar ir, o risco seria dele. Além disso, era um presente para o filho de Charles Messie, e se podia pagar um milhão e meio em vez dos três iniciais, estava fazendo um excelente negócio.

— Um ponto cinco. Mas a responsabilidade pelo resto da encomenda é sua — Dimitri referia-se a Elizabeth.

— Então está tudo finalizado — comentou Oliver se referindo ao milhão e meio que Dimitri já depositara na sua conta. — Preciso de um local para a entrega.

— Paris. Amanhã às duas horas, na entrada das Galerias Lafayette.

— Combinado. — Tinha sido fácil. Pensou que Dimitri fosse mais difícil de negociar, mas deduziu que o dinheiro devia ter pesado na sua decisão de permitir que Elizabeth vivesse.

Telefonou para Daniel usando outro chip descartável, para evitar ser rastreado. Todo o cuidado lhe parecia pouco, especialmente depois de terem vindo buscar Elizabeth, sem que ele soubesse como. Estava certo de que não deixara pistas.

— Já está tudo resolvido — anunciou, para alívio de Daniel, que desejava acabar, de vez, com a perseguição a Elizabeth. Pelo menos

aquele assunto estava encerrado.

— E o resto? — perguntou Daniel, se referindo à entrega do punhal.

— Amanhã às duas horas, nas Galerias Lafayette.

— Paris? — estranhou Daniel, alerta, pensando na morte das crianças.

— Sim.

— Estaremos à uma, no interior das Galerias, para eu entregar o punhal.

— Perfeito — confirmou Oliver, no seu estilo pragmático. Nesse momento pensou que estava confiando num estranho, que poderia nem sequer aparecer com o punhal. Mas os seus instintos de matador profissional diziam que aquele homem era confiável, ao contrário de Besson, que estivera sempre nervoso durante todo o encontro. Não teve tempo de avaliar Dib. Pensou ainda que aquilo tudo parecia ser importante para eles, por causa da história do tal Anunciado e da profecia do fim do mundo. Eles tinham um interesse especial em descobrir quem estava querendo o punhal e para quê.

17. A alma de Angelina

Se é difícil viver, bem mais penoso é explicar a vida que se vive.

Marguerite Yourcenar (1903-1987)

Chegaram a Paris no início da noite e Besson decidiu não acompanhar Daniel, Elizabeth e Dib. Precisava ficar algum tempo sozinho. A presença de Elizabeth perturbava-o, mas aquele momento parecia impróprio para ensaiar uma aproximação, e optou por se afastar. Porém, precisava se livrar da tensão a que se submetera durante os últimos dias. E ninguém poderia ajudá-lo a fazer isso melhor que Lucrezia. Foi direto do aeroporto para o seu apartamento, e após um banho revigorante telefonou a Lucrezia para combinar um encontro.

Quando Miguel entrou na suíte do hotel, ela já o esperava, sentada no sofá com as pernas cruzadas, o corpo inclinado para trás e um cintilante copo de champanhe nas mãos. Viu-o avançar pelo quarto com passos lentos e felinos, os olhos fixos nela e um esboço de sorriso, enquanto despiu o casaco de inverno e o atirava para uma das cadeiras, com displicência.

Aproximou-se satisfeito por perceber que a beleza ferosa dela era superior à imagem que guardava na memória. Tirou-lhe o copo da mão com delicadeza e inclinou-se para beijá-la suavemente nos lábios, mas ela levantou as mãos e prendeu-o pela nuca, intensificando o beijo com a boca sensual. Miguel sentiu o corpo despertar. Puxou-a pela cintura para colocá-la de pé e abraçá-la. Espremeu-a contra o corpo tenso e sentiu-a vibrar quando percebeu o desejo instantâneo dele. Abriu o zíper do vestido, deslizando os dedos pelas costas dela e antecipando a sua nudez. Quando o vestido caiu no chão, se afastou alguns centímetros para confirmar a beleza nua, sentindo as mãos experientes dela se livrando da camisa e das calças.

Nenhum deles disse uma palavra e durante a hora seguinte pareciam velhos amantes que se reconheciam ao menor gesto. Quando, finalmente, saciaram a primeira onda de desejo, ela encostou a cabeça sobre o ombro dele, antes de reconhecer em voz baixa e relutante:

— Senti a sua falta.

Miguel não queria falar, mas sabia que depois de ouvir uma frase daquelas era imperativo que dissesse alguma coisa:

— Temos que nos ver mais — sabia que ela esperava que ele dissesse que também sentira a falta dela. Mas ele não era capaz. O seu corpo sentira falta dela. Mas ele não.

Ela continuou quieta, colada à lateral do corpo dele, sentindo a mão dele acariciando os seus cabelos macios, parecendo atenuar o vazio das palavras vagas que acabara de dizer.

Miguel se entregava ao amor de forma vibrante, mas quando o amor acabava ele permanecia distraído, com os pensamentos distantes. Ela reconhecia os sinais porque sempre se sentira assim com os seus amantes. Mas estava se apaixonando, apesar de mal o

conhecer, e sentia que ele era um homem diferente, embora não soubesse em quê.

Lucrezia fechou os olhos com força, para combater o inexplicável aperto que sentia no peito e se entregou ao prazer de sentir os dedos dele no seu cabelo como se ele estivesse tecendo um destino possível para os dois. Encostou-se mais nele e começou a morder o ombro com suavidade, acariciando-o com a mão vagarosa. Podia não saber nada sobre a alma dele, mas sabia arrancá-lo da letargia. Lucrezia nunca conhecera alguém com uma sensualidade tão primitiva e avassaladora. E nisso ambos se reconheciam.

Besson tocou a campainha às oito da manhã. Daniel abriu a porta e levou-o para a espaçosa cozinha, onde terminavam o café da manhã em volta da grande mesa redonda. Dib havia feito sonhos de mirtilos.

— Aceita um? — perguntou Elizabeth.

— Aceito, obrigado — disse, sentando-se à mesa enquanto Elizabeth colocava uma xícara, prato, talheres e um guardanapo de linho adamascado à sua frente.

Besson elogiou, depois da primeira garfada:

— Excelentes sonhos, Dib.

— Obrigado — agradeceu feliz com o resultado, porque não havia quase nada na despensa quando chegaram na noite anterior.

Miguel perguntou assim que acabou de comer:

— Vamos mesmo entregar o punhal?

— É a única maneira de o seguirmos até o Anunciado — declarou Daniel.

— E se o caso não tiver nada a ver com a Profecia? Se for apenas Dimitri querendo vender o punhal por uma exorbitância, como

aconteceu com as outras relíquias? — disse Miguel.

— Dimitri vendeu as relíquias aos Messie, que foram assassinados... — lembrou Daniel.

— E as relíquias desapareceram — completou Dib.

— E isso aconteceu aqui, em Paris, na mesma cidade onde Dimitri quer receber o punhal — continuou Daniel. — Parece haver uma ligação, mas se não houver, será uma hipótese descartada. Concorda?

— Sim — afirmou a custo, sem conseguir controlar a irritação que o assaltava ao lembrar-se de ter visto uma espécie de intimidade entre Elizabeth e o atraente assassino. — Mas antes temos que resolver o assunto relacionado com o punhal — comunicou Miguel, trocando um olhar de cumplicidade com Daniel, que não escapou a Elizabeth.

— O que aconteceu com o punhal? — perguntou atenta.

— Besson lhe conta — avisou Daniel, se recostando na cadeira da cozinha. Desde que Elizabeth se juntara a eles, o seu humor tinha melhorado muito. Também se divertira ao perceber que Miguel tinha ciúmes de Oliver. Por mais que soubesse que o seu amor por Elizabeth era impossível, estava decidido a não facilitar a vida de Miguel naquele aspecto.

Miguel sabia que seria difícil explicar a Elizabeth o que acontecera com a alma da mãe, e não fazia a menor ideia sobre a sua reação quando lhe contasse. Explicou que Angelina ficara aprisionada no punhal quando o feiticeiro a matou. Percebeu que ela se esforçava por controlar as emoções: primeiro o choque, depois o desespero por saber que a mãe estivera presa durante todos aqueles anos e, por fim, o medo de libertá-la.

Quando Miguel acabou de falar, Elizabeth se manteve silenciosa por alguns segundos, pensando que a prisão da mãe explicava por

que nunca conseguira senti-la ou sonhar com ela, ao contrário do pai, que parecia estar em paz sempre que pensava nele.

— Antes de entregarmos o punhal a Oliver, você terá que absorver a alma da sua mãe. Compreendeu isso, Elizabeth? — perguntou Dib.

— Compreendi, mas não quero fazer isso — retorquiu, angustiada.

— É a única forma de libertá-la — avisou Miguel.

— E se eu não fizer?

— Angelina continua presa na esmeralda e quando entregarmos o punhal ela pode ser absorvida por um estranho... Ou um de nós a absorve agora.

Ela sacudiu a cabeça como se estivesse negando a realidade: por muito terrível que aquilo fosse, era bem pior deixar a mãe presa no punhal. Perguntou, sem se lembrar dos detalhes que Miguel já explicara tempos antes:

— Como funciona?

— Você faz um corte no peito e a alma entra no seu corpo causando uma descarga de energia. A partir desse momento o conhecimento da sua mãe passa para você — Miguel sintetizou, antes de avisar: — Mas deve tomar cuidado, porque, às vezes, quando a alma absorvida é muito poderosa, o hospedeiro perde o controle.

— E o que acontece? A minha mãe passa a me controlar?

— Sim, mas isso não vai acontecer. Com certeza ela vai lhe transmitir o conhecimento das pitonisas. Esta é uma oportunidade única, porque ela não teve tempo para fazer isso em vida — lembrou Miguel.

— Todas as pessoas que você absorveu lhe transmitiram conhecimento? — perguntou Elizabeth, olhando diretamente para Miguel.

— Sim, mas eu consumi quase sempre almas brancas — revelou.

— Brancas? — estranhou Elizabeth.

— Há almas negras, de pessoas terríveis, muito difíceis de controlar, e que depois de absorvidas lutam para ter poder sobre o hospedeiro. E há almas brancas, de seres iluminados, com missões de paz no mundo, como a sua mãe — contou Miguel, mostrando o seu domínio do mundo das almas. — Além disso, as almas brancas têm muito mais energia.

— E as almas sentem o que acontece? — quis saber Elizabeth, preocupada com a mãe.

— Depois do choque inicial, a alma leva algum tempo para se ajustar. Fica confusa, sem saber onde está. Você deve falar com ela pelo pensamento, como se usasse telepatia. Porque, basicamente, é como se outra pessoa estivesse dentro de você, uma pessoa que lhe deve obediência. No início você vai se sentir muito mais forte, mas essa força vai-se diluindo, até perceber que chegou o momento de libertá-la — revelou Miguel.

— E se a minha mãe me controlar?

— A sua mãe não lhe fará mal — afirmou Daniel, que conhecia bem a natureza de Angelina. — Além de amá-la muito, ela é uma alma branca.

— Faça, Elizabeth. Nós estaremos com você — disse Dib segurando a mão dela para transmitir segurança.

— Está bem — decidiu, rendida aos argumentos dos três. Preferia não ter que passar por aquilo, mas compreendia que era um caminho necessário para libertar a mãe.

— É melhor se deitar no sofá — sugeriu Miguel.

Ela se deitou, abriu três botões da blusa e expôs o centro do peito. Daniel, que fora buscar o punhal, entregou-o a Miguel. Ele tocou com a ponta afiada no peito dela um milímetro, apenas o suficiente para fazer surgir uma gota de sangue redonda e perfeita

e, nesse instante, uma luz branca e muito intensa surgiu na base do punhal e foi absorvida por Elizabeth.

Ela sentiu o impacto de uma força bruta se encaixando à força no seu corpo, empurrando todos os seus órgãos internos, um pouco como acontecia na transmutação. Parecia estar com uma roupa excessivamente apertada. Depois do choque, veio o silêncio. Elizabeth esperou com os olhos fechados durante alguns minutos, antes de se levantar devagar.

— Parece estar tudo como antes — afirmou.

— A sua mãe já deve ter percebido o que aconteceu. Ela era sábia e está tentando se ajustar, sem perturbá-la — disse Daniel.

— E quando ela lhe passar todo o conhecimento você irá se transformar numa das maiores pitonisas que já existiram — Dib anunciou.

— Então agora só tenho que esperar, é isso? — questionou Elizabeth.

— Sim — respondeu Miguel com simplicidade, devolvendo o punhal a Daniel.

Daniel entregou o punhal a Oliver, acompanhado de Miguel, evitando assim que ele ficasse sozinho com Elizabeth. Estava se tornando difícil lidar com os seus sentimentos por ela: temia que ela sofresse um acidente trágico, fosse novamente sequestrada, deixasse de amá-lo ou se entregasse a Besson, incapaz de resistir aos seus encantos de sedutor semidivino.

Oliver foi pontual. Cumprimentou-os, observando Miguel com atenção, sem conseguir afastar a sensação de que ele podia atacá-lo a qualquer momento. Daniel entregou-lhe uma caixa de madeira com o punhal. Oliver abriu a tampa, e sob um tecido protetor de

algodão puro, viu o belíssimo punhal com uma hipnótica esmeralda verde.

— É uma peça maravilhosa — confessou Oliver, com ar entendido.

— Sim — concordou Daniel.

— Vou entregá-la e vocês seguem? É isso? — questionou Oliver.

— Sim, a partir daqui tratamos do assunto — confirmou Daniel, sem se adiantar sobre o que fariam, mas seria como Oliver previra.

— Encerramos por aqui — disse Oliver friamente, com o seu estilo britânico, dando por finalizada a relação deles.

— Se Elizabeth estiver correta, esta não será a última vez que nos encontramos — anunciou Daniel enquanto se despediam, provocando um sorriso de descrédito em Oliver.

Dimitri Sergeevich cumprimentou Oliver com naturalidade, embora fosse a primeira vez que se viam, mas cada um arranjava uma forma de reconhecer o outro. Dirigiram-se para um discreto café, próximo das Galerias. Sentaram-se durante vinte minutos e tomaram um espresso cada um, enquanto mantinham uma conversa aparentemente banal, mas tanto Daniel quanto Miguel, que os observavam de longe, perceberam que se tratava de um assunto sério pela forma como ambos se inclinavam a intervalos regulares, de forma a diminuírem a distância que os separava e também o tom de voz. No final, despediram-se, como se fossem velhos amigos, e seguiram em direções opostas.

Daniel e Miguel seguiram Dimitri até o hotel onde ele estava hospedado.

— Não vamos poder ficar nisto o dia todo. Quanto tempo acha que ele vai levar para entregar o punhal? — perguntou Miguel impaciente.

Daniel sorriu, comentando:

— Não sei, mas precisamos de paciência. Muita paciência!

— Ficar imóvel durante horas, dias... Isso tem a ver com você — assumiu, com leveza.

— Eu sei, mas vamos ter que fazer turnos.

— Não me dê o turno da noite — pediu. — Tenho planos.

Daniel olhou-o com curiosidade, mas sabia que não adiantava perguntar que planos eram aqueles porque tinha certeza de que Miguel não lhe contaria. Ele gostava de manter os seus mistérios, talvez porque, na maioria dos casos, eram situações que não podia ou gostava de comentar abertamente. Pela sua tranquilidade naquela manhã, e pelo corpo relaxado, Daniel deduziu que se tratava de uma mulher. E esse pensamento provocou-lhe alívio, porque significava que Miguel deixara de estar focado em Elizabeth.

— Não vou estragar as suas noites a não ser que seja necessário. Vou pedir que Uchoa e Alessia venham de São Paulo, porque além de Dimitri, temos o caso das crianças.

Daniel calou-se, para analisar o número na tela do seu celular, que começara a vibrar.

— Sim — atendeu, após reconhecer o telefone de Oliver Bassan.

— Acho que vamos dar continuidade ao nosso encontro... — comentou, depois de ter hesitado, pensando se telefonava ou não para Daniel.

— Então Elizabeth tinha razão? — perguntou Daniel divertido, acirrando-o um pouco.

— Talvez — respondeu Oliver, resistente.

Daniel vacilou por segundos, antes de dar o endereço do apartamento da Ordem, ignorando a mão férrea de Miguel sobre o seu braço, num aviso mudo para que ele não revelasse a localização. Daniel combinou um encontro com Oliver na tarde do dia seguinte.

Em seguida, pediu que Seth e Kent vigiassem Dimitri e ordenou que Uchoa e Alessia viessem de São Paulo no final do dia, no voo que chegaria a Paris na manhã seguinte.

Miguel observava Daniel, vendo-o resolver tudo em menos de três minutos. Quando Daniel voltou a colocar o celular no bolso das calças, comentou:

— Será sábio expor o apartamento da Ordem?

— Temos outros — informou sorrindo. — Este é o apartamento... social, digamos assim.

— Compreendo. — Penalizou-se por ter pensado que Daniel pudesse cometer um erro daqueles. E mais, pensando que, apesar da atenção que dedicara à Ordem, não descobrira a localização de outros locais em Paris. Possivelmente, Miguel só sabia daquilo que Daniel permitira que conhecesse sobre a Ordem.

Oliver Bassan entrou no apartamento, seguindo Daniel, sem ter ideia do que o aguardava. Ia movido pela curiosidade, depois de compreender que os acontecimentos estavam se encaixando com uma lógica semelhante à que Elizabeth anunciara. Em outra ocasião acreditaria que tudo não passava de um conjunto de coincidências, mas eram eventos demasiado próximos e ligados entre si para que pudesse ignorar.

Oliver cumprimentou Dib, Miguel e Elizabeth e foi apresentado a Uchoa e Alessia. Sentiu que a visita já valera a pena por tê-la conhecido. Confirmou as suas impressões iniciais: ela era uma mulher elegante, além de bonita. Calculou que ela teria, no máximo, quarenta anos, embora se esforçasse por parecer mais velha. Oliver achou a atitude incompreensível: nunca conhecera uma mulher que tentasse parecer mais velha, especialmente numa época em que a

ideia de juventude se sobrepunha a todos os outros valores, muito mais importantes.

— Sente-se, Oliver — convidou Daniel.

— Aceita um chá? — perguntou Alessia. Oliver agradeceu, se questionando se ela teria um relacionamento com algum deles. Mas o pensamento não o perturbou: aprendera a esperar antes de conjecturar e criar obstáculos. O certo é que ela lhe agradava. Muito. E ele estava disposto a convidá-la para jantar, assim que surgisse uma oportunidade.

Oliver deu um gole no chá, antes de começar a falar, com segurança:

— Dimitri aceitou ficar com o punhal e deixar Elizabeth livre, mas mostrou que não estava satisfeito com o desfecho da nossa negociação. O que significa que eu estou com uma dívida com ele, que quero e preciso saldar.

— Ninguém deseja dever nada a um homem como Dimitri — completou Daniel.

— Sim — confirmou Oliver, dando mais um gole no chá, que estava esplêndido. — Quando ele me ofereceu um novo trabalho eu me senti compelido a aceitar. E apesar de ele me pagar, o fato do escopo do trabalho não ser a minha especialidade faria com que a dívida moral que tenho com ele fosse sanada.

— E qual é o trabalho? — perguntou Daniel, reconhecendo a lógica impecável que ancorava o raciocínio de Oliver e a sua negociação com Dimitri.

— Fui contratado para descobrir quem assassinou os Messie. Além de não confiar muito na polícia, por achar que estão um pouco perdidos com tantos assassinatos, Dimitri quer ter uma conversa privada com o assassino — contou Oliver.

— Compreendo — falou Daniel mais uma vez, consciente que Dimitri queria vingar a morte dos Messie. — Não imaginava que Dimitri fosse tão próximo dos Messie.

— A forma como ele falou de Charles Messie indica que ele tem uma profunda gratidão por ele — comentou Oliver, sucinto. — Dimitri contou apenas que se trata de algo pessoal, sem entrar em detalhes. Expliquei que não é a minha área, mas que faria o trabalho, embora sem garantias. Combinamos que se eu descobrir o assassino, ele me paga, mas mesmo que eu não descubra, consideramos que a questão de Elizabeth está resolvida.

Oliver se assemelhava a Daniel na economia: se podia usar apenas uma palavra para se expressar, não usava duas, se podia obter o máximo efeito com um gesto, não fazia dois. Quando terminou, a sala ficou mergulhada num daqueles silêncios que geralmente antecedem grandes decisões. Todos estavam fazendo suas conjeturas, sem se atreverem ainda a verbalizar seus pensamentos. Apenas Oliver se manteve tranquilo, observando Alessia fixamente. A firmeza do olhar dele incomodou-a. Mal podia acreditar no descaramento dele, avaliando-a como se a estivesse despindo. Mas sentiu-se desejada e sorriu involuntariamente.

Dib foi o primeiro a falar, fazendo Oliver voltar a sua atenção para a conversa:

— Os Messie têm um filho, Jean Luc. O punhal deve ter sido encomendado por ele.

— Dimitri comentou que o punhal seria um presente — comentou Oliver afastando os olhos da figura de Alessia. Ela percebeu que apesar de ele a estar observando, se mantinha atento ao que acontecia à sua volta.

— Então o punhal não foi encomendado ao Dimitri? — inquiriu Miguel.

— Ele frisou apenas que se tratava de um presente — afirmou Oliver. — Eu achei melhor não fazer perguntas. A curiosidade não é um traço apreciado na minha profissão.

— Claro — Daniel concordou.

— E mesmo que o punhal seja um presente de Dimitri para Jean Luc, parece ser um gesto aleatório, que não se encaixa na Profecia — declarou Miguel.

— Aleatório? Não creio — defendeu Alessia, assertiva. — Há muita coisa acontecendo em volta dos Messie: tinham as relíquias, foram assassinados por causa delas, e talvez o punhal venha a pertencer a Jean Luc...

— Talvez Jean Luc possa ser o Anunciado... — insinuou Elizabeth.

— Não me parece — Kent falou pela primeira vez. — Se ele fosse o Anunciado, não teriam assassinado os Messie para conseguir o Cálice.

— Tem lógica — confirmou Daniel. — Temos que descobrir para quem é o punhal. E a partir deste momento devemos ajudar Oliver, porque temos interesse em saber a identidade do assassino dos Messie. Ele está ligado à Profecia.

Oliver ouvia-os discutir a profecia como sendo algo real, e apesar de tentar manter-se distante, sabia que estava sendo envolvido na situação.

— Vou alugar um apartamento em Paris. Não sei quanto tempo vou ficar aqui... — anunciou Oliver. — Entretanto, vamos conversando sobre os Messie.

— Perfeito — disse Daniel. Oliver despediu-se e Alessia acompanhou-o à porta. Ele não deixou escapar a oportunidade, e disse em voz baixa, imprimindo intimidade ao diálogo:

— Ia telefonar mais tarde, mas já que estamos a sós, vou perguntar pessoalmente se gostaria de jantar comigo hoje?

Alessia ficou chocada. Não esperava o arrojado dele e muito menos que ele a convidasse para sair com tanta rapidez. Sabia bem que, apesar de achá-lo atraente, a Ordem exigia devoção, entrega total. Mas o pior de tudo era que Oliver era um criminoso. Alessia percebia que ele estava conquistando algum espaço entre eles, mas a tranquilidade com que todos o aceitavam derivava do fato de Elizabeth defender que Oliver desempenharia um papel importante.

— Não posso — respondeu desejando que fosse diferente, e ela estivesse livre das restrições da Ordem, mas, principalmente, que ele não fosse um assassino. Oliver não se abalou com a resposta: ela não o havia rejeitado, havia dito que não podia e, portanto, havia um imperativo qualquer que a impedia de sair com ele.

— Por quê?

— Não posso — repetiu tensa, ao perceber a proximidade de Miguel, que também ia sair.

— Eu telefono — prometeu num sussurro quase inaudível, afastando-se, seguido de Miguel.

Rachel insistiu para que eles ficassem mais um dia ou dois em Londres, mas Sarah argumentou que precisava voltar ao trabalho para finalizar alguns assuntos antes de tirar as duas semanas de licença para o casamento, que aconteceria no dia 7 de janeiro.

Paris não voltara ao normal depois do terrível incidente do Natal. Por mais que todos tentassem devolver a normalidade à sua rotina, parecia pairar sobre eles uma ameaça e eram perceptíveis o medo e a desconfiança.

Jean Luc e Sarah chegaram a Paris no dia 3 de janeiro, e dois dias depois chegaria a mãe de Sarah, para finalizar os preparativos do

casamento. Eles haviam optado por realizar o casamento na casa de campo que os pais de Jean Luc tinham próximo de Paris.

Sarah enjoava quando viajava de carro ou de avião e ele propôs que passassem a lua de mel no campo, depois de ter prometido uma lua de mel verdadeiramente exótica, num lugar tropical com águas mornas e transparentes, quando o bebê nascesse. Ela aceitou, aliviada. Desagradava-lhe a ideia de viajar naquele período, em que os odores se intensificavam à sua volta e o corpo tinha reações que ela ainda não compreendia.

A primeira semana do ano passou num ápice e o dia do casamento chegou como se tivesse surgido de repente, sem nenhum tempo de preparação. Cumprindo a tradição, Jean Luc não viu Sarah no dia anterior ao casamento, e quando ela entrou no jardim decorado com rosas brancas de todas as espécies, susteve a respiração: Sarah era uma visão angelical com o vestido longo, de manga comprida e busto justo, e um véu de renda antiga cobrindo o cabelo, numa queda suave até os ombros. Jean Luc achou que aquele momento era perfeito, e embora lamentasse a ausência dos pais, tinha certeza de que eles ficariam felizes se ali estivessem e o vissem unir o seu destino ao de Sarah.

O casamento, embora fosse íntimo e contasse apenas com a presença dos pais e irmãs de Sarah, os padrinhos e os tios de Jean Luc, era muito sofisticado. Rachel usara o jardim de inverno para organizar a cerimônia. O almoço de três entradas, sete pratos e várias sobremesas começou a ser servido às duas da tarde, em uma das salas, com uma varanda envidraçada onde várias plantas floridas se equilibravam harmoniosamente nos suportes de ferro forjado, que enquadravam os vidros. O ambiente era aquecido por duas lareiras que crepitavam sob as vozes tranquilas dos convidados. A

decoreção, com arranjos de rosas e velas, contribuía para dar um aspecto intimista à enorme sala. Tudo era suave e elegante.

Jean Luc e Sarah pairavam acima das tragédias que assolavam a Europa. O amor deles transbordava, deixando claro que estavam destinados um ao outro.

No final da noite, após a partida dos convidados, quando ficaram sozinhos pela primeira vez depois de casados, Jean Luc declarou comovido, colocando a mão sobre o ventre dela:

— Agora, vocês são a minha vida.

— Dimitri vai viajar — Uchoa avisou Daniel por telefone. Dimitri deixaria Paris, sem ter se cruzado com ninguém suspeito, exceto Oliver Bassan. Todos os seus encontros eram totalmente sociais, parecendo que ele estava retomando a sua agenda de contatos.

— Para onde? — perguntou Daniel.

— Vai voltar para a Rússia — contou Uchoa.

Daniel pensou durante alguns segundos. Precisava tomar uma decisão: ou mantinha Uchoa e Seth seguindo Dimitri, pressupondo que ele ainda tinha o punhal, ou acreditava que Dimitri já passara o punhal adiante, e eles não tinham percebido, talvez porque ele o tivesse mandado entregar em vez de levá-lo pessoalmente.

— Daniel? — perguntou Uchoa, do outro lado da linha, aguardando uma decisão.

— Estou pensando — respondeu, devagar. — Acho que você e Seth devem segui-lo.

— Também acho. Pelo menos mais uns dias — concordou Uchoa.

— Assim que chegarem, deem notícias — pediu Daniel. — Boa viagem.

Quando o celular tocou, Alessia soube que era ele, o assassino que Daniel parecia ter acolhido, depois de Elizabeth ter defendido a sua misteriosa importância para a Ordem. Por um instante pensou se o papel dele também teria alguma coisa a ver com ela, mas afastou o pensamento, irritada. Não podia ter devaneios nem deixar-se envolver em tentações. Mas desde que vira o assassino, como ela o chamava mentalmente para mantê-lo distante, não tinha parado de pensar nos olhos dele, analíticos e sensuais. Ele observava tudo com uma calma meticulosa, detendo-se em cada detalhe até estar satisfeito. A forma como ele resvalava os olhos pelo corpo dela, como se a estivesse acariciando, incomodava-a sempre que pensava nele.

Deixou o telefone tocar até cair na caixa postal. E suspirou de alívio por ter resistido à tentação de atender. Mas o telefone voltou a tocar. Insistentemente. Quatro vezes. Quando percebeu que ele não desistiria, atendeu devagar, como se temesse que ele se materializasse à sua frente. O instinto avisava-a para não atender, mas a persistência dele, aliada à vontade de ouvir de novo aquele sotaque inglês irrepreensível, sobrepôs-se à sua intuição.

— Sim? — respondeu, um pouco nervosa, sem saber como começar a conversa.

— Sou eu, Oliver. Gostaria de continuar a nossa conversa. Por que disse que não podia jantar comigo? — perguntou, firme, quase exigindo uma resposta. Não era um homem de meias palavras, meias medidas, meios modos. Ela estava habituada a lidar com pessoas firmes. Os guardiões eram assim: firmes, seguros, fortes. Porém, fora daquele círculo restrito, ela percebia que havia nos humanos uma fragilidade constante, proveniente da sua própria condição de seres mortais, que podiam se romper a qualquer

momento. Mas com Oliver, Alessia não sentira isso: ele emanava força, coragem e completo autodomínio. Era também destemido, arrojado.

— Alessia? — chamou, interrompendo o silêncio dela.

— Não posso jantar com você porque... — hesitou, sem poder confessar as verdadeiras razões da sua rejeição: que ela era uma guardiã e ele, um assassino.

— Porque... — insistiu Oliver.

— Não posso.

— Está envolvida em algum relacionamento? — perguntou, desagradado com a ideia.

— Não — Oliver sentiu-se aliviado com a rejeição enfática dela. Também lhe parecia claro que se ela não quisesse realmente jantar com ele, já teria terminado o diálogo. O fato de continuar arrastando a conversa significava que ela queria, mas por alguma razão não podia.

— Então vamos jantar. É só um jantar. Não me diga que não janta?

— Janto — se aceitasse sair com ele, estaria começando um caminho perigoso. Sentiu ansiedade, como se tivesse uma borboleta voando no seu estômago. A rígida disciplina que mantinha sobre as suas emoções não podia afrouxar um único segundo. Ela sabia bem que, se perdesse o controle, tudo se perderia.

— Passo aí amanhã, às sete e meia...

— Não — rejeitou, deixando claro que não queria que ele fosse buscá-la. Ele deduziu que talvez o problema fosse em casa, com o "grupo de estudiosos", como Elizabeth lhes chamara. Estava decidido a esperar o momento certo, para tirar aquilo a limpo.

— Podemos nos encontrar no restaurante, às oito. Pode ser? — sugeriu, educadamente.

— Prefiro. Mas podemos jantar depois de amanhã? — perguntou, desejando tempo para se ajustar à ideia de que ia realmente sair com ele e arquitetar um plano para explicar por que iria sair de casa para jantar fora. Embora todos tivessem suas vidas, o fato de, naquele momento, estarem dividindo o mesmo espaço, não facilitava as coisas para Alessia.

— Podemos, Alessia — disse o nome dela, sibilando os esses, parecendo divertir-se com o som. Ela gostava da forma como ele pronunciava o seu nome, se demorando sempre um pouco mais nos esses.

— Adeus, Oliver — respondeu, dizendo o nome dele pela primeira vez.

Brigou entre a vontade de manter o seu encontro com Oliver em segredo, como um pecado, ou falar com Daniel, na esperança de que ele a impedisse de dar aquele passo. Mas por aquela vez o segredo venceu, e ela calou Oliver dentro do pensamento.

18. O despertar do desejo

Há precipícios carnis como há precipícios espirituais, com as suas vertigens e as suas delícias, os seus suplícios também, que apenas os que ousaram mergulhar neles conhecem.

Marguerite Yourcenar (1903-1987)

As noites de Miguel e Lucrezia eram intensas e quando ele pensava que já não se surpreenderia, ela inventava algo que o deixava mais rendido aos seus encantos. Miguel percebeu que ela mostrava, aos poucos, uma ternura que transportava a relação para além do desejo físico. Mas para ele era impossível ir além daquelas noites em que satisfaziam os corpos. Desde a primeira vez que estiveram juntos, havia algo obscuro nos olhos dela que Miguel ainda não conseguira definir e surgia quando ela se rendia ao prazer e revelava um lado mais profundo. O olhar dela adquiria um negrume ameaçador, mas era uma sombra tão rápida que seria indetectável para qualquer outra pessoa que não fosse Miguel. Por isso, ele teve alguns cuidados desde o início e jamais permitiu que ela conhecesse mais do que a superfície da sua personalidade.

Lucrezia acordou com uma fome anormal. Era capaz de devorar o mundo. Eram sete da manhã e Miguel estava acordado. Não dormia quando estava com ela. O sono era algo demasiado íntimo para dividir com ela. Lucrezia tinha algo indefinível que o perturbava e, por isso, evitava abandonar-se ao sono. Por vezes cochilava, mas não dormia. Sentia claramente quando ela o observava por longos minutos. Ele se incomodava, mas ficava imóvel, fingindo dormir. Foi assim que percebeu a evolução dos sentimentos dela: pelo tempo crescente que ela passava vigiando o seu falso sono. Por vezes, incapaz de se conter, ela o beijava, de leve. Ele abria os olhos devagar, como se estivesse acordando e amava-a para ocupar o tempo. Não queria conversar com ela, não queria dividir nada com ela, além do corpo. Ela era, talvez, a melhor amante que conhecera, e ele possuía uma longa lista. Lucrezia parecia ter o dom de fazer o gesto certo no momento certo, exatamente como ele, permitindo que usufruíssem longas noites de paixão.

— Estou com fome — ela anunciou, e Miguel fez um gesto para sair da cama, mas ela o agarrou enfiando as unhas no seu braço. Por alguma razão, aquilo o irritou de uma maneira inusitada. E a sua irritação era totalmente desproporcional ao gesto dela.

— Solte — anunciou, frio, surpreendendo-a. Nunca o tinha ouvido falar assim. Ela soltou o braço e tentou espiar o rosto, mas ele levantou-se e foi para o banheiro.

Enquanto ele tomava banho, ela pediu um café da manhã com grande variedade de pães e doces. Ela podia comer o que quisesse sem engordar, porém, nos últimos dias, estava mais exuberante, a sua pele parecia mais luminosa e sentia muita fome, mas não se espantou: nas duas últimas semanas passara todas as noites com Miguel, e tinha que repor as energias.

Miguel voltou para o quarto com o corpo úmido enrolado na toalha, como se nada tivesse acontecido, mas ela agora sabia que ele tinha um limite, e podia ser perigoso ultrapassá-lo. Porém, tudo o que descobria sobre ele tornava-o mais apetecível e ela sabia como seduzi-lo. Deitada na cama, com os cabelos negros espalhados sobre a almofada, afastou o lençol branco devagar e expôs o belo corpo moreno, num convite. Miguel olhou-a. Estava irresistível. Ele soltou a toalha, deixando-a cair no chão, e aproximou-se dela. Sentou-se na beira da cama e acariciou um dos seus seios com firmeza, fazendo-a soltar um gemido de dor acompanhado de uma advertência:

— Cuidado — aquela palavra explodiu no cérebro dele, de repente, como uma luz. Ela nunca reclamara de dor. Ele parou o gesto no mesmo instante em que a campainha tocou. Vestiu o roupão do hotel e abriu a porta para deixar passar um carrinho cheio de comida. O empregado ia colocar tudo sobre a mesa na antessala da suíte, mas Miguel interrompeu-o:

— Pode deixar assim, obrigado.

O empregado saiu e Miguel empurrou o carrinho para junto dela posicionando-o ao lado da cama. Viu-a levantar e começar a comer com apetite voraz. E aquela luz que se acendera no seu cérebro minutos antes o ofuscou totalmente. Ele sentiu um pensamento nascer, crescer e transformar-se num monstro capaz de devorá-lo.

— Não quer comer nada? — perguntou ela, mordendo um croissant de chocolate. — Café?

— Eu me sirvo — disse, sentando-se na cama, ao lado dela, e enchendo uma xícara com o café forte e aromático. Bebeu em pequenos goles, vendo-a devorar os pães doces com prazer. Foi até a pequena varanda do quarto e olhou para a rua, tentando controlar as ideias que o assaltavam. Quando ela terminou e se deu por

satisfeita, Miguel já reorganizara os pensamentos. Perguntou devagar:

— Você está grávida?

Ela jogou a cabeça para trás com uma gargalhada feliz antes de sair da cama, expondo a sua nudez exuberante, antes de abraçá-lo com força.

— Era isso que o incomodava, a possibilidade de eu estar grávida?

— perguntou, desconhecendo que nem mesmo ele sabia por que tinha se irritado com ela. Tinha sido algo instintivo que acontecera antes de pensar na possível gravidez dela.

— E está? — insistiu ele.

— Claro que não. Não posso ter filhos — respondeu com indiferença. Miguel sentiu a calma voltar à sua mente. Seria difícil explicar uma gravidez, não apenas por ela ser estéril, como acabara de descobrir, mas porque ele, enquanto consagrado pelo Graal, não podia ter filhos, a não ser que recorresse a um ritual muito específico, como acontecera com Adéle. Um ritual que ele pretendia repetir com Elizabeth.

— Tem certeza? — questionou, sabendo que a sua intuição raramente falhava.

— Absoluta — afirmou, despindo o roupão dele e acariciando-o lentamente. Miguel sentiu que tudo voltara à normalidade, sem ter que buscar explicações para justificar a gravidez dela, como, por exemplo, o fato de ele não ser o pai.

Depois de dois dias de tranquilidade, Jean Luc e Sarah decidiram abrir os presentes de casamento. Jean Luc notou que havia duas caixas com o nome dele e estranhou: presentes de casamento são dirigidos aos noivos, e não apenas a um deles. Sarah estava sentada

ao seu lado quando ele abriu a caixa retangular embrulhada em papel de seda dourada, com um laço feito de cetim negro. Dentro havia um belíssimo punhal com uma esmeralda encastada na base. Era uma peça de rara beleza, e Jean Luc sentiu-se imediatamente atraído pelo objeto. Tirou-o da caixa e murmurou fascinado:

— É uma das peças mais bonitas que já vi.

— Não gosto de punhais — confessou Sarah, incomodada. Ela detestava qualquer arma branca, ao contrário de Jean Luc.

— Vou guardá-lo na estante. Está bem? — respondeu carinhoso.

— Obrigada — agradeceu Sarah, segurando a tampa para fechar o punhal na caixa. — Tem uma carta aqui. Presa no interior da tampa.

Jean Luc descolou o envelope da tampa e abriu-o. A carta era manuscrita, com uma letra desenhada, como se tivesse sido despendido um esforço para torná-la legível e elegante:

Jean Luc,

Sou Dimitri Sergeevich e o seu pai foi um grande amigo que nunca faltou quando precisei.

Era seu desejo lhe oferecer este punhal no dia em que completasse trinta anos. Infelizmente acontecimentos trágicos impediram que ele realizasse esse desejo. Por isso, tomo a liberdade de lhe oferecer o punhal como presente de casamento, para que o aprecie, como o seu pai tanto queria.

Dizem que esse punhal tem poderes mágicos, porque a sua esmeralda pertenceu ao Rei Salomão, exatamente como o Anel que o seu pai já tem.

Estou à disposição para o que necessitar em qualquer momento, por ser filho de quem é.

Atenciosamente,

Dimitri Sergeevich

Jean Luc olhou para a marca-d'água no rodapé da carta, com o nome e o telefone de Dimitri, e à mão, em uma letra menos cuidada do que a da carta, estava anotado um número particular. O conteúdo da carta continha um forte apelo emocional: tratava-se de um amigo fiel do seu pai, que o estava presenteando com um objeto valiosíssimo, para atender o último desejo de Charles Messie.

Se Jean Luc soubesse sobre a restrição de presentear alguém com facas, espadas ou tesouras em ocasiões festivas, talvez tivesse devolvido o presente, por precaução. Mas nem Dimitri nem Jean Luc sabiam que, segundo antigas crenças populares, a lâmina tinha o poder de cortar a vida ou a felicidade.

Para não incomodar Sarah, guardou o punhal na estante da saleta onde estavam abrindo os presentes. Fechou a gaveta com a chave e voltou para junto dela, se preparando para abrir a segunda caixa, com o seu nome. Era uma caixa quadrada e negra, com um laço vermelho vivo, e nenhuma indicação de quem a enviara. A única coisa visível era o nome dele na tampa, em tinta dourada. Avaliou a caixa de todos os lados, antes de abrir. Embrulhada em papel de seda negro, havia uma Laranja Dourada. Jean tirou-a da caixa, percebendo que era pesada e, possivelmente, de ouro maciço. Mas assim que Sarah viu o objeto sentiu náuseas e correu para o banheiro contíguo à saleta. Jean Luc soltou a laranja e, apesar do tapete ter amortecido a queda, ela bateu no chão com um estrondo seco, parecendo mais pesada do que na realidade era. Seguiu Sarah e quando abriu o banheiro viu-a ajoelhada e curvada sobre a privada, vomitando. Ela gritou, não querendo que ele a visse daquela forma:

— Sai, Jean.

— Não — disse, ignorando o pedido dela. Ajoelhou-se, segurou os cabelos dela na nuca com uma mão, colocando a outra na testa, enquanto ela lutava contra as náuseas.

Por fim, ela conseguiu murmurar:

— Não quero que me veja assim.

— Só quero que fique bem — respondeu, molhando uma toalha com água fria e passando na testa dela. Em outra época, aquilo bastaria para Jean Luc não voltar a olhar para ela, enjoado e incapaz de lidar com as fragilidades humanas. Mas com Sarah era diferente: não havia nada que ela fizesse que fosse capaz de perturbá-lo ou diminuir-lhe a paixão. Tudo lhe parecia natural e ela era uma espécie de continuidade do corpo dele.

Minutos depois, quando conseguiu melhorar, Sarah explicou:

— Aquela laranja provocou-me náuseas. O que é?

— Parece um objeto de decoração, em ouro. Mas eu também não gostei — confessou.

— Quem nos ofereceu?

— Não sei. Não trazia cartão. Só o meu nome na caixa.

— Podemos doá-la?

— Claro — respondeu, feliz com a ideia. — Assim que voltarmos para Paris vou falar com uma amiga da minha mãe que dirige uma ONG... Acho que se chama *Irmandade da Fênix* ou algo assim... Eles sempre precisam de doações.

— Então esse assunto está resolvido — disse Sarah.

— Espere aqui, enquanto vou guardar a laranja — disse Jean Luc protegendo-a de uma nova náusea. Devolveu a laranja à caixa e teve a estranha impressão de que ela brilhou mais na sua mão. Fechou a caixa, mas voltou a abri-la para pegar de novo a laranja e teve certeza de que enquanto ela estava na sua mão adquiria um brilho mais intenso e parecia mais leve. Ouviu os passos de Sarah,

jogou a laranja para dentro da caixa sem muito cuidado e colocou-a na estante, numa das portas de vidro, junto com algumas taças de cristal. Depois investigaria o mistério do brilho e da leveza da laranja de ouro.

Alessia viu-o sentado na mesa: simples e elegante, com calças de alfaiataria, de corte irrepreensível, em tecido cinza escuro, e um pulôver da mesma cor, com decote em V, sobre uma moderna camisa lilás, muito suave. Tinha as pernas cruzadas e bebia algo num copo longo. Ela pensou que devia ser vodca, misturada com suco de laranja, pela cor da bebida.

Ele estava sentado de frente para a porta, numa mesa junto à janela de onde via a Place de La Concorde. Viu-a chegar, despir o longo casaco preto e entregá-lo ao garçom, antes de avançar pela sala, com seus passos de bailarina. Ela era muito séria e estilizada, mas ele pressentia que, sob aquela aparência controlada, havia uma mulher apaixonada.

Levantou-se para cumprimentá-la. Segurou-a pela mão, enquanto a beijava na face, mal tocando com os lábios na pele, enquanto o garçom puxava a cadeira dela, em frente à sua.

Alessia sentou-se e ele a observou, repetindo o comportamento incongruente do dia em que a conhecera: tudo em Oliver revelava cavalheirismo e os seus gestos e palavras eram educados, mas os olhos eram descarados e irreverentes. E enquanto mantinha uma distância elegante, praticamente a despia com os olhos, desconcertando-a e lhe dando a certeza de que estava entrando em um terreno perigoso.

Ela usava um vestido preto de mangas compridas. Calçava sapatos de salto alto, pretos, com um pesponto pastel. Completava o

conjunto impecável com colar e brincos de pérolas. Oliver percebeu que algo na elegância dela lhe recordava os melhores figurinos de Audrey Hepburn.

— Estou feliz por ter vindo jantar comigo — começou Oliver. — Aceita uma bebida?

— Um suco. Não bebo álcool — justificou, para evitar que ele perguntasse se ela queria vinho durante a refeição ou um licor para acompanhar a sobremesa. Oliver pediu o suco e sorriu, antes de comentar:

— Que bom. É o nosso primeiro ponto em comum: também não bebo álcool.

— Por quê? — perguntou.

— Não gosto dos seus efeitos, nem mesmo dos bons. Acho que o álcool, na sua versão benéfica, relaxa o corpo, mas provoca desatenção. Não gosto de ficar desatento.

— E relaxado? — provocou, revelando a mulher que Oliver adivinhava dentro dela.

— Relaxado, sim. Gosto muito. Mas não preciso de álcool — explicou, emprestando uma entoação mais vagarosa à voz, cheia de segundas intenções.

Ela sorriu, consciente do rumo da conversa: ele parecia frio, mas estava revelando uma sensualidade que o tornava mais desejável. Oliver observou-a e percebeu que o sorriso e o silêncio dela demonstraram que não responderia ao seu comentário ambíguo. Pediram a comida: creme de champignon de entrada, e para o prato principal, ela escolheu um suave curry vegetariano, e ele, um peixe grelhado, envolvido em crosta de ervas.

A conversa era fácil e fluída, e quando estavam saboreando uma deliciosa sobremesa de frutas, Oliver perguntou inesperadamente:

— Por que me disse que não podia sair comigo?

Ela não podia confessar a verdade, mas também não podia alimentar uma situação que iria, mais tarde ou mais cedo, criar um conflito entre eles. Ele a viu morder ligeiramente o lábio, um gesto que parecia indicar nervosismo, mas que ele ainda não compreendia. Deu-lhe tempo para que ela elaborasse a resposta, tornando-se óbvio que ela escondia algo. Por fim ela optou por dizer a verdade, de uma vez só:

— Não posso me envolver com ninguém porque fiz um voto.

Oliver surpreendeu-se: aquilo parecia uma atitude de outra época. Em pleno século XXI era impensável uma bela mulher como ela fazer um voto para ficar sozinha.

— Um voto de... castidade? — perguntou sério, se negando a acreditar no que estava escutando.

— Sim — confirmou Alessia, séria.

— Por que faria uma coisa dessas? — perguntou, sem entender o que ela estava contando.

— Somos um grupo de pessoas exclusivamente dedicadas ao estudo e a ajudar os outros.

Elizabeth já mencionara o assunto. Porém, aquela informação não facilitava a compreensão do contexto: Oliver viu que eles tinham uma vida demasiado confortável e luxuosa, que contradizia os objetivos do grupo. Pessoas que ajudam os outros normalmente fazem voto de pobreza e abdicam dos bens terrenos, em vez de fazerem voto de castidade.

— Todos fizeram voto de castidade?

— Menos Miguel Besson. Ele está nos ajudando, mas não faz parte do nosso grupo.

Oliver apoiou todo o peso do corpo na cadeira, como se desabasse, se esforçando por avaliar a situação com clareza.

— E o que a castidade tem a ver com a ajuda aos outros?

— Somos uma espécie de...

— Monges? — perguntou, tentando buscar uma explicação racional.

— Mais ou menos isso — afirmou Alessia, por aquela explicação lhe parecer mais fácil para Oliver compreender. Ele ficou alguns segundos em silêncio, pensativo. O garçom levou os pratos de sobremesa e perguntou se queriam café, chá ou algum digestivo. Alessia pediu chá de jasmim para os dois, enquanto dava tempo para Oliver assimilar o que estava dizendo.

— Elizabeth disse que sonhava com o futuro. Que era uma pitonisa. Você também é? Vocês são pessoas com dons especiais? É isso?

— Só Elizabeth é uma pitonisa. Mas todos nós passamos por um grande treinamento para fazermos o nosso trabalho. Um treinamento físico e espiritual. Como você. Mas a grande diferença é que nós tentamos salvar o mundo de ameaças e você é um assassino pago — constatou Alessia, com serenidade, sem nenhuma entoação acusatória.

— Neste momento sou um detetive contratado para descobrir quem matou os Messie — disse baixinho, se inclinando sobre a mesa, com ar de cumplicidade. Ela sorriu.

— Eu sei, mas isso não muda a sua profissão. Ser detetive é temporário — respondeu, pensando na bizarra situação de estar jantando com o criminoso que sequestrara Elizabeth.

— Pode ser. E esse seu voto também é temporário? — perguntou ele, sem rodeios.

— Não — respondeu segura, mas pela forma profunda como ele a olhou, depois de já ter processado toda a informação, Alessia percebeu que ele não desistiria.

— Vamos ter que aprender a conviver com isso — anunciou fleumático, com tom de promessa, bebendo o chá que agora estava sobre a mesa, ocupando o espaço entre eles.

— Está dizendo que deseja voltar a sair comigo, mesmo depois do que contei? — perguntou Alessia, consciente da impossibilidade de qualquer relacionamento entre eles, mas, simultaneamente, sentindo-se atraída por ele.

— Sim — respondeu, acreditando que o fato de ela ter feito um voto de castidade não significava nada para ele. Oliver era obstinado, e aquele voto tornava-a ainda mais atraente aos olhos dele, se é que era possível.

Oliver não desejava que o jantar tivesse terminado, mas haviam se passado três horas.

— Posso levá-la para casa? — perguntou, ciente das implicações da presença dela ali, com ele, agora que sabia do seu voto, embora ainda não entendesse que tipo de monges eles eram. Mas aquilo ficaria para depois. Percebeu que Alessia lhe revelou o que podia.

— Obrigada — aceitou, decidida a contar a Daniel que havia jantado com Oliver. Não queria alimentar mais um segredo, já lhe bastava os pesados segredos da Ordem que a impediam de ter uma vida normal.

A noite estava gelada e as ruas, cheias de neve. Oliver ofereceu o braço para ela se apoiar e abriu a porta do luxuoso carro, que alugara. Ligou o ar-condicionado ao vê-la estremecer ligeiramente de frio e colocou uma música suave.

— Mascagni — disse Alessia, reconhecendo a música.

— Gosta?

— Muito — confessou.

Quando chegaram ao destino, Oliver abriu o carro, ofereceu de novo o braço para ajudá-la a atravessar a calçada coberta de neve.

Acompanhou-a à porta do elevador, se despedindo com um beijo no rosto, a milímetros da boca, fazendo Alessia tremer.

— Jantamos depois de amanhã?

— Vou pensar.

— Eu espero — respondeu Oliver, soltando a mão enluvada de Alessia que ainda mantinha entre as suas, para se afastar sem olhar para trás, com a passada segura e imponente.

Elizabeth acordou no meio da noite. Sonhou com as crianças assassinadas e depois foi assaltada pela insônia. Quando voltou a adormecer, rendeu-se ao cansaço e acordou às nove.

Atravessou a casa silenciosa e foi à cozinha, calçando meias de lã para se proteger do chão frio. A mesa do café da manhã estava posta apenas para ela. Mas havia mais alguém. Ouviu os passos se aproximando, amortecidos pelos tapetes, enquanto se sentava para comer. Serviu-se de chá com um pingo de leite, uma salada de frutas e uma colher de creme.

Daniel entrou na cozinha e ela tentou controlar a emoção: sempre que o via, estremecia por dentro. Ele se assemelhava a uma daquelas forças da natureza que faz o chão tremer e abala as estruturas das casas. Nunca haviam falado daquele beijo. Nunca mais tinham ficado sozinhos. Ambos ansiavam e, também, temiam ficar sozinhos. Não sabiam que tipo de loucura podia apossar-se deles.

— Dormiu bem? — perguntou, sentando na frente dela, depois de se servir de uma xícara de chá.

— Acordei no meio da noite e fiquei com insônia, mas depois dormi demais — justificou, bebendo um gole de chá. — Onde estão todos?

— Kent, Dib e Alessia foram às compras. Estamos com a despensa vazia — comentou tentando dar leveza à conversa. Agora, ambos tinham consciência de que estavam sozinhos no apartamento, visto que Uchoa e Seth continuavam na Rússia, vigiando Dimitri.

Sentiram a tensão se acumulando no ambiente, parecendo uma daquelas nuvens escuras, grávidas de chuvas violentas. Ela comeu parte da salada e não conseguiu engolir mais nada. A proximidade dele era perturbadora e a impedia de pensar com clareza.

— Preciso lhe falar do sonho que tive — disse, tentando ludibriar o silêncio cheio de desejos inconfessáveis.

— O que sonhou?

— Com a morte das crianças — confessou, se concentrando no sonho. Ele se endireitou na cadeira, curioso, apoiando os braços na mesa, focado no que Elizabeth estava dizendo para tentar enterrar temporariamente o desejo. — Elas são colocadas de joelhos, sem resistência, como se estivessem sob o efeito de um encantamento. O assassino segura a testa delas, para mantê-las inclinadas, enquanto o sangue escorre para dentro de um recipiente colocado debaixo da garganta, até elas tombarem sem vida — disse baixinho, visualizando a horrífica imagem. — Isso acontece em lugares diferentes. São escuros e iluminados por velas...

— Com quantos lugares você sonhou?

— Dois. Um deles é maior e deve ser o mais importante, porque tem um altar. Mas o que eu vi mais claramente, e que talvez consiga localizar, é um espaço menor, parecido com uma gruta. Tem chão de terra... Fica depois do aeroporto Charles de Gaulle, a uns vinte quilômetros. Talvez um pouco mais. Está rodeado por muitas árvores.

— Consegue desenhar um mapa? — perguntou Daniel.

— Já desenhei, embora os meus desenhos sejam péssimos — informou, se referindo ao mapa que desenhara no caderno onde anotara o sonho, quando acordou no meio da noite.

Cada vez ela se parecia mais com uma pitonisa, ganhando maturidade, talvez até por estar absorvendo parte dos conhecimentos de sua mãe.

— Preciso ver... — pediu Daniel.

— Eu sei — saiu da mesa para ir ao quarto buscar o caderno. Ele a seguiu, mas assim que deu alguns passos soube que seria uma péssima ideia acompanhá-la ao quarto. O coração começou a bater mais rápido ao vê-la caminhar à sua frente, com os jeans e a blusa de lã azul com gola em V, delineando o corpo esguio. Parou no meio do corredor, lutando para vencer a atração. Ela se voltou para trás, ao perceber que ele não a seguia, e perguntou:

— Não vem?

— Espero você na sala — respondeu, dando meia-volta, e se dirigindo para a sala.

— Como quiser — respondeu Elizabeth.

Daniel observava a rua através dos vidros fechados da janela, mas o seu pensamento estava ocupado pela imagem de Elizabeth. Ouviu-a se aproximando às suas costas e se voltou devagar, olhando diretamente para o caderno, evitando encará-la para não ceder à tentação de abraçá-la. Precisava se concentrar no caso das crianças, mas sentia o corpo tenso como uma corda de violino esticada demais, quando ela estava por perto. Ela lhe deu o caderno, observando-o fixamente. Ele segurou uma das pontas, para não tocar nos dedos dela. Mas ela agarrou-o pelo pulso, forçando-o a enfrentá-la. Daniel mergulhou nos olhos dela, azuis, da cor da blusa. Ela queria falar sobre aquele primeiro beijo, mas as palavras desapareceram como se tivessem sido sequestradas por um

terrorista louco. O silêncio adensou-se e o ar se tornou irrespirável. Os dois sentiam o coração batendo descompassadamente. Daniel puxou o pequeno caderno e quando os dedos dela se desprenderam da capa rígida, atirou-o para uma das poltronas. Não havia mais nada mediando o espaço que os separava. Ele não se conteve e a segurou pela cintura, apertando-a com firmeza contra o seu peito sólido. Afundou o rosto nos cabelos dela e inspirou profundamente para se impregnar do seu perfume suave, como se buscasse uma memória antiga. Elizabeth retribuiu o abraço, fundindo-se nele. Ele afastou o rosto para vê-la melhor, e ela devolveu um olhar límpido, cheio de ternura. Daniel contornou o rosto dela com a mão, numa carícia doce. Segurou o seu queixo entre o polegar e o indicador e se aproximou lentamente, beijando-a com suavidade. O toque leve dos lábios foi suficiente para acordar o desejo insuportável que ambos se esforçavam tanto por controlar.

Daniel a empurrou delicadamente para o amplo sofá bege. Ela tombou nas almofadas e, segundos depois, sentiu o peso dele se distribuindo sobre o seu corpo. Abraçou-o pela cintura, com as duas mãos sobre as costas, sentindo os músculos dele, tensos, sob a roupa.

Ele a beijou com paixão, dominado por um desejo descontrolado. Queria senti-la. Despiu a blusa dela e atirou-a ao chão enquanto ela puxava o pulôver dele pela cabeça, num movimento rápido. Elizabeth se entregava a ele, sem resistências. E ele sentia sua racionalidade se esvaindo, como se estivesse mergulhando no vazio.

O celular tocou dentro do bolso de trás das calças de Daniel, mas o som parecia distante, vindo de outra dimensão. Ela passou a mão pelas costas dele, numa carícia firme, que subia da cintura à nuca, ignorando o telefone que continuava tocando até cair na caixa postal. Uma e outra vez. Ele se afastou alguns centímetros, para

criar espaço e abrir o fecho do sutiã de renda preta, na frente. Ouviu o clique e tirou uma alça, e depois a outra, atirando a peça ao chão, junto das blusas abandonadas. Acariciou-a. Elizabeth gemeu e pôs a mão sobre a região do cóccix dele, forçando-o mais contra o seu corpo. Ele reagiu de imediato, se movendo sensualmente sobre ela e fazendo-a estremecer. Desabotoou o botão das calças dela e abriu o zíper. Ainda havia tempo para voltarem atrás, mas nenhum deles conseguia pensar. Estavam consumidos por emoções tão intensas que não escutavam a voz que os alertava das proibições a que estavam sujeitos. Sentiam-se no olho de um furacão, que os fazia rodopiar levando-os cada vez mais alto.

Ele pôs a palma direita sobre a sua barriga lisa e exposta, antes de descer vagarosamente, com os olhos presos aos dela, observando-a. Ela aguardava expectante, com a respiração suspensa. O telefone, inoportuno, recomeçou a tocar. Ela disse, num sussurro ofegante:

— O telefone...

— Eu sei — murmurou beijando-a nos lábios e aquietando a mão escaldante sobre o ventre dela, antes de retirá-la, sem pressa, para pegar o telefone, no bolso das calças. Viu o número e, antes de atender, beijou-a, deixando uma marca úmida nos lábios dela.

— É o Dib — disse, apertando a tecla para colocá-lo no viva-voz.

— Sim?

— Está tudo bem? — perguntou Dib. — Liguei várias vezes.

— Eu sei. Estava falando com Elizabeth — justificou com calma, para mascarar o desejo, sentindo-a seminua, espremida sob o peso do seu corpo. — O que é?

— Agora não é nada. Ninguém entendia a sua lista de compras, mas já estamos no caixa, pagando. O que faltou, vai ter que vir buscar depois.

— Está bem. Mais alguma coisa?

— Não — respondeu Dib, estranhando a voz arrastada de Daniel.

— Está tudo bem?

— Sim... Depois falamos — disse, desligando, sem se alongar na conversa. Pôs o celular no chão e se voltou para ela, com o olhar toldado pelo desejo. Acariciou o corpo esguio, até encontrar o seio, demorando-se num movimento circular e suave. Ela fechou os olhos, entregue às mãos mornas dele. Daniel comentou, contrariado:

— Eles estão chegando. Mas... Talvez seja melhor assim.

— Por quê? — Por um instante, receou que ele estivesse arrependido.

— Para planejarmos um momento especial. Se vamos fazer isto, temos que fazer com calma. Não no sofá da sala ou na biblioteca. Precisamos de uma noite para nós — anunciou, beijando-a com ternura, em jeito de despedida, antes de começar a desprender-se dela, com esforço. Ela se espantou com as palavras dele.

— O que o fez mudar de ideia e querer passar uma noite comigo?

— Depois falamos sobre isso. Agora precisamos de tempo para nos recompor, antes que eles cheguem e percebam o que está acontecendo.

Ela concordou com a cabeça. Ele se levantou e, ao vê-la lânguida, deitada no sofá, nua da cintura para cima e com os jeans abertos, foi assaltado por um novo desejo, e precisou de todo o seu autodomínio para se afastar dela. Fechou os olhos com força, apertando os maxilares, e estendeu a mão para ajudá-la. Ela era leve e ergueu-se rápido e sem esforço, num só impulso. Abraçou-o uma última vez, antes de apanhar as roupas do chão e abandonar a sala, para se vestir no quarto. A situação deles estava se tornando insustentável e difícil de gerir.

Daniel leu as notas de Elizabeth, se esforçando por controlar as emoções que o assaltaram momentos antes. Analisou o mapa que ela desenhara. A gruta ficava na Forêt Domaniale d'Ermenonville, aproximadamente a vinte e cinco quilômetros do Aeroporto Charles de Gaulle. Mas o lugar era relativamente vasto para procurar uma gruta oculta no chão. Daniel, com o laptop sobre as pernas, comparava o mapa de Elizabeth com os mapas disponíveis na internet, tentando encontrar similaridades entre os dois. Preferia fazer aquilo com Elizabeth, mas sabia que era uma péssima ideia ficarem sozinhos, faltando tão pouco tempo para os outros chegarem. Porém, apesar do esforço para se concentrar, não conseguia deixar de pensar nela. Ficou aliviado quando ouviu a porta se abrindo e Dib, Alessia e Kent chegarem com as compras. Dib foi ao seu encontro, como se pressentisse que algo anormal estava acontecendo.

— E Elizabeth?

— Foi ao quarto. Já volta. — Resumiu o sonho dela, estendendo-lhe o caderno de Elizabeth. Enquanto Dib lia, Daniel analisava milimetricamente o mapa da Forêt Domaniale d'Ermenonville. Pouco depois, Elizabeth juntou-se a eles, e após Kent e Alessia arrumarem as compras, todos passaram a pesquisar os mapas.

Miguel chegou mais tarde e se surpreendeu com a clareza do sonho de Elizabeth:

— Os detalhes e a localização são demasiado precisos para terem surgido tão de repente. Sabemos que a magia a impediu de sonhar e é necessário alguém experiente para ultrapassar os impedimentos criados pelo assassino. Acho que esse sonho foi guiado pela sua mãe.

— Pode ser, mas eu não sinto nada de diferente em mim — argumentou Elizabeth.

— Com certeza ela se esforça para não interferir no seu livre-arbítrio — comentou Daniel.

— Mas já está transmitindo o conhecimento e a transformando numa poderosa pitonisa — afirmou Miguel. Percebeu que Elizabeth ganhara segurança, mas também estava se afastando dele, sem que ele soubesse o porquê. Sentia saudades de abraçá-la e beijá-la, embora compreendesse que ela estava se ajustando às novas responsabilidades e, naquele momento, a profecia e a morte das crianças estavam consumindo o tempo e a energia de todos.

Daniel e Elizabeth tentavam dominar as emoções quando estavam acompanhados, sabendo que precisavam ser cuidadosos para não se traírem. Quando ela se sentou ao lado dele, para ajudá-lo a comparar os mapas, ambos controlaram a tensão provocada pela proximidade um do outro. No final da manhã, Elizabeth disse, apontando para a tela:

— Acho que pode ser aqui.

Daniel se inclinou, analisou o desenho e aumentou o mapa no computador.

— Pode ser — confirmou. Dib se aproximou e também comparou as informações, enquanto Daniel ajustava o zoom do mapa até conseguir uma escala aproximada à do desenho. Quando as escalas coincidiram, Daniel copiou o mapa para um *pendrive* e entregou-o a Kent para que imprimisse. Kent voltou com três cópias coloridas do mapa e as coordenadas do local.

— E agora? — perguntou Miguel.

— Vamos telefonar para Étienne. Só temos que justificar a descoberta — Daniel explicou.

— Investigamos — disse Miguel.

— E achamos uma gruta enfiada no chão, no meio da floresta? — perguntou Dib, divertido.

— Claro. Por isso investigamos. Descobrimos por acaso. Aliás, a maior parte das descobertas é acidental — insistiu Miguel, sabendo que o seu argumento não era suficiente para justificar a descoberta.

— Não creio que Étienne acredite nisso, mas vamos ver o que acontece — rematou Daniel, telefonando para Étienne.

— Daniel. Estávamos estranhando a sua falta de notícias. Shaw acabou de me perguntar onde você andava, apesar do Bardas dizer que você tem uns métodos peculiares que dão resultado.

— Se tenho métodos eficazes, então está tudo bem — disse Daniel, pensando que aquele raciocínio já garantia uma boa justificativa para a descoberta da gruta.

— Tem novidades?

— Sim — respondeu sintético. — Preciso me encontrar com você, ainda hoje.

Étienne não sabia ainda se ficava ou não feliz com as notícias, mas o assunto parecia grave, já que Daniel havia desaparecido por um bom tempo e agora queria lhe falar, com urgência.

— Depois do almoço, no meu gabinete. Três da tarde? — sugeriu Étienne.

Daniel olhou para o relógio de pulso: era uma e meia. Tinha tempo para comer alguma coisa e ir. Olhou para Elizabeth e avisou-a:

— Quero que venha comigo e com o Dib. Precisa se envolver mais com este caso.

Ela sacudiu a cabeça sem dizer nada, feliz com a oportunidade de trabalhar ao lado dele.

19. A gruta

E, então, como para perder-me final e irremissivelmente, surgiu o espírito da perversidade. (...) Creio que a perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano.

Edgar Allan Poe (1809-1849)

Sarah assustou-se com o barulho do cristal estilhaçando. Ela e Jean Luc estavam prestes a entrar no carro estacionado à porta de casa, para retornarem a Paris, quando aquele estrondo os surpreendeu. Jean Luc segurou-a pelo braço e conduziu-a de volta ao hall de entrada.

— Fique aqui — pediu, dirigindo-se sozinho à saleta onde estavam os presentes de casamento, e que parecia ser o ponto de origem do barulho.

Ao chegar lá percebeu que a porta do armário tinha se aberto e a laranja de ouro estava caída no chão, ao lado da caixa vazia. Todas as taças de cristal que estavam na prateleira, junto da laranja, se quebraram, sem que houvesse mais nada fora do lugar no resto da estante. Jean Luc achou o acontecimento difícil de compreender: não a queda da caixa com a laranja de ouro, porque podia ter ficado

mal colocada, e ao se desequilibrar teria forçado a porta e caído no chão; mas os cristais quebrados não tinham explicação racional. Como se justifica que as taças estivessem quebradas no interior do armário, sobre uma prateleira, sem que nada tivesse tombado sobre elas? Não havia explicação.

— Está tudo bem? — perguntou Sarah, com a voz mais próxima. Jean Luc saiu da sala e justificou, de forma simplista, para acalmá-la:

— Não foi nada. A caixa com a laranja de ouro caiu e quebrou os copos.

— Caiu como?

— Eu devo tê-la posicionado mal, e ela desequilibrou-se. Como a laranja era pesada, quebrou tudo o que estava na prateleira — insistiu, tentando racionalizar o acidente para que Sarah acreditasse. Mas ele não estava convencido.

— Não íamos doá-la?

— Sim, mas como sei que não suporta a laranja, decidi não levá-la conosco.

— Prefiro doá-la já. Não quero isso na nossa casa — disse, sentindo aversão pelo objeto. — Prefiro o punhal a essa laranja. Dá-me náuseas.

Jean Luc aproximou-se dela e beijou-a na testa:

— Como quiser — respondeu, voltando à sala, para pegar a laranja. Refez o laço para garantir que a caixa não se abriria, caso tombasse, e acomodou-a no porta-malas. Apesar de incomodar Sarah, a laranja parecia um objeto interessante, que ele gostaria de investigar, se tivesse tempo e oportunidade. Mas não era o caso.

Étienne cumprimentou Daniel e Dib e foi apresentado a Elizabeth. Convidou-os para ocuparem as cadeiras distribuídas pelo gabinete e ofereceu café. Observou Elizabeth discretamente, impressionado com a sua juventude e beleza. O cabelo muito curto contribuía para lhe emprestar um exotismo adicional. Vê-la ao lado de Daniel produzia um efeito estranho e parecia aumentar a beleza nórdica de ambos.

Daniel retirou uma folha dobrada do bolso do casaco, abriu-a sobre a mesa de Étienne e apontou pra um local praticamente irreconhecível, no meio do mapa verde:

— Aqui está uma gruta onde foram mortas algumas das crianças.

Étienne olhou-o por cima dos óculos de leitura, que acabara de colocar para ver melhor o mapa com as coordenadas impressas em uma das margens. Aquela notícia era excelente, por contribuir para solucionar o caso dos Anjos Caídos.

— Tem certeza? Como é que descobriu?

— Investigando com *métodos peculiares*, mas a descoberta pode ser da responsabilidade do seu departamento — afirmou Daniel, mostrando que não podia explicar muito mais do que aquilo, mas lhe oferecendo generosamente os créditos.

— Denúncia anônima — sorriu Étienne, justificando a descoberta, ciente da fama de Daniel e da confiança que Bardas depositava nele.

— Quando as fontes não podem ser reveladas, a denúncia anônima é infalível. Obrigado pela generosidade, Daniel.

— Não queremos aparecer na mídia — avisou Daniel, mantendo a discrição.

— Eu sei. Shaw comentou que essa foi a sua condição para nos ajudar — lembrou Étienne, que se espantara com o pedido de Daniel. Porém, depois de saber que ele tinha sido padre e abandonara recentemente a Igreja, imaginou que aquela seria uma

reminiscência da sua vida regrada. — Pode me dizer mais alguma coisa sobre a forma como descobriu informações sobre o local?

— Infelizmente, não. Mas gostaríamos de acompanhar a polícia. Pode ser?

Étienne ficou em silêncio, enquanto avaliava mentalmente a situação, antes de perguntar:

— Quantas pessoas?

— Quatro: nós três e mais um, Miguel Besson.

— Podem, mas terão que se sujeitar às regras.

— Não há problema — anuiu Daniel. — Quando vão lá?

— Agora escurece cedo. Às cinco da tarde é praticamente noite. A melhor estratégia é ir lá amanhã, bem cedo. Assim que a luz raiar já estaremos prontos para entrar na gruta — afirmou. — Saímos daqui às cinco e meia da manhã.

— Estaremos aqui às cinco — prometeu Daniel, se despedindo.

Depois de ficar a sós no seu gabinete, Étienne analisou o mapa, perguntando-se como Daniel havia descoberto aquele lugar tão improvável. Em seguida, chamou os seus subordinados para organizar a ida à gruta no dia seguinte.

Era a primeira noite que Miguel não passava com ela em mais de duas semanas, e não lhe dera uma explicação plausível. Primeiro Lucrezia estranhou o telefonema dele, desmarcando uma combinação, que se transformara numa rotina que ela apreciava, e da qual não estava disposta a abdicar. Depois, irritou-se com o silêncio dele, quando insistiu para saber as razões. Miguel poderia até ter dado alguma justificativa, mas ao perceber a irritação dela, decidiu que estava na hora de cortar o mal pela raiz, por muito boa amante que ela fosse.

— Lucrezia — chamou-a, com frieza, interrompendo a enxurrada de perguntas. E ela soube, pelo tom de voz dele, que ultrapassara os limites, mas não imaginou qual seria a sua reação.

— O que foi? — perguntou ainda sem conter a irritação.

— Acho que não devemos nos ver mais. Não creio que isto esteja indo em uma direção saudável. Pelo menos para mim.

Lucrezia não podia acreditar que Miguel estivesse terminando o relacionamento. Sentiu uma fúria tão intensa que quase não conseguia raciocinar. O ego dela não permitia que fosse dispensada, e muito menos por alguém de quem estava gostando. Tinha certeza de que ele não terminaria uma relação ainda no início sem ter outra pessoa na sua vida. Atirou o copo que tinha na mão contra a parede. Miguel ouviu o eco dos estilhaços e percebeu a fúria dela. Entendeu que a predadora se transformara na caça. Ele conhecia bem a sensação, depois que se apaixonara por Elizabeth.

— Não quero que termine — disse ela, por fim, ruminando as palavras, com um sentimento de humilhação. Lucrezia nunca pedia nada a ninguém: impunha, ordenava, manipulava, mas não pedia. Mas já percebera que Miguel era diferente. Havia sido o único homem que não tinha conseguido manipular e a deixava com a sensação de que ele fazia apenas o que queria, exatamente como ela.

— Não posso estar com alguém que tem uma crise de fúria sempre que preciso me afastar.

— E por que precisa se afastar? — perguntou furiosa.

— Eu nunca perguntei nada sobre a sua vida — comentou Miguel, mantendo-se frio. Não tinha dúvidas de que ela lhe faria falta, principalmente por estar cada vez mais meiga. Mas preferia não estar com ela a passar por aquele drama só porque ela era possessiva.

— Eu sei, mas sinto a sua falta... — confessou, se sentindo mais irritada por ter que admitir as suas emoções.

— Não justifica — disse, revelando cansaço com a conversa. Falar com Elizabeth durante horas sobre o mesmo assunto não o perturbava, mas falar com Lucrezia menos de cinco minutos acabava com a sua paciência. Ela era tudo menos tonta ou distraída e percebeu que ele ia desligar o telefone e talvez não voltasse a ligar.

— Eu sei. Não volta a acontecer — assegurou com uma falsa mansidão, tentando mascarar a ira. — Eu gosto das nossas noites, gosto de ter você comigo...

— Também gosto — cedeu, lembrando as noites tórridas. — Mas não quero isto.

— Já disse: não volta a acontecer.

— Não adianta dizer isso, se na primeira oportunidade que eu viajar ou simplesmente sair, ficar irritada de novo. Eu vou saber. E não vou gostar. Nós não temos um relacionamento: passamos as nossas noites juntos, mas é só isso, Lucrezia. — E foi assim que ela teve certeza de que havia encontrado o seu par, alguém igual a ela. E aquele vazio que sentia no peito e ele não preenchia estava diretamente associado ao fato de ela estar apaixonada e ele não.

— Não volta a acontecer — prometeu, mais calma, disposta a conquistá-lo. Miguel hesitou: não gostava dela e nem sequer sabia bem as razões para aquele desafeto, mas ela era uma mulher que saciava o seu corpo como nenhuma outra, adivinhando os seus menores desejos.

— Eu telefono — informou como se falasse com um estranho que estava tentando lhe vender algo que ele não queria. Desligou sentindo-se desconfortável. Ela conseguiu incomodá-lo com a sua irritação, e ele podia pressentir uma fúria perigosa dentro dela.

Eram quase seis da tarde e Miguel ainda queria passar no apartamento da Ordem e ver Elizabeth. A pureza dela o acalmava, ao contrário de Lucrezia, que parecia possuir uma espécie de crueldade latente, que por vezes lhe fazia mal, como naquele momento.

O dia frio e nebuloso tornava a paisagem fantasmagórica, como um daqueles filmes de terror cheios de brumas. Vinte policiais do esquadrão especial, totalmente armados, estavam a postos para entrar na gruta, antes dos homens do Departamento de Homicídios fazerem o seu trabalho. Tinham instruções para causar o menor impacto possível na gruta, evitando destruir evidências, e usar as armas apenas em último caso. Assim que a luz do dia se firmou, invadiram a gruta silenciosamente, e em minutos tinham controlado todo o espaço. Étienne entrou com os seus homens, seguidos de Daniel, Dib, Miguel e Elizabeth.

O local era grotesco: era uma gruta subterrânea não muito grande, com dois espaços distintos. O primeiro funcionava como uma antessala, com uma mesa, quatro cadeiras de madeira no centro, e um armário encostado à parede rochosa. Pelo aspecto antigo e gasto, aquelas mobílias estavam ali havia muito tempo. Não era um lugar descuidado, mas não estava destinado a oferecer conforto algum. O que chamou atenção foi o casaco cor-de-rosa de uma criança, sobre uma das cadeiras. Estava limpo, mas era difícil determinar há quanto tempo estava ali até uma análise mais profunda. Étienne mandou guardar o casaco para enviá-lo ao laboratório e dirigiu-se ao armário. Abriu a primeira porta e viu velas, fósforos, facas muito bem afiadas e panos ensanguentados.

Por trás da segunda porta havia dois copos de cristal sem brilho, três pratos antigos de porcelana e alguns talheres de prata escurecidos.

Num dos cantos da gruta, brasas ardiam na lareira rudimentar provando que alguém estivera ali há pouco tempo. O cheiro de sangue impregnava o ambiente e se acentuava à medida que avançavam para o interior da gruta. O odor adocicado começou a incomodar os que tinham estômagos mais sensíveis, como Elizabeth.

Entraram na segunda sala, com cerca de sessenta metros quadrados. Encontraram manchas de sangue no chão e nas paredes rochosas, algumas delas recentes. Não havia ali nenhum objeto, exceto as tochas pregadas na parede circular.

Daniel comentou, rompendo o silêncio pesado:

— Há dois círculos negros marcados no chão. Um dentro do outro, e entre eles há doze símbolos, que estão quase irreconhecíveis. No centro do círculo menor há um pentáculo entrelaçado...

— O que é isso? — perguntou Étienne.

— É uma estrela de cinco pontas, entrelaçada. Costuma ser usada em rituais com o objetivo de trazer seres sobrenaturais para esta dimensão — explicou Daniel.

— No interior desse círculo há também um triângulo com um número — concluiu Miguel, observando atentamente o chão. — Eu reconheço os símbolos, embora estejam muito diluídos. São a base de um poderoso ritual para evocar forças sobrenaturais.

Étienne reconheceu que eram bons: se não estivessem ali teria que chamar uma série de especialistas, e cada um, com certeza, diria algo diferente. Mas eles eram precisos e seguros.

— Isso quer dizer exatamente o quê? — questionou Étienne.

— Confirma que o assassinato das crianças tem fins ritualísticos — disse Daniel.

— E que o caso está longe de terminar — afirmou Elizabeth. Daniel viu que ela estava pálida, lutando para lidar com o cenário macabro, o odor do sangue e o frio gélido da gruta. Daniel despiu o seu longo casaco e colocou-o sobre os ombros dela, sem dizer uma palavra. Ela também não disse nada. A relação de ambos parecia ter evoluído para um patamar um pouco além das palavras.

— Por que diz isso? — perguntou Étienne.

Ela trocou um olhar de cumplicidade com Daniel e foi ele quem respondeu:

— Acreditamos que este é um lugar secundário. Existe outro, mais importante e talvez maior, que precisamos localizar. Esse será o lugar que pode nos revelar a identidade do assassino, porque possivelmente deve ser na sua casa ou bem próximo.

— Deus do Céu! — murmurou Étienne, que era pouco dado à evocação divina, mas em face daqueles acontecimentos, o vocabulário terreno parecia lhe ter escapado.

— Este sangue é recente — disse Daniel, apontando para o centro do círculo, onde se viam manchas de sangue mais claras.

— Sim — confirmou Étienne, erguendo o braço para os homens que esperavam atentamente as suas ordens. — Podem começar.

— Tudo isto significa que vão aparecer mais crianças mortas — murmurou Dib.

— Este assassino é o pesadelo da polícia: um psicopata organizado — disse Étienne.

— Não é apenas um psicopata — avisou Daniel. — É alguém que mata para estabelecer uma ligação com um mundo sombrio, de trevas.

— Essa pessoa acredita mesmo que tem acesso a um poder do além? — perguntou Étienne cético, saindo da gruta, para que os investigadores fotografassem e recolhessem as provas.

— Sim — respondeu Miguel, indiferente à lógica racional que dominava o mundo científico e forense. Daniel olhou-o de soslaio, em tom de aviso, para que ele não explicasse demais, mas não conseguiu evitar um sorriso ao reconhecer o jeito direto de Miguel tratar dos assuntos.

— Como? — perguntou Étienne.

— Mesmo para os que não acreditam no mundo espiritual, ele existe, como a gravidade, o ar, a luz... Simplesmente existe — começou Miguel, se enchendo de paciência para falar com um leigo cético. — E os seus efeitos são visíveis: o bem e o mal são reflexos do mundo espiritual no mundo material. Essa pessoa que usa as crianças para obter poder através de rituais de magia negra tem acesso à maldade na sua forma mais pura. Acredite em mim: isso é fruto de uma mente possuída pelo mal. Percebo a necessidade de racionalizar, mas a história tem centenas de exemplos de pessoas que foram tomadas pelo mal, um mal absoluto.

Étienne olhou-o, espantado com a sua eloquência. Até àquele instante, Miguel não lhe parecera capaz de falar de forma tão intensa.

— Eu sei que há assassinos monstruosos, mas não acha que são fruto de mentes perturbadas? — perguntou Étienne, sentindo falta de Shaw com a sua racionalidade britânica, para ajudá-lo naquela troca de ideias.

— Sem dúvida que são mentes perturbadas, mas são perturbadas por quem? — indagou Miguel, com os olhos brilhantes.

— Há uma série de doenças... Na Idade Média é que tudo era fruto do mal, mas hoje a ciência se encarrega de explicar praticamente tudo.

— Praticamente tudo, Étienne. Concordo. Porém... — disse Miguel parando um pouco, como se pesasse o que ia dizer. — Há eventos

que não têm explicação racional, mesmo com a evolução da ciência. E no meio disso, existe o bem e o mal, que não são tão claros assim... Mas isso é outra discussão.

— Sim... — reconheceu Étienne. Era verdade que certos eventos eram difíceis de explicar e, naquele caso, por muito louco que fosse o assassino, aquela gruta contribuía para adensar os mistérios daquele caso complexo.

Ao abandonar a criança perto do aeroporto, percebeu que esquecera o casaco dela na gruta. Segundo o ritual, precisava devolver a criança vestida exatamente como estava no momento em que a sequestrara. Só podia tirar das crianças a vida, todo o resto teria que permanecer igual. A eficácia do rito era garantida pela sua perfeita repetição, por isso tinha que devolver o casaco para assegurar que os seus planos não seriam postos em causa devido a um detalhe menor. Se não devolvesse o casaco teria que repetir o ritual.

Jamais se esquecera de vestir uma vítima por completo, e aquela desatenção mostrava bem que não podia deixar nada interferir na sua mente. Sentia-se dispersa, e precisava voltar a se concentrar naquilo que era importante. Considerou que o esquecimento era um mau augúrio.

Quando se aproximou da gruta, percebeu que havia uma movimentação incomum. Ao longo dos anos algumas pessoas haviam descoberto a gruta, com a sua entrada camuflada pelas rochas e árvores, mas isso lhes custara a vida, e elas nunca puderam partilhar esse conhecimento com ninguém. Escondeu o carro e deu uma boa caminhada: conhecia aquela região com os olhos vendados.

Tomou um susto quando viu um cinturão de policiais do esquadrão especial em volta da gruta. Aquilo não podia estar acontecendo. Escondeu-se atrás das árvores, observando tudo, como um ladrão na noite. Estava longe demais, mas conseguia ver os policiais se movimentando. Tentou se aproximar, mas era perigoso: havia muitos policiais e o perímetro traçado era amplo. Aquietou-se, consciente do seu descuido, ao deixar o casaco da menina na gruta. Mas, depois de pensar um pouco, percebeu que talvez o descuido tivesse sido uma conspiração do destino a seu favor, para que voltasse à gruta e soubesse que o local fora descoberto e o cerco estava se apertando.

Teve a certeza de que o casaco cor-de-rosa estava perdido e não conseguiria recuperá-lo.

Às dez da manhã a maioria do contingente do esquadrão especial partiu. Ficaram apenas alguns, para dar apoio ao grupo de técnicos.

Aproximou-se o máximo que podia e conseguiu distinguir alguns rostos. Foi quando notou um grupo formado por cinco pessoas que conversavam não muito distantes da entrada da gruta. Mudou de posição para tentar vê-los melhor ao perceber que havia algo terrivelmente familiar num deles. Sentiu um suor frio enquanto pensava e repetia movendo os lábios, sem emitir som algum:

— Não é possível. Não é possível que seja ele.

Observou o grupo. Um deles era o capitão da polícia que aparecia na televisão com frequência, e era responsável pelo caso dos Anjos Caídos: Étienne Bergès. Não conhecia os outros dois, altos e másculos: um tinha um belo rosto moreno com leves traços orientais, mas o outro, de cabelo claro, estava de costas e não lhe conseguiu ver as feições. Também não conhecia a jovem de cabelo muito curto, dona de uma beleza espetacular, usando o casaco do homem loiro, que estava de costas, aparentemente indiferente ao

frio. Mas o último é que fizera o seu coração tremer: Miguel Besson. Era mais belo que os outros, pelo menos aos seus olhos. E aquele fato soou como um aviso para Lucrezia Zani terminar com Miguel Besson, o amante por quem estava apaixonada e, pelo visto, fazia parte do círculo de homens que a caçava. Um aviso para ela compreender que não podia deixar nada ao acaso, nem cometer qualquer erro, por menor que fosse.

Fixou o olhar em Miguel, como fazia quando achava que ele estava dormindo: viu a forma como ele gesticulava as mãos e o sorriso suave. Sabia que não podia voltar àquela gruta: eles certamente deixariam câmeras minúsculas, enfiadas pelas paredes, com sensores de movimento, para filmar quem entrasse na gruta.

Manteve-se imóvel, observando as movimentações e, principalmente, observando Miguel. E, de repente, foi assaltada por uma ideia brutal, como se alguém a tivesse esbofetado. Não foi nenhum gesto explícito que ele tivesse feito, foi apenas a maneira como parou para ouvi-la falar, suspenso nas palavras dela, como se o mundo estivesse concentrado no que ela estava dizendo. Nesse instante, Lucrezia percebeu que aquela mulher era a dona do coração dele. Aquela mulher que parecia um anjo, com uma beleza pálida tão diferente da sua, morena e sensual. Ele falava com essa como nunca tinha falado com ela. Ele era totalmente diferente do amante viril que a assaltava sem pudor todas as noites. E quando pousou a mão sobre o braço dela, em jeito de carícia, e se inclinou para murmurar alguma coisa ao seu ouvido, Lucrezia teve uma náusea violenta e incontrolável. Dobrou o corpo, apoiou uma mão com força na árvore áspera e levou a outra ao estômago numa tentativa vã de controlar os instintos, mas não conseguiu: vomitou e uma mancha vermelha se alastrou pelo chão. Percebeu que fizera barulho e talvez tivesse denunciado a sua presença. Afastou-se o

mais rápido possível. Naquele momento a imagem dos dois ocupava a sua mente e parecia mais importante do que a descoberta da sua gruta, o lugar onde praticava os seus sacrifícios rituais. Só mais tarde perceberia que havia machucado a mão na casca grossa da árvore onde se apoiara.

Daniel escutou um barulho leve, inaudível para qualquer humano, mas não para ele. Avisou, apontando o dedo para o lugar onde Lucrezia estivera segundos antes:

— Há alguém ali — se voltou para Miguel e pediu, mais pelo hábito de proteger Elizabeth do que pela consciência de um novo perigo que estava se delineando — Fique com ela.

Daniel caminhou rapidamente, seguido de Dib e de alguns policias, e quando chegou ao local onde Lucrezia os estivera observando, comentou:

— Chegamos tarde. Já se foi.

— O que significa isto? — Étienne perguntou apontando para a poça vermelha, no chão, temendo a resposta que já adivinhava.

— Se mandar analisar vai descobrir que é sangue e pertence à criança que vamos encontrar hoje, em algum momento do dia — afirmou Daniel. Étienne baixou a cabeça, cada vez mais horrorizado com os detalhes do caso. Quando pensava que não podia piorar, surgia algum elemento ainda mais escabroso.

Daniel avaliou o local e a árvore e descobriu algumas gotas de sangue.

— Étienne, peça que colem amostras daqui — apontou para a árvore. — Se tivermos sorte, este é o DNA do assassino.

Minutos depois, quando voltaram para junto da entrada da gruta, Besson perguntou:

— O que aconteceu?

— O assassino nos observava e vomitou sangue — sintetizou Daniel.

— Isso significa que sabe quem somos — concluiu Dib.

— E que a vantagem que tínhamos se foi — esclareceu Miguel, ligeiramente irritado por terem perdido as vantagens de serem desconhecidos do assassino.

— Talvez possa significar, também, que agora somos alvos potenciais — concluiu Daniel, alerta.

— Elizabeth é a mais frágil de nós. Precisamos protegê-la — afirmou Miguel.

— Outra vez? — perguntou ela.

— Sim — confirmou Daniel, vendo Étienne se aproximar, vindo do meio das árvores. Ele estava pálido e abatido. Aquele caso mexia emocionalmente com todos, mas os detalhes obscuros da morte das crianças e da magia deixavam Étienne mais abalado do que o normal.

Dois dias depois, Daniel, Dib e Miguel entraram na sala de Étienne e encontraram um burburinho inesperado: Bardas gesticulava com Étienne no seu inglês com sotaque, enquanto Shaw se matinha quieto, com o queixo tenso. Pela postura dos três, as notícias não deviam ser boas. Depois dos cumprimentos e apresentações de praxe, Étienne começou a falar, posicionando a tela do seu computador, de forma a que todos acompanhassem o que dizia:

— Em primeiro lugar, as análises dos vestígios que encontramos na gruta estão longe de estar processadas, mas o que sabemos até agora é que existe ali sangue de muitas dezenas de pessoas. Além

disso, algum dos sangues tem... muito tempo. Ainda não conseguimos analisar sequer um quarto das amostras.

Daniel, Dib e Miguel se entreolharam, e Bardas, sempre atento, perguntou:

— O que é?

— Nada, por enquanto — respondeu Daniel, sereno. — Continue, por favor, Étienne.

— Muitas amostras estão totalmente deterioradas, mas acreditamos que conseguiremos o suficiente para demonstrar que naquela gruta pessoas são mortas há vários anos.

— Era isso, Bardas — disse Daniel respondendo finalmente à pergunta de Bardas. — As evidências confirmam o que pensávamos: estamos perante ritos antigos que se realizam há muito tempo, talvez por membros da mesma família ou da mesma seita.

— As digitais nos objetos que estavam no armário pertencem a uma única pessoa, que acreditamos ser o assassino. Mas as digitais não estão em sistema algum, de país algum. Não encontramos nada, por enquanto.

— E a arma do crime? Era alguma daquelas facas? — perguntou Miguel.

— Havia cinco facas com formatos e lâminas diferentes e todas tinham vestígios de sangue humano. Uma delas tinha o mesmo tipo de sangue da criança que encontramos naquele dia, próximo ao aeroporto — explicou Étienne.

— Mas não encontramos a lança que assassinou os Messie — comentou Dib.

— Não — confirmou Étienne. — E o sangue que estava na árvore, tal como Daniel previu, pertencia à criança encontrada naquele dia, e foi regurgitado pelo assassino, o que comprova os tais rituais de

magia negra — fez uma pausa, dominando a aversão, antes de sintetizar: — Ele mata e depois consome o sangue.

A sala ficou em silêncio por alguns segundos. Todos estavam conscientes de estar lidando com alguém extremamente perturbado. Daniel foi o primeiro a falar:

— Analisaram o DNA que coletaram na árvore?

— Sim, mas a amostra deu resultados... estranhos. Tentaram repetir os testes, mas ela se deteriorou rapidamente. O laboratório afirma que seguiu o protocolo e ninguém consegue explicar o que aconteceu.

— Estranhos, como? — perguntou Daniel.

— O sangue não parecia totalmente humano. Eles acham que a amostra foi contaminada. Só conseguiram descobrir que o DNA é feminino — respondeu Étienne, com ar cansado.

— Então o assassino é uma mulher? — perguntou Dib, surpreso.

— Tudo indica que sim — Étienne comentou. — Mas os crimes são demasiado violentos e frios para uma mulher.

— Há poucos casos assim — concordou Dib. — É difícil uma mulher revelar tanta frieza, em especial quando se trata de crianças.

— Só me lembro de um caso pior que este — disse Miguel.

— Qual? — perguntou Shaw.

Miguel hesitou. Não gostava de pensar naquilo. Ele tinha conhecido pessoalmente a assassina e a lembrança dos terríveis crimes que ela cometeu nunca deixou de pesar sobre ele.

— Erzsébet Báthory. É um caso histórico — justificou. — Ela viveu entre 1560 e 1614. E não apenas matava como tinha prazer em torturar as vítimas da pior maneira possível. Depois bebia e se banhava com o sangue das vítimas, que eram especialmente mulheres jovens. Foi responsável pela morte de mais de seiscentas pessoas.

Bardas resmungou mal-humorado, com o tema:

— Pelo menos esta não tortura. Põe a faca na garganta e pronto.

— O certo é que há menos mulheres *serial killers* do que homens, mas quando aparecem matam mais que eles — afirmou Shaw, com ar desconsolado.

— E agora, o que fazemos? — perguntou Bardas parecendo perdido, o que não era nada usual no seu comportamento decidido.

Daniel esperou alguns segundos para ver se alguém dizia alguma coisa, mas perante o silêncio lúgubre que se apoderou da sala comentou, tentando trazer alguma luz ao assunto:

— Temos informação que a gruta era apenas um lugar secundário. Existe outro lugar que ainda não localizamos. Entretanto, sugiro que façam um apelo para a população manter as crianças protegidas, em especial as que têm entre seis e sete anos.

— Isso é quase um estado de sítio — retorquiu Shaw preocupado, mas sem alternativas.

— Que seja — defendeu Miguel. — Pelo menos, não serão mortas mais crianças e, em algum momento, o assassino vai entrar em desespero e pode começar a cometer erros.

— Por quê? — perguntou Shaw.

— Os ritos têm regras exatas que precisam ser seguidas. Parece, por tudo o que vimos até aqui, que a última criança foi também a única que estava sem uma das suas peças de roupa. Acredito que ela nos viu, porque voltou atrás para recuperar o casaco. Então esse ritual não deve ter dado certo. Não foi igual aos outros. Precisa ser repetido, e se ela não conseguir fazer os seus rituais é inevitável que cometa algum erro — explicou Miguel.

— Vou falar com o Ministro da Justiça para fazer um pronunciamento — suspirou Étienne, rendido à lógica deles. Pelo menos iriam exercer pressão sobre a assassina.

— Deve ser uma mulher excepcionalmente inteligente e com muito autocontrole para fazer uma coisa dessas sozinha — anunciou Bardas.

— Concordo. É uma verdadeira psicopata — afirmou Daniel. — Por isso acho que devem dizer que um dos assassinos das crianças é uma mulher.

— Mas parece que é só um assassino, não é? Os golpes são feitos pela mesma pessoa — lembrou Bardas.

— Sim, mas ninguém precisa saber disso além de nós — defendeu Dib. — Pelo menos até estarmos seguros de que ela está mesmo sozinha nisso.

— Concordo — por fim Bardas confessou, com os nervos à flor da pele. — Este caso está acabando comigo. Não consigo dormir...

— Nem eu — afirmou Shaw, lembrando-se dos seus próprios filhos.

— Vou ligar para o Ministro — avisou Étienne.

Depois de esperar em vão por ele durante os últimos três dias, lutando contra a vontade de procurar Miguel, cedeu finalmente ao impulso de lhe telefonar. Agora, além de sentir a falta dele, também precisava descobrir o que ele sabia sobre o assassino das crianças e, principalmente, se tinha alguma desconfiança em relação a ela.

Eram sete da noite quando Miguel viu a chamada dela. Estava no apartamento da Ordem, onde passava a maior parte do tempo desde o episódio da gruta. Alessia deixara de implicar com ele, embora não estivesse disposta a falar sobre o passado. Miguel dirigiu-se à varanda, em busca de privacidade para falar com ela.

— Lucrezia, como vai?

— Sinto a sua falta — disse com voz meiga, disposta a seduzi-lo, mostrando um lado suave que o fizesse esquecer a outra, a mulher com cara de anjo. Queria encantá-lo, enfeitiçá-lo se necessário.

— O meu corpo também — respondeu, rindo suavemente. Mas ela queria dele mais do que o corpo. Queria que ele a amasse e aquilo se tornara uma obsessão que aumentava à medida que ele lhe fugia.

— Podíamos nos encontrar hoje. Talvez na minha casa...

Miguel avaliou o convite. Era tentador, especialmente por ela parecer disposta a se redimir da última conversa, quando ele tentou terminar tudo. Pensou alguns segundos, vendo Elizabeth se aproximar sorridente, para avisá-lo baixinho, ao perceber que ele estava no telefone:

— Jantar.

Miguel decidiu, depois de alguma hesitação:

— Eu telefono amanhã para combinarmos.

— Está sozinho?

— Não. Estou na casa de amigos — Lucrezia se irritou com a resposta, vacilando entre o desejo e o ódio por ele. Tinha certeza de que ele estava com ela e imaginou os piores cenários.

— Divirta-se — respondeu com ar displicente, para disfarçar o ciúme. — Espero por você amanhã, na minha casa, às nove da noite.

— Tenho outra proposta. — Por um instante ela achou que ele ia convidá-la para o seu apartamento, mas depressa entendeu que ele não estava disposto a alterar a relação que tinham criado, nem desejava nenhum tipo de laço adicional. — Encontramo-nos na nossa suíte habitual, depois de amanhã, às dez.

Ela disfarçou o desapontamento e se perguntou se ele teria consciência do perigo que corria ao desafiá-la ou rejeitá-la. Por mais que estivesse obcecada por ele, não estava disposta a permitir que

ele a humilhasse. Ao mesmo tempo, as saudades que sentia falaram mais alto, e ela concordou:

— Às dez.

20. A laranja de ouro

(...) o Tempo, embora faça desabrochar e definhar animais e plantas com assombrosa pontualidade, não tem sobre a alma do homem efeitos tão simples. A alma do homem, aliás, age de forma igualmente estranha sobre o corpo do tempo.

Virginia Woolf (1882-1941)

Interromperam o telejornal para o Ministro da Justiça francês, sereno e compenetrado, fazer uma intervenção especial que chocou a França e repercutiu em vários países da Europa, especialmente naqueles onde também haviam sido cometidos crimes similares.

O Ministro falou dos esforços conjuntos da polícia de vários países, mas explicou que o caso era difícil e, por isso, pedia que todos ajudassem a proteger os inocentes, enquanto a polícia se concentrava em identificar o assassino. Aconselhou os pais a vigiarem as crianças e, em casos extremos, aconselhou-os a ficarem em casa com os seus filhos. Por fim, informou que um dos responsáveis pela morte das crianças era uma mulher, deixando todos chocados com a informação. Pediu que, caso suspeitassem de

alguém, contatassem a polícia do bairro e fossem moderados em seu comportamento para evitar injustiças.

Lucrezia não podia acreditar que aquilo estivesse acontecendo: não compreendia como a polícia descobrira que o assassino era uma mulher, mas lembrou-se de que talvez eles tivessem conseguido o seu DNA quando machucou a sua mão na árvore e vomitou ao ver Miguel encantado com a jovem de cabelo curto. Sentiu uma onda de ódio ao pensar nela, e a ideia que começara a se formar quando falou com Miguel da última vez ganhou força: precisava tirar aquela mulher do seu caminho. Era assim que ela resolvia tudo o que lhe desagradava: eliminando. E agora não seria diferente.

No apartamento da Ordem, Miguel também ouvira a intervenção do Ministro e, no final, comentou sarcasticamente:

— Agora, sim, o jogo começou.

— Atiçamos o monstro — concordou Daniel sentado no sofá, com a cabeça encostada no apoio e os olhos quase fechados, quando a campainha tocou.

— Esperamos alguém? — perguntou Elizabeth.

— Oliver Bassan — informou calmamente Daniel. — Convidei para vir até aqui e trocarmos ideias sobre a situação.

— Eu atendo — ofereceu-se Alessia, abrindo a porta. Assim que o viu sentiu-se inesperadamente mais leve, como um balão cheio de hélio. Ele se inclinou para beijá-la a milímetros dos lábios, repetindo o comportamento do único encontro que haviam tido.

— Como vai? — perguntou Alessia, tentando iniciar uma conversa normal.

— Agora melhor — respondeu baixinho com os olhos ardentes, fazendo-a sorrir, enquanto a seguia do hall à ampla sala, onde todos

estavam sentados em frente à televisão.

— Como vai, Oliver? — Daniel levantou-se para cumprimentá-lo, sendo imitado pelos outros. Elizabeth comentou em tom de brincadeira, sob o olhar vigilante de Miguel:

— Não lhe disse que teria um papel nisto tudo?

— Ainda não sei bem qual é o papel... Mas começo a perceber o que quis dizer. — insinuou dando uma rápida mirada para Alessia, com um duplo sentido que só os dois compreendiam.

— Sente-se — convidou Daniel. Oliver ocupou a poltrona próxima de Alessia.

— Quando vinha para cá ouvi a intervenção do Ministro da Justiça na rádio. Então o assassino é uma mulher? — perguntou Oliver.

— Sim — confirmou Daniel.

— Isso significa que estamos envolvidos numa caçada mais interessante do que imaginamos — respondeu Oliver, adquirindo rapidamente a postura fria de assassino.

— Sem dúvida. E há mais alguns detalhes que precisa saber: encontramos uma gruta na Forêt Domaniale d'Ermenonville onde eram realizados alguns dos rituais — explicou Daniel.

— Quer dizer: onde assassinaram algumas crianças? — questionou Oliver, objetivo.

— Exato — afirmou Miguel, participando da conversa. — E foi assim que descobriram que era uma mulher, pela análise dos vestígios.

— Se ela perdeu o local onde fazia os rituais, agora vai procurar outro — deduziu Oliver.

— Achamos que aquele era um lugar secundário, e deve existir outro, mais importante.

— “Achamos” como? — Oliver quis saber.

— Eu sonhei — confessou Elizabeth, tornando-se o centro das atenções.

— Ah — respondeu Oliver econômico, ainda reticente em acreditar na capacidade de ela sonhar com o futuro. Elizabeth percebeu a descrença dele e acrescentou com simplicidade:

— Também sonhei com a localização da gruta e por isso é que a polícia a encontrou.

Oliver analisou-a atentamente. Aquela informação mudava tudo: se Elizabeth era responsável pela descoberta da gruta, então é porque tinha mesmo um dom especial e único, que desafiava a lógica. O sonho dela com as crianças mortas no dia de Natal, quando ele a mantinha cativa em Londres, podia ser uma coincidência. Mas este, já revelava um padrão.

— Compreendo — disse, e depois de alguns segundos em silêncio, deduziu, com uma leve ironia: — Suponho que em breve vai descobrir onde é esse outro lugar.

— Acredito que sim.

— Também tenho novidades — confessou calmamente. — O meu foco são os Messie, portanto, achei que o melhor ponto de partida seria Jean Luc e dediquei-me a observá-lo. A noiva está grávida. Talvez isso, aliado à morte recente dos pais, o tenha feito optar por uma cerimônia de casamento íntima. Eles receberam vários presentes e por precaução rastreei-os.

— Como é que os rastreou? — interrompeu Dib curioso.

— Faz parte da minha profissão — confessou com tranquilidade, sem revelar as suas fontes ou a forma como conseguira informações. — Descobri algo que chamou a minha atenção: dois dos presentes foram enviados especificamente para Jean Luc. Um deles era o punhal que entreguei a Dimitri...

— Espere — disse Daniel, se endireitando no sofá com um interesse súbito. — Então o punhal sempre fora para Jean Luc?

— Parece que sim. E foi um presente, exatamente como Dimitri contou.

— E qual o segundo presente? — perguntou Miguel, também interessado.

— Uma belíssima laranja de ouro maciço. Sem remetente — contou Oliver. — Não consegui descobrir quem a enviou.

— Estranho — comentou Dib. — Quem enviaria um objeto de ouro maciço anonimamente?

— Pode ser que Jean Luc saiba quem é que lhe deu o presente — sugeriu Elizabeth.

— Não sabe. E a mulher dele detestou a laranja. Vão doá-la a uma instituição... Alguma coisa da Fênix. — Miguel sorriu ao ouvir o nome da sua organização. Decidiu que pediria a Geneviève Gillot, responsável pela Irmandade da Fênix na Europa, que se mantivesse atenta à doação de um objeto como o que Oliver acabara de descrever. Nunca ouvira falar de uma laranja de ouro maciço, mas soava bizarro o suficiente para suscitar o seu interesse.

— Como conseguiu esse nível de detalhes? — insistiu Dib.

Oliver sorriu ao lembrar-se da facilidade com que hoje se coloca uma pequena câmara, bem posicionada, em qualquer cômodo de uma casa para acompanhar todos os movimentos de uma pessoa, sem que ela soubesse.

— Sou grande adepto da tecnologia — respondeu por fim, compreendendo que Dib pretendia confirmar a veracidade das informações. — Fique tranquilo: a informação é segura.

Aquilo parecia equilibrá-los de alguma forma: enquanto os guardiões usavam os seus sentidos e dons semidivinos, Oliver recorria à tecnologia de forma habilidosa e constante.

— E por que é que ela detestou a laranja, se é um belo objeto, como você disse? — perguntou Dib insatisfeito com aquela explicação.

— Ela teve náuseas quando viu a laranja — comentou Oliver, começando a compreender que tudo parecia ter um significado simbólico e oculto para eles.

— Tem certeza? — perguntou Miguel, atento.

— Tenho — respondeu Oliver. — Por quê?

— Objetos mágicos causam emoções peculiares em crianças e mulheres grávidas. Neste último caso, a gravidez torna as mulheres sensíveis a tudo o que possa afetar o seu corpo e o bebê. E o tipo de reação que descreveu, se foi mesmo provocado pela laranja, significa que estamos perante um objeto mágico — concluiu Miguel.

— Mas ela não sentiu isso em relação ao punhal, não é, Oliver? — perguntou Kent, intervindo pela primeira vez.

— Não teve uma reação tão violenta, mas também ficou incomodada — respondeu Oliver.

— Aí está a confirmação: ambos provocaram reações negativas. Essa laranja é um objeto mágico do qual nunca ouvi falar. Mas Oliver disse que Jean Luc vai doar a laranja à Irmandade da Fênix, e isso vai permitir que analisemos o objeto — avisou Miguel.

— Como? — perguntou Oliver, perdido.

— Sou o fundador dessa Irmandade: é uma organização dedicada a ajudar os outros. Funcionava apenas na França, mas agora também funciona no Brasil.

Oliver sentiu alguma surpresa, embora não aparentasse: de todos eles, Miguel era o único que não parecia possuir o perfil de se dedicar a causas humanitárias.

— Excelente trabalho, Oliver — reconheceu Daniel impressionado com a eficiência dele, e satisfeito com o rumo dos acontecimentos.

— Assim que tivermos notícias sobre o assassinato dos Messie, telefone.

— Eu aguardo — disse começando a se despedir, e quando parou na frente de Alessia, perguntou de repente, com a maior das naturalidades, na frente de todos. — Gostaria de jantar comigo amanhã?

A pergunta feita de chofre surpreendeu todos e ninguém sabia o que fazer, exceto esperar a reação de Alessia, que parecia ser a mais surpreendida. O silêncio começou a pesar na sala enquanto ela o olhava sem compreender que raio estava ele fazendo, expondo os dois daquela forma. Mas Oliver continuava sereno, indiferente às reações provocadas pelo seu arrojado convite, como se não soubesse que todos estavam condicionados pelos seus votos à Ordem. Miguel era o que mais se divertia com a situação, mas não se atrevia a falar para não acordar a velha raiva de Alessia contra ele.

Antes que pudesse responder, Elizabeth se aproximou colocando a mão carinhosamente sobre o braço dela, dizendo:

— Aceite, Alessia. É sempre bom fazer amigos... — Elizabeth mantinha a sua confiança em Oliver, sem racionalizar ou tentar compreender os motivos, segura de que ele tinha um papel relevante. Alessia estava indecisa: queria aceitar o convite e encontrar-se de novo com Oliver, mas sabia que não devia. Foi Daniel, ciente do seu próprio drama interior em relação a Elizabeth, que deu o empurrão final, ao perceber a relutância dela:

— Por que não, Alessia?

— Aquilo que não vivemos persegue-nos — comentou Miguel, participando da conversa que se transformara em tema global, como havia sido a intenção inicial de Oliver, para avaliar as reações de todos. O interesse de Oliver por Alessia gerou uma simpatia

instantânea em Miguel, ao perceber que, afinal, Elizabeth não era o foco da sua atenção, como imaginara.

— E aquilo que vivemos também — respondeu Alessia secamente, desejando terminar a conversa. Queria matar Oliver, mas ele continuava tranquilo, com um sorriso discreto, que denunciava a sua felicidade perante as consequências da sua atitude.

— Podemos falar sobre isto a sós? — perguntou Alessia, olhando diretamente para Oliver, tentando contornar o constrangimento que a situação estava lhe provocando.

— Claro. Eu telefono — respondeu, se despedindo dela com um ligeiro aceno de cabeça, mas sem apagar o sorriso.

Quando Oliver se foi, Alessia avisou com a voz crispada, antes de abandonar a sala:

— Não quero falar sobre o assunto e dispenso comentários.

— Ninguém tem nada a ver com a sua vida ou com as suas decisões, Alessia. Mas estamos aqui, se precisar — rematou Daniel, que estava vivendo a dor e o conflito que o afeto provocava. Apesar de Alessia se espantar com a condescendência dele, agradeceu o apoio.

— Obrigada, Daniel.

Pouco depois Daniel ordenou que Uchoa e Seth retornassem para Paris, porque o punhal não estava com Dimitri.

Geneviève Gillot, a responsável pela Irmandade da Fênix na Europa, tinha sessenta anos, era muito ativa e dedicada a ajudar o próximo. Geneviève tinha sido muito próxima de Marie-Thérèse e ao ver Jean Luc Messie não conseguiu evitar a emoção: o conhecia praticamente desde que nascera e sabia que ele sofria com a perda abrupta dos pais. Ficou feliz ao saber da gravidez de Sarah e achou

que era o melhor que podia ter acontecido a Jean, não porque diminuísse a dor da perda, mas porque o obrigava a seguir em frente e a pensar na nova vida que em breve faria parte da sua.

Ao receber o objeto das mãos do jovem Messie, estranhou a sua beleza e o seu peso: tratava-se realmente de uma laranja de ouro. Perguntou se ele tinha certeza de que queria doá-la, mas Jean Luc manteve-se irredutível: confessou que apesar de estar atraído pelo objeto, Sarah não o suportava, sendo esse o motivo da doação.

Geneviève telefonou a Miguel para lhe contar que tinha o objeto que ele gostaria de avaliar, e ele a informou que iria vê-lo no dia seguinte, aconselhando-a a deixar a laranja fechada na caixa, dentro de um dos cofres.

Lucrezia estava furiosa. Caminhava com passos pesados pela sala da sua enorme casa de três andares, estilhaçando copos contra a parede. O chão estava coberto de cacos de vidro e ela continuou a quebrar copos, um atrás do outro, até destruir o serviço inteiro, mas a raiva manteve-se inabalável dentro dela, sem ceder.

Ninguém havia resistido aos encantos da Laranja Dourada, e ela se perguntava como Jean Luc resistira? Tudo fora planejado para chegar ao momento em que ele olharia para a laranja e Lucrezia se apoderaria da sua alma, sugando-lhe os melhores sentimentos, inclusive o amor por Sarah, para transformá-lo num ser desprovido de bondade e compaixão. Em vez disso, ele ofereceu a laranja a uma amiga da sua mãe. Lucrezia viu-a abrir a caixa e avaliar a laranja com olhar curioso, mas não deu tempo de criar uma ligação com ela. A mulher fechou a caixa e guardou-a num lugar escuro e silencioso, talvez um cofre, impedindo Lucrezia de saber o que estava acontecendo.

Quando Jean Luc colocou a laranja na estante, Lucrezia continuou escutando tudo: descobriu que Sarah estava grávida e foi ela que detestou a laranja. Se Lucrezia não tivesse usado um encantamento para fazer a caixa cair da estante e estilhar os cristais, a laranja teria ficado na casa de campo. Agora Lucrezia duvidava da sua decisão: talvez a laranja estivesse melhor na casa de campo do que nas mãos de uma desconhecida, protegida num cofre que não lhe permitia ver nada. Mas como Lucrezia iria imaginar que Jean Luc se iria desfazer de um objeto de ouro, que valia uma fortuna?

Porém, o grande enigma era descobrir como Jean Luc resistira ao encanto da laranja. O objeto exercia um fascínio intenso sobre quem o olhasse e Jean Luc devia ter sido subjugado ao seu poder. Além disso, ele estava fragilizado pela perda dos pais, o que contribuía para deixá-lo mais suscetível à magia. Algo estava dando errado nos planos meticulosamente urdidos por Lucrezia durante anos. Talvez o amor de Sarah tivesse protegido Jean Luc, pensou Lucrezia, incapaz de encontrar outra explicação. Sarah ou o filho por nascer não deviam ter acontecido na vida que planejava para Jean Luc. Mas ela soube que tudo começara realmente a sair do seu controle a partir do momento em que cruzara com Miguel Besson. A paixão por ele tirava-a do eixo, impedindo-a de pensar com frieza.

Sarah convenceu Jean Luc a visitar o apartamento onde morava quando se conheceram, antes de devolvê-lo ao proprietário. Ao chegarem ao antigo prédio que marcara o início do seu amor, ela quis trufas de chocolate: agora tinha vários desejos insondáveis e apetites inesperados. Jean Luc deixou-a subir e foi buscar as trufas. Não havia nada que ela quisesse que ele não se esforçasse por satisfazer. Ela o beijou, feliz, antes de entrar no elevador.

Vinte minutos depois Jean voltou com as trufas que Sarah tanto queria. Abriu a porta do apartamento e sentiu imediatamente que havia algo errado. Não soube explicar o que era: era mais uma impressão do que de uma certeza, como se um aspirador gigante tivesse sugado o ar da sala. Chamou-a, ainda com a porta da rua entreaberta:

— Sarah... — parou de repente, interrompido por uma figura vestida de negro, que saiu do quarto e o empurrou contra a parede, para abrir passagem. Ele caiu, com a brutalidade da pancada, mas levantou-se rápido e correu para o quarto, onde vislumbrara Sarah deitada no chão, através da porta, que o criminoso deixara aberta. Aproximou-se dela e viu o sangue jorrando do peito e se espalhando pelo chão. Com uma mão pressionou o ferimento, e com a outra pegou o celular e chamou uma ambulância. A voz serena no outro lado da linha aconselhou-o a manter uma pressão constante sobre o ferimento. Durante os minutos em que esperava pela ambulância, Jean Luc sentiu impotência e desespero, vendo Sarah se esvaír numa poça de sangue. Mas o sentimento predominante era o terror de perdê-la.

Sentiu as lágrimas correndo pelo rosto enquanto brigava para manter o sangue dentro dela. A espera pela ambulância tornava o tempo mais vagaroso, e tudo o que Sarah não tinha era tempo. Cada segundo afastava-a mais da vida, afundando-a naquele lago vermelho e morno que se alargava lentamente em volta do corpo dela e do seu filho minúsculo.

Dez longos minutos depois, os paramédicos entraram no apartamento pela porta que o assassino deixara escancarada na sua fuga e dominaram a situação: puseram Sarah numa maca, enquanto um deles abria a blusa dela para avaliar o ferimento. Jean Luc, que não se afastara muito, apesar dos pedidos dos paramédicos, fixou os

olhos no pequeno corte no peito dela e lembrou-se do corte sofrido pelos seus pais. A diferença era que no caso dos pais todo o sangue desaparecera dos seus corpos, e ali, Sarah se esvaía numa lenta e infindável hemorragia. Viu os paramédicos colocarem uma máscara de oxigênio, pressionarem o corte e levarem-na pela escada, afastando-a do seu ângulo de visão. Tentou segui-los, mas um deles pediu, com firmeza:

— Senhor, é melhor que nos deixe levá-la para o hospital.

Jean Luc achou que aquelas palavras não eram um bom presságio. Tentou controlar o maldito nó na garganta que o impedia de falar, mas não conseguiu emitir um único som. Ficou na porta do apartamento enquanto ela era levada por três estranhos de uniforme branco. Sentiu o coração apertado e viu quatro policiais com malas na mão saírem do elevador. Tinha-se esquecido de avisar a polícia, mas os serviços de emergência acionavam a polícia sempre que havia algum caso violento.

Os policiais começaram a falar, mas Jean Luc manteve os olhos fixos no lugar por onde Sarah se fora, indiferente ao que eles diziam. Por fim, percebeu que estava bloqueando a porta e se afastou dois passos para a direita, para deixá-los entrar.

Alguns minutos depois a porta do elevador abriu-se e Jean Luc viu Étienne Bergès. Reconheceu-o e sentiu algum alívio, quase como se visse um velho amigo. Étienne percebeu que Jean Luc chorava e sentiu empatia por ele: perdera os pais recentemente e a mulher com quem casara não havia ainda um mês fora esfaqueada. Étienne ouvira comentar que o casamento apressado se devia ao fato de Sarah estar grávida.

— Jean Luc — Étienne apertou a mão dele com uma firmeza maior do que a habitual, em sinal de solidariedade.

— *Monsieur* Étienne — respondeu com voz rouca, tentando segurar as lágrimas em vão.

— Lamento muito, Jean Luc, mas precisamos ver o local.

— Compreendo. Tenho que ir ver a Sarah... — esboçou um gesto apontando para o elevador.

— Se me der alguns minutos, eu mesmo o levo ao hospital — ofereceu Étienne consciente de que o jovem Messie não estava em condições de dirigir. Jean Luc moveu a cabeça em sinal de concordância, como uma criança que ainda não aprendeu a falar e fixou o olhar na porta do elevador. Não conseguia pensar.

Quarenta minutos antes, quando Étienne se preparava para ir almoçar, o seu assistente telefonou informando que Jean Luc Messie havia contatado os serviços de emergência, pedindo uma ambulância para atender Sarah, que havia sido apunhalada. Étienne sentiu imediatamente um estalo no cérebro e o seu instinto despertou num ápice: aquilo não podia ser uma coincidência. Dirigiu-se para o local, com a mesma equipe que estava envolvida no caso dos Messie.

Entrou no apartamento e olhou em volta: era óbvio que não estava habitado. Étienne se perguntou o que estariam fazendo ali os jovens recém-casados. Viu as trufas de chocolate espalhadas pelo chão e uma trilha de sangue que seguia até o quarto. Dirigiu-se para lá. Dois policiais fotografavam e coletavam todos os resíduos possíveis. Étienne viu o lago de sangue com um vazio no meio — a marca do corpo dela. Pela quantidade, deduziu que ela tinha perdido muito sangue e talvez não sobrevivesse.

Jean Luc parecia ser o epicentro de algo terrível, e Étienne solidarizou-se com ele: as suas perdas não tinham sido fáceis, mas a

violência que se formara em volta dele estava se transformando num padrão que começava a incomodá-lo.

Étienne precisava de uma nova leitura para o caso: Sarah era a única vítima encontrada com sangue. O que aquilo podia significar? Seria um novo assassino, que não estava ligado aos casos dos Messie e das crianças? Ou seria o mesmo assassino, que fora oportunamente interrompido por Jean Luc?

Étienne deixou o apartamento com instruções para que os peritos agilisassem a análise das evidências. Parou na porta, onde Jean Luc permanecia teimosamente imóvel e convidou:

— Vamos até o hospital — Jean Luc seguiu-o como um autômato, sem consciência. Só queria saber como estavam Sarah e o bebê. O resto não parecia ter a mínima importância. Étienne percebeu que, apesar de estar com a cabeça fervendo de perguntas, não adiantava falar com ele naquele momento: tinha que deixá-lo se acalmar.

— Que foi aquilo? — perguntou Alessia atendendo o celular sem dar tempo para Oliver cumprimentá-la — Como teve a ousadia de fazer uma pergunta daquelas na frente de todos?

— Só você ficou perturbada com o meu convite para jantar, Alessia — respondeu rindo, desconcertando-a com a análise.

— Isso é irrelevante, Oliver.

— Não é irrelevante. Eu percebi que ninguém se opôs a que jantasse comigo. E sei que aquelas pessoas são importantes para você — afirmou Oliver, sem ter compreendido ainda o tipo de relacionamento entre todos eles. — Portanto... jantamos amanhã?

Alessia não podia acreditar na desfaçatez dele e, de repente, riu. Oliver manteve-se sereno, esperando a resposta. O riso dela lhe

pareceu um bom sinal: significava que tinha superado a irritação e certamente ia aceitar o convite.

— Não.

— Por quê? — perguntou, surpreso com a resposta.

— Não podemos alimentar uma situação ambígua, que não nos vai fazer bem.

— Como sabe que não vai nos fazer bem?

— Eu tenho os meus votos... — mencionou com firmeza.

— Não pedi que quebrasse nenhum dos seus votos. Só quero jantar com você. Conhecê-la melhor. Jante comigo — pediu sedutoramente. — Vamos viver um dia de cada vez.

Ela podia argumentar dizendo que sabia que aquele jantar, assim como o anterior, não tinha nada de inócuo e era exatamente o oposto: despertava neles uma sensualidade vagarosa, que aumentava sempre que se viam. Também sabia que ele não desistiria se ela rejeitasse o convite, e o pior é que ela não queria que ele desistisse.

— Um dia de cada vez — repetiu a frase de Oliver, que coincidia com um dos princípios filosóficos da Ordem. Lutou entre o desejo de revê-lo e as suas responsabilidades de Guardiã. Tinha consciência de que o encontro com Oliver não era inocente, e ele era um assassino. Mas quando o via ou falava com ele, aqueles obstáculos não pareciam relevantes.

— Exatamente — afirmou, antes de perguntar cinicamente: — Posso passar no seu apartamento amanhã, às oito da noite?

— Sim — cedeu, consciente de que cada vez que saía com ele, a tentação crescia e ele se tornava mais atraente.

Os médicos informaram que Sarah perdera muito sangue e estava em coma.

— O que isso quer dizer? — perguntou Jean Luc em voz baixa. Étienne observava-o com atenção. Era visível a paixão dele por Sarah, mas ele mantinha a elegância mesmo numa situação dramática como aquela, agravada pela perda recente dos pais.

— O estado dela é muito crítico — informou o médico, sendo delicado e contando a verdade em doses homeopáticas.

— Vou perguntar de novo: o que isso quer dizer? — usou um tom mais frio, fazendo Étienne reconhecer nele a força de vontade com que o surpreendera no dia da morte dos pais.

— Ela está lutando pela vida, mas as chances de sobrevivência são muito baixas. Apesar do corte no peito não ter atingido o coração, foi difícil controlar a hemorragia.

— Por quê?

— Não conseguimos compreender. Embora tenha perdido muito sangue, o golpe não justifica o estado dela. O metabolismo está muito lento. E é um processo contínuo.

— O corpo dela está deixando de funcionar, é isso? — perguntou Jean Luc, revelando um raciocínio surpreendentemente rápido para a ocasião.

— Sim... Há uma equipe de especialistas com ela, tentando descobrir o que está acontecendo, senhor Messie. Mas a situação não é fácil. Há mais uma coisa... — avisou o médico, com delicadeza. — A sua mulher perdeu o bebê. Lamento muito.

Jean Luc baixou a cabeça por um segundo, como se soubesse que aquilo aconteceria, e em seguida pediu, dominado pela emoção:

— Por favor, descubram o que ela tem... Precisam salvá-la.

Étienne se afastou por alguns minutos e voltou com dois cafés horríveis, das máquinas que ficavam encostadas nas paredes da sala

de espera. Ofereceu um a Jean Luc e bebeu o seu. Jean Luc agradeceu e deu um gole lento.

Tinham passado quase três horas desde que haviam entrado no hospital e se mantiveram praticamente em silêncio. Étienne não quis deixar Jean Luc sozinho, apesar de ele estar tão compenetrado nos seus pensamentos que mal percebia o que acontecia à sua volta.

— Quer que avise alguém? — perguntou e Jean Luc olhou-o como se tivesse sido arrancado de um grande pesadelo.

— Os pais de Sarah. Tenho que avisar os pais de Sarah — disse pegando o celular, com uma consciência repentina sobre a existência de um mundo além daquele lugar, onde Sarah se encontrava. Depois de uma breve conversa em que contou aos sogros que Sarah fora atacada por um desconhecido, pediu que viessem o mais rápido possível. Étienne aproveitou aquela brecha no mutismo de Jean Luc para descobrir o que se passara.

— Pode me contar que aconteceu?

Jean Luc contou tudo detalhadamente. Étienne ouviu-o até o fim, antes de começar a fazer perguntas.

— E essa pessoa que saiu correndo do quarto era um homem ou uma mulher?

— Não sei... — respondeu, parecendo espantado com a sua própria informação. Ainda não conseguira racionalizar aquilo. — É estranho que tenha me atirado ao chão e eu não consiga saber quem era. Também não tentei segui-lo, porque fui logo ver como Sarah estava...

— E fez bem. Possivelmente foi o que salvou a vida dela — afirmou Étienne. — Mas não teve sequer um vislumbre?

— Estava todo vestido de preto: botas, calças, blusa e luvas. Usava um boné preto que tapava parcialmente o rosto e escondia o cabelo.

— E a parte visível do rosto?

— Talvez fosse uma boca um pouco feminina, mas foi uma visão rápida. Não significa nada.

— Reparou se o atacante tinha algum objeto na mão?

Jean Luc fechou os olhos tentando recuperar a memória e quando os abriu, olhou para Étienne como se tivesse feito uma grande descoberta:

— Uma lança. Levava uma lança na mão.

Étienne semicerrou os olhos, ordenando os pensamentos: uma lança era responsável pela morte dos Messie e dos seus empregados. Aquilo ligava os casos e significava que quem tentara matar Sarah, também assassinara os Messie e estava associado às mortes das crianças.

— Então as gotas de sangue que iam do quarto à porta do apartamento pingaram da lança — disse Étienne, que pensara inicialmente que as gotas haviam pingado de uma faca. Mas os especialistas tinham estranhado a consistência e o formato das gotas: quando o sangue escorre de um objeto as gotas vão-se tornando menores, mas ali isso não acontecera. As gotas eram do mesmo tamanho, como se a quantidade de sangue que estava no objeto não diminuísse e se mantivesse sempre igual. E o rastro mantinha-se regular pelas escadas até desaparecer abruptamente alguns andares abaixo, talvez porque o assassino tivesse embrulhado o objeto, que agora Étienne sabia tratar-se de uma lança.

— Lembrei-me de mais uma coisa — disse Jean Luc. — A Sarah usava sempre uma corrente de ouro com uma cruz de malta que pertenceu à minha avó. E a corrente desapareceu.

— Era um objeto valioso? — perguntou Étienne, tentando determinar se aquela não seria a causa do ataque. Talvez tivessem

tentado matar a jovem por causa daquele objeto, como mataram os Messie por causa do Cálice.

— Está na minha família há gerações. É uma peça de ouro valiosa — confirmou Jean Luc. — Acha que foi por isso que tentaram matá-la? Bastava terem arrancado o fio do pescoço dela. Exatamente como no caso dos meus pais, em que bastaria terem levado o Cálice.

— Talvez — respondeu Étienne, sabendo que, além dos objetos, o assassino praticava mortes rituais, mas não era prudente entrar naquele assunto com Jean Luc. — Obrigado.

— De nada — disse, levantando-se para se despedir de Étienne educadamente.

— Se precisar de alguma coisa, telefone. Vou manter alguns policiais com você e com Sarah. Por precaução — afirmou Étienne, lembrando-se que mantivera o jovem protegido durante algum tempo, após a morte dos pais. Talvez se tivesse mantido a proteção, Sarah não se encontrasse agora naquela situação.

— Obrigado — agradeceu, sem oferecer resistência.

O dia começara com uma luz trêmula que parecia incapaz de enfrentar a ameaça das nuvens. Daniel estava no escritório quando a porta abriu e Elizabeth entrou, com uma xícara de chá na mão, e uma expressão séria no rosto totalmente desperto.

— Bom dia. É muito cedo — disse ele, consultando o relógio.

— Precisamos falar — respondeu, sentando-se numa cadeira ao lado dele e apoiando os braços na larga mesa. Ele posicionou ligeiramente a cadeira para ficar de frente para ela. Sentiu o perfume dela, de banho recém-tomado.

— O que aconteceu?

— Sonhei com a laranja. Descobri para que serve — informou, bebendo um gole de chá.

— A laranja de ouro? — Não achara que fosse muito importante apesar de Miguel ter defendido que se tratava de um objeto mágico.

— Sim — confirmou. — Ela permite ver o que acontece dentro das pessoas.

— Não compreendi — disse Daniel, olhando-a fixamente.

— É uma espécie de bola de cristal das pessoas: permite ver a alma das pessoas. Quando alguém olha para a laranja, ela revela o interior daquela pessoa.

Daniel entendeu de imediato o que aquilo podia significar e deduziu que a laranja tinha sido oferecida a Jean Luc para permitir que alguém visse a sua alma.

— Mais alguma coisa? — perguntou devagar.

— Serve também para... É difícil explicar... — disse, procurando as palavras.

— Temos tempo — comentou Daniel, tranquilizando-a para que ela pensasse com calma.

— É como se fosse um aspirador: suga os sentimentos das pessoas e guarda-os.

— Besson tinha razão: é um artefato mágico. Muito poderoso — reconheceu Daniel.

— E foi enviado a Jean Luc — lembrou Elizabeth.

— Há alguém muito interessado nele — anunciou Daniel. — Viu mais alguma coisa?

— Não.

— Temos que avisar Besson antes que ele olhe para a laranja — disse Daniel, preocupado, sabendo que se alguém tivesse acesso a Miguel, também teria acesso à Ordem, através dos conhecimentos dele.

— Ainda não são sequer oito da manhã...

— Ele já está acordado — afirmou, levantando-se para ir buscar o celular, desconhecendo que Miguel já se encontrava nos escritórios da Irmandade da Fênix, para avaliar o artefato mágico.

— Daniel... — disse Elizabeth, se aproximando dele e segurando-o pela mão com ternura.

A porta abriu-se de repente. Elizabeth soltou a mão de Daniel rapidamente, mas Dib percebeu o gesto e ficou parado na porta, por um segundo, tentando racionalizar o que vira: se fora apenas um gesto de ternura ou se Elizabeth já confessara a Daniel que o amava. Aquele era o segredo dela, e Dib guardara-o desde que tinha descoberto que ela estava apaixonada por Daniel. Mas antes que Dib pudesse compreender o se passara, Daniel pôs a mão no peito e tombou de joelhos, assaltado por uma dor violenta.

Elizabeth deu um grito e Dib correu para ele, se ajoelhando à sua frente e dizendo:

— Não ceda à dor. Não ceda — Daniel era incapaz de responder, dominado pela dor aguda. Sentia o coração descompassado, como se uma mão o estivesse arrancando do peito. Ele sabia o que era aquilo e Dib também: era a morte avisando-o que a sua hora estava próxima.

— O que foi? — perguntou Kent entrando no escritório, seguido de Alessia. Viram Daniel de joelhos, pálido e ofegante, com a mão no peito tentando controlar a dor, e perceberam que algo muito grave estava acontecendo.

— Rápido. Vamos ajudá-lo... — Dib disse, se levantando e posicionando as mãos a dez centímetros da cabeça de Daniel. Kent, Alessia e Elizabeth imitaram-no, iniciando o ritual de cura com energia das mãos, seguindo os ensinamentos dos seus antepassados cátaros. A dor diminuiu, mas Daniel se manteve ajoelhado enquanto

os quatro entoavam uma antiga oração cátera, antes de terminarem o rito.

Elizabeth se abaixou e perguntou:

— Sente-se melhor?

Ele assentiu com a cabeça em silêncio, mas ela notou algumas gotas de suor na testa dele. Nunca o tinha visto suar. Dib estendeu a mão para ajudá-lo a levantar. Daniel aceitou e se ergueu devagar, sem a força e vitalidade habituais. Sabia que a morte não chegaria assim, mas aquele incidente havia sido um aviso: quanto maior fosse a resistência dele, mais dolorosa seria a sua partida. Ele teria que se render e deixar levar.

— O que aconteceu? — quis saber Elizabeth, com uma expressão de angústia. Alessia e Kent se entreolharam: tinham certeza de que estava acontecendo algo muito errado com Daniel.

— Estou bem. Não foi nada — respondeu, tendo já recuperado o seu autocontrole habitual.

— Algo aconteceu... — afirmou Alessia.

— Está na hora, Daniel — aconselhou Dib baixinho, se referindo à necessidade de Daniel contar que havia trocado a sua vida pela de Elizabeth, e estava se aproximando a hora da sua morte.

— Esta noite, quando Uchoa e Seth chegarem, temos que conversar — anunciou Daniel. — Agora preciso falar com Besson. Entretanto, Elizabeth, conte-lhes o seu sonho com a laranja.

Apesar de Alessia perceber que se tratava de algo grave porque os guardiões não adoeciam, não conseguiu evitar um pensamento egoísta: o fato de Daniel querer falar com eles significava que teria que cancelar o jantar com Oliver. Puniu-se pelo pensamento, percebendo que os seus desejos humanos estavam levando a melhor sobre os seus deveres.

Miguel já estava no escritório da ONG. Sabia que Geneviève chegava às sete e meia. Ela dizia que era o horário em que conseguia resolver mais problemas porque o silêncio lhe permitia pensar melhor. Mas, nessa manhã, quando chegou, Miguel já estava na sala de reuniões tomando um café e lendo o *Le Monde*, que comprava diariamente.

Cumprimentaram-se, trocaram algumas ideias sobre os projetos que estavam sendo desenvolvidos e, por fim, Geneviève levou-o ao cofre do seu gabinete, onde guardara o objeto que Miguel queria ver. Colocou a caixa sobre a mesa, em frente de Miguel, antes de sair da sala para lhe dar privacidade. Miguel abriu a tampa e viu a laranja coberta por papel de seda. O seu brilho era quase visível sob o papel. Ergueu a mão e começou a levantar a ponta do papel, para revelar a laranja em todo o seu esplendor. O telefone tocou e ele hesitou entre ver totalmente a laranja e atender a chamada. Parecia cedo para alguém ligar e deduziu que devia ser importante ou urgente. Soltou o papel e tirou o celular do bolso do casaco para ver quem era. Atendeu ao perceber que se tratava de Daniel.

— Besson, não toque na laranja — afirmou, com urgência na voz, sem sequer o cumprimentar. Miguel sentiu o corpo endurecer como se estivesse sendo puxado por várias cordas invisíveis, todas em direções opostas.

— Tarde demais — respondeu, sabendo que o aviso de Daniel não prenunciava nada de bom.

— Você tocou nela?

— Quase. Abri a caixa, mas está embrulhada em papel de seda.

— Feche a caixa e tranque-a no cofre. — Miguel obedeceu de imediato. Daniel não era dado àqueles comportamentos impetuosos e irracionais.

— Fechei. Agora vai me explicar o que está acontecendo?

— Elizabeth sonhou com a laranja: quando alguém olha ou toca nela, a sua alma é revelada e os seus sentimentos são absorvidos.

Miguel já ouvira falar de objetos assim: eram conhecidos como Destruidores de Almas, mas nunca tinha visto nenhum. Explicou a Daniel que eram objetos mágicos muito raros, com uma força cumulativa, por isso, quanto mais antigos fossem mais poderosos se tornavam. Miguel achava que se tratava de uma lenda, como tantas outras sobre artefatos mágicos, mas agora percebia que estavam lidando com um desses magníficos objetos. Era o primeiro que encontrava em mais de sete séculos e isso mostrava bem a sua raridade.

— O problema é que não sei como controlá-lo — afirmou Miguel.

— E como funciona? — perguntou Daniel, querendo confirmar as informações de Elizabeth.

— Quem controla o objeto, vê a alma daqueles que entram em contato com ele. E consta que faz com que o objeto absorva os sentimentos positivos, a essência da pessoa.

— Isso significa que quem ofereceu o artefato a Jean Luc tinha o objetivo de conhecer a sua alma e transformá-lo em alguém maligno — sintetizou Daniel.

— Parece que o papel de Jean Luc é maior do que imaginamos — comentou Miguel.

— Uchoa e Seth voltam hoje. Precisamos nos reorganizar. Tem planos para esta noite?

— Nada importante — respondeu Miguel, lembrando que teria que desmarcar o encontro com Lucrezia. Ela não ia gostar e embora a ele também lhe desagradasse não vê-la, naquele momento estar ao lado da Ordem era mais importante. E também de Elizabeth. Qualquer oportunidade para vê-la era mais do que bem-vinda.

— Venha jantar. Às sete — convidou Daniel.

21. A revelação

*Quanto mais importante é uma coisa, tanto mais parece que a
queremos calar.*

Marguerite Yourcenar (1903-1987)

Dib observava Daniel, silencioso, sentado num dos confortáveis sofás do escritório, que servia simultaneamente de biblioteca e sala de leitura. Disse:

— Ela está apaixonada por você.

— Há quanto tempo sabe? — perguntou Daniel vagaroso, erguendo os olhos do livro que lia.

— Descobri quando ela jantou a primeira vez com Besson — Daniel olhou-o admirado. Não imaginava que Dib soubesse daquilo há tanto tempo e nunca tivesse comentado nada. Lembrou-se de que, naquela época, sentira que Dib estava escondendo algo.

— Era isso que sabia e não queria me contar?

— Não era um segredo meu — defendeu-se Dib. — E você, há quanto tempo sabe?

— Primeiro pensei que ela estava apaixonada por Besson, mas fui percebendo que a ligação dela era comigo — fez uma breve pausa,

medindo bem as palavras. — Quando criança ela já tinha um apego... inexplicável por mim.

— Por isso é que você se afastou dela?

— Sim. Arturo dizia que ela só queria que eu a amasse — confessou.

— O encontro de vocês era inevitável. Há algo que precisam resolver — comentou Dib sabiamente. Daniel sabia do que ele falava: fugira de Elizabeth, mas agora não podia continuar ignorando o que estava acontecendo entre eles. Em breve morreria. — Você trocou a sua vida pela dela. Na altura não compreendi as razões para tamanho sacrifício, mas agora vejo que deve amá-la muito.

— Não sei como aconteceu — confessou, aliviado por tirar aquilo de dentro do peito. — Imagino que a sua opinião a meu respeito tenha mudado.

— Não. O conhecimento máximo de um Supremo traz novos desafios e caminhos. Arturo também passou por isso e fez uma opção. Talvez o fim de todos nós seja o amor.

— Não creio — afirmou Daniel. — Causa demasiada dor.

— Não é o amor que provoca dor, é a sua luta contra o amor. Todas as resistências que temos geram sofrimento, é tudo o que não aceitamos que causa mágoa.

— Eu sei, mas não posso aceitar. Além de ser uma transgressão, sou responsável por ela. E tenho que lutar contra este sentimento — disse, com uma expressão dolorida no rosto. — Luto diariamente contra isto e não vejo fim ou solução. Estou vivendo o meu inferno.

— Sabemos que o inferno é aqui. Na nossa cabeça, no nosso corpo. Ceda. Resolva isto com ela antes que seja tarde demais — aconselhou Dib, emocionado por nunca ter visto o amigo tão perturbado, mesmo nos momentos mais difíceis que haviam passado.

— Não sei — respondeu, deixando visível o esforço que fazia para conviver com o que sentia por Elizabeth. Sabia que Dib guardaria o seu segredo, mas de alguma forma tornara-o seu cúmplice, sem querer. Cúmplice do seu pecado.

— Daniel, ela pode ter sentimentos por Besson, mas é a você que ela ama. Profundamente.

— Eu sei, mas isso não simplifica nada. Pelo contrário, só complica.

— Estou aqui — afirmou pousando a mão sobre o braço dele, para mostrar que a confissão não afetara a sua relação com ele. Daniel era e continuava sendo o seu melhor amigo, e ele iria ajudá-lo, mesmo que isso significasse quebrar os códigos da Ordem.

Miguel leu a notícia na internet e viu a fotografia de Jean Luc. Apesar dos óculos escuros e da figura reta, era óbvio que estava consumido pela dor. Parecia que dentro dele não havia nada mais além do vazio. Um vazio capaz de destruí-lo.

Miguel se identificou com ele e, de repente, reconheceu um padrão nos acontecimentos similares que os afetaram, ainda que em épocas diferentes. Começou a pensar nas analogias e percebeu que ambos perderam a mulher e o filho por nascer, apesar de Sarah ainda estar entre a vida e a morte. Miguel sentiu um frio na coluna vertebral como se um metal gelado subisse pelas suas costas. E apesar de viver num mundo de coisas aparentemente impossíveis, teve um pensamento que lhe pareceu excessivo. Mas o pensamento continuou martelando a sua mente como um insistente batuque africano, fazendo a sua cabeça latejar do lado esquerdo. E ele soube que, definitivamente, havia um padrão entre a sua vida e a de Jean Luc.

Andou pelo luxuoso apartamento e, por fim, foi para a varanda, tentando se acalmar para pensar melhor. Sentiu o vento gelado do inverno batendo no seu rosto. Observou a Avenida Champs-Élysées e seguiu-a até o fim, fazendo um percurso mental, até bater com os olhos no Arco do Triunfo. Durante alguns segundos apreciou o Arco inaugurado em 1836, para comemorar as vitórias napoleônicas. Respirou fundo. Não compreendia a ligação que tinha com Jean Luc, mas os acontecimentos uniam-nos. Tentou descobrir o que podia haver por trás daquele padrão e decidiu consultar Daniel naquela noite, depois do jantar. Daniel conseguia ver além da superfície, com uma clareza que mais nenhum dos guardiões possuía.

Lembrou-se de que precisava falar com Lucrezia.

— Não esperava que telefonasse — disse sedutora. — São saudades?

— Esta é a boa notícia: quero estar com você — respondeu rindo, fazendo-a esquecer momentaneamente os seus planos, inclusive o fato de Sarah continuar viva, algo que jamais acontecera porque a Lança nunca falhara nos seus propósitos.

— Que bom. Estou ansiosa para vê-lo — respondeu. — Mas se me deu a boa notícia, significa que existe uma má notícia.

— Infelizmente, sim — Miguel falou baixo, parecendo aborrecido.

— O que é? — perguntou solidária.

— Embora queira passar a noite com você, vamos ter que adiar para amanhã. Surgiu um imprevisto — Lucrezia acalmou ao ouvi-lo confessar que queria estar com ela.

— Que imprevisto é esse, mais importante que eu? — quis saber, com a voz mimada.

— Não é mais importante que você, mas preciso ajudar um amigo — respondeu econômico, mas firme.

— E não podemos nos encontrar mais tarde? — insistiu ela.

— Não quero marcar nada porque se as coisas se prolongarem vamos ficar frustrados, mais uma vez — a resposta indicava que ele queria mesmo encontrar-se com ela.

— Então fica para amanhã, às nove. Pode ser? — sugeriu, controlando o desejo de vê-lo e, principalmente, a curiosidade sobre o envolvimento dele na investigação dos assassinatos e a identidade da mulher de cabelo curto, que o acompanhava na gruta. Além disso, um novo acontecimento colocara Miguel no centro dos seus planos: achava que a mulher que tinha a Laranja Dourada possuía uma ligação com ele. Era capaz de jurar que Miguel quase tocara na laranja, mas não conseguiu ter certeza porque tudo foi muito rápido, e a laranja estivera sempre na caixa. Lucrezia começou a questionar se a presença de Miguel na sua vida teria uma importância que ia além da tórrida relação que mantinham.

— Depois de amanhã, às nove — corrigiu Miguel, sabendo que não poderia adiar de novo o encontro com ela. Ela não gostou da nova data sugerida por Miguel, mas não retorquiu.

Após o jantar, com Uchoa e Seth descansados da viagem, quando Daniel se preparara para revelar a sua morte iminente, Miguel começou a falar, visivelmente incomodado. Tinha passado as últimas horas com a mente em polvorosa e iniciou o seu discurso esforçando-se por dar uma ordem lógica aos pensamentos:

— Durante o período da revolução francesa eu estava casado com Adèle e íamos ter um filho, mas ela foi executada na guilhotina, como sabem.

Todos ficaram em silêncio, surpresos por Miguel abordar um assunto que era um tabu para ele. Elizabeth era a mais surpreendida

por estar escutando a história pela primeira vez, mas depressa entendeu que Adéle era alguém que ele amara muito.

— Naquela época eu era feliz e tentei me reaproximar de Arturo e da Ordem, mas ele nunca me respondeu — disse, com alguma mágoa.

Nesse momento Daniel vislumbrou uma oportunidade para contar a verdade. Planejara fazer várias revelações, e aquela, apesar de não estar nos seus planos, seria mais uma. Não lhe restava tempo para fazer as coisas como gostaria, por isso tinha que tirar o melhor proveito das situações.

— Arturo não respondeu porque queria surpreendê-lo. Nós fomos visitá-lo em Paris.

— Foram? — perguntou Miguel, sem entender como não sentira a presença deles.

— Sim, mas chegamos demasiado tarde. Adéle já havia sido executada. Procuramos por você, mas parecia que a terra o tinha tragado. Passadas algumas semanas voltamos para Londres porque Paris se tornara perigosa demais.

— Eu sei como estava Paris — reconheceu Miguel, lembrando-se bem daquela época da sua vida e deduzindo que não percebera a presença deles por estar mergulhado numa dor que o impedia de ver ou sentir outras situações. Se eles tivessem se encontrado talvez Miguel não tivesse orquestrado o banho de sangue que aconteceu após a morte de Adéle. Mas saber que os guardiões o haviam procurado, mesmo tanto tempo depois, lhe deu um ânimo diferente, como se aquele evento pudesse diminuir todas as horas posteriores de solidão. Miguel compreendeu que a raiva que acumulara durante anos tinha origem num mal-entendido.

— Obrigado por ter me contado — agradeceu, percebendo que passara anos equivocado, pensando que Arturo havia ignorado o seu

gesto de aproximação. Esforçou-se por voltar ao assunto que queria debater. — Quando perdi Adéle e o meu filho achei que ia enlouquecer. Foi tudo tão inesperado e desprovido de lógica que só recentemente comecei a aceitar. E hoje percebi que o tipo de evento que aconteceu comigo está se repetindo.

— Como? — perguntou Daniel, atento às palavras de Miguel. Era óbvio que ele jamaisalaria de Adéle se o assunto não fosse muito importante.

— Jean Luc perdeu a mulher e o filho. Ela não está morta, mas as probabilidades de sobrevivência são quase nulas. Acho que podemos dizer que ela foi assassinada, grávida, poucas semanas depois do casamento.

— Não compreendo a ligação — comentou Dib.

— Eu só tinha Adéle e o meu filho, e a morte dela atirou-me para um desespero... sem fim. O mesmo aconteceu com Jean Luc: depois da morte dos pais só lhe restava Sarah e o filho. Quando vi a sua fotografia no jornal compreendi que ele estava se sentindo como eu, quando perdi Adéle. Percebi que ele estava a ponto de fazer algo terrível. E tive uma ideia, que no início parecia absurda, mas quanto mais penso nela, mais lógica se torna: acho que essas perdas brutais têm o objetivo de nos levar a cometer atos extremos e violentos. Há um padrão: isolamento, redenção pelo amor, e perda brutal de quem se ama. Trata-se de um percurso, com base na dor, que leva à destruição.

Os eventos analisados sob aquele prisma apontavam realmente para a existência de um padrão. Mas isso também significava que Besson fora manipulado por forças similares às que agora manipulavam Jean Luc, tornando-o capaz de reconhecer as semelhanças entre ambos.

— Parece haver um padrão — reconheceu Daniel pensativo, unindo todos os pontos.

— Há outro exemplo que confirma este padrão: para Hitler também foi construído um caminho. É óbvio que ele já tinha uma predisposição natural para a crueldade, mas após a morte da mãe, ele ficou sozinho até se concentrar na política — disse Miguel, como se o seu pensamento fosse mais rápido do que a sua capacidade de verbalizá-lo.

— Ele tinha Eva Braun — lembrou Seth.

— Mas a sua verdadeira paixão foi a sobrinha, Geli Raubal, muito antes de Eva. Geli, supostamente grávida, matou-se aos vinte e três anos com a pistola de Hitler, embora haja suspeitas sobre a participação dele no suicídio, porque ela teria se apaixonado pelo motorista. Mas essa é, claramente, uma história mal contada — defendeu Miguel, antes de continuar. — Eva Braun, com quem Hitler se casou no final da guerra, também tentou suicidar-se várias vezes. Sem falar em outras amantes dele... — Miguel sintetizava as suas memórias com rapidez, perante a audiência atenta. — Hitler estava destinado a ficar só. E o que aconteceu com as suas amantes foi uma espécie de imperativo, para obrigá-lo a aceitar a sua missão de líder. É como a Elizabeth disse sobre a Profecia: os acontecimentos encaixam-se e têm uma energia própria que os torna inevitáveis — afirmou, lembrando-se da forma como se sentira compelido a agir depois da morte de Adéle.

— Hitler podia ter sido o Anunciado e alguns de nós até acharam que a profecia se cumpriu — disse Dib, antes de verbalizar o que todos pensavam: — De acordo com a lógica de Besson, tudo o que está acontecendo é para transformar Jean Luc no Anunciado.

— Os pais dele tinham o Cálice e foram assassinados ritualisticamente; a mulher foi atacada e o filho, morto; foram-lhe

oferecidos dois objetos mágicos: o punhal e a Laranja — resumiu Daniel, antes de acrescentar, cuidadoso: — Sim, parece cada vez mais viável que Jean Luc esteja sendo preparado para se tornar o Anunciado, mas não creio que ele saiba disso.

— Isso quer dizer que Miguel também podia ter sido o Anunciado? — perguntou Dib, depois de avaliar as implicações daquele padrão.

Miguel o encarou, com os olhos translúcidos, parecendo tomar verdadeira consciência do seu destino, naquele momento: podia ter dominado o mundo, mas algo mais forte o impedira de dar aquele passo. Recordou de novo aqueles tempos de trevas:

— Depois de quase ter destruído Paris, percebi que o vazio deixado pela morte de Adèle não podia ser preenchido. Nada me bastava. Eu era insaciável.

Elizabeth podia sentir a tristeza na voz de Miguel: a descoberta de que ele quase fora pai e amara tanto uma única mulher tornava alguns de seus comportamentos mais perdoáveis. E sabendo que agora ela era o centro do afeto dele, se sentiu culpada: lamentou não poder amá-lo com a mesma intensidade, por o seu coração pertencer a Daniel. Naquele instante, Miguel lhe pareceu mais intenso e desejável, alguém capaz de qualquer sacrifício por amor.

— Lembra-se do que o fez parar, Besson? — perguntou Daniel, percebendo o quão perto haviam estado de uma batalha incerta, se Miguel tivesse se transformado no Anunciado.

— Não sei muito bem... Sonhei com Gabriel, mas nunca consegui lembrar o sonho. Só sei que acalmei, e dias depois decidi sair de Paris — confessou Miguel.

— Gabriel é o Arcanjo da Esperança, da Revelação. É o mensageiro das boas notícias. Ele traz sabedoria e oferece uma nova direção na vida — comentou Daniel, fazendo todos compreenderem o verdadeiro significado do sonho de Miguel: apesar das muitas

escolhas erradas e das enormes transgressões, Besson continuava sob a proteção divina e, por isso, ele fora impedido de se transformar no Anunciado.

— Não podemos esperar que Gabriel apareça a Jean Luc. A agenda divina é complicada — disse Miguel recorrendo à sua velha ironia. Daniel e Dib não conseguiram evitar um sorriso, ao reconhecer o Miguel habitual, mas agora sabiam que ele era muito melhor do que aparentava, embora oscilasse sempre entre o bem e o mal. O certo é que parecia haver planos divinos reservados para ele.

— Temos que impedi-lo. Alguma ideia, Besson? — perguntou Daniel, sabendo que ele era o único que vivera uma situação similar.

— Neste momento Jean Luc não vai escutar ninguém. Não compreende por que tudo aquilo aconteceu com ele. A sua indiferença com o mundo é total. Ele deseja apenas deixar de sentir dor e desespero. É nesse contexto que a violência oferece a adrenalina necessária para romper com essas emoções — avisou. — Pelo menos comigo foi assim.

— A sobrevivência de Sarah pode ser a chave para impedir que Jean Luc se transforme no Anunciado. De acordo com o percurso de que Besson falou, Jean Luc ainda está na fase das perdas preparatórias para a ascensão. Só a partir da morte de Sarah é que ele vai ser iniciado nos ritos que o transformarão no Anunciado — afirmou Daniel.

— Quem fará os ritos? — perguntou Alessia.

— A assassina das crianças e dos Messie. Ela é responsável pela ascensão do Anunciado, e é com ela que devemos nos preocupar — sintetizou Daniel. — Besson ajudou-nos a compreender a dinâmica da Profecia, mas temos que descobrir a identidade da assassina — reiterou, fazendo uma pausa, pensando na melhor forma de abordar

o tema seguinte. — Entretanto, preciso dividir com vocês uma informação, mas quero que me escutem com muita... tranquilidade.

Daniel percebeu que as suas palavras tiveram impacto imediato, gerando um sentimento de apreensão, o oposto do que ele queria. Todos sabiam que ele não pedia que ficassem tranquilos se não fosse comunicar algo dramático. Daniel continuou falando.

— Quando Elizabeth sofreu o acidente na África do Sul, eu fui resgatá-la às fronteiras da morte e tive que negociar uma troca: a minha vida pela dela.

A sala ficou tão silenciosa que se podia ouvir a respiração pausada e quase suspensa de cada um deles. A notícia não era surpresa para Dib e Miguel, e só Elizabeth não entendera o significado daquela revelação dita de chofre, sem qualquer preparação.

— Não compreendo — disse baixinho, quebrando o silêncio quase com medo.

Foi Dib quem explicou:

— Quando alguém já está nas fronteiras da morte não pode retornar, a não ser que haja uma troca. Para manter o equilíbrio entre a vida e a morte, se alguém voltar dessa fronteira terá que ser oferecida outra vida para substituir a que retornou. O Daniel trocou a vida dele pela sua, quando a resgatou. Era a única forma de mantê-la viva.

Ela sentiu um baque, como se tivesse sido atingida por uma daquelas pancadas violentas que adormece os sentidos e provoca o desmaio. Não conseguia acreditar que Daniel ia morrer, mas era isso que ele estava dizendo. Instantes antes, ao escutar a história de Adéle, Miguel lhe parecia mais profundo, mas agora percebia que Daniel fizera o sacrifício máximo ao salvá-la. E compreendeu que ele cedera ao desejo e queria ficar com ela porque estava se despedindo. Olhou para ele: mantinha a tranquilidade habitual, em

paz com a sua escolha. Mas ela estava arrasada, incapaz de entender ainda a extensão daquela revelação. Tentou manter a calma, receando trair-se e revelar o seu amor por ele, porém, a emoção foi mais forte e as lágrimas correram pelas faces. Queria fazer perguntas, mas não conseguia, porque além de não encontrar palavras também não sabia para onde fugira a voz.

Miguel observava-a com atenção, vendo-a chorar em silêncio: lembrou-se de vê-la, ainda criança, perseguindo Daniel como uma sombra, e percebeu que aquela antiga ligação estava mais forte que nunca, e Elizabeth tinha um profundo afeto por ele. Não imaginava que ela estava perdidamente apaixonada e disposta a qualquer coisa para salvá-lo, inclusive trocar a sua vida pela dele, devolvendo ao destino o seu propósito inicial.

— Precisamos encontrar uma solução — avisou Miguel, seguro de que todos sabiam que a morte de Daniel seria uma perda irreparável que ameaçava o equilíbrio entre o bem e o mal.

— Por que fez isso? — perguntou Elizabeth com um fio de voz, após recuperar as palavras.

— Era a única solução — respondeu Daniel, com simplicidade.

— Podemos trocar novamente. Você é muito mais importante para a Ordem... Para o mundo — argumentou Elizabeth. Daniel avaliou o que ela estava dizendo e anunciou, com firmeza, consciente de que a sua vida sem ela era muito difícil:

— Isso está fora de questão, Elizabeth.

— Por favor, me escute... — pediu ela, mas Daniel olhou-a com autoridade, mostrando que era o líder responsável por todas as decisões, e não desejava ser desafiado.

— Essa discussão está encerrada, Elizabeth. — Ela calou-se, não porque tivesse acatado a decisão dele, mas porque lhe faltavam forças para argumentar.

— O que aconteceu hoje, quando passou mal, já é um reflexo disso? — questionou Alessia.

— É um aviso para eu iniciar o desapego com o corpo e a matéria. Não sei quanto tempo tenho, mas não é muito — revelou Daniel.

— Estamos falando de um dia, um mês, um ano? Estamos falando de quanto tempo? — perguntou Elizabeth, desesperada perante o silêncio triste que dominava a sala.

— Não faço ideia — disse Daniel, sem qualquer demonstração de sofrimento ou mágoa.

— Eu preciso me empenhar mais... Há antigos ritos que permitam que viva — disse Miguel.

— Mas todos exigem um preço, Besson. Você sabe disso.

— Que preço? — perguntou Elizabeth.

— A troca de uma vida por outra. É sempre esse o preço: para Daniel viver, alguém tem que morrer no lugar dele — contou Dib, sem emoção. — Voluntária ou involuntariamente.

— Um sacrifício? — quis saber Elizabeth.

— Se for voluntário será um sacrifício altruísta, se não for, será um assassinato frio — explicou Miguel, sem meias palavras.

— Eu escolhi este destino. E quero que vocês o aceitem — interrompeu Daniel firme, levantando-se do sofá para dar alguns passos pela sala antes de se voltar para todos, que permaneciam sentados. — Infelizmente temos outros problemas além de deter o Anunciado, no pouco tempo que me resta. Preciso de um sucessor: Kent é o próximo na linha de sucessão e alguém precisa ocupar o lugar atual de Kent. A lei determina que seja Alessia. Pensem sobre isto, para voltarmos a falar ainda esta semana.

Ninguém disse nada. Ninguém queria falar ou discutir a sucessão, porque nem sequer haviam assimilado a ideia brutal da perda de Daniel, e estavam mais concentrados em buscar uma solução do que

em aceitar a possibilidade de perdê-lo. Nenhum deles estava disposto a deixar Daniel partir, mas para Elizabeth a ideia de não tê-lo na sua vida era um fardo excessivamente doloroso. Sem ele nada tinha sentido.

Eram seis da manhã. Elizabeth passou a noite em claro, pensando numa forma de salvá-lo. Queria encontrar uma solução nos sonhos, mas o sono não chegou e a possibilidade de perder Daniel a consumia por inteiro. Foi para o escritório, vestindo um roupão de lã sobre o pijama e calçando grossas meias de lã. O frio de janeiro parecia ter-se esgueirado para dentro dela desde que ele anunciara a iminência da sua morte.

A lareira acesa aquecia a sala. Ela caminhou para o sofá posicionado em frente ao fogo e quando ia se sentar viu-o, imóvel, olhando-a fixamente com os olhos tão brilhantes que pareciam de gelo. Ele vestia calças e blusa de algodão cinza e tinha os pés enfiados em confortáveis chinelos de tecido preto e macio. Ela sentou-se sem ruído, próximo dele.

— Abrace-me — pediu baixinho.

Ele ergueu o braço e ela encaixou-se, encostando a cabeça no ombro dele e pousando uma das mãos sobre o seu peito, em cima do coração. O calor dele contagiou o seu corpo, e o frio que ela sentia finalmente cedeu.

— Esteve chorando? — perguntou baixinho, com ternura, ao ver os olhos avermelhados de Elizabeth. Acariciou os seus cabelos curtos e ainda eriçados, no esforço de crescer.

— Sim.

— Não quero que chore. Tem que me deixar partir para que eu possa ir em paz. Aproveite bem a vida, esta vida que é a prova do

meu amor por você — disse com naturalidade como se estivesse falando de uma viagem e não da morte.

— Não sou capaz — respondeu, sentindo as lágrimas voltarem aos olhos.

— Quero que se esforce para ser capaz. É de você que espero mais tranquilidade para me deixar partir — sussurrou junto ao ouvido dela. — Porque é você quem mais amo.

Elizabeth levantou o rosto e tocou a face áspera, ainda não barbeada, tentando gravar todos os detalhes das feições dele. A proximidade da morte tornara-o mais humano, muito menos contido, quase despreocupado com as rígidas exigências da Ordem. Agora ele revelava os seus sentimentos, mas aquele comportamento em vez de deixá-la feliz aumentava a sua angústia porque ela sabia que quanto mais ele se expunha, mais próximo se encontrava da morte. A calma dele já parecia possuir algo de etéreo: ele mostrava um desprendimento próprio de quem está se despedindo do mundo. Elizabeth se aproximou mais dele, beijou-o suavemente, e sentiu as lágrimas saltarem dos seus olhos fechados. Daniel segurou o rosto dela entre as mãos e sorveu algumas lágrimas com um beijo carinhoso.

— Não chore — pediu de novo em voz baixa. — Talvez tivesse que acontecer assim, para nos termos um ao outro.

— Não quero que se vá — murmurou, abraçando-o. Ele sentiu o corpo quente e convidativo junto ao seu e confessou baixinho como se estivesse assoprando um segredo:

— Estou planejando um dia inteiro para ficarmos juntos. Um dia e uma noite...

— Queria que fosse já — disse, convidando-o: — Vamos para o meu quarto.

— Não. Não — respondeu firme, em voz baixa. — Quero tempo para ficarmos juntos sem sobressaltos, sem a possibilidade de sermos interrompidos. Quero ter muito tempo...

Ela tremeu com a promessa que as palavras dele encerravam e teve certeza de que valera a pena esperar tantos anos pelo amor, mesmo quando os amigos zombavam da sua decisão.

— Só quero ficar com você mais um pouco — insistiu, mas ambos sabiam que se ele a acompanhasse, cederiam ao desejo, e isso seria visível para todos, porque a energia de ambos iria se alterar. Ela puxou-o pela mão, mas ele resistiu, recorrendo a todo o seu autocontrole.

— Descanse um pouco — sugeriu, beijando-a suavemente nos lábios e dominando com dificuldade a vontade de conhecer as profundezas do corpo dela, mantendo-se fiel ao plano de amá-la quando não estivessem expostos nem pudessem ser interrompidos, num encontro que seria simultaneamente uma celebração e uma despedida da vida.

Ela olhou-o e soube que ele não a seguiria. Abraçou-o, antes de voltar para o seu quarto, para tentar descansar e aceitar aquela realidade que despedaçara a sua esperança no futuro.

Étienne pedira que Daniel passasse no seu escritório naquela manhã. Ele foi acompanhado de Dib e de Miguel. Tinha certeza de que Étienne queria falar sobre o que acontecera com Sarah e Jean Luc, como já vinha sendo noticiado na mídia. Miguel, perturbado, parecendo não ter descansado o suficiente, encontrou-se com eles na porta da polícia.

— O que aconteceu, Besson? Não dormiu? — perguntou Daniel, avaliando o rosto cansado.

— Não muito — reconheceu, entrando no prédio. E apesar de não explicar as razões, era óbvio que algo o estava corroendo e roubando o seu sono.

Étienne, Shaw e Bardas esperavam por eles no gabinete, analisando várias fotografias com ar circunspecto. Ao vê-los, pareceram dar sinais de alívio. Étienne contou o que acontecera, revelando os detalhes que a mídia ignorava. O estado de Sarah não tinha se alterado: os médicos estabilizaram-na após várias transfusões, mas ela continuava em coma, e não havia explicações para o seu estado debilitado, porque não tinha hemorragia e o golpe não atingira órgãos vitais. Fizeram todos os exames possíveis para avaliar a possibilidade de se tratar de alguma bactéria ou vírus, mas não descobriram nada no organismo dela. Jean Luc estava destruído e só deixara o hospital para tomar banho e trocar de roupa, depois de muita insistência dos pais de Sarah que, entretanto, haviam chegado.

— Como se trata de um caso cheio de crenças e rituais porque há uma louca que acredita que isso lhe dá poder, quero saber o que acham. Se há mais alguma pista que nos tenha escapado... — disse Étienne.

— Jean Luc afirmou que o assassino estava com uma lança — comentou Daniel, com base nas informações dadas por Étienne. — Esse é o mesmo objeto que matou os seus pais.

— Sim, mas as crianças foram mortas com uma faca — lembrou Shaw.

— São rituais com objetivos distintos e, por isso, foram usados objetos diferentes. As crianças fazem parte de um ritual que permite ganho ou aumento de poder, para tornar a pessoa mais forte. A morte dos Messie e a tentativa de assassinar Sarah são um ritual de pacificação, isto é, são mortes destinadas a apaziguar as forças que

foram evocadas — explicou Miguel de forma sintética, justificando as diferenças entre as mortes. E mesmo sem abordar os poderes da Lança do Destino, deixou os investigadores desconfortáveis, pela falta de domínio na área da magia, que consideravam puro delírio e fantasia do assassino.

— Deixe-me ver se entendi: essas forças que ajudam a assassina a se fortalecer têm que ser apaziguadas? Não lhes basta a morte das crianças?

— Não. As crianças são para a assassina se tornar poderosa com a ajuda de certas forças, e os Messie e Sarah são para satisfazer essas forças. Acalmá-las — elucidou Miguel, tentando fazer com que os investigadores compreendessem a complexidade e diferença entre os rituais.

— Todos os rituais de magia negra exigem um preço e o mais alto deles é a vida humana. Quanto mais coisas forem pedidas às forças negras, mais alto é o preço — contou Daniel.

— Então essa pessoa espera o quê? Dominar o mundo? — perguntou Bardas, com ironia.

— Sim, possivelmente — confirmou Dib, com naturalidade, surpreendendo Bardas.

— Mas na magia negra o final é imprevisível. As forças são insaciáveis: querem sempre mais e nunca estão satisfeitas com os sacrifícios. E o que começa com um simples pedido acaba se transformando numa prisão para a vida toda da pessoa que fez os pedidos. Quem entra nesses rituais nunca mais sai, nunca mais consegue se livrar daquilo — declarou Daniel.

— Por isso, há dois tipos de rituais: para ganhar poder ela mata as crianças e se alimenta de parte do seu sangue, e para pacificar as forças que a ajudam ela usa a lança. — concluiu Miguel, esperando ter esclarecido o assunto.

— E sempre que ela achar que precisa se fortalecer ou apaziguar as forças, ela mata. E ingere o sangue das crianças — repetiu Shaw, com o estômago embrulhado.

— É parte do ritual — confirmou Daniel.

— Temos alguma pista sobre o outro lugar onde ela realiza os rituais? — quis saber Étienne.

— Ainda não — respondeu Daniel.

— Alguém voltou à gruta? — questionou Miguel.

— Não — Étienne respondeu. — Apesar de muitas das amostras estarem danificadas, as análises do sangue coletado já revelam o DNA de mais de uma centena de pessoas, ao longo de muitos anos. Trata-se de algo antigo...

— Pode ser um rito passado de uma geração para outra — sugeriu Dib, ignorando ainda a terrífica realidade que se escondia por trás das descobertas da gruta.

— Sarah foi a única sobrevivente até este momento, com certeza por a assassina ter sido interrompida por Jean Luc. Gostaríamos de vê-la. É possível? — perguntou Daniel.

— Sim, mas coloquei-a sob um esquema de segurança para evitar surpresas — justificou-se Étienne. — Vamos aguardar um pouco para ver se melhora.

— Perfeito — concordou Daniel, se despedindo.

22. O herdeiro

Um exército de ovelhas liderado por um leão derrotaria um exército de leões liderado por uma ovelha.

Provérbio árabe

A campainha tocou às onze da manhã. Kent atendeu e minutos depois entrou no escritório para avisar Alessia que Oliver Bassan a aguardava na sala. Ela ficou dividida entre a surpresa, a alegria e a irritação. O arrojo dele não tinha limites.

Oliver parecia ter acabado de sair de um desfile de moda: vestia um irrepreensível terno cinza escuro, camisa azul e uma gravata quase prata, com finíssimas riscas azuis. Estava de pé, com um casaco dobrado sobre o braço esquerdo. Ao vê-la entrar na sala pousou o casaco sobre a cadeira que estava ao seu lado, deu um passo em frente e abraçou-a pela cintura, com uma familiaridade inesperada. Beijou-a na face, próximo dos lábios. Cada dia parecia conquistar mais um pedaço do seu rosto, como se estivesse avançando por um território vasto e desconhecido com a determinação de um cruzado.

Ela se afastou sem dizer nada, criando uma distância que considerou segura, antes que ele resolvesse abraçá-la outra vez.

— Vim vê-la, já que parece difícil voltarmos a jantar.

— Eu disse que surgiu um imprevisto — justificou-se por ter cancelado o jantar.

— Mas eu vim avaliar pessoalmente se existe alguma probabilidade de jantarmos hoje, sem que surja um novo imprevisto — informou, sem dispensar a atitude galante, embora um pouco fria. Ela sorriu: depois de quase beijá-la, Oliver mantinha uma desconcertante distância britânica. Ela gostava daquela oscilação entre a sensualidade e a educação perfeita. O comportamento dele era uma incógnita. Respondeu:

— Sim... Eu gostaria — confessou.

Ele atravessou a distância que os separava, aproximando-se tanto que ela podia sentir o seu hálito fresco de menta.

— Venho buscá-la às sete — informou, beijando-a de novo, e conquistando mais um milímetro, na sua lenta caminhada para os lábios dela. Ela ficou imóvel, sentindo os lábios dele bem perto dos seus, e resistindo ao impulso de virar o rosto para encontrar a boca ardente de Oliver. Tinha consciência que entrara num jogo perigoso: um jogo demasiado envolvente, que ameaçava as regras da sua conduta. Não o acompanhou à porta: manteve-se quieta, ouvindo os passos dele e a porta se fechando. O fato de ele ser um criminoso deixara de ser um obstáculo para se transformar em algo apelativo. Ele estava se tornando mais atraente e irresistível: o seu arrojo e aura mítica de assassino frio contribuía para fazer dele um homem misterioso e imprevisível, fora dos padrões das pessoas normais com quem se cruzava fora do núcleo formado pelos guardiões.

Lucrezia estava dominada por um apetite voraz. Primeiro comeu este mundo e o outro, e depois teve náuseas, como se estivesse atravessando uma tempestade em alto-mar. Os seios, gradualmente mais doloridos e inchados, foram o alarme final. Lembrou-se da pergunta de Miguel sobre a possibilidade de estar grávida e decidiu ir ao laboratório fazer um teste para acabar com as dúvidas. Obviamente devia ser alguma coisa, mas era impossível que fosse uma gravidez, já que ela havia se tornado estéril.

A enfermeira tirou o sangue para o teste e ela esperou o resultado, pensando em Miguel. Além de estar ali por causa dele, o que realmente a incomodava era o que ele poderia saber sobre a participação dela nos assassinatos. Não podia permitir que alguém descobrisse a sua identidade ou ameaçasse os planos, mas se esse alguém fosse Miguel, estava disposta a tentar encontrar uma solução em que não tivesse que matá-lo.

Lucrezia analisou o resultado do teste por alguns segundos, antes de perguntar:

— Qual a possibilidade disto estar errado?

— Nenhuma, senhora — respondeu a atendente, segura.

— Quero repetir — informou, antes de refazer todos os procedimentos.

Quando viu o segundo resultado percebeu que não havia engano, e aquilo lhe pareceu uma peça do destino: estava grávida de Miguel Besson. Ia ter um herdeiro. A notícia, por muito surpreendente que fosse, impactava algumas das suas decisões e exigia uma análise cuidadosa. A sua paixão por Miguel e a resistência em feri-lo adquiriam sustentação com aquela gravidez. Após a surpresa inicial, começou a ver mais vantagens do que desvantagens em estar grávida dele. Aquele fato mudaria a dinâmica da relação: tinha

certeza de que ele não era capaz de abandonar o filho e, também, não a abandonaria durante a gravidez.

A notícia abria possibilidades que podiam inverter as prioridades de Lucrezia. Mas antes, precisava descobrir o paradeiro da Laranja Dourada para recuperá-la: era um objeto raríssimo, com mais de dois mil anos, que lhe permitia ver e controlar qualquer um. Já que Jean Luc o havia doado, Lucrezia pretendia usá-lo em Miguel e, nesse caso, não necessitaria destruí-lo independente do que ele soubesse, porque passaria a controlá-lo.

No devido tempo, após a morte de Sarah, voltaria a se concentrar em Jean Luc, para transformá-lo no Anunciado. E ela tinha certeza de que Sarah morreria, porque ninguém sobrevivera a um golpe da Lança do Destino.

Ele a esperava em frente ao prédio, e assim que a viu surgir na portaria, saiu do carro para abrir a porta, como um cavalheiro cheio de charme e cuidados. Ela hesitou, sem saber se o cumprimentava ou não, recordando a lenta conquista que ele fazia em direção aos seus lábios. Mas ele não ia perder aquela oportunidade: fazia parte do seu treinamento aproveitar as oportunidades quando se deparava com elas. Inclinou-se, no instante em que os cabelos dela roçaram o seu rosto, e beijou-a distante da boca, como se tivesse desistido de todo aquele território conquistado a pulso, milímetro a milímetro. Ela aceitou o beijo passivamente e entrou no carro, desapontada com o recuo dele.

Durante o jantar, Oliver falou dos pais e da irmã perdida, como se contasse uma história antiga, de outra pessoa, sem emoções desnecessárias nem exageros, bem ao estilo inglês em que a contenção moderava os sentimentos. Ela gostou da forma como ele

ia se mostrando, sem pressas, equilibrando o que dizia e o que perguntava.

Ela contou o possível sobre a sua história recente: falou da presença de Elizabeth na sua vida, da morte prematura de Arturo e dos lugares onde vivera. As horas voaram, sem que percebessem como o tempo passara tão rápido. Ele perguntou quando entraram no carro, estacionado a poucos metros do restaurante:

— Posso vê-la amanhã?

— Não podemos continuar com isto — respondeu Alessia.

— O que quer dizer “com isto”?

— Jantar juntos...

— É apenas a segunda vez que jantamos — respondeu Oliver, com tranquilidade.

— Este clima de... flerte — explicou de modo mais esclarecedor.

— Por que não? — riu suavemente, com o seu jeito habitual.

— Eu não posso me envolver com você. Não posso, Oliver — afirmou de novo.

— Mas se pudesse. Hipoteticamente falando. Se pudesse, se envolveria comigo? — ela sentiu o perigo espreitando na voz dele, e em especial na sua resposta, como uma daquelas armadilhas que os antigos caçadores deixavam escondidas no chão e só eram vistas quando era tarde demais. Manteve-se em silêncio pensando naquela possibilidade tão desejável.

— Alessia — chamou-a, pousando a mão sobre o seu braço, formando uma pulseira suave. Ela tremeu e ele não soube se era de frio ou do toque da sua mão. Soltou-a para ligar a chave e o ar-condicionado. Mas insistiu: — Alessia, se pudesse se envolveria comigo?

Ela sacudiu a cabeça, mas ele não estava satisfeito. Queria mais.

— Quero ouvi-la — pediu com a voz mais baixa, aumentando o clima de intimidade. Ela sentiu o corpo mais quente, sem conseguir definir se era provocado pelo ar aquecido ou pelas estranhas sensações que ele estava despertando.

— Sim.

— Sim o quê, Alessia? — questionou sibilando os esses do nome dela.

— Sim, me envolveria — respondeu olhando para ele, tentando estudar a sua reação na obscuridade do carro. Ele sorriu, curvando a boca com prazer.

— Para mim é suficiente saber isso.

— Como pode ser suficiente?

— A paciência é uma das minhas virtudes. Talvez a única que cultivei bem — explicou.

— Não posso lhe dar mais do que o que temos agora — lembrou Alessia, esquecida do passado dele, de assassino de aluguel.

— Eu espero — respondeu com uma confiança desafiadora, deslizando o carro para levá-la para casa. Acompanhou-a à porta do prédio e recomeçou a lenta conquista, beijando-a na esquina da boca, exatamente no lugar onde nasce o sorriso e os lábios se erguem. O perfume dele lhe provocou uma tontura leve, como se a paisagem tivesse se inclinado subitamente. Ele manteve a boca, por segundos, sobre o início dos lábios dela, antes de dizer:

— Não me respondeu... Posso vê-la amanhã?

Ela não se moveu. Queria que aquele momento durasse.

— Alessia?

— Acho que não. Vamos deixar acalmar um pouco essa questão dos assassinatos. — propôs.

— Eu espero — disse ele novamente, se afastando para deixá-la ir. Ficou a vê-la desaparecer pela porta, seguro de que ela estava

tentando fugir das emoções que sentia por ele.

Geneviève Gillot estava no seu gabinete, com a porta aberta. Era o horário do almoço e estava sozinha na ONG. O silêncio era total, nas salas distribuídas em três andares. O térreo tinha uma ampla área social com um espaçoso hall, um moderno anfiteatro para cem pessoas, sala de reunião para vinte pessoas, cozinha bem equipada, seis lavabos e um jardim interno com cadeiras e mesas para eventos especiais. No segundo andar havia uma biblioteca com milhares de volumes, sala de informática e três grandes salas, onde algumas doações eram guardadas temporariamente antes de serem encaminhadas para os dois armazéns de recolhimento noutros pontos pela cidade. O terceiro andar era uma área interna, com quatro lavabos e onze gabinetes distribuídos a partir de um corredor, que funcionava como uma espinha dorsal da arquitetura daquele espaço. No final do corredor situava-se o gabinete de Geneviève, onde estavam os dois cofres com os objetos e documentos mais importantes.

Geneviève olhou pela porta entreaberta do cofre, de onde retirara os documentos que estava lendo, e viu a caixa quadrada e negra que Jean Luc Messie havia doado. Num impulso, retirou-a do cofre e abriu a tampa. Afastou o papel de seda e fixou o olhar na laranja lúzia. Tirou-a da caixa e levantou-a em direção à janela: a metade iluminada pela luz natural que atravessava as vidraças adquiria um brilho mais intenso, capaz de hipnotizar quem a olhasse. Geneviève se aproximou da janela, com a laranja na mão, para vê-la melhor. Quanto mais olhava mais brilhante ela parecia ficar. Estava tão fascinada, admirando o misterioso artefato, que não percebeu que havia passado uma hora, nem viu a sombra que se esgueirou

silenciosamente pela porta do seu gabinete. Quando sentiu o metal frio entrar no peito, com precisão cirúrgica, era tarde demais. Não sentiu dor, apenas um atordoamento lento. A cabeça parecia girar, como se ela estivesse rodopiando, e tudo ficou desfocado. Não queria soltar a laranja, mas o seu corpo dobrou, batendo no chão com um ruído seco, e o objeto rolou até junto dos pés da mulher que a observava friamente. Geneviève olhou para cima, e viu a sua atacante: era uma mulher vestida de preto, com calças justas, enfiadas nas botas rasteiras de cano alto, casaco longo, até o meio da canela, boné cobrindo parcialmente as feições e luvas protegendo as mãos. Ela estava guardando uma lança numa proteção de veludo negra. Geneviève achou que a mulher lembrava um daqueles soldados negros, do regime nazista, que vira apenas em fotografias da Segunda Guerra. Queria compreender o que estava acontecendo, mas não conseguia: os seus pensamentos estavam enevoados. Não sentiu medo, nem ansiedade, apenas uma paz gradual que foi se apoderando dela enquanto o corpo amolecia.

Lucrezia viu a alma se desprendendo do corpo de Geneviève. Cerrou os maxilares com irritação ao ver a alma se elevando apesar de ela ter usado o Destruidor de Almas para dominá-la e a Lança para drenar o sangue. Porém Geneviève dedicara generosamente a vida aos outros e Lucrezia não conseguiu aprisionar a sua alma abnegada.

Lucrezia observou a alma se transformando num ponto brilhante antes de desaparecer e pensou que os acontecimentos estavam fugindo do seu controle: Jean Luc não se rendera aos encantos do Destruidor de Almas, Sarah não morrera, a gruta fora descoberta, acabara de perder Geneviève e, como se nada disso bastasse, apaixonara-se e estava grávida do enigmático Miguel Besson, que pertencia ao grupo de policiais que a estavam perseguindo.

Deixou escapar um suspiro de irritação e baixou-se para recuperar a laranja e devolvê-la à caixa negra. Olhou uma última vez para Geneviève caída no chão, debaixo da janela, com as mãos ao longo do corpo e uma serenidade teimosa no rosto. Não a posicionou como fazia sempre: não tinha sentido posicioná-la ritualmente se aquela alma não lhe pertencia. Ao sair da sala o seu olhar captou, de relance, uma fotografia na estante: voltou atrás e pegou a moldura prateada com a mão enluvada. Geneviève estava com um grupo de pessoas e, ao seu lado, estava Miguel Besson. Nunca vira uma fotografia dele e agora encontrara uma justamente na sala de Geneviève, onde estava a Laranja Dourada. Confirmou o seu pressentimento de que Miguel vira a laranja. Ele estava envolvido em vários aspectos da sua vida: era seu amante, pai do seu filho, estivera na gruta com a polícia e estava ligado à mulher que tinha o Destruidor de Almas. Eram coincidências demais para que pudesse ignorar.

— De Payens, preciso falar com você — Miguel entrou no escritório e ocupou a cadeira ao lado dele, em volta da pequena mesa redonda de madeira sólida, onde Daniel fazia algumas anotações. Dib estava no sofá, não muito distante. Transformara-se na sombra de Daniel, além de fiel confidente do seu amor por Elizabeth.

Daniel ergueu os olhos do caderno para observá-lo. Não gostava daquelas palavras. Ninguém diz que precisa falar com outra pessoa sem que aquilo seja um passo preparatório para anunciar algo grave ou desagradável.

— Não sei se quero ouvir, Besson — respondeu, ligeiramente jocoso.

— Tenho certeza de que não quer, mas peço que me escute — disse, imprimindo um tom sério à conversa. — Há uma forma de adiar a sua morte. O Punhal das Almas permite absorver uma alma e prolongar a sua vida até descobrirmos uma solução definitiva.

— Todas as soluções implicam na perda de uma vida para manter o equilíbrio. Inclusive o punhal: para prolongar a minha vida alguém tem que morrer. Não quero isso.

— De Payens, a sua teimosia é irritante. Você vai morrer por um princípio estúpido.

— É um princípio no qual acredito, Besson. Não quero tomar a vida de ninguém.

— A sua vida vale mais do que a vida de qualquer outra pessoa... — defendeu Miguel.

Dib assistia à conversa passivamente, mas ao ouvir a última frase de Miguel, concordou:

— Besson tem razão.

— Todas as vidas são igualmente importantes — discordou dos dois.

Miguel estava frustrado, sem conseguir convencer Daniel, e assentou um murro na mesa, com o punho fechado. Após um segundo, a mesa cedeu, abrindo uma rachadura que a dividiu ao meio. Parecia uma daquelas aberturas no chão provocadas por um tremor de terra, uma fúria vinda das profundezas, como a ira de Miguel. Daniel e Dib entreolharam-se. A ira de Miguel não abrandara, mas ele parecia surpreso por ter quebrado a mesa. Achou que a pancada não tinha sido forte o suficiente para fazer um estrago daqueles, mas enganara-se.

— Era do século XIV — informou Daniel, segurando o caderno e levantando-se para afastar as quatro cadeiras que estavam em volta, antes que a mesa cedesse de vez. Sentou-se ao lado de Dib. Miguel

seguiu-o, usando uma poltrona próxima. A mesa desabou com estrondo.

— Desculpe — disse Miguel entredentes, justificando-se: — Ando com pouca paciência.

— Mas isso não tem a ver comigo — afirmou Daniel, lembrando que ele não andava dormindo bem e já havia dado sinais de cansaço e irritação.

— Não — reconheceu, fazendo uma pausa enquanto pensava no verdadeiro motivo da sua perturbação. Desde que percebera a existência de um padrão entre ele e Jean Luc, dedicara-se a analisar as estranhas coincidências da sua vida. — Ao longo dos anos, tenho estado associado ou próximo de eventos terríveis. Isso quer dizer que, neste momento, existe a possibilidade de eu estar próximo do responsável por tudo isto — explicou, reconhecendo que aquele era um traço inevitável do seu destino.

Daniel e Dib continuaram olhando para ele, respeitando os seus silêncios e o ritmo da sua narrativa. Era visível que Miguel desenvolvera uma teoria que o ligava à assassina das crianças. Durante as últimas vinte e quatro horas, lutara com uma ideia terrível, que pusera as suas emoções em ebulição. Mas aos poucos a ideia consolidou-se e ganhou credibilidade, exatamente como acontecera com a sua teoria sobre a existência de um padrão.

— Estive pensando e talvez... eu conheça a responsável por tudo isto. Esta noite saberei se estou correto, quando me encontrar com ela — confessou, após uma breve hesitação.

— Não é um plano inteligente — rejeitou Dib.

— acredite: é o melhor dos planos — anunciou Miguel.

— Só se estiver envolvido com ela... — deduziu Daniel devagar, perscrutando-o.

— Estou.

Ficaram em silêncio por algum tempo: Daniel e Dib digerindo a informação, e Miguel pensando que não havia alternativa senão enfiar-se na boca do lobo.

— E Elizabeth? — perguntou Daniel, querendo entender como Miguel se envolvera com outra pessoa. — O que você sente por Elizabeth?

— Elizabeth é uma categoria à parte. Houve Adéle e há Elizabeth. As outras mulheres são apenas momentos de prazer, de descompressão — informou, com um acento cínico, que Daniel ignorou por saber que era uma forma de Miguel lidar com certas situações.

— Esteve com ela depois da gruta ter sido descoberta? — perguntou Dib.

— Não.

— Ela deve saber da sua colaboração com a polícia. É quase certo que nos viu — disse Dib.

— Já pensei nessa possibilidade. Depois do episódio da gruta, ela convidou-me para ir à sua casa. Na altura nem sequer tinha pensado sobre a hipótese do envolvimento dela, mas rejeitei o convite. Acho que os meus instintos me alertaram, mesmo antes de eu racionalizar.

Daniel baixou a cabeça, pensativo, avaliando o assunto.

— As suas suspeitas se baseiam apenas na sua proximidade de eventos ruins? — perguntou.

— Não. Desde o início ela me incomoda, embora nunca tenha visto nada de concreto. Talvez num momento ou outro... — hesitou, revendo mentalmente o que o incomodara. — eu tivesse a impressão de que havia uma escuridão em seus olhos. Mas era tão rápido que fiquei sempre na dúvida se não teria sido algum truque da minha imaginação.

— Por que se envolveu com ela? — inquiriu Daniel.

— É a melhor amante que tive — confessou, sabendo que eles não o julgariam.

— Mas não sabia disso antes de se envolver com ela — insistiu Daniel.

— Ela tem uma beleza exótica, que me atraiu. Algo... animal.

— Isso foi suficiente? — perguntou Daniel.

— No momento em que a conheci eu estava precisando de... — procurou a palavra correta. — um escape. Ela surgiu na hora certa, no lugar certo.

— Mas enquanto não soubermos quem ela é realmente, você corre perigo — avisou Daniel. — Não acho que deva se encontrar com ela.

— Neste momento, sou o melhor posicionado para descobrir a verdade — defendeu Miguel. — Vou vê-la no hotel, onde nos conhecem. Acha mesmo que ela faria algo contra mim lá?

— Depende! Não sabemos quem ela é. Sabemos apenas que não é totalmente humana — lembrou Daniel, olhando-o com atenção. — Por isso os técnicos do laboratório acharam que as amostras do sangue dela estavam contaminadas, antes de se deteriorarem sem que ninguém soubesse como.

— Acha que ela pode ser como nós? — perguntou Miguel, após um breve silêncio, se questionando como aquilo era possível. — Eu teria sabido.

— Não como nós. Mas algo próximo de nós — retificou Daniel, que se debruçara sobre o assunto. — E tantas mortes devem ter-lhe dado um poder descomunal. Além disso, ela já tem o Cálice e não sabemos que rituais pode ter realizado.

— Também tem a Lança do Destino. E se ela o ferir com a Lança... — avisou Dib. — Viu o que aconteceu com Sarah?

— Eu sei. Apesar de ser quem sou, um ferimento da Lança terá um desfecho incerto. Mas temos que descobrir a identidade dela — reforçou Miguel, quando foi interrompido por um telefonema informando-o sobre a morte de Geneviève Gillot. A notícia foi um choque. Levou alguns minutos para assimilar a informação, antes de pedir que Dib e Daniel o acompanhassem à Irmandade da Fênix.

Havia policiais por todo o lado, e quando Étienne os viu surgir no hall de entrada, perguntou, confuso:

— Alguém da polícia avisou vocês?

— Não. Sou Presidente desta ONG e Georges ligou-me — afirmou Miguel, apontando para uma das seis pessoas que formavam um grupo discreto num dos cantos do hall.

Étienne observou Miguel, sem responder, com o pensamento ocupado em entender como aquela morte se encaixava no amplo cenário dos assassinatos.

Quando um dos seus investigadores lhe telefonou, uma hora antes, avisando que a morte de uma mulher chamada Geneviève Gillot tinha certas semelhanças com o caso dos Messie, Étienne arrepiou-se e decidiu ir ao local do crime investigar pessoalmente. Ainda tinha esperança que fosse um novo caso, sem nenhuma ligação com os Messie e os Anjos Caídos.

— A perícia está colhendo evidências. Subimos quando terminarem — informou Étienne.

Miguel acenou com a cabeça, se dirigindo ao pequeno grupo de funcionários. Eles se esforçavam por aparentar serenidade, mas os seus gestos denotavam nervosismo e muita tristeza. George assumira a liderança. Tinha sido o braço direito de Geneviève e apesar de parecer o mais tranquilo, na realidade era o mais

perturbado. Tinha cinquenta anos e mantinha uma discreta relação amorosa com Geneviève havia uma década.

Foi Clarice, a secretária, quem encontrou Geneviève ao voltar do almoço, quando levou a salada que ela pedira. Assim que viu Geneviève no chão, começou a gritar por Georges. Ele entrou no gabinete e percebeu que algo terrível acontecera: aproximou-se e tentou sentir o pulso, mas ela já estava morta.

A polícia começou a gravar os depoimentos na sala de reunião, e ninguém fazia ideia sobre os motivos para assassinar Geneviève, uma pessoa generosa, dedicada a ajudar os outros. Especularam que talvez fosse roubo, porque parecia ser a hipótese mais plausível.

Quando os peritos liberaram o local do crime, Étienne subiu, acompanhado de Miguel, Dib e Daniel, para verem Geneviève antes que o seu corpo fosse levado.

O gabinete não apresentava vestígios de desordem ou violência. Geneviève estava deitada no chão, como se dormisse: um pouco de lado com os braços abandonados e a ferida vermelha ligeiramente exposta na parte lateral do corpo que ficara voltada para cima. Miguel ajoelhou-se ao lado dela e observou:

— Estava serena. Não sofreu.

— Nem resistiu. Não há sinais de luta. Foi muito rápido — reforçou Daniel.

— A posição não tem nada a ver com os outros casos — comentou Étienne, baixando-se para analisar o ferimento. — Mas o legista tem razão: o ferimento é igual ao dos Messie.

Étienne levantou o braço da vítima, que ocultava parcialmente a ferida, antes de afirmar:

— Também não há sangue, exceto estas gotas, similares às que foram encontradas junto dos Messie e de Sarah. Mas esta nova

posição pode significar que os rituais acabaram? — perguntou Étienne, olhando para Daniel, que estava ajoelhado ao seu lado.

— Não creio — respondeu Daniel. — A ausência de pose do corpo talvez indique que a assassina foi interrompida ou não conseguiu o que pretendia com a morte de Geneviève.

— A morte dela pode estar associada ao roubo de algum objeto, como aconteceu com os Messie e Sarah, independente dos rituais... — afirmou Étienne, lembrando que o assassino levava o medalhão de Sarah. — Sabe se falta alguma coisa, Besson?

Miguel aproximou-se do cofre aberto e ao confirmar a ausência da caixa com a Laranja Dourada trocou um olhar de cumplicidade com Daniel. Depois passeou os olhos pela sala e abriu as gavetas da mesa de Geneviève.

— Não lembro se falta algo. É melhor Georges avaliar para ver se está tudo aqui. — mentiu Miguel, falando com a sua segurança habitual.

— Se não roubaram nada por que a mataram? — perguntou Étienne, como se falasse sozinho.

— Não sei... — respondeu Daniel, pensando que seria bom arranjar uma explicação, ainda que simplista, para a morte de Geneviève, já que, embora tivesse sido perpetrada pela mesma assassina, não se coadunava com o esquema ritualístico habitual. Apesar de não saberem ainda por que Geneviève não estava posicionada como as outras vítimas, não podiam explicar a Étienne que ela fora assassinada por causa de uma laranja de ouro, um objeto mágico capaz de permitir a manipulação da alma, e que havia sido oferecido originalmente a Jean Luc. Tratava-se de uma quantidade absurda de informação, que estava associada ao papel de Jean Luc na profecia Tibetana, e só iria complicar ainda mais o caso com questões sobrenaturais.

— Geneviève gostava muito desta fotografia — comentou Miguel se aproximando da estante onde estava uma moldura com a fotografia de Geneviève, Besson e um grupo de voluntários. A moldura deitada era o único elemento dissonante na estante arrumada. Miguel se reviu e reparou que Geneviève parecia mais jovem do que ele na fotografia e agora, ali deitada, estava mais velha.

— Você não envelheceu nada — comentou Étienne, espantado. Miguel apertou os lábios pensando no seu descuido, por ter permitido que a fotografia ficasse ali, e pensando, também, que havia ultrapassado o tempo de participar pessoalmente na ONG.

— Os anos foram bons para mim — respondeu. Ao lado direito de Geneviève, Miguel viu a razão do apreço dela pela fotografia: Georges, na semana em que eles se conheceram e apaixonaram. Mas agora que ela se fora, Miguel tinha que dar um jeito de sumir com a fotografia, antes que se transformasse num problema.

— Se ela gostava tanto da fotografia, como diz, por que é que estava virada para baixo? — questionou Étienne.

— Pode não significar nada — respondeu Miguel, arrependido por ter chamado a atenção para aquele detalhe.

— Quem são? — perguntou Étienne, apontando para as pessoas da foto.

Miguel disse os nomes. Tinha quase certeza de que a assassina tinha visto a fotografia e deitara a moldura na estante, talvez num gesto de provocação. Se fosse mesmo Lucrezia Zani, como ele supunha, então ela já sabia da sua ligação com Geneviève, e já percebera que ele se mantinha jovem. E Miguel não sabia o que ela podia deduzir sobre a sua juventude.

— Precisamos encontrar esta assassina — suspirou Étienne, desesperado com o acúmulo de casos por solucionar. — Vamos

visitar a Sarah amanhã, às nove, no hospital? — perguntou, despedindo-se com o rosto marcado por uma expressão de preocupação crescente.

— Sim — concordou Daniel, que estava esperando que Étienne autorizasse aquela visita.

Quando os três voltaram ao apartamento encontraram Seth, Uchoa, Elizabeth, Kent e Alessia na sala, em frente à televisão, acompanhando a notícia sobre a morte de Geneviève Gillot, seguida de uma breve entrevista com Étienne Bergès.

— É uma mulher morena, de cabelo negro, comprido. Muito bonita — a frase de Elizabeth teve um efeito paralisante, fazendo todos se aquietarem.

— É ela — confirmou Miguel em voz baixa, para Daniel. — Lucrezia Zani.

— É a mesma mulher que fará o Anunciado ascender. Alimenta-se de morte e de sexo. — Elizabeth falava como se de repente tudo o que silenciara por semanas saísse de supetão.

— Como sabe? — perguntou Daniel, espantado com todas aquelas informações abruptas.

— A minha mãe me ajudou a ver — explicou, antes de acrescentar: — Os seus olhos são negros e profundos.

— Que mais? — perguntou Daniel, consciente de que se Angelina se revelara de forma tão clara, era porque estavam perante uma situação extrema. Algo tremendo.

— Ela matou Geneviève para levar a laranja, mas não conseguiu ficar com a sua alma — informou Elizabeth.

— Está explicado por que ela não posicionou o corpo de Geneviève como os outros, cruzando as mãos sobre o peito — disse

Dib, entendendo finalmente o simbolismo das poses. — A alma não lhe pertence.

— Isso quer dizer que ela está com todas as almas das crianças? — perguntou Alessia.

— Sim. E de todos os que ela matou — enfatizou Miguel. — Devem estar presos em algum lugar terrível, cheio de sofrimento, porque o sofrimento gera muita energia.

— Temos que descobrir onde estão essas almas para libertá-las — declarou Daniel.

— Isso é quase impossível — respondeu Miguel.

— Não para nós — concluiu Daniel, seguro.

— Ela tem algo seu — disse Elizabeth, olhando diretamente para Miguel.

— Como algo meu? — perguntou Miguel, espantado. — Um objeto?

— Não é um objeto. É algo seu, que será maior que tudo — disse Elizabeth, antes de avisá-lo: — Ela ainda não sabe quem você é, mas saberá.

— Como é que vai descobrir? — quis saber Miguel.

— Com a laranja — explicou Elizabeth, falando devagar, e Daniel reconheceu algumas nuances, muito leves, do estilo brando de Angelina, misturadas à personalidade de Elizabeth. — Precisa se proteger porque se ela controlar a sua alma, você pode se transformar em um aliado para a ascensão do Anunciado, ou no próprio Anunciado, e o mundo estará perdido.

— Há forma de resistir ao poder do Destruidor de Almas? — quis saber Miguel.

— O amor é a única proteção contra o Destruidor de Almas. Mas é difícil resistir a um Destruidor de Almas tão antigo como este. O seu poder é enorme. Porém, você não é inteiramente humano. Terá que

usar os seus dons divinos para resistir e vai precisar da ajuda de Daniel e Dib. — Elizabeth explicou o que devia ser feito para que Miguel resistisse ao Destruidor de Almas.

— Mas se eu resistir, ela também vai saber que sou diferente — argumentou Miguel.

— Sim, mas não conseguirá descobrir o que você é. Ela não pode saber qual é a sua essência. Você é valioso demais — enfatizou Elizabeth. — Um guardião é o ser supremo entre os homens, e é o único que se iguala aos Anjos Negros.

Eles ficaram em silêncio, entreolhando-se, impactados pelas palavras de Elizabeth, enquanto eram assaltados por memórias terríveis dos Anjos Negros com que haviam cruzado. Sabiam que eles só se revelavam quando estavam seguros da sua vitória, seguros do seu incomparável poder e da sua magnífica força. Eram seres imortais que aniquilavam multidões em suas batalhas. Eram seres das trevas, sem resquícios de luz ou de qualquer sentimento bondoso. Neles tudo era terrivelmente frio e escuro, apesar de sua beleza magnífica.

Miguel começou a entender como tudo fazia sentido: por que sempre tivera reservas em relação a Lucrezia e não descobrira a sua identidade, as razões da esterilidade dela, o fato de ser a sua melhor amante, os motivos para aquela matança sem fim e o plano para tornar o mundo sombrio e destruir a bondade e a esperança dos homens.

— Tem certeza, Elizabeth? — insistiu Daniel, olhando-a fixamente.

— Ela é um Anjo Negro, Daniel — repetiu, ciente de que aquele fato era difícil de aceitar por suas implicações para os guardiões. — Um Anjo Negro capaz de destruir a todos nós.

— Sabe quem é?

— Ainda não — respondeu Elizabeth, com uma entoação similar à da sua mãe. — Miguel deve se preparar para encontrá-la.

Miguel anuiu a cabeça e avisou para Dib e Daniel:

— Não quero que venham comigo. Mudei de ideia: é perigoso demais.

— Se não fizerem o que eu disse, Miguel estará perdido. E nós também — avisou Elizabeth.

— Seguiremos as instruções de Elizabeth, Besson. Você fará com a laranja o que combinamos, e nós manteremos a energia estável à sua volta — disse Daniel com autoridade, sem deixar espaço para discussões. Miguel concordou, relutante. Assim que deixaram o apartamento, explicou os motivos da sua relutância:

— Eu preciso ficar sozinho com ela. Há coisas que não estou disposto a partilhar.

Daniel sorriu antes de responder com tranquilidade, sabendo muito bem o que Miguel estava tentando dizer discretamente:

— Não se preocupe, Besson. Também temos corpos humanos. Vamos criar um vínculo energético e sentiremos as flutuações da sua energia. Isso é necessário porque se, em algum momento, você baixar a defesa, ela pode descobrir a sua identidade.

— Eu sei. Vamos ao meu apartamento — convidou-os pela primeira vez. — Preciso tomar um banho e criaremos o nosso vínculo lá.

23. Fogo e gelo

Mas por muito intensamente que ardessem, o calor não chegava para derreter o gelo que, embora de singular transparência, era duro como o aço.

Virginia Woolf (1882-1941)

Miguel Besson foi ao encontro de Lucrezia, consciente de que poderia perder a vida.

Abriu a porta da suíte, despiu o longo casaco de inverno e pousou-o na cadeira. Viu-a deitada na cama, com o vestido justo revelando o corpo extraordinário. Estava belíssima, com os cabelos negros e lisos caindo sobre a cama, contrastando com os lençóis imaculadamente brancos. A boca vermelha e apetecível parecia pronta para beijar. Mas o olhar negro lembrava o olhar frio de uma naja, contrastando, de forma insólita, com o desejo violento que ela suscitava. Ela resumia o paradoxo do gelo e do fogo: o gelo da alma e o fogo do corpo.

Naquele momento, Miguel não sentiu qualquer tipo de emoção: nem desejo nem medo. Nada. Aproximou-se da cama, com passos

lentos, aparentando indiferença. Ela não se importou com a indiferença dele, sabia que assim que o beijasse o seduziria.

Miguel tornara-se o seu amante preferido. A sua beleza animal, associada ao desapego com que tratava quase tudo, exerciam uma atração irresistível sobre ela.

Ele sentou-se na beira da cama, próximo das pernas dela, apreciando cada detalhe perfeito da beleza escultural, sem esboçar gesto algum para se aproximar mais. Ela tentou seduzi-lo, erguendo o corpo para ficar com a boca convidativa ao mesmo nível da dele, mas Miguel continuou quieto, ignorando o convite para beijá-la. Ela não conhecia ninguém como Miguel, capaz de resistir aos seus encantos, embora soubesse que, na realidade, ninguém lhe resistia. A imobilidade dele tornava o jogo de sedução mais interessante, mas ela decidiu que chegara o momento de mudar as regras. Anunciou de rompante:

— Estou grávida.

A frase entrou dentro dele como uma espada. Tentou controlar a emoção causada pela notícia, mas era difícil evitar que os seus pensamentos se voltassem para Adèle e Elizabeth, os amores da sua vida. Baixou o olhar rapidamente e fixou-o nas mãos, observando-as devagar para impedir que Lucrezia percebesse o turbilhão de emoções que o assaltara. Apoiou-se mentalmente no fluxo energético de Daniel e Dib, que estavam no estacionamento, aguardando no carro, em perfeita sintonia com ele. Quando voltou a olhar para ela, percebeu a forma fria e atenta como ela o observava, tentando descortinar os seus pensamentos.

— Disse que não podia ficar grávida. Tem certeza? — perguntou sereno.

— Sim. E não sei como aconteceu — ela pareceu honesta, mas era difícil ter certeza sobre o que ela dizia enquanto não descobrisse

a sua verdadeira identidade.

— Fez os testes? — insistiu, vendo-a sensualmente jogada sobre a cama. Sentiu o seu corpo despertar perante aquela visão de luxúria.

— Fiz. Duas vezes — confirmou, antes de perguntar: — Devemos ser especiais, não acha?

— O que quer dizer? — perguntou, com o cuidado com que manusearia uma víbora letal.

— Sou estéril. Por isso deve ter acontecido algo muito especial para termos gerado um filho juntos. — Encostou-se a ele, beijando-o de leve nos lábios. Ele retribuiu o beijo, sem entusiasmo, como se beijasse uma velha amiga, mas sabia que precisava de quase nada para incendiar o seu corpo. Lembrou-se de que Elizabeth o avisara que ela possuía algo dele. E ali estava Lucrezia com o que de mais sagrado uma mulher poderia ter: um filho. Continuou calado, assimilando aquele novo fato, que alterava toda a situação.

— Não ficou feliz? — insistiu, tentando quebrar o silêncio dele, e descobrir o que ele sentia.

— A minha intuição estava certa, não é? — Esboçou um sorriso. Precisava parecer mais natural, para fazê-la baixar as defesas.

— Sim... Como é que percebeu, antes de mim? — Miguel pressentiu que aquela pergunta faria a conversa resvalar para uma área perigosa. Ela estava a sondá-lo. Confessou, lembrando o gatilho que o fez deduzir que ela poderia estar grávida:

— Foi a primeira vez que você se queixou das minhas carícias vigorosas. E também nunca a tinha visto comer com tanto apetite. Foi uma questão de lógica, juntar as duas coisas.

— Hum... — Ela pareceu satisfeita com a explicação, colando-se mais a ele e acariciando a sua coxa com a mão suave. Ele afastou-se, dando alguns passos em direção à varanda e quando se virou para encará-la, percebeu que uma nuvem de raiva pairava nos olhos

dela. A reação dela e o fato de desconhecer a identidade dela, além de estar gerindo a delicada situação da gravidez, irritaram-no profundamente.

— O que foi, Lucrezia? — ergueu a voz, com um timbre frio. — Primeiro afirma que é estéril e depois diz que está grávida... Como espera que eu reaja? É mesmo meu, esse filho? — Provocou-a corajosamente. Ela olhou-o surpreendida: não imaginara que ele duvidasse dela.

— Claro que é seu, Miguel. De quem mais poderia ser? — Levantou-se da cama, para pegar a caixa de chocolates que o hotel deixava sobre o criado-mudo. Quando ia colocar um dos chocolates redondos e perfeitos na boca, Miguel deu quatro passadas largas e rápidas e segurou-a pelo pulso com uma força desnecessária:

— Se está grávida do meu filho, vai ter que controlar o que come.

Ela gostou da reação dele e acalmou de imediato. Pensou que talvez ele só precisasse de tempo para aceitar a ideia. A notícia tinha sido muito repentina.

— Desculpe — pediu, com ternura. Ela tremeu. Bastava ele se importar um pouco com ela, para que uma espécie de calor se espalhasse pelo corpo, fazendo-a sentir leve. Soltou o chocolate, puxando o braço para se libertar da mão dele e massageou a marca avermelhada causada pelos dedos férreos de Miguel. A proximidade dela começou a perturbá-lo. Ela percebeu que Miguel estava reagindo à sua presença e convidou-o:

— Venha para a cama. — Ele queria resistir, mas ela tinha um poder de atração que o atordoava. Agarrou-a pela cintura e espremeu-a contra ele, procurando a sua boca com veemência e sentindo o corpo tomado por uma onda de desejo que o impedia de pensar. Sabia que ela não usava nada por baixo da roupa e aquele pensamento aumentou o desejo. Despiu-a, atirando o vestido ao

chão, enquanto ela lhe arrancava a roupa com sofreguidão. Quando estava totalmente despido, atirou-a para a cama com firmeza e deitou-se sobre ela. Sentiu que ela estava pronta, mas decidiu amá-la com doçura. Ela percebeu um novo cuidado na forma lenta com que ele a amou e nos seus movimentos suaves e precisos. Estar nos braços dele dava outro significado à sua vida, e o que havia planejado contra ele perdeu importância. Ele a conduziu lentamente a um patamar de entrega que ela jamais sentira. Miguel se despedia em cada gesto, em cada suspiro, em cada carícia, sabendo que aquele momento não voltaria a se repetir. E quando ela se rendeu, e o corpo se abandonou sobre a cama, em um esgotamento profundo, Miguel soltou-a com cuidado, se libertando da intimidade quente dos seus corpos. Foi a primeira vez que Lucrezia ficou sem palavras e se aquietou completamente ao lado dele. Minutos depois ela moveu-se com indolência, deitou a cabeça no peito dele, sobre o coração, e deixou-se embalar pelo ritmo dos batimentos regulares, como se estivesse escutando uma música. Fechou os olhos e sussurrou:

— Sou feliz.

Por um instante, Miguel duvidou que ela fosse um Anjo Negro. Aquelas palavras pareciam ter uma luz imprópria para qualquer Anjo Negro. Beijou-a na testa e ela levantou o rosto para observá-lo. Ele sentiu um arrepio ao mergulhar na noite que o aguardava dentro do olhar dela. Algo aconteceu com ele: quanto mais olhava para ela mais fundo parecia cair. Era uma queda vertiginosa e imparável, como se o seu corpo estivesse se diluindo. O som do celular o arrancou daquele mergulho sem fim.

— Não atenda — pediu ela, mas ele afastou-a lentamente, levantou-se e atendeu o celular que deixara no interior do bolso do seu casaco.

Ela sentiu prazer em observar o corpo másculo e perfeito, enquanto ele respondia com palavras monossilábicas, e afastava a letargia que a dominara momentos antes. Sentou-se numa cadeira, de costas para ela, e ficou alguns segundos escutando Daniel do outro lado da linha, ajudando-o a se reequilibrar e advertindo-o uma vez mais sobre os perigos que ele corria. Quando desligou o telefone, os seus olhos estavam límpidos, com um novo brilho dourado. Ela percebeu que ele escapara do seu domínio e recuperava a força luminosa que o acompanhava. Miguel voltou para a cama, e ela se deitou de novo sobre o peito dele.

— Quem era? — perguntou, com mansidão.

— Um amigo — respondeu, com o olhar fixo no teto.

— E o que ele queria?

— Lembrar-me de um compromisso — sorriu Miguel, mantendo a mente tranquila.

— A esta hora? — estranhou, olhando para o delicado relógio de pulso.

— Ciúmes? — Miguel brincou, começando a enrolar o cabelo dela com a ponta dos dedos, sem sobressaltos, acalmando-a.

— Um pouco...

— Isso não é saudável — avisou, com suavidade. — Eu estou aqui, não estou?

— Sim...

— Então confie em mim.

— E você confia em mim? — Apesar do tom de voz neutro de Lucrezia, Miguel sabia que estava sendo testado.

— Ainda não — espantou-a com a resposta direta. — Mas é um aprendizado a fazer, se quisermos ter um futuro.

Ela tranquilizou-se um pouco ao ouvi-lo falar, pela primeira vez, de um futuro possível. Pôs a mão sobre a testa dele como se estivesse

medindo a temperatura de uma febre inexistente. Miguel manteve-se imóvel, parecendo não compreender o que ela estava fazendo. Começava a ter uma vaga ideia sobre o poder e as magias que ela usava para conseguir o que queria. Deixou-a avançar para dentro do seu cérebro. Podia senti-la, como se as mãos dela estivessem se movendo no interior da sua cabeça. Alguns segundos depois ela retirou a mão da testa dele, surpreendida com a ausência total de pensamentos, e aquele foi o primeiro sinal de alarme. Perguntou áspera:

— O que você está pensando?

— Nada. Estou apenas descansando — respondeu com voz branda, evitando irritá-la.

Ela sorriu, quase sem querer. Ele parecia ter razão e a forma intensa como a amara naquela noite era prova disso. Ela vacilava entre o desejo de que ele fosse o homem certo para ficar ao seu lado, e a sensação de que havia algo errado. Disse baixinho:

— Juntos, poderíamos ter o mundo.

Miguel evitou se aprofundar no comentário. Fechou os olhos e continuou imóvel. Controlava-se para evitar que Lucrezia descobrisse os seus pensamentos, impedindo-a de manipulá-lo. Ela saiu da cama, foi até o armário e tirou de lá a caixa negra. Nesse instante, todas as dúvidas que Miguel pudesse ter sobre ela sumiram: ela era uma assassina, um Anjo Negro carregado de morte, e trazia no ventre o filho dele. Talvez ela tivesse ficado grávida por ambos serem especiais, como ela dissera. Aquela situação era mais uma armadilha do seu destino, pensou Miguel, dominando a angústia, ao sentir dentro dele as forças tranquilizadoras de Daniel e Dib.

Ela sentou-se na beira da cama e abriu a tampa da caixa. O momento da verdade aproximava-se rapidamente. Não havia como ambos escaparem: no instante em que um revelasse a sua natureza,

o outro seria praticamente obrigado a se revelar também. E esse era o perigo que Miguel precisava evitar.

Ele continuou deitado, com os olhos semicerrados, observando-a por uma fresta que as pálpebras não ocultavam. Estava muito tenso, sob a calma aparente.

— Quero que veja uma coisa — pediu ela.

Ele sentou-se, posicionou as almofadas atrás das costas, apoiando-se na cabeceira da cama e olhou para a caixa. Franziu a testa, tomando decisões suaves, mas inevitáveis. Não tinha escolha senão olhar para o objeto. Sabia que aquele momento chegaria, mas não sabia se resistiria à laranja, mesmo com o apoio de Dib e Daniel.

— O que é? — perguntou, tendo certeza de que Lucrezia sabia que ele já tinha visto a laranja e estava ligado a Geneviève. E, também, que ela o vira na porta da gruta.

Ela tirou a laranja de dentro da caixa e rodou-a na mão, expondo-a completamente e criando um efeito hipnótico. Era uma peça fascinante, pensou Miguel, vendo-a girar devagar.

— Onde conseguiu isso? — questionou ele, com calma.

— Por quê?

— Porque pertencia a Geneviève Gillot. Agora ela está morta e a peça está na sua mão — revelou de uma só vez. Ela surpreendeu-se com a frontalidade dele. Achou que ele ia fingir que nunca tinha visto o objeto.

— E o que você tem a ver com Geneviève Gillot? — indagou Lucrezia, com frieza.

— Estou ligado à ONG onde ela trabalhava — informou, de forma sintética, sem demonstrar emoção. — Agora responda à minha pergunta: onde conseguiu isso?

— Você sabe, não é, Miguel? — questionou, com falsa doçura.

— Não sei. Vai me contar? — questionou, com o olhar límpido, fixo nela.

— Tem certeza de que quer mesmo saber?

— Você é a mãe do meu filho — justificou-se. — Acredito que sim, que quero saber.

— Tirei-a de Geneviève — disse, olhando-o intensamente para acompanhar a sua reação, sem parar de girar a laranja na mão.

— Foi você que a matou? — perguntou, com entoação vagarosa, mantendo a voz neutra.

— Infelizmente teve que ser — informou tranquilamente.

Miguel saiu da cama e apanhou as peças de roupa espalhadas pelo chão. Colocou-as na cadeira onde estava o casaco e começou a vestir-se. Podia sentir a intensidade do olhar dela queimando a sua nuca.

— Aonde vai? — questionou Lucrezia com um sorriso irônico, como um gato que brinca com o rato antes de abocanhá-lo. Miguel não sabia o que ela era capaz de fazer, mas respondeu:

— Embora.

— Não quero que vá — disse, com um tom leve de ameaça, parecendo haver algo metálico no fundo da sua voz.

— E eu queria que não tivesse assassinado Geneviève para conseguir um simples objeto. — Miguel aparentava tranquilidade, mas estava atento ao perigo crescente.

— Acabo de confessar que matei uma pessoa e você vai embora? Acha que vou permitir que saia por aí, para contar aos seus amigos da polícia?

Ele abotoou a camisa e apertou o cinto. Apoiou o quadril na escrivaninha e cruzou os braços sobre o peito. Olhou para ela com calma, ignorando a ameaça que ela acabara de fazer.

— Como sabe que tenho amigos na polícia?

— Já o vi com eles. E com mais dois dos seus amigos e uma... amiga de cabelo curto que parece ser muito importante para você. Quem é ela? — cuspiu sarcástica.

Miguel sentia a tensão se tornando palpável, apesar de ela parecer se divertir. Ele já tinha percebido que o ciúme era uma forma de fazer com que ela se descontrolasse, mas achava que ainda não era o momento de fazê-la perder o controle.

— Quando é que me viu? — questionou, sem responder à pergunta dela.

— Quem é ela?

— Esta conversa não leva a lugar algum — afirmou vestindo o casaco e se dirigindo para a porta. Ela se moveu com uma rapidez fenomenal e surgiu na frente dele, bloqueando a saída.

— Espantado?

— Na verdade, não — respondeu sereno, desconcertando-a.

— Quem é você? Realmente? — perguntou com o olhar negro e efervescente, confirmando que ele era muito mais forte do que aparentava, mas sem conseguir descobrir nada sobre a sua identidade. Ergueu a laranja, que levava na mão, e colocou-a na frente dele. — Segure.

— Por quê?

— Segure — ordenou com uma voz autoritária e um timbre tão possante que rachou o espelho da escrivaninha. Ele ouviu o espelho estalar, do centro para as bordas, como se tivesse sido atingido por um objeto sólido.

— Se isso é tão importante para você... — cedeu sereno, aceitando a laranja fria na palma da mão direita. A partir do momento em que se fixasse na laranja, a sua essência seria ali depositada, e ela teria acesso a tudo. Miguel esvaziara a mente e não havia emoções dentro dele. Ficou imóvel, com a laranja na mão

por três ou quatro pastosos minutos, até que Lucrezia a pegou de volta. Observou-a atentamente e notou algumas manchas negras, muito leves. Aquilo jamais acontecera. Olhou-o, desta vez sem esconder a surpresa, e perguntou antes de se apropriar da essência que a laranja sugara:

— O que aconteceu?

— Não sei... Segurei a laranja como pediu.

— Como não sabe? Devia estar dourada, devia brilhar. E está escurecendo — disse, ao ver as manchas aumentando.

— Já fiz o que pediu — argumentou Miguel, dirigindo-se de novo para a porta.

— Não é possível... — retrucou, bloqueando a saída, enquanto erguia o objeto em direção à luz do teto do quarto. Hesitou, pensando se devia ou não se apropriar do conteúdo da laranja, mas a curiosidade foi mais forte. Ficou alguns segundos com a laranja entre as duas mãos, antes de deixá-la cair estrondosamente no chão. Olhou para Miguel, dividida entre o ódio e a surpresa. O seu instinto dizia que havia algo muito errado com aquele homem: primeiro ele era responsável pela sua gravidez, depois escurecera uma laranja de ouro, e, agora, a laranja mostrara que ele não tinha passado, emoções ou pensamentos. E tudo aquilo era humanamente impossível. Lucrezia jamais imaginara que pudesse cruzar com alguém igual ou superior a ela, mas parecia que isso estava acontecendo.

— Falamos em outro dia — insistiu Miguel, querendo sair. Podia sentir que ela se tornaria violenta a qualquer instante.

— Você não sai deste quarto enquanto eu não souber quem você é — respondeu, com a fúria espreitando nos olhos.

— E como pretende me impedir? — perguntou com a voz tranquila, tentando evitar um confronto, mas obrigando-a a se

revelar cada vez mais. — Vai me dar o mesmo destino de Geneviève apenas porque quero adiar uma conversa?

Posto assim, com tanta crueza, ele parecia ter razão: não fazia sentido obrigá-lo a ficar. Mas ela queria descobrir a identidade dele. E a calma anormal com que ele estava lidando com a situação a enfurecia. Ele não mostrava temor e parecia não fazer a mínima ideia do que ela era capaz de fazer.

— Não. Só quero que me diga quem você é.

— Quem acha que sou, além de pai do seu filho? O que a incomoda? Não entendo... — Voltou a se apoiar na escrivaninha, atento aos movimentos dela, nua, na sua frente. Ela percebeu o quanto ele estava sendo astuto, tentando fazê-la falar.

— Incomoda-me que você pareça ser outra pessoa diferente desta... — afirmou, apontando o indicador para o peito dele. — E não se faça de desentendido. Sabe do que falo.

— Não sei — insistiu. — Essa sua cisma comigo vem do fato de você ser uma... assassina? Ou do fato de ter ficado grávida, comigo? — Miguel escolhia as palavras cuidadosamente.

Ela reconheceu que ele distorcia tudo o que ela dizia, respondendo sem se expor. Não havia forma de conseguir o que queria sem perguntar diretamente. Era isso que ele a estava forçando a fazer.

— Está chocado por ter descoberto que sou uma assassina? — questionou ela ironicamente.

— Sim... Mas gostaria que me contasse a verdade.

— A verdade? Você não aguentaria — respondeu, sarcástica, soltando uma gargalhada fria.

— Experimente — retorquiu Miguel.

— Pode ir — falou, baixando o corpo voluptuoso para apanhar a laranja do chão, provocando-o. Mesmo sabendo que ela era um ser

negro e maligno, não conseguia resistir-lhe. Miguel sabia que aquilo era parte do poder dela e não podia ceder ao desejo. Afastou-se da escrivanhinha e deu um passo adiante, mas ela pareceu mudar de ideia e colocou-se novamente na frente dele, nua e sedutora. O corpo, muito próximo, roçava no dele, de leve. Miguel avaliou-a devagar, controlando-se com dificuldade. Passou por ela, dirigindo-se à porta.

— Sou Lilith — ele estacou ao ouvir a confissão, e um arrepio gelado atravessou o seu corpo, como se uma faca estivesse cortando a sua coluna. Ficou alguns segundos parado, com a mão no trinco, pensando que se ela fosse mesmo Lilith, com certeza o destruiria após aquela revelação.

— Isso deveria ter algum significado para mim? — perguntou, calmo, de costas para ela.

— Deveria.

— Por quê? — perguntou, começando a rodar lentamente o trinco.

— Diga-me você.

— Lê romances demais, Lucrezia. Não sei do que está falando — comentou, abrindo a porta e saindo para o corredor. Mas ela barrou de novo a passagem. Nua e indiferente a quem pudesse surgir no corredor.

— Não posso deixá-lo partir, Miguel — avisou, com os olhos ameaçadores, embora estivesse dividida entre a necessidade de matá-lo e o desejo de mantê-lo vivo.

— O que vai fazer? — perguntou, tentando ganhar tempo.

— Vamos voltar para o quarto — ordenou.

— Eu vou embora... — disse, mas antes de terminar a frase ela levantou-o pelo pescoço com uma mão e encostou-o contra a parede como se ele fosse uma pluma. Lucrezia lembrava uma amazona cheia de força e vitalidade. Ele não ofereceu resistência

como ela esperava que fizesse. Sentiu-se sufocar, mas manteve o olhar fixo nela percebendo o prazer dela em ver a vida se esvaindo lentamente do seu corpo. Quando a vida parecia tê-lo abandonado, ela soltou-o e ele tombou secamente no chão. Levou alguns segundos para voltar a respirar fundo, em busca de ar, e quando o oxigênio chegou aos seus pulmões, ergueu-se do chão e encarou-a com inexplicável tranquilidade: viu as pupilas dela se contraindo com o choque de vê-lo respirando. O fato de ele estar vivo confirmava as suas suspeitas sobre Miguel ser diferente. Avaliou-o, tentando descobrir a sua verdadeira identidade, enquanto ele sentia a energia pura de Daniel e Dib fluir pelo seu corpo, alimentando-o e permitindo que superasse as provocações, sem perder o controle e sem se revelar.

— Não vai reagir? — provocou, tentando obter uma reação de Miguel que lhe oferecesse algum vislumbre de sua força.

— Não vale a pena — respondeu, calmo.

— Medo? — provocou, agora decidida a deixá-lo viver até descobrir quem ele era. Sentiu-se feliz com a decisão. Por mais que se esforçasse para dominar os seus sentimentos, estava apaixonada por Miguel Besson.

Ele não respondeu, afastando-se e evitando mais uma vez o confronto.

Miguel distinguia claramente as figuras de Daniel e Dib nos bancos dianteiros do carro, recortadas pela luz tênue do estacionamento.

— Obrigado — disse, ao sentar-se no banco de trás, agradecendo o apoio deles. Dib deu a partida, e o carro deslizou silenciosamente, se afastando do hotel. Miguel esperou dois ou três minutos antes de informar bombasticamente:

— Ela é Lilith.

— Impossível! — recusou Dib. Aquela possibilidade era demasiado ameaçadora. — Ela confessou isso?

— Sim, e só quando ela falou é que percebi as semelhanças com Lilith: bela, morena, com cabelos longos, olhos negros, corpo perfeito. Sensual. Irresistível.

Dib e Daniel também reconheciam as semelhanças. Tentaram avaliar o alcance da descoberta.

— Lucrezia assassina crianças para roubar a alma e se alimentar do seu sangue, exatamente como Lilith. Mas isso já não lhe basta. Ela quer mais: quer o mundo, e está recorrendo à energia mais pura que existe para alcançar o seu objetivo — sintetizou Miguel.

— A energia das crianças — reforçou Dib, dirigindo-se a Miguel: — Talvez ela seja responsável pelo padrão que você reconheceu em todos os que parecem destinados a ocupar o lugar do Anunciado. Inclusive você.

— Nesse caso ela saberia quem eu sou. E ela não sabe — afirmou Besson.

Daniel falou pela primeira vez, após alguns momentos de reflexão:

— Ela deve fazer parte de um plano maior. E é nesse plano que está a ascensão do Anunciado. Por isso é que Lucrezia não o conhecia, Besson. Há outros Anjos Negros.

— Isso significa que ela não está só — concluiu Dib, consciente do perigo crescente.

Miguel percebeu a dimensão assustadora que o assunto estava ganhando. Tudo estava se tornando mais claro após saberem a verdadeira identidade dela: Lilith era a mais sedutora das criaturas de Lúcifer e uma das mais marcantes presenças ao longo da história da humanidade.

— Há mais uma coisa. Grave — anunciou Miguel, tentando prepará-los para a revelação seguinte. — Ela está grávida, e eu sou o pai.

Dib continuou dirigindo, fazendo uma rápida revisão mental do cenário, cada vez mais complicado, em que se encontravam. Daniel foi o primeiro a falar quando o carro parou num sinal vermelho, a poucos quarteirões do apartamento de Miguel.

— O que pretende fazer?

— Não sei. Preciso pensar — respondeu, já controlando totalmente seu corpo e mente, após ter-se libertado do apoio energético de Daniel e Dib. — Por que é que ela não me matou? Podia ter me sufocado durante o ato sexual: é assim que ela mata os seus parceiros há milênios. Aumenta o seu peso sobre o peito e aperta aos poucos, como uma jiboia, até a vítima não ser capaz de respirar, enquanto ela absorve a energia que se vai libertando até o momento da morte. Ela podia ter me matado naquele corredor..

— Sim — reconheceu Daniel, consciente dos fenomenais poderes de Lucrezia. — Mas há dois pontos que precisa considerar: o primeiro é a parte angelical da sua natureza. Não é fácil matar um guardião e você sabe que nem mesmo ela consegue fazê-lo facilmente. Há uma espécie de impedimento: nós temos uma proteção inexplicável.

— Uma proteção divina, mas, no meu caso, pode terminar a qualquer momento, também de forma inexplicável — comentou Miguel, lembrando que já não era um guardião.

— Sim, é verdade. No entanto, parece claro que você ainda está protegido — disse Dib.

— Mas ela não sabe nada sobre a minha natureza. E você tem razão: ela não conseguiria estrangular-me, mas podia ter tentado de novo, e optou por me deixar partir.

— Isso leva ao segundo ponto: acredito que ela se apaixonou por você e, por isso, apesar de ser impossível, ficou grávida. Foi o amor, Besson. Foi o amor dela que gerou o seu filho e foi também o que o salvou esta noite — continuou Daniel, seguindo a sua linha de raciocínio.

— Ela só ama a si mesma. Eu vi nos seus olhos o prazer que ela sente ao tirar vidas.

— Mesmo assim, também acredito que ela o ama, de alguma forma distorcida e doentia — concordou Dib.

— Ela também pode querer descobrir a sua identidade. Estrangulou-o e você estaria morto, se fosse humano — lembrou Daniel.

— Acredito que isso a surpreendeu — afirmou Miguel. — Mas não tenha ilusões, De Payens: ela não hesitará em me destruir se eu a rejeitar explicitamente ou destruir o filho dela.

— E seu. Seu filho — disse Dib, peremptório.

— Será um íncubo ou um súcubo, um ser que se alimenta de sangue ou da energia sexual e mata os seus parceiros. E se ela descobrir a minha identidade, esse filho pode transformar-se no Anunciado perfeito — murmurou Miguel. — Talvez seja isso que ela pretende agora.

— Mas seria também seu filho: metade dele seria divina — reiterou Daniel.

— Esqueceu-se de que não sou um guardião puro como vocês?

— Ninguém é puro, Besson. Lutamos constantemente contra as nossas tentações, e cada vez elas se tornam mais difíceis, mais irresistíveis... — comentou Daniel, pensando em Elizabeth.

— É esse o processo, De Payens. E uma vez que se cede ao desejo, é difícil retroceder — concordou Miguel, falando por experiência própria.

— Eu sei — afirmou Daniel, afastando Elizabeth do pensamento.
— Mas mesmo tendo optado por um caminho diferente, você continua protegido.

— Há quanto tempo não usa o seu punhal? — questionou Dib.

— Desde que voltei da minha viagem de seis meses pela África — respondeu, depois de pensar por alguns segundos, conscientizando-se que não sentira necessidade de usar a energia das almas, exceto por um momento na África do Sul quando Elizabeth estava entre a vida e a morte.

— Talvez precise de energia mais espaçadamente — insinuou Dib.

— Ou talvez... — Miguel hesitou evitando dizer o verdadeiro nome dela. — Lucrezia tenha suprido a minha carência através da sua energia durante estas últimas semanas.

— Também é uma possibilidade. Mas se for assim, em breve saberemos, não é? Quando detivermos Lucrezia, você vai ficar sem essa energia — avisou Daniel.

Miguel observou Daniel, sem conseguir evitar a surpresa por estarem conversando sobre assuntos tão profundos que iam contra os preceitos da Ordem. Percebeu que, apesar de terem percorrido caminhos tão diferentes, continuavam unidos.

— Obrigado por esta noite — Miguel agradeceu de novo, sabendo que sem eles o seu encontro com Lucrezia podia ter terminado de forma trágica.

— Não precisa agradecer — afirmou Daniel.

Dib parou em frente ao prédio onde Miguel morava.

— Ainda estamos em vantagem. Você se controlou muito bem e ela não descobriu quem você é — anunciou Dib, ao despedir-se de Miguel.

— Eu sei. Mas temos que pensar numa estratégia para destruí-la. Ela é muito poderosa, e percorre a terra há milhares de anos —

lembrou, antes de sair do carro.

— Não quer ficar conosco? — perguntou Daniel enfiando a cabeça para fora da janela do carro.

— Não, obrigado. Até amanhã — acenou com a mão, entrando no prédio.

24. Identidades

*Dois amores — de paz e desespero —
Eu tenho que mais me inspiram noite e dia:
Meu anjo bom é um homem puro e vero;
O mau, uma mulher de tez sombria.*

William Shakespeare (1564-1616)

Lucrezia tinha certeza de que algo em Miguel não era totalmente humano. O Destruidor de Almas continuava escurecendo como se o ouro tivesse sido assolado por um estranho fungo capaz de destruir o metal precioso. Passou a noite em claro e, finalmente, quando parecia ter esgotado todas as ideias, dirigiu-se para o imenso quarto vazio, contendo apenas um espelho emoldurado por madeira ricamente esculpida, posicionado no centro de um círculo negro, desenhado no chão. Descalçou-se e acendeu todas as velas que estavam sobre a marca do círculo. Pegou a laranja que guardara na bolsa e caminhou até o centro, posicionando-se de frente para o espelho. Manteve-se imóvel por vários minutos, pronunciando uma longa prece em aramaico, com os olhos fechados e as mãos cruzadas sobre o peito na mesma posição de oferenda em que

deixava os seus mortos. O espelho abriu-se como se fosse uma porta. Ela atravessou-o e assim que passou o umbral, o espelho fechou-se.

Do outro lado, ele esperava por ela, sentado no imponente trono de madeira negra, todo entalhado com minuciosos desenhos e um espaldar alto. O trono estava no meio da sala redonda e praticamente vazia, com um altar mal iluminado ao fundo. Eles não se viam desde a Segunda Guerra, quando ela decidira ficar entre os humanos e passara a sacrificar muitas almas puras para satisfazê-lo e agradá-lo.

Lucrezia recordava-se que séculos antes ele incumbira Aaba de encontrar o Anunciado. Aaba era uma das suas mais belas concubinas, mas tinha uma fraqueza terrível: por mais que tentasse era incapaz de presenciar qualquer derramamento de sangue. Ela fracassara e recebera uma terrível punição: foi emparedada entre 1794, após a revolução francesa, e 1914, o início da Primeira Guerra. Foi pouco antes da Primeira Guerra que Lucrezia recebeu a missão de fazer ascender o Anunciado. Enquanto Lucrezia se envolvia com os assuntos humanos, Aaba se reaproximou dele, tornando-se a sua amante favorita.

Quando Lucrezia não conseguiu transformar Hitler no Anunciado, acreditou que o fracasso seria a sua desgraça, tal como acontecera com Aaba. Mas teve outra oportunidade: apesar de ele não ficar satisfeito com o desfecho, reconhecia que Lucrezia havia sido quem mais se aproximara da realização da Profecia, com a ascensão de Hitler e a morte de milhões de pessoas durante a Segunda Guerra. Ela esperou pelo homem perfeito, durante anos, planejando com cuidado, para evitar os erros anteriores. Mas a situação parecia estar saindo do controle e ameaçando os seus planos. Além disso, estava

grávida do homem por quem se apaixonara, quebrando duas regras: não se apaixonar e não ter filhos.

Aproximou-se do trono, com a laranja apertada na mão. Ajoelhou-se na frente dele, demonstrando uma submissão que não sentia. Percebeu que o olhar dele já não brilhava quando a via e não refletia nada além de indiferença. Sabia que aquilo não indicava nada de bom. Começou por confessar um dos seus crimes para tentar acalmá-lo, mas sabia que o resultado daquele encontro era incerto.

— Estou grávida. E não sei dizer como isso aconteceu. Como foi possível.

Ele inclinou a cabeça de modo peculiar, para avaliá-la melhor, com o seu olhar azul. A beleza dele parecia ter aumentado durante os anos em que não o vira. Ele manteve-se imóvel, com os braços apoiados no trono e o olhar quase transparente pousado sobre ela. Respondeu, por fim, como se tivesse que vencer a inércia para falar:

— Eu sei que está grávida. É visível em você.

Mas ela conhecia-o: sabia que por baixo daquela calma ele podia explodir de repente, fazendo-a voar contra a parede com um simples gesto, como tanto gostava, para lembrar os outros sobre o seu poder descomunal. Era o seu gesto predileto.

— Foi você? — perguntou Lucrezia, desejando que ele tivesse vencido a esterilidade dela e lhe tivesse permitido ter aquele filho, que palpitava suavemente dentro do seu corpo. Um filho que além de arredondar o seu ventre também começava a amaciar o seu coração.

Ele sacudiu a cabeça com um movimento lento, de um lado para o outro, sem tirar os olhos dela. Gostava de vê-la de joelhos, apesar de ela manter a sua arrogância natural. Era dos poucos seres para quem estar de joelhos não significava humildade ou humilhação. Mas, naquele momento, ele queria humilhá-la por várias razões.

Descobriria que ela estava se dedicando a aumentar o seu poder, já imenso, com vários rituais. E a sua ligação com Miguel Besson rendera uma gravidez que não estava prevista e, em circunstâncias normais, seria impossível. Mas tratava-se de Miguel Besson, o ser especial que ele rondava há séculos. O ser que Aaba havia escolhido para ser o Anunciado na época da Revolução Francesa.

— Então como é possível? — perguntou, tentando entender como ficara grávida, depois de ter sido amaldiçoada com a esterilidade, por um Anjo de Luz, nos tempos de Salomão, quando consumia as almas dos homens durante o sexo e gerava os seus filhos, os íncubos e os súcubos, espalhando-os pelo mundo para que se reproduzissem.

— Simples: o seu amante é um antigo guardião. Um dos oitos seres místicos que guardam os segredos divinos na terra — revelou em voz baixa, observando o resultado das suas palavras. Viu a fúria passar pelos olhos dela, seguro de que ela estava se sentindo ludibriada.

— Foi por isso que não consegui descobrir a identidade dele — disse raivosa. — Então ele está violando as regras sagradas, sendo meu amante.

— Ele deixou de ser um guardião há muitos séculos, mas agora parece ser protegido deles. O que pretende fazer? — perguntou, trespassando-a com o olhar frio, referindo-se à gravidez. Ele era tão perfeito que era impossível alguém não ser afetado pela sua beleza: Lucrezia mal conseguia respirar quando o olhava, como se ele lhe tirasse o fôlego. Ela tinha pensado muito após a partida de Miguel e não queria perder o filho. Estava disposta a qualquer negociação.

— Jean Luc Messie será o Anunciado que deseja.

— Não me parece. Você não conseguiu matar a mulher dele — lembrou sarcástico, levantando-se do trono negro para caminhar em

volta dela, revelando todo seu magnetismo.

— Ela morrerá. Usei a Lança do Destino.

— E por que não funcionou? Isso é inédito. Tem alimentado a Lança?

— Sim, tenho feito os rituais de pacificação. E tenho certeza de que não tem nada a ver com a Lança. Acho que é outra coisa, algum tipo de proteção que a impediu de morrer.

— Descubra o que é, e mate-a, ou não terá o seu Anunciado — avisou, mantendo os passos regulares em volta dela, fazendo pequenos círculos. — A dor serve para levar os homens à luz ou às trevas: é exatamente o mesmo caminho. Garanta que a escolha dele sejam as trevas.

— Eu sei — respondeu baixando a cabeça ao falar, para acalmar a ira latente dele. — Mas se Messie não for o Anunciado, o meu filho será.

Ele estacou com a oferta: o filho de um ser semidivino e de um Anjo Negro. Aquilo poderia redimi-la de ter ficado grávida, mas ainda era insuficiente para pagar o preço por ter se apaixonado por Miguel Besson. Mesmo que já não a desejasse, ela pertencia-lhe.

— Interessante — anunciou vagorosamente, avaliando a situação até tomar uma decisão. — Estou disposto a esperar pelo seu filho. Mas antes quero Besson — concluiu cruamente, com prazer sádico. Ela teria o filho, mas perderia o amante.

Lucrezia odiou o pedido, mas se controlou na presença dele.

— Se ele é um guardião, é imortal como nós. A Lança pode feri-lo, mas não há garantia de que possa matá-lo, se ele não se entregar voluntariamente à morte.

— Sim, mas há outras formas. Besson fez o Punhal das Almas com um fragmento da esmeralda que falta na minha testa — Lúcifer afastou o cabelo da testa revelando apenas uma parte da esmeralda,

que quebrara durante a sua queda, milhares de anos antes, quando havia liderado a rebelião dos duzentos anjos contra o Divino. — Esse punhal absorve a alma, e é o único objeto capaz de aniquilar um guardião, embora ele também precise se render à morte.

— E onde está? — perguntou ela, totalmente alerta, interessada naquele novo objeto.

— Foi entregue ao jovem Messie — informou ele seguro.

— Como descobriu isso? — perguntou Lucrezia.

O mundo dos homens estava vedado a Lúcifer, mas ele descobrira uma forma de se misturar aos humanos, apesar do seu tempo na terra ser limitado. E o seu conhecimento sobre o Punhal das Almas estava ligado à sua busca obsessiva pela esmeralda, a mesma que ele pedira que Lucrezia encontrasse durante a Segunda Guerra. A esmeralda era o objeto que ele mais desejava, para poder restaurar a sua terceira visão.

Ele sorriu sem responder à pergunta, mostrando rapidamente uma linha de dentes alvos entre os lábios perfeitos. Percebeu que o vestido dela estava muito justo, revelando as suas formas exuberantes. Mas não a desejou. Estava com o pensamento ocupado por outra mulher: Besson ficara com Lucrezia e, em troca, ele queria Elizabeth, a jovem pura que o fascinava cada vez mais. A jovem que conseguia ver o futuro. Desde que Abigor, o chefe das suas Legiões, fora aniquilado para sempre, mil anos antes, em uma das batalhas com os Anjos da Luz, antes do Divino decidir enviar guardiões à Terra, que Lúcifer buscava alguém com o dom de prever o futuro. A perda de Abigor dificultara os seus planos. Elizabeth poderia ocupar o lugar dele.

— O que aconteceu com o Destruidor de Almas? — perguntou, apontando para a mão dela, onde estava a laranja totalmente negra.

Ela a ergueu, no centro da palma, como uma oferenda. Tinha sido um valioso presente que ele lhe dera dois milênios antes.

— Está vazio — agora que descobrira quem era Miguel, acreditava que ele tinha inutilizado o Destruidor de Almas com os seus poderes especiais.

— Besson não teria conseguido fazer isso sozinho — informou ele, surpreendendo-a.

— Mas ele estava sozinho comigo — afirmou.

— Aparentemente... — disse, irônico. — Besson tornou-a distraída.

— Impossível — falou, arrependendo-se imediatamente do que dissera ao encarar o olhar frio. — Tem alguma ideia de quem o estava ajudando? E onde estava?

— Tem que ser alguém superior, especial, e não precisava estar presente. Eles conseguem criar ligações mentais. Formam uma rede de energia e pensamentos...

— Outro guardião?

— Talvez — respondeu enigmático, sem revelar que sabia de quem se tratava. Segurou a laranja entre os dedos e rodou-a para ver todos os seus ângulos. — O certo é que não sobrou nenhuma memória no Destruidor de Almas. Tornou-se um objeto inútil e tudo o que estava aqui agora faz parte da memória de alguém. Tem ideia do que isso significa?

O timbre metálico da voz dele alertou-a: a situação dela havia piorado, mesmo depois de prometer o seu filho e estar empenhada em conseguir Besson. A perda do Destruidor de Almas irritou-o: levava dois mil anos para torná-lo um objeto poderoso e agora não valia nada. Além da informação preciosa sobre muitas almas, havia rituais que seriam conhecidos dos guardiões. Os sete portais de acesso ao submundo também estavam na laranja.

— Desculpe — pediu, vendo a ira se firmar nos olhos dele.

— Não basta. Traga-me Besson e o Punhal das Almas — disse autoritário, abandonando-a na sala vazia. Ela percebeu que ele parecia disposto a destruí-la se ela errasse em mais alguma das tarefas que lhe atribuíra.

Daniel e Dib encontraram-se com Étienne na porta do hospital. Após dez minutos esperando por Miguel, sempre tão pontual, deduziram que ele devia ter tido uma noite difícil lidando com todas as revelações sobre Lucrezia e decidiram não incomodá-lo.

Miguel não dormira, perturbado com a descoberta da identidade de Lucrezia, as imagens terríveis que absorvera do Destruidor de Almas e, principalmente, a perspectiva de ter um filho crescendo no ventre de um Anjo Negro. O sono venceu-o quando a luz da manhã chegou, e a melhor decisão de Daniel foi mesmo a de deixá-lo descansar um pouco.

Daniel e Dib seguiram Étienne, e quando entraram no quarto de Sarah perceberam que a morte estava presente. Jean Luc, sentado à cabeceira da cama, soltou a mão dela para cumprimentá-los. Talvez fosse aquela mão presa na dela que ainda a mantinham viva.

Dib abriu a bata de Sarah e levantou o curativo. A ferida permanecia aberta, sem sinais de cicatrização, como se tivesse acabado de acontecer. Daniel perguntou a Jean Luc:

— Você disse ao *Monsieur* Étienne que o fio de ouro que Sarah usava desapareceu.

— Sim. Era um cordão com uma cruz de malta que pertencia à minha família. A minha avó dizia que era uma cruz especial, que protegia quem a usasse...

— A sua avó dizia mais alguma coisa? Sabe se é um objeto muito antigo? — insistiu Daniel.

— Era uma herança dos nossos antepassados. Consta que alguém trouxe a cruz de Jerusalém no século XII. Mas não há registros sobre a sua origem. Por quê?

— Estou tentando compreender os motivos por trás do ataque — justificou Daniel. — Se o objeto for tão valioso e antigo como parece, pode ter sido a principal razão para o ataque. Já se percebeu que o assassino tem uma predileção por objetos aparentemente místicos.

— O que me confunde é o fato de o assassino não precisar matar ninguém para conseguir o que deseja. Bastava roubar. Isto é muito sanguinário — comentou Jean Luc, se esforçando por manter um raciocínio racional, sem imaginar que estava próximo da verdade.

— Também não compreendemos isso — concordou Étienne, evitando abordar a morte dos Messie, que também se encaixava no que ele acabara de dizer.

Quando saíram do quarto, Daniel comentou:

— Se o estado de Sarah não se alterar rapidamente, ela vai morrer.

— Como pode ter tanta certeza? — questionou Étienne.

— Quando se lida muito com a morte, percebe-se a alteração da energia. É algo indefinível, difícil de explicar — respondeu Daniel.

— Eu entendo o que quer dizer — afirmou Étienne. — Costumo ver isso nos olhos das vítimas. Há um vazio interior, como se as pessoas ficassem gradualmente ocas...

— É o desprendimento da matéria — confirmou Daniel.

— E vocês, padres, que são sempre chamados nos últimos momentos, conseguem ter uma percepção melhor, se bem que agora você abandonou a Igreja... — afirmou Étienne.

— Não abandonei a Igreja — informou, com um sorriso suave. — Só deixei de ser padre.

Étienne olhou-o, procurando compreender o significado profundo das suas palavras. Ficou pensativo por alguns segundos e perguntou, mudando de assunto:

— Acha que o cordão é importante?

— Sim. Se for mesmo do século XII e tiver vindo de Jerusalém, entra na categoria das relíquias místicas — disse Daniel.

— E isso faz dele um objeto muito valioso — argumentou Dib.

— E agora? — perguntou Étienne, como se tivesse chegado a um beco sem saída.

— Precisamos descobrir o principal lugar de realização dos sacrifícios — informou Daniel, acreditando que aquela seria a melhor forma de resolver o caso, agora que já sabiam quem era a assassina, mas só podiam revelar à polícia depois de descobrirem como detê-la.

— Espero que, nesse meio-tempo, ela não resolva assassinar mais ninguém — resmungou Étienne, visivelmente cansado.

— Assim que tivermos novidades, ligamos — despediu-se Daniel, seguido de Dib.

Miguel entrou na sala de jantar do apartamento da Ordem, com o passo pesado como se tivesse uma tonelada, e após os cumprimentos, disse para Daniel:

— Precisamos conversar. A sós.

— Depois do jantar — avisou Alessia, enquanto organizava os últimos detalhes da mesa.

— Lamento, Alessia... Mas é urgente — pela entoação da sua voz, Daniel percebeu que o assunto era grave. Dirigiu-se para o escritório e quando entraram Miguel girou a chave e enfiou-a no bolso. Daniel esboçou um sorriso enigmático e sentou-se no sofá. Embora não

soubesse do que se tratava, começara a formular uma ideia quando Miguel trancou a porta.

— Não vai perguntar por que fechei a porta?

— Tenho certeza de que vai me informar — disse, com uma ponta mal disfarçada de ironia.

— Descobri tudo, De Payens — afirmou de rompante. Daniel moveu a cabeça em sinal de anuência, e continuou a olhá-lo, esperando que Miguel explicasse o que havia descoberto.

— Eu absorvi as memórias do Destruidor de Almas.

— Não. Você, eu e Dib absorvemos as memórias do Destruidor de Almas. Juntos — frisou calmo, confirmando que a sua ideia inicial sobre o assunto que Miguel queria tratar estava correta. — Você, sozinho, não teria suportado a quantidade de energia contida naquele objeto.

— Sim... — hesitou Miguel, como se estivesse um pouco desorientado. Sentou-se em frente de Daniel, mantendo o corpo tenso e o olhar atento.

— A confusão mental que está sentindo provém dos séculos de informação que estavam no Destruidor de Almas, e parte dessa informação está se consolidando dentro de você. Vai levar algum tempo até que tudo faça sentido — explicou Daniel, pacientemente.

— Eu só absorvi parte da informação? — quis saber Miguel.

— Sim, parte. Você e Dib absorveram apenas uma ínfima parcela do que estava no Destruidor de Almas. Fragmentos — explicou. — Eu sou o repositório de toda a informação.

— Como? — perguntou Miguel, tentando encontrar sentido nas terríveis memórias que estavam passando pela sua mente, como um filme muito veloz.

— Sou o guardião Supremo e, apesar de estar ameaçado pela morte, tenho muito mais poder que qualquer um de vocês —

lembrou, com um leve tom de ameaça. Não sabia o que Miguel queria, mas a atitude dele mostrava certa confusão mental e, também, alguma irritação, tornando-se difícil prever qual seria o seu comportamento.

— Está me ameaçando? — perguntou Miguel, intuitivamente.

— Preciso? — questionou Daniel, consciente de que a conversa estava tomando um rumo diferente, que só podia significar que Miguel sabia ou estava prestes a descobrir um dos seus mais terríveis segredos.

— Não sei — respondeu Miguel, sentindo ressurgir a velha raiva que sentira por Daniel.

— Então vamos descobrir — afirmou Daniel, imperturbável, conhecedor dos efeitos que as memórias maléficas contidas no Destruidor de Almas podiam provocar.

— Eu sei quem você é — anunciou Miguel, movendo-se um pouco para adiante, com as mãos firmemente apertadas uma na outra.

— E quem sou eu? — questionou Daniel, com placidez.

— Você sabe quem é. Como não percebi nestes séculos todos? Como ninguém descobriu? — questionou, chocado, levantando-se num pulo como se tivesse sido impulsionado por uma mola invisível. Daniel continuou sentado, sem responder, pensando no que faria. Aquilo era demasiada informação para Miguel e, naquele momento, havia muito em jogo.

— Diga alguma coisa. — Miguel elevou a voz, parando de repente na frente de Daniel, ao perceber que a porta do escritório estava abrindo. Enfiou a mão no bolso e sentiu o metal frio da chave. A porta abriu-se silenciosamente para dar passagem a Dib.

— Temos outra chave — justificou Dib, mostrando-a antes de trancar de novo a porta. — O que está acontecendo, Besson?

— Descobri quem ele é. Sei qual é a verdadeira identidade dele — disse acusatório, apontando para Daniel. Dib trocou um rápido olhar com Daniel e aproximou-se de Miguel, prendendo a sua atenção.

— O que quer dizer, Besson? — perguntou Dib.

— Dib, ele é... — calou-se de repente, quando as mãos de Daniel envolveram a sua testa, fazendo-o desabar, como se estivesse dormindo. Dib o segurou, e ambos o carregaram para o sofá, com cuidado.

— Não queria fazer isto — afirmou Daniel. — Mas não tenho opção.

— Eu sei — concordou Dib. — É preciso apagar todas as memórias do Destruidor de Almas que tenham a sua imagem. Consegue fazer isso?

— Acho que sim — afirmou Daniel, pousando as mãos sobre a testa de Miguel e arrancando de lá todas as memórias onde a sua imagem estivesse presente. Depois transferiu vários conhecimentos de magia negra, contidos no Destruidor de Almas, para preencher os espaços vazios, evitando que Miguel ficasse com aquela vaga impressão de saber algo, sem ter certeza do que poderia ser. Levou mais de dez minutos até terminar e retirar as mãos da testa de Miguel.

Elizabeth bateu na porta, com os nós dos dedos, num tamborilar leve:

— Podem acabar com a conspiração? — perguntou, em tom de brincadeira.

Daniel fez um sinal positivo com a cabeça, para que Dib abrisse a porta e a deixasse entrar.

— O que aconteceu? — perguntou, indo para junto de Miguel, ao vê-lo deitado no sofá. Ajoelhou-se ao seu lado e pegou na mão adormecida.

— Cansaço — respondeu Daniel com simplicidade.

— Isso não é normal — retorquiu Elizabeth, vendo Miguel abrir os olhos. — Nós não nos rendemos ao cansaço desta forma.

— O que aconteceu? — Miguel tentou erguer o corpo.

Daniel olhou-o de cima e aconselhou:

— Levante-se devagar. Você desmaiou e Dib é que o segurou.

— Isso nunca aconteceu... — respondeu Miguel, confuso.

— Pode ser efeito da última noite — Daniel explicou. — Você fez muito esforço para lidar com Lucrezia Zani.

Miguel sentou-se, ainda segurando a mão de Elizabeth. Olhou-a com ternura, pensando em como era bela e perfeita, com aquela pureza capaz de apaziguar a sua alma perturbada. Soltou-a, levantou-se do sofá e aproximou-se de Daniel, avaliando-o com atenção como se estivesse tentando lembrar algo. Franziu ligeiramente a testa e respondeu:

— Tem razão... Acho que preciso descansar.

— Quer ficar aqui hoje? — ofereceu Daniel.

— Fique, Miguel — pediu Elizabeth.

— Acho que vou aceitar — cedeu, sentindo-se ainda um pouco confuso.

— Vou avisar Alessia — disse Elizabeth saindo do escritório.

— Sente-se melhor, Besson? — perguntou Daniel, pousando a mão sobre o seu braço. Dib também se aproximou dele.

— Não sei. A minha mente está cheia de informações terríveis... — confessou.

— Precisa tomar cuidado: é uma informação muito maléfica — avisou Daniel.

— Estou vendo rituais e mortes horríveis... — murmurou.

— Por isso é bom que fique conosco, e talvez até por mais alguns dias, pelo menos até sabermos quais os próximos passos de Lucrezia

— avisou Daniel.

— Em breve vai descobrir quem eu sou e deve vir em busca de mim — rematou Miguel.

— Estamos aqui para impedir que isso aconteça — tranquilizou Dib.

— Vamos jantar... — convidou Daniel, colocando a mão sobre o cotovelo de Miguel para conduzi-lo com suavidade.

Lucrezia apertou o botão da campainha com firmeza. O som propagou-se pela casa, e alguns segundos depois, o empregado abriu a porta. Ela entregou um cartão com o seu nome e uma anotação em letra miúda: *Sarah*. Ela podia ter entrado na casa à socapa, durante a noite, quando todos estivessem mergulhados no sono, para roubar o punhal, mas chegara o momento de revelar a sua identidade a Jean Luc e começar a explicar o papel dele.

Olhou em volta, lembrando-se da primeira vez que estivera ali, para assassinar os Messie e levar o Cálice que usaria no ritual para fortalecer o Anunciado. O empregado retornou e pediu que o acompanhasse, exatamente como ela previra. Lucrezia seguiu, sem dizer uma palavra. Jean Luc aguardava-a na sala onde Marie-Thérèse gostava de tomar o seu chá da tarde. Ele estava de pé, observando o jardim através da janela imensa. Ela parou, alguns passos atrás dele. Três ou quatro passos, não mais que isso. Ele voltou-se devagar para encará-la, cumprimentando-a com uma breve inclinação de cabeça, e controlando a surpresa por ver uma mulher tão jovem e bela na sua frente. Não sabia quem esperava, mas com certeza não era alguém com o perfil de Lucrezia, esbanjando charme e sensualidade. Ela vestia um *tailleur* impecável, justo ao corpo, num tom de vermelho sangue, com a saia apenas

dois centímetros acima do joelho, e sapatos pretos, de salto alto. Ela sorriu, mostrando os dentes brilhantes sob os lábios tão vermelhos quanto a roupa.

— Sou Lucrezia Zani e assassinei os seus pais — disse, arrastando as sílabas para tentar obter o máximo efeito com a frase. Jean Luc sentiu o coração bater descompassadamente, como se centenas de cavalos enlouquecidos trocassem dentro dele. Baixou o rosto. Ficou assim, com as mãos atrás das costas e o rosto virado para baixo durante mais de um minuto, tentando controlar as emoções. Não sabia o que fazer. Pensou em chamar a polícia, mas temia a reação dela. Voltou-se de novo para a janela, por um bom tempo. A sala estava totalmente silenciosa, e ele podia sentir a presença dela, enquanto era assaltado por pensamentos desconexos. Quando, por fim, voltou a olhá-la, o seu rosto não deixava transparecer qualquer emoção. Não podia dar-lhe o prazer de vê-lo sofrer.

Ela sorriu, reconhecendo o autocontrole dele. Sentou-se numa das poltronas e cruzou as pernas fazendo a saia subir alguns centímetros, para revelar as coxas bem torneadas, de pele acetinada. O casaco justo abriu-se ligeiramente, deixando antever a curva inicial dos seios firmes. Ela parecia indiferente ao frio do inverno. Jean Luc perguntou, sentando-se na poltrona em frente a ela, separado por uma bela mesa de chá do século XVIII:

— E Sarah?

— Tentei matá-la. Não tive sucesso, por enquanto. Mas decididamente matei o seu filho — informou com um sorriso sádico, colocando o fio de ouro quebrado, com a cruz de malta solta, sobre a mesa, como prova. A cruz fez um barulho seco quando bateu na madeira e aquele som propagou-se dentro dele como um eco. Ele fixou os olhos no objeto e conseguiu perceber algumas manchas escuras: era o sangue de Sarah que havia secado em volta do ouro

luzidio, antes do fio ser arrancado. Não se moveu, como se tivesse paralisado. Continuou olhando fixamente o fio e a cruz. Lucrezia tinha levado a cruz com o objetivo de abalar Jean Luc, e ao observar a expressão sofrida do rosto dele, confirmou que conseguira.

— Eu daria a minha vida por ela — murmurou, confirmando apenas o que Lucrezia já sabia. Precisava entender por que ela havia assassinado toda a sua família. — Por quê?

— Você precisa ficar sozinho. Sarah deve morrer, desaparecer da sua vida de forma terrível, para que você sinta ódio e cumpra o seu destino. Para que se transforme no instrumento dos meus desejos.

— Bastava ter pedido — disse, como se estivesse totalmente vazio, olhando-a sem compreender o que ela queria dele, mas disposto a fazer o impossível para salvar Sarah.

Mas aquela reação não era o que Lucrezia esperava. Lembrou-se do desespero feroz de Hitler e do medo que ele sentia: vivia em sobressalto constante, temendo que as mulheres que amava acabassem dramaticamente com as suas vidas. Hitler tinha sentimentos e medos intensos e inflamava multidões com a sua voz e os seus discursos apaixonados, veementes.

Eram aqueles medos e desesperos que Lucrezia queria despertar em Jean Luc, mas via-o apenas mergulhado numa dor muda, consumido pelo desejo de salvar a amada. Observou-o com atenção: Jean Luc assemelhava-se a uma espécie de anjo frio e elegante, mas talvez fosse capaz de hipnotizar todos com a sua delicadeza e beleza. Porém ela tinha que controlá-lo, e para isso ele precisava sentir medo, porque o medo torna as pessoas frágeis, dependentes e fáceis de manipular.

— Não — negou ela, categórica. — Sarah tinha muita luz, muito amor. Com ela ao seu lado, você jamais poderia cumprir o seu destino. A bondade dela era contagiante, como um vírus. Com a

morte dela você fica sem nada e está preparado para liderar o mundo — anunciou Lucrezia, áspera, sem que Jean Luc conseguisse compreender o que ela estava dizendo. Tudo aquilo soava como o discurso de uma mulher louca, completamente incongruente com a imagem racional que ela aparentava.

Lucrezia estava tão centrada em semear a maldade pelo mundo, tão envolvida nos seus jogos de manipulação e no seu desejo por poder que deixara escapar o mais importante dos detalhes: a essência de Jean Luc tinha sido alterada pelo amor.

— O que está dizendo? — perguntou atônito, com o discurso incoerente dela.

— Você será maior que Hitler.

Foi então que ele compreendeu o que ela queria, como se um clarão o tivesse atingido e iluminado tudo. Perguntou devagar, tentando dar lógica às palavras:

— Está afirmando que serei um líder político?

— Mais do que isso: será O líder. O mundo ficará rendido aos seus pés.

Jean Luc levantou-se e foi até o canto direito da sala, afastando-se dela. Sentou-se na cadeira preferida do seu pai, pensando que precisava ganhar tempo, para chamar a polícia. Cruzou as pernas e colocou uma das mãos no bolso das calças para tentar usar o celular. Mas a tarefa parecia muito mais difícil do que pensara.

— Não estou interessado — respondeu, seguro de que ela era louca: ela assassinara a sua família e agora estava ali tentando transformá-lo num novo Hitler.

Lucrezia aproximou-se dele e afirmou com uma frieza ameaçadora:

— Não é uma alternativa nem uma oferta. É o que vai acontecer — esticou a mão direita, com a palma virada para cima. — O celular.

Ele olhou-a desafiador. O que ela poderia fazer? Matá-lo? Como poderia obrigá-lo a fazer algo que ele não queria?

Lucrezia apertou os lábios ao ver que ele hesitava em obedecer. Pensou irritada: *maldito livre-arbítrio humano*. Havia um acordo entre as forças do bem e do mal que proibia a interferência na vontade e nos destinos humanos, mas ela não estava disposta a deixar que um acordo interferisse nos seus planos. Repetiu a frase mais uma vez, usando um tom de voz específico, e ele sentiu-se compelido a obedecer:

— O celular, Jean Luc.

Ele deu-lhe o celular, tentando resistir, em vão, ao comando dela. Lucrezia desligou o celular, e ele teve a sensação de estar de novo no controle do seu corpo.

— Agora quero que me dê o punhal — disse, revelando a principal razão da sua visita.

Jean Luc ficou tenso, lembrando-se do Cálice desaparecido. Estava cheio de dúvidas, e apesar de não saber como ela reagiria, perguntou:

— Matou os meus pais para levar o Cálice?

— Um dos propósitos foi esse.

— E qual foi o outro?

— Um ritual para apaziguar as forças e agradar o meu Mestre.

— Que forças e que mestre?

Ela respondeu irritada com a ignorância dele.

— Existe a Luz e a Escuridão. Uma não existe sem a outra, e é a combinação das duas que gera as sombras. A Terra é o mundo das sombras onde a luz e a escuridão se misturam. Quando há luz surgem as sombras, mas quando há escuridão não há mais nada.

— Não entendo — respondeu, confuso com a loucura dela. Precisava chamar a polícia.

— Eu quero um mundo de escuridão. E o meu Mestre, que em breve será também o seu, é o Senhor das Trevas. Mas teremos tempo para falar sobre isso. Agora quero o punhal...

Jean Luc olhou-a ela, estupefato, incapaz de assimilar todas aquelas baboseiras, mas desafiou corajosamente:

— E se eu não lhe der o punhal?

— Eu posso obrigá-lo. Você me deu o celular... — lembrou.

— Quando eu lhe der o punhal, suponho que terei o mesmo destino dos meus pais — disse, dando-se conta, pela primeira vez, que ela podia matá-lo. Não tinha pensado naquela possibilidade, chocado com a notícia de que ela era a assassina dos pais. Sentiu o coração disparar e a garganta seca.

— Claro que não — respondeu, espantada por ele não ter compreendido o papel que ela lhe estava reservando. — Tenho planos para você. Já lhe disse quais são.

Cada vez que ela falava, parecia um pouco mais louca do que antes, mas aquilo em vez de tranquilizá-lo aumentou a sua ansiedade: um louco era sempre imprevisível. Dirigiu-se ao lugar onde estavam as relíquias. Tinha sido dali que Charles Messie tirara o Cálice, antes de ela levá-lo à adega e matá-lo, juntamente com os outros. E agora o filho dele iria lhe dar o mais preciso dos objetos: parte da esmeralda de Lúcifer.

Ninguém tinha consciência do poder daquela esmeralda, mas ela acreditava conhecê-la bem: aprendera observando como Lúcifer a controlava para viajar entre os mundos, energizar-se, sugar almas, evaporar seres que o desafiassem ou explodir coisas que o irritassem. Ela fizera Hitler e o seu general, Heinrich Himmler, buscarem desesperadamente aquela pedra, e por isso a chamavam de Pedra de Lilith.

Quando Lúcifer disse que o Punhal das Almas tinha a esmeralda, ela se aquietou para que ele não percebesse a alegria intensa que sentira: finalmente achara a esmeralda, e depois de aprender a controlá-la seria como ele. Igual a ele, sem precisar se submeter a ninguém. O Anunciado seria seu subordinado, até o seu filho assumir o mundo. E Miguel Besson seria o seu companheiro: o homem com quem dividiria o seu destino.

Jean Luc deu-lhe a caixa fechada. Ela abriu a tampa e viu a esmeralda: achou que seria maior, porque não correspondia ao pedaço que faltava na testa de Lúcifer. Observou-a com cuidado, sem tocar, receando que Lúcifer pudesse senti-la. Afinal travava-se de uma parte dele, perdida na sua queda dos céus. Fechou a tampa com um baque seco e anunciou:

— Falamos após a morte de Sarah. Tenho certeza de que a minha proposta se tornará mais atraente.

Oliver Bassan viu e reviu a gravação. Tinha deixado várias câmeras espalhadas pela casa dos Messie e acabara de descobrir quem era o responsável pela morte deles. O seu trabalho estaria completo quando Dimitri recebesse uma cópia da conversa entre aquela mulher, que dizia chamar-se Lucrezia Zani, e Jean Luc Messie. Tinha certeza de que Dimitri não ia gostar nada de ver que a assassina levava o punhal que tinha oferecido a Jean Luc, e custara um milhão e meio de dólares.

A conversa entre Lucrezia e Jean Luc parecia surreal, mas Oliver sabia que era o culminar de tudo o que ouvira sobre a Profecia, e foi obrigado a reconhecer que o grupo de estudiosos estava correto nas suas análises. Fez uma cópia no *pendrive* e dirigiu-se ao apartamento da Ordem, sem avisar.

Tocou à campainha desejando que Alessia atendesse. Mas enganou-se: era Seth. Pediu para falar com Daniel. Seth conduziu-o ao escritório onde estavam todos. No momento em que ele entrou na sala, o seu olhar cruzou-se brevemente com o de Alessia, e ela sentiu uma coisa morna no estômago, como se tivesse acabado de beber um chá muito quente.

Oliver explicou rapidamente o que acontecera e colocou o *pendrive* na televisão. Apertou o *Play* e em segundos a tela encheu-se com a imagem de Jean Luc e Lucrezia, numa conversa em que ela revelou os assassinatos dos Messie e Sarah, o papel que esperava de Jean Luc e, por fim, pediu o punhal, segura de que ele o tinha.

— Congele — pediu Daniel, avaliando a caixa que Lucrezia tinha na mão, praticamente no final da gravação. Oliver levantou o controle e congelou a imagem.

— Ah! — Elizabeth gritou, paralisando todos. A sua voz parecia conter algo de terrível.

— O que foi? — Daniel aproximou-se e segurou a mão dela, que apontava para a imagem de Lucrezia saindo da casa de Jean Luc Messie, com a caixa que continha o punhal.

— Elizabeth? — insistiu Daniel, vendo o rosto pálido dela e os lábios demasiado apertados, no esforço de se controlar para tentar explicar. — Respire.

Ela respirou, mas o ar levou algum tempo até chegar ao fundo dos seus pulmões, parecendo que uma mão a espremia por dentro, impedindo o oxigênio de entrar. Falou, mastigando as palavras, uma a uma:

— Ela vai assassinar um de nós.

A sala mergulhou num silêncio brusco. Ninguém se atrevia a dizer absolutamente nada, nem Oliver, que continuava parado com o

controle da televisão na mão, como se também tivesse sido congelado. Todos os olhares estavam centrados em Elizabeth. Daniel foi o primeiro a reagir. Continuava segurando a mão dela ao perguntar, fixando-a bem nos olhos, onde estava estampada toda a sua perturbação e também a sombra leve que denunciava a presença de Angelina:

— Quem, Elizabeth?

Ela sacudiu a cabeça:

— Não sei. Pode ser qualquer um de nós.

— Como? — continuou Daniel, criando um roteiro de perguntas precisas para descobrir o máximo de informação possível, antes que Angelina partisse.

— Com o Punhal das Almas, que está naquela caixa — disse soltando-se da mão de Daniel e apontando uma vez mais para a imagem da televisão.

— Quando?

— Não sei...

— Onde, Elizabeth?

— Não sei...

Daniel se aproximou, ficando a centímetros do rosto dela, para pedir suavemente:

— Feche os olhos. E descreva o que vê.

Ela levou alguns segundos até fixar a imagem e começar a falar.

— É uma sala redonda, escura, com um círculo de pedra no centro, em um nível mais baixo. O chão é de pedra com símbolos formados por pedras mais escuras. Tem um altar ao fundo, e o Cálice e o punhal estão sobre o altar.

— O que mais consegue ver? — continuou questionando Daniel calmamente.

— É embaixo da casa dela.

— E onde é a casa dela?

Ela se esforçou, mas sacudiu a cabeça, antes de responder:

— Não consigo ver mais nada.

— Tentamos mais tarde — avisou Daniel, afastando-se dela. Aquele caso sempre os incomodara, e a visão de Elizabeth, claramente guiada por Angelina, talvez explicasse os temores e pressentimentos iniciais. A possibilidade de um deles perder a vida era algo impensável, porque um guardião só podia perder a vida se entregando a Lucrezia Zani, abdicando da vida por vontade própria. Essa era a única forma: um único Anjo Negro não conseguia destruir um guardião mesmo que tivesse o punhal. E o principal enigma era saber o que poderia levar um guardião a se entregar voluntariamente à morte.

— Obrigado pela gravação, Oliver. Vai entregá-la a Dimitri? — questionou Daniel, optando por não continuar explorando a trágica visão de Elizabeth sobre a morte de um deles.

— Editei uma versão com a confissão dos assassinatos e o pedido do punhal. Cortei tudo o que dizia respeito à Profecia. Seria complicado explicar a Dimitri — justificou. — Vou enviá-la por e-mail, ainda hoje. E isso finaliza o trabalho que Dimitri me contratou para fazer e encerra também a minha dívida com ele, por ter liberado Elizabeth.

— Mas ele pode lhe pedir que descubra a localização de Lucrezia — avisou Miguel, que se mantivera silencioso até ali.

— Pode. Vocês pretendem descobrir isso? — perguntou Oliver.

— Sim — respondeu Daniel.

— Talvez possamos continuar colaborando — disse, esboçando um gesto para se despedir.

— Seria muito útil — respondeu Daniel, confiante nas habilidades de Oliver.

— Lanche conosco — convidou Alessia num gesto de ousadia, que o agradou.

— Obrigado, Alessia — aceitou Oliver, com um sorriso.

25. A casa

O homem precisa daquilo que em si há de pior se pretende alcançar o que nele existe de melhor.

Friedrich Nietzsche (1844-1900)

Daniel entrou no gabinete de Étienne com um envelope na mão, percebendo o ambiente agitado. O jovem Messie estava orientando um especialista a desenhar um retrato. Bardas e Shaw observavam Jean Luc com atenção, enquanto Étienne caminhava entre duas poltronas e uma pequena mesa, num dos lados do gabinete. Quase podia sentir que o momento de prender a assassina se aproximava e, em breve, terminaria o inferno provocado por um dos piores casos em que tinha trabalhado.

— Ah, que bom que vieram... — disse Étienne cumprimentando Daniel, Dib e Miguel. — Tenho novidades: a assassina visitou Jean Luc para pedir um punhal que havia sido oferecido por um amigo do seu pai: Dimitri Sergeevich.

Eles perceberam como Bardas lhes deitou uma mirada atenta ao cumprimentá-los. Com a chegada deles, a sala ficou superlotada.

— E ele está fazendo o retrato falado — comentou Shaw.

— Acho que podemos ajudar — anunciou Daniel abrindo o envelope e tirando de lá uma fotografia com o rosto visível de Lucrezia. — Jean Luc, foi esta mulher que o visitou?

Ele se levantou e pegou a fotografia: ela era inconfundível. O olhar dela fixava-o diretamente parecendo capaz de sair do papel.

— Sim — respondeu, surpreso. — E essa é a caixa com o punhal.

— Onde conseguiram isso? — quis saber Étienne.

— Preciso confessar algo: por razões de segurança achamos melhor deixar alguém próximo de você, após o incidente com a Sarah — disse Daniel, simplificando o que acontecera. — E essa pessoa tirou esta fotografia.

— Vocês estavam me vigiando? — perguntou Jean Luc, com a voz ligeiramente irritada.

— Não. Protegendo — explicou Daniel. — Todas as pessoas importantes da sua vida foram mortas, ou quase. A assassina parece ter um interesse especial em você. Além disso, vários objetos da sua família estão passando para as mãos dela: o Cálice, o cordão de Sarah e, agora, o punhal. Há alguma coisa que ela lhe tenha dito, além de pedir o punhal?

Jean Luc hesitou, sentindo o olhar analítico de Daniel, como se ele soubesse o conteúdo da sua conversa com Lucrezia. Mas ele não podia contar aquele diálogo: iam achar que era louco, como ela. Por isso omitiu a fantasia dela transformá-lo no novo Hitler.

— Não.

Daniel percebeu que ele não falaria sobre o assunto e achou que era a melhor solução. Seria difícil agregar mais aquela variável ao caso, e explicar a existência da antiga profecia.

— Ela se chama Lucrezia Zani — disse Miguel. — Não sabemos onde mora. Talvez seja na sua própria casa que ela pratica alguns dos rituais.

— Podemos ver se está no sistema — sugeriu Étienne prontamente. — Enquanto eu mando investigar por aqui, Shaw, veja com a Interpol se há alguém com esse nome.

Jean Luc perguntou a Étienne:

— Como já têm a fotografia, posso ir? Gostaria de voltar para junto de Sarah.

— Claro, claro. Obrigado, Jean Luc — agradeceu Étienne.

— Enquanto esperamos a informação, podemos sair e tomar um espresso — sugeriu Bardas.

Meia hora depois, os resultados não agregaram nenhuma informação sobre Lucrezia.

— A única Lucrezia Zani que existe é uma italiana de noventa anos — avisou Étienne.

— Como? — perguntou Miguel, fazendo Étienne repetir a informação.

— A única Lucrezia Zani tem noventa anos e mora em Milão. Por que pergunta?

— Acho que ela se apropriou da identidade da verdadeira Lucrezia Zani.

— Mas iria deixá-la viva? Não parece ser o estilo dela — rebateu Shaw.

— Deixou-a viva para provocar impasses como este: toda a informação leva até uma senhora de noventa anos, vivendo confortavelmente na sua casa de Milão. Uma senhora que não teria a mínima condição de estar envolvida em nada disto — defendeu Miguel.

— Bem... Vou mandar colocar a fotografia dela em todos os canais de televisão, revistas, jornais e internet — avisou Étienne.

— Talvez não seja aconselhável — disse Daniel.

— Por quê? — quis saber Shaw, que achara a ideia de Étienne brilhante.

— Não sabemos como ela vai reagir se for encurralada. — respondeu Daniel.

— Parece-me a forma mais rápida de descobrir onde ela está — defendeu Étienne.

— Concordo que é a mais rápida, mas não sei se é a mais segura. — Daniel pensou na reação de Lucrezia caso ela se enfurecesse, mas não lhe ocorreu uma alternativa melhor à decisão de Étienne, ou pelo menos uma alternativa que pudesse ser explicada racionalmente. Tinha certeza de que, apesar do rosto de Lucrezia ser maciçamente veiculado na mídia, não seria assim que descobririam onde ela morava. Iriam aparecer centenas de pessoas dizendo que a tinham visto, mas ninguém teria informações sobre a casa ou o esconderijo dela.

— Tem outra ideia? — questionou Étienne.

— Não — respondeu Daniel, laconicamente.

— Então acho que vamos avançar com a minha ideia — afirmou Étienne, seguro.

— Concordo — Shaw consultou Bardas com o olhar para ver se ele tinha alguma objeção, mas ele também estava de acordo. Todos ansiavam um rápido desfecho, não apenas pela enorme pressão política, que continuava aumentando todos os dias, mas principalmente porque aquele caso, pela sua natureza horrenda, provocava um esgotamento maior que qualquer outro. Tudo o que tinha a ver com crianças mexia mais profundamente com as emoções, deixando os investigadores com um mal-estar que, por vezes, lhes turvava o raciocínio. Bardas sabia daquilo por experiência própria: lembrava-se bem do caso de pedofilia que investigara e de como afetara os nervos de todos.

— Vai conosco, Besson? — perguntou Dib, ocupando o lugar do motorista no carro estacionado praticamente na frente da entrada do prédio da polícia.

— Vou — respondeu sentando-se no banco traseiro e fechando a porta do carro. — Não acredito que a polícia descubra onde ela está, mesmo que haja um cartaz em frente a sua casa. Ela se protege com encantamentos e por isso Elizabeth não conseguiu descobrir quase nada sobre ela. Nem eu, para dizer a verdade.

— Mas se lembram de quando Elizabeth sonhou com o número sete e a ascensão do Anunciado? Ela afirmou que era alguém que tanto podia ser um homem ou uma mulher e o Anunciado seria maior que Hitler — comentou Daniel.

— Hitler é uma referência para ela, porque tentou fazer dele o Anunciado — disse Miguel.

— E falhou — reforçou Daniel.

— Graças ao Tibetano — comentou Miguel, antes de murmurar. — Ainda não sei como classificar a sua atuação... Ele participou da ascensão e da queda de Hitler.

Daniel manteve-se em silêncio por alguns segundos. Era a segunda vez que Miguel falava no Tibetano. Apesar de muitos considerarem que o Tibetano se suicidara, Miguel tinha dúvidas sobre a verdadeira identidade do misterioso monge que orientara Hitler, e no final, sem uma explicação racional, também contribuíra para a sua queda. A controversa figura, muito pouco conhecida, era fascinante, e Miguel acreditava que Dib e Daniel sabiam de quem se tratava e tinham um conhecimento detalhado sobre aquela história secreta. Miguel continuou falando, introduzindo claramente o tema da Segunda Guerra:

— Sabemos que às vezes é preciso fazer o mal para atingir um bem maior.

— São Tomás de Aquino dizia que “não há ocasião que permita fazer o mal para que resulte alguma coisa boa”. E isso é um dos pontos essenciais sobre os quais discordamos, Besson — afirmou Daniel.

— É verdade, mas a realidade tem provado que eu estou certo e são Tomás de Aquino, não.

Daniel virou-se para trás e riu ao ver o sorriso de diversão estampado no rosto de Miguel. As descobertas sobre Lucrezia tinham-no abalado, mas agora parecia retornar lentamente ao seu ponto de equilíbrio, como se estivesse maturando grandes decisões e planejando um novo caminho. Dib mantinha-se impávido, parecendo não estar escutando aquela conversa.

— Vocês sabem quem é o Tibetano? — perguntou Miguel descaradamente.

— Qual é o seu interesse no Tibetano? — quis saber Daniel.

— Se a história for verdadeira, ele era um monge de grande poder e conhecimento que ajudou Hitler e depois o traiu. Ninguém sabe quem foi, nem o que realmente aconteceu. Talvez seja o único mistério da Segunda Guerra que me escapa. O Tibetano encaixa-se nos meus argumentos contra são Tomás de Aquino — riu Miguel.

— Mas é um argumento demasiado simplista, não, Besson? — retrucou Daniel.

— Às vezes o simples é bom: é um contraponto à nossa vida demasiado complicada. Voltemos ao Tibetano, De Payens. Quem foi?

— Falaremos disso noutra ocasião, Besson. Agora não é um momento oportuno.

— É tão oportuno como qualquer outro — argumentou, evitando abandonar o assunto.

— Não vamos falar sobre isso — Daniel respondeu, desta vez mais firme.

— Isso significa que você sabe quem é o Tibetano — Miguel comentou como se falasse apenas para si mesmo e estivesse fechando um raciocínio que levava anos construindo.

— Esse assunto está encerrado, Besson — insistiu Daniel, com a voz pesada. E Miguel soube que não descobriria nada sobre o Tibetano, mas continuava disposto a desvendar o mistério sobre a sua identidade e os eventos ligados aos últimos dias de vida dos Barretes Negros, os monges que rodearam Hitler. Miguel acreditava que a principal razão para Daniel não abordar o assunto tinha a ver com o envolvimento da Ordem naqueles eventos, e talvez tivesse sido um envolvimento terrível.

— Nesse caso voltemos a Lucrezia — sugeriu Miguel, ignorando qualquer críspação que tivesse resultado das suas perguntas incômodas sobre o Tibetano.

— Tem alguma ideia sobre a melhor maneira de encontrá-la? — perguntou Daniel, voltando ao normal.

— Posso telefonar e aceitar o convite que ela me fez para ir à sua casa — afirmou, embora estivesse consciente dos perigos que a sua atitude podia trazer.

— Está fora de questão — Daniel rejeitou a ideia, reforçado por Dib, que acompanhara silenciosamente a discussão sobre o Tibetano:

— Você não deve se encontrar com ela. Principalmente depois do aviso de Elizabeth.

— Ela disse que seria um dos guardiões. Isso me exclui.

— Não necessariamente — afirmou Dib. — Elizabeth disse que seria um de nós. E, neste momento, você é um de nós.

— Não sou. Isso me exclui — insistiu Miguel. — Além disso, vocês mesmo reconheceram que Lucrezia não me fez mal por estar apaixonada por mim.

— Não é uma boa ideia, Besson. Ela pode estar apaixonada, mas a situação mudou. Ela teve tempo para pensar e já deve ter uma ideia sobre a sua identidade — Dib tinha certeza de que aquela era uma péssima maneira de descobrir o paradeiro de Lucrezia, embora soubesse que talvez fosse a única.

— É a melhor das ideias — defendeu Besson.

— Isso foi o que você disse da última vez e ela quase o matou — lembrou Daniel.

— Mas não matou. Posso querer falar do meu filho. Propor um futuro — disse.

— E acha que ela vai acreditar? Besson, ela já sabe que você destruiu o Destruidor de Almas, e isso é suficiente para ela deduzir que só um ser místico, um guardião, pode fazer isso. No contexto atual é isso que você é para ela: um guardião — Daniel reforçou a argumentação iniciada por Dib. — E a sua morte é muito mais valiosa para ela do que a sua vida. A sua alma dá-lhe uma quantidade de energia enorme que a tornará muito mais poderosa do que ela já é.

— Eu teria que me entregar para ela conseguir a minha alma.

— Ou ela pode forçá-lo a render-se com algum dos seus poderes de sedução ocultos. Talvez seja assim que ela pode nos destruir... Não faça isso, Besson. Pensaremos noutra solução — disse Daniel. — Precisamos de você vivo.

Miguel acatou o pedido, com relutância. Não estava disposto a sacrificar-se: não fazia parte do seu perfil. Abnegação e sacrifício lhe pareciam atitudes demasiado extremas, e ele não as apreciava. Mas acreditava que teria que resolver aquele assunto, de alguma forma.

Pensara muito sobre o filho e avaliara as consequências do seu envolvimento com Lucrezia.

Dimitri recebeu o arquivo e viu a imagem de Lucrezia Zani. Estudou os gestos dela e apreciou a sua beleza. Oliver Bassan fizera um bom trabalho ao descobrir a responsável pela morte de Charles Messie e que, além de ter roubado o Cálice, também levava o punhal que ele oferecera ao jovem para satisfazer o último desejo do pai. Apesar de Dimitri querer ajustar contas com ela e aproveitar a oportunidade para recuperar os objetos dos Messie, Oliver havia-o avisado de que a polícia também estava no encalço dela e sugeriu que ele deixasse o assunto entregue às autoridades, pelo menos temporariamente.

Dimitri acatou a sugestão de Oliver e decidiu esperar para ver como se desenrolava o caso. Tudo o que não queria era voltar a estar sob o radar atento da polícia.

Estava satisfeito com o trabalho de Oliver, e ele correspondera a todas as recomendações que recebera. Talvez até um pouco mais: além de focado e muito eficaz, era extremamente inteligente. A sua ponderação e capacidade de análise faziam dele um elemento valioso, que Dimitri pretendia manter ao seu serviço. Já tinha até uma próxima tarefa para Oliver: encontrar Tereza Sampaio. Mas decidiu resolver primeiro o caso de Lucrezia Zani, antes de contratar Oliver para acabar com Tereza Sampaio.

A imagem de Lucrezia Zani apareceu em toda a mídia francesa, tornando-se foco do interesse internacional. O comunicado de imprensa não a associava à morte das crianças, porque a polícia

temia reações violentas por parte da população, mas afirmava que ela era suspeita pelo envolvimento na morte dos Messie e seus empregados, além de ter tentado assassinar a esposa de Jean Luc Messie.

Quando Étienne pediu que Jean Luc desse uma declaração solicitando informações sobre Lucrezia Zani, para reforçar a empatia do público, o pandemônio instalou-se, porque todos diziam tê-la visto em algum lugar, sobrecarregando os telefones da polícia com informações aleatórias e, quase sempre, inverossímeis. Havia relatos da presença simultânea de Lucrezia em pontos muito distantes da cidade. Aquela sua onipresença não facilitava o trabalho da polícia. Tornou-se difícil filtrar a informação e descobrir o que era real ou pertinente e o que era fruto da imaginação das pessoas. E isso era o que Daniel temia que acontecesse.

A exposição de Jean Luc na televisão tornou-o o centro das atenções, marcando o início da sua ascensão midiática. O herdeiro Messie, sobrevivente e solitário, causou uma onda de simpatia e transformou-se em celebridade, surgindo no foco de um movimento de solidariedade liderado por adolescentes que passaram a considerá-lo um ser iluminado por ter sofrido tantas perdas pessoais. A morte do bebê e o coma de Sarah contribuía para acentuar a aura de quem parecia destinado a algo maior, após ter sido submetido a tanto sofrimento. Até o seu nome começou a ser alvo de especulação: "messie" em francês significa "messias", e ele passou a ser conhecido como *le messie*, o messias.

Quanto mais a fotografia de Lucrezia Zani se propagava mais a celebridade de Jean Luc aumentava, tornando-se um fenômeno que ninguém previra.

Enquanto Lucrezia representava o mal, Jean Luc era a personificação do bem, com sua beleza triste, seu olhar distante e

seus modos distintos. Ele era a versão moderna do príncipe encantado, e as coisas saíram do controle de tal forma que foi necessário montar um cordão policial em volta do hospital, para evitar que invadissem o local: as pessoas queriam vê-lo, mostrar solidariedade com a sua dor, segurar as suas mãos, levar flores, doces e pelúcias.

As televisões, ao perceberem o carisma midiático do jovem e o interesse que suscitava, acamparam, literalmente, em frente ao hospital, onde ele passava o tempo ao lado da esposa, que continuava entre a vida e a morte. Aquela dedicação engrandecia-o principalmente aos olhos das adolescentes. Sem qualquer intenção, Jean Luc surgia como um messias, e ninguém sabia de quê, nem mesmo ele. O certo é que se tornara uma espécie de Che Guevara moderno e estilizado, embora sem conteúdo político ou sociológico, mas cujo sofrimento representava um caminho para a iluminação espiritual. Havia camisetas estampadas com o seu rosto, revistas com reportagens, fotografias e gravações suas na internet saindo ou entrando no hospital, e tudo o que lhe dizia respeito tornara-se viral: a informação sobre ele multiplicava-se na mídia e contribuía para aumentar a sua aura mística.

Lucrezia estava fascinada com o punhal. De todos os objetos que conhecera, aquele era o mais especial: era uma parte da mítica visão de Lúcifer. Nem a fabulosa Lança do Destino ou o Cálice de Cristo, que agora também estava em seu poder, exerciam sobre ela aquela atração que a fazia mirar o objeto e andar constantemente com ele. Dormia com ele debaixo da almofada, levava-o quando saía à noite, disfarçada de mulher fatal, com cabelos loiros ou ruivos para ludibriar a sua imagem estampada em todos os lugares. Na primeira

noite resistiu, mas na segunda seguiu os seus impulsos e enfiou o punhal no coração de um jovem admirador que a seguira por um dos becos de Paris, depois de ela ter flertado com ele num bar. Sentiu um prazer indescritível ao absorver a alma aprisionada na esmeralda brilhante, através do pequeno corte que fez na pele, como se o seu corpo tivesse sofrido uma descarga violenta de adrenalina. Levou alguns minutos para voltar ao normal: parecia uma droga que dominava tudo, tornando os sentidos mais aguçados e o corpo, muito mais forte, além do prazer intenso que percorria todos os seus músculos. E, exatamente como uma droga de adição imediata, ela imediatamente quis mais. Aquele momento marcou o início de uma segunda onda de assassinatos, desta vez aleatória: eram homens e mulheres, de qualquer idade, que ela seduzia e arrastava para qualquer canto escuro para lhes ceifar a vida.

As noites tornaram-se inseguras e as pessoas tinham medo de sair. Étienne se irritava e desesperava com a falta de solução. Acreditava, assim como Shaw e Bardas, que aquilo era obra de Lucrezia Zani, apesar de não coincidir com o estilo anterior dela. Questionava se não seria uma vingança por terem revelado a sua imagem. Por mais que Daniel, Dib e Miguel reforçassem que Étienne não era responsável pelos assassinatos, ele não conseguia se livrar da culpa. Mas o pior era a ausência de soluções e a capacidade que ela tinha de passar despercebida entre as pessoas, como se tivesse o dom da invisibilidade: só sabiam que a tinham visto quando já era tarde demais e ela havia desaparecido. Depois de investigarem descobriram que ela podia ser loira ou ruiva, ter cabelo curto ou longo, e isso fazia toda a diferença numa mulher. Étienne decidiu aumentar o cerco: fez um anúncio mostrando várias fotografias dela montadas com diferentes tipos de cabelo e desta vez afirmou, de

forma inequívoca, que ela estava ligada à morte das crianças e à segunda onda de assassinatos pelas noites de Paris.

Ao seu lado estava Jean Luc Messie, reforçando que ela fora responsável por dizimar a sua família e era necessário fazê-la parar. Ele pediu que só ligassem para a polícia com informações realmente importantes. E foi então que o mundo focou toda a sua atenção em Lucrezia Zani: o seu rosto passava na televisão em intervalos regulares, pelo mundo todo. Ela ganhou um nome e começou a ser conhecida como *la séductrice*, a sedutora, por sua capacidade de seduzir as pessoas, levando-as aparentemente sem resistência. E a ela se punha a Jean Luc, *le messie*, com seus apelos firmes, imprimindo uma urgência crescente à necessidade de encontrá-la.

Miguel explicara aos guardiões que, após o primeiro assassinato com o punhal, Lucrezia Zani seria imparável. E propusera, várias vezes, encontrar-se com ela, mas a sua proposta foi sempre rejeitada por todos. Parecia claro que, no estado de frenesi em que ela estava, a presença de Miguel representava um atrativo adicional: ele era um ser especial que ela tentaria controlar ou, em uma situação extrema, assassinar para absorver a energia.

— Temos que pôr um fim nisto, mas não ao preço de mais uma vida — argumentou Daniel, vendo-os espalhados pelas cadeiras e sofás, como anjos se preparando para uma batalha.

— Segundo a profecia, “Um sacrifício deverá ser feito para a queda do Anunciado. O sangue de um anjo será derramado e a renúncia à vida será a causa da queda” — disse Elizabeth, que se debruçara sobre a Profecia, para justificar a sua visão sobre a morte de um deles.

— Talvez ela é que tenha que ser detida neste momento, porque Jean Luc, que seria o Anunciado, está em evidência, ganhando força e sendo escutado, mas em oposição a ela. E isso não estava previsto: ele devia ascender com ela — lembrou Kent.

— O epicentro é sempre ela — disse Uchoa. — Temos que fazê-la parar. Definitivamente.

— Ela adquiriu muito mais poder com o punhal — frisou Miguel.

— Elizabeth tem razão: a profecia menciona o sangue de um anjo — sintetizou Dib.

— Um de nós, como Elizabeth previu — lembrou Seth devagar. Elizabeth mantinha-se quieta, embora todos esperassem que ela soubesse mais alguma coisa: o que aconteceria ou como. Mas ela não conseguia ver nada além da fachada de uma casa, surgindo cada vez com mais detalhes. Mas de que adiantaria uma fachada, no meio de milhões de casas em Paris?

— Não — rebateu Daniel, firme. — Nenhum de nós deve cair para provocar a queda dela. Tem que haver outra solução.

— Um de nós tem que se entregar voluntariamente — afirmou Kent.

— E depois? O que acontece? — perguntou Miguel, pragmático.

— Não sei — respondeu Kent.

— Se um de nós se sacrificar, não sabemos o que pode acontecer... Isso não é razoável, embora a profecia seja clara sobre a necessidade do sangue de um anjo — Dib comentou. — Elizabeth, tem alguma ideia?

— Lamento não poder ajudar mais — respondeu, sob o olhar atento de todos. — A única coisa que comecei a ver foi a fachada da casa onde Lucrezia está. Mas ainda é muito vaga...

Daniel imobilizou-se repentinamente. Pediu, sentindo uma ponta de esperança, pela primeira vez em dez dias, desde que haviam

divulgado a imagem de Lucrezia:

— Conte-me sobre essa fachada. Consegue desenhá-la?

— Sou péssima em desenho — justificou-se, lembrando-o da sua falta de habilidade.

— Eu posso ajudá-la, se você descrever — sugeriu Daniel, encaminhando-se para uma das gavetas da mesa, de onde tirou um caderno de desenho e o estojo de lápis *Caran D’Ache*.

Todos abandonaram tacitamente a biblioteca para lhes dar espaço, e eles sentaram-se um ao lado do outro, num dos confortáveis sofás. Daniel colocou o bloco de capa rígida sobre a perna e começou a desenhar com traços precisos. Ela desconhecia aquele talento dele, de fazer surgir realidades no papel, e impressionou-se com a forma com que ele dava vida às suas palavras.

Eles estavam muito próximos, e ela podia sentir o calor do corpo dele através da roupa, e aquela sensação confortava-a, mas também lhe despertava desejos proibidos. Todos os gestos, por menores que fossem, funcionavam como uma linguagem sutil: ela encostou-se contra o braço esquerdo dele que segurava firmemente o bloco, e ele mantinha a coxa contra a dela, numa intimidade cujo perigo só eles entendiam. E cada vez que se moviam tudo adquiria um duplo sentido, e um gesto não era apenas um gesto, mas uma carícia que revelava o amor silencioso que viviam em segredo.

Desenharam a casa devagar, erguendo-a do chão como uma casa de verdade, pedaço por pedaço, fazendo com que ganhasse vida e densidade. Revelando as janelas, uma arcada e duas colunas que sustentavam a varanda do primeiro andar, posicionadas em frente à porta principal. Depois, um andar foi desenhado sobre o outro, e os seis degraus da frente surgiram como se tivessem nascido abruptamente do chão. Daniel adicionou o jardim raso, sem uma

única flor. Um descampado na frente da casa. Ele coloriu-o com um bege muito desmaiado, que Elizabeth escolhera entre os lápis de cor, para simular a neve de inverno. A casa ficou pronta. Era uma casa pálida, discreta, sem traços distintivos exceto as duas colunas que destoavam na arquitetura, sustentando os dois andares de cima. Mas ambos sabiam que a estranha força daquela casa estava nas suas entranhas, nas minúsculas janelas ovais, rentes ao chão, que denunciavam a existência de um porão cheio de segredos violentos.

— É isso — concluiu Elizabeth, apreciando o desenho, e em seguida olhando para ele.

A tensão entre eles aumentara aos poucos e os dois pareciam ligados a uma corrente elétrica, pronta para entrar em curto-circuito. O ar tornara-se denso e difícil de respirar. Ele abandonou o bloco ao seu lado, segurou-a pelo rosto com os olhos acesos e beijou-a com paixão. O gesto serviu de gatilho para incendiá-los e em segundos os seus corpos fundiam-se num abraço ávido. Ele inclinou-a para trás, deitando-se sobre ela e espremendo-a com o seu corpo contra o sofá. Sentiu-a ceder sob o seu peso, como se os corpos se tornassem um só.

A porta abriu, mas eles não perceberam o ruído suave do trinco, envolvidos no desespero de se entregarem um ao outro, indiferentes às consequências dos seus atos.

— Elizabeth?

Daniel parou de beijá-la e olhou-a, como se tivesse caído, de repente, de um lugar muito alto. Ela abriu os olhos para vê-lo, enquanto ambos tomavam consciência do que estava acontecendo. Ele começou a levantar-se devagar: primeiro a cabeça, depois o tronco, até se sentar no sofá, de costas para a porta entreaberta. Ela imitou os gestos dele. Daniel levou alguns segundos para se acalmar

antes de ficar de pé, para enfrentar o intruso. Voltou-se e encarou-o: Dib fechou a porta e avançou até eles.

— Isto não pode acontecer aqui. É demasiado perigoso. Se alguém visse vocês... — afirmou Dib, mais preocupado com a possibilidade de eles serem descobertos do que com o fato de estarem infringindo as normas. — Se Besson entrasse teríamos um problema.

— Eu sei... — respondeu Daniel, esboçando um sorriso, sem necessitar dizer que aquela situação era insustentável e nenhum deles conseguia se controlar na presença do outro.

Elizabeth continuou sentada, envergonhada por Dib os ter descoberto, sem saber o que dizer. Daniel olhou-a com ternura indisfarçável e deu-lhe a mão para ajudá-la a levantar-se.

— Está tudo bem, Elizabeth — explicou. — Dib sabe.

Ela sentiu o seu carinho por Dib se multiplicar imediatamente e, num gesto impulsivo, abraçou-o no mesmo instante em que a porta se abriu para dar passagem a Miguel Besson. Ele parou, observando a cena inesperada: era claro que Elizabeth gostava de Dib, mas não imaginava que ela gostasse tanto dele como estava demonstrando naquele momento. Daniel percebeu que Miguel estava surpreso e pensou que se ele tivesse chegado minutos antes, a cena teria sido infinitamente mais surpreendente. O amor de Miguel por Elizabeth não lhe permitia gestos de altruísmo naquele momento, e a descoberta da paixão entre Daniel e Elizabeth iria resultar num incidente com desfecho imprevisível, mas com toda a certeza violento.

— Entre, Besson — convidou Daniel.

— Não quero interromper... — respondeu com uma ironia que fez Daniel sorrir sutilmente. Miguel compreendeu que chegara a hora de voltar a investir na sua relação com Elizabeth, antes que ela criasse

relações de cumplicidade mais profundas com os guardiões: agora além de Alessia e Daniel, surgia também Dib.

— Eu e Elizabeth já terminamos — anunciou Daniel. Miguel entrou na sala, seguido de todos os outros. Daniel pegou o bloco de desenho e foi até o meio da sala. Ergueu o desenho e perguntou:

— Alguém conhece?

Miguel aproximou-se e tirou o caderno das mãos de Daniel. Analisou a imagem cuidadosamente, em silêncio, durante um tempo que pareceu demasiado longo para todos, menos para ele. As memórias invadiram-no de supetão: lembrava-se da primeira vez que havia entrado por aquele pórtico e do jardim florido e bem tratado, agora ocupado por um tapete de neve.

— Era a casa dos pais de Adéle — disse, por fim. As coincidências se assemelhavam cada vez mais a peças de um quebra-cabeça maquiavélico e estavam acabando com os seus nervos.

— Começo a achar que você tem razão, Besson, quando disse que parece estar sempre associado a acontecimentos terríveis — afirmou Daniel.

— Eu pareço atrair esse tipo de evento: é óbvio que o meu comportamento é que levou a isso. Por exemplo, sou responsável pelo punhal e fui eu que desencadeei alguns dos acontecimentos atuais, há muitos anos — justificou, consciente da sua participação. — Mas a descoberta de que Lucrezia mora na casa dos pais de Adéle significa que eu conheço a casa.

— Podem ter feito mudanças — sugeriu Uchoa.

— Na fachada não fizeram nada — disse, apontando para o desenho. — E estas janelas minúsculas, aqui, próximas do chão, são o porão, onde antes havia uma adega e, agora, tenho certeza de que é o local onde ela faz os rituais.

— Finalmente sabemos onde ela está. Precisamos planejar para ir lá e acabar com isto — afirmou Kent, ansioso por encerrar o caso e se livrar do mau pressentimento que o dominava desde que os assassinatos das crianças haviam começado.

— Não é tão simples assim. Ela tem poderes imensos. Não é um Anjo Negro comum — advertiu Daniel.

— Somos oito — lembrou Miguel. — Vai dizer que não conseguimos dominá-la?

— Podemos dominá-la, mas não sabemos a que preço — avisou Daniel, recordando os confrontos terríveis que haviam travado com Anjos Negros e quase custaram a vida dos guardiões em várias ocasiões. — Além disso, ela tem o punhal, o Cálice e a Lança do Destino. São objetos mágicos demasiado poderosos que podem funcionar como portais de energia...

— Através deles ela consegue toda a energia que necessitar, especialmente se matar alguém — complementou Miguel. — Mas nós só morremos se nos rendermos.

— É verdade, porém o perigo reside na possibilidade de Lucrezia nos dominar ao ponto de fazermos o que ela deseja. Basta alguém hesitar, por um segundo, para ela controlar a sua mente e fazer com que se submeta aos seus desejos — afirmou Daniel, seguro. — É assim que ela controla as suas vítimas, fazendo com que elas caminhem ao encontro da morte voluntariamente e sem resistências. Ela ignora o livre-arbítrio humano.

— Podemos usar uma estratégia similar à que usamos da última vez em que estive com ela: dividimo-nos em dois grupos. Um grupo entra na casa e o outro dá apoio — sugeriu Miguel.

— É uma boa solução — respondeu Daniel, depois de avaliar prós e contras.

— Eu, Dib e Kent faríamos parte do primeiro grupo, que tem como objetivo dominá-la e recuperar as relíquias. E no grupo de apoio ficaríamos os outros cinco. O que acha, Daniel? — quis saber Miguel.

— Eu vou com vocês — respondeu Daniel, consciente dos enormes riscos que corriam.

— É melhor ficar no grupo de apoio — sugeriu Dib. — Não nos revelamos de uma vez e, como você é o mais forte, será a última linha de defesa e só entra em ação se for necessário.

Daniel assentiu com um gesto de cabeça, e embora soubesse que a sugestão de Dib era a mais inteligente, temia que só os três não conseguissem resistir aos poderes maquiavélicos de Lucrezia. Mas Daniel tinha ainda uma preocupação adicional: precisava proteger Elizabeth, a mais jovem e inexperiente guardiã, que não possuía força ou sabedoria suficientes para se confrontar com um ser negro como Lucrezia.

— Elizabeth não vai — anunciou, antevendo que ela se rebelaria contra a sua decisão.

— Por quê? — perguntou ela, e antes que Daniel respondesse Miguel concordou com ele, reforçando a decisão.

— Concordo — disse Miguel, porém Elizabeth não se deu por vencida.

— Por quê? — perguntou novamente.

— É perigoso demais. Você ainda não tem treino suficiente para se defender de Lucrezia e, neste momento, representa uma fragilidade que ela não hesitará em usar, nos expondo a todos — explicou Daniel.

— Mas eu estaria com você — argumentou ela.

— Eu preciso estar focado neles — disse apontando para Dib, Miguel e Kent. — Não posso me preocupar com a sua proteção.

— De Payens tem razão, Elizabeth — afirmou Miguel. — Lucrezia é muito poderosa.

— Preciso começar a me defender e, se não me expuser às situações, não aprendo — continuou argumentando. — Estão me impedindo de ganhar experiência.

— É verdade — disse Alessia. — Em algum momento temos que treiná-la no mundo real.

— Não nesta situação — Daniel desejava terminar aquela discussão.

— Por favor, Daniel... O que vai acontecer quando não puder me proteger? — perguntou com os olhos úmidos pelas lágrimas que controlava a custo, lembrando que em breve ele não estaria ali. Ele percebeu que era melhor tê-la do seu lado e ensiná-la o mais que pudesse, antes de partir, por muito perigosa que fosse a situação. — Além disso, sou necessária para ajudar a estabilizar o cordão de energia em volta da casa.

— Elizabeth tem razão, Daniel — avaliou Dib, intervindo na conversa. Daniel cedeu e moveu afirmativamente a cabeça, em silêncio.

— Iremos amanhã, ao meio-dia — decidiu Daniel.

— Por que não vamos esta noite? — quis saber Elizabeth.

— A luz está sempre a nosso favor, e a escuridão a favor dela. É preferível evitar confrontos à noite — explicou Daniel, encerrando o assunto. Uchoa, Seth e Kent foram preparar o jantar. Miguel aproveitou o momento para se aproximar de Elizabeth, que estava na varanda da sala, desafiando o frio gélido do inverno.

— Quando tudo isto terminar precisamos resolver questões que estão pendentes entre nós — disse vagarosamente, se posicionando ao lado dela.

— Eu sei — respondeu sem olhá-lo. Miguel analisou-a. Sempre tivera a impressão de que ela ocultava algo. Primeiro achou que era a sua estranha ligação com Daniel, um afeto que ela tinha desde a infância, quando o seguia como uma sombra. Mas depois de vê-la abraçar Dib, momentos antes, se questionou se ela não teria algum sentimento especial por ele. Por outro lado, a naturalidade de Daniel ao vê-los abraçados não indicava que Elizabeth e Dib tivessem uma relação proibida. Elizabeth encarou-o, incomodada com a intensidade do seu olhar:

— O que foi?

— Acho que você tem um segredo — Elizabeth esboçou um sorriso triste, e ele confirmou as suas suspeitas mesmo antes de ouvir a resposta.

— Todos temos segredos — reconheceu de forma simples.

— Fale-me dos seus — pediu docemente, se aproximando um pouco mais dela. Aspirou o perfume dela e sentiu um cheiro que remetia a Daniel e não a Dib, que ela acabara de abraçar. Ficou confuso, sentindo as dúvidas aumentarem.

— Não quero falar, Miguel.

— Talvez eu possa ajudar. Parece que o seu segredo está a fazê-la sofrer...

— Esse é o problema dos segredos: sempre geram sofrimento.

— É verdade — confirmou Miguel, pensando nos seus próprios segredos e na forma generosa como Elizabeth e a Ordem aceitaram o que ele fizera, não porque concordassem com as atitudes dele, mas porque as compreendiam. Por isso, sentia que também lhe devia compreensão e apoio, mesmo sem saber do que se tratava. — Estou aqui, se precisar de mim.

— Obrigada — respondeu não muito segura de que podia confiar nele, para revelar que estava apaixonada por um homem impossível

e que, por esse homem, estava disposta a romper os seus votos sagrados. Para confessar que, por muito que o tivesse desejado, surgira um desejo maior, que apagara todas as memórias dos abraços dele. Ela se voltou para ele e beijou-o no rosto, como uma irmã, antes de se afastar, deixando-o entregue aos pensamentos que o assaltavam, enquanto enfiava os olhos pela escuridão, pontilhada das luzes de Paris.

26. O sacrifício

*Se ao bronze, à pedra, ao solo, ao mar ingente,
Lhes vem a Morte o seu poder impor,
Como a beleza lhe faria frente
Se não possui mais forças que uma flor?*

William Shakespeare (1564-1616)

Miguel apertou a campainha da casa de Lucrezia Zani ao meio-dia em ponto, ladeado por Kent à sua direita, e Dib à esquerda. Tinha-se preparado para enfrentá-la, embora soubesse que ela não tinha escrúpulos e estava disposta a tudo para não se deixar vencer. Em volta da casa, formando um cordão invisível, estavam os outros cinco guardiões, posicionados em espaços regulares.

Ela levou vários minutos para atender. Sabia que eram os guardiões: eles não fizeram questão de disfarçar a sua energia magnetizante. Abriu a porta vestindo um vestido justo e preto, que revelava o seu corpo soberbo.

— Miguel. Que bom revê-lo — disse com ironia, segurando a porta entreaberta. — Não esperava que viesse me visitar, muito menos

acompanhado pelos seus amigos. Esperava algo mais íntimo. Temos muito para conversar, não acha?

— Dadas as circunstâncias, uma plateia não nos fará mal — rebateu, devolvendo a ironia.

— Claro que não. Entrem — convidou. Miguel percebeu que o convite era o primeiro sinal de perigo. Entrou e olhou em volta, tentando reconhecer o local: o enorme hall, com pé-direito alto, terminava em uma claraboia redonda de vidro, que filtrava a luz natural e iluminava a larga e sólida escada de madeira, em caracol, para os andares superiores. Dali também se via o início da escada de mármore, o mesmo mármore do hall, que conduzia ao porão. Aparentemente tudo estava igual, exceto as cores mais pálidas das paredes e a ausência de móveis. Havia apenas uma *chaise long* e uma pequena mesa, com algumas cartas fechadas sobre uma bandeja de prata.

— Descemos? — perguntou Miguel, sério, com o rosto sereno. Ela o olhou com um sorriso amplo, surpresa com a coragem dele. Mesmo estando acompanhado de dois guardiões, seriam insuficientes para detê-la. Ela estava cheia de energia e força: na noite anterior assassinara três jovens e, além de ter absorvido as suas almas, também se alimentou do seu sangue. Seria difícil alguém vencê-la, mesmo se tratando dos guardiões. Não imaginou que eles a encontrassem, mas ficou feliz porque queria ver Miguel. Ele continuava soberbo e belo. Porém, antes de seduzi-lo tinha que se livrar dos guardiões. Por um instante, pensou que poderia oferecer as suas almas a Lúcifer em troca de Miguel.

— Tem certeza de que quer descer? — perguntou ela.

— Por quê? Devíamos subir? — questionou Miguel, mantendo a ironia.

— Os seus amigos também querem descer? — inquiriu brandamente, avaliando-os com atenção. Dib parecia um monge tibetano, muito sereno, ocultando as emoções por trás de um grande véu espesso. Apesar de ser impenetrável, Lucrezia acreditou que era perigoso. Tão ou mais perigoso que Miguel, a quem ainda não conseguira decifrar. Voltou-se para Kent e teve a sensação de que ele estava ali por um motivo diferente dos outros, mas não conseguia perceber o que seria. Eles eram semidivinos e não era fácil descobrir as suas intenções.

— Sim — respondeu Miguel, sucintamente.

— *Seja feita a vossa vontade* — respondeu sarcástica, usando a oração do Pai-Nosso. Começou a descer a escada, com o salto batendo levemente contra o mármore, seguida de Miguel, Dib e Kent.

A escada terminava no porão amplo, reformado: o chão de pedra, com desenhos e símbolos em dois círculos — um círculo menor envolto por um maior — mostrava claramente o objetivo da sala. Ao fundo, um altar permitia posicionar a vítima para o seu sacrifício mortal. O ambiente era pesado e escuro, iluminado pela luz difusa, que chegava em pequenos gomos através das minúsculas janelas ovais, cujos vidros embaçados impediam a visão do exterior. Ali tudo tinha uma densidade maior e os movimentos pareciam mais lentos.

Ela se dirigiu rapidamente para o altar e pegou o punhal e o Cálice antes de se refugiar no centro do círculo menor, onde estava protegida e preparada para uma guerra que certamente chegaria. Eles se dividiram estrategicamente, formando um triângulo em volta do círculo maior, ligados por uma rede de energia que permitia que se comunicassem.

Do lado exterior da casa, Daniel estava focado. Quem o visse, imóvel, camuflado por uma árvore, do outro lado da rua, acreditaria

facilmente que se tratava de um turista tranquilo e atento, embevecido com algum detalhe da cidade. Os outros aparentavam a mesma tranquilidade discreta, que os diluía na paisagem urbana.

— E agora? — perguntou Lucrezia, desafiadora. — O que pretendem?

— As relíquias — respondeu Miguel, provocando um olhar de admiração em Lucrezia.

— Que ingenuidade a sua, Miguel — respondeu, achando a atitude dele demasiado inocente para alguém com os poderes e capacidades de um guardião. — Esperava mais de você.

— Perguntou o que queremos, e eu disse.

— Deviam ter vindo todos e mesmo assim não conseguiriam me derrotar — avisou, soltando uma sonora gargalhada que ecoou pela sala.

Miguel irritou-se com a petulância dela, mas ouvia a voz de Daniel, guiando-o, e sentia a energia de todos misturada à sua. Juntos formavam uma força praticamente invencível. Ela desconhecía que eles tinham se preparado através de um longo ritual em que se uniram como se fossem um só, fazendo com que a força de todos circulasse em cada um deles. Tinham como objetivo recuperar as relíquias e destruí-la. Para isso Daniel decidira que deveriam mostrar interesse nas relíquias, para que Lucrezia acreditasse que os guardiões tinham uma fraca estratégia, e os subestimasse. O imenso ego era uma das fraquezas dela e poderia ser a sua perdição.

— Devolva-nos o punhal e o Cálice — pediu de novo Miguel, seguindo o plano.

Ela deu nova gargalhada, com um riso agudo, de felicidade: eles, os seres mais poderosos da Terra, tinham vindo ali suplicar alguns objetos. Olhou para Kent, ergueu a mão esquerda e fez um gesto

como se atirasse alguma coisa para a frente, mas não aconteceu nada. Voltou-se para Dib e repetiu o gesto com o mesmo resultado. Por fim olhou para Miguel firmemente e volteou novamente a mão, mas Miguel não se moveu. Aquilo não era possível, pensou ela, percebendo que eles não se moviam com a força dela. Aprendera a fazer aquilo com Lúcifer, e eles deviam ter sido projetados contra a parede, mas nada acontecera. Nesse instante ela entendeu que tinha caído numa armadilha: eles eram muito mais fortes do que pareciam e fizeram-na acreditar que ela conseguiria vencê-los com facilidade. Lá fora, Daniel pressentiu o temor que a assaltou e percebeu que ela iria atacar com mais força e astúcia.

— Podemos ficar aqui horas, e nenhum dos lados vai ceder — avisou Lucrezia.

— Há sempre um lado que cede, em algum momento — disse Miguel. — É inevitável.

— Veremos — Lucrezia ajoelhou-se no chão, colocou os objetos à sua frente, uniu as mãos e começou a entoar um mantra lento, com palavras impronunciáveis. A sala se encheu de sombras, mas ela não conseguiu transformá-las na escuridão que desejava. Uma barreira impedia que as palavras dela chegassem onde deveriam, e essa barreira era formada pelos guardiões. A cada momento percebia que eles eram muito mais fortes do que supusera e tinha cometido um erro terrível: agora estava presa dentro do círculo e se saísse eles cairiam sobre ela como leões sobre a sua presa. A pressão começou a aumentar e a sala se iluminou suavemente rechaçando a escuridão que ela invocara. Observou-os: imóveis como anjos de pedra. Nenhum deles falava ou sequer piscava os olhos. Tinham as mãos cruzadas em frente do peito como se rezassem, com os indicadores e os polegares esticados um sobre o outro, e as pernas ligeiramente abertas, semelhantes a colunas colossais.

Permaneceram assim por cinco horas: imóveis, com ela dobrada no centro do círculo sem conseguir clamar por ajuda, presa numa esfera de isolamento, incapaz de sair dali sem correr o risco de ser destruída. Mas, em breve, a noite chegaria e com ela toda a sua força plena. Só precisava de mais uma hora. Os guardiões perceberam que a situação não teria fim. Estavam longe de esgotar a sua força, mas a proximidade da escuridão não lhes seria favorável.

Kent soube o que fazer. Para isso havia ido com eles no primeiro grupo. Tinha planejado aquele momento após ter compreendido os seus pressentimentos e os seus temores e abraçara a ideia, que lhe parecia plena de significado. Disse mentalmente:

— Precisamos fazer alguma coisa: eu sei o que é. Lembrem-se da Profecia.

Daniel e Dib, mais atentos, souberam imediatamente do que se tratava:

— Não, Kent. Não faça isso. Por favor, não faça isso — pediu Daniel, mantendo a calma.

— É necessária a queda de um anjo — continuou ele. A tensão entre os guardiões aumentou: necessitavam manter a muralha de energia que selava a sala para impedir que Lucrezia invocasse outros seres negros para ajudá-la, e agora também necessitavam impedir Kent de fazer algo impensado.

— Kent, não sabemos quais as consequências. Precisamos de você — Dib tentou mantê-lo no alinhamento do fluxo energético. Mas Kent estava decidido: havia tomado aquela decisão bem antes de chegar ali. Pensara muito, até a ideia fazer sentido, e no instante

em que decidira os seus temores desapareceram. Foi assim que ele soube que aquela era a atitude correta.

— Estou tranquilo. É uma decisão pensada: a minha vida foi importante e a minha morte também será — despediu-se, caminhando com passos seguros para dentro do círculo maior. — Adeus, irmãos.

— Kent saiu do alinhamento — avisou Miguel, mas todos já haviam sentido o movimento de Kent e não havia tempo para mais nada. Tudo estava acontecendo excessivamente rápido. Daniel restabeleceu o equilíbrio da energia em volta da sala, enfraquecido pela saída de Kent do alinhamento. Era vital que Lucrezia continuasse isolada, impedida de receber ajuda de outros Anjos Negros, porque isso iria obrigá-los a entrar numa guerra com desfecho incerto. Aquela casa era um portal direto com o mundo da escuridão, e qualquer erro ou hesitação que cometessem faria com que o portal se abrisse e entrassem centenas de seres para ajudar Lucrezia a destruir os guardiões.

Assim que Kent deu o primeiro passo, Lucrezia ergueu o rosto. Era uma surpresa que um guardião fosse ao encontro dela. Viu-o caminhando para o centro do círculo: Kent passou pela primeira barreira de energia, erguida pelos guardiões para mantê-la isolada, e parou no limite da barreira erguida por ela, em volta do círculo menor, que a mantinha protegida. Ela avaliou se não seria uma armadilha para ela quebrar o selo do círculo menor. Ergueu-se do chão, onde estivera ajoelhada nas últimas horas, e encarou Kent. Ele estava tranquilo e seguro. Era impossível saber o que se passava dentro dele, por mais que ela tentasse.

— Deixe-me entrar — pediu Kent, com uma voz suave, como se já não estivesse ali. A tensão entre os guardiões era enorme.

— Por quê?

— Estou disposto a dar-lhe a minha vida.

— Por quê? — insistiu ela alerta, sem compreender por que ele faria aquilo. As forças estavam equilibradas. Era verdade que a noite a tornaria mais forte, mas mesmo assim não tinha certeza de vencê-los sem ajuda, e eles mantinham-na isolada. Podia ser um truque.

— Em troca da deles — disse Kent. — Só tem que deixá-los ir e entregar-lhes as relíquias.

Ela sorriu perante a proposta dele. Como é que um guardião poderia acreditar que ela faria uma coisa daquelas? Justo ela, conhecida por ser maquiavélica, sedutora e incapaz de cumprir o que quer que fosse quando o seu poder estava em jogo? Mas era uma proposta tentadora: talvez acalmasse Lúcifer ao dar-lhe a alma de um guardião, e conseguisse negociar a de Miguel. Talvez até lhe promettesse a alma de mais guardiões. Parecia demasiado fácil.

Pegou o punhal, preparando-se para atacá-lo, e disse algumas palavras para baixar o fluxo de energia. Kent ficou em frente a ela. Agora não havia volta: estavam os dois presos ali.

— Quero você, Miguel Besson, mas hoje me contento com ele — disse Lucrezia, apontando o punhal primeiro para Besson e depois para Kent, antes de avançar para ele, com rapidez, como se desbravasse uma floresta à catanada.

Miguel entrou no primeiro círculo mantendo o cordão energético equilibrado com maestria, e quando chegou ao segundo círculo, controlado por Lucrezia, não conseguiu ultrapassar a barreira intransponível. Precisava tentar salvar Kent. Começou a sentir que o seu desespero era o desespero de todos.

— Eu estou aqui. Deixe-o ir. É a mim que você quer — afirmou Miguel, parado no limite do círculo menor, disposto a ocupar o lugar de Kent e contrariando tudo aquilo em que acreditava: que o sacrifício pelo próximo era algo que não faria. Porém, naquele momento, o sacrifício por Kent e pela Ordem parecia dar verdadeiro significado à sua vida e ele se sentiu quase compelido a doar a vida em troca da salvação de Kent, e talvez do mundo.

— É a você que quero, mas hoje vou levá-lo — repetiu Lucrezia, com prazer, vendo Miguel empurrar a parede invisível com a mão, no esforço de penetrar a barreira. Podia vislumbrar a angústia nos olhos dele.

Kent despiu a camisa e deixou-a cair suavemente no chão, expondo o peito perfeito. Ajoelhou-se no centro do círculo, abriu os braços em cruz e esperou o golpe fatal no coração, o golpe que lhe ceifaria a vida. Tinha a passividade dos grandes guerreiros quando se rendem à morte, no momento certo. Kent entregava-se à morte serenamente, sem medo. Estava em paz, pronto para deixar a vida terrena, sem arrependimentos. Parecia-lhe lógico que o fim chegasse assim: que ele se tornasse um instrumento de Deus para evitar a ascensão do mal. Sentia-se como um cordeiro sacrificial: aceitava a sua morte porque salvaria os homens.

Não olhou para ela, mas ergueu simbolicamente o rosto para o céu e repetiu em voz baixa as mesmas palavras de Jesus: "*Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito*".

Ela sorriu perante as palavras dele, convencida de que não havia como o Divino resgatar a alma de Kent e acreditando que a morte dele lhe traria muito mais poder.

Ergueu o punhal e rasgou o ar, pronta para abrir o peito de Kent. Miguel e Dib assistiam impotentes e dominados pelo desespero, embora sentissem que aquele sacrifício se tornara inevitável. O

punhal entrou com exatidão na trajetória do coração e uma luz brutal e muito intensa varreu a sala inteira, antes de se alojar na esmeralda. Kent tombou lentamente no chão, antes de ficar imóvel.

Os guardiões sentiram a perda violenta do seu irmão, como se algo tivesse se rompido dentro dos seus peitos. A dor intensa atravessou as suas almas e se alojou nos seus corpos, como se alguém tivesse arrancado um dos seus membros.

Lucrezia percebeu tarde demais que a luz violenta alterara todos os fluxos de energia e rompera a sua barreira, deixando-a exposta, sem qualquer defesa.

Miguel, que aguardava no limite do círculo menor, usou toda a sua força para superar a dor da perda de Kent e aproveitou aquela oportunidade. Com agilidade, deu um salto e atravessou o ventre dela com o punhal, num movimento enérgico, sem hesitações, lembrando-se, inevitavelmente, da primeira vez que a possuía. Talvez ela tivesse ficado grávida naquele momento, quando os dois nem sequer imaginavam quem eram e se entregaram à satisfação daquele desejo inicial que selaria os seus destinos. A esmeralda brilhou, levemente. A criança estava morta, com um golpe preciso.

Ele retirou a lâmina sem precisar exercer força: ela soltou-se da carne suavemente. Lucrezia dobrou-se, sentindo uma dor violenta e viu o sangue escorrer para fora do seu corpo, como acontecera tantas vezes com as suas vítimas. Olhou-o incrédula, apertando o abdômen para estancar a hemorragia.

— Era seu filho. Você matou o seu filho — acusou, com fúria e os olhos negros fulgurantes, perante o gesto traiçoeiro.

— Ele não será o Anunciado — respondeu Miguel firme, como um anjo vingador.

— O Anunciado virá. É inevitável — tentou rir, ainda dobrada pela dor, mas sentindo que o corpo já começara a regenerar-se.

— Não virá — murmurou Miguel, com segurança, se aproximando mais dela, e erguendo rapidamente o punhal para lhe arrancar a vida.

— Não, Besson! — Dib, com um movimento elástico, segurou o pulso dele com a sua força sobre-humana, impedindo-o de ferir Lucrezia. Miguel olhou-o, irritado com a interrupção, lutando para libertar o pulso.

Ela riu dos dois. Uma gargalhada estrondosa, e disse:

— Salvo *in extremis*, Miguel. No último instante.

— Não faça isso. Deixe-a ir — pediu Dib, de novo.

— Ela não vai desistir até cumprir essa maldita Profecia... — defendeu Miguel.

— Deixe-a ir Besson — repetiu, desta vez silenciosamente, invadindo os pensamentos de Miguel sem cerimônia.

Ele baixou o punhal, se afastando de Lucrezia.

— Desistiu, Miguel? Agora aceita ordens?

Miguel percebeu que ela o estava provocando, mas ficou em silêncio, sem responder. Ela continuou, com ironia:

— Não vai vingar a morte do seu amigo? Ele foi muito corajoso — insistiu viperina, enfiando a mão nas feridas tanto de Miguel quanto de Dib. Miguel cerrou os punhos sentindo a fúria invadir o corpo, mas a voz de Dib ecoou no seu cérebro:

— Deixe-a ir. Ela está tentando provocá-lo. Acalme-se.

Miguel voltou-lhe as costas, mas ela se moveu velozmente, colocando-se na frente dele, rindo e debochando. Ele a olhou, com profundo desprezo, tentando se afastar para passar, mas ela manteve o corpo bloqueando a passagem, e falou como se cuspiisse:

— Não vai mesmo vingar a morte do seu amigo?

Miguel ergueu a mão e deu-lhe uma sonora e potente bofetada com as costas da mão esquerda, atirando-a ao chão com o gesto inesperado. Ela ergueu o corpo e sentou-se de lado, apoiada numa das mãos, olhando-o surpreendida: sabia que ele era forte, mas não tinha ideia de que fosse tão forte. Levou a mão à boca e limpou o sangue que escorreu do lábio ferido.

— Vai pagar por isto. Até agora eu estava me divertindo, mas a partir deste momento, vou fazê-lo pagar por esta gota de sangue... e pelo sangue do meu filho — ameaçou friamente.

— Não. Você vai me fazer pagar por tê-la rejeitado. E infelizmente, rejeitei-a tarde demais — disse, com asco. — Eu a rejeito.

Miguel pronunciou as palavras devagar, sabendo que elas tinham um efeito profundo: rejeitar alguém equivalia a bani-lo da sua vida. Ela deixara de ser convidada a participar de qualquer coisa que lhe dissesse respeito. Ele estava a expulsá-la e tudo o que haviam vivido juntos parecia esvaír-se com aquelas palavras: a paixão, as noites de amor e o filho.

Um ódio intenso tomou conta dela: uma força negra capaz de inflamar tudo à sua volta. Era irracional e poderoso, como todo o ódio é, e não a deixava pensar com clareza. Ergueu-se do chão e pegou o punhal que estava caído aos seus pés com a alma brilhante de Kent dentro da esmeralda e atirou-se para Miguel com o punho erguido, disposta a despedaçá-lo, e mesmo que não o conseguisse matar, deixá-lo-ia marcado e irreconhecível.

Daniel surgiu de repente, como uma sombra, por trás dela, e sem que ela percebesse posicionou-se na frente de Miguel, para protegê-lo. Lucrezia estacou, totalmente chocada com a imagem dele. Ele estava na sua frente, frio, com os olhos parados, sabendo o que ela estava pensando: podia ver como ela lutava para assimilar e

compreender a informação. Era impossível que ele estivesse ali e fosse um dos guardiões. Ela não compreendia como aquilo podia estar acontecendo.

Daniel fixou nela o olhar gelado, exigindo silêncio e obediência, mas Lucrezia avançou para ele e quando abriu a boca para questioná-lo, Daniel ergueu a mão devagar, até ficar na direção do peito dela, paralisando-a. Ela parou a três passos dele, sem conseguir se mover e vencer a distância que os separava. Daniel, sem esforço, rodou o pulso um centímetro apenas e atirou-a contra a parede. Ela voou, atravessando a sala e bateu, com força, contra a parede. O seu corpo caiu desamparado no chão, sem proteção, e por mais que ela tentasse recuperar o controle, não conseguia. Ele a dominava totalmente.

Miguel espantou-se com a cena surreal: não imaginava que Daniel pudesse ter todo aquele poder, e com um simples gesto e a maior das facilidades, atirasse um Anjo Negro contra a parede. Nunca tinha ouvido dizer que um guardião pudesse dominar um Anjo Negro, sem qualquer ajuda. Não entendia o que estava acontecendo. Dib mantinha-se sereno e centrado, sem sinais de surpresa, como se já tivesse visto Daniel fazer aquilo antes, mas a verdade é que também nunca presenciara uma cena daquelas.

— Como fez isso? — perguntou Miguel.

— Só foi possível atacá-la porque Kent a fez romper o círculo de proteção. E ela estava concentrada na paixão e no ódio que sentia por você — justificou Daniel. Miguel sentiu-se grato com a intervenção de Daniel, e apesar de continuar surpreso com a sua força, acreditou que seria fruto do estágio mais avançado do Graal, reservado ao guardião Supremo.

Lucrezia lutava para se erguer, mas uma força invisível mantinha-a presa ao chão, como se a gravidade fosse intensa demais para ela

conseguir vencê-la e ficar de pé. Viu Daniel caminhar até o centro do círculo, debruçar-se e levar o corpo inerte de Kent como quem carrega uma criança no colo. Dib pegou o Cálice e o punhal que ela deixara cair, quando o seu corpo voou. Por fim, ouviu Daniel ordenar aos outros, com uma voz que soou familiar:

— Falta a Lança do Destino. Procurem. — E ela compreendeu que ele não era apenas um guardião, mas o líder dos guardiões, e aquilo era ainda mais estranho e ininteligível.

— E ela? — perguntou Miguel.

— Não vai se mover durante as próximas horas.

Ela ouvia tudo, imóvel, sem conseguir acreditar no que estava vendo.

— E quando ela recuperar os seus poderes? — insistiu Miguel.

— Talvez não recupere — anunciou Daniel, fazendo-a tremer interiormente, sem entender ainda o alcance do que ele dissera. — Levem as relíquias e encontrem a Lança. Mais uma coisa: a casa é um portal e os espelhos são ligações entre os dois mundos, o nosso e o dela. Não se aproximem dos espelhos.

— E quando terminarmos? — inquiriu Dib.

— Encontrem-me no mausoléu — disse, afastando-se e levando Kent.

Daniel levou Kent para Père-Lachaise, o cemitério francês onde mantinham um mausoléu. Não tinha muito tempo, porque o corpo estava se degradando rapidamente e os anos abatiam-se sobre Kent, consumindo as feições e fragilizando os ossos. Daniel estava enfrentando, de novo, em pouco tempo, a mortalidade inesperada de um amigo. Fechou a tampa do caixão de cerejeira e encaixou-o na prateleira que tinha o nome dele. Arturo também já ocupava o

seu lugar, depois de Uchoa e Seth terem conseguido resolver os problemas causados pela imensa burocracia para transladar o corpo do Brasil para a França.

Aquela era a última morada dos guardiões e representava o fim do ciclo na Terra, o fim da vida humana. Daniel observou as prateleiras do mausoléu e viu os caixões reluzentes e intocados, devidamente encaixados. Passou os dedos pela madeira impecável do seu, envolvido por um silêncio compacto.

A morte era uma consequência natural da vida e era inevitável aceitá-la, mas, naquele momento, lhe doía mais a perda abrupta de Kent do que a proximidade da sua própria morte.

Apoiou-se contra as prateleiras de mármore, inclinou o rosto para o chão e se deixou abater pela dor. Sentiu os olhos arderem com as lágrimas e todas as suas perdas o assaltaram como fantasmas atormentados. Durante centenas de anos convivera bem com a solidão, exceto nas horas dolorosas em que tivera que aceitar a perda daqueles que mais amara: primeiro a família, dizimada em Montségur, depois os Templários, especialmente De Molay pela forma cruel e sofrida como se fora. E, por fim Arturo, cuja decisão de se tornar humano lhe mostrou a terrível possibilidade de satisfazer os seus desejos em troca da imortalidade. Talvez, naquele momento, mesmo sem ter plena consciência, Daniel tenha começado a se questionar sobre as suas aspirações pessoais em detrimento das obrigações com a Ordem. Porém, a morte de Arturo também provou que a humanidade era infinitamente veloz e frágil quando comparada à vida de qualquer um deles. E o sacrifício supremo de Kent veio devolver a ênfase à sagrada missão da Ordem: Kent dera a vida para proteger a humanidade.

Daniel pensava em tudo aquilo, mergulhado no silêncio, e continuava se confrontando entre o dever altruísta com a Ordem e o

desejo egoísta por Elizabeth. A pressão da mortalidade, que o arrancaria da vida em breve, levou-o a fazer uma escolha definitiva, movido pelo egoísmo: amaria Elizabeth nem que aquele fosse o seu último gesto. E ao tomar aquela decisão, Daniel fechou os sentidos para todo o resto, centrado apenas em satisfazer o seu próprio desejo humano nos seus dias finais de vida.

Ouviu a pesada porta ceder suavemente, com as suas dobradiças bem oleadas, e Dib entrou seguido dos outros. O espaço encheu-se e cada um fez as suas orações em silêncio, até o momento em que Daniel se levantou e enfileirou sete velas brancas no castiçal de prata, sobre o pequeno altar que havia no centro do mausoléu. Sabia que deveriam libertar a alma de Kent, presa no punhal, o quanto antes, mas decidiu resolver aquele assunto quando todos estivessem menos emotivos. Acendeu as velas e começou a despedir-se do amigo de tantos séculos: uniu as mãos na altura do peito e entoou uma oração em latim, que encontrou eco na voz dos guardiões. A escuridão parecia maior, porque a dor provocada pela ausência de Kent tornara a noite mais escura.

A perda de Kent representava um duro golpe para a Ordem, não apenas porque ele era o herdeiro do guardião Supremo, mas porque era amado e a sua ausência seria sentida sob todos os aspectos. A morte dele foi um sacrifício que ninguém esqueceria: Kent representou o auge da abnegação. Alessia não conseguia parar de chorar silenciosamente, mas todos tinham lágrimas nos olhos e lutavam para suportar a perda.

Daniel girou a chave, trancando o mausoléu e, após uma breve hesitação, guardou o chaveiro no bolso. Sabia que era a última vez

que fazia aquele gesto. Na vez seguinte em que aquela porta se cerrasse, seria por causa dele.

— Tenho que telefonar à polícia antes que Lucrezia se liberte do encantamento — disse, esforçando-se para voltar ao pragmatismo terreno. Mas, de repente, sentiu uma dor aguda que o impedia de respirar. Levou a mão ao peito como se tentasse proteger o ponto de origem da dor, e por mais que lutasse para ficar de pé a intensidade da dor empurrava-o para o chão. Cambaleou e Dib amparou-o de um lado enquanto Miguel o segurava do outro. Daniel sabia que aqueles eram os sinais de que o seu tempo se escoava rapidamente. Ainda não chegara a sua hora, mas estava muito próxima. Levou alguns minutos para se recuperar. Todos, à sua volta, sofriam os efeitos da perda de Kent e eram obrigados a tomar consciência da proximidade da morte de Daniel. Era penoso vê-lo submetido às fragilidades do corpo. Elizabeth pedia, silenciosamente, com os olhos fixos nele: *“Por favor, deixe-o viver”*.

Daniel readquiriu a verticalidade devagar com um único pensamento ocupando a sua mente: precisava resolver as questões de hierarquia na Ordem, porque em breve eles estariam reduzidos a cinco elementos e havia informações que precisava transmitir ao próximo guardião Supremo.

— Temos que conversar sobre a Ordem. Não tenho muito tempo — avisou, ainda ofegante. — Reunimo-nos amanhã de manhã, no apartamento.

— Besson vai? — perguntou Dib, em voz baixa, para que Daniel fosse o único a escutá-lo.

— Sim... — respondeu Daniel no mesmo tom, e erguendo a voz disse: — Besson, fique conosco esta noite. Também gostaria que participasse da reunião amanhã.

— Obrigado — aceitou Miguel, sentindo-se grato pelo convite. Não queria passar a noite sozinho, depois de um dia tão difícil e sofrido.

— Vemo-nos depois — despediu-se Daniel.

— Fico com você — comunicou Dib, mas Daniel moveu a cabeça, rejeitando a sugestão e falou, encarando Elizabeth:

— Venha comigo.

Ela se aproximou e caminhou ao seu lado, enquanto deixavam o cemitério, seguidos por um cortejo, que parecia formar uma pequena procissão. A noite gélida e escura tornava tudo fantasmagórico, como se, a qualquer instante, as sombras pudessem se tornar vivas e atacá-los. Quando o guarda fechou o enorme portão de ferro que separava o mundo dos vivos do mundo dos mortos, eles se dirigiram aos seus carros. Elizabeth foi com Daniel pedindo, trêmula de frio:

— Por favor, ligue o ar-condicionado. Estou gelada.

Ele ajustou a temperatura no máximo. Enquanto dirigia, colocou o celular no viva-voz e ligou para Étienne, informando a localização de Lucrezia Zani sem, no entanto, dar detalhes sobre a forma como conseguira o endereço ou sobre o que acontecera durante aquela tarde fatídica. Por muito que a curiosidade de Étienne o impelisse a fazer perguntas, ele respeitou, mais uma vez, o estranho método de trabalho de Daniel, e se concentrou nos resultados eficazes que ele conseguira.

Daniel sugeriu que algemassem Lucrezia imediatamente e a mantivessem isolada. Avisou-o que ela era capaz de convencer qualquer um a fazer o que quisesse, por isso seria conveniente que fosse interrogada somente por investigadores experientes. Lembrou que todas as suas vítimas tinham ido voluntariamente ao encontro da morte, desaconselhando que alguém a enfrentasse sozinho:

guardas e investigadores deviam andar acompanhados para evitar o poder de manipulação de Lucrezia.

Étienne compreendeu bem a gravidade da situação e acatou as sugestões de Daniel. Étienne estava em casa, tendo uma noite tranquila, mas assim que desligou o telefone, se preparou rapidamente para ir trabalhar. Finalmente iria solucionar o caso e prender o responsável pela matança que assolara a Europa nos últimos meses.

Com dois telefonemas colocou a polícia em polvorosa e chamou Bardas e Shaw, que estavam no hotel, decidindo se voltavam ou não para a Inglaterra no dia seguinte. A notícia dada por Étienne acabou com a indecisão. Em minutos, deixaram o hotel com um entusiasmo quase infantil. A possibilidade de prenderem a assassina era suficiente para acabar com a pressão que sentiam.

Depois de falar com Étienne, Daniel telefonou para Oliver informando-o sobre os últimos acontecimentos. Contou que a polícia já sabia do paradeiro de Lucrezia e ia prendê-la. Talvez ele gostasse de dar a novidade a Dimitri, para encerrar definitivamente aquele ciclo.

No meio do caminho para casa, Daniel estacionou o carro numa rua tranquila de Paris e conduziu-a pela mão até um pequeno café. Ocuparam uma mesa discreta, num dos cantos. Pareciam namorados fugindo da luz e em busca de privacidade. Pediu dois chás quentes à garçonete que os atendeu, e os observava fixamente, fascinada com a beleza de ambos. Por mais discretos que fossem, não era possível passarem despercebidos: separados eram belos, mas juntos tinham algo que os tornava irresistíveis e atraía todos os olhares.

— Quis que viesse comigo porque preciso falar com você — disse, fazendo uma pequena pausa antes de prosseguir, como se estivesse procurando as palavras, no meio da sua tristeza. — Em breve não estarei aqui, mas antes de partir quero ficar com você. Esse era um desejo meu, mas agora é uma decisão. Sei que não devia propor isto, porque o seu pai pediu que cuidasse de você e não é o que estou fazendo. Além disso, sou o guardião Supremo e estou pondo em risco a sua imortalidade.

— Na próxima Consagração pensarei nisso. Não tenho dúvidas sobre o meu amor por você, nem sobre o que quero — respondeu, com um sorriso triste, sentindo a dor da morte de Kent misturada à proximidade da perda de Daniel.

Ele se impressionou com a segurança dela: desde o início, mesmo quando Miguel a envolvera com a sua magia e sedução, ela se mantivera firme no seu amor por ele, afirmando sempre que não estava apaixonada por Miguel.

— Quando todos voltarem para São Paulo, vamos viajar juntos.

Ele anunciou os seus planos com a voz meiga. Finalmente ficariam um com o outro, e ela conheceria o amor depois de tanto tempo de espera. A garçonete colocou o chá entre eles, e Daniel soltou as mãos dela, que mantinha aquecidas entre as suas.

— Quando? — perguntou Elizabeth, misturando o chá delicadamente com a colher.

— Não sei ainda. Primeiro preciso organizar os assuntos da Ordem.

— Queria que fosse amanhã — sussurrou, após beber um gole da bebida quente.

— Eu também, Elizabeth — pronunciou o nome dela com doçura.

As emoções excessivas daquele dia, aliadas à morte de Kent, e ao seu amor por Daniel, deixavam-na num estado quase febril: sentia a

pele tão sensível que o simples roçar da roupa parecia ser capaz de machucá-la.

Ele voltou a segurar uma das mãos dela, e quando pressionou o polegar sobre a sua pele, num gesto carinhoso, ela sentiu vontade de abraçá-lo, em busca de refúgio.

— Vamos para casa? — pediu, cansada.

— Sim... — concordou Daniel, jogando algumas moedas sobre a mesa, ao lado das xícaras com os chás inacabados, antes de se levantar e conduzi-la, pela mão, de volta ao carro.

27. O Tibetano

*A vida parecia-lhe prodigiosamente longa. E, no entanto, passava
veloz como um raio.*

Virginia Woolf (1882-1941)

O ambiente estava dominado pela tristeza e pelo inconformismo. Era difícil aceitar que Kent partira, mesmo tendo oferecido a sua vida para salvá-los e destruir Lucrezia. A profecia estava certa: fora necessário a queda de um anjo para que tudo terminasse. A noite passara-se sem que a morte de Kent tivesse sido aceita. Ninguém tinha conseguido dormir e predominava a sensação de que, a qualquer instante, ele poderia irromper pela casa, com a sua figura esguia, vestindo as suas elegantes roupas negras.

Eram sete da manhã. A lareira crepitava suavemente e o fogo fazia estalar a madeira em intervalos irregulares. Miguel observava atentamente Elizabeth e Daniel: pressentia que havia algo acontecendo entre eles. Do outro lado da sala, Dib acompanhava os movimentos de Miguel, tentando descobrir o que ele poderia saber sobre os dois, e se havia o perigo de ele recuperar alguma memória sobre a identidade de Daniel. Mas as preocupações de Miguel,

naquele instante, estavam concentradas em Elizabeth e Daniel: não conseguia acreditar que eles pudessem estar envolvidos. Considerava-os demasiado corretos para violarem as regras da Ordem e, além disso, Daniel jamais poria em risco a vida de Elizabeth.

— Trouxemos tudo, menos a Lança, não é? — perguntou Daniel, sentando numa das poltronas, com as pernas cruzadas e os braços sobre os apoios laterais.

— Não a encontramos — respondeu Dib. — Não estava lá.

— Mas recuperamos o Cálice e o punhal — comentou Daniel.

— Sim — Dib apontou para os dois objetos, que estavam em cima da mesa, em frente aos sofás. — Depois de você sair, encontramos mais alguns objetos ritualísticos, no quarto dela. Já os selei, para mantê-los seguros até descobirmos para que servem.

— O punhal é para Besson — avisou Daniel. — Esse era o nosso trato. Mas antes precisamos esclarecer alguns pontos: Besson, como você esfaqueou Lucrezia com o punhal e ela não absorveu a alma de Kent?

Miguel baixou-se, tirou um segundo punhal, que guardava na caneleira da sua perna direita, e colocou-o ao lado do outro, sobre a mesa.

— Sabem como sou prevenido... Com a esmeralda fiz dois punhais. O que usei em Lucrezia tem a esmeralda um pouco maior — justificou-se. Daniel sorriu quase involuntariamente: aquele era o Miguel que conhecia, sempre planejando vários passos adiante.

— Para que quer os dois? Deixe-nos ficar com um — pediu Daniel.

— Lamento. Preciso me sentir seguro e para isso preciso dos dois.

— Terá o seu punhal, mas antes temos que libertar Kent — prometeu Daniel, reforçando o que haviam combinado.

— Daniel, por que não absorve a alma de Kent? Isso lhe daria uma sobrevida, não é, Besson? — perguntou Dib, mas Daniel adiantou-se e informou antes que Miguel respondesse.

— Não quero uma sobrevida.

— Por quê? — interrompeu Elizabeth com uma ponta de desespero na voz, mal podendo acreditar que ele estava abdicando de mais algum tempo de vida, algum tempo junto dela. A atitude dele quase a fez sentir-se rejeitada.

— Uma sobrevida não resolve o problema, Elizabeth — explicou Daniel. — Apenas o adia, e vamos todos passar por esta espera novamente. Chegou a minha hora.

— Mas poderíamos arranjar uma solução até lá — disse ela, sem esconder as lágrimas.

Ele não olhou para ela, temendo que a ternura que sentia ao vê-la assim, triste e angustiada, os denunciasse. Foi Dib que amenizou a situação:

— Compreendo a sua posição, Daniel, embora concorde com Elizabeth.

— Precisam entender que tenho que partir. Quanto mais resistência houver, mais doloroso será para todos, inclusive para mim — avisou, antes de revelar o seu plano. — E há uma forma de Kent ser muito mais útil: sabemos que o estado de Sarah é irreversível. Ela pode ficar em coma durante anos, mas se libertar Kent dentro dela, ele poderá salvá-la.

— Isso nunca foi feito com um humano — lembrou Miguel. — A quantidade de energia libertada poderá matá-la em vez de salvá-la.

— O que mata e o que salva têm a mesma origem — comentou Seth, sabiamente.

— Sim — confirmou Daniel. — E acho que devemos deixar Jean Luc decidir.

— Será que ele vai acreditar? — perguntou Miguel.

— Depois de tudo o que ele passou, acho que sim. Além disso, o maior desejo dele é salvar Sarah — defendeu Daniel, antes de passar a outro tema, depois de uma pausa, para alinhar o discurso. — Sei que devíamos tratar a escolha do Supremo com o formalismo habitual, na nossa sede atual, em São Paulo. Mas não temos esse tempo e precisamos resolver o problema: a situação da Ordem agravou-se com a morte de Kent. Ele seria o Supremo.

— Para que discutir isso agora? — perguntou Alessia, reticente, tentando adiar a discussão, como se assim pudesse ganhar mais tempo para Daniel.

— Já tive o segundo aviso sobre a minha morte. E não haverá um terceiro — afirmou, com uma segurança que ninguém compreendia de onde lhe chegava. — Imagino que terei alguns dias, talvez menos, e desejo passar o tempo que me resta da forma que eu escolher. Por isso, quero resolver os assuntos da Ordem. Sei que estamos muito sensíveis e perturbados, mas não há mais tempo. Eu não tenho mais tempo! — frisou devagar, para deixar clara a sua urgência. — Precisamos escolher o Supremo.

Daniel podia sentir o esforço que todos faziam para controlar as emoções: a perda de Kent e a eminência da sua morte os deixava muito fragilizados. A Ordem nunca passara por uma perda daquela dimensão: dois guardiões em tão pouco tempo, sem contar a morte recente de Arturo.

— Compreendo — respondeu Alessia, com a voz embargada pelo choro. — Quero informar que não desejo assumir o meu lugar na hierarquia. Sei que sou a próxima, a herdeira natural ao lugar de Supremo, mas eu renuncio — falava lentamente, mostrando que havia ponderado bastante sobre aquele assunto. — E acho que

dadas as circunstâncias devíamos votar, em vez de seguir a lei da hereditariedade.

— Alguém discorda da proposta de Alessia? — perante o silêncio, Daniel perguntou: — Alguém quer assumir o lugar do Supremo, segundo a lei da hereditariedade?

Uma nova onda de silêncio envolveu a sala. Miguel se mantinha ligeiramente afastado, percebendo o quanto a situação era dolorosa: Daniel estava cedendo o seu lugar em vida, mas ninguém o queria. Era impressionante que nenhum deles revelasse o mínimo desejo pelo poder e pela sabedoria máxima, que era tudo o que ele quisera durante toda a sua existência. A forma como eles eram desapegados do poder mostrava que eram realmente seres muito melhores do que ele imaginara que fossem. Eram seres que estavam cada vez mais próximos do Divino, afastados das lutas e dos desejos mundanos pelo poder.

— Já que ninguém se manifestou, proponho Dib para Supremo. Acredito que ele terá a força e a capacidade de liderança que a Ordem necessita. Quem é a favor? — perguntou Daniel, e quatro mãos se ergueram, exceto a de Dib. Daniel perguntou:

— Aceita, Dib?

— Aceito — respondeu, erguendo a mão esquerda com a palma aberta virada para os guardiões, mostrando simbolicamente a sua alma pura.

— O Tibetano é o próximo Supremo — Daniel comunicou, e todos curvaram ligeiramente a cabeça perante Dib, mostrando que aceitavam a sua autoridade. Miguel observou Dib do outro lado da sala. Naquele instante, as palavras de Daniel haviam acabado de confirmar as suas suspeitas sobre a verdadeira identidade do Tibetano, depois de ter mencionado o assunto duas vezes sem obter respostas de Daniel e de Dib. Agora sabia que eles estavam

envolvidos no caso dos monges negros, que contribuíram para a ascensão e queda de Hitler. E se Dib era o Tibetano, isso significaria que ele inicialmente ajudara Hitler a chegar ao poder, recorrendo à magia? E, nesse caso, quem era o homem que se suicidara em Berlim, em 1945, e todos acreditavam ser o Tibetano? Aquele episódio era cada vez mais confuso, e por mais que Miguel quisesse acreditar que Daniel e Dib jamais teriam se envolvido com Hitler, o fato de Dib ser o Tibetano contribuía para tornar a situação muito complexa.

Dib olhou para Miguel, e quando os seus olhares se cruzaram, soube que teriam que conversar porque ele não ia descansar até descobrir a verdade sobre os monges negros, as suas misteriosas mortes e o papel do Tibetano na Segunda Guerra.

Apesar de Dib ser o único que não descendia de guardiões, representava a escolha natural da Ordem mesmo quando Kent ainda era vivo e dava sinais sutis de que não lhe agradava a ideia de se tornar o Supremo. Mas, até para Miguel, que sempre vivera entre as fronteiras difusas do bem e do mal, o fato de Dib ser o Tibetano parecia indicar que ele já tivera os seus momentos de escuridão e ninguém poderia garantir que aquilo não voltasse a acontecer. Isso significava que a Ordem que existia para proteger os homens poderia se transformar em uma Ordem que os destruiria. Os pensamentos assaltavam-no velozmente: Daniel representava a justiça, o pêndulo que equilibrava o mal e o bem, e a sua ausência ia acabar com aquele equilíbrio. Estavam perante um momento delicado, com a Ordem fragilizada, sem dois dos seus guardiões, e a ascensão de Dib, o Tibetano, de quem Miguel começava a duvidar.

— Proponho que Seth seja o segundo na hierarquia — continuou Daniel, alheio aos pensamentos turvos de Miguel. — Quem é a favor?

Novamente quatro mãos se ergueram, exceto a de Seth. E Daniel questionou-o, seguindo os passos da tradição:

— Aceita?

— Aceito — respondeu, repetindo os mesmos gestos que Dib fizera antes.

— Dib, não terei tempo para explicar tudo o que precisa saber, mas vamos falar o máximo possível. — Dib aceitou em silêncio. Daniel acreditou que todos aqueles diários que Arturo deixara seriam a principal forma de orientar Dib no novo e difícil papel que desempenharia. Durante o último ano Daniel também escrevera um diário que continha indicações sobre a transformação de um guardião em Supremo, e que, certamente, seriam muito úteis para ajudar Dib a superar as dificuldades iniciais.

— Preciso falar com você. Em particular — pediu Miguel discretamente. Daniel anuiu com a cabeça e foi para o escritório. Miguel fechou a porta quando entrou e sentou-se no sofá em frente ao que Daniel ocupara. Miguel percebeu que a forma como ele abandonara o corpo no sofá demonstrava algum cansaço.

— Diga, Besson — convidou, cruzando as pernas e apoiando o cotovelo no braço do sofá.

— Dib é o Tibetano?

— Sim.

— Ele não pode ser o guardião Supremo, De Payens.

— Por quê? — perguntou Daniel, franzindo a testa e deixando visível um vinco leve no centro. Achou estranho o comentário de Miguel: sempre pensara que ele gostava de Dib e até o admirava. Aquela atitude parecia maquiavélica, como se Miguel estivesse arquitetando um plano para destruir Dib.

— Ele era o líder dos monges negros que contribuíram para a ascensão de Hitler. Sem eles talvez Hitler não tivesse mandado assassinar tantos milhões...

— Besson, essa é uma longa história — interrompeu Daniel, entendendo a origem das resistências de Besson.

— Você não pode deixar a Ordem nas mãos de Dib — insistiu.

— Não imaginava que tivesse essa imagem de mim, Besson — disse Dib nas costas dele, entrando silenciosamente na sala. Besson baixou a cabeça por um segundo para refazer os seus argumentos, antes de enfrentá-lo:

— Não é contra você, Dib. É contra o que você representa: se você foi o Tibetano, você também contribuiu para a ascensão de Hitler. Quem garante que não repetirá o mesmo erro de julgamento que cometeu durante a Segunda Guerra, e nos conduza para uma época ainda mais negra do que aquela? Principalmente porque agora terá um poder supremo, dado pelo acesso ao último estágio do Graal.

— Não vou falar sobre isso agora, embora deva dizer que tem uma ideia equivocada sobre a minha atuação na Segunda Guerra. E quero que saiba que estou assumindo a Ordem porque mais ninguém deseja este lugar. Nenhum de nós tem interesse em ser mais poderoso — disse Dib, fazendo uma alusão indireta ao desejo de Miguel por poder e ao motivo da sua saída da Ordem, séculos antes. — Neste momento, há coisas mais importantes para resolver.

— Mais importantes do que você assumir a Ordem? — questionou Miguel, indiferente às insinuações de Dib.

— Sim, a organização da Ordem — anunciou Dib, com a voz calma. — É nisso que vou me concentrar porque as nossas fragilidades nos deixam expostos. Seremos cinco em vez de sete

guardiões, e embora não seja um de nós, conto com você até nos fortalecermos. Pode ser?

O pedido surpreendeu Miguel: mesmo após ter revelado as suas dúvidas, Dib manteve a sua atitude amistosa e ponderada. Foi quando Miguel lembrou subitamente a filosofia de Daniel, que devia ser a mesma de Dib, e consistia em manter os inimigos por perto. Estava confuso, sem saber o que pensar: Daniel e Dib estavam tranquilos, como se não tivessem nada a esconder, mas Miguel começava a duvidar da atuação deles, em especial de Dib.

— Claro — respondeu, silenciando os seus pensamentos. Pretendia descobrir o que estava acontecendo, e o convite de Dib lhe pareceu a oportunidade ideal. — Quero fazer uma pergunta sobre Lucrezia: por que impediu que eu a matasse?

Dib pensou um segundo antes de responder, sob o olhar atento de Daniel.

— Lembra-se de ela ter dito que eu o salvei *in extremis*?

— Sim, no último instante... — respondeu, recordando as palavras de Lucrezia.

— Ela é um Anjo Negro e, apesar daquele corpo ser a sua marca registrada, ela tem a capacidade de mudar de corpo. Se você tivesse usado o punhal, ela poderia ter permitido que a matasse, apenas para se apoderar de você. Já se imaginou brigando com um Anjo Negro, dentro do seu corpo?

— Isso é verdade? — perguntou Miguel, olhando para Daniel à procura de uma confirmação. Daniel concordou, em silêncio. A dúvida que tivera sobre a atuação de Dib desapareceu: percebeu que Dib o impedira de matar Lucrezia para salvá-lo e não para protegê-la, como havia pensado.

— Obrigado — agradeceu, mas Dib se manteve silencioso. Miguel fez uma pausa, e depois perguntou: — Como pode saber isso, Dib?

— Há indícios de que alguns Anjos Negros dominam o corpo dos humanos. Por isso, é essencial saber como destruí-la — Dib afirmou, sem se adiantar na explicação, não parecendo disposto a aprofundar aquele assunto. O seu semblante sério se tornara mais fechado desde o instante em que aceitara o cargo de Supremo, como se já estivesse sentindo o peso adicional das novas responsabilidades. Dib sabia que muitas mudanças chegariam com a morte de Daniel e tentava controlar os seus próprios temores por assumir um papel daquela dimensão. Tinha visto Daniel se tornar muito mais poderoso, e o poder tinha sempre um lado sedutor que corrompia os homens, mesmo que eles não quisessem. Talvez o amor de Daniel por Elizabeth, por mais proibido que fosse, representasse o contraponto que ele necessitava para se manter equilibrado. Dib lembrava-se que o processo de Arturo tinha sido diferente: ele foi o primeiro Supremo e a mudança havia sido gradual. Mas com Daniel o poder entrara pelo seu corpo, de rompante, durante a Consagração, como aconteceria com ele, e era crucial que encontrasse um novo equilíbrio para garantir que o poder não o levasse da luz às trevas. Quanto maior o poder, maior o perigo de se perder.

Daniel disse para Miguel, como se estivesse amarrando todas as suas pontas soltas:

— Antes de toda esta confusão, você me pediu que descobrisse o paradeiro de Tereza Sampaio. Eu ainda não falei com Bardas... Nunca surgiu o momento oportuno.

— Eu sei — respondeu Miguel. — Não quero que se preocupe com isso agora.

— Escute-me — pediu Daniel, com firmeza. — Não vou conseguir tratar desse assunto, por isso quero que contate Bardas diretamente

e lhe conte a verdade, as suas razões para querer saber onde Tereza está.

Miguel sacudiu a cabeça, incapaz de compreender toda a generosidade de Daniel. Mesmo nos últimos momentos de vida, Daniel ainda se preocupava com os outros. Ele estava, claramente, resolvendo os assuntos pendentes.

— Falarei — prometeu Miguel, calando-se por um segundo, antes de perguntar. — E agora, o que vai acontecer?

— Alessia, Seth e Uchoa vão para São Paulo amanhã. Precisamos encerrar tudo por lá.

— Qual o próximo lugar?

— Portugal.

— Gosto da ideia. Lisboa? — inquiriu Miguel, consciente de que aquela mudança também o afetaria, porque ele iria seguir os passos da Ordem, a pedido de Dib.

— Sim — Daniel sabia que aquela era a sua última decisão e não viveria aquele novo tempo.

— Você vai continuar em Paris? — perguntou Miguel.

— Sim. Pedi que Dib e Elizabeth ficassem comigo — contou Daniel. Miguel aquiesceu com a cabeça, consciente de que aquele era o último desejo de Daniel: ficar em Paris, com o seu mais leal companheiro e a sua pupila.

— E Angelina? — perguntou Miguel, sabendo que teriam que libertá-la.

— Elizabeth vai saber qual a hora certa de deixá-la ir. E você e Dib vão ajudá-la nisso — afirmou Daniel, ainda imbuído da sua autoridade de Supremo. — Esta tarde temos que libertar Kent. Pode acompanhar-nos ao hospital, às quatro e meia?

— Sim. — Miguel sentia a urgência com que Daniel estava encerrando os assuntos. E a sua atitude só podia significar que ele

sabia que o seu tempo estava se esgotando rapidamente.

Os últimos dias tinham sido agitados e terríveis. Oliver ligara, mas Alessia não conseguira falar com ele e enviara uma mensagem de texto, avisando que depois telefonaria. Oliver encheu-se de paciência e esperou. Ela ligou, um par de dias depois, quase à hora do almoço.

— Alessia — pronunciou o nome dela, acentuando os esses como habitualmente fazia.

— Desculpe por só ligar agora.

— Eu sei que tudo se complicou por causa de Lucrezia Zani — Daniel havia-lhe falado sobre a prisão da assassina.

— Não foi apenas isso — respondeu com a voz triste, lembrando-se de Kent, que fora seu leal companheiro tantas vezes. — Perdemos Kent.

— Como? Kent? — questionou incrédulo.

— Lucrezia assassinou-o, mas não contamos à polícia para não complicar mais as coisas — contou, mostrando que confiava nele, mas sem revelar o verdadeiro motivo para não terem envolvido a polícia, e que era a rápida deterioração do corpo de Kent.

Oliver assimilou a informação em silêncio. Não tinha ligação com Kent, mas apesar de tê-lo conhecido recentemente, ele parecia uma pessoa de bem. Disse:

— Lamento muito, Alessia.

Ela ficou calada, como se a conversa tivesse chegado ao fim, depois de ter contado por que não telefonara nem estivera com ele. A sua atração por Oliver parecia inapropriada, depois de Kent ter dado a vida para salvá-los, lembrando-lhes o verdadeiro significado da Ordem.

— Posso ajudar? — perguntou Oliver, delicadamente.

— Acho que preciso de um tempo de recolhimento, para assimilar tudo isto.

— Compreendo. Mas eu gostaria de despedir-me de você, antes de voltar para Londres.

— Quando? — não esperava que ele partisse tão rápido, esquecida, momentaneamente, que também voltaria ao Brasil, com Seth e Uchoa, para organizarem a mudança para Portugal, onde começariam um novo ciclo de quinze ou vinte anos.

— Talvez amanhã. Você é a única razão que me prende aqui — confessou, fazendo as palavras se aninharem dentro dela e provocarem um ardor no estômago.

— Eu também vou voltar ao Brasil. Amanhã.

— Podemos nos encontrar esta tarde? — propôs.

— Sim — concordou, desejando vê-lo uma última vez. — Às três, no Musée Monet.

Lucrezia estava confinada num quarto completamente branco. A pequena cama com lençóis e coberta branca dava-lhe asco. A almofada cheirava a um daqueles detergentes industriais usados para higienizar grandes espaços, e que deixavam um odor de limpeza impessoal e insuportável.

Desde que estava ali, ninguém falara com ela. Colocaram-na naquele quarto, alimentaram-na, deixaram-na tomar banho e ofereceram-lhe roupa e tênis, igualmente brancos, e com o mesmo cheiro horrível da cama. Era como se estivessem a desapossá-la da sua identidade: não lhe restara nada, nem a roupa nem qualquer um dos seus objetos pessoais. Guardaram os seus brincos, o relógio e o anel, do qual nunca se separava, numa caixa, e levaram tudo.

Olhou para toda aquela brancura até sentir náuseas. Viu e reviu as irregularidades da parede. Conhecia todos os detalhes do chão branco. Tinha-se passado três dias desde que entrara ali, naquele espaço minúsculo e higiênico e o tempo parecia não ter fim. Aquelas horas pareciam eternas. Se continuasse ali ia enlouquecer.

Três guardas uniformizadas foram buscá-la. Algemaram as suas mãos e pés. Ela estava sendo tratada como a pior das criminosas. Nunca havia passado por aquilo: escapara sempre de todas as situações, de todos os crimes, mas agora era diferente. Confrontara os guardiões e, apesar de ter assassinado um deles, tinha sido derrotada. Talvez a morte dele tivesse sido o seu segundo erro. O primeiro erro foi o seu envolvimento com Miguel Besson. Ainda não entendia como não havia percebido quem ele era. Acalentou a esperança de tê-lo ao seu lado e até pensara em negociar com Lúcifer para poupá-lo, mas agora tinha certeza de que Miguel contribuíra para a sua queda. Naquele momento, não lhe restava nada e os seus poderes pareciam adormecidos, no meio da maldita brancura que a envolvia.

Foi escoltada por um longo corredor, e no final, à direita, entrou numa sala. Uma das guardas conduziu-a para uma mesa com quatro cadeiras. Prenderam as algemas que tinha nos pés a uma corrente de aço brilhante que havia no chão. A sala não tinha janelas, apenas uma porta e um vidro espelhado que permitia que a vissem, sem que ela pudesse ver o rosto dos observadores. Num dos cantos, junto ao teto, uma minúscula câmara filmava tudo.

Um homem entrou. Lucrezia reconheceu-o. Tinha-o visto durante alguns minutos no porão de sua casa. Era alto, magro, com leve cheiro de cigarro, que se destacava sobre a sua colônia fresca. Ela aspirou aqueles odores com prazer, tentando apagar o cheiro de detergente impregnado na sua pele.

— *Bonjour*. Meu nome é Étienne Bergès, responsável pelo Departamento de Homicídios — disse com a voz ligeiramente rouca, que tanto podia ser provocada pelo cigarro como poderia ser o seu timbre natural. Mas era uma voz com um toque quente, sensual. Aquelas eram as primeiras palavras que lhe dirigiam desde que estava ali. Ela não respondeu. Fixou diretamente os olhos dele, para tentar descobrir quais os seus pontos fracos e avaliar se poderia manipulá-lo, como fizera a vida toda. Mas ele era um homem que não relevava as emoções, nem demonstrava nenhuma fraqueza aparente. Ou talvez fosse ela que não conseguia ver, por ter perdido os seus poderes.

— Por que estou aqui? — perguntou, arrojada.

— Tenho certeza de que sabe os motivos, mas mesmo assim vou informá-la — disse, sem ironia, num tom neutro. — A senhora é acusada de assassinar centenas de crianças em sete países da Europa, além dos Messie e vários jovens em Paris.

— Imagino que tenham provas contra mim. Quais são?

Étienne observou-a. Era muito bonita, mesmo com as roupas brancas e largas. Tinha uma altivez natural que lhe dava ares de rainha, apesar de estar numa sala de interrogatório. Assim que a viu pela primeira vez, na casa dela, soube que ela não iria facilitar a vida de ninguém, e muito menos a sua. E a prova já estava ali.

— Existe muito sangue no porão da sua casa, e que está sendo comparado com o das vítimas.

— Não sei de nada. Não tinha o hábito de usar o porão — mentiu, com calma.

— Essa vai ser a sua defesa? — questionou Étienne, sério.

— Sim. E também quero chamar o meu advogado, para podermos continuar esta conversa.

— Claro — disse Étienne, dando por encerrada a primeira conversa com Lucrezia Zani. Deixou a sala com passos lentos, imaginando que ela ia negar tudo, e se aquela fosse a sua defesa, seria péssima, porque havia provas da presença dela por todo o porão, da casa *dela*. O núcleo de investigação especial e a polícia ainda não tinham encontrado nenhuma das cenas primárias onde ela assassinara as crianças nos outros países. E Étienne não sabia se conseguiriam encontrar, mas o porão dela tinha provas mais do que suficientes para incriminá-la. A polícia estava empenhada em montar um caso, baseado na quantidade crescente de evidências que estavam acumulando, sob a sua vigilante tutela. Étienne tinha sido muito enfático ao avisar que se alguém fizesse asneira, iria persegui-lo pessoalmente.

Mandou que lhes dessem um telefone para ela falar com o advogado, e deu-lhes todo o tempo para confabularem e montarem uma defesa.

Quanto mais Étienne, Bardas e Shaw observavam aquela mulher, mais lhes custava acreditar que ela tivesse assassinado tanta gente, tornando-se a assassina em série mais prolífera da história. Mas percebiam algo maligno dentro dela, na forma como os seus olhos negros pousavam nas pessoas, lembrando o olhar frio e vazio de uma serpente. Étienne achava-a excessivamente perigosa, por isso proibira que falassem com ela, para evitar que alguém fosse envolvido nos seus jogos psicológicos. Seguiu as sugestões de Daniel à risca, tanto no comportamento da polícia, quanto na forma de organizar a cela e as roupas dela.

Lucrezia voltou para a cela após falar com o advogado por duas horas. Parecia tranquila ao abandonar a sala onde Étienne tentara interrogá-la. Eram três da tarde quando percebeu que o canto da cela escurecia. Aquilo só podia significar que ele estava ali. Viu a

imagem firmar-se contra a parede. Ele a observou, em silêncio, com o penetrante olhar azul.

— Por favor, tire-me daqui — pediu Lucrezia, rompendo o silêncio.

— Por quê? — perguntou, jocoso.

— Sempre o servi e sempre lhe fui leal. E você me abandonou no porão. Eu é que pergunto por quê — ela tentava falar com humildade, mas sentia raiva ao lembrar que ele deixara que a prendessem. Os olhos dele faiscaram levemente, com o comentário dela.

— Eu não a abandonei — disse, com indiferença. — Você ia me trair. Tinha em seu poder o punhal com parte da minha esmeralda. A minha terceira visão — frisou.

— Não... Não — negou. — Matei um guardião, e ia oferecer-lhe o punhal com a alma dele.

— E o Cálice que recebeu o sangue do Puro? — perguntou.

— Eu precisava do Cálice para fazer o Anunciado ascender.

— E quando pretendia me contar que tinha o Cálice?

— Assim que tivesse terminado a minha missão. A missão que você me deu.

Ele continuava encostado no canto, com um pé cruzado sobre o outro na altura do tornozelo e os dois braços cruzados sobre o peito. Parecia uma estátua, com exceção dos olhos vivos e transparentes, que pareciam ser o único sinal de vida no corpo imóvel.

— Você acha mesmo que eu não descobriria que pretendia me trair? — perguntou seguro, ignorando os argumentos dela. — Que pretendia fazer ascender o Anunciado e dominar este mundo? Que pretendia usar a esmeralda para se igualar a mim? Acha que não sei o que andou fazendo nas últimas décadas, desde que escolheu viver entre os homens?

Ela empalideceu, ao perceber que ele a vigiara aqueles anos todos, seguira os seus passos, vasculhara os seus planos, conhecia os seus desejos.

— Não. Está enganado. Era tudo para você, para a sua glória — insistiu.

— Eu cuido da minha glória — respondeu, com um riso breve.

— Você está com os guardiões — acusou-o, vendo-se sem saída. Aquele conhecimento era o seu último trunfo. — O que faz no meio deles? Como consegue viver em dois mundos? — perguntou, tentando compreender o papel dele, desde que o reconhecera no porão da sua casa.

— Não quer gastar o seu tempo falando sobre mim, não é? A sua situação não parece nada boa — lembrou, clinicamente.

— Ajude-me a sair daqui — pediu de novo, percebendo que estava condenada a ficar fechada naquele cubículo branco, na melhor das hipóteses. Ele não acreditara em nada do que ela dissera, e iria fazê-la pagar pela sua ambição e arrogância. Naquele momento, a presença dele entre os guardiões era irrelevante, perante a discussão sobre o futuro dela.

— Já deve ter percebido que perdeu os seus poderes — disse, com cinismo. A informação explodiu dentro dela, adquirindo sentido. Aquilo explicava a sua ausência de energia, e por que não conseguira manipular ninguém desde que deixara o porão. Primeiro achou que era o efeito da agressão dele, quando a atirara contra a parede. Depois achou que era o efeito daquele espaço higiênico, mas agora sabia que ele era o responsável.

— Devolva os meus poderes. Só peço isso — pediu, sentindo-se frágil e desamparada, imaginando que aquela devia ser a sensação que os humanos tinham durante o tempo todo.

— Não fui eu que tirei os seus poderes — informou, com ar de deboche. Ela surpreendeu-se com a declaração: ele devia estar se divertindo à custa dela, porque não fazia sentido o que estava dizendo. Era óbvio que só podia ter sido ele. — Chegou o momento de viver como humana e, quando terminar o seu tempo, virei buscá-la, pessoalmente — enfatizou, antes de avisar. — Não se preocupe: o seu lugar é entre nós.

— Não — deu um passo adiante, estendendo a mão para tentar tocar nele. Mas ele já havia partido. Não entendia como ele aparecera ali, sem um espelho servindo de portal. Talvez fosse uma projeção, e por isso ele ficara tão pouco tempo, e sempre imóvel. Lucrezia sentiu as lágrimas correrem pelo seu rosto. Nunca havia chorado. Tocou a face com a ponta dos dedos, sem entender o que estava acontecendo. Tornara-se humana e mortal? Transformara-se em um daqueles seres frágeis que desprezara durante centenas de anos? Se assim fosse, em breve, a sua beleza iria desaparecer e o seu corpo envelheceria. Sentou-se na cama, com o olhar vazio, tentando descobrir tudo o que estava acontecendo com ela.

Étienne, Bardas e Shaw viram Lucrezia falar com o canto vazio da parede. A câmera de filmar, posicionada numa esquina do teto, gravava uma cena bizarra: ela falando com o vácuo da sua própria cela. Bardas recordou o homem que matara Alejandra, em Madri. Ele também falara com as paredes vazias e pouco depois foi diagnosticado com esquizofrenia. Bardas achou que era muita coincidência que aquilo se repetisse: Paco Fuentes também se dedicava a rituais mágicos e sangrentos. Bardas comentou o caso e Shaw sugeriu:

— Talvez a esquizofrenia seja uma condição anterior aos crimes, e ela também seja esquizofrênica.

— Não sei. Acho estranhas estas coincidências. Só isso — respondeu Bardas, como se a sua apurada intuição estivesse prestes a revelar um mundo que o seu lado racional se negava a aceitar. Nem Étienne nem Shaw achavam as coincidências menos estranhas, mas todos sentiam necessidade de se apegar ao mundo palpável e lógico, que conseguiam explicar.

28. A libertação

- *Podes dizer-me, por favor, que caminho devo seguir para sair daqui?*
- *Isso depende muito de para onde queres ir — respondeu o gato.*
- *Preocupa-me pouco aonde ir — disse Alice.*
- *Nesse caso, pouco importa o caminho que sigas — replicou o gato.*

Lewis Carroll (1832-1898)

Ela o viu ao longe, inconfundível. Estava parado à frente da porta principal do museu. Havia pouca gente, e ele se destacava com a sua figura elegante e os olhos ocultos pelas lentes escuras dos óculos de sol. Ela sentiu uma alegria quase infantil. Ele a viu e foi ao seu encontro observando-a com prazer, imaginando o dia em que a tomaria nos braços, depois de ter vencido todos os argumentos e resistências dela. Não a beijou no rosto, como sempre fazia para cumprimentá-la, segurando-a apenas próximo do cotovelo, para conduzi-la ao interior do museu. Nenhum deles falou enquanto caminhavam em silêncio pelas salas. Ele mantinha a mão firme em volta do braço dela, lembrando-a constantemente da sua presença.

O silêncio foi crescendo. Cada vez que paravam perante uma obra de arte e recomeçavam a caminhar, acertando o passo, ele aproximava-se um pouco mais dela. Quando ela achou que não suportaria mais aquele silêncio cheio de coisas por dizer, pediu baixinho:

— Por favor, diga alguma coisa.

— Não é necessário — respondeu, inclinando o rosto até roçar no cabelo dela, e puxando-a mais contra ele, pelo braço. Ela sentiu o corpo dele a milímetros do seu, como se houvesse apenas uma película a separá-los. Sentiu o calor perturbador que ele emanava e tentou se afastar, mas ele segurou-a firme e murmurou:

— Não se mova.

Ela sentiu um arrepio. Queria fugir e, ao mesmo tempo, queria jogar-se nos braços dele. Precisava romper aquela imobilidade impregnada de tensão, que estava roubando o seu oxigênio: queria respirar e não conseguia. Perguntava-se como ele conseguia deixá-la naquele estado de perturbação, estando apenas ao seu lado?

— Oliver, vamos? — disse baixinho.

— Não — respondeu inabalável, em frente de um dos quadros que nenhum deles observava, centrados na proximidade entontecedora dos seus corpos.

— Oliver... — ela começou a falar, mas ele a interrompeu.

— Quando voltamos a nos encontrar?

— Não sei. Vamos mudar para Portugal.

— Pelo menos vamos morar no mesmo continente — comentou, sorrindo. — Quando?

— Ainda não sei... — respondeu de novo. — Assim que estiver tudo mais calmo, eu telefono.

— Promete?

— Sim. Agora vamos — pediu, tentando manter a respiração compassada.

À saída do museu Oliver disse:

— Antes de nos despedirmos tenho um presente para você — soltou finalmente o braço dela, para tirar uma pequena caixa de veludo verde-musgo do interior do bolso do casaco. Abriu a caixa e mostrou uma rosa de ouro, com pequenos brilhantes. — É uma rosa que nunca murchará. Quero que coloque no fio que traz ao pescoço. As rosas simbolizam, entre outras coisas, o segredo. Essa é o nosso segredo.

Ela se emocionou: conhecia bem a simbologia da rosa. A delicada peça era perfeita em todos os seus detalhes. Ela abriu o fio de ouro com uma pequena cruz e deixou que ele colocasse a rosa e fechasse o fio em volta do seu pescoço.

— Obrigada — agradeceu baixando o rosto para evitar a intensidade do olhar dele, mas Oliver colocou o indicador sob o queixo dela e com uma leve pressão para cima fez com que ela o encarasse. Os olhos dele pareciam líquidos, e ela mergulhou neles como quem entra numa banheira de água morna. Ele a puxou levemente pelo queixo e ela deixou-se ir, sem resistência, até sentir os lábios macios dele contra os seus. Ele pressionou a boca ligeiramente contra a dela, num beijo inocente e se afastou.

— Da próxima vez que nos encontrarmos, quero que me peça para beijá-la — avisou, com um sorriso suave.

Daniel, Dib e Miguel entraram no hospital dispostos a salvar Sarah, se Jean Luc permitisse. Primeiro teriam que explicar o que aconteceria. Miguel, sempre mais pragmático e flexível, defendia que deviam manipular a mente dele para fazê-lo aceitar a oferta, mas

Daniel opusera-se, sem evitar um sorriso ao perceber a forma como Miguel optava pelo caminho mais fácil, mesmo que para isso deixasse de respeitar o livre-arbítrio humano.

Explicaram a Jean Luc, da maneira mais simples possível, como poderiam salvar Sarah: disseram que havia um objeto mágico que canalizava uma energia rara e muito poderosa, que poderia tirar Sarah do coma.

— Quero ver o objeto — pediu Jean Luc depois de ouvi-los, sem resistência. O desespero provocado pela ideia de perder Sarah tornava-o disposto a explorar qualquer possibilidade, depois de passar tantos dias ao lado dela, vendo-a mergulhada num mundo de sombras.

Daniel retirou o punhal de dentro do casaco, onde se encontrava protegido por uma bolsa de couro macio, e mostrou-o a Jean Luc.

— Esse punhal... era meu. Dei-o a Lucrezia. Como conseguiram recuperá-lo? — comentou, espantado, refazendo mentalmente o percurso do punhal.

Miguel trocou um rápido olhar de cumplicidade com Daniel, quase como se o avisasse que Jean Luc não poderia guardar todas aquelas memórias.

— Descobrimos onde Lucrezia morava e conseguimos recuperar o punhal antes que ela fosse presa. Fomos nós que avisamos a polícia sobre o paradeiro dela — explicou Daniel.

— Como descobriram e o que foram lá fazer? — perguntou Jean Luc, mais por uma questão de raciocínio lógico do que de astúcia.

— Recebemos uma indicação de que o punhal estaria ali. Esse punhal foi roubado de mim e eu queria recuperá-lo — interveio Miguel.

— Então o punhal era originalmente seu? — questionou Jean Luc, com o olhar brilhante.

— Sim. Acredito que o roubaram, com o objetivo de vender ao seu pai.

— É possível... — confirmou Jean Luc. — E trata-se realmente de um objeto mágico?

— Trata-se de um objeto que pode salvar Sarah — afirmou Daniel, redirecionando a conversa, evitando entrar numa discussão sobre o perigoso terreno da magia. — Mas também pode matá-la. A descarga de energia é muito violenta e pode ser fatal. Em vez de salvá-la, nós podemos perdê-la.

— O punhal nunca foi testado antes... — argumentou Miguel, calando-se a tempo, sob o olhar de advertência de Daniel, antes de confessar que o objeto nunca havia sido testado antes em humanos. — Ela pode morrer com o choque. Não há garantias. Isto é apenas teoria.

— Eu compreendi — murmurou Jean Luc, segurando a mão inerte de Sarah entre a sua. Ela estava cada vez mais pálida e magra, com uma fragilidade que lembrava aquelas rendas muito antigas que podiam se desmanchar ao mínimo toque.

— Além disso, se ela sobreviver terá que passar por um novo ritual, para libertar a energia que agora vai entrar no seu corpo. E esse novo ritual será conduzido apenas por Dib e Miguel — avisou Daniel, sabendo que não estaria presente.

— Vamos fazer — decidiu Jean Luc.

— Tem certeza, Jean Luc? — perguntou Dib, pondo a mão nas costas dele, como se o estivesse confortando.

— O que faria se estivesse no meu lugar? — perguntou Jean Luc angustiado, e respondeu sem esperar a resposta de Dib. — Ela está morta. O cérebro não funciona e só respira porque está ligada a essa máquina. Se houver a mais remota possibilidade de fazê-la melhorar,

quero fazer isso! E se ela não voltar, será melhor do que vê-la definhando neste sofrimento constante.

— Só mais uma coisa: jamais poderá falar sobre o que vai acontecer aqui — avisou Daniel, posicionando-se à direita da cabeceira da cama, enquanto Miguel se posicionava à esquerda e Dib, aos pés de Sarah. Jean Luc prometeu que não abordaria aquele assunto e foi afastado para um dos cantos do quarto, enquanto os observava ansioso e temeroso.

O silêncio, embora fosse total, possuía uma serenidade terapêutica que eles controlavam sem esforço. Daniel baixou o lençol que cobria Sarah até o meio do abdômen e abriu os botões da bata revelando o centro do peito branco, quase transparente, mantendo delicadamente os seios protegidos pelo tecido. Miguel pegou o punhal e aproximou-se dela. Colocou uma mão sobre o externo e, com a outra, baixou-o lentamente, deixando-o flutuar dois centímetros acima do peito dela.

Daniel olhou uma última vez para Jean Luc, e quando ele moveu a cabeça positivamente, retirou-a do respiradouro, tirou a máscara de oxigênio e desligou todos os fios e máquinas. Miguel levou o punhal suavemente até a pele e fez um corte minúsculo. Quando a primeira gota de sangue irrompeu, com o seu vermelho exuberante na brancura da pele, uma luz violenta acendeu na base do punhal e entrou brutalmente em Sarah, abalando o corpo dela com espasmos violentos. Miguel e Daniel seguraram-na contra a cama, mas a fragilidade e falta de preparo físico de Sarah para receber aquela quantidade imensa de energia fizeram com que o corpo quase voasse da cama, se elevando mais de meio metro. Dib saiu dos pés da cama e pousou a mão sobre o abdômen enquanto murmurava um mantra tibetano, para aquietá-la. Daniel juntou-se a ele, fazendo um coro cadenciado de duas vozes. O som lento e ritmado tornou-se

gradualmente profundo, até os espasmos diminuírem, embora o corpo continuasse flutuando. Eles continuaram o mantra por mais alguns minutos, até o corpo descer lentamente e pousar na cama.

Jean Luc, apesar de todas as coisas inacreditáveis que presenciara, estava totalmente surpreso. Ver Sarah estremecida por uma energia estranha, flutuando sobre a cama, era algo insólito, embora também fosse a sua última esperança para trazê-la de volta à vida. Para ele, qualquer coisa valeria a pena desde que salvasse Sarah. Porém, o que Jean Luc desconhecia era que, se por acaso Sarah já se encontrasse num estágio avançado do caminho para a morte, nem mesmo a alma de Kent poderia ajudá-la a voltar. E isso era algo que ainda não sabiam.

Sarah continuava imóvel. Daniel entubou-a, ligou as máquinas e aconselhou Jean Luc a manter-se fiel ao plano que haviam combinado antes do ritual:

— Chame os médicos e peça que desliguem as máquinas. — Jean Luc já havia discutido vezes sem conta o estado de Sarah com os médicos. Os pais dela, apesar da dor que sentiam, desejavam que as máquinas fossem desligadas para evitar mais sofrimento à filha, mas ele mantivera-se teimosamente esperançoso.

Jean Luc saiu do quarto e voltou minutos depois com o médico de Sarah, o diretor do hospital e uma enfermeira. Dib, Daniel e Miguel afastaram-se para lhes dar espaço. O médico aproximou-se da máquina enquanto a enfermeira avaliava os batimentos cardíacos numa das telas. O médico desligou a máquina que mantinha os pulmões de Sarah funcionando e retirou o tubo de dentro da sua garganta, exatamente como Daniel havia feito minutos antes. Esperaram alguns segundos e perceberam que o peito de Sarah estava se movendo suavemente e o coração se mantinha estável, com a linha regular oscilando na tela.

Os médicos trocaram um olhar de estranheza e mantiveram-se silenciosos e vigilantes mais algum tempo: um minuto, dois minutos, três, quatro, cinco minutos.

— Ela está respirando sozinha — disse, por fim, o médico de Sarah, comentando o óbvio, sem conseguir explicar o acontecimento.

Aquela seria a última refeição que fariam juntos. Na manhã seguinte Alessia, Uchoa e Seth voltariam para o Brasil. Miguel também iria com eles, para planejar a sua mudança para Lisboa. Daniel tentava manter o ambiente leve, mas era visível que todos estavam com a emoção à flor da pele, o que os impedia de comer e falar com naturalidade.

Seth andava às voltas com uma ideia, e sabia que aquela seria a última oportunidade de ouvir a opinião de Daniel antes que Dib assumisse o seu papel de Supremo.

— E se Besson tentasse se consagrar para voltar à Ordem? — perguntou, no meio do jantar.

Todos pararam de comer e olharam para Seth. A sala foi invadida por um silêncio denso, como se ele tivesse acabado de proferir uma blasfêmia. Foi Daniel que respondeu, olhando diretamente para Miguel, como se também já tivesse tido aquela ideia antes de descartá-la:

— Você não pode ser o sétimo guardião, Besson. Você não é confiável — afirmou, calmo.

— Eu sei. Já tentei, mas não sou capaz de viver a vossa vida de espartilhos. A castidade, a alimentação, o controle absoluto sobre o corpo vinte e quatro horas por dia, sem um minuto de relaxamento, para evitar que as emoções extravasem... Não sou capaz —

confessou com honestidade impressionante, deixando todos com certo sentimento de admiração, por ouvi-lo expressar aquilo que também os atormentava, em maior ou menor intensidade, durante a maior parte do tempo.

— E não é apenas isso. Quando você pertenceu à Ordem, desapareceu com algumas das relíquias sagradas mais emblemáticas... As relíquias do Graal! Eu não acho que a Ordem possa lhe revelar a localização do Mosteiro, porque agora, se você tentasse alguma coisa, não iria terminar bem! Você sabe, não é? — Daniel falou desprovido de qualquer ameaça, apenas enunciando fatos com uma firmeza que surgia nos seus olhos sem hesitação. E só naquele momento Miguel teve certeza de que Daniel o destruiria se precisasse defender a Ordem. Mas, em breve, ele não estaria mais entre eles, e parecia óbvio que ele estava dando instruções claras para a Ordem eliminar qualquer ameaça aos seus tesouros e segredos. Com a ausência de Daniel, se Miguel decidisse lutar contra a Ordem, o desfecho continuaria sendo imprevisível. Porém, Daniel conhecia-o demasiado bem e continuou falando, como se lesse os seus pensamentos:

— O desfecho de qualquer batalha nos próximos tempos pode ser incerto até a Ordem voltar a estabilizar sob o comando de Dib, mas eu acredito que as chances da nossa vitória são muito elevadas.

— Sei tudo isso. Pretendo estar ao lado da Ordem e não contra a Ordem. E mais, De Payens: se eu estivesse no seu lugar, tomaria a mesma decisão — respondeu Miguel, com a mesma honestidade perturbadora, que resolvera usar naquela noite.

— A nossa busca vai começar uma vez mais. Vivemos muito, mas também levamos muito tempo para ser substituídos e talvez isso seja sábio — comentou Daniel, pensando que o longo tempo de vida que tinham lhes permitia corrigir os seus percursos, compreender os

erros, mas, principalmente, buscar a redenção para todas as vezes que haviam cedido à escuridão.

Os guardiões tinham um longo e árduo processo de escolha de novos seres especiais: procurar alguém para ocupar os lugares de Kent e de Daniel podia levar muitos anos. Não havia mais descendentes dos cátaros e a busca pelos novos guardiões era extenuante, além de muito cuidadosa. Da última vez, antes de encontrarem Dib, o Tibetano, muitos se dissiparam, e foi um processo complexo e sofrido.

Miguel quis se despedir. A perda de Daniel, tão próxima da morte de Kent, deixava-os esgotados. Aproximou-se de Daniel para abraçá-lo, mas ele a puxou para um canto da sala e disse baixo, soltando as palavras devagar, retomando uma conversa que já tivera com ele:

— Há mais uma coisa, Besson: Elizabeth.

— O que espera de mim? — perguntou, temendo escutar as palavras de Daniel.

— Espero que a proteja.

— É aquela velha história de dar o ouro para o ladrão guardar, não é? — comentou, dividido entre a emoção e uma ligeira ironia, consciente do significado profundo do pedido de Daniel.

— Sim... — confirmou Daniel. — Sei que a ama. Use esse amor para protegê-la.

— Inclusive de mim, é isso?

— Não sei. Agora cabe a você protegê-la. Por mim e por Arturo. Você é o último cátaro, nascido em Montségur... — lembrou.

Miguel pensou por alguns segundos, mantendo a cabeça inclinada para baixo e o olhar fixo no chão. Após um profundo suspiro, ergueu o rosto para enfrentar o olhar translúcido de Daniel. Prometeu com a

voz séria, consciente das implicações que a sua promessa acarretava e do quanto iria impactar na sua vida:

— Vou protegê-la.

Daniel conseguira arrancar-lhe aquela promessa do fundo das entranhas e ele teria que revolver todo o seu amor e todos os seus planos para cumpri-la. Talvez se arrependesse um dia, mas, naquelas circunstâncias, lhe pareceu a coisa certa para fazer. Percebeu que era hora de se despedir e sentiu um nó na garganta. Daniel estava tranquilo e Miguel sentiu admiração pela forma como ele se desprendia da vida, cheio de elegância e leveza.

Daniel abraçou-o com força e beijou-o nas duas faces. Miguel lutou para engolir as lágrimas, mas não conseguiu evitar que algumas saltassem dos olhos. Daniel se manteve em silêncio, vendo-o desaparecer pela porta.

Depois se despediu dos que iriam para São Paulo nessa madrugada: Alessia, Uchoa e Seth. Não disse últimas palavras, não deu conselhos, não falou. Apenas os abraçou e beijou deixando que cada um chorasse longamente nos seus braços, como filhos que se despedem dos pais para sempre.

Daniel sentiu a mão esquerda dormente. Moveu os dedos para combater a dormência. Aqueles pequenos sinais faziam parte do seu cotidiano, sinalizando que partiria em breve, abandonando a vida como uma borboleta abandona o casulo, depois de se metamorfosear.

Ele esperava por ela, em frente ao prédio, como um namorado clandestino. Estava apoiado na parte da frente de um luxuoso carro prateado, com os braços cruzados sobre o peito, quando viu a silhueta dela na porta, se firmando à medida que se aproximava com

o passo gracioso e uma pequena mala suspensa na mão enluvada. Usava uns jeans que moldavam a sua bela figura, e uma blusa branca de lã, justa ao corpo, sob o longo casaco negro de inverno. Calçava botas rasteiras, que ofereciam maior firmeza e estabilidade aos passos. Em volta do pescoço tinha um cachecol preto e branco, e estava com um moderno chapéu preto, que ocultava parcialmente o rosto.

Com algumas passadas largas aproximou-se dela, apropriando-se da mala com uma das mãos e segurando-a pelo braço com a outra, para encaminhá-la gentilmente para o carro. Segurou a porta do carro para que ela entrasse, colocou a mala no banco de trás e ocupou o seu lugar. Começou fazendo uma série de pequenos gestos: apertou o cinto de segurança, ligou o ar-condicionado para aquecer o ambiente, ligou a música, com a inconfundível voz de Montserrat Caballé e, por fim, deu a partida, fazendo o carro deslizar suavemente.

Ouviu-a rir. Baixou a música e perguntou:

— O que foi?

— Sinto-me como uma daquelas adolescentes que fogem de casa para se encontrar com o namorado num lugar secreto.

Ele sorriu, olhando-a de soslaio, para não tirar os olhos da estrada. O trânsito estava infernal. Sair de Paris no final da tarde era uma péssima ideia, mas o fato de ganharem uma noite adicional superava qualquer problema.

— Já pode me dizer para onde vamos?

— Saint-Germain-en-Laye. — Daniel tinha reservado uma suíte dupla para duas noites, em um discreto e confortável hotel, entre castelos e antigas ruas, não muito distante de Paris. Aquele lugar era um reduto histórico de calma e romantismo.

— Não conheço.

— Eu sei, mas tenho certeza de que vai gostar.

— Eu também. Basta estar com você — anunciou, esticando a mão. Ele a segurou no ar e apertou os dedos carinhosamente.

— Ainda podemos voltar atrás... — murmurou.

— Tem dúvidas? — perguntou ela, docemente.

— Nenhuma dúvida. Mas o meu caso é diferente do seu. Você corre o risco de empenhar o seu futuro — respondeu.

— Eu sei o que quero de você desde... sempre — murmurou, enquanto ele parava no sinal vermelho. Ela aproveitou, soltou o cinto de segurança, rodou o corpo e se inclinou para beijá-lo nos lábios. Daniel deixou-se prender pela boca morna de Elizabeth e segurou-a pelo queixo, para beijá-la com mais intensidade. A buzina do carro de trás começou a apitar e ele percebeu que o sinal mudara de cor, e um bando de franceses impacientes iniciava uma sinfonia acompanhada por alguns insultos. Ele passou o sinal rindo, contagiado pela gargalhada límpida dela, que voltara ao seu lugar rapidamente.

Duas horas depois, entrou na suíte do hotel apertando a mão dele com força. Ele percebeu a ansiedade dela, soltou-a e pousou as duas malas de viagem no apoio que ficava à entrada, antes de se dirigir à porta que unia os quartos. Abriu-a, com calma, revelando uma segunda suíte. Ela o olhou espantada, e perguntou sem esconder o desapontamento:

— Não vamos ficar juntos?

— Sim, mas quero que saiba que não somos obrigados a ficar juntos se algo não... der certo! — disse, com um sorriso meigo. Ela avançou até ele, colocou as mãos no seu rosto e perguntou com suavidade:

— O que poderia não dar certo?

— Nada — riu baixo, enlaçando-a pela cintura e puxando-a contra o seu peito sólido antes de beijá-la com o seu jeito calmo e sensual.

— Vamos jantar — anunciou.

— Não quero... — respondeu ela, puxando-o pelo braço. Ele acariciou a curva da cintura dela, mirando-a com os olhos transparentes e antecipando o prazer de fazê-la sua naquela noite. Abraçou-a e murmurou junto do ouvido dela:

— Jantamos, voltamos para o quarto e prometo que só vamos sair quando você quiser.

— Está bem — respondeu, rendida ao pedido dele, sabendo que acabava sempre por fazer o que ele pedia, em especial quando ele pedia daquela forma amorosa. Haviam esperado tanto tempo que poderiam esperar mais algumas horas. Seria o tempo necessário para ela relaxar e controlar um pouco a ansiedade.

— Vou tomar um banho antes de descermos — anunciou Elizabeth.

O jantar romântico à luz das velas, preparado numa discreta sala com lareira, em que estavam apenas os dois, diante de uma mesa fabulosa, surpreendeu Elizabeth. Toda a decoração e elegância pareciam remeter a um passado longínquo. Daniel tinha escolhido previamente o cardápio: pratos leves e bonitos, de bom gosto e paladar delicado. Pela primeira vez, beberam um belíssimo vinho tinto, que já os aguardava no *decanter*, onde revelaria todo o seu *bouquet*. Ele fez com que ela risse, enquanto comiam sem pressa e saboreavam o vinho maduro, em tragos lentos.

Entre um prato e o outro, ele acariciava as mãos dela com uma ternura que se espalhava por todo o corpo. Ela duvidava que aquele calor que subia das coxas ao ventre, para chegar vertiginosamente

ao peito, e depois ao rosto, fosse apenas efeito do vinho. Ao mergulhar nos olhos dele, à luz das velas, percebia que todas aquelas sensações eram provocadas por ele. Estava rendida ao erotismo que ele ia revelando aos poucos.

Daniel falava tranquilamente, antecipando os gestos dela, e quando ria, com o copo rubro na mão, inclinava o rosto um pouco para adiante, ao contrário dela, que jogava a cabeça para trás, num gesto de abandono. Ele a envolvia lentamente e ela compreendeu por que o jantar tinha sido o ponto de partida: o convívio e o prazer da gastronomia dissiparam as suas ansiedades, relaxando-a. Ele estava a prepará-la para o amor, e ela estava se sentindo como se fosse um lago profundo onde ele iria navegar.

No final do jantar, ele se levantou e puxou a cadeira dela, num gesto galante, para permitir que saísse da mesa. Conduziu-a pela mão, com suavidade, sabendo que, a partir daquele instante, nada mais se interpunha entre eles: seriam apenas os dois, numa entrega desejada e esperada. Daniel abriu a porta do quarto e puxou-a para dentro. Sentiu a mão dela tremer, mas continuou a segurá-la no escuro, até atravessar o quarto e acender a luz difusa do abajur, sobre o criado-mudo.

Olhou-a com intensidade, como se tivesse chegado ao seu destino, após uma longa e penosa viagem. Despiu o casaco leve que ela estava usando, se abaixou devagar e descalçou-a, tocando os pés delicados com as mãos mornas e colocando os sapatos de lado. Ergueu-se e tirou o seu próprio casaco, abandonando-o no chão, junto ao dela. Tirou o cinto das calças, deixando-o tombar, para cima das outras peças. Colocou as duas mãos na cintura dela e puxou-a para junto dele, observando-a bem no fundo do olhar, mergulhando dentro dela muito antes de tê-la, amando-a bem antes de tocá-la. Ela deixou-se conduzir até os seus corpos se encostarem

suavemente, sem turbulência, num encontro anunciado. Ele transferiu as mãos da cintura para o rosto, contornando-o delicadamente com as pontas dos dedos, como se estivesse a estudá-la para desenhá-la mais tarde e aproximou-se dos seus lábios. Beijou-a com doçura, saboreando cada segundo, enquanto se enlaçavam lentamente um no outro, preparando-se para o amor.

— Bravo! — disse uma voz neutra, parecida à de Daniel, vinda da poltrona no canto direito e escuro do quarto. — Gostaria de ter visto um pouco mais, mas ando muito ocupado. Tenho que ir e vou ter que levá-lo comigo.

Ela se sobressaltou, sem compreender o que estava acontecendo, mas Daniel manteve-a abraçada, enquanto interrompia o beijo com a lentidão de uma despedida. Não se moveu por um segundo. A sua calma mostrava que aquela voz era uma visita esperada, que ele não temia. Soltou-a e afastou-se um passo, com o olhar sereno. Queria tê-la amado antes de partir. Queria tê-la feito sua, senti-la ceder nos seus braços. Tinha esperado uma vida por ela e agora teria que deixá-la. Elizabeth agarrou-o, e todo o desespero estava concentrado na sua mão cerrada em volta do braço dele, com uma força viva que queria contrariar a morte. Virou o rosto para a figura masculina, que agora estava de pé, recortada na semiobscuridade.

— Por favor... — suplicou com a voz trêmula, assaltada pelas lágrimas.

— Lamento — respondeu a mesma voz, agora com um timbre metálico.

Elizabeth nunca havia pensado que a morte tivesse um rosto, uma forma humana. E que pudesse ser um homem. Pareceu-lhe sempre feminina, mas agora percebia que a morte podia assumir um corpo masculino.

— Elizabeth — Daniel pronunciou o nome dela sem sinais de ansiedade ou medo. Ela o abraçou com força, enquanto ele dizia, bem próximo do ouvido, de forma quase inaudível.

— Eu a amo e quero que confie em mim. Não importa o que vai acontecer, confie em mim. Seja firme no seu amor por mim. Confie em nós.

— Daniel — disse a voz, chamando por ele imperativamente.

Ele a soltou e atravessou o quarto para se juntar à figura, que tinha exatamente a sua altura e compleição. Assim, no escuro, ela quase não sabia distinguir quem era um e quem era o outro. Fixou os olhos, mas não serviu de nada: eles desapareceram como se tivessem ficado invisíveis, de repente. Por segundos achou que o corpo dele tombaria no chão e ela poderia beijar os lábios ainda mornos para se despedir, para chorar sobre ele, mas ali só havia o vazio e um frio intenso, como se o quarto tivesse sofrido uma rajada de vento gelado que usurpara a vida. Sentou-se no chão, como se as pernas quebrassem e tivessem deixado de sustentá-la. As lágrimas vieram numa enxurrada. De repente, o celular dele tocou no bolso do seu casaco, fazendo com que a ausência dele se tornasse mais gritante. Elizabeth segurou o casaco, colocou-o sobre as pernas e enfiou a mão no bolso, tateando, sem conseguir ver direito, por causa das lágrimas. Era Dib. Ele pressentira o que aconteceria. Ela atendeu o celular, mas não era capaz de falar. Dib ouvia-a soluçar convulsivamente.

— Elizabeth, eu vou buscá-la. Fique aí. Não saia daí... — disse, sem esperar pela resposta. Sabia que Daniel se fora e sabia também que ela seria incapaz de falar.

Encontrou-a, algum tempo depois, chorando, abraçada ao casaco de Daniel. Para ela, aquele momento representava o que a solidão

tinha de mais puro, e o que a dor possuía de mais concreto. Daniel se fora e com ele também se fora a razão da sua existência.

— Vamos para casa. Temos que chamar os outros — anunciou Dib, levantando-a do chão, ciente de que haveria uma longa jornada pela frente e ele teria que protegê-la, até ela superar aquele sofrimento. A Ordem não podia perder mais ninguém: estavam reduzidos a cinco dos sete guardiões e Elizabeth era essencial para o futuro da humanidade.

Agradecimentos

Paulo Henrique, meu companheiro de todas as horas, por ser o meu céu e o meu chão. Sua fé em mim me inspirou e me permitiu escrever esta trilogia. É o seu olhar atento que me guia. São suas mãos que me seguram.

Lourenço, meu filho e meu sol, por iluminar minha vida e tornar possível o lugar da escrita.

Minha família (em especial meus pais e irmãos) e amigos, por todo o apoio e afeto nesta jornada.

Delta de Negreiros, uma espécie de irmã, e Elaine Wzorek, minhas principais leitoras. Sua amizade, sugestões e críticas foram fundamentais para este livro.

Ana Luisa Astiz, minha agente literária, por continuar acreditando em mim e mediando minha relação com o mundo. Por suas análises ponderadas e seu profissionalismo.

Quezia Cleto, e equipe da minha editora, pelas sugestões, cuidada revisão e ideias ousadas.

Copyright © 2014 by I. M. Martins

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opiniões sobre eles.

PREPARAÇÃO Mariana Rodrigues

REVISÃO Larissa Lino Barbosa

DIAGRAMAÇÃO Verba Editorial

ISBN 978-85-8086-987-3

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

Sumário

Capa

Rosto

Epígrafe

Dedicatória

1. O retorno

2. Um amor inevitável

3. O número sagrado

4. A memória

5. A tenacidade de Oliver

6. O despertar das feras

7. O fio invisível da fé

8. O cordão dourado

9. Um novo ciclo

10. O massacre de Babi Yar

11. O caso Messie

12. Holocausto revisitado

13. A profecia Tibetana

14. O beijo

15. A tormenta

16. O cativo

17. A alma de Angelina

18. O despertar do desejo

19. A gruta

20. A laranja de ouro

21. A revelação

22. O herdeiro

23. Fogo e gelo

24. Identidades

25. A casa

26. O sacrifício

27. O Tibetano

28. A libertação

Agradecimentos

Créditos